

Carla Maria Pinto Avelino

*Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de
Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas
de memoria*

Estudo Introdutório e Estabelecimento do Texto



**Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Doutor em Literaturas e
Culturas Românicas - Ramo Literatura Portuguesa**

**Orientação: Professora Doutora Isabel Morujão
Co-Orientação: Professora Doutora Zulmira Santos**

**Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2015**

Capa: Painel semicircular sobre a portada da Igreja da Esperança de Vila Viçosa, em mármore branco de alto relevo, representando a Virgem com o Menino no regaço, "brincando" este com a esfera armilar (*Salvatori Mundi* dominando o orbe), símbolo das conquistas marítimas e da expansão da Igreja, ladeados ambos pelos anjos custódios de Portugal S. Rafael e S. Gabriel, devidamente identificados. A imagem do Menino Jesus Salvador do Mundo foi largamente difundida em todo o mundo cristão, tendo gozado de grande popularidade em Portugal, no séc. XVI, sobretudo no meio conventual feminino. Emoldurando a composição, a inscrição latina, em letra clássica, alerta para "SALVS OMNIVM IM ESPERĂCIUM" (a salvação de todos e a esperança de um); cf. Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, pp. 114-115.

Aos meus Pais,
à Ema e ao Victor.

Agradecimentos

Erguer uma *empresa* desta dimensão só se torna viável com a colaboração de diversas entidades que, em nome de vínculos institucionais ou de relações pessoais, alijam o nosso percurso. Como tal, gostaria de agradecer:

Ao ISCAP e ao IPP as condições disponibilizadas para a concretização deste projeto. O precioso contributo das duas instituições possibilitou a realização deste desígnio.

À Professora Doutora Isabel Morujão, minha Orientadora, pela disponibilidade, erudição, acuidade das observações, objetividade e rigor, incentivo, presteza, gentileza, motivação e pelo contagiante afincamento profissional.

À Professora Doutora Zulmira Coelho Santos, minha Co-Orientadora, pelo encorajamento, disponibilidade, partilha, erudição, gentileza e diligências processuais.

Um agradecimento particular ao Sr. Prof. Doutor Frei Herculano Alves, cuja erudição e generosidade largamente contribuíram para abrilhantar este trabalho.

Ao Dr. Carlos Filipe, sédulo cicerone de Vila Viçosa, estou grata pela amabilidade e erudição demonstradas aquando da visita à Igreja e Convento da Esperança, em Vila Viçosa.

À colega Paula Almeida agradeço a partilha de ideias numa fase embrionária deste projeto.

À Isabel Neves Serra Martins agradeço a amizade e disponibilidade.

E porque as instituições se fazem de pessoas que lhes dão vida e as tornam propínquas, agradeço e sublinho o diligente profissionalismo dos funcionários da Biblioteca Pública Municipal do Porto; das colaboradoras da Biblioteca da Faculdade de Letras do Porto; das colaboradoras do serviço de reservados da Biblioteca Nacional; à Dr.^a Ana Miranda, responsável pelo serviço de reservados da Biblioteca Pública de Évora; do Arquivo Distrital de Évora; da Torre do Tombo; ao Sr. Diácono Jacob; à D. Céu Frade (guardiã das chaves da Igreja da Esperança de Vila Viçosa).

A minha gratidão particular à minha família pelo incondicional apoio emocional e logístico: aos meus Pais, à Manela, ao Avelino, ao André, ao Diogo, ao Victor e à Ema.

Resumo

O estudo que de seguida apresentamos tem por base a transcrição e edição do texto manuscrito da autoria de Soror Antónia Baptista, religiosa professa no Convento da Esperança de Vila Viçosa, intitulado *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria*, concluído no ano de 1657, em Vila Viçosa.

Esta edição é precedida de um estudo introdutório que contempla uma abordagem histórica, religiosa e literária, por forma a contextualizar a autora e a obra na sua época de produção. Assim, torna-se imperioso e incontornável assinalar a ligação da fundação do convento da Esperança de Vila Viçosa à casa real de Bragança, de onde emerge o nome de D. Isabel de Lencastre, sua fundadora, e a figura do rei D. João IV, principal protagonista da Restauração da Independência Nacional, a quem a obra é dedicada.

O enfoque religioso centrou-se fundamentalmente em torno das enormes agitações que a Igreja Católica viveu nos sécs. XVI e XVII, em consequência dos movimentos e ideais reformistas, oriundos das igrejas dissidentes, que alastraram por toda a Europa, aos quais Trento (1536-1563) tentou dar resposta, reiterando e impondo um novo *reformatar* de condutas e preceitos católicos que andaram, durante o período conturbado, alheados da Igreja de Roma.

Fizemos ainda uma breve abordagem da presença da Ordem de Santa Clara em Portugal, uma vez que Soror Antónia, a autora da obra estudada, professou a mesma Regra em Vila Viçosa, fazendo a história desse convento de Clarissas neste livro que agora se edita.

O tratamento literário do texto de Soror Antónia Baptista remete para a inserção da sua obra no panorama de escrita conventual feminina, com recurso a modelos coetâneos, redigidos em condições semelhantes e com intenções aproximadas, cujos contornos foram ganhando expressão, ao longo de Seiscentos e Setecentos, fenómeno alavancado (de entre outros fatores), pelo incremento da produção editorial, que marcou a Época Moderna.

Palavras-chave

espiritualidade, mulheres, escrita feminina, escrita monástica, clarissas, crónica, edição semidiplomática

Abstract

The study presented is based on the transcription and handwriting edition of the authorship of Soror Antónia Baptista, professed religious in the Convento da Esperança de Vila Viçosa, entitled *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria*, completed in the year of 1657, in Vila Viçosa.

This edition is preceded by an introductory study which includes a historical, religious and literary approach in order to contextualize the author and her work at the time of production.

Therefore, it is imperative and unavoidable point out the connection between the Convento da Esperança de Vila Viçosa and the royal house of Bragança, from which emerges the name of Isabel de Lencastre, its founder, and also the figure of King D. João IV, main protagonist of the restoration of national independence, to whom the work is dedicated.

The religious approach focuses mainly around the huge perturbations that the Catholic Church experienced during the sixteenth and seventeenth centuries as a result of movements and reformist ideas, coming from the dissidents churches that have spread throughout Europe, to which Trent (1536-1563) tried to answer, reiterating and enforcing a new reform of Roman Catholic beliefs that were, during this period, alienated from the Church of Rome.

We have also made a brief approach of the presence of the Order of Saint Clare in Portugal, since Soror Antónia, the author of the work studied, professed the same *Rule* in *Vila Viçosa*, making the story of the *Clarissas* convent in this book edited now.

The literary treatment of the Soror Antónia Baptista text refers to the inclusion of her work in the panorama of monastic women's writing, using peers models, drafted in

similar conditions and with approached intentions, which have gained momentum over the XVI and XVII centuries, boosted (among other factors), by the increase of editorial production, which marked the Modern Age.

Key words: spirituality, women, women's writing, monastic writing, Poor Clares, chronic, semidiplomatic edition

Índice

Introdução	13
------------------	----

I PARTE - Estudo introdutório

1. Enquadramento histórico e religioso do *Livro da Fundação do convento de nossa Senhora da Esperança de Villa viçosa (...)*

1.1. Contextualização histórica	22
---------------------------------------	----

a) Breve esboço da ligação da casa real de Bragança a Vila Viçosa	22
---	----

b) A Restauração da Independência de Portugal - a proclamação de D. João IV	25
---	----

1.2. Contextualização religiosa	30
---------------------------------------	----

a) A espiritualidade quinhentista	31
---	----

b) Reforma e Contra Reforma: ecos em Portugal	33
---	----

c) O recrudescimento das Ordens religiosas: causas e consequências	37
--	----

d) Questões sociais e políticas a fomentar a mudança do sentimento religioso português.....	41
---	----

2. O Real Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa: das origens à extinção

a) A fundação dos mosteiros: patrocinadores e patrocínios	44
---	----

b) As origens e a fundação do Real Convento de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa	48
c) A extinção do Convento da Esperança de Vila Viçosa - alienação de um património inestimável	55
d) Estado atual da estrutura conventual e da Igreja da Esperança	59

3. A Segunda Ordem de S. Francisco - as Clarissas

a) Origens da Ordem Franciscana	62
b) Breve resenha biográfica de Santa Clara; a fundação das Clarissas	64
c) Estruturação das Clarissas após a morte da fundadora	66
d) Representação iconográfica de Santa Clara	67
e) Presença das "senhoras pobres" em Portugal	68
f) Expansão das Clarissas no Portugal moderno	72

4. Vida e obra de Soror Antónia Baptista: intermitências conjeturadas

a) Informações esparsas e conjeturas	77
b) Imprecisões no tratamento de dados factuais	79

5. A produção textual de pendor espiritual e devocional ao serviço da *devotio moderna*

a) A <i>máquina</i> de Gutemberg e os tempos modernos: verso e reverso	83
b) A proliferação do texto impresso, veículo das ideias reformistas e contra reformistas	85
c) As edições portuguesas, espelho das correntes de espiritualidade europeias	89

d) A hagiografia, a biografia espiritual e a autobiografia: modelos narrativos <i>ad imitandum</i>	91
e) O silêncio dos textos femininos	97
f) Caminhos para os "novos rostos" da escrita	99
g) A escrita conventual feminina: ligações que unem o convento e a corte	102
h) A intenção moralizante e catequética da produção escrita conventual feminina	103
i) O convento: local de formação e de recolhimento espiritual	104
j) A leitura nos conventos: a génese da mestria na escrita	108
k) A circulação dos livros na clausura: posse e partilha	112
6. Crónicas conventuais de <i>fundação</i>: especificidades e modelos	114
7. O Livro da <i>Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria</i>	
a) Estrutura e conteúdo	126
b) Folha de rosto	130
c) Licenças	131
d) Dedicatória	131
e) Sonetos laudatórios e bilinguismo luso-castelhano	133
f) Prólogo: um protocolo de intencionalidades	136
g) Invocação à Virgem: um cruzamento de modelos narrativos	139
h) "livro primeiro": a fundação do convento	145
i) Abadessas do Convento da Esperança de Vila Viçosa (1533 a 1652)	170

j) Confrarias instituídas no Convento da Esperança (até 1652)	170
k) "livro segundo": as vinte e uma <i>flores</i> do Convento da Esperança	171
l) "livro tersseiro": o propósito do <i>Livro da Fundação</i>	203

Conclusão	227
------------------------	-----

Anexos	232
---------------------	-----

II PARTE - Edição do texto

1. Preâmbulo à edição	245
2. Critérios de edição	250
3. Codicologia	255
4. Transcrição do texto	259

Bibliografia	587
---------------------------	-----

I PARTE - Estudo Introdutório

Introdução

Faça-se livro: o livro se o dobram, dobra-se;
se o viram, vira-se; se o fecham, fecha-se,
se o poem a um canto, se o abrem pelo meio,
deixa fazer o que quer quem o tem na sua mão¹.

Falemos de um livro...

Escrito no feminino, em tom nostálgico, mas resoluto, que transporta, no silêncio da palavra escrita, muitas vozes de mulheres, tendo por objeto a evocação do passado e por objetivo a pedagogia e o exemplo. Revela-nos um passado que ensina no presente, fala de vidas exemplares, que fizeram a sua caminhada norteadas pela paixão a Cristo, pela entrega, abnegação, devoção, leitura, mortificação, anulação, estudo, elevação, ascese, êxtase, contemplação, sacrifício, oração... Ao longo de duzentos e setenta e oito fólios, rememora-se uma fundação, um recolhimento, o núcleo onde essas vidas aconteceram por meio de partilhas, silêncios, obediências, labores, lágrimas, recatos, escritas, e mais orações... Expressam-se saudades de um tempo passado, projetado num devir redentor, resgatador de uma efémera existência terrena - troca do perecível pelo etéreo.

Este livro é a mulher que o escreve, espelho das outras mulheres, que "deixa fazer o que quer quem [as] tem na sua mão"... silêncios que ressoam de um tempo longínquo ou talvez não!

A reflexão que apresentamos ao longo desta dissertação tem como ponto de partida o *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria*, concluído em 1657, pelas mãos de Soror Antónia Baptista, freira clarissa professa no mesmo convento.

Trata-se de um texto que permaneceu manuscrito, aspirante a um destino diferente daquele a que foi votado. Apesar das licenças aprovadas e autorizações concedidas, nunca chegou a ver a luz dos prelos.

¹ *Frei António das CHAGAS, Cartas Espirituais, "Carta LXIX"*, Edição de Isabel MORUJÃO, Lisboa, Campo das Letras, 2000, p. 174.

Como em qualquer crónica conventual coeva (ou "Livro de Fundação", na ausência de melhor classificação taxonómica), sobressaem, num primeiro momento, referências às origens e fundação de um convento, no caso preciso, o de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa e, num mesmo plano de importância, relembram-se vidas pretéritas, que se pretendem modelares, influenciadas por desígnios políticos, culturais, sociais e religiosos, que largamente determinaram e condicionaram o papel das mulheres nos tempos modernos.

O projeto que agora apresentamos dá continuidade ao estudo já por nós iniciado durante os anos de Mestrado, que se centrou numa reflexão crítica sobre a edição do *Portugal Ilustrado pelo Sexo Feminino*, da autoria do Padre Oratoriano Diogo Manuel Aires de Azevedo, publicado em 1734, onde são retratadas múltiplas mulheres que se destacaram nas virtudes, nas letras e nas armas². Apesar dos evidentes pontos comuns aos dois documentos (o anterior e o presente), que se focalizaram na memória sobre mulheres, refletindo ambos sobre modelos de virtude ou santidade no feminino, sublinha-se a diferença de perspetiva no tratamento do mesmo tema, pois, se no primeiro texto nos deparamos com uma autoria masculina, necessariamente exterior e distante da esfera psicológica e de vida das mulheres sobre as quais escreve, no texto presente notamos o compromisso assumido na primeira pessoa, por uma visão agregadora e sensível em torno do feminino: ele resulta e trata de mulheres, a elas se destinando também³.

A análise que se impõe através desta fonte primária, legada por Soror Antónia, sobre a comunidade religiosa retratada no séc. XVII, propicia a reconstituição de um retrato epocal, com base na compreensão da história local e regional, fornecida pelas permanentes alusões aos hábitos de vida comunitária, práticas devocionais e pelas relações do convento com o exterior.

Simultaneamente, este conjunto de observações propõe oferecer mais um contributo para o estudo da presença da Ordem de S. Francisco, mais concretamente das Clarissas, no Portugal da Idade Moderna, embora reconheçamos que o estudo de Ordens

² Carla Maria Pinto AVELINO, *Portugal ilustrado pelo sexo feminino de Diogo Manuel Aires de Azevedo (Lisboa, 1734), Estudo preliminar, Notas e Estabelecimento do texto*, Tese de Mestrado, FLUP, Porto, 2008.

³ Não queríamos deixar de referir aqui a importância que teve para nós a leitura da Tese de Doutoramento de Moreno Laborda Pacheco, "A mágoa de ver hir esquecendo...". *Escrita Conventual Feminina no Portugal do séc. XVII* (2013), onde vimos referida, pela primeira vez, esta crónica que de imediato suscitou o nosso interesse e que justifica a escolha do tema da presente dissertação.

femininas se vislumbre mais dificultado, por força de um regime de clausura que muito dificultou (e dificulta!) o acesso a dados relativos à vivência social e religiosa dessas comunidades. Há que criar observatórios diversificados sobre essa realidade, que nos permitam aceder à sua estrutura interna e rotinas de vida.

Apresentaremos, igualmente uma breve reflexão (muito breve, atendendo à escassa documentação encontrada) sobre a vida da autora. Este é o terreno movediço em que nos vemos confinadas a revelar o expectável vazio no que aos dados biográficos da religiosa respeita. Não fora o legado escrito que deixou autografado (comprovado pela sua assinatura e por um número ínfimo de autores, e em quem, à falta de outros dados, iremos dar crédito), seríamos levadas a duvidar da sua existência, pois, apesar das pesquisas levadas a cabo em várias bibliotecas e arquivos distritais e eclesiásticos, desconhecem-se elementos fundamentais para o delineamento de uma identidade como data e local de nascimento, data de entrada no convento, de profissão e até da morte. Grande parte da documentação encontrada (livros de entradas, de óbitos, registos de profissão, listagens de freiras, documentação notarial) é posterior a 1700, data em que a autora, provavelmente, já não viveria. Assim, a história do Real Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa é narrada com base nos testemunhos esparsos localizados em várias instituições públicas, detentoras do parco espólio remanescente após a extinção do convento ocorrida em 1867.

A escassa ou inexistente documentação concernente às vidas e obras de algumas freiras deve-se a uma série de fatores: um processo de exclausuração mal conduzido e mal acompanhado que descurou a criação de arquivos específicos para reunir o espólio proveniente dos mosteiros femininos; consequências de fenómenos naturais (terramotos, tempestades, incêndios)⁴; a vontade de algumas dessas freiras que, por escrúpulos de consciência, optavam por destruir os seus escritos ou por motivo de *forças* maiores, provenientes de vontades políticas e religiosas (Inquisição). Estes argumentos plurais levam a que, no que toca ao inventário da produção religiosa feminina inédita, esta seja

⁴ Túlio ESPANCA, em *Mosteiros de Vila Viçosa*, no 7º Centenário da Fundação de Vila Viçosa, Évora, 1970, p. 112, faz referência a um gigantesco incêndio deflagrado no convento a 14 de março de 1681, que devastou as partes altas do convento (incluindo o dormitório e a enfermaria), o que pode explicar a perda de muita documentação existente, nomeadamente outros escritos de Soror Antónia Baptista ou até o desaparecimento de registos biográficos de freiras, onde poderiam estar inclusos dados fundamentais como as datas de nascimento, profissão e morte da nossa autora.

"hoje mais um exercício de conjectura do que um conjunto de dados assente em documentos existentes"⁵.

Com base nos reduzidos e incertos testemunhos que nos chegam, procurámos reconstruir a amostra de produção literária possível (embora não isenta de hesitações) da vida desta comunidade, no período cronológico e religioso em que se inscreve, com base no testemunho de Soror Antónia Baptista⁶. Parafraçando Jorge Cardoso, foi necessário "lér innumeraveis volumes, escudrinhar varios cartorios (...), desempoar antigos pergaminhos, i escrituras, procurar diuersas relações, e noticias, instrumentos autenticos, summarios, e papeis manuscriptos das religiões, e conuentos deste Reino"⁷, para constatar que Soror Antónia persiste praticamente desconhecida e afastada de todos nós.

Apesar das fontes referidas e das que oportunamente se convocarão, o silêncio em torno do quotidiano monástico é ainda pesado. "O silêncio dos historiadores, que não se referem às obras de autoria feminina, o silêncio das fontes conservadas, nas quais as mulheres se encontram escassamente representadas, o silêncio dos discursos em circulação nesse período, que raramente se lhes referem, e até mesmo o silêncio insistentemente recomendado às mulheres"⁸.

Porque a sua obra não foi editada, Soror Antónia Baptista não mereceu um tratamento diferenciado do de uma plêiade de mulheres escritoras, cujos nomes não figuram nos compêndios historiográficos ou em antologias que se destinam a dignificar e enaltecer os ilustres autores portugueses, cujas produções literárias viram a luz dos prelos.

A despeito desta realidade, sabe-se que estes relatos de autoria feminina constituem preciosos contributos para o conhecimento da vivência quotidiana das mulheres da

⁵ Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 84.

⁶ Pese embora o facto de tratarmos as questões cronológicas, apontadas na obra de Soror Antónia com algumas reservas uma vez que é usual, neste tipo de relatos históricos, os cronistas imporem como verdade, questões que lhes chegaram por via do reconto oral, não raras vezes, adornado de um manto lendário, carecendo, portanto, de sustentação comprovada historicamente.

⁷ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "A biblioteca de Jorge Cardoso (1669) e a biblioteca do Agiologio Lusitano. Livros de gosto e de uso", in *Via Spiritus*, 4, 1997, apud Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, "Advertências", do tomo I.

⁸ Vanda ANASTÁCIO (Org.), *Uma antologia improvável, a escrita das mulheres (sécs. XVI a XVIII)*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, p. 29.

Época Moderna, aos quais só é possível aceder pela via indireta das fontes literárias, grande parte delas saídas de penas masculinas.

No caso concreto de Soror Antónia Baptista, temos em mãos um texto inédito, autógrafo, que se constrói por entre uma erudição desvelada nas frequentes referências históricas, políticas⁹, literárias e religiosas,¹⁰ que perpassam através de um estilo claro e simples, almejando uma intencionalidade didática, de doutrinação. O objetivo de Soror Antónia é expresso desde logo no prólogo da obra, quando a autora revela que se serve da sua "tosca pena" para proveito das freiras mais novas, recorrendo aos exemplos de vidas passadas, com vista à formação das consciências presentes. Ao eternizar as figuras que traz à memória, perpetua simultaneamente a história do convento que serviu de cenário à passagem dessas vidas.

No que concerne a estruturação formal deste estudo, que tem como objetivo central o texto de Soror Antónia Baptista, optámos por dividi-lo em duas partes: inicialmente, procurar-se-á contextualizar a obra em estudo na Época Moderna em que emergiu, percorrendo realidades sociais, políticas, culturais e religiosas de que ela é fruto e reflexo, incluindo a sua adequação ao contexto de produção literária da época, elementos sem os quais seria inviável aceder de forma mais abrangente ao texto em questão.

Atendendo às especificidades deste mosteiro de fundação régia e ao momento histórico que acompanha a produção do livro (a Restauração), a análise não deixará de integrar estes fatores na compreensão da obra e do seu contexto específico. É neste enquadramento que será dado especial destaque às diretivas emanadas de Trento, que difundidas com particular zelo pelo Cardeal D. Henrique, atingem a sua sistematicidade mais apurada justamente nos anos de escrita deste *Livro da Fundação* e em alguns momentos da História nele relatada.

⁹ Por exemplo na referência à preocupação da conversão de Inglaterra, da sucessão em França, da Restauração da Independência Nacional, entre outros, "livro segundo" e "livro tersseiro" do *Livro da Fundação*.

¹⁰ Soror Antónia faz alusão a vários textos, alguns de cariz devocional e espiritual, como vidas de santos, livros de orações, de meditação, exercícios espirituais, Bíblia, textos escritos por irmãs suas, mas também faz referência aos clássicos gregos, nomeadamente a Ícaro, a Homero, in *Livro da Fundação*, "livro primeiro", "Prologo", fl. VI v.

Porque a autora professou a Regra Segunda da Ordem de S. Francisco, condensámos uma pequena explanação sobre a presença e as marcas deixadas pelas Clarissas no Portugal moderno. A Ordem de S. Francisco viveu um período particularmente nevrálgico na Época Moderna com a cisão entre claustrais e observantes (1517), clivagem que se repercutiu em todas as instituições pertencentes à Regra Franciscana, o que não colidiu com a franca expansão da Ordem em Portugal e no mundo.

Ainda na primeira parte do nosso estudo, debruçámo-nos com algum detalhe sobre a contextualização literária e a adequação de pressupostos de índole mais teórica à análise da obra, para tentar explicar (ou conjecturar) sobre os meios e circunstâncias em que aquela foi redigida, a sua filiação a obras coevas, os temas que trata e a mensagem que tenta veicular. Esta abordagem segue a esteira do filão da escrita conventual feminina direcionada para as obras de fundação, implicando um estudo teórico que visa explorar o incremento da produção editorial da Idade Moderna e todos os contornos a ela atinentes. Importa perceber em que moldes aconteciam, se davam a conhecer e com que objetivos se produziam os textos coetâneos ao de Soror Antónia. E porque a escrita é subsidiária da leitura, refletimos sobre a questão das leituras femininas (proposta por alguns investigadores), reflexo de várias condicionantes que permitem esboçar traços comuns à formação das monjas de clausura, que desempenharam um papel preponderante, na difusão da literatura e da cultura dos séculos passados.

Parece consensual que essas leituras ou escritos, de cariz devocional e espiritual, sugeridas ou impostas, funcionaram (de entre outras medidas) para a Igreja, como estratégia de controlo através do qual se veiculava o discurso religioso, visando moldar comportamentos com base na imitação dos modelos propostos, almejando a perfeição espiritual exigida a leigos e, sobretudo, aos que tomavam o hábito.

Assim, a análise de fatores como o tipo de livros que se liam, os locais escolhidos, os autores eleitos "las coyunturas espirituales o políticas que animaban la realización y edición de determinados textos; las estrategias propagandísticas y memorísticas que motivaron la aparición de obras como las crónicas de las órdenes religiosas,"¹¹ são

¹¹ Federico PALOMO, "Estudio de la Historia Religiosa de la Época Moderna", in *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, *Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica portuguesa, 2004, pp. 257-258.

elementos a considerar na abordagem do texto religioso na sociedade católica da Época Moderna.

O texto de Soror Antónia não parece ter resultado de uma exigência de outrem, como acontecia com alguma frequência. Sob a ordem de abadessas ou diretores de consciência, muitas religiosas passavam a escrito as memórias das suas vidas ou da vida das suas companheiras, com o intuito de divulgarem modelos de comportamento exemplar ou, ainda, de contribuírem para o início de um processo de beatificação ou canonização, que poderia sustentar-se nesses escritos. No entanto, a composição da obra de Soror Antónia parece resultar de uma escrita coletiva; as religiosas tinham conhecimento da redação deste texto, porque o mesmo chegou a ser lido em voz alta a toda a comunidade, inclusive a autora dá conta da inserção de relatos na obra a pedido de outras religiosas. De alguma forma, todas são chamadas a participar na construção de um registo que perpetuará a identidade do mosteiro. O *Livro da Fundação* serve, assim, um propósito histórico e identitário que respeita a comunidade religiosa do Convento da Esperança de Vila Viçosa.

No entanto, apesar deste contributo coletivo, é Soror Antónia Baptista quem dá corpo ao texto, na tentativa de colmatar a falta de memória (registos) manifestada pelas antigas, sobre os acontecimentos do passado. Esta decisão aparentemente individual da autora justifica a escolha do rei para dedicatário, pois a proteção real serviria como garante da salvaguarda da "orfandade"¹² da obra (a que a autora alude na dedicatória), que seria (e foi!) a condição de um livro, versando sobre historiografia, redigido por uma mulher. Aliás, não será por acaso que tendo a autora terminado o seu texto por volta de 1654, a exigência da abadessa de que toda a comunidade confirmasse e legitimasse o que ela escreveu prolongou, pelo menos mais dois anos, a tão ansiada "saída do borrão".

Na segunda parte desta dissertação, apresentamos a transcrição integral do manuscrito de Soror Antónia Baptista, numa edição que se pautou pela fidelidade ao texto, pugnando pela sua inteligibilidade e respeito pelo *modus scribendi* da época e de um

¹² A referência ao livro "orfão" deverá ter duas leituras: por um lado a autora refere-se ao apoio de uma figura que possa amparar o livro e fazer com que, por sua influência, ele se torne divulgado através dos prelos; por outro lado, subjaz a condição efetiva de "orfão", uma vez que o rei D. João IV tinha falecido um ano antes da sua conclusão: "debaxo daprotecsão de sua alteza que Deus tem, foi elle servido levalo a gosar de sua vista e da companhia d estas çervas suas antes de eu tirar este livro do borrão," conforme declara Soror Antónia na dedicatória", *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. III r.

grupo específico (o de monjas), veiculados por uma escrita reveladora de uma particular sensibilidade, reclamando e legitimando a autenticidade de uma mulher escritora, pertencente a uma comunidade feminina, religiosa, impregnada de traços culturais, linguísticos e regionais do interior sul do país. Assim sendo, com intenção de preservar as características evocadas, optou-se por coligir uma edição semidiplomática, onde a nossa ação, enquanto editoras de um texto antigo, se limitou a intervenções muito escassas e pontuais, para deixar ver o texto em todas as suas abrangências e camadas. Tentámos reproduzir fielmente este testemunho, indo ao encontro de um texto do qual, apesar da distância temporal, gráfica e referencial, nos fomos, paulatinamente, apropriando¹³, graças à autenticidade do registo, concluído no Século de Ouro (1499-1681), reflexo de um "período semejante a cualquier otro en egoísmos, pasiones, inquietudes, fobias y filias; pero desemejante en redes de creencias y consecuente jerarquía de valores, así como en trabas y contrapisas impuestas a la condición femenina"¹⁴.

Embora conscientes da estranheza que estes contornos estético-literários possam provocar no leitor menos experimentado, pois "quanto mais longa for a distância temporal que medeia entre o momento da produção de um texto e o momento da sua leitura, tanto maior será a probabilidade de se encontrarem barreiras,"¹⁵ norteou-nos a intenção de oferecer uma reprodução fiel de um texto manuscrito, sem filtros que possam desfigurar a literacia ou mascarar as suas variedades diastráticas e diafásicas.

¹³ A apropriação de um texto através da leitura pertence a todos os que se permitem a "efetivação" e "atualização" das possibilidades semânticas que o texto oferece. Segundo Paul Ricoeur, a apropriação "situe l'interprétation du texte comme la médiation à travers laquelle le lecteur peut opérer la compréhension de soi et la construction de la réalité," (in *Temps et Récit*, Paris, Éditions du Seuil, 1985, t. III).

¹⁴ María Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro, Espacios Profanos y Espacios Conventuales*, Madrid, Ediciones del Orto, 2006, p. 17.

¹⁵ Micaela Ramon MOREIRA, *A Novela Alegórica em Português dos Sécs. XVII e XVIII, o Belo ao Serviço do Bem*, Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura, Ramo de Literatura Portuguesa, Universidade do Minho, 2006, p. 18.

1. Enquadramento histórico e religioso do *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa (...)*

Pretender estudar a evolução histórica do povo português, abstraindo previamente da sua vida religiosa e da missão do clero regular e secular, seria o mesmo que tentar compreender o mecanismo circulatório fora dos vasos sanguíneos¹⁶.

É premissa incontestável que só um povo com memória será capaz de preservar a sua identidade, alicerçada na sua História.

De facto, a consciencialização dos acontecimentos históricos, não descurando nenhuma das suas incidências, permite ao homem perspetivar e orientar o futuro de forma muito mais eficaz, quando se apoia na reflexão e aprendizagem do passado. Este é um dos ensinamentos que prevalecem desde a Antiguidade Clássica e que surpreendemos num período ligeiramente posterior ao que nos interessa, num Frei Manuel do Cenáculo¹⁷, por exemplo, que, ao elevar o papel da História como salvaguarda e exemplo das ações futuras, refere: "se a História he mestra da vida, não percamos a lembrança de acontecimentos, que levão o homem à emenda e à virtude. Que proveitosa e agradável cousa he a memoria dos maiores! Ser della imagem, e continuar com elles as obrigações à Posteridade"¹⁸.

De um modo geral, os estudiosos do passado insistem na importância de relembrar episódios e individualidades de tempos pretéritos para com eles aprender, emendar e assim evitar "a mágoa de ver hir esquecendo"¹⁹ todos aqueles cuja memória deve ser

¹⁶ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, livro I, "Introdução", Nova ed. preparada e dirigida por Damião Peres, Portucalense Editora, Porto, 1967.

¹⁷"Bispo de Beja, arcebispo de Évora e colaborador activo de Sebastião José de Carvalho e Melo", (Zulmira SANTOS, "Cartas, elogios e silêncios: temas da amizade ilustrada de Gregorio Mayans Y Siscar (1699-1781) e Frei Manuel do Cenáculo", in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0, 2003, p. 369).

¹⁸ Manuel do CENÁCULO, *Memórias Históricas e Appendix segundo, À disposição quarta da colleção das disposições do Superior Provincial para a observância e estudos da congregação da ordem terceira de S. Francisco*, Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1795, BPE, p. 1.

¹⁹ Soror Maria do SACRAMENTO, *Noticia da fundação do convento da madre de Deos das religiosas descalças de Lisboa, da primeira regra de nossa madre santa clara. E de algumas cousas, que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muitas Madres Santas que ouve nelle, escritas por hua freira do mesmo convento; e dirigida a todas as demais delle, no anno de 1639*, in "Prologo".

imortalizada pelas ações notáveis que os distinguiram, posto que "na inconstancia da mortalidade se não pode encontrar estrada segura"²⁰.

No caso português (e europeu), qualquer abordagem que pretenda evocar factos concernentes à Época Moderna deve contemplar uma aproximação à vivência religiosa do período em questão, pois este fator constitui um elemento nodal em torno do qual assentam todas as estruturas que compunham a sociedade de Seiscentos e Setecentos.

Perspetivar historicamente o país na Época Moderna, passará necessariamente pela consideração do período de sessenta anos de monarquia dual, sob o domínio filipino, com todas as mutações políticas, culturais e sociais daí advindas e posterior restauração da independência nacional com D. João IV. Contextualizar Portugal na moldura espiritual e religiosa terá forçosamente de contemplar Trento (1536-1563) e seus efeitos. Como defende Maria de Lurdes Correia Fernandes, devemos "ter em consideração que a história religiosa, e não só da Igreja da Época Moderna, [está] profundamente marcada pelo antes e pelo depois de Trento"²¹.

1.1. Contextualização histórica

a) Breve esquisso da ligação da casa real de Bragança a Vila Viçosa

O intróito de cariz histórico que se segue visa demonstrar, num primeiro momento, a relação institucional, mas também afetiva, que uniu a casa ducal de Bragança a Vila Viçosa e, conseqüentemente, ao Convento da Esperança. Numa segunda fase, pretende inserir a obra de Soror Antónia Baptista no contexto histórico da sua produção, repleto de ocorrências e acontecimentos pertencentes ao panorama nacional e internacional, aflorados pela autora ao longo do seu texto (como a Restauração da Independência Nacional; a preocupação com a conversão dos infiéis em Inglaterra; os resquícios da guerra de África; a questão da sucessão em França, entre outros).

²⁰ Dom Luiz de MENEZES, Conde da Ericeira, *História de Portugal Restaurado*, oferecida ao serenissimo príncipe Dom Pedro Nosso Senhor, t. I, Lisboa, na Officina de António Pedrozo Galvão, anno MDCCX, "Dedicatória".

²¹ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "Da Reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade", in *História religiosa de Portugal*, vol. 2, direc. Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, 2000, p. 15.

No que toca à fundação dos principais mosteiros de Vila Viçosa (chegaram a coexistir sete), houve sempre intervenção direta ou indireta dos duques de Bragança e, posteriormente, dos reis pertencentes a esta dinastia. As duquesas D. Leonor de Gusmão e D. Isabel de Lencastre fundaram vários mosteiros aí existentes e apoiaram tantas outras instituições monásticas em todo o país. A sua intervenção mais direta relacionou-se com o Convento das Chagas, fundado por D. Jaime e sua esposa D. Leonor, e o da Esperança, que ficou a cargo de D. Isabel²² e que, após a sua morte, permaneceu aos cuidados da casa real²³. Por esta razão (de entre outras que veremos), Soror Antónia Baptista dedica a sua obra a D. João IV, padroeiro do convento, ao qual dedicava particular atenção. Nesta sua devoção e apreço, D. João IV mandou abrir um inquérito para instaurar o processo de beatificação da Madre Maria das Chagas, após ter obtido uma graça por intercessão desta religiosa²⁴.

São seculares e estreitos os laços que unem a casa real de Bragança a Vila Viçosa. Doadada pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira aos seus descendentes, em 1461, esta vila passa a fazer parte do Ducado de Bragança, tornando-se, em 1502, com o início da construção do Paço Ducal, na sede do Ducado de Bragança, tendo sido o foral concedido por D. Manuel, em 1512. Esta ligação fez de Vila Viçosa "uma terra privilegiada na sociedade portuguesa do alvorecer da Idade Moderna (...). Dos duques recebeu sempre e permanentemente desvelada e carinhosa assistência que muito se refletiu na história da cultura e da arte do Alentejo"²⁵.

Durante o domínio filipino, Vila Viçosa era sede da maior corte ducal da Península Ibérica²⁶.

²² "... e assim lhe deixou innumeraveis e grandiosos legados a toda a provincia da piedade, e tãobẽ os deixou atodos os conventos que avia ã esta vila e fora della a outros muitos ã lisboa amadre de Deos e a santa clara", (in *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 5 v.).

²³ "...hõrra de termos tal senhora por mãi e padrueira, pois por sua causa o forã successivamente todos os senhores duques do real estado de bargansa", (in *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 5 v.); "a serenissima senhora dona caterina aquẽ amava e respeitava como a cada hũ d elles não so por senhora e padruera successiva d este convento", (in *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 46 v.). A venerável Madre Maria das Chagas foi muito dedicada à casa real de Bragança, "era afeissoadissima a real casa de bargansa pella vertude de seus monarchas etudo que lhes tocava cõ grande cuidado ãcomẽdava a Deus", (in *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 42 r.).

²⁴ "Moversse o animo de sua magestade el rei do joão o 4º a mãdar tirar esta informassão de suas vertudes para abeatificarẽ alem de sua pia devaçãõ", (*Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 75 v.).

²⁵ Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, p. 3.

²⁶ Cf. *Guia Geral de Fundos do Arquivo Distrital de Évora*, Coord. Isabel CID, Pedro PEREIRA, Arquivo Distrital de Évora, Évora, 2014, p. 206.

A atividade cultural humanista da vila, em grande parte nutrida pelo mecenato de D. Teodósio (1505?-1563), teve como corolário a obtenção do Breve do Papa Pio IV, em 1560, para a abertura de uma "Universidade de estudos geraes", como forma de satisfazer o "fulgor do ensino literário e científico que a corte ducal tinha desenvolvido desde D. Jaime (1479-1532)"²⁷. Apesar de as obras para o efeito terem iniciado no Convento de Santo Agostinho, o projeto foi abortado em 1563, ano da morte de D. Teodósio.

No ducado seguinte, D. João (1543-1583), no cumprimento do testamento de seu pai, iniciou, em Vila Viçosa, duas classes públicas de Gramática, de Latim e de Grego. Ainda em testamento, o bibliófilo D. Teodósio expressou a sua vontade de manter a sua preciosa livraria na família, instituindo-a em morgadio.

A corte de D. Teodósio (1568-1630), 7º duque de Bragança, fez florescer, entre 1593 e 1630, em Vila Viçosa, um interessante centro literário e artístico.

Do casamento deste último com D. Ana de Velasco y Giron, nasceu em Vila Viçosa, a 18 de março de 1604 e pouco tempo após o casamento de seus pais, D. João de Bragança, futuro rei D. João IV.

A infância e adolescência do duque e de seus dois irmãos decorreram no paço ducal da mesma vila, onde receberam educação por parte de preceptores ilustres, segundo os cronistas.

Em 1633, D. João IV casa com Luísa Francisca de Gusmão, uma fidalga oriunda da Andaluzia, de quem teve sete filhos, cinco dos quais nascidos em Vila Viçosa.

Foi, finalmente, em Vila Viçosa que, por decisão das cortes de 1646, se integraram o Padroado da Imaculada Nossa Senhora da Conceição e, em 1818, a Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição, nos reinados de D. João IV e D. João VI, respetivamente²⁸.

O rei *restaurador* acabaria por falecer em Lisboa, a 6 de novembro de 1656, um ano antes da conclusão da obra que Soror Antónia Baptista lhe dedica. Após a sua morte, a

²⁷ José TEIXEIRA, *O Paço Ducal de Vila Viçosa*, Fundação da Casa de Bragança, 1983, p. 42.

²⁸ Cf. Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, p. 4.

esposa, D. Luísa de Gusmão, assegura a regência do país, mantendo a liberdade e independência de Portugal. Mas as obras de fundação da rainha²⁹ tinham outras prioridades, como se poderá confirmar pela carta que, à hora da morte, escreve ao rei, pedindo-lhe que não descure o carinho que sempre pôs nas suas fundações.

b) A Restauração da Independência de Portugal - a proclamação de D. João IV

Antes de subir ao poder, o duque de Bragança moveu-se num contexto de conspirações e movimentos revolucionários, que tentavam restabelecer a autonomia do país e devolver a coroa portuguesa a quem de direito.

Em 1580, Portugal resigna-se a um revés na sua governação, passando os destinos do país a ser liderados por mãos vizinhas, em detrimento dos interesses nacionais: "a união a Castella tinha sido obra da corrupção, do desalento geral, e da força das armas"³⁰. Em resultado de uma debilitada resistência nacional, configurada em D. António, Prior do Crato, derrotado pelo exército do duque de Alba, e em D. Catarina, duquesa de Bragança, rendida aos espanhóis, o país cede em favor da governação de Felipe II, I de Portugal.

Soror Antónia Baptista faz referência às "alterações do reino"³¹ em consequência da "desgraciada guerra de africa"³² (Batalha de Alcácer Quibir), que provocara uma crise dinástica (fim da dinastia de Avis) e subsequente perda da independência nacional. As tropas do Duque de Alba chegaram mesmo a amedrontar as freiras do Convento da Esperança, que tiveram de se refugiar no Convento das Chagas. Tal facto ficou a dever-se à localização do mosteiro que permitia uma boa visibilidade e defesa dos espanhóis, contra os soldados lusos que se encontravam no Castelo.

²⁹ "Peço-vos que (...) nas minhas fundações acabeis de fazer o que eu não pude, pois Deus assi o quer", 1666. A este pedido D. Afonso VI responde que "as fundações de Vossa Magestade ajudarei com todo o calor". No entanto, tanto quanto se sabe, o rei apenas escreve à priora das Agostinhas descalças de Xabregas, que era a fundação mais acarinhada pela rainha (in "A rainha Restauradora", *Rainhas de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores.).

³⁰ Luiz Augusto Rebello da SILVA, *História de Portugal nos sécs. XVII e XVIII*, tomo IV, Lisboa, Imprensa Nacional, MDCCCLXIX, p. 85.

³¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 32 r.

³² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 32 r.

Após a anexação do território português (1580-1640), Felipe II³³ adota um sistema de governo baseado numa monarquia dualista, que apesar de manter as duas coroas, as subjugava ao mesmo rei. O monarca espanhol prometia apaziguar o ânimo dos portugueses que reclamavam pela perda da autonomia nacional, demonstrando que "não vinha a Portugal como invasor, mas como legítimo herdeiro da coroa que pertencera a seu avô D. Manuel I"³⁴. Já com Felipe III, há uma clara intenção de subjugar a autonomia de Portugal aos interesses espanhóis, despojando o país da realeza e "reduzindo-o a simples província da monarquia espanhola"³⁵. O aumento de impostos, o descontentamento da população face a uma frágil situação económica resultante da crise agravada pela peste de 1599, a precariedade das relações diplomáticas, aliada a outros fatores de insatisfação, acentuam o sentimento de hostilidade contra os espanhóis e incrementam o desejo de restaurar a independência do país.

Também a nobreza manifestava o seu desconforto pela ocupação alheia, deixando o paço para se refugiar nas terras, onde ainda predominava algum sentimento de autonomia. É neste contexto que Francisco Rodrigues Lobo redige, em Leiria, a sua *Corte na Aldeia e noites de Inverno*³⁶, publicada em 1619, onde deixa entrever a saudade da antiga corte portuguesa, através do elogio da língua nacional e da exaltação das glórias portuguesas do passado, denotando o descontentamento com a situação política vigente.

O crescente desconforto face ao domínio espanhol, alimentado pela excessiva carga fiscal imposta à população pelo primeiro ministro de Filipe IV, o conde-duque de Olivares, "acérrimo defensor da subalternização das províncias de Espanha, incluindo

³³ Soror Antónia Baptista faz referência a uma visita do rei Felipe II, a propósito da perda de algumas rendas provenientes de capelas: "não sei que quẽ gosava estes sobejos quãdo el rei dõ phelipe 2º veio apurtugal que por serẽ de importansia lansoumãõ delles para o hospital dos portugueses em madrid," (in *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 10 r.).

³⁴ Joaquim Veríssimo SERRÃO, "O período dos Filipes", in *História de Portugal*, direc. de José Hermano SARAIVA, de 1245-1640, vol. 2, ed. de Selecções de Reader's Digest, Publicações Alfa, 1983, p. 561.

³⁵ Fortunato de ALMEIDA, *História de Portugal*, vol. 9, ed. cit., p. 66. Certo é que, após a anexação, Portugal nunca chegou a perder a autonomia. As cortes de Tomar, em 1581, estipularam a manutenção das estruturas político-administrativas para Portugal, embora adequadas ao novo cenário político. Veja-se a este propósito António de OLIVEIRA, *Poder e oposição política em Portugal no período filipino (1580-1640)*, Lisboa, Difel, 1990.

³⁶ Obra dedicada a D. Duarte de Bragança (unido à corte espanhola por via do casamento), na qual Rodrigues Lobo evoca de forma nostálgica o passado e as glórias dos portugueses, "essa corte na aldeia de que a *Corte na Aldeia* «imita» poderia muito bem (...) [ser] Portugal... Um Portugal em noite de Inverno que só aquecia o fogo das lembranças e do brilho da antiga corte". (Cf. Francisco Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia, Introdução, Notas e fixação do texto* de José Adriano de CARVALHO, Lisboa, Editorial Presença, 1992, pp. 41- 42).

nelas o reino de Portugal"³⁷, origina uma onda de protestos em todo o país, cujo foco de insurreição terá tido em Évora a sua maior expressão, como defende Joaquim Veríssimo Serrão: "a cidade de Évora foi o principal baluarte da reacção antifilipina"³⁸, arrastando todas as classes sociais para o movimento contra o domínio *estranho*. Durante a sublevação dos eborenses, há, em 1637 uma tentativa de aclamar em Vila Viçosa o duque de Bragança como rei de Portugal, mas D. João não aceita associar-se ao movimento³⁹.

Entre os historiadores, esta atitude do rei provoca algumas discordâncias de interpretação. Rebello da Silva vê este aparente descomprometimento do rei como uma estratégia sagaz da casa de Bragança, pois "os duques, fazendo-se pequenos e esquecidos, e vivendo longe da vista dos povos no seu desterro voluntário, esperavam adormecer as suspeitas, e salvar-se da proscricção". Outros olham este episódio com alguma desconfiança do vigor do duque⁴⁰. À época, os tempos conturbados levavam D. João da Costa⁴¹ a rezear a falta de experiência do futuro rei português e a revelar que "no estado presente he necessario a Portugal que quem empunhar o Cetro, sayba exercitalo como bastão"⁴².

Enquanto os conspiradores delineavam as melhores estratégias para devolver o trono a mãos portuguesas, do lado espanhol, em 1638, estava projetado o plano final da anexação. Felipe IV tentou enfraquecer uma possível resistência por parte dos portugueses, afastando elementos influentes da nobreza e clero, enviando-os para guerras além fronteiras em fortes contingentes militares, controlando navios de guerra.

³⁷ Joaquim Veríssimo SERRÃO, "O período dos Filipes", in *História de Portugal*, ed. cit., p. 568.

³⁸ Joaquim Veríssimo SERRÃO, "O período dos Filipes", in *História de Portugal*, ed. cit., p. 570.

³⁹ Deste facto resultam muitas conjeturas de historiadores portugueses: uns defendem a falta de aspiração ou desinteresse de D. João pela coroa portuguesa, outros arbitram a perspicácia e prudência do futuro rei para não gorar a iminente vitória. Aponta Fortunato de ALMEIDA que "o duque de Bragança dissimulava sempre, esperando que o projecto ganhasse maior consistência que a de simples impulso sentimental", (Fortunato de ALMEIDA, *História de Portugal*, vol. 9, ed. cit., p. 70). Rebello da SILVA anota que "esta circumspecção era filha da necessidade", (Luiz Augusto Rebello da SILVA, *História de Portugal nos sécs. XVII e XVIII*, tomo IV, Lisboa, Imprensa Nacional, MDCCCLXIX, p. 88).

⁴⁰ Luiz Augusto Rebello da SILVA, *História de Portugal nos sécs. XVII e XVIII*, tomo IV, Lisboa, Imprensa Nacional, MDCCCLXIX, p. 88.

⁴¹ D. João da Costa, 1º conde de Soure, fidalgo da corte de D. João III, acompanhou D. Sebastião a Alcácer Quibir, onde foi detido e sobreviveu, foi um dos quarenta conspiradores contra o governo filipino e, por força da sua prudência e considerações que tecia sobre a situação do país em pleno momento de viragem, ia deitando por terra o plano já bastante adiantado de restauração da independência do país. Foi conselheiro de guerra de D. João IV.

⁴² Conde da ERICEIRA, *História de Portugal Restaurado*, Livro II, ed. cit., t. I, p. 96.

No ensejo de travar os ânimos exaltados, o Conde de Olivares chama a Madrid fidalgos portugueses, em nome do monarca espanhol, a pretexto de os ouvir sobre a reforma da administração portuguesa. Faltava a Olivares cercar um elemento considerado o mais "perigoso"⁴³, o duque de Bragança. Tentou atribuir-se ao duque de Bragança funções relacionadas com a defesa do reino, para que mais facilmente se procedesse à sua imobilização, aquando da visita a uma fortaleza ou a um navio de guerra, onde poderia ser encarcerado, privado da sua liberdade ou, até, exilado.

Na manhã de sábado de 1 de Dezembro de 1640, o grupo de nobres conspiradores, os conjurados, dirige-se ao Paço da Ribeira, em Lisboa, transpõe a barreira da guarda real e remete ao silêncio a duquesa de Mântua (que exerceu governo em Portugal com autoridade de vice-rei e capitão-general de 1634 a 1640). A proclamação do rei D. João IV é feita de imediato, no mesmo local, por D. Miguel de Almeida, embora D. João IV só tomasse conhecimento a 3 de Dezembro, em Vila Viçosa. Colocado a par do ocorrido, *o restaurador* parte rumo a Lisboa, onde chegou a 6 de Dezembro, para ser coroado no Terreiro do Paço, a 15 de Dezembro do mesmo ano⁴⁴.

Com a restauração da independência de Portugal, a casa de Bragança não só reclamou o direito sucessório que lhe pertencia como pôs fim a uma anexação avessa à vontade nacional.

Após os êxitos de 1640, Vila Viçosa perde alguma centralidade na vida da casa real de Bragança, sendo, a partir de então, relegada para estância de férias da família real. Contudo, as ligações a Vila Viçosa iriam perdurar e estender-se inesperadamente a toda a população do país, pela instituição, em Vila Viçosa, do Padroado de Nossa Senhora da Conceição, através de provisão régia datada de 25 de março de 1646⁴⁵.

⁴³ Fortunato de ALMEIDA, *História de Portugal*, ed. cit., vol. 9, p. 69.

⁴⁴ Soror Antónia BAPTISTA faz referência a este facto político aquando da explanação sobre os rendimentos perdidos de uma capela, revelando: "não acho notícia de quẽ a usurpou oque sera porque se derão hũs papeis a hũ religioso depois da felice acclamassãõ del rei nosso senhor dõ joão 4º para faser deligencia ase lhe restituir algũa cousa de quantas lhe roubarão a este convento," (in *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 11 v.) ou quando evoca as várias preladas que o convento conheceu, sendo abadessa em 1640 a Madre Soror Maria da Purificação: "em ofim deste 2º anno foi a felice acclamassãõ de sua majestade el rei dom joão o 4º", (*Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 42 v.).

⁴⁵ Segundo os cronistas, em agradecimento pela recuperação do trono do reino de Portugal, D. João IV oferece simbolicamente a coroa real à imagem de Nossa Senhora da Conceição, localizada em Vila Viçosa, consagrando-a rainha e padroeira de Portugal. Desde então, nenhum outro monarca português exibiu a coroa real.

Para incrementar a vontade de autonomia muito contribuíram as ordens monásticas, cujo sentimento de malquerença às políticas de Olivares favoreceu a tomada de medidas e adoção de comportamentos sediciosos, tendo por objeto a agitação de consciências contra o invasor espanhol. Defende Rebello da Silva que "nos últimos doze anos da retenção castelhana foram os claustros seguramente as oficinas activas aonde se elaborou a revolução"⁴⁶.

Neste conjunto, destacam-se os jesuítas (pela sua proximidade a uma larga franja da população, através do ensino, da confissão ou até da direção espiritual de famílias)⁴⁷, como executores de ações mais adversas à ocupação. Contudo, também dominicanos, franciscanos e religiosos de outras Ordens⁴⁸ deram o seu contributo fundamental, através dos púlpitos, por via da sátira ao momento presente, evocando as glórias pátrias do passado, centrando-as numa figura tão cara à memória coletiva mais recente, como era D. Sebastião⁴⁹.

Rebello da Silva ressalta ainda o poder da palavra dos eclesiásticos, cujo impacto, ao serviço da nação, poderia ser mais acutilante do que o de uma arma, confessando que "eram terríveis armas estas, e nas mãos de quem sabia manejá-las, quasi mortaes"⁵⁰. A força da parénese, manobrada pelas elites eclesiásticas, deu o seu contributo na consolidação do movimento restaurador⁵¹.

De salientar, igualmente, o envolvimento de algumas instituições eclesiásticas de grande projeção cultural, nomeadamente, os mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e de Santa Maria de Alcobaça, ambos fundados por D. Afonso Henriques. O primeiro, pela evocação da memória de D. António, Prior do Crato, e pela evocação permanente da figura de D. Afonso Henriques, "fazia crer na protecção divina à coroa nacional, por

⁴⁶ Luiz Augusto Rebello da SILVA, *História de Portugal nos sécs. XVII e XVIII*, tomo IV, ed. cit., p. 115.

⁴⁷ "Flexíveis, insinuantes e habeis, os jesuitas foram talvez os primeiros introduzidos n'aquelles arraies sem chefes, que ligaram com certa unidade suas tradições avulsas, dando cabeça áquelle corpo já tão immenso, porém acephalo até ahi, e inerte.", (Luiz Augusto Rebello da SILVA, *História de Portugal nos sécs. XVII e XVIII*, tomo IV, ed. cit., p. 117.).

⁴⁸ Cf. Dom Luiz de MENEZES, Conde da Ericeira, *História de Portugal Restaurado*, oferecida ao serenissimo principe Dom Pedro Nosso Senhor, t. I, Lisboa, na Officina de António Pedrozo Galvão, anno MDCCX.

⁴⁹ Segundo Luiz Augusto Rebello da SILVA, os *sebastianistas* nasceram da "incredulidade sublime do povo" por volta de 1579, (in *História de Portugal nos sécs. XVII e XVIII*, tomo IV, ed. cit., p. 117.).

⁵⁰ *Ibid, ibidem*.

⁵¹ Cf. João Francisco MARQUES, *A parenética portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, 2 vols., Porto, 1989.

intercessão do primeiro monarca"⁵²; o segundo, pela crença na possibilidade de independência face ao domínio espanhol. Não será despidendo aqui recordar que foi justamente no Mosteiro de Alcobaça que Frei Bernardo de Brito redigiu a *Monarchia Lusitana*⁵³, obra que reflete a história da nação desde as origens, "forjada em grande parte com um objectivo patriótico"⁵⁴, alimentando, desta forma, o arreigado espírito nacionalista.

1.2. Contextualização religiosa⁵⁵

Até aqui, procurou-se inserir a obra de Soror Antónia Baptista na conjuntura histórica propensa a agitadas mutações políticas, sociais e culturais, originadas pela perda da coroa portuguesa para mãos espanholas e subsequente reconquista da soberania nacional. No âmbito religioso, a agitação que marcou a Idade Moderna não é mais ténue, uma vez que, à época da composição do texto em estudo, se fazem sentir as prerrogativas da doutrinação tridentina (como atrás aludimos), de que o *Livro da Fundação* é, de certo modo, reflexo, por contemplar o ideário consonante com os preceitos vigentes.

O relato de Soror Antónia enxerta estas realidades no seu discurso, ainda que pontual e brevemente. Mas parece importante sublinhar que o isolamento monástico do mundo não impedia a permeabilidade das coisas dos homens nas vidas para Deus.

⁵² Joaquim Veríssimo SERRÃO, "O período dos Filipes", (in *História de Portugal*, ed. cit., p. 574.).

⁵³ Frei Bernardo de BRITO, *Monarchia Lusitana*, composta por Frey Bernardo de Brito, cronista geral & religioso da ordem de S. Bernardo, professo no real Mosteiro de Alcobaça, Parte Primeira (...) Impressa no insigne mosteiro de Alcobaça, anno de 1597. O autor foi alvo de acérrimas críticas por parte de autores coevos, alegando a falta de veracidade de algumas informações contidas na obra, motivo que levou Frei Bernardino da SILVA a redigir a *Defensam da Monarchia Lusitana*, em defesa (como o nome indica) do seu amigo vilipendiado.

⁵⁴ Luiz Augusto Rebello da SILVA, *História de Portugal nos sécs. XVII e XVIII*, tomo IV, ed. cit., p. 117.

⁵⁵ A opção por separar as duas perspetivas de abordagem e contextualização da obra de Soror Antónia é meramente estratégica, porque a realidade histórica e a religiosa estavam então visceralmente imbricadas, mantendo uma constante relação de causa e efeito que as molda e define. Como aponta Diogo Ramada CURTO, "no concreto de cada análise, será possível descobrir as dificuldades em estabelecer fronteiras e dar unidade aos diversos exercícios de contextualização", (in "A Restauração de 1640: nomes e pessoas", *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0, 2003, p. 321.).

Há, entretanto, que recuar um pouco no tempo, para aclarar as circunstâncias que desembocaram na necessidade de resposta, por parte da Igreja Católica, ao afastamento e descrédito das populações em relação aos preceitos religiosos.

a) A espiritualidade quinhentista

Em finais de Quinhentos, a Europa é assolada por uma série de acontecimentos que determinaram uma viragem no modo de pensar o religioso. Segundo Jean Delumeau, a opção de tanta gente pela Reforma protestante deve-se a que "celle-ci fut d'abord une réponse religieuse à une grande angoisse collective"⁵⁶.

O temor e a angústia das populações sobreviventes a episódios trágicos, como a Guerra dos Cem Anos, a peste negra, a recorrente crise agrícola, a fome ou o Grande Cisma do Ocidente levaram os espíritos desorientados a procurar uma justificação para essas catástrofes, encontrando resposta numa ideia de castigo resultante dos pecados cometidos contra Deus: "seul le péché pouvait expliquer tant de malheurs"⁵⁷. A imagem de um Deus vingativo que repudia o pecado, que punia o homem pela sua má índole e conduta desviada, apregoada por sacerdotes e pregadores, provocava um agravamento do pessimismo na população. A superstição invadia o imaginário dos fiéis que receavam entidades sobrenaturais ou malévolas, como bruxas e diabos, e que levavam a população atemorizada a associar os acontecimentos terríficos à aproximação do fim do mundo. Face a esta conjuntura, facilmente se generaliza o sentimento de pânico perante a morte, representada nas várias formas artísticas: pintura, gravura, escultura, literatura - as *Arts Moriendi*.

A este ambiente de pessimismo, emoldurado pelas ideias de juízo final, inferno e morte, respondia um outro contrário, alicerçado na crença de um Deus feito homem e redentor, que veio expiar todos os pecados do mundo. A devoção a Maria, mãe e protetora dos homens, intensifica-se, tal como recrudesce o culto dos santos, ao ponto de se disputarem as suas relíquias, veneradas como proteções contra males maiores. A este propósito, sublinha Jean Delumeau que "jamais, du reste, le culte des saints ne fut aussi

⁵⁶ Jean DELUMEAU, *Naissance et affirmation de la Réforme*, Paris, Presses Universitaires de France, 1973, p. 50.

⁵⁷ Jean DELUMEAU, *Naissance et affirmation de la Réforme*, ed. cit., p. 51.

répandu qu'à la fin du XVe siècle et au début du XVIe"⁵⁸. Paralelamente, assiste-se à perpetuação das indulgências⁵⁹ mediante as quais a Igreja atenuava a pena a expiar. Numa fase inicial, a Igreja pretendia, através das mesmas, conduzir o cristão à prática das boas obras e estimular o desenvolvimento da sua vida espiritual. O Concílio de Trento sublinhou a natureza salutar desta prática que, no entanto, conheceu desvirtuamentos vários e especulações pouco virtuosas.

Contudo, nem estes expedientes criados pela Igreja para facilitar a relação do homem com Deus conseguiram apagar o forte receio da morte e do juízo final que mergulhava tantas vezes o cristão na angústia e no pessimismo escatológico.

A apreciação dos investigadores desta questão religiosa relativa a este período da história tem culpado a inércia da Igreja, que, numa altura em que os fiéis mais necessitavam de disciplina e sacramentos para garantir a salvação e a vida eterna, não soube atuar com uma resposta eficaz. No entender de Fortunato de Almeida, faltou à época "reforma enérgica, profunda, implacável"⁶⁰, que nunca chegou a acontecer, pois "não houve o cuidado de cimentar o edifício, que portanto não poderia resistir às cruezas da primeira tempestade"⁶¹.

É neste contexto que Delumeau insere o aparecimento da Reforma como solução para o afastamento dos cristãos da Igreja Católica, embora "não tanto, como se tem dito, porque sob o ponto de vista da moral e dos costumes a instituição estivesse decaída, o que, contudo, não deixava de ser verdade"⁶².

⁵⁸ Jean DELUMEAU, *Naissance et affirmation de la Réforme*, ed. cit., p. 56.

⁵⁹ Indulgências essas que foram várias vezes apontadas como a causa da Reforma, segundo Mafalda Ferin da CUNHA, *Reforma e Contra-Reforma*, ed. cit., p.13. Por seu lado, Henri-Jean MARTIN refere a propósito da importância da circulação dos editais na propagação, quase imediata, dos ideais reformistas que "quando Lutero decide lutar contra o tráfico das indulgências, o acto que marca o início dessa luta, mais do que os sermões cujas palavras voam, é o edital afixado, em 31 de Outubro de 1517, à porta da capela dos agostinhos de Vitemberga", (cf. Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *O Aparecimento do Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 374.).

⁶⁰ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, ed. cit., vol. II, cap. IV, p. 202.

⁶¹ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, ed. cit., vol. II, cap. IV, p. 202.

⁶² Mafalda Ferin CUNHA, *Reforma e Contra-Reforma*, ed. cit., p. 15.

b) Reforma e Contra Reforma: ecos em Portugal

O comportamento de muitos sacerdotes (pertencentes ao alto e baixo clero) e religiosos era desregrado⁶³. Concubinatos, luxúria, posse e ostentação de bens eram práticas comuns, altamente repudiadas pelos fiéis que se sentiam defraudados com estes comportamentos que comprometiam a credibilidade e santidade do espírito religioso.

Embora ao longo dos tempos os religiosos tenham sido alvo preferencial de críticas mais ou menos acesas, desferidas por inimigos das religiões, como refere José Adriano Freitas de Carvalho (citando Frei Pedro Calvo na *Defensam das Sagradas Religiões*)⁶⁴, na verdade, muitas dessas críticas ganharam especial consistência, por força dos maus exemplos do comportamento daqueles a quem era delegado o poder de orientar e aconselhar os fiéis à prática de ações em tudo desviadas das suas próprias condutas.

Por outro lado, em resultado do Grande Cisma do Ocidente, o poder civil passou a interferir com maior acutilância sobre o poder religioso. Com a Igreja dividida entre Avinhão e Roma, os religiosos seguiam os monarcas dos seus respetivos países na obediência a um ou a outro Papa. Vai-se instalando a ideia de que um leigo de vida santa poderia ser mais exemplar e sinal de Deus do que um mau eclesiástico.

Pelas razões evocadas, em princípios de Seiscentos, a vivência do sentimento religioso é marcada pela possibilidade que o homem do Renascimento assume de pensar por si mesmo o "ideal religioso", vendo relutantemente a presença da Igreja como mediadora eficaz entre Deus e o homem, sob o argumento de que "o primado da fé e a prática de boas obras chegavam para cada um alcançar a salvação"⁶⁵. Este questionar das formulações defendidas no seio da Igreja Católica, a instalação da dúvida face aos dogmas estipulados, a negligência dos religiosos no cumprimento das suas obrigações, o abandono progressivo dos crentes da Igreja, a falta de controlo e orientação religiosa, a

⁶³ José Sebastião da Silva DIAS revela, a este propósito: "Mosteiros havia que mais lembram casas de má nota que piedosos acistérios", (in *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, sécs. XVI a XVIII, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960, Tomo I, p. 48.).

⁶⁴ José Adriano Freitas de CARVALHO: "no tempo de S. Gregório Nazianzeno quando os monges eram os que *elle* pinta, pobres, sem casa, sem tenda, dormindo sobre a terra, no mundo mas sobre o mundo, carecendo de tudo (...) não deixaram de ser apregoados por ociosos perniciosos às repúblicas e dignos, como diz S. Jerónimo, de serem lançados e desterrados do mundo", in "O portuense Fr. Pedro Calvo, O. P. e a polémica sobre as Ordens religiosas nos começos do séc. XVII", *Separata da Revista de História*, vol. III, Centro de História da Universidade do Porto, 1982, pp. 8 - 9.

⁶⁵ Joaquim Veríssimo SERRÃO, in *História de Portugal*, vol. III, ed. cit., p. 335.

acumulação de cargos e benefícios propiciam o germinar dos ideários luterano e calvinista que à luta contra a "corrupção da lei de Cristo chamaram reforma"⁶⁶.

Através das novas ideias proclamadas, os opositores reformistas "procuraram restituir a mensagem de Cristo à sua pureza inicial"⁶⁷. A exegese dos textos sagrados exigida e concretizada por humanistas⁶⁸ e teólogos, denunciara desvios na interpretação da doutrina e prática cristãs. Contrariamente aos reformistas que propunham as línguas vulgares para a transmissão dos textos sagrados, a Igreja Católica tentou mantê-los em latim, precisamente com a intenção de evitar o acesso dos fiéis aos mesmos, receando interpretações livres e a heresia protestante. Afirma Frei Herculano Alves que "havia o receio de perder a densidade teológica de determinados termos latinos e de perturbar a mente dos cristãos. A mudança de língua ia exigir uma profunda mudança de mentalidade"⁶⁹.

A estes movimentos reformistas, disseminados por toda a Europa, que tinham por alvos principais o Papa e a hierarquia eclesiástica⁷⁰, a Igreja de Roma reage com uma Contra-Reforma, no sentido de pôr cobro às infundáveis guerras religiosas, mas, principalmente, numa tentativa de reiterar os valores e princípios assentes nas bases da Igreja, de forma a que estes ideais de quinze séculos de história religiosa fossem mantidos, fortalecidos e respeitados. Assim, a uma inegável consciencialização da necessidade de reforma da

⁶⁶ Crítica de Frei Pedro CALVO, in *Defensam das Sagradas Religiões*, apud, José Adriano Freitas de CARVALHO, "O portuense Fr. Pedro Calvo, O. P. e a polémica sobre as Ordens religiosas nos começos do séc. XVII", *Separata da Revista de História*, vol. III, Centro de História da Universidade do Porto, 1982, p. 12.

⁶⁷ Joaquim Veríssimo SERRÃO, *História de Portugal*, vol. III, ed. cit., p. 334.

⁶⁸ Graças ao seu trabalho de depuradores de textos antigos, Erasmo, Lorenzo Valla, Lefèvre d'Étaples contribuíram para uma nova abordagem das Sagradas Escrituras, embora esse não fosse o seu propósito. Denunciam a interpretação que a Igreja permitia que se fizesse da *Vulgata* e propõem o verdadeiro sentido das Escrituras presente nas suas traduções. No que respeita à proibição da tradução da Bíblia em línguas vulgares, leia-se Frei Herculano ALVES, *História da Bíblia em Portugal - II, A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, Fátima, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, 2007, pp. 230-339.

⁶⁹ Frei Herculano ALVES, *História da Bíblia em Portugal - II, A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, Fátima, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, 2007, p. 232.

⁷⁰ A corroborar estas afirmações, alega David Sampaio BARBOSA que na mira das críticas estavam "as instituições religiosas ou os agentes da religião: papado, bispos e clerezia em geral" (in "*Stimulus Pastorum: Proposta de renovação*", *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, *Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica Portuguesa, 2004, p. 40.). Henri-Jean MARTIN faz alusão a esta aversão contra a hierarquia eclesiástica ao referir a profusão dos textos a incendiar os espíritos do povo e a incitar à mudança: "os editais são, seguramente, o sinal mais visível da luta que se desenrola: encontrámo-los nas paredes, às portas das igrejas, às portas das cocheiras (...) atacando a missa ou insultando o papa", (in Lucien FEBVRE e Henri Jean-MARTIN, *O Aparecimento do Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 374.).

sociedade cristã, associou-se a urgência de restabelecer as antigas e primitivas regras da disciplina religiosa.

Em Portugal, D. João III (1502-1557) criou estratégias eficazes⁷¹, no sentido de impedir a contaminação da ideologia protestante, através da instituição do Tribunal do Santo Ofício, da censura de livros e da reforma da vida conventual, por meio da "renovação das Ordens religiosas existentes e a fundação de outras"⁷². Defende Amélia Polónia que "já em 1554 vimos D. João III a tentar ligar D. Henrique a essa cruzada reformadora, ao escrever ao seu embaixador em Roma recomendando que solicite ao Papa que incumba o seu irmão da visitação dos mosteiros e religiosos do reino, em ordem à sua necessária reforma"⁷³.

O monarca português assumiu um papel fundamental na concertação das relações entre as duas forças maiores da Igreja portuguesa, bispos e Inquisição, em nome da preservação da integridade religiosa do país, ao promover a mobilidade de elementos entre as duas instâncias e controlando todas as questões a elas atinentes. Sublinha José Pedro Paiva que "a forte intervenção do rei na constituição e implantação do Tribunal em Portugal e o controlo que exercia sobre o inquisidor-geral e os bispos podem ajudar a perceber a cooperação, já que ela é do próprio interesse do monarca"⁷⁴, na tentativa de demarcar o poder régio do Tribunal da Inquisição.

Graças à intervenção desta instituição (implantada em 1536), vigiavam-se zelosamente condutas sociais e religiosas, através do duplo controlo social e religioso. Práticas de bruxaria, bigamia, judaísmo, islamismo, luteranismo, etc. cometidas pela população em geral e até pelo clero e por religiosos eram acerrimamente punidas.⁷⁵ Todos os

⁷¹ Cf. José Pedro PAIVA, "Os Bispos e a Inquisição Portuguesa" (1536-1613) in *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, *Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica portuguesa, 2004.

⁷² Frei Herculano ALVES, *História da Bíblia em Portugal- II, A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, cap. III, "Contexto histórico, cultural e religioso da Bíblia de João Ferreira D'Almeida", ed. cit., pp. 171-172.

⁷³ Amélia POLÓNIA, "Espaços de Intervenção Religiosa do Cardeal Infante D. Henrique: Actuação Pastoral, Reforma Monástica e Inquisição", *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos, Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto, 2005.

⁷⁴ José Pedro PAIVA, "Os Bispos e a Inquisição Portuguesa" (1536-1613) in *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, ed. cit., pp. 73 - 74.

⁷⁵ De entre a documentação pesquisada sobre o Convento da Esperança de Vila Viçosa, deparámo-nos com um processo contra uma freira do mesmo convento, chamada Antónia de Jesus (não se trata da mesma freira citada por Soror Antónia Baptista, pois essa faleceu em 1605 e este processo data de

comportamentos são escrutinados "neste aprofundamento do controlo da Igreja nos domínios da moral e dos comportamentos sociais"⁷⁶.

Pretendia desta forma a Igreja evitar conflitos de fé que inflamavam toda a Europa. Assim, na sequência da implementação dos decretos de Trento, Portugal, Espanha, Itália e o sul da Alemanha conseguem escapar⁷⁷ à corrente dos ideais luteranos (à exceção de casos pontuais que aparecem relatados). Esse destacamento ficou a dever-se em grande parte ao sucesso do relacionamento entre poder episcopal e poder inquisitorial, que assumiram a ativação de mecanismos de controlo apertados em nome da preservação da integridade religiosa em Portugal. É neste sentido que José Pedro Paiva defende que, se a contaminação dos ideais reformistas tiveram uma expressão "relativamente marginal em Portugal, na Época Moderna (...), tal deve ligar-se à acção da Igreja portuguesa e muito especialmente aos mecanismos de vigilância que foram criados para preservar o reino"⁷⁸.

Um dos mecanismos de controlo que conferia à Igreja domínio sobre as consciências e que funcionava como "instrumento de disciplinamento particularmente eficaz"⁷⁹ era o sacramento da confissão⁸⁰, exercício por excelência introspetivo, que obrigava o indivíduo a questionar-se a si próprio, com vista à adoção de um ideal comportamental,

1667), em que a religiosa, após várias acusações de prática de judaísmo, juntamente com alguns familiares que "vierão adiser que não comião carne de porco por guarda da lei de Moisés", confessa as suas culpas num processo de abjuração em forma, revelando "eu Soror Antónia perante vós Senhores Inquisidores, juro (...), que de minha propia e livre vontade (...) aparto de mim toda a espécie de Heresia que for (...) especialmente estas em que cahi (...) e prometo, quanto em mim for de cumprir a penitencia que me he, for (...) imposta...", (Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora, processo nº 2648; maço 283, ANTT, p. 79.).

⁷⁶ Ivo Carneiro de SOUSA, *História de Portugal Moderno, economia e sociedade*, Universidade Aberta, 1996, p. 229.

⁷⁷ Sublinha Mafalda Ferin CUNHA que "em Portugal foram poucas as obras publicadas que se ocuparam da refutação das heresias de Lutero e de outros reformados, pois o luteranismo teve aqui escassa penetração", (in *Persuasão e Deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 293.).

⁷⁸ José Pedro PAIVA, "Os Bispos e a Inquisição Portuguesa" (1536-1613) in *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, ed. cit., p. 73.

⁷⁹ Federico PALOMO, "Estudio de la Historia religiosa de la Época Moderna", in *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, *Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica portuguesa, 2004, p. 252.

⁸⁰ Cf. Federico PALOMO, "Estudio de la Historia religiosa de la Época Moderna", in *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, *Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica portuguesa, 2004, p. 252. Veja-se ainda, a propósito do tema da confissão, estudo de Maria de Lurdes Correia FERNANDES "Do manual de confessores ao guia de penitentes: orientações e caminhadas da confissão no Portugal pós-Trento", *Via Spiritus*, 2, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

assente em critérios sociais e religiosos que as instituições eclesiásticas definiam. Assim sendo, este sacramento revestiu-se de uma importância capital, pois, através dele a Igreja tinha livre acesso à consciência dos fiéis. A autoridade do padre confessor⁸¹ "quien, a su vez, pasa a ser objeto de especial atención por parte de las autoridades diocesanas y de las órdenes religiosas"⁸², saiu deste modo reforçada.

c) O recrudescimento das Ordens religiosas: causas e consequências

No que respeita às Ordens religiosas, a estrutura da sociedade de Quinhentos e Seiscentos promoveu o incremento do número das suas casas⁸³. A lei do morgadio, que garantia a herança dos bens familiares ao filho primogénito, levou os filhos segundos a terem de encontrar uma alternativa para a sua condição. Para as mulheres (excluídas pela herança de património), a entrada no convento fazia-se com base na vocação própria ou na vontade dos pais⁸⁴. No caso dos homens, o ingresso nas instituições religiosas da sua preferência, com o intuito de receberem instrução e de se furtarem ao cumprimento do serviço militar, era uma solução. De sublinhar que, habitualmente, a estes elementos provenientes de famílias nobres estavam destinados os melhores cargos na hierarquia eclesiástica, pertencentes ao alto clero, beneficiando de rendimentos em dinheiro e bens de raiz. Aponta Ivo Carneiro de Sousa que "eclesiásticos e religiosos

⁸¹ Cf. Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 31.

⁸² Federico PALOMO, "Estudio de la Historia religiosa de la Época Moderna", in *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, *Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica portuguesa, 2004, p. 253. A propósito do tema da confissão como medida de controlo ver também Ivo Carneiro de SOUSA, *História de Portugal Moderno, economia e sociedade*, Universidade Aberta, 1996, p. 229.

⁸³ Embora não seja nosso objetivo fazer aqui o historial das Ordens religiosas na Época Moderna, urge clarificar a situação destas instituições à época, pois o estudo da história religiosa passa obviamente pelo papel assumido pelas Ordens. Sob esta perspetiva gostaríamos de esclarecer que o ideal de vida em congregação ou em comunidade - implicando cumprimento de uma *Regra* sustentada pela obediência a votos professados, bem como a partilha de todos os bens, materiais e espirituais - terá, segundo André VAUCHEZ, adquirido maior expressão ao longo do período medieval: "le ideale monastico ha esercitato su tutti gli spiriti del tempo, perfino sui più rozzi, un fascino senza precedenti, ed alcune tematiche spirituali care ai cenobiti sono state riprese ed ampliate da altri, chierici o laici, che le hanno poi condotte fino alle loro estreme conseguenze", (in André VAUCHEZ, *La Spiritualità dell'Occidente Medioevale*, Milão, Vita e Pensiero, 1993, p. 49.).

⁸⁴ Cf. Joaquim Veríssimo SERRÃO, *História de Portugal, Governo dos reis espanhóis (1580-1640)*, vols. III, Editorial Verbo, 2ª ed., 1980, p. 330. A entrada de uma filha num convento garantia o cobiçado prestígio social, libertando, por outro lado, a família do pagamento de um oneroso dote, no caso de o casamento ser a opção encontrada, pois o dote de entrada nos mosteiros era claramente inferior ao dote matrimonial.

surtem representados pela cultura social e política dominante a ocupar os estamentos superiores e mais elevados da sociedade portuguesa moderna"⁸⁵. Facilmente as famílias mais influentes penetravam na estratificação religiosa. "Uma estratégia familiar, um desengano, uma perda familiar, uma crise de negócios (...) eram muitas vezes suficientes para converter um secular em religioso (...). Encontramos, assim, uma constelação de situações que limita a unidade estamental, multiplicando os agrupamentos e segmentos sociais no interior do clero, definindo tantas vezes posições sociais diversas e antagónicas"⁸⁶, contrastando com a generalizada miséria e pobreza em que vivia grande parte do baixo clero⁸⁷. O mesmo autor ilustra claramente a situação do clero na sociedade portuguesa do Antigo Regime, recorrendo a um único adjetivo: *numeroso*. Multiplicaram-se conventos (muitas vezes, partindo da iniciativa de leigos), não tendo por base uma necessidade histórica ou devocional, mas obedecendo, por vezes, ao "capricho individual de quem procurava vida religiosa ou afastamento do mundo"⁸⁸.

Quanto à Ordem de S. Francisco, em 1517 separou-se em duas províncias, uma de claustrais (que contava com vinte e dois conventos de frades e nove de freiras, com sede em S. Francisco do Porto) e outra de observantes (vinte e sete conventos de frades e sete de freiras, em S. Francisco de Lisboa). Em 1532, criou-se a Província dos Algarves, com os conventos do sul do país. As casas de recoletos (franciscanos observantes que se propunham a uma estrita observância em recolhimento, daí advindo a designação de *recoletos*) unem-se em 1568.

Por volta de 1640, contavam-se em Portugal duzentas e sessenta e oito casas religiosas disseminadas por todo o país, à exceção do nordeste, na região da Estrela e sul do país, sendo as seis províncias pertencentes à Ordem de S. Francisco (de Portugal, da Piedade, do Algarve, de Santo António, da Arrábida e dos Terceiros) as que possuíam maior

⁸⁵ Ivo Carneiro de SOUSA, *História de Portugal Moderno, economia e sociedade*, Universidade Aberta, 1996, p. 230.

⁸⁶ Ivo Carneiro de SOUSA, *História de Portugal Moderno, economia e sociedade*, Universidade Aberta, 1996, pp. 230, 231.

⁸⁷ Ivo Carneiro de SOUSA, *História de Portugal Moderno, economia e sociedade*, Universidade Aberta, 1996, p. 232.

⁸⁸ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, ed. cit., vol. II, p. 202.

número de casas⁸⁹. Consta Fortunato de Almeida que "deste modo, o número de casas religiosas e de seus povoadores chegou a ponto de exagero bem extraordinário"⁹⁰.

Em 1666, Lisboa dispunha de "sessenta e quatro casas pertencentes à Ordem de S. Francisco; quarenta e sete de frades da Primeira Regra, doze de freiras de Santa Clara, três de frades Terceiros e duas de freiras também Terceiras"⁹¹.

Anos mais tarde, em 1739, revela o frade Apolinario da Conceição que só em relação às casas da "seráfica religião (...) se achão permanentes quinhentas e cinquenta Casas com as das Conquistas, e em todas treze mil trezentas e noventa e quatro pessoas Religiosas, além da immensidade que o não são, e nas mesmas vivem"⁹².

O principal problema levantado a um número tão extenso de casas religiosas prendia-se com a sua sustentação, que arrastava consigo outros fatores que em nada serviam os dignos propósitos da vida monástica⁹³, "firmando-se a subsistência de toda esta admirável Fabrica na soberana protecção, e esmolas de V. Magestade e de seus pios e Catholicos vassalos"⁹⁴.

Também era usual alguns religiosos serem dispensados dos seus votos para realizarem outras tarefas, como a pregação, que, na ausência de vocação do pregador, não surtia grandes efeitos na população. Poderia acontecer terem os conventos na sua administração *intrusos* sem vocação, que habitavam esses espaços e desempenhavam essas funções com base no mérito das relações e preferências de nobres influentes ou até do Papa e que se ocupavam mais dos rendimentos da instituição do que com a sua

⁸⁹ Cf. Joaquim Veríssimo SERRÃO, *História de Portugal, Governo dos reis espanhóis (1580-1640)*, vols. III e IV, Editorial Verbo, 2ª ed., 1980.

⁹⁰ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, ed. cit., vol. II, cap. IV - "Ordens monásticas", p. 129.

⁹¹ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, ed. cit., vol. II, cap. IV - "Ordens monásticas", p. 203.

⁹² Frei Apollinario da CONCEIÇÃO, *Claustro Franciscano erecto no dominio da coroa Portuguesa e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas (...)* Religioso Leigo Capucho da Provincia da Conceição em o Estado do Brasil, Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, "Dedicatoria".

⁹³ Há relatos de rivalidades entre Ordens referentes à posse de bens ou propriedades; após concessão do direito de padroado ao rei, a intervenção deste na escolha de elementos para o desempenho de certas funções nos mosteiros serve "para recompensar serviços, gratificar apaniguados e até alargar as rendas de pessoas da família real", (Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, ed. cit., vol. II, cap. IV - "Ordens monásticas", p. 205.).

⁹⁴ Refere-se ao rei D. João V, a quem Frei Apollinario da CONCEIÇÃO dedica a obra *Claustro Franciscano, (in Claustro Franciscano erecto no dominio da coroa Portuguesa e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas (...))*, ed. cit., "Dedicatoria".).

disciplina espiritual. "Resumindo, a má administração, a indisciplina e o abandono das tarefas espirituais caracterizavam as ordens religiosas"⁹⁵.

Os interesses particulares alimentados por benefícios apetecíveis, "o número excessivo de fundações, a falta de escrúpulo no recrutamento de religiosos"⁹⁶ são as razões primordiais que terão contribuído para a incúria vigente nos mosteiros portugueses. Os detratores da vida monástica erguiam as vozes contra as Ordens religiosas, criticando o seu afastamento dos princípios originais estabelecidos pelos seus fundadores, pois estas "estão oje tam longe de sua primeyra instituiçam, que posto nellas aja ainda algũs varões verdadeyramente religiosos e pios são, contudo, tão poucos que a mayor parte por viverem esquecidos da sua salvação e profissam se pode temer que se percam"⁹⁷.

A observância é posta em causa, pois entendia-se que os religiosos deveriam influenciar ativamente a vida dos fiéis, o que colidia com a vivência exclusiva em clausura, que, por natureza, inviabilizava o contacto direto com a população e, como tal, dificultava a tarefa de difusão da palavra de Cristo. Muitos conventos viveram internamente em crise desde o início do séc. XVI. Para tal estado contribuíram, não só comportamentos desviantes dos religiosos, relacionados com paternidades ilegítimas, mas também o desrespeito pela obediência e o cumprimento das cerimónias litúrgicas.

Com intenção de pôr cobro à situação vexatória e de relaxação em que se mantinham certas instituições religiosas, a Igreja, apoiada pela coroa, pôs em prática uma série de medidas, que visavam restituir à Igreja a confiança e a fé dos fiéis, sustentada nos pilares sólidos e verdadeiros da espiritualidade cristã.

Por força das medidas impostas por Trento, procedeu-se a uma larga reforma conventual, que passou pela eliminação das comendas, pela restrição das isenções, pela proibição aos monges da posse de bens próprios, pela regulação criteriosa na admissão de religiosos e pela imposição da clausura absoluta para os mosteiros femininos⁹⁸.

⁹⁵ Mafalda Ferin CUNHA, *Reforma e Contra-Reforma*, Quimera Edições, 2002, p. 17.

⁹⁶ Mafalda Ferin CUNHA, *Reforma e Contra-Reforma*, Quimera Edições, 2002, p. 156.

⁹⁷ José Adriano Freitas de CARVALHO, "O portuense Fr. Pedro Calvo, O. P. e a polémica sobre as Ordens religiosas nos começos do séc. XVII", ed. cit., p. 10.

⁹⁸ Cf. Pe. Miguel de OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, cap. III, "Ordens religiosas", Publicações Europa-América, Lisboa, 1994, pp. 156-167. No caso milanês apresentado por Danilo ZARDIN, a reforma conventual foi bastante profunda. No que toca à clausura feminina as medidas foram mais apertadas: evitavam-se contactos dúbios com o exterior, limitou-se a posse de bens, nomeadamente de dinheiro, insistia-se na realização da oração coral, controlava-se a correspondência e os espaços privados dentro

Qualquer desvio destas prerrogativas era sancionado sob pena de excomunhão *ipso facto incorrenda*.

As principais Ordens sofreram transformações mais ou menos profundas ao longo do séc. XVI. Estas reformas em muito "contribuíram para a afirmação de renovadas correntes de sentimento religioso e de espiritualidade."⁹⁹.

d) Questões sociais e políticas a fomentar a mudança do sentimento religioso português

Fatores de ordem política e social contribuíram igualmente para a alteração do panorama religioso, nomeadamente as fragilidades religiosas advindas de Guerra dos Trinta anos ou a influência de judeus estrangeiros que estabelecem relações com Portugal. Felipe IV (1604-1665) defendeu as garantias do reino no que concerne a religião e altera a lei que proibia as Ordens religiosas de obter bens de raiz, beneficiando várias igrejas com favor régio. Sob o desígnio real que ditava que não se perturbassem "religiões", tomaram-se algumas liberdades que originaram atos que foram ficando descontrolados. Sabe-se, por exemplo, que vários mosteiros não respeitavam a clausura das freiras, havendo vários registos de presença de homens em conventos femininos (os freiráticos)¹⁰⁰ ou de condutas impróprias por parte de religiosos, como o abandono de muitos párocos das suas igrejas, o que originava falta de vigilância e consequentes "descarrilamentos" na vida pastoral. Por estas razões, a coroa lembrou insistentemente aos bispos os imperativos tridentinos, que apontavam para a necessidade de controlarem

do convento, (cf. Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, pp. 43 - 44.).

⁹⁹ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "Da Reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade", in *História religiosa de Portugal*, ed. cit., p. 16.

¹⁰⁰ De entre as visitas que poderiam ser acolhidas no convento, os "freiráticos" eram igualmente contemplados, essas personalidades que tinham algum fascínio pelas religiosas ao ponto de encetarem relações amorosas com elas, como foi disso testemunha a relação do rei D. João V com Madre Paula, Perestrelo mãe dos seus três filhos: "la moda di intrattenere relazioni con una suora, e di frequentare i conventi femminili è stato un tema di ampia risonanza all'epoca", (Zulmira C. SANTOS, in "Immagini del velo religioso nella letteratura spirituale dell'Età Moderna in Portogallo", *Il velo in area mediterranea fra storia e simbolo - Tarde Medioevo-prima Età Moderna*, a cura di Maria Giuseppina MUZZARELLI, Maria Grazia Nico OTTAVIANI, Gabriella ZARRI, il Mulino, 2014, p. 265.). Sobre os freiráticos e a literatura que induziram no contexto português, ver Isabel MORUJÃO, "No deserto espiritual: entre a cruz e a grade", in *Revista Portuguesa de Psicanálise*, n.º 24, dez. de 2003, pp. 49-73.

os párocos no zeloso cumprimento das suas obrigações¹⁰¹ - tema desenvolvido por Frei Bartolomeu dos Mártires em *Stimulus Pastorum* (texto possivelmente redigido na derradeira etapa do Concílio, 1562-1563), em que o arcebispo aponta "um ideal de vida episcopal, onde o pastor se distinga pela proximidade e total dedicação aos fiéis para os quais fora constituído"¹⁰².

O sentimento religioso traduzia-se na guarda dos dias de santos, com realização de atos de culto nas igrejas da respetiva invocação ou em solenes procissões em que participava toda a gente da terra. "Cada povoação tinha o seu patrono, sendo estes alvo de culto mais intenso a partir do séc. XVII"¹⁰³. A pretexto de qualquer manifestação devocional realizavam-se procissões solenes para celebrar o acontecimento. Por essa razão, Philippe Loupès classifica a época tridentina como "une civilisation de la procession"¹⁰⁴.

O séc. XVII revela um estado de decadência geral no que concerne à questão religiosa, por força não só das novas ideias que agitavam a mente dos fiéis, mas também por força da degradação e evolução dos costumes e ideias que conduziria, mais tarde, à extinção das Ordens religiosas. Apesar das inúmeras tentativas de reformar os conventos ao longo de Seiscentos e de Setecentos a verdade é que essas intenções provenientes de ordens superiores eram sempre frustradas pela resistência ou desrespeito dos superiores hierárquicos. Salienta M. Baguenault Puchesse que, "reformés de temps à autre, ils retombaient bientôt; les richesses, l'oisiveté, les jouissances les corrompaient; et mêlés

¹⁰¹ David Sampaio BARBOSA, "Stimulus Pastorum: Proposta de renovação", *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, ed. cit., p. 41.

¹⁰² cf. David Sampaio BARBOSA, "Stimulus Pastorum: Proposta de renovação", *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, ed. cit., p. 41.

¹⁰³ Joaquim Veríssimo SERRÃO, *História de Portugal, Governo dos reis espanhóis (1580-1640)*, ed. cit., vol. IV, p. 395. Philippe LOUPÈS aponta, a este propósito, as manifestações devocionais em Bordeaux: "A côté des dévotions privées très réelles mais difficiles à saisir, prédominant, dans le cadre d'un catholicisme triomphaliste et extériorisé, les grandes manifestations rassemblant l'ensemble du peuple de Dieu: processions jalonnant le calendrier liturgique, exceptionnelles fêtes de canonisation, jubilés et pèlerinages", (in Philippe LOUPÈS, "Bordeaux, Métropole des Dévotions Tridentines", *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos, Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto, 2005, p. 13.).

¹⁰⁴ Philippe LOUPÈS, "Bordeaux, Métropole des Dévotions Tridentines", *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos, Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto, 2005, p. 14.

au peuple ou abrités dans les monastères, ils offraient trop fréquemment le scandale d'une vie grossière et dissolue"¹⁰⁵.

Embora algumas das medidas de Trento só tivessem efeitos concretos no decorrer do séc. XVII (apesar da diligência incansável do Cardeal D. Henrique na imediata distribuição dos documentos conciliares), elas tiveram implicações profundas que chegaram aos nossos tempos, "razão pela qual se dá maior atenção aos tempos pós-Trento"¹⁰⁶, em que a pastoral, a espiritualidade e as múltiplas práticas religiosas ou devocionais foram sendo mais articuladas, para que tivessem maior consistência e eficácia"¹⁰⁷ e, sobretudo, para que lhes correspondesse uma expressão mais vivida.

Foi neste contexto de profunda mutação no seio da Igreja Católica que foram lançadas as pedras basilares para a fundação do Convento da Esperança de Vila Viçosa.

¹⁰⁵ M. Bagnenault de PUCHESSE, *Histoire du Concile de Trente, Paris*, Librairie de Victor Palmé, 1870, p. 13.

¹⁰⁶ Soror Antónia Baptista faz algumas alusões ao Concílio de Trento e à aplicação das suas medidas no convento. Por exemplo, Soror Maria da Cruz, segunda reformadora, durante a sua prelazia no "anno de 1565 se recebeu o santo consilio tredentino e portugual tudo o que elle em as religiosas emmendou e instituiu fes ella guardar perfeitissimamente asuas subdittas" (*Livro da Fundação*, "livro primeiro"). Refere igualmente a profissão de algumas religiosas com idade inferior a dezasseis anos, condição possível só antes de Trento, como foi o caso de Soror Filipa da Conceição que, quando professou, ainda não tinha quinze anos.

¹⁰⁷ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "Da Reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade", in *História religiosa de Portugal*, direc. de Carlos Moreira AZEVEDO, vol. II, Círculo de Leitores, p. 15.

2. O Real Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa: das origens à extinção

O mosteiro é céu onde as religiosas são estrelas, as estrelas não aparecem sem o véu da noite e por isso fugiram à luz do dia¹⁰⁸.

a) A fundação dos mosteiros: patrocinadores e patrocínios

Fortunato de Almeida revela, em *História da Igreja*¹⁰⁹, que um dos mais antigos mosteiros da província da Lusitânia terá sido o de Lorvão, datando de cerca do séc. VI, onde se professou a mais antiga Regra, a beneditina.

Embora a origem de alguns mosteiros esteja ligada à demanda de alguns religiosos, por interesse da Ordem a que pertenciam ou da própria Igreja (como parece ter sido o caso do mosteiro de Lorvão, fundado por ordem do abade Lucêncio), acontecia com frequência, serem estas instituições provenientes de investimento leigo, partindo da iniciativa de um mecenas - nobres, alta burguesia¹¹⁰ ou o rei¹¹¹, o que acentua uma forte ligação do aparecimento destas instituições com a ação do poder real. Gabriella Zarri refere "la fondazione di chiese e monasteri è considerata gloria dei principe, così come le numerose monache costituiscono un vanto per la città verso cui esercitano una funzione di protezione"¹¹².

¹⁰⁸ Soror Maria do Céu, "O galo à porteira", in *Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os officios dos seus mosteiros*, Lisboa, 1738, edição de Miguel Rodrigues, Lisboa, 1738, p. 380.

¹⁰⁹ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, Nova Ed. Preparada e Dirigida por Damião Peres, Portucalense Editora, Porto, 1967.

¹¹⁰ O Convento da Esperança de Vila Viçosa tem origem na anexação de dois recolhimentos fundados por mulheres piedosas (Isabel Cheirinha e Leonor Pires), que evoluíram do ramo terciário para se agregarem ao segundo ramo da Ordem de S. Francisco, com a posterior consolidação da duquesa de Bragança, D. Isabel de Lencastre, como veremos de seguida.

¹¹¹ As fundações de mosteiros estiveram sempre dependentes (desde as primeiras construções no séc. VI em Espanha) de vontades de reis, bispos, grandes senhores ou outras pessoas que possuíam bens para o fazer, através de doações particulares, como acima referimos (cf. Fortunato de ALMEIDA, in *História de Portugal*, tomo II, ed. cit., p. 122; Fortunato de ALMEIDA, in *História da Igreja em Portugal*, tomo I, ed. cit., p. 100.).

¹¹² Gabriella ZARRI, *Recinti, Donne, clausura e matrimonio nella prima età moderna*, Il Mulino, 2000, p. 64.

O consentimento régio, após a aprovação da Santa Sé¹¹³, era fundamental para a criação de mosteiros e conventos. Através de Beneplácito Régio, o rei podia edificar novos conventos "mudar o sítio dos já existentes ou ainda suprimi-los, uni-los ou incorporá-los"¹¹⁴. Tal como era necessário o seu aval, quando a Cúria pontifícia, através de Breve, arbitrava sobre a supressão, junção ou incorporação de comunidades religiosas¹¹⁵.

No caso português, a profícua ação da primeira dinastia, propulsionadores de inúmeras fundações e refundações de mosteiros, ilustra sobejamente o protecionismo real a estas instituições. Para além de fundarem de raiz novas casas religiosas, também contribuíram para a sua manutenção, viabilizando apoios através de doações, isenções e privilégios. A dotação inicial dos fundadores era preponderante para a constituição do património das comunidades religiosas, fortalecida com posteriores doações e aquisições.

Veja-se o exemplo de D. Afonso Henriques e os apoios às fundações dos mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, de S. Vicente de Fora, em Lisboa e até o de Alcobaça, de monges cistercienses¹¹⁶.

Na base destas fundações subjazem razões de ordem política mas também religiosa¹¹⁷. Retomando o caso da primeira dinastia, o apoio da Igreja a uma monarquia embrionária e periclitante, face a um vizinho ávido de a reconquistar, tornava-se imperiosa. Para além destes fatores, entravam igualmente em jogo razões de ordem pessoal, como a

¹¹³ Embora no que toca à fundação das Ordens religiosas só a Santa Sé se podia pronunciar e autorizar, (cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, p. 63.).

¹¹⁴ Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, ed. cit., p. 63.

¹¹⁵ Antónia Fialho CONDE cita um episódio que ilustra claramente o poder dual que liga estas duas instâncias: "um exemplo flagrante foi o da concessão do Beneplácito Régio ao Breve de 23 de Agosto de 1756, de Bento XIV, que determinava a supressão de conventos de freiras em Portugal que não pudessem assegurar a sua subsistência (por falta de rendas, situação de mau estado das construções ou ainda grandes endividamentos)", (in *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, ed. cit., p. 63.).

¹¹⁶ Cf. Ana Maria S. A. RODRIGUES, "Espiritualidade e Patrocínio Religioso na Coroa Portuguesa no Século XV: Reis, Rainhas e Infantes", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 203.

¹¹⁷ A propósito dos interesses que se pretendem colher nestas iniciativas fundacionais ou de mecenato, por parte das elites, sublinha Mercè GRAS CASANOVAS que também as instituições saem valorizadas: "La complicitat de les autoritats municipals i l'aquiescència episcopal a les noves fundacions eren requisits indispensables per a que pogués prosperar la implantació d'una nova comunitat", (Mercè GRAS CASANOVAS, in "Patronage Femíni i Fundació de Convents. El Convent de la Immaculada Concepció de Carmelitas Descalces de Barcelona (1589)", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 252.).

necessidade de proteção divina e o desejo da salvação eterna¹¹⁸. Poderemos ainda evocar razões de ordem social, se considerarmos o prestígio e ostentação de poder de que se revestia a aproximação ao sagrado, bem como a fama póstuma e reconhecimento para a posteridade do fundador benemérito. Assim, em matéria de benefícios, ambas as entidades saíam a ganhar, pois beneficiavam, por um lado, os nobres e membros da realeza reforçando o seu prestígio e salvaguardando o seu futuro *post mortem* e, por outro, beneficiavam as comunidades religiosas, com a estabilidade económica que tais apoios garantiam.

As mulheres ocuparam sempre um papel de destaque nas fundações dos conventos¹¹⁹, como apoiantes das ações dos maridos ou por iniciativa própria¹²⁰. De entre os vários exemplos que poderiam ilustrar este facto, apontemos as três filhas de D. Sancho I, D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda, que fizeram grandes investimentos nos diferentes cenóbios de que se ocuparam, com intenção de fazer deles as suas últimas moradas. Facto curioso, é que apesar de terem vivido algum tempo das suas vidas nesses mosteiros, nenhuma das filhas de D. Sancho I chegou a professar, o que não inviabilizou as respetivas beatificações.

¹¹⁸ Ana Maria S. A. RODRIGUES, "Espiritualidade e Patrocínio Religioso na Coroa Portuguesa no Século XV: Reis, Rainhas e Infantes", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 203. Defende Mercè GRAS CASANOVAS que em razão destes apoios, muitos patrocinadores se sentiam no direito de fazer exigências por vezes despóticas ou caprichosas. O facto de pertencerem a um estamento privilegiado, conferia a algumas freiras benefícios, inacessíveis à maioria dos mortais. Serviam ainda os muros do convento como salvaguarda de uma série de questões familiares respeitantes a algumas dessas freiras, "en els recintes conventuals trobem una àmplia gamma de situacions familiars de les religioses: (...) dones malmalmarides i maltractades, separades i divorciades; vídues sense fills que aconseguen un estatus social i un suport i assistència quasi familiar en la seva vellesa", ("Patronage Feminí i Fundació de Convents. El Convent de la Immaculada Concepció de Carmelitas Descalces de Barcelona (1589)", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 263.).

¹¹⁹ Aspeto transversal a todas, ou quase todas, as fundações de mosteiros femininos é partirem da iniciativa de uma mulher ou de um grupo de mulheres, que põe em marcha inúmeras diligências, para concretizar as suas aspirações de erguerem um cenóbio, tal como aconteceu com o Convento da Esperança; solicitam autorização papal para dotar o mosteiro de bens que garantam a sua subsistência, compram e vendem propriedades, chegam a instalar nas suas próprias terras as fundações iniciais destas estruturas, ex. D. Chamôa Gomes que fundou em 1256 o segundo convento de Clarissas em Portugal, em Entre os Rios, nas suas propriedades.

¹²⁰ Maria Zina Gonçalves de ABREU refere que em Inglaterra, à semelhança do caso português, foram as mulheres de "elevado estatuto social as principais mecenas da fundação de conventos e mosteiros medievais, para o que dispuseram das suas próprias terras e de riquezas de sua propriedade, alguns dos quais elas próprias administraram, como abadessas", (in *O sagrado feminino: da Pré-História à Idade Média*, Lisboa, Edições Colibri, 2007.).

No entanto, os apoios régios às fundações conhecem períodos de acalmia, nomeadamente em finais do reinado de D. Dinis, "consolidada a monarquia, (...) nota-se uma sensível diminuição das fundações religiosas de iniciativa régia"¹²¹.

Na Época Moderna, um novo revés alimenta as vontades régias para lançar novos alicerces fundacionais de casas religiosas. Só em Vila Viçosa coexistiram sete casas monásticas (em representação das Ordens de Santo Agostinho, de S. Paulo Eremita, de S. Francisco de Assis, da Província dos Algarves e dos Capuchos da Piedade e da Companhia de Jesus), que direta ou indiretamente receberam apoios da casa ducal de Bragança.

O Convento da Esperança de Vila Viçosa tem por padroeira a figura de D. Isabel de Lencastre, da casa real de Bragança, que à semelhança de outras figuras femininas da realeza, para além de estar ligada às origens da fundação desta casa, assegurou a sua subsistência, pela doação de muitos bens e rendimentos para sustento das freiras¹²², deixando escrita a sua intenção de ser sepultada no mesmo mosteiro, como de facto aconteceu (Fig. A). A intenção de ficar para sempre ligada ao convento que viu nascer era, segundo Mercè Gras Casanova, "un símbol de relació social. L'aristocràcia disposava minuciosament en el testament ser enterrada en una concreta capella d'un determinat monestir"¹²³. Assim aconteceu com D. Isabel de Lencastre¹²⁴.

Em suma, a fundação de conventos assume contornos que desencadeiam "interesses e relações clientelares assentes em conjunturas sócio-políticas que nos permitem perceber o alcance e os objectivos do que realmente está em jogo"¹²⁵.

¹²¹ Ana Maria RODRIGUES, "Espiritualidade e Patrocínio Religioso na Coroa Portuguesa no Século XV: Reis, Rainhas e Infantes", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 205.

¹²² De entre os bens legados pela duquesa ao convento constam seis mil cruzados e a herdade da Aboboreira, assim como algumas relíquias: o busto de Santa Cristina, dois ornamentos completos para o culto divino, "de setim branco e de tela de ouro, cálix, de quatro marcas, um cofre-depósito do S. Sacramento, forrado de tela dourada e uma arquinha para hóstias, tudo de prata trabalhada," (cf. Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, pp. 134-135.).

¹²³ Mercè GRAS CASANOVA, "Patronage Feminí i Fundació de Convents. El Convent de la Immaculada Concepció de Carmelitas Descalces de Barcelona (1589)", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 263.

¹²⁴ D. Isabel de Lencastre "viu nascer" o Convento da Esperança mas já não assistiu à sua conclusão porque faleceu em Lisboa, pouco depois de iniciadas as obras.

¹²⁵ Maria Filomena ANDRADE, "Fundadoras e Patronas dos Mosteiros Mendicantes Femininos em Portugal nos Séculos XIII e XIV: Práticas e Modelos", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (s. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, pp. 80-81.

b) As origens e a fundação do Real Convento de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa¹²⁶

As informações que nos chegam sobre as origens e fundação do Convento da Esperança de Vila Viçosa advêm fundamentalmente da obra de Soror Antónia Baptista (às quais a autora acedeu através de alguma documentação escrita¹²⁷, ou por via de transmissão oral, como a própria vai apontando ao longo da sua obra)¹²⁸, mas aparecem igualmente descritas, com alguma minúcia, nos cronistas dos sécs. XVII e XVIII - Frei Jerónimo de Belém na *Chronica Seráfica*, onde o padre franciscano discorre sobre o Convento da Esperança no XIX livro, ao longo dos 56 capítulos; Frei Fernando da Soledade, no breve capítulo de três páginas da *História Seráfica* e ainda Diogo Barbosa Machado que lhe dedica duas páginas da *Bibliotheca Lusitana*¹²⁹.

Graças ao acervo de que dispomos - grande parte do qual consiste em documentação notarial, cujo conteúdo incide sobre escrituras de compras de casas, aforamentos, escrituras de dote, profissões, compras, partilhas, sentenças, obrigações, demandas, testamentos, traslados de bulas, doações, vendas - sabemos hoje que o Convento de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa foi fundado em 1555, após a junção, definitiva, de dois anteriores recolhimentos de Terceiras¹³⁰ - o de S. António e o da Esperança.

¹²⁶ Neste relato sobre as origens do Convento seguimos, essencialmente, a crónica de Frei Jerónimo de Belém, por acharmos que os comentários que o cronista vai tecendo sobre os diferentes momentos da história da fundação do convento, complementam alguma informação que nos é dada, em primeira mão, pela autora. Informação essa que exploraremos no ponto sete deste trabalho, dedicado à análise do texto da Fundação do Convento. Pelo que haverá alguma repetição nos assuntos afluídos, mas que permitem ter a visão dupla (do cronista e da autora do texto) sobre a fundação do convento.

¹²⁷ Alguma dessa documentação notarial existente foi por nós analisada na Biblioteca Pública de Évora, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional de Portugal e no Arquivo da Diocese de Évora.

¹²⁸ Nomeadamente no "argumento" do "livro tersseiro", no qual Soror Antónia BAPTISTA se propõe relatar a vida e milagres da Madre Soror Maria das Chagas (em vida e pós morte), sublinhando que se tratam de factos reais vivenciados por ela própria ou contados por outros sob juramento, como repete amiúde, "escrevo não so pello que vi e exprimêtei, mas o que cõtão e jurarão em hũa inquirissão de suas vertudes todas as que a conhecerão", (*Livro da Fundação, "livro tersseiro"*, fl. I v.).

¹²⁹ Há uma breve referência ao Convento da Esperança de Vila Viçosa na obra de Frei Apollinário da CONCEIÇÃO, *Claustro Franciscano erecto no dominio da coroa Portugueza e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas (...)* Religioso Leigo Capucho da Provincia da Conceição em o Estado do Brasil, Lisboa Occidental: na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, MDCCXL, p. 143.

¹³⁰ A Ordem Terceira é instituída no séc. XIII (em 1289 por Nicolau IV, confirmada em 1308 por Clemente V na bula *Tenorem*), como forma de albergar os inúmeros postulantes à Ordem de S. Francisco, "uma espécie de filiação da ordem, com uma regra especial para se viver santamente no mundo. Príncipes e vassallos, nobres e titulares, todos aqueles que não podiam abraçar a vida religiosa num convento,

O primeiro foi fundado em 1516, junto a uma capela antiga com o nome do santo, por Leonor Pires, "mulher de aprovada virtude"¹³¹, que juntou a si outras beatas Terceiras (de entre as quais Joana da Cruz, Sebastiana Dias e Margarida da Conceição), para viverem em comunhão com Deus e "fazião a este Senhor numerosos obséquios, assim no aproveitamento de suas almas, como na exemplaridade de suas vidas"¹³². Por morte da fundadora em 1522, o Provincial dos Padres Claustrais, Frei Domingos Mestre, elege nova Madre do Convento, a irmã Esperança de Cristo, que se encarrega de preservar o local e conservá-lo na Ordem Terceira de S. Francisco.

O outro recolhimento, da Esperança, localizado junto às muralhas da vila, é impulsionado por Isabel Cheirinha¹³³ que deixa, por sua morte, as casas onde residia e o Oratório, a duas mulheres Terceiras ("as martellas de extremos"¹³⁴) chamadas Isabel Madeira e Isabel Rodrigues, para que estas e outras que se lhes juntassem, vivessem para servir a Deus "livres e desembaraçadas das perturbações do mundo"¹³⁵. Durante anos viveram na profissão da Terceira Ordem.

Desta forma coexistiram independentes e autónomos os dois conventos, em condições muito semelhantes, tanto na fragilidade e exiguidade dos espaços físicos, como "pela

associaram-se ao novo instituto", (Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, tomo I, ed. cit., pág. 127.); foi uma Ordem que beneficiou de grande prestígio, pois nela se filiaram muitos membros da nobreza e realeza, (vide Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, tomo I, ed. cit., p. 334.). Viviam em comunidade ou mantinham-se seculares, sendo igualmente considerados eclesiásticos, gozando dos benefícios espirituais e sendo isentados da jurisdição de outros seculares, (in Frei Fernando da SOLEDADE, *História seráfica chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*, tomo IV, na Officina de Manoel e Joseph Lopes Ferreyra, MDCCIX, cap. XXIV, tomo I, pág. 248.).

¹³¹ Frei Fernando da SOLEDADE, *História Seráfica*, ed. cit., tomo IV, p. 92.

¹³² Frei Fernando da SOLEDADE, *História Seráfica*, ed. cit., tomo IV, p. 92.

¹³³ "Dona de bom procedimento e de muita virtude, das mais nobres famílias desta vila, a qual ficando veuva de Thomé Rey, de igual nobreza e sem filhos, refletindo na brevidade da vida e inconstâncias da fortuna e que fóra de Deos tudo he nada, nas suas casas, em que vivia na Rua da Cadea, procurou logo melhorar de vida, na observância da Terceira Ordem", (Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica seraphica da santa provincia dos Algarves da Regular Observância do nosso seráfico P.e S. Francisco* (...), pelo padre Frei Jeronymo de Belem, Lisboa, na oficina de Ignacio Rodrigues, anno de MDCCL, p. 127). D. Isabel Cheirinha deixa em testamento (após a sua morte em 1532) as suas casas, o Oratório e os trinta alqueires de trigo (doados por seu cunhado Diogo Rey) a duas irmãs Terceiras "com a condição de que assim elas como as que lhe sucedessem na casa fossem obrigadas a mandar dizer em cada hum ano dez missas, assim como as religiosas de Santa Cruz, a quem deixava a outra parte de sua fazenda", *ibid*, p. 128.

¹³⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 3 v.

¹³⁵ Frei Fernando da SOLEDADE, *História Seráfica*, ed. cit., p. 92. Soror Antónia Baptista refere-se a estas mulheres que estiveram ligadas ao Convento da Esperança desde o seu início, "as martellas de extremos," ou seja as mantelatas (franciscanas terceiras) de Estremoz, (cf. *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 3v.).

discomodidade da pobreza"¹³⁶, particularidades essas que vaticinavam uma curta existência a ambos os espaços.

A duquesa de Bragança, D. Isabel de Lencastre, assume a seu cargo a preservação do Convento da Esperança (que batiza com o mesmo nome), pois com a intenção de obter "da Magestade Divina certo negócio"¹³⁷ promete fundar um convento da Ordem de Santa Clara. Em agradecimento pela graça obtida "cuidou logo de pôr em execução os impulsos de sua caridade (...) pôs os olhos no limitado da fábrica que, tendo já o título de Mosteiro, não passava de humas casas, com seu Oratório e fazendo compra de outras (...) deu princípio à nova fábrica do Mosteiro"¹³⁸. Concluídos os planos na vertente material, "cuidou logo a duquesa no espiritual nele"¹³⁹. Para tal, obrigou a que as oito freiras professas da Terceira Ordem professassem a segunda Regra de Santa Clara na obediência dos Claustrais (ou conventuais), passando depois para a Observância¹⁴⁰. A fim de dar seguimento à nova instituição, solicita ao Provincial dos Padres Claustrais uma nova Reformadora que de imediato surge oriunda do Mosteiro de Elvas. Madre Soror Catarina Botelha, que adota posteriormente o apelido de Madre de Deus, no exercício das suas funções, impõe às religiosas a Segunda Regra de Santa Clara, facto que não terá agradado a todas, principalmente, às que se mostravam avessas à mudança, optando por continuarem a professar a Primeira Regra e o seu modo de vida¹⁴¹.

¹³⁶ Frei Fernando da SOLEDADE, *História Seráfica*, ed. cit. p. 92.

¹³⁷ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., p. 129.

¹³⁸ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., p. 129.

¹³⁹ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., p. 129.

¹⁴⁰ No séc. XIV a família franciscana divide-se em duas comunidades: claustrais e observantes, cuja convivência nem sempre terá sido amigável, sendo em 1517 definitiva a sua separação por ordenação do Papa Leão X. Os conventos da Ordem de Santa Clara foram objeto da mesma distinção "algumas freiras seguiam a regra austera dada por S. Francisco, outras aproveitavam as mitigações concedidas por Urbano IV; daí a dupla denominação de *clarissas* ou da primeira regra, e *urbanistas* ou da segunda", (Pe. Miguel de OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, ed. revista e actualizada, Publicações Europa-América, 1994, p. 159.).

¹⁴¹ "Pouco satisfeitas ficarão algumas com a mudança de governo e de profissão, principalmente a Madre Soror Isabel de Jesus, Abadessa, e suas irmãs Soror Grácia do Espírito Santo e Soror Joana da Cruz; a primeira por ver no seu lugar outra prelada e as duas por fazerem partes a sua irmã", (Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., p. 130.). Diz Soror Antónia: "foi a mor causa desta repugnãssia parecerlhes que a observansia prohibia as religiosas gosar rendas e bês ã comũ como emparricular e que como os frades as avião de renũpssiar cõ a claustra, o que não quizerão nunca entender, nẽ conhecer o votto da pobresa", (in *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 15 r.), continuando a criticar os seus comportamentos, como à frente se verá.

A nova Reformadora termina com alguns excessos e desvios por parte das religiosas, coartando algumas liberdades claustrais¹⁴² "porque, com tão poucos anos de existência, era notada a vagueação das freiras e a frequência de pessoas seculares na clausura"¹⁴³, lembrando-lhes as virtudes e bons exemplos da Observância, tão ao gosto da devota duquesa.

O silêncio, "a chave da alma"¹⁴⁴, imposto como regra de ouro para a vida em comunidade, escrupulosamente mantido em absoluto respeito e rigor, levará um curioso mestre de obras, que se encontrava no interior do claustro, a revelar que "aquelas mulheres pareçam anjos, pois se entendião por conceitos, sem necessitarem de vozes"¹⁴⁵. Nos mesmos moldes cumpriam o voto de pobreza (individual e coletiva)¹⁴⁶, comum a todas as Ordens religiosas, tornando todos os bens comuns e repartindo entre todas o que lhes era oferecido.

No entanto, as condições físicas do convento ainda não eram as desejáveis, pois a falta de água (suprida através do exterior) e as proximidades do castelo expunham as freiras à curiosidade alheia, limitando, desta forma, a vida em recolhimento, em perfeita clausura. A mudança de local impõe-se como necessidade absoluta para quem pretende

¹⁴² Segundo Frei Jerónimo de Belém, a contenda terá terminado com a saída das três irmãs *desobedientes* na observância, *obedientes* na claustra, para uma outra casa.

¹⁴³ Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., p. 130.

¹⁴⁴ *Constituições geraes pera todas as freiras e religiosas sogeitas à obediência da Ordem de N. P. S. Francisco, nesta Familia Cismontana*. De novo recopiladas das antigas e acrescentadas com acordo, consentimento e approvação do Capitulo Geral, celebrado em Roma a 11 de Junho de 1639, Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, Anno 1693. Frey João Merinero, p. 85. A guarda do silêncio, era obrigatória para todas as religiosas, funcionava como parte fundamental da vocação contemplativa. Cleonice Berardinelli alude à importância do silêncio, sinal de recato e discrição da mulher, ao citar Gonçalves Fernandes Trancoso, autor de que trata no seu estudo, que se refere à importância da guarda do silêncio da seguinte forma: "nas mulheres, uma das qualidades básicas é o saber calar, passando despercebidas. As boas mestras de moças lhes ensinam que, ao andar pela rua, devem procurar alfinetes no chão; e isso fazem para que elas não falem, nem alcem os olhos do chão, quando forem pela rua, e se ensinam a não tomar brio de ver e ser vistas (...) o que a mim me parece muito bem", (Cleonice BERARDINELLI, "Um best-seller do séc. XVI", Gonçalo Fernandes Trancoso, in *Histórias de Proveito e Exemplo, 1575, Estudos de Literatura Portuguesa*, temas portugueses, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 79, *apud* Gonçalo Fernandes TRANCOSO, in *Histórias de Proveito e Exemplo, 1575*).

¹⁴⁵ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., p. 139; Soror Antónia relata o episódio de forma ligeiramente diferente. Atendendo ao silêncio e serenidade da comunidade presenciados pelo mordomo secular, este "foi pella vila disendo senhores fui ao çeo vi anjos ã carne humana e vi hũa serenidade e quietassão que so nelle deve aver, vi gente viva, que parece morta", (in *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 25 r.).

¹⁴⁶ A obrigação ao voto de pobreza coletiva foi acrescentada pelos franciscanos; *vide* Bernardo Vasconcelos e SOUSA, *Ordens Religiosas em Portugal, das Origens a Trento, Guia Histórico*, Livros Horizonte, 2005, pp. 251-259.

romper com o mundo secular. É neste contexto que surge a oportunidade de se mudarem para outro convento que oferecesse melhores condições às religiosas. A solução encontrada foi o convento de Santo António, onde viviam três religiosas Terceiras - Soror Esperança de Cristo, a Abadessa, Soror Isabel da Visitação e Soror Maria do Rosário - a quem foi proposto se juntassem as irmãs da Esperança, para que, todas juntas na mesma casa, pudessem beneficiar da partilha das rendas de ambas e, deste modo, "viver decentemente e com melhor acomodação para a vida e exercícios religiosos"¹⁴⁷. Após decidirem aceitar submeter-se às novas regras que a Observância impunha (abandonando a direção dos Padres Claustrais), as recém chegadas, juntamente com as novas companheiras¹⁴⁸, intentam, junto do Papa Júlio III, uma primeira iniciativa no sentido de formalizar a união dos dois mosteiros. Apesar da sua anuência a 10 de Fevereiro de 1552 e a despeito de uma provisão concedida por D. João III para a venda de casas contíguas ao mosteiro, ainda não estavam reunidas todas as condições para a mudança definitiva.

Há notícia de uma mulher nobre de Vila Viçosa, Isabel Fuzeira, que após a morte de seu marido, com apenas trinta anos, desenganada com a vida secular, decide procurar refúgio na vida espiritual, começando por dar início à edificação de um mosteiro para acolhimento de freiras da Ordem da Conceição. Graças aos bens de que dispunha, comprou várias casas a Gonçalo Vaz Pinto, fidalgo da Casa real de Bragança, pelo valor de trezentos mil reis. O sumptuoso edifício começou a ser construído em 1550, mas Isabel Fuzeira não viveu o suficiente para o ver concluído. Esta oportunidade não é descurada pela duquesa que vê na conclusão desta obra a possibilidade de dar, finalmente, morada condigna às suas freiras, "parecendo-lhe o sítio proporcionado a seus desígnios, pelo grande empenho que tinha na fábrica de hum magnífico edifício,

¹⁴⁷ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., p. 131.

¹⁴⁸ Há um enfoque diferenciado, no que respeita a atribuição da autoria das diligências encetadas em prol da união dos dois conventos: Frei Jerónimo de BELÉM refere sempre o papel ativo das religiosas neste processo ("as religiosas (...) juntas com as mais, cuidarão logo em Breve para a união dos dous mosteiros, o qual alcançarão de Júlio III a 10 de Fevereiro de 1552", *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., p. 132; "impetrarão as religiosas já unidas, segundo Breve para a sua última mudança e maior estabilidade, o qual lhe concedeo o Cardeal Rainúncio por autoridade de Júlio III", p. 134), enquanto Frei Fernando da SOLEDADE atribui a autoria das referidas iniciativas aos prelados: "os prelados (...) trataram de os incorporar em hum, que de novo se erigisse em lugar diferente. Impetrarão para este efeito faculdade Apostólica, a qual concedeo o Cardeal Rainúncio por comissão do Pontífice Júlio III, no ano de 1555. Nele se continhão as cláusulas seguintes: que se unissem os dous mosteiros em diverso sítio, porquanto o de Santo António era muito apertado e não se podia exceder sem a ruína de algumas casas e escândalo de seus moradores e o da Esperança que ficava contiguo ao muro da vila, podia ser devassado dele", (*História Seráfica*, ed. cit., p. 93.).

fez compra de tudo, com huma horta anexa e foi procurando logo a satisfação do seu voto e a estabilidade das suas freiras, que em Santo António se achavão mal acomodadas"¹⁴⁹.

Por meio de um segundo Breve concedido pelo Cardeal Rainúncio (que Soror Antónia transcreve integralmente traduzindo-o do latim para português), com autorização de Júlio III, efetua-se a união definitiva dos dois espaços em lugar conveniente, fora dos muros da Vila - "em quanto fosse necessário, todos os bens de hum e outro convento se unissem, anexassem e incorporassem e deles se fizesse hum património que pelo tempo futuro se não pudesse separar, nem alienar e se fizesse força nas vontades de Isabel Cheirinha e outras pessoas quanto a isto, como adiante se contém claramente nas letras Apostólicas"¹⁵⁰.

Mantendo o título de Nossa Senhor da Esperança (como já referimos), o convento tinha por padroeiros os duques de Bragança - D. Teodósio I e sua esposa D. Isabel de Lencastre¹⁵¹ - tendo a duquesa, a suas expensas, terminado os edifícios e deixado "alguns rendimentos com os quais aliviou a pobreza das religiosas e por argumento da muita devoção que lhes tinha, quis ficar perpetuamente com elas, mandando que sepultassem seu corpo no Coro de baixo"¹⁵², onde se encontra ladeada pelo túmulo da sua sogra, a duquesa D. Leonor de Gusmão. Sobre as pedras tumulares podemos ler:

¹⁴⁹ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit. p. 133.

¹⁵⁰ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit. p. 135.

¹⁵¹ Como referimos anteriormente, o apoio e protetorado a estas fundações monásticas cumpriam-se em função de objetivos materiais e espirituais. A vertente material sobressai como forma de exercício do poder político pelos nobres. Numa dimensão espiritual, estes feitos concediam à família o direito ao domínio sobre aquela área regional em concreto. A ligação da Casa de Bragança aos conventos que fundou em Vila Viçosa - o Mosteiro das Chagas (a cargo do Duque D. Jaime) e o da Esperança (a cargo de D. Isabel de Lencastre e do marido D. Teodósio I) - ilustram essas intenções políticas e espirituais. As religiosas desses conventos ficam obrigadas a cumprir vários desígnios da família, com serviços piedosos como a celebração de missas em sufrágio das almas dos fundadores, entre outras imposições. Desta forma, por via do patronato a mosteiros, o rei recompensava serviços à nobreza, autorizando a concessão de vagas nesses espaços para as donzelas ou aumentar as suas rendas, "a Coroa, se fomentava a prática cristã, também se servia dela como instrumento numa rede de poderes clientelares", (cf. Maria Margarida CAEIRO, *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006, pp. 141-143.).

¹⁵² Frei Fernando da SOLEDADE, *História Seráfica*, ed. cit., tomo IV, p. 94. Tal vontade exigiu a anuência de superiores hierárquicos presente no documento redigido e assinado por Dom Joham de Monte Policiano, arcebispo sipontino, Nuncio Apostólico "nestes reinos e senhorios de Portugal", com autoridade que possui, concede um lugar para que o corpo da Duquesa de Bragança seja enterrado dentro do coro de baixo do Mosteiro da Esperança de freiras da Ordem de S. Francisco. Tal lugar é concedido não só à duquesa, como também às freiras e ministros do convento: "Sem embargo de quaes

Estão enterradas neste conu.to duas duquesas de Bargaça, hua a exçellentiss.ma S.ra dona jzabel de Alencastre molher p.ra do Exçellentiss.mo Duque dõ Theodosio p.ro e f.^a de dõ A.^o de Alencastre p.ro comendador mor sa orde de Xpo dos da caza de Bargaça, a qual foi a fundadora deste conu.to como fica d.to, e estaa enterrada no choro de baixo, em a qual tambem estaa enterrada a Exçellentiss.ma S.ra Duquesa dona Leanor de Guzmão molher p.ra do Exçellentiss.mo Duque dõ James, e May do Duque dõ Theodozio p.ro e filha de dõ J.^o de Guzmão Duque de Medina Sidonia"¹⁵³ (Fig. B).

A morte da duquesa impediu-a de ver a conclusão do edifício, sendo este terminado graças às esmolas e à contínua proteção da casa de Bragança. A Igreja da Esperança fica pronta para celebração do culto cerca de 1570¹⁵⁴.

Ao longo dos anos, nos diferentes abadessados, a instituição foi sofrendo alterações e melhoramentos¹⁵⁵, alguns dos quais foram registados por Soror Antónia Baptista: em 1601 é construído o dormitório novo, pela abadessa Maria da Anunciação; em 1603 Soror Maria das Chagas reformou o dormitório velho e mandou construir o aqueduto (Fig. C) para abastecimento da comunidade; Soror Catarina da Madre de Deus, eleita em 1614, terminou a portaria interna e externa, fez a casa do Tesouro; Soror Joana do Deserto, eleita em 1620, constrói as grades alta e baixa e a enfermaria sobre o pátio; o Capítulo é a marca, a partir de 1623, do abadessado de Soror Margarida da Coluna, terminado graças às esmolas de D. Teodósio II.

Várias confrarias se formaram ao logo do tempo: Santíssimo Sacramento, por iniciativa das madres Isabel e Francisca dos Anjos, em 1614, reorganizada em 1625 sendo abadessa Soror Ana Baptista; S. Bento em 1650; Almas do Purgatório, reconstruída em 1645; Santo António e S. Vicente de Ferrer (séc. XVIII).

quer Constituições Apostolicas provinciaes e sinodaes, costumes, regras e ordenações do dito mosteiro e ordem delle geraes ou speciaes e quaes quer outras cousas em contrario que para efeito das presentes por esta vez derogamos", (in maço 552, Documentação do extinto Convento da Esperança de Vila Viçosa, Biblioteca Pública de Évora.).

¹⁵³ ANNT, OFM, *Província dos Algarves, Província*, Livro 22, fl. 310 v.

¹⁵⁴ Cf. Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, p. 111.

¹⁵⁵ Cf. Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970; Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica*, ed. cit., t. IV, pp. 125-337, 1758.

Foram muitos os nomes de religiosas insignes - assim consideradas pelas suas obras e virtudes singulares - que passaram por este mosteiro, perpetuando-lhe a fama de local de muita devoção¹⁵⁶.

c) A extinção do Convento da Esperança de Vila Viçosa - alienação de um património inestimável

O mosteiro funcionou como instituição religiosa durante três séculos, conhecendo períodos de grande reconhecimento público, atestado pelas figuras pertencentes às elites nacionais que o procuravam para aí recolher familiares ou amigos¹⁵⁷, como é disso ilustrativo o documento com o pedido de entrada, que anexámos, assinado pelo Marquês de Pombal, (Fig. D).

O convento conheceu fases conturbadas que abalaram as estruturas físicas e morais da instituição: casos de peste que minaram algumas vidas, "deu logo hũ ramo de peste de

¹⁵⁶ "Floreceu sempre este mosteiro em muita religião, como se prova das grandes e copiosas servas de Deos, que por suas virtudes singulares o honrarão em diversos tempos com avultados créditos", (Frei Fernando da SOLEDADE, ed. cit., p. 94); a título de exemplo citámos os nomes de Madre Soror Catarina do Salvador, sua irmã Soror Maria da Circuncisão, ambas naturais de Vila Viçosa, Soror Joana do Espírito Santo e Soror Inês de Jesus, Madre Paula de S. Jerónimo e Soror Catarina de Jesus, Soror Maria das Chagas e Soror Catarina do Espírito Santo.

¹⁵⁷ Veja-se o exemplo de uma carta de entrada no Convento da Esperança de Vila Viçosa, que solicita autorização régia e eclesiástica para recolhimento no referido convento de D. Antónia Luísa de Jesus, juntamente com a sua criada: "A rainha Nossa Senhora he servida que V. P.e R.ma passe a ordem necessaria a Prelada do Convento da Esperança de Vila Viçosa para que receba nele por Secular a Dona Antonia Luisa de Jesus, Filha ligitima de Bento Pereira de Magalhaens, levando em sua companhia huma criada, do qual não sahirá sem nova ordem da mesma Senhora" (ANTT, OFM, Província dos Algarves, Província, Livro. 98, doc. nº 58, data de 1787). Era da responsabilidade da admitida ou da família o seu sustento na casa, tal como o sustento da sua criada, "sem gravame algum da Comunidade, e aguardar a moderação, emodestia nos vestidos, como devem observar as seculares, e educandas nas Clauzuras Religiozas." Transcrevemos de seguida um dos raros documentos encontrados que refere o nome de várias religiosas, abadessas e discretas, contemporâneas de Soror Antónia Baptista, por ela mencionadas no *Livro da Fundação*. Trata-se de um traslado de escritura de contrato e obrigação de dote, referente a 2 de março de 1610 - assinado pelo tabelião publico André Mourão de Aguiar, em 4 de Junho de 1642 - para "aberm de recolher em o ditto convento para freira eprofessarem nelle as Senhoras donna Joanna e Donna Maria, filhas de Pedro de Mello, fidalgo Comendador da Ordem de Nosso Senhor Iezu Christo, morador em Vila Viçosa". Após a exposição sobre as modalidades de pagamento do dote (parte do qual será pago no momento da profissão, em dinheiro ou fazendas, o restante à morte do pai), o documento refere: "estiverão presentes dagrade adentro conhecidaz e não vistas por estarem dentro da clauzura juntas e chamadas a tom de campa tangida segundo seu bom e antigo costume Soror Catherina da Trindade que serve da Abbadessa e Soror Margarida da Coluna, Soror Maria das Chagaz, Soror Maria da Nunciassão, Soror Luiza da Madre de Deos, Soror Catherina da Madre de Deos, Soror Paula de São Iheronimo, Soror Francisca da Cruz, Soror Catherina do Espirito Santo, Soror Joanna do Espirito Santo, Soror Catherina de Iezu, discretaz", (ANTT, OFM, Província dos Algarves, Província, Mç. 106, n.º 3 Convento da Esperança de Vila Viçosa.).

que morrerão muitas e todas mossas"¹⁵⁸; a "ocupação da casa, em Julho de 1580, por uma coluna do exército castelhano de Alba de D. Fernando Álvares de Toledo, que dos terraços e janelas alvejou os defensores do Castelo tendo as monjas de se refugiar nas Chagas e Paço Ducal"¹⁵⁹, segundo relata Soror Antónia:

Por cuja causa as religiosas deste conventose forão cõ a crus allsada para o das chagas e de ahi se passarão as casas da duquesa dona joanna, pello mes de junho e o deixarão deserto por se temer que o duque de alva cõbatege este castello que pela vesinhanssa podia receber dano e assim mesmo pella crueldade e desaforos dos seus soldados¹⁶⁰.

Outro acontecimento que marcou indelevelmente a história do convento foi a deflagração, a 14 de março de 1681, de um incêndio que danificou as partes altas do edifício.

O encerramento da instituição ocorre em 1866.

No âmbito da Reforma Geral Eclesiástica, um decreto ministerial datado de 30 de Maio de 1834 veio pôr cobro à sua existência, ao declarar no seu Artigo 1.º que "ficam desde já extintos em Portugal, Algarve, ilhas adjacentes e domínios portugueses todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todas as Ordens regulares, seja qual for a sua denominação, instituto ou regra"¹⁶¹.

Certo é que este decreto de Joaquim António de Aguiar, ministro da justiça de D. Pedro, veio encerrar muitas casas religiosas que já estavam praticamente abandonadas, em consequência da decadência a que foram votadas de há algumas décadas até então, muito por força do número excessivo de conventos e religiosos (como anteriormente referimos). Segundo dados apresentados pelo Cardeal Saraiva, em 1826 existiam 12.980 pessoas a viver nos mosteiros, embora o elevado número não seja indicador do número exato de religiosos, pois o mesmo autor defende "mosteiros conhecemos nós, que têm mais criados que frades, e alguns que têm vinte famulos e pessoas de serviço, e ainda mais"¹⁶².

¹⁵⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 33 v.

¹⁵⁹ Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, p. 112.

¹⁶⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 32 v.

¹⁶¹ Fortunato de ALMEIDA, *História de Portugal*, vol. III, ed. cit., p. 564.

¹⁶² Cardeal SARAIVA, *Obras Completas do Cardeal Saraiva*, tomo I, "Ordens monásticas e mosteiros em Portugal", Lisboa, Imprensa Nacional, 1872, p. 192.

Desta forma, "o convento que se compõe de trez andares com sessenta e quatro casas, cerca com terra de semear, sete quintaes piquenos, um ospício com sete casas e um pateo de entrada"¹⁶³, foi encerrado a 1 de Outubro de 1866, por abandono voluntário da última religiosa, Madre Mariana Xavier, que se recolheu no Convento das Chagas. O Decreto sobre a extinção das Ordens religiosas em Portugal, assinado pelo rei D. Pedro IV, redigido pelo seu ministro da justiça Joaquim António de Aguiar em 1834, obrigava - no caso dos conventos femininos regulado apenas em 1862 - a que um convento ou mosteiro feminino fosse extinto após a morte da última religiosa que aí se encontrasse¹⁶⁴.

Com a saída das últimas freiras seguem-se todos os procedimentos legais com vista à supressão do convento, passando os seus bens a ser incorporados nos próprios da Fazenda Nacional¹⁶⁵. Faz-se a inventariação de todos os bens móveis¹⁶⁶ e imóveis¹⁶⁷, direitos e ações do referido convento, que resulta no seguinte termo de encerramento:

¹⁶³ *Inventário do Convento da Esperança de Vila Viçosa - Repartição de Fazenda anno de 1866 a 1867; Autos d'Inventário dos bens do suprimido Convento de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa, em que é Inventariante a Fazenda Nacional*; mç. 40, BPE.

¹⁶⁴ Na mesma documentação concernente à inventariação dos bens do convento encontrámos o seguinte auto de encerramento: "Aos vinte e dois dias do mês de Novembro de mil oitocentos sessenta e seis: Achando-se o pessoal do convento de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa reduzido às religiosas professoras Angélica Perpétua Peregrina do Ceo; Anna Peregrina e Marianna Peregrina da Conceição as quaes só por si não constituem número canónico e civilmente legal, nem podem satisfazer aos fins da Instituição daquella casa monástica. Hei por bem, tendo ouvido o Reverendo Arcebispo d'Évora, resolver que o mesmo Prelado proceda competentemente à supressão do dito convento de Nossa Senhora da Esperança e que pelos rendimentos dos respetivos bens nos termos (dos artigos) da lei de quatro de Abril de mil oitocentos sessenta e um se pague a cada uma das três mencionadas religiosas para sua congrua e sustentação a quantia mensal de vinte mil reis, quer vão residir em outro convento, quer preferirão viver fora da clausura.", mç. 40, BPE. De acordo com a documentação pesquisada, sabe-se que Soror Mariana Peregrina terá passado para o Convento das Chagas de Vila Viçosa após a supressão do Convento da Esperança de Vila Viçosa (mç. 40, BPE.).

¹⁶⁵ A posse de propriedades por parte da Igreja foi sempre cobiçada pelo Estado que começa, a partir do séc. XVII, a legislar sobre os bens de mão morta (inalienáveis), bem como sobre a posse de bens de raiz. Esta preocupação sobre propriedades fundiárias da Igreja, era já sentida por monarcas do Antigo Regime, (cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaca (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, p. 83.).

¹⁶⁶ De entre os quais destacamos 42 imagens de santos, 22 quadros, tecidos, paramentaria, mobiliário, livros e objetos utilitários: "objetos de madeira (huma banquetta dourada, cinco caixões d' ornamentos, dois baús velhos encourados...); metal (huma caldeirinha, huma bacia e hum gomil de estanho, hum turíbulo e uma naveta, 24 castiças d' estanho, sendo quatro partidos); bronze (três sinos, três sinetas, três campainhas); roupa de cor (ornamentos, três panos de púlpito, sendo um branco e de tecido d'ouro, um de damasco encarnado e outro roxo); respeitos de sacrário (2 véos de hombro de damasco branco e encarnado, cortinados); roupa branca (alvas, corporaes, palas brancas, sobrepelizes, 12 toalhas de linho, 6 alcatifas velhas da igreja, hum reposteiro de pano encarnado, hum frontal d'alter velho); objetos diversos (hum organ, hum relogo de parede velho, três missaes com pasta de carneira, dois breviários com pasta de carneira); pratas (dois calices de prata com o peso de trinta e sete onças ou mil e sessenta e uma gramas e vinte e três centigramas, com o valor em reis de cinco mil e nove centos;

Aos quatro dias do mês d' Abril de mil oitocentos sessenta e sete havendo-se concluído a descrição do Inventário geral de todos os bens móveis e submoventes, digo e imóveis, direitos e ações do suprimido Convento de Nossa Senhora da Esperança¹⁶⁸ (assina o escrivão de Fazenda).

A avaliação dos bens é efetuada por três indivíduos idóneos, isentos de qualquer influência e interesse, obrigados a prestar juramento. Afixam-se os editais nos lugares públicos da Vila a anunciar a toda a população o dia e hora para licitação dos bens, "para serem arrematados ao maior lance."¹⁶⁹ Os bens são comprados por vários particulares, ficando deste modo disperso todo o espólio do convento.

Aos vinte e sete dias do mês de maio de 1867 lavram-se os autos conclusivos da venda dos bens do convento:

Dos presentes autos d'inventário em que é inventariante a Fazenda Nacional e inventariados os Bens do extinto Convento de Nossa Senhora da Esperança mostramos acharem-se satisfeitas todas as formalidades legais por isso julgo ultimado o inventário que será remetido à Repartição competente no prazo legal. Vila Viçosa vinte e sete de Maio de mil oitocentos sessenta e sete¹⁷⁰ (assina o escrivão de Fazenda Manoel de Castro Lobo Pimentel).

A extinção ocorreu em 17 de novembro do mesmo ano, sendo o templo cedido à Ordem Terceira de S. Francisco.

duas patenas com duas colheres - com peso e valor, hum cofre - com peso e valor, huma custódia - com peso e valor, huma coroa grande, huma coroa piquena, cinco resplendores), *Inventário do Convento da Esperança de Vila Viçosa* - Repartição de Fazenda anno de 1866 a 1867; *Autos d'Inventário dos bens do suprimido Convento de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa, em que é Inventariante a Fazenda Nacional*, (mç. 40, BPE.).

¹⁶⁷ Nomeadamente, umas casas na rua de traz; na rua da Feira; na travessa da amoreira; Farregial no sítio da Fadraga; olival no sítio da portella; olival do Alamo; olival no Seixo Branco; olival na calçadinha; no pombal; Perotaxa; à entrada do Alandroal, casa na rua do postigo; casas na rua de S. Francisco, (mç. 967, ANTT.).

¹⁶⁸ Termo de encerramento, mç. 40, BPE.

¹⁶⁹ Termo de encerramento, mç. 40, BPE.

¹⁷⁰ Termo de encerramento, mç. 40, BPE.

d) Estado atual da estrutura conventual e da Igreja da Esperança

Os vestígios degradados e praticamente inexistentes da estrutura conventual não têm qualquer utilização, a área remanescente dificilmente deixa perceber o património conventual que ali se edificou e que hoje serve outros fins que em nada se relacionam com os usos primitivos (Figura E).

O abandono e conseqüente estado de ruína em que se encontram tantos destes estabelecimentos franciscanos, pelo país fora, conduziram não só à perda desses edifícios, mas também à alienação dos bens móveis a eles pertencentes. Normalmente só as igrejas, afetas a Ordens ou Irmandades, se mantêm em funcionamento. Assim se encontra a Igreja da Esperança, considerada Imóvel de Interesse Público (Dec. n.º 33 587, DG 63 de 27 de março de 1944)¹⁷¹, mantendo-se na posse da Ordem Terceira de S. Francisco, preservando as celebrações afetas ao culto público (todos os domingos), dando continuidade à "atividade apostólica ou encargo de pastoreio de almas"¹⁷².

O casario conventual encontra-se totalmente destruído, embora através da igreja possamos discernir alguns traços arquitetónicos que comprovam a anexação do convento, de entre os quais, algumas passagens que faziam a ligação entre os dois espaços - do dormitório situado no primeiro andar ao lado da igreja, que permitia o acesso ao coro alto através de uma escadaria que facilitava a chegada rápida e direta à igreja para o ofício da noite (escadaria das matinas); a existência das grades nos dois coros (coro alto e coro baixo - Fig. F), de onde as religiosas assistiam às celebrações litúrgicas; a sala do Capítulo, onde todas as manhãs após o ofício de prima as religiosas ouviam a leitura de um capítulo da Regra e onde repartiam as tarefas diárias.

No exterior da igreja há marcas visíveis nas paredes (ainda com alguns vestígios de revestimento a azulejo) das arcadas que circundavam o extinto claustro (Fig. G). Na área exterior do convento permanecem praticamente inalterados o majestoso aqueduto que abastecia o convento, construído no abadessado de Soror Maria das Chagas, a nora, os quintais (Figura H), o poço que Soror Leonor da Apresentação mandou emparedar em 1629 - sobre o qual aponta Soror Antónia Baptista "de muitos officiais que ã este

¹⁷¹ Bernardo Vasconcelos e SOUSA, *Ordens Religiosas em Portugal, das Origens a Trento*, ed. cit., p. 336.

¹⁷² Virgolino Ferreira JORGE "As igrejas medievais dos franciscanos em Portugal síntese de caracterização tipomorfológica", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado (1214-2014)*, ed. cit, p. 35.

anno andarão dêtro em o convento abrindo hũ posso ã o claustro cõ que teve exçessivo trabalho por que nũca se apartava de dõde elles estavão cõ hũ zelo da religião grandissimo"¹⁷³.

Do património artístico¹⁷⁴, tão estimado pelas religiosas Clarissas, vários elementos (muitos deles referenciados por Soror Antónia Baptista) evidenciam o culto e a predileção devocional da comunidade, como as pinturas do teto do corpo da nave da igreja aludindo a cenas bíblicas, as pinturas do teto abobadado do altar-mor que nos oferecem a visão de alguns Doutores da Igreja e que Túlio Espanca descreve da seguinte forma: "quatro personagens estantes, rompentes de auréolas, pertencem ao primeiro núcleo: Santa Clara, Rainhas Santa Isabel de Portugal e Santa Isabel da Hungria e Santa Salomé (...) introdutora das Clarissas na Polónia; encerrados em quadros arquitectónicos de conchas radiadas, os luminares da Ordem Mendicante: S. Francisco, Santo António, S. Boaventura e S. Luís, bispo de Tolosa"¹⁷⁵, dispostos em torno de um medalhão onde se vislumbra "os braços encruzados de Jesus e do Poverello de Assis"¹⁷⁶. (Figura I)

No trono do retábulo da capela mor, sobre o Santíssimo Sacramento, deparamo-nos com a imagem da Santa Padroeira Nossa Senhora da Esperança; a ladear o Sacrário, do lado do Evangelho, existe uma imagem de S. João Baptista (não é casual a colocação deste santo do lado do Evangelho, pois era alvo de grande devoção das religiosas do convento) e do lado da Epístola a de Sto. António (Figura J). Nos altares da nave, do lado do Evangelho está S. Francisco e do lado da Epístola está a figura de Santa Clara.

Do lado esquerdo, a meio do corredor central da igreja, encontra-se a maquineta do remate, bela e rara peça entalhada e policromada, onde se venera a imagem de S. Vicente Ferrer¹⁷⁷, obra em madeira e de "boa execução estética"¹⁷⁸ que substituiu a peça quinhentista do Oratório da fundadora Isabel Cheirinha. (Figura K)

¹⁷³ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 46 r.

¹⁷⁴ Acerca do património arquitetónico e artístico do Convento da Esperança de Vila Viçosa, vejam-se estudos pormenorizados da autoria de Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Viçosa*, Évora, 1970; P.e Joaquim José da Rocha ESPANCA, *Memórias de Vila Viçosa*, Vol. I, cap. VIII e *Compêndio de Notícias de Vila Viçosa*, 1892.

¹⁷⁵ Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, p. 119.

¹⁷⁶ Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, p. 119.

¹⁷⁷ Religioso dominicano, nascido em 1350 em Valência, S. Vicente Ferrer foi canonizado pelo Papa Calisto III, a 3 de junho de 1455. Conheceu grande devoção dos fiéis na altura, sendo o seu culto retomado a partir do séc. XVIII, inclusive no Alentejo.

No chão da igreja distinguem-se várias pedras tumulares (algumas das quais já referidas), pois a igreja acumulou, durante muitos anos, a função de "panteão de históricas figuras da vida calipolense, sobretudo na segunda metade do séc. XVI; nos seus chãos repousam figuras que contribuíram para o enobrecimento arquitetónico e sumptuário do edifício, incluindo o pintor João Franco, que no ano de 1574 se encontrava em Évora"¹⁷⁹.

¹⁷⁸ Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, p. 120.

¹⁷⁹ Túlio ESPANCA, *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, 1970, p. 121.

3. A Segunda Ordem de S. Francisco - as Clarissas

a) Origens da Ordem Franciscana

A figura carismática de Francisco de Assis (1182-1226) emerge num tempo em que as cidades crescem de forma assinalável e sofrem, conseqüentemente, profundas mutações por via do desenvolvimento do mercantilismo, da utilização do dinheiro como forma de comércio e da alteração do estatuto do homem, que "se assume como verdadeiro agente do progresso material"¹⁸⁰, preterindo a dimensão espiritual na sua vivência quotidiana.

A par do recrudescimento das cidades acentuava-se o fosso entre as camadas sociais. A fome, a miséria, a exploração dos mais fracos e a guerra são realidades que favorecem a procura de refúgio num Deus misericordioso e protetor. Ao adotar o modelo de vida de Cristo, Francisco de Assis aproximava-se da frágil condição dos homens pobres e dava resposta aos apelos dos desfavorecidos. A escolha de uma vida penitente, austera, de pobreza extrema e ao serviço do próximo, contrastou com a opulência que a auspiciosa herança paterna poderia oferecer-lhe. Ao propor novas formas de vida apostólica experimentadas na primeira pessoa, Francisco conseguiu atrair muitos jovens, que se identificaram com as palavras simples e com a presença do *Poverello*. Por viver pobre, tornava-se igual aos que viviam em condição semelhante e assim mais facilmente conseguiu penetrar nas suas vidas, agregando em torno de si um número cada vez maior de seguidores. "A menoridade levou Francisco a aproximar-se dos pobres e também a abraçar a mesma pobreza (...) o exemplo era mais eloquente do que as palavras"¹⁸¹.

Segundo os seus biógrafos, a ideia inicial de S. Francisco não seria a de criar uma Ordem, mas viver à imagem de Cristo, no caminho da sua salvação e, em simultâneo, aliviar os mais necessitados. Porém, na tentativa de assegurar e orientar os seus numerosos seguidores, percebeu a pertinência de fixar por escrito um *modus vivendi*, que, desse corpo à sua *forma de vida*¹⁸², que "ainda que não totalmente original em

¹⁸⁰ Vitor Gomes TEIXEIRA, *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517), História, Património e Cultura de uma Experiência de Reforma Religiosa*, Porto, Centro de Estudos Franciscanos, Editorial Franciscana, 2010, p. 13.

¹⁸¹ Maria Margarida CAEIRO, *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006, p. 30.

¹⁸² Cf. Maria Margarida CAEIRO, "Rostos Femininos da Ordem Franciscana: a Ordem de Santa Clara e outras Vivências Clarianas - Contributo para o Estudo da sua Presença em Portugal", in *Os Franciscanos*

alguns dos seus elementos, estava destinada, dada a personalidade originalíssima do proponente e a sua compreensão das estruturas eclesiásticas desse momento, a desencadear esse vastíssimo e influente movimento cultural polarizado numa ordem religiosa que, através dos tempos (...) se reclamará do seu nome e, naturalmente dessa sua *intentio*"¹⁸³.

A viagem de S. Francisco de Assis à Península Ibérica, aquando da sua peregrinação (1181/82-1226) ao túmulo do apóstolo S. Tiago, em Compostela, e provável passagem pelo território nacional, dita a chegada dos primeiros Frades Menores a Portugal (1214-1217), desencadeando o início de uma alargada tradição franciscana que perdura até hoje¹⁸⁴. A sua expressão no país foi tão intensa e preponderante que "a sementeira de conventos e riquíssimo acervo patrimonial - sem equivalente noutras Ordens Religiosas - mobilizou e notabilizou a produção técnica e artística coeva e transformou a paisagem de um pequeno país numa terra devotamente franciscana"¹⁸⁵.

O programa reformador que põe em prática em muito se destacou no seio da Igreja sua contemporânea. Aliando o entusiasmo ao carisma da sua personalidade, cativou (como referimos) e congregou à sua volta muitos jovens, de entre os quais a que se tornou amiga e mais zelosa cumpridora dos seus ensinamentos: Clara de Assis¹⁸⁶.

em Portugal e no Mundo português; Os 800 Anos da Ordem Franciscana (1209-2009); Actas, 20 e 30 de abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI, p. 59. *Forma de vida* foi aliás a designação dada por S. Francisco às *Normas* que o próprio criou para a comunidade feminina, liderada por Santa Clara, que a mesma conservou para a sua *Regra*.

¹⁸³ José Adriano de Freitas CARVALHO, "As primeiras vidas de Santa Clara: dos testemunhos à biografia", *Separata de "Verdad y vida"*, t. LII, n.ºs 205-206, Madrid, 1994, p. 199.

¹⁸⁴ Desde o séc. XIII até à extinção das Ordens religiosas decretada por Joaquim António de Aguiar em 1834, fundaram-se mais de duzentas casas, espalhadas pelas sete províncias franciscanas, a saber: Província de Portugal (1421); da Piedade (1517); dos Algarves (1533); da Arrábida (1560); de Santo António (1568); da Soledade (1673) e da Conceição (1706), todas geograficamente delimitadas, em benefício da administração estável por parte da Ordem, cuja sede se localizava no Convento de S. Francisco de Xabregas ou Santa Maria de Jesus de Xabregas; cf. Virgolino Ferreira JORGE "As igrejas medievais dos franciscanos em Portugal síntese de caracterização tipomorfológica", (in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado (1214-2014)*, *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2009, p. 34.).

¹⁸⁵ Virgolino Ferreira JORGE, "As igrejas medievais dos franciscanos em Portugal síntese de caracterização tipomorfológica", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado (1214-2014)*, ed. cit, p. 34.

¹⁸⁶ Cf. Vitor Gomes TEIXEIRA, *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517), História, Património e Cultura de uma Experiência de Reforma Religiosa*, Porto, Centro de Estudos Franciscanos, Editorial Franciscana, 2010, p. 14.

b) Breve resenha biográfica de Santa Clara; a fundação das Clarissas

Os primeiros testemunhos literários que nos chegam sobre a vida de Santa Clara datam, segundo José Adriano de Freitas Carvalho, de finais do séc. XIV. Tratam-se de breves referências indiretas sobre Santa Clara, que surgem sempre à sombra das numerosas *vidas* que se escreveram sobre S. Francisco¹⁸⁷. De entre os vários documentos analisados, o mesmo autor aponta o *Flos Sanctorum Castellano* (1461-1478, possivelmente da autoria do aragonês Frei Gauberto), espécie de "acrescento à *Legenda Aurea* de Jacobo Voragine"¹⁸⁸, como sendo o texto onde as referências a Santa Clara se tornaram mais conhecidas.

Seria o português Frei Marcos de Lisboa, cronista da Ordem franciscana, quem destacaria o nome da Santa, ao dedicar-lhe, em 1556, a *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, na Primeira Parte do livro, "isto é, a mais especial menção e memória que de sua vida e santidade se lhe pode fazer"¹⁸⁹.

Posteriormente, a primeira mística franciscana foi biografada inúmeras vezes, em diferentes países, mas, de entre as biografias que se editaram, o texto de Frei Marcos de Lisboa, foi o que conheceu maior número de edições: cinco em português, nove em espanhol, vinte e seis em italiano, cinco em francês, três em alemão, três em polaco, duas em inglês; "foi, portanto, um português quem mais propagou no mundo o conhecimento da vida de Santa Clara"¹⁹⁰.

Clara nasce em Assis em 1193/94, no seio de uma família nobre. Aos dezoito anos decide mudar o rumo da sua vida, após conhecer S. Francisco, de quem se torna amiga e a "mais autêntica expressão de perfeição evangélica"¹⁹¹. Após a Regra Franciscana ter sido aprovada em 1209 pelo Papa Inocêncio III, e definitivamente aprovada em 1223 por Honório III, Clara, sempre próxima de Francisco, segue os seus ensinamentos e

¹⁸⁷ Cf. José Adriano Freitas de CARVALHO, "As primeiras vidas de Santa Clara: dos testemunhos à biografia", *Separata de "Verdad y vida"*, t. LII, n.ºs 205-206, Madrid, 1994, p. 200.

¹⁸⁸ José Adriano Freitas de CARVALHO, "As primeiras vidas de Santa Clara", *As primeiras vidas de Santa Clara: dos testemunhos à biografia*, *Separata de "Verdad y vida"*, t. LII, n.ºs 205-206, Madrid, 1994, p. 204.

¹⁸⁹ José Adriano Freitas de CARVALHO, "As primeiras vidas de Santa Clara: dos testemunhos à biografia", *Separata de "Verdad y vida"*, t. LII, n.ºs 205-206, Madrid, 1994, p. 208.

¹⁹⁰ Padre Francisco de Leite FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, p. 17.

¹⁹¹ Donald ATTWATER, *Dicionário de Santos*, Publicações Europa-América, 1965, pp. 103-104.

acaba por professar pelas mãos do seu fundador, no dia de Ramos de 1212, em frente ao altar da Porciúncula¹⁹². Três anos depois, Francisco redige os preceitos de vida para Clara e suas seguidoras, uma Regra que seria confirmada em 1251 por Inocêncio IV¹⁹³, dando origem à fundação das Clarissas, ramo feminino da Ordem de S. Francisco. Desta forma, Santa Clara "assumiu com inteireza o papel de guia das Irmãs Pobres, transmitiu uma herança espiritual a todas as que na denominação oficial da Igreja são conhecidas por *Clarissas*"¹⁹⁴.

Em vida redigiu algumas cartas e o seu *Testamento*, onde se comprova a proximidade com a espiritualidade e profundidade do pensamento de Francisco. A forma de vida acolhida segue os princípios de austeridade apregoados e praticados pelo fundador da Ordem: defende um ideal de vida totalmente despojada dos bens terrenos, fazem voto de "pobreza absoluta, humildade, castidade e louvor a Deus"¹⁹⁵, vendo na obediência e penitência formas de salvação. As Clarissas viviam em clausura - imposta pelo Papa Bonifácio VIII, em 1298, pela Bula *Periculoso* - num mosteiro, partilhando da pobreza comum a todas, sustentando-se com base no seu trabalho quotidiano (às monjas não era permitida a mendicância)¹⁹⁶.

Francisco de Assis impõe o título de abadessa a Clara, contrariamente à sua vontade¹⁹⁷ e, em 1238, cinquenta religiosas viviam sob a sua direção em São Damião (Assis). Antes da sua morte, ocorrida em 1253, redige uma regra em latim - a primeira Regra escrita por uma mulher e a ser autorizada por Bula¹⁹⁸ - a ser seguida por todas as monjas

¹⁹² Porciúncula é um santuário de significado especial para os franciscanos, pois terá sido nessa pequena capela que S. Francisco terá tido a visão de Cristo, que o terá feito questionar a sua vida e optar por um caminho de penitência e entrega ao próximo.

¹⁹³ Cf. Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, tomo I, ed. cit., p. 127.

¹⁹⁴ Maria Margarida CAEIRO, "Rostos Femininos da Ordem Franciscana: a Ordem de Santa Clara e outras Vivências Clarianas - Contributo para o Estudo da sua Presença em Portugal", in *Os Franciscanos em Portugal e no Mundo português; Os 800 Anos da Ordem Franciscana (1209-2009)*; *Actas*, 20 e 30 de abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI, p. 58.

¹⁹⁵ Nicole LEMAÎTRE, Marie Thérèse QUINSON, Véronique SOT, *Dicionário Cultural do Cristianismo*, Trad. de José David Antunes, Publicações Dom Quixote, 1999, p. 124.

¹⁹⁶ Cf. Bernardo Vasconcelos e SOUSA, *Ordens religiosas em Portugal: das Origens a Trento*, direc. Bernardo Vasconcelos e SOUSA, ed. cit., p. 253.

¹⁹⁷ No seu *Testamento* evita esse título intencionalmente e opta por chamar-se "indigna serva de Cristo e das Irmãs Pobres", (cf. Maria Margarida CAEIRO, *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006, p. 46.).

¹⁹⁸ Maria Margarida CAEIRO, *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006, p. 8.

Clarissas, através da qual se privilegia a pobreza e a ajuda aos mais desfavorecidos. Nesses mesmos anos, contavam-se cento e dez mosteiros de Clarissas.

Santa Clara de Assis é canonizada em 1255, dois anos após a sua morte.

c) Estruturação das Clarissas após a morte da fundadora

As Clarissas viveram sob a supervisão direta dos ministros geral e provincial dos Frades Menores. Com o tempo "y gracias a la redacción de nuevas reglas, las clarisas se libraron de este control directo, aunque la amistad entre las dos órdenes ha continuado hasta el presente"¹⁹⁹. Não só as comunidades femininas como também os agrupamentos de leigos estavam associados aos Frades Menores, constituindo, assim, os três ramos principais da Ordem franciscana: a Primeira Ordem (Frades Menores), a Segunda Ordem (Clarissas) e a Ordem Terceira (leigos).

Ao longo dos anos, a Ordem de Santa Clara conheceu cinco regras, das quais se mantêm apenas duas: a *primeira* (assim designada por ser a mais antiga), concedida por S. Francisco em 1224, contempla doze capítulos que evidenciam o preceito da pobreza em comum; a *segunda*, ordenada por Urbano IV em 1263, é redigida com o intuito de juntar em profissão todas as casas da Ordem, abolindo assim as restantes. Na Época Moderna as duas regras subsistem e coexistem, a *primeira* nos mosteiros das descalças, a *segunda* nos outros mosteiros (a designação de *urbanas* para estas religiosas provém de Urbano)²⁰⁰.

Com a expansão da Ordem houve necessidade de as Clarissas se organizarem "numa rede de delegação e de vigilância de poderes, desde a Cúria Romana até aos conventos"²⁰¹. Em 1639, o Capítulo Geral da Ordem Franciscana aprova, em Roma, as

¹⁹⁹ Jill R. WEBSTER, "La Importancia de las Aristócratas y la Burguesía Adinerada en la Fundación y Desarrollo de los Monasterios de la Orden de Santa Clara: Valencia, Játiva y Gandía", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 91.

²⁰⁰ Cf. Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, tomo II, ed. cit., p. 146. Destrinça também evidenciada por Maria Margarida LALANDA, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direc. de Carlos Moreira AZEVEDO, Tomo I, Círculo de Leitores SA e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, p. 353.

²⁰¹ Maria Margarida CAEIRO, "Rostos Femininos da Ordem Franciscana: a Ordem de Santa Clara e outras Vivências Clarianas - Contributo para o Estudo da sua Presença em Portugal", in *Os Franciscanos em*

*Constituições Gerais*²⁰², conjunto de regras a serem seguidas por todas as religiosas da Ordem de Santa Clara, que contemplava a Primeira Regra de Santa Clara, a Segunda Regra ou Urbanista, as Religiosas Concepcionistas e a Terceira Ordem da Penitência²⁰³.

d) Representação iconográfica de Santa Clara

O culto a Santa Clara transpôs as barreiras do tempo e do espaço. A sua imagem é iconograficamente representada de múltiplas formas, quase sempre acompanhada pelos quatro símbolos - o livro, o báculo, a palma e o hábito - indicadores de poder e de conhecimento²⁰⁴. O livro indica a sua condição pioneira de criadora de uma regra de vida espiritual e de vida contemplativa, a ser utilizada pelas comunidades religiosas femininas, aludindo igualmente à sua inteligência e sabedoria; o báculo, utilizado pelos bispos, representa o cajado do pastor que tem por missão a orientação espiritual das ovelhas. No caso de Clara, aponta para a sua condição de abadessa e fundadora da Ordem; a palma simboliza o abandono da vida secular e opção pela vida espiritual, que terá acontecido num domingo de Ramos, representando também a paz; o hábito, constituído por uma longa túnica em tons de castanho, revela simplicidade e pobreza. Do hábito fazem ainda parte outros elementos simbólicos, como a corda atada à cinta²⁰⁵ e o véu, negro ou cinzento, que cobre a cabeça, significando modéstia, ocultamento, castidade, renúncia ao mundo e à beleza física. O véu é alvo de simbologias plurais: "il velo poteva assumere la funzione di occultare le pratiche di mortificazione

Portugal e no Mundo português; Os 800 Anos da Ordem Franciscana (1209-2009); Actas, 20 e 30 de abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI, p. 66.

²⁰² *Constituições geraes pera todas as freiras e religiosas sogeitas à obediência da Ordem de N. P.S Francisco, nesta Familia Cismontana*. De novo recopiladas das antigas e acrescentadas com acordo, consentimento e aprovação do Capitulo Geral, celebrado em Roma a 11 de Junho de 1639, Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, Anno 1693. Frey João Merinero (Ministro Geral).

²⁰³ Cf. Maria Margarida CAEIRO, "Rostos Femininos da Ordem Franciscana: a Ordem de Santa Clara e outras Vivências Clarianas - Contributo para o Estudo da sua Presença em Portugal", in *Os Franciscanos em Portugal e no Mundo português; Os 800 Anos da Ordem Franciscana (1209-2009); Actas*, 20 e 30 de abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI, pp. 67- 68.

²⁰⁴ Cf. Maria Margarida CAEIRO, *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006, pp. 20-21.

²⁰⁵ Refere Maria Margarida CAEIRO que "é frequente o uso de três nós na parte vertical da corda, relacionando-se com os três votos - obediência, castidade e pobreza - e as três ordens unidas - Franciscanos, Clarissas e Terciários", (in *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006, p. 21.).

corporale"²⁰⁶. Anos após a morte de uma religiosa, o véu permanecendo intacto poderia ser interpretado como sinal divino. Durante algumas celebrações, o bispo cobre a cabeça da "professanda e recita una antifona dal duplice significato: il disprezzo del mondo e la soggezione allo sposo Cristo"²⁰⁷. O véu pode ainda significar a diferença de posição das religiosas na hierarquia do convento: "il velo bianco delle novizie e il velo nero delle professe"²⁰⁸.

Como em todos os santos, Santa Clara é representada com o nimbo circular em volta da cabeça, simbolizando o céu e a vida eterna.

e) Presença das "senhoras pobres" em Portugal

"Porque nenhuma fundação parou no tempo ou teve uma evolução monolítica e isolada, antes fez parte de uma rede de outras já existentes²⁰⁹ e de novas que surgiam ciclicamente (...), porque a natureza do Franciscanismo é feita de diversidade, complementaridade e universalidade"²¹⁰, assistimos em 1258, logo após a canonização de Santa Clara de Assis (1255), ao aparecimento, em Portugal, da primeira instituição votada ao culto da mesma santa²¹¹.

Nesse ano, o Papa Alexandre IV concede autorização para a constituição do mosteiro mais antigo da Ordem em Portugal, em Lamego, erigido pelas mãos de um grupo de devotas da região. Iniciadas na observância regular por irmãs estrangeiras, as Clarissas

²⁰⁶ Zulmira C. SANTOS, "Immagini del velo religioso nella letteratura spirituale dell'Età Moderna in Portogallo", in *Il velo in area mediterranea fra storia e simbolo - Tarde Medioevo-primà Età Moderna*, a cura di Maria Giuseppina MUZZARELLI, Maria Grazia Nico OTTAVIANI, Gabriella ZARRI, il Mulino, 2014, pp. 269 -271.

²⁰⁷ Gabriella ZARRI, "Il velo delle monache: repertori di costume degli ordini religiosi (secoli XV-XVIII)", in *Il velo in area mediterranea fra storia e simbolo - Tarde Medioevo-primà Età Moderna*, a cura di Maria Giuseppina MUZZARELLI, Maria Grazia Nico OTTAVIANI, Gabriella ZARRI, il Mulino, 2014, p. 198.

²⁰⁸ Gabriella ZARRI, "Il velo delle monache: repertori di costume degli ordini religiosi (secoli XV-XVIII)", in *Il velo in area mediterranea fra storia e simbolo - Tarde Medioevo-primà Età Moderna*, a cura di Maria Giuseppina MUZZARELLI, Maria Grazia Nico OTTAVIANI, Gabriella ZARRI, il Mulino, 2014, p. 210.

²⁰⁹ No séc. XII, a maioria dos conventos femininos segue a Regra de S. Bento, em vez da de S. Agostinho. (Cf. Maria Filomena ANDRADE, "Fundadoras e Patronas dos Mosteiros Mendicantes Femininos em Portugal nos Séculos XIII e XIV: Práticas e Modelos", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (s. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 79.).

²¹⁰ Vítor Gomes TEIXEIRA, *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517)*, Centro de Estudos Franciscanos, Porto, 2010, p. 141.

²¹¹ Embora a Ordem dos Franciscanos estivesse em Portugal desde 1217, segundo Vitor Gomes Teixeira, ed. cit, p. 37.

de Lamego, a fim de obterem direção espiritual advinda de membros masculinos da Ordem de S. Francisco, e pela falta de condições que o espaço ostentava, foram de imediato transferidas (com autorização do Papa) para um mosteiro em Santarém, onde dezassete anos antes havia sido fundado um convento franciscano²¹². O rei D. Afonso III, em articulação com a Santa Sé, apoia o convento, "dotando-o dos meios materiais e económicos necessários à sua implantação"²¹³.

A partir desta primeira fundação, o culto proliferou por todo o país, com a construção de várias casas onde se *albergaram* os preceitos estabelecidos pela Ordem de Santa Clara. Todas as instituições de Clarissas deveriam preencher os mesmos requisitos para serem aprovadas: escolha da *Regra* para cada mosteiro; determinação de convento franciscano masculino ou bispo local de quem dependeriam; recurso a casas de Clarissas, implantadas no país ou no estrangeiro, para novas fundações; localização dos mosteiros em centros urbanos; protetorado advindo de entidades seculares²¹⁴.

Ainda em 1258, por meio de outra bula papal funda-se um outro mosteiro da mesma Ordem em Entre-os-Rios, a expensas de Dona Châmoa Gomes e seu marido, o fidalgo leonês D. Rodrigo Froilaz, prometendo a devota clariana dotá-lo com todos os seus bens, como garante da sua consolidação. Este projeto é apoiado por vários bispos - Ourense, Lisboa Coimbra e Viseu - "que concedem indulgências a quem ofereça esmolas para a obra do cenóbio"²¹⁵.

A *Regra* escolhida impõe a vivência em comunhão com Deus, através da oração, da humildade, da penitência, implicando, para tal, o absoluto afastamento da vida temporal e conseqüente despojamento de bens terrenos. Estes comportamentos provêm do cumprimento dos votos solenes que obrigam estas religiosas à obediência, castidade e pobreza (como atrás referimos).

²¹² Cf. Maria Margarida LALANDA, "Clarissas", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direc. de Carlos Moreira AZEVEDO, t. I, Círculo de Leitores SA e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, p. 353.

²¹³ Maria Filomena ANDRADE, "Fundadoras e Patronas dos Mosteiros Mendicantes Femininos em Portugal nos Séculos XIII e XIV: Práticas e Modelos", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (s. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 81.).

²¹⁴ Maria Filomena ANDRADE, "Fundadoras e Patronas dos Mosteiros Mendicantes Femininos em Portugal nos Séculos XIII e XIV: Práticas e Modelos", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (s. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 81.).

²¹⁵ Maria Filomena ANDRADE, "Fundadoras e Patronas dos Mosteiros Mendicantes Femininos em Portugal nos Séculos XIII e XIV: Práticas e Modelos", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (s. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, pp. 82-83.).

São Francisco deixa bem expressa a vontade de ver continuar as suas práticas de vida pelas *senhoras pobres*, as Clarissas. Ficou aliás conhecida uma exortação que o mesmo proferiu antes de morrer, conhecida por "Última vontade": "Eu, irmão Francisco, o mais pequeno entre os pequenos, quero seguir a vida e a pobreza do nosso Altíssimo Senhor Jesus Cristo e da Sua Santa Mãe e perseverar nela até ao fim; e peço-vos, minhas senhoras, e dou-vos o conselho de viver sempre esta santa vida e pobreza. E cuidai de jamais vos afastardes de alguma forma desta vida por ensinamento ou conselho de quem quer que seja"²¹⁶.

A questão da pobreza foi, ao longo dos primeiros anos de fundação da Ordem, das mais polémicas²¹⁷, pois em 1219 o Cardeal Hugolino (por ordem da Santa Sé) aplica às Clarissas o seguimento da Ordem de S. Bento, exigindo que estas religiosas só estejam obrigadas ao cumprimento dos votos de obediência, castidade e clausura. Condição contestada por Santa Clara que solicita ao Papa o "privilégio da pobreza" para as Clarissas, ou seja, proíbe-se às religiosas a obtenção de doações ou rendas. Pedido este ao qual o Papa Gregório IX responde com anuência, em 1228. Atendendo à austeridade das medidas, em 1263, Urbano IV contraria esta posição e torna as rendas e propriedades bens essenciais ao sustento das Clarissas.

Estas divergentes tomadas de posição quanto à pobreza e ao meio de sustentação dos religiosos em clausura, contribuem largamente para a divisão das duas correntes franciscanas: claustrais (ou conventuais) e observantes. *Latu sensu*, os primeiros defendem a profissão de uma *Regra* menos austera na sua relação com os bens materiais, "as pobres cabanas ou eremitérios transformam-se em conventos, cada vez

²¹⁶ Apud André VAUCHEZ, *Francisco de Assis entre História e Memória*, Instituto Piaget, 2009, p. 218.

²¹⁷ O voto de pobreza foi igualmente quezilento para o ramo masculino da Ordem, pois, logo após a morte e canonização de S. Francisco (julho de 1228), por volta de 1230, as divergências entre os *frades menores* acentuaram-se, devido às diferentes interpretações que faziam da pobreza imposta pela *Regra*, como bem ilustra André VAUCHEZ, "a pobreza anuncia tribulações e duros combates para os irmãos que queiram permanecer-lhe fiéis", (*Francisco de Assis, entre História e Memória*, Instituto Piaget, 2009, p. 216). Cf. a este propósito, Bernardo Vasconcelos e SOUSA, *Ordens Religiosas em Portugal*, ed. cit., p. 11; Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves*, ed. cit., vol. I, pp. xxxviii e cclxiv; Maria Margarida LALANDA, "Clarissas (Ordem de Santa Clara)", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direc. de Carlos Moreira AZEVEDO, ed. cit., p. 353; Maria Margarida CAEIRO, "Rostos femininos da Ordem franciscana", in *Os Franciscanos em Portugal e no mundo, Os 800 anos da Ordem Franciscana (1209-2009)*, Lisboa, MMXI; Vítor Gomes TEIXEIRA, *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517)*, ed. cit; Adriano CARVALHO, "As primeiras vidas de Santa Clara: dos testemunhos à biografia", *Separata de "Verdad y vida"*, t. LII, n.ºs 205-206, Madrid, 1994.

maiores e mais ricos"²¹⁸, os segundos mantêm-se mais fiéis aos princípios estipulados pelo fundador da *Regra*, que ditava austeridade de vida e pobreza extrema para os seus seguidores.

A convivência entre as duas fações não foi pacífica havendo, ao longo da sua existência, momentos de oscilação, em que os membros da comunidade pendiam para uma tendência ou para outra. Não obstante no séc. XV haver um período de alguma inclinação mais conventual - "embora procurando-se sempre a subtração da tendência dos costumes *modus vivendi* dos Conventuais"²¹⁹ - a cisão iniciada em 1447 terminaria em 1517²²⁰, com a eleição da Observância como diretriz da Ordem e relegando para segundo plano a Conventualidade, "sob condição de reforma ou então desaparecimento, como viria a suceder em Portugal em 1568"²²¹.

Em 1489, o Mosteiro da Conceição em Beja é o primeiro a aplicar a obediência aos vigários que defendem uma tendência mais rigorosa. O Mosteiro de Jesus, em Setúbal, adere cerca de 1490 à "Reforma de Santa Coleta" (que respeita à Primeira Regra de Santa Clara, que proíbe a posse de rendas e dotes). Surgem, posteriormente, em 1538, as Clarissas Capuchinhas - franciscanos de "estrita observância" de origem francesa - que introduzem algumas alterações à reforma coletina, fundando a primeira casa em Lisboa, em 1647, designada Porciúncula.

Os pontos discernentes entre as várias casas femininas tinham por base a opção pela Primeira ou Segunda *Regra*, pela escolha entre obediência a claustrais ou observantes ou até ao bispo local, o ordinário.

²¹⁸ Pe. Henrique Pinto REMA, "800 anos da Ordem dos Frades Menores (1209-2009). A Observância Franciscana em Portugal", in *Os Franciscanos em Portugal e no mundo português; os 800 anos da Ordem franciscana (1209-2009); Actas*, 20 e 30 de abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI, pp. 18-19.

²¹⁹ Vítor Gomes TEIXEIRA, *O Movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517)*, ed. cit., p. 144.

²²⁰ Cf. Pe. Henrique Pinto REMA, "800 anos da Ordem dos Frades Menores (1209-2009). A Observância Franciscana em Portugal", in *Os Franciscanos em Portugal e no mundo português; os 800 anos da Ordem franciscana (1209-2009); Actas*, 20 e 30 de abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI, pp. 36-38. A cisão entre claustrais e observantes é referenciada por Soror Antónia: "Em o anno de nossa redêpssão de 1517 sedevediu aobservansia da claustra ou conventuais os quais tinham infestado as provincias do mudo todo cõ sua relaxassão tantos annos, acabãdosse em este cõ grande gloria de nossa seraphica ordem", (*Livro da Fundação, "livro primeiro"*, fl. 13 v.).

²²¹ Pe. Henrique Pinto REMA, "800 anos da Ordem dos Frades Menores (1209-2009). A Observância Franciscana em Portugal", in *Os Franciscanos em Portugal e no mundo português; os 800 anos da Ordem franciscana (1209-2009); Actas*, 20 e 30 de abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI, pp. 36-38.

f) Expansão das Clarissas no Portugal moderno

A fundação de conventos de Clarissas da Província dos Algarves decorreu entre os sécs. XIV e XVII. O séc. XVII concentra o período de vigência comum, "correspondendo o século XVIII ao período de consolidação do paradigma clariano e o século XIX à resolução final"²²².

A Época Moderna é profícua na expansão das casas de Clarissas em Portugal e no mundo. Apesar das nefastas contrariedades provocadas pelas rebeliões protestantes (através de pilhagens às instituições religiosas, incêndios, perseguições, supressões, martírios)²²³, a Ordem de Santa Clara alarga o seu campo de ação ao Ultramar, onde funda várias casas. Este século é marcado por uma aproximação à Primeira Regra, norteadada pelo apelo à santa pobreza, mediante a designada "reforma do século", impulsionada pela Madre Maria Longo²²⁴. Esta reforma estendeu-se, em Portugal, a vários mosteiros, começando pelo Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas (cuja fundação se inicia em 1509), tendo como fundadora a rainha D. Leonor, que aí viveu durante trinta anos, após a sua viuvez, tornando-o no mais famoso de Lisboa²²⁵. Os inúmeros donativos que a rainha legou ao convento (livros, pinturas, têxteis, alfaias e imagens sacras) permitiram nele introduzir uma "espiritualidade que D. Leonor e os seus círculos religiosos foram cultivando e aprofundando na história da espiritualidade do Portugal do Renascimento: uma espiritualidade moderna, largamente franciscana e clariana"²²⁶. Seguiu-se-lhe o Mosteiro da Esperança de Lisboa em 1535, aos quais sucedem outras fundações no Minho, nos Açores e províncias das Beiras.

No séc. XVII culmina o germinar de fundações clarianas, das quais se contam 75 mosteiros em Portugal e no Ultramar. O número de religiosas Clarissas é considerável e em 1650 há registo, em Portugal, de 1660 Clarissas, segundo frei Manuel da

²²² Maria Margarida CAEIRO, *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006, p. 17.

²²³ Exemplo do martírio das duas freiras clarissas francesas, Soror Margarida de Rouen e Soror Joana de Petit, em 1567. Cf. *A Ordem de Santa Clara em Portugal*, Edição Franciscana, Braga, 1976, p. 86.

²²⁴ Cf. *A Ordem de Santa Clara em Portugal*, Edição Franciscana, Braga, 1976, p. 87.

²²⁵ Ver a este propósito Ivo Carneiro de SOUSA, *A Rainha da Misericórdia na história da espiritualidade em Portugal na Época do Renascimento*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto, Porto, MCMXCII.

²²⁶ Ivo Carneiro de SOUSA, "A rainha D. Leonor e a experiência espiritual das clarissas coletinas do Mosteiro da Madre de Deus de Lisboa (1509-1525)" in *Via Spiritus*, I, FLUP, 1994, p. 28.

Esperança²²⁷. Em 1680, o número de religiosas contempla as 70 000 em todo o mundo, segundo Frei Domingos de Gubernatis²²⁸. Neste século também se expandiram para o Oriente.

No séc. XVIII o número de mosteiros de Clarissas continua a alastrar-se ao país, chegando em 1739 a atingir um total de 65 casas.

A despeito de viverem em clausura e, como tal, impossibilitadas e proibidas (como já referimos) de exercerem a mendicância, houve necessidade de assegurar o dote das postulantes, garante da sustentação pessoal e de toda a comunidade. Esse dote²²⁹ poderia traduzir-se em numerário, bens (trigo) ou propriedades²³⁰, entregues aquando da profissão dos votos solenes, um ano após o noviciado²³¹.

²²⁷ Frei Manuel da ESPERANÇA, *História seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, tomo I, Lisboa, 1656, p. 14.

²²⁸ Cf. *A Ordem de Santa Clara em Portugal*, Edição Franciscana, Braga, 1976, p. 102. Referência à obra de Frei Domingos a Sospitello GUBERNATIS, *Orbis Seraphicus, Historia de tribus ordinibus a Seraphico P. S. Francisco institutis deque eorum progressibus et honoribus per quatuor mundi partes*, Roma-Quarachi, 1686 a 1836.

²²⁹ As condições do dote e rendas exigidas aquando da entrada no convento, variavam de convento para convento e estavam condicionadas ao número de religiosas aí residentes, ditava a *Regra* que "nam seja mayor o numero das Religiosas, que ha de haver em cada Convento, de quanto bastarem as rendas do Mosteiro e esmolas cotidianas pera sua congrua sustentação", (in *Constituições Geraes* (...), cap. II, pp. 73-74). O Mosteiro da Esperança de Vila Viçosa exigia uma quantia que podemos considerar média, se compararmos com outras instituições à época. Segundo documento localizado no ANTT, OFM, Província dos Algarves, Província, Livro 15 - Registo dos Conventos e Religiosas que tem esta Província, S. Francisco de Xabregas, 1747, Religiosas do Mosteiro de Vila Viçosa, fls. 87-96, sabemos que naquela instituição "dão de dote quatro centos mil reis liquidos para a Comunidade o que se entende com aque não tiver macula no sangue, porque aque ativer dará seis centos mil reis para propinas, e o mais do estillo", fl. 87, sendo que o número de religiosas era de quarenta e cinco (curioso salientar que as que tivessem mácula no sangue - "de nenhum erro suspeitas e não ligadas por matrimonio" - estariam obrigadas a pagamento acrescido para ingresso na instituição). O mesmo documento atesta que o Mosteiro da Conceição de Beja, com cento e trinta religiosas residentes, obrigava ao pagamento de um dote de 600 mil reis; o Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas, com trinta e três religiosas, não exigia pagamento de dote: "não se da de dote mais do que cada hum quer oferecer ao convento"; o Mosteiro de Jesus de Setúbal, com trinta e três religiosas, obrigava ao pagamento de 600.000 reis; Santa Clara de Évora, com setenta religiosas, cobrava 600.000 reis; Santa Clara de Elvas, com quarenta religiosas, exigia 500.000 reis de dote.

²³⁰ As doações foram várias vezes referenciadas por Soror Antónia Baptista, ao longo do *primeiro livro* da sua obra, por fazerem parte dos bens adquiridos necessários à fundação e sustentação do convento da Esperança de Vila Viçosa.

²³¹ Dos fundos conventuais disponíveis na Biblioteca Pública de Évora destacamos, de entre a documentação pertencente à fundação do Convento da Esperança de Vila Viçosa, o ms. 456, que passamos a transcrever, por ilustrar o que acima salientámos - "dote que fizerão joão antunes moreira e seu irmão ao convento da esperança por nele ser freira sua filha Luísa Feleciana da Silva e filha de Joana Rodrigues, a qual entra com o dote quatrocentos mil reis e assim mais de entradas e propinas sincoenta mil reis (mais) dez mil reis que tudo faz soma de quatrocentos e sesenta mil reis e sem que

Se o recolhimento era condição essencial para a plena fruição espiritual, tal facto não impedia a convivência das religiosas com mulheres piedosas, as *mantelatas*²³² (franciscanas terceiras), que decidiam voluntariamente juntar-se às irmãs professoras e optarem, elas próprias, por fazerem a sua profissão ou aí viverem como leigas com estatuto especial, condição de algumas rainhas e infantas portuguesas²³³. Como anota Maria Margaria Lalanda "este movimento do século para o mosteiro foi frequente em Portugal nos sécs. XIII a XVI, e no sentido inverso, desde o séc. XVII até à extinção das casas religiosas (1832-1834)"²³⁴.

Estas comunidades ofereceram a possibilidade a muitas mulheres de experimentarem novos ideais religiosos em espaços dedicados ao desenvolvimento de práticas que propiciavam a descoberta de vocações ligadas ao ensino, à assistência, ou até, se assim o desejassem, à profissão religiosa. Reitera Pedro Vilas Boas Tavares que "para muitos leigos comuns, também eles desejosos da sua santificação pessoal, sem terem de submeter-se às regras dos religiosos nem confinar-se a um claustro, certas confrarias, as ordens terceiras e determinadas experiências de reclusão e beguinagem tinham sido outrora instrumentos disponíveis e privilegiados"²³⁵.

Na segunda metade do séc. XVI, estes recolhimentos vão ser reduzidos a um número limitado, por força dos decretos tridentinos, um tanto avessos a essas formas

seja obrigado a dar mais coiza alguma para ifeito do dito dote e que no dia da profiçam da dita sua filha sera obrigado a dar hum jantar adita comonidade como he (...) costume."

²³² Assim designadas por utilizarem "habitos, e mantos de sayal com toucas na forma de manteletas da dita Ordem e tambem de chapeos quando sahem fora de casa", (in Frei Manoel da ESPERANÇA, *História seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*, tomo I, Lisboa, 1656, livro V, cap. 35, p. 806.). A criação das mantelatas tinha por objetivo principal o recolhimento de ação caritativa para mulheres necessitadas. Soror Antónia refere-se-lhes logo no início do seu texto, como tendo sido as fundadoras do convento "cõ grande fama de vertude as tres que erão as martellas de estremos e irmãs, apotestarão (*Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 3 v.).

²³³Cf. Maria Margarida LALANDA, "Clarissas", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direc. de Carlos Moreira AZEVEDO, Tomo I, Círculo de Leitores SA e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, p. 354.

Como acima referimos, o patrocínio de alguns mosteiros assegurava às senhoras nobres uma derradeira morada condigna, para o fim das suas vidas. Várias foram as rainhas ou infantas que após enviuvarem, envelhecerem, perderem filhos, por vontade dos pais, ou por força de outras circunstâncias, entraram nos mosteiros para aí terminarem os seus dias, optando por professar ou não naquela comunidade. Esta foi a situação das três filhas beatas (não professoras) de D. Sancho I, Teresa, Sancha e Mafalda ou da rainha (canonizada) D. Isabel de Aragão ou de D. Joana, filha mais velha de D. Afonso V, entre outras.

²³⁴ *Ibid, Ibidem.*

²³⁵ Pedro Vilas Boas TAVARES, "Caminhos e invenções de santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII", FLUP, *Via Spiritus*, 3, pp. 166, 167.

"independentes de vida religiosa"²³⁶, obrigando a que as mulheres piedosas que viviam nessas comunidades fizessem profissão de votos, vivessem em clausura e entregassem dote²³⁷. Em muitos locais, proibem-se comunidades de beatas e beguinas, noutras locais, esses espaços "transformam-se em conventos de dominicanas e de clarissas, ou então de terceiras regulares (ou seculares), sujeitas a uma das regras reconhecidas pela Igreja e a uma Ordem (com os seus superiores masculinos)"²³⁸.

Após o decreto de extinção das Ordens religiosas, as Clarissas conservaram três conventos, no Funchal, no Louriçal e em Lisboa, até 1910 (implantação do regime republicano), sendo extintos em consequência das leis anticongregacionistas. Refundem-se os conventos em 1928 e até 1992 contavam-se dez mosteiros de Clarissas em Portugal, "todos seguidores da Regra de Santa Clara e obedientes aos bispos das respetivas dioceses".

De entre as cinco Clarissas canonizadas e as beatificadas, que são vinte, não se encontra nenhuma portuguesa, no entanto, ao longo dos tempos, várias foram as biografadas, em virtude das suas vidas exemplares. Segundo o Padre Francisco Leite de Faria, havia três processos diocesanos em curso para a beatificação de três Clarissas: as Madres Leocádia da Conceição, do Mosteiro de Monchique no Porto, Maria Joana, do Mosteiro do Louriçal e Teresa da Anunciada, do Mosteiro da Esperança de Ponta Delgada. A biografia desta última religiosa conheceu dezanove edições (de 1763 a 1992)²³⁹, facto bastante ilustrativo do interesse dos fiéis pelas vidas destas religiosas.

Apesar de Santa Clara não ter sido escritora, a verdade é que teve muitas seguidoras que o foram. Só em Portugal, o Padre Diogo Barbosa Machado indica quarenta e nove Clarissas escritoras, de entre as quais destacaríamos os nomes das Madres Maria do Céu

²³⁶ Cf. Maria Margarida CAEIRO, *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006.

²³⁷ Cf. Maria Margarida CAEIRO, "Rostos Femininos da Ordem Franciscana: a Ordem de Santa Clara e outras Vivências Clarianas - Contributo para o Estudo da sua Presença em Portugal", in *Os Franciscanos em Portugal e no Mundo português; Os 800 Anos da Ordem Franciscana (1209-2009)*; *Actas*, 20 e 30 de abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI, p. 64.

²³⁸ Maria Filomena ANDRADE, "Fundadoras e patronas dos mosteiros mendicantes femininos em Portugal nos séculos XIII e XIV: práticas e modelos", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (s. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013, p. 89.

²³⁹ Cf. Padre Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 11-35.

e Madalena da Glória (ou Leonarda Gil da Gama), ambas religiosas do Mosteiro da Esperança de Lisboa, sendo a primeira considerada por vários autores, uma das principais escritoras do barroco português²⁴⁰.

A relação dos franciscanos com a literatura é tão constante e premente que a sua presença ocupa lugar de destaque em qualquer página do nosso Humanismo.

²⁴⁰ Cf. Padre Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 11-35. O mesmo autor faz um levantamento de escritos franciscanos de *fundação*, que têm particular relevância para o nosso estudo e que, por conseguinte, o transcrevemos no capítulo que trata as "Obras de Fundação". De entre múltiplos autores que referem a mestria barroca da escrita de Soror Maia do Céu, apontamos: Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (Sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005; María Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro, Espacios Profanos y Espacios Conventuales*, Madrid, Ediciones del Orto, 2006; Maria Micaela RAMON, *A Novela Alegórica em Português dos Sécs. XVII e XVIII, o Belo ao Serviço do Bem*, Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura, Ramo de Literatura Portuguesa, Universidade do Minho, 2006; Ana Hatherly, *A Preciosa de Soror Maria do Céu, Edição Atualizada do Códice 3773 da Biblioteca Nacional Precedida dum Estudo Histórico*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1990.

4. Vida e obra de Soror Antónia Baptista: intermitências conjecturadas

As flores que escreveis como entendida
tanto perpetuais como a uòx clama
do mundo, dòcta Antonia conhecida²⁴¹.

a) Informações esparsas e conjecturas

Como aludimos na introdução a esta dissertação, lamentavelmente, os dados biobibliográficos sobre esta religiosa escasseiam.

Podemos aventurar-nos pelo campo das suposições e afirmar, com base nas poucas e muito subtis informações que a autora vai deixando escapar ao longo da sua obra, que a mesma terá entrado muito nova no convento, talvez com quatro anos de idade²⁴², que em 1652 terá dado início à redação do seu texto²⁴³ e que em 1657²⁴⁴, data provável da conclusão da obra, possivelmente ainda viveria, mas que talvez não tivesse durado muito mais tempo, pois, como equaciona Frei Jerónimo de Belém, a sua obra não teria seguido para os prelos "porque faltaria a vida à autora"²⁴⁵.

Dando sequência às nossas conjecturas, com base no último verso supracitado, extraído do soneto que Fernão Roiz de Brito Pereira dedica à autora, somos levadas a supor que a "dòcta Antónia conhecida" possuía uma sólida formação que lhe terá permitido à época ser *conhecida* a uma escala mais alargada, quiçá além muros conventuais. Caso assim não fosse, como explicar a alusão do autor à sua notoriedade? A utilização do adjetivo *docta* ajuda a sustentar estas afirmações, pois este atributo evidencia um grau de instrução que não seria muito usual nas mulheres à época, à exceção de algumas senhoras nobres. Ainda a corroborar estas hipóteses, atente-se nos conhecimentos que a autora demonstra ao longo do texto, que parecem ter sido adquiridos no próprio convento, onde, como a própria afirma, terá entrado de tenra idade. Conjeturemos,

²⁴¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. V r.

²⁴² Afirma Soror Antónia "em esta obra vereis muitas faltas seguro, que quando a comessei foi com essa consideração, não temo sensurarsse nã pesso perdão dellas por ser devido a hũa mulher idiotta e tão falta de policia como quẽ de quatro annos de idade se criou ã hũ convento tão recoleto que se aprende humildade por verdadeira politica", (*Livro da Fundação*, "Prologo", fl. VI v.).

²⁴³ "Depois de eu comessar a escrever este tratado em o mes de agosto deste presente anno de 1652", (*Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 30 v.).

²⁴⁴ Data inscrita no documento por ignotas mãos.

²⁴⁵ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves (...)*, Lisboa, MDCCLVIII, tomo IV, p. 125.

assim sendo, que Soror Antónia possa ter ficado órfã e/ou possa ter sido parente de uma religiosa do mosteiro que, por força dos laços familiares, se terá responsabilizado pela sua formação moral, cultural e espiritual, como era costume acontecer. Uma outra hipótese a ponderar é ter Soror Antónia entrado no convento como aluna, para aprender as primeiras letras e fundamentos religiosos, à semelhança de algumas crianças, facto que nos indicia que o convento funcionava para as meninas como escola, cujo alcance de saberes não estamos ainda em condições de avaliar. Enfim, na falta de alicerces que sustentem as nossas conjeturas, deixamos em aberto estas possibilidades que nos permitem esboçar, ainda que por conjetura, contornos biográficos respeitantes à "docta Antónia".

Apesar de a sua obra aparecer referenciada em alguns estudos²⁴⁶, as raras informações de que dispomos sobre a vida de Soror Antónia Baptista advêm dos contidos relatos de Frei Fernando da Soledade (in *História Seráfica Chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*)²⁴⁷, de Frei Jerónimo de Belém (in *Chronica Seráfica*)²⁴⁸ e de Diogo Barbosa Machado (in *Biblioteca Lusitana*, praticamente um decalque do que encontramos na *Chronica Seráfica* de Frei Jerónimo de Belém)²⁴⁹, embora grande parte dos elementos fornecidos sejam (também eles) mais atinentes à obra do que à vida da autora²⁵⁰.

²⁴⁶ Alguns dos estudos académicos que fazem referência à obra de Soror Antónia Baptista são: Patrícia MONTEIRO, "A Pintura Mural no Norte do Alentejo (sécs. XVI a XVIII)", tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013; Isabel MORUJÃO "Entre o convento e a corte: algumas reflexões em torno da obra poética de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, *Rev. Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas, anexo V - Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs. XVI-XVIII*, Porto, 1993, p. 124; José Adriano de Freitas CARVALHO, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura Entre Franciscanos e Clarissas em Portugal no Século XVII", *Via Spiritus*, 4, 7-56, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997; Moreno Laborda PACHECO "Quando as Freiras Faziam História: Crônicas Conventuais, Autoria Feminina e Poder em Portugal no Séc. XVII", ANPUH, XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, Brasil, 2009; Lígia BELLINI, "Vida Monástica e Práticas da Escrita Entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", *Campus Social*, Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 3/4, 2006/2007.

²⁴⁷ Frei Fernando da SOLEDADE, *História seráfica chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*, tomo IV, na Officina de Manoel e Joseph Lopes Ferreyra, MDCCIX.

²⁴⁸ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica seraphica da santa provincia dos Algarves da Regular Observância do nosso seráfico P.e S. Francisco(...)*, pelo padre Frei Jeronymo de Belem, Lisboa, na oficina de Ignacio Rodrigues, anno de MDCCL.

²⁴⁹ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, Coimbra, Atlântida Editora, MDCCLIX.

²⁵⁰ Aponta António Alberto Banha de ANDRADE, no *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, 1.º vol., Lisboa, Editorial Resistência, com a entrada "BAPTISTA, Antónia, O.S.C. - Ignoram-se os pormenores da sua biografia, determinando-se que viveu no séc. XVII pela única data que B. Machado refere", p. 125.

Escreve Barbosa Machado que Soror Antónia Baptista foi religiosa professa no Convento da Esperança de Vila Viçosa, que terá sido "tão observante do seu instituto, como aplicada à lição da História e Arte da Poesia, produzindo o seu grande talento sazoados frutos em hum e outro estudo"²⁵¹.

b) Imprecisões no tratamento de dados factuais

Apesar de os dados biobibliográficos sobre Soror Antónia rarearem (como já aludimos), as poucas informações existentes não foram tratadas com a seriedade que mereciam. Constatámos, por exemplo, que duas obras de importância incontornável na divulgação de informações veicularam dados errados concernentes à obra da nossa autora. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* contempla, no vol. IV, uma entrada com o nome de Soror Antónia Baptista, onde se pode ler que se tratou de uma poetisa do séc. XVII (relegando para segundo plano a sua condição de freira clarissa professa no Convento da Esperança de Vila Viçosa) que "escreveu em verso (!): *Fundação do mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa*"²⁵². Esta informação não de todo conforme à realidade da nossa obra é decalcada do *Diccionario Historico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Chorographico, Numismatico e Artístico*, da autoria de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, que acrescentam: "poetisa de *talento* (...) escreveu em verso: *Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa*"²⁵³. Obviamente que estas afirmações padecem de uma falha que se verifica muito na historiografia referente a épocas mais recuadas: o não visionamento da obra ou a sua abordagem muito superficial que, por vezes, não vai além da folha de rosto. Só isso explica que se insira na categoria de poesia um texto que só tem registo poético justamente no início dos primeiro e terceiro livros (mas tão longe não chegou a sua leitura), pois como sabemos, a obra de Soror Antónia está integralmente redigida em prosa. Aliás, logo no início do texto, num dos poemas redigidos em louvor da autora, Fernão Roiz de Brito Pereira faz referência à *prosa* (embora aqui possamos atribuir

²⁵¹ Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, ed. cit., 1º tomo, p. 182.

²⁵² *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. IV, Lisboa, Rio de Janeiro, Edit. Enciclopédia, p. 143.

²⁵³ Esteves PEREIRA e Guilherme RODRIGUES, *Portugal, Diccionario Historico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Chorographico, Numismatico e Artístico*, Lisboa, vol. II, João Romano Torres - Editor, 1906, p. 66.

outros contornos semânticos à palavra *prosa*) com que Soror Antónia tinha tratado as suas *flores*²⁵⁴.

Porém, o epíteto de *poetisa* também se adequa à autora, uma vez que a mesma elaborou, com mestria e elegância, composições poéticas em castelhano, no início dos *primeiro* e *tersseiro* livros. A utilização desta forma nobre em verso (oitava decassilábica) é reservada, na crónica, para a invocação à Virgem, a quem Soror Antónia solicita proteção para começar a sua obra:²⁵⁵

Pues ajudadme Virgen generosa
pera que sea oi mi tosca pluma
guiada de essa mano poderosa.
Vos que os vestis el sol calssais la luna
un raio me prestad pues soes piedosa
por que no erre io en cosa alguna
mas aun le parezca alos humanos
la vos ser de jacob de esau las manos²⁵⁶

Através destes versos, a autora reitera a sua humildade e roga à Virgem poderosa que "veste o sol e calça a lua", para que a ilumine com um *raio* e ajude a evitar os erros que possam advir no seu relato. A divina mão pode encaminhar a sua "tosca pena" e fazer prevalecer a verdade dos factos, ao contrário do que fez Jacob, ao tentar usurpar a progenitura ao irmão Esaú²⁵⁷.

Antes de iniciar o "livro tersseiro", a autora invoca novamente a Virgem (através de onze sistilhas) para dar a conhecer a vida da Madre Soror Maria das Chagas injustamente votada ao esquecimento:

Pereçoso letargo
en cujo sueño sepultado avias
por descurço tan largo
la mas rara virtud de nuestros días
cesse tu pesadilla
dexa ja pregonar tal maravilla²⁵⁸

²⁵⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. V r.

²⁵⁵ A apologia à Virgem na sua faceta de mediadora e protetora é um tópico recorrente.

²⁵⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. VII v.

²⁵⁷ (Gn 25,19) - Esaú e Jacob são os dois filhos gémeos de Isaac e Rebeca (que era estéril); os dois irmãos (que representam dois povos inimigos) já no seio materno se degladiavam. Nesta passagem, a autora faz referência à mão de Jacob (segundo filho a nascer) que agarra o pé de Esaú no momento do nascimento, simbolizando a tentativa de usurpação da progenitura de Esaú por parte do irmão mais novo.

²⁵⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. II r.

A veia poética da autora revela o estilo de alguém que domina as técnicas deste tipo de composição²⁵⁹ e o engenho próprio da arte da poesia. Oscilando entre um tom melódico e melancólico, *esclarecido* e *tão levantado*, com laivos de emoção, o talento de Soror Antónia parece ter suscitado o interesse de leitores seus contemporâneos, como se verifica no encómio de Diego Peres Ferreira, presente nas primeiras páginas do *Livro da Fundação*, através do qual o autor diviniza o *raro ingenio* de Soror Antónia, imortalizando a sua fama:

Divina Antonia iuízo peregrino
Raro ingenio sutil claro y divino
Estranha habilidad iamas oida.
A tu fama immortal esclarecida
Atu alento de alabanças digno²⁶⁰.

Fernão Roiz de Britto Pereira segue na mesma esteira apologética:

Com estilo escreveis tão levantado,
destas flores, as vidas, que duvido
se nas vidas, se ostenta, o mais sabido,
se nas letras, se inculca o mais prezado²⁶¹.

Aponta ainda Barbosa Machado a "suavidade métrica da Authora", que faz sobressair o seu talento *claro* e *sincero*: "para eternizar a memória do Convento de que era filha, e as virtudes das Religiosas suas Irmãs, compoz com estilo claro, e sincero"²⁶².

O que se pode, sem dúvida, constatar é que Soror Antónia escreve com segurança, autoridade e espírito crítico, sem receios de visar cronistas afamados como Frei Luís dos Anjos ou de censurar prelados ou abadessas: "o que se dis ã *jardim de portugal* que ãtão a aceitarão e falsso"²⁶³; "Não fica este convento livre de culpa do pouco que de esta grande serva de Deus se sabe, e cõ grande magoa minha so escrevirei, por não aver ã

²⁵⁹ Não obstante, lamentavelmente, não se conhecem outros textos da autora.

²⁶⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. IV v.

²⁶¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. IV v.

²⁶² Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, Coimbra, Atlântida Editora, MDCCLIX, pp. 182-183.

²⁶³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 4 r.

tantos annos hũa religiosa que tratasse de deixar memoria de tantas maravilhas, easim consumiu o tempo amor parte dellas"²⁶⁴.

Poderemos até interrogar-nos por que razão, depois de ter o livro pronto para "sair do borrão", a abadessa terá exigido um aperfeiçoamento coletivo do texto cuja iniciativa de escrita Soror Antónia reivindicou várias vezes para si. Seria uma forma de correção fraterna para a levar a ser mais humilde e menos orgulhosa? Ou seria uma forma de atrasar a edição de uma obra com passagens claramente contundentes para uma mulher, particularmente para uma religiosa?

Como última conjectura extraída dos poucos versos que a obra contém, estamos convictas de que Soror Antónia produziu um número considerável de poesias que até hoje o tempo não permitiu descobrir. Tê-las-á, possivelmente, enviado para fora do convento, por ocasiões festivas do calendário litúrgico ou para obedecer a um mais profano costume de cumprimentar o soberano pelo seu aniversário, pelo da rainha ou dos príncipes. Esperamos um dia deslindar mais dados desta enigmática quanto fascinante religiosa.

²⁶⁴ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 12 v.

5. A produção textual de pendor espiritual e devocional na esteira da *devotio moderna*

a) A *máquina* de Gutemberg e os tempos modernos: verso e reverso

Como é sobejamente conhecido, o evento de Gutenberg implicou mudanças civilizacionais de imediata repercussão mundial. A possibilidade de reprodução de pensamentos e ideias de forma célere, a uma escala alargada, transformou o modo de pensar a existência do homem, despoletando, em simultâneo, subversões e acérrimas lutas de poder, na tentativa de controlo dessa prodigiosa *máquina*.

Não devemos, no entanto, pressupor que o texto impresso foi, de imediato, sobrepor-se ao texto manuscrito, pois, no entender de Danilo Zardin, "l'epoca successiva alle invenzioni di Gutenberg e compagni è stata ben lontana dall'aver visto paralisi totale del ricorso ai testi manoscritti e la fine delle loro incessante riproduzione"²⁶⁵. A obra de Soror Antónia Baptista reflete bem essa realidade, uma vez que, ficando a meio do caminho entre o *borrão* e o *prelo*, permaneceu inédita até hoje, mas poderá, eventualmente, ter conhecido cópias manuscritas²⁶⁶. Os sonetos laudatórios à autora sustentam esta conjectura, porque dificilmente se vê um manuscrito ser preparado cuidadosamente para edição e, ao mesmo tempo, circular por mãos internas e externas ao convento.

A imprensa vem trazer à Época Moderna um desvio, melhor dizendo, uma divisão, no domínio da produção textual, até então²⁶⁷ apanágio dos mosteiros. A nova realidade obriga as instituições religiosas a delegar parcialmente e, contra a sua vontade, a tarefa e o usufruto às instituições concorrentes: as universidades.

Ainda antes de 1500, imprimiam-se, maioritariamente, incunábulo religiosos que constituíam um negócio rentável para os livreiros, uma vez que os leitores eram essencialmente clérigos. "Não é, com certeza, por acaso que entre as primeiras

²⁶⁵ Danilo ZARDIN, in *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 10.

²⁶⁶ Aliás, ainda recentemente, o Padre Leite de Faria se referiu à crónica de Soror Antónia, não se sabendo, no entanto, se terá visto *de visu* este manuscrito que agora trabalhamos ou outro.

²⁶⁷ Pelo menos até ao séc. XIII, altura em que as universidades começam a concentrar no seu âmago "um activo comércio de livros", (cf. Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *L'Apparition du Livre*, Paris, Albin Michel, L'Évolution de L'Humanité, 1958, p. 16.).

realizações da imprensa se encontrem duas Bíblias, a de 42 e a de 36 linhas."²⁶⁸ Para além dos textos sagrados, imprimem-se, em paralelo e em maior número, livros para a celebração do culto e orações, sermonários, breviários, diurnos e missais²⁶⁹.

É de salientar o êxito que a ilustração vai conferir aos catecismos, em toda a Europa, ao longo de Quinhentos e Seiscentos. Esta novidade permite a fruição estética imediata e autónoma do texto escrito por parte dos fiéis, servindo, como refere Danilo Zardin, de estratégia educativa ao serviço da Igreja e dos Padres da Companhia de Jesus²⁷⁰. A simplicidade das figuras e os textos curtos favoreciam o acesso autónomo ao catecismo doutrinal e catequético²⁷¹.

Mudando de público alvo, e nunca esquecendo o peso que a espiritualidade e a *devotio* moderna têm na existência do Antigo Regime, também as populações não eclesiásticas (reis, príncipes, grandes senhores e, progressivamente, os burgueses - classe que vinha conquistando lugar de destaque na estratificação social) vêm satisfeitas as suas aspirações espirituais e devocionais, com o acesso facilitado a livros de horas (contendo o texto das orações do dia a dia), livros de orações, livros de piedade e místicos, vidas de santos, vida da Virgem²⁷² e de Cristo²⁷³, que representam mais de um sexto da produção impressa. De entre os representantes destes géneros, as obras de Frei Luís de

²⁶⁸ Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *L'Apparition du Livre*, Paris, Albin Michel, L'Évolution de L'Humanité, 1958, p. 323. Segundo os mesmos autores, a Bíblia continua a ser traduzida (embora não para línguas vulgares, interdita nos países católicos) e muito procurada; a primeira edição do Novo Testamento, publicada em 1522, esgotava rapidamente. Sendo disponibilizada em vários formatos, mais reduzidos e concentrados, com vista ao seu uso e manuseamento mais fácil "a Escritura é posta ao alcance de todas as mãos", p. 380.

²⁶⁹ Cf. Rita MARQUILHAS, *A Faculdade das Letras, Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, pp. 172-173; Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, pp. 52-56.

²⁷⁰ Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 11.

²⁷¹ Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, pp. 98-99.

²⁷² Imprimem-se e reimprimem-se edições que alimentam o culto à Virgem, enaltecendo as virtudes da mãe de Cristo. Sublinha María Isabel BARBEITO CARNEIRO que a Virgem, intercessora dos homens junto de Deus, desperta uma veneração particular no que respeita aos mistérios da Imaculada Conceção, da Assunção e da Encarnação, (in *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro*, Madrid, 2007, p. 60.). Quanto ao culto dos santos "basta lembrar o êxito imenso da *Lenda Dourada* de Jacopo Voraggio (88 edições latinas; 18 francesas; 5 inglesas; 2 alemãs; 2 checas; 13 flamengas; 6 italianas) e as inumeráveis vidas de santos que, então, aparecem", (Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *L'Apparition du Livre*, Paris, Albin Michel, L'Évolution de L'Humanité, 1958, p. 326.).

²⁷³ O cristocentrismo, apoiado nos episódios da Paixão, Crucifixão e Morte de Cristo, revela-se como o centro da espiritualidade do sécs. XVI e XVII, (cf. André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988.).

Granada e de Santa Teresa de Jesus são amplamente requisitadas e *A Imitação de Cristo* do pseudo Tomás de Kempis torna-se "até uma época recente, e a par da Bíblia, a obra mais vezes impressa até aos nossos dias"²⁷⁴.

b) A proliferação do texto impresso, veículo das ideias reformistas e contra reformistas

Com base nos dados resultantes dos vários estudos atinentes à produção textual na Época Moderna, nomeadamente, no que respeita a edição de determinadas obras de devoção e espiritualidade²⁷⁵, somos levadas a constatar o elevado interesse suscitado (junto do público alfabetizado)²⁷⁶ pela temática religiosa²⁷⁷. "Nunca tantos livros de espiritualidade haviam sido publicados, frequentemente em pequenos formatos mais acessíveis e escritos em língua vulgar"²⁷⁸.

Apesar de se verificar um abrandamento na produção editorial em inícios do séc. XVI, o cenário da impressão em larga escala volta a instalar-se quando Lutero decide agitar as opiniões, servindo-se, para tal, dos prelos alemães, para difundir os novos dogmas. A partir de 1517, os textos reformistas conhecem grande divulgação, com a colaboração

²⁷⁴ Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *L'Apparition du Livre*, Paris, Albin Michel, L'Évolution de L'Humanité, 1958, p. 325.

²⁷⁵ Cf. José Adriano Freitas de CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha, Contribuição para o Estudo da História da Espiritualidade Peninsular nos Sécs. XVI e XVII*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, pp. 282-290.

²⁷⁶ O acesso à instrução, no que respeita a leitura e escrita, era inteiramente desigual entre mulheres e homens; a aprendizagem das letras não constava do plano de educação feminina. Este ponto era também consequência de uma realidade social que permitia dotar algumas mulheres, nobres ou religiosas, da instrução da escrita e da leitura, embora o ensino destas modalidades fosse realizado com intenção de ministrar os preceitos católicos, tal como a legislação eclesiástica ordenava. A propósito dos níveis de alfabetização na Época Moderna ver Rita MARQUILHAS, *A Faculdade das Letras, Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000.

²⁷⁷ O interesse por este tipo de textos chegou a rivalizar (quando não ultrapassou) com o apreço pelas novelas de cavalaria, como defende Maria Clara de Almeida LUCAS, (in *Hagiografia Medieval Portuguesa*, Ministério da Educação, 1984). Este mesmo interesse levou Maria de Lurdes Correia FERNANDES a questionar se "seria a hagiografia um domínio especialmente atractivo ou então considerado especialmente adequado (em oposição - que se queria *substituição*- às novelas de cavalaria e às "obras de amor") à formação moral e espiritual de mulheres que viviam no século?", (in "Recordar os Santos Vivos; Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Séc. XVII Português", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, FLUP, 1, 1994, p. 142). Refere Rita MARQUILHAS a ideia que grassava sobre os efeitos perniciosos das leituras de romances de cavalaria, acentuando esse *medo patológico* proveniente da "perigosa convivência com os livros, ironicamente manipulada por Miguel de Cervantes num D. Quixote", (*A Faculdade das Letras, Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, p. 164.).

²⁷⁸ Mafalda Ferin CUNHA, *Reforma e Contra-Reforma*, Quimera Editores, lda., 2002, p. 123.

de impressores descontentes com a Igreja de Roma, que se recusaram inúmeras vezes a publicar panfletos católicos²⁷⁹. O retorno ao estudo da Bíblia, a procura da sua pureza original (mais acessível a todos, pelas versões em língua vulgar) são marcas firmadas pela Reforma protestante, embora os humanistas, nomeadamente os ibéricos, tenham dado um contributo preponderante para o regresso aos textos sagrados, através "de uma visão humanística da Teologia e de exigência filológica e científica na edição da Bíblia Poliglota Complutense (1514-1517)"²⁸⁰.

Só alguns anos mais tarde (1526-1527) se assiste à resposta da Igreja Católica, que se serve dos prelos para difundir a sua mensagem, por um lado, e para os utilizar como arma de controlo, por outro.

Numa altura em que a «prateleira religiosa» assumia uma importância privilegiada na grande maioria das bibliotecas, facilmente se entende o proveito que a Igreja Católica soube tirar dessa realidade²⁸¹ para, através da imprensa, divulgar a uma larga escala os seus ensinamentos, a sua doutrina, com recurso a textos apologéticos e de edificação dos seus santos e pessoas virtuosas, através da pregação ou da direção espiritual, apoiando-se nessas "vidas como meio exemplificativo e «formativo» da vida ascética e espiritual tanto de religiosos como de leigos"²⁸². Reitera J. S. da Silva Dias que todos são chamados ao exercício de novas práticas religiosas, por via da oração mental, da meditação da Vida e Paixão de Cristo, do recolhimento e da mortificação dos sentidos²⁸³.

²⁷⁹ Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *L'Apparition du Livre*, Paris, Albin Michel, L'Évolution de L'Humanité, 1958, p. 376.

²⁸⁰ Carlota Miranda URBANO, "Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, nº 1, Faculdade de Letras Universidade do Porto, 2004, p. 270.

²⁸¹ Zulmira SANTOS reitera este aproveitamento da Igreja Católica relativo ao incremento da produção textual, por servir esta de veículo à difusão de preceitos debatidos em Trento, que insistiam na "orientação e reconfiguração de condutas que se estendeu à produção ficcional, visando modelos e guias de comportamento provenientes da literatura devocional, através de fórmulas narrativas de evidente funcionalidade didáctica", in "Oração e devoção em modelos de comportamento femininos em Portugal do séc. XVIII em Portugal. Das memórias da Condessa de Atouguia ao elogio de D. Ana Xavier", *Estrato da Recherche di storia sociale e religiosa*, XXXVII, nº 74, 2008, p. 31.

²⁸² Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "Recordar os Santos Vivos; Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Séc. XVII Português", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, FLUP, 1, 1994. p. 142.

²⁸³ J. S. da Silva DIAS, *Correntes do sentimento religioso em Portugal (sécs. XVI-XVIII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960, Tomo I, pp. 9-18. Uma das vantagens das estratégias editoriais foi a de facilitar o acesso dos livros aos mais humildes, não tanto através da compra por serem caros, mas pela

Em resultado dos imperativos tridentinos, a tentativa de reformar a Igreja fornecendo instrumentos que colmatassem a falta de conhecimentos religiosos verificada nos leigos, mas também nos monges, conduz ao aumento da produção de livros catequéticos e de doutrinação - como é disso exemplo o catecismo de Frei Bartolomeu dos Mártires - assim como a difusão de uma série de outros textos de vertente didática, direcionados para o ensino da oração, na pluralidade das suas concretizações - vocal, mental, meditação e contemplação. Sublinha Micaela Ramon Moreira que "o que estava em causa, em última análise, era uma cristianização mais profunda e uma maior disciplina comportamental de todos os fiéis, e não apenas dos consagrados"²⁸⁴.

A difusão da produção textual de dimensão catequética favoreceu, de igual forma, o alargamento dos mecanismos de controlo dos comportamentos dos fiéis, consumidores destes textos. Sugere Federico Palomo que estes meios, enquanto dispositivos de difusão do discurso religioso eram, simultaneamente, instrumentos para disciplinar e morigerar comportamentos sociais e religiosos dos fiéis, que visavam a persuasão e a ação e, como tal, devem ser encarados como formas de controlo comportamental. Na mesma linha, Micaela Ramon afirma que no contexto reformista dos séculos XVI e XVII "as retóricas eclesiásticas de inspiração tridentina" se serviam da atividade artística barroca para a revestir de "intenções pedagógico-didáticas fundadas na crença de que a arte poderia constituir um eficaz instrumento de reconversão dos fiéis e de endoutrinamento nos valores da fé católica"²⁸⁵.

A adequação das doutrinas aos géneros eleitos pelo público recetor (diálogos, folhetos, obras de devoção e estampas religiosas) comprova a atividade de doutrinação levada a cabo pelas instituições religiosas, "si las formas de comunicación de la época obedecieron a un particular afán por «conducir las conductas», las prácticas apostólicas desarrolladas por los diferentes agentes e instituciones del campo religioso (órdenes religiosas, obispos, párrocos...) constituyeron un singular instrumento de dominación,

audição das leituras, cf. Roger CHARTIER, "Lectures, lecteurs, et littératures *populaires* en Europe à la Renaissance", in *Escribir y leer en occidente*, València, 1995.

²⁸⁴ Micaela Ramon MOREIRA, *A Novela Alegórica em Português dos Sécs. XVII e XVIII, o Belo ao Serviço do Bem*, Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura, Ramo de Literatura Portuguesa, Universidade do Minho, 2006, p. 24.

²⁸⁵ Micaela Ramon MOREIRA, *A Novela Alegórica em Português dos Sécs. XVII e XVIII, o Belo ao Serviço do Bem*, Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura, Ramo de Literatura Portuguesa, Universidade do Minho, 2006, p. 319.

de disciplinamento de las conciencias y de los comportamientos morales y religiosos de los fideles"²⁸⁶.

Este tipo de produção permitiu, para além disso, descortinar relações familiares e culturais ressaltando "as ligações de uma apertada malha de referências de natureza sócio-cultural e política"²⁸⁷. As elites rapidamente perceberam nestes textos formas de encetar relações e estabelecer vínculos, com vista à obtenção ou conservação do almejado *status* social, pois "a santidade da vida monástica conferia-lhes dignidade e prestígio social"²⁸⁸. A gravitação de redes de interesses em torno desta realidade é comprovada pela associação da redação destas produções a processos de canonização que legitimavam a sua situação de facto. Como afirma Vauchez, algumas famílias de elite tentaram, às vezes com sucesso, passar a ideia "d'une transmission héréditaire de la sainteté en leur sein"²⁸⁹. São disso exemplo a escrita de algumas biografias, almejando a abertura de processos de santificação que em muito dignificavam e prestigiavam famílias nobres. "Sainteté, pouvoir et distinction aristocratique étaient si étroitement liés qu'on a pu parler à ce propos, d'une véritable «hagiocratie»"²⁹⁰. Sublinha Isabel Morujão que "a associação da santidade com a nobreza de sangue constituiu uma das dominantes na hagiografia da Idade Média e, se perdeu preponderância com a Idade Moderna, não deixa de ser um factor genealógico considerável para apreciação conclusiva da santidade"²⁹¹. A riqueza e o poder, aliados a uma linhagem de santidade de tradição familiar, são os requisitos cruciais para colocar as famílias nobres em posição cimeira na obtenção da salvação e do reconhecimento social. Confirma André Vauchez que a

²⁸⁶ Federico PALOMO, "Estudio de la Historia Religiosa de la Época Moderna", *Lusitânia Sacra*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª Série, T. 15, *Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica Portuguesa, 2004, p. 260.

²⁸⁷ Zulmira C. SANTOS, "Oração e Devoção em Modelos de Comportamento Femininos do Séc. XVIII em Portugal: das Memórias da Condessa de Atouguia ao Elogio de D. Ana Xavier", *Estrato da Recherche di Storia Sociale e Religiosa*, XXXVII, nº 74, 2008, p. 32.

²⁸⁸ Maria Zina Gonçalves de ABREU, *O Sagrado feminino: da Pré-História à Idade Média*, Lisboa, Edições Colibri, 2007, p. 174.

²⁸⁹ André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, p. 210.

²⁹⁰ Cf. André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, pp. 204-214.

²⁹¹ Isabel MORUJÃO, "Poesia e Santidade: Alguns Contributos para uma Percepção do Conceito de Santidade, a partir de Duas Biografias Devotas de Religiosas do Século XVIII Português", in *Via Spiritus*, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, p. 256.

"corte celeste" só se abrirá, ainda por largo espaço de tempo, àqueles que já ocupavam no mundo um lugar privilegiado²⁹².

A mulher era assim uma peça fundamental ao serviço dos interesses familiares, constituindo pretexto e, muitas vezes, trampolim para a concretização das aspirações sociais que distinguiram os nomes mais influentes da época. Um papel contraditório, de facto, dado que as mulheres raramente desempenhavam uma função relevante no jogo social do poder. No entanto, "elles contribuèrent largement à l'éclosion du sentiment religieux collectif (...). En effet, l'effet public du culte était depuis toujours le critère de base pour la reconnaissance de la sainteté"²⁹³.

c) As edições portuguesas, espelho das correntes de espiritualidade europeias

A nova produção nacional que alimentava espiritualmente os fiéis e contribuía para a consolidação do "pietismo português" (expressão de J. S. da Silva Dias) espelhava as várias correntes de espiritualidade que fervilhavam na Espanha reformada pelo Cardeal Cisneros²⁹⁴. A conjuntura política do país, em Seiscentos, explica a clara absorção de edições castelhanas em matéria de literatura espiritual²⁹⁵ e pode justificar o gosto ibérico comum por temas que ancoravam os alicerces da piedade cristã, como a Encarnação e a Paixão de Cristo²⁹⁶. Autores como Francisco de Osuna, San Pedro de Alcántara, Frei Luís de León, João de Ávila, Frei Luís de Granada, Teresa de Jesus eram os mais lidos pelo público.

²⁹² André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, p. 208.

²⁹³ Elisja Schulte Van KESSEL, "Vierges et mères entre ciel et terre", *Histoire des femmes en Occident (XVI- XVIII siècles)*, sous la direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, p. 152.

²⁹⁴ Francisco Jiménez de Cisneros, jurista, franciscano observante e depois arcebispo, cardeal e governador de Castela por Carlos V", (in *Floreto de S. Francisco*, reprod. fac-similada do incunábulo nº 175 da BN, com nota de apresentação de José Adriano de Freitas CARVALHO, Porto, 1988, p. VIII). O Cardeal Cisneros foi o grande reformador das Ordens religiosas em Espanha, pondo cobro aos avanços dos protestantes; inaugurou a Universidade de Alcalá de Henares, em 1508; foi responsável pela publicação da *Bíblia Poliglota Complutense*, em 1517 (como acima referimos); (cf. Maráí Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro, Espacios Profanos y Espacios Conventuales*, Madrid, 2007, pp. 30-52.).

²⁹⁵ Cf. Isabel MORUJÃO, "Literatura Devota em Portugal no Tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel", *Via Spiritus*, 5, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998, p. 177.

²⁹⁶ Cf. Isabel MORUJÃO, "Literatura Devota em Portugal no Tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel", *Via Spiritus*, 5, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998, p. 194.

Os autores renano-flamengos são, de igual modo, chamados a dar o seu contributo no enraizamento do sentimento espiritual nacional, embora os seus textos denunciem um "carácter mais afectivo e prático do que intelectualista ou escolástico"²⁹⁷.

Os autores italianos também eram seguidos em Portugal, através dos textos de S. Boaventura, Santa Catarina de Sena, Santa Catarina de Génova, entre outros.²⁹⁸ Os primeiros Padres e Doutores da Igreja estão visivelmente presentes nos textos portugueses entre os sécs. XVI e XVII, nomeadamente, Santo Agostinho, S. Boaventura e S. Bernardo. Refere Maria de Lurdes Correia Fernandes que Trento "significou muitas vezes a recuperação e actualização de modelos anteriores da vida espiritual, através sobretudo da releitura e reinterpretação de obras e doutrina dos Padres e Doutores da Igreja"²⁹⁹.

Neste estágio de consolidação e reformas espirituais, tal como bem afirmou Mafalda Ferin Cunha, é difícil precisar o contributo específico de cada autor, embora as marcas que deixam nos autores portugueses sejam transversais, convergindo todas elas "no tratamento de diversos temas: a visão pessimista do homem decaído e a confiança na misericórdia divina, a interiorização da vida religiosa em detrimento das manifestações exteriores da piedade, (...) o ascetismo e a mortificação, incentivo à comunhão e à confissão (...) a confiança na misericórdia divina"³⁰⁰.

²⁹⁷ Mafalda Ferin CUNHA, *Persuasão e Deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 290.

²⁹⁸ Cf. Mafalda Ferin CUNHA, *Persuasão e Deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 291.

²⁹⁹ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "Da Reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade", in *História religiosa de Portugal*, direc. de Carlos Moreira AZEVEDO, vol. II, Círculo de Leitores, p. 23.

³⁰⁰ Mafalda Ferin CUNHA, *Persuasão e Deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 292.

d) A hagiografia, a biografia espiritual e a autobiografia: modelos narrativos *ad imitandum*

Face ao exposto, facilmente se constata que a figura do santo se reveste de importância maior, para uma instituição que visa inculcar nos fiéis preceitos morais e comportamentais, na sequência dos ditames tridentinos, resultantes de uma conjuntura reformista - o santo é o modelo perfeito e próximo dos fiéis, no qual todos se podem inspirar e ao qual devem aspirar³⁰¹. Carlota Miranda Urbano sintetiza de forma muito consistente a função que a figura do santo assume, na sua dimensão heróica e exemplar, enquanto elemento agregador e catalisador, em torno do qual a mensagem religiosa se vai concentrar, por servir de modelo próximo da vida e Paixão de Jesus Cristo: "no dealbar da Europa moderna, no momento da sua divisão religiosa, em que se multiplicam as discussões teológicas, doutrinárias e disciplinares, no momento da sua abertura à mundialização, no confronto de culturas tão diversas, a figura do santo com o seu *exemplum*, o seu perfil modelar moral e doutrinário, no heroísmo da sua ascese espiritual ou do seu martírio (...) constitui para além do estandarte da ortodoxia, a face visível da confiança do homem nas suas forças ancoradas num horizonte transcendente"³⁰².

O culto dos santos remonta aos primeiros séculos do cristianismo, através do louvor à memória dos apóstolos e mártires e ao seu pedido de intercessão por parte das comunidades cristãs. O reconhecimento da santidade, revelada publicamente pela morte e pela manifestação de fé, era proclamado pela Igreja do local de pertença do santo³⁰³, sublinha André Vauchez que "le fait de décerner à un défunt le titre de saint constituait l'acte spontané d'une Eglise locale"³⁰⁴.

No entanto, esses processos iniciados pela Igreja local tiveram de se conformar com o decreto de Urbano VIII, que veio disciplinar as várias formas de heterodoxia no que respeitava ao culto dos santos. Assim, muitas das biografadas que evidenciavam sinais

³⁰¹ Cf. Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 103.

³⁰² Carlota Miranda URBANO, "Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 1, Faculdade de Letras Universidade do Porto, 2004, p. 276.

³⁰³ Cf. André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, p. 16.

³⁰⁴ André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, p. 16.

de santidade induziam o povo à prática de um culto (através da veneração do que considerava como relíquias: unhas, cabelos, cordões, pedaços de hábitos, etc.) um pouco marginal à Instituição Igreja, pois, não se tratando de santos canonizados, era considerado heterodoxo³⁰⁵. A intenção das hagiografias não era propulsionar um culto local, mas antes propor um modelo de santidade que incitasse à morigeração dos costumes. Defende André Vauchez que a Igreja, com Urbano VIII, adota uma posição mais rigorosa "de peur d'être débordé par la montée des cultes locaux"³⁰⁶.

A Época Moderna trouxe uma ratificação dos cultos provenientes do séc. XII por parte da Igreja, coagida pela obstinação dos fiéis que pretendiam ver reconhecidas, oficialmente, devoções já muito enraizadas na vida social.

O santo é visto então como um continuador das manifestações divinas que não se esgotaram em Cristo, mas que se "prolongaram nos santos que se sucedem numa continuidade que vem até aos nossos dias"³⁰⁷.

Por estas razões, percebemos que a produção de literatura da espiritualidade portuguesa dos sécs. XVI e XVII se caracterize por um processo contínuo, em que sobressaem determinadas vertentes, preterindo outras: "a dimensão interior da piedade parece atenuar-se, ganhando relevo aspectos como a exteriorização, a visualização, a amplificação e a divulgação, à medida que se impõe uma Igreja triunfante pós-tridentina"³⁰⁸. Por outras palavras, a piedade interior deixa de ser ocultada, retraída, para passar a ser mais exteriorizada pela manifestação de êxtases, palidez, jejuns, desmaios.

Pese embora o facto de a hagiografia ser um modelo narrativo já bastante alicerçado na Época Moderna, oriundo de uma tradição oral³⁰⁹, é neste período que as vidas de vários

³⁰⁵ A ilustrar o que acabámos de expor, citemos o exemplo da Madre Maria das Chagas que vê o seu culto autorizado em segredo, localmente, pelo Padre Lourenço de Portel responsável pela condução do processo de beatificação da venerável religiosa: "podem as religiosas e as outras pessoas faser orações e petições ã secreto a esta santa religiosa pedindo lhes alcanse merções de Deus, mas não podẽ faser essa oração ã publica comunidade", (*Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 85 v.).

³⁰⁶ André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, p. 159.

³⁰⁷ Aires A. NASCIMENTO, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p. 10

³⁰⁸ Mafalda Ferin CUNHA, *Persuasão e Deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, pp. 291- 297.

³⁰⁹ Explica Maria Clara de Almeida LUCAS que "antes de sabermos das suas vidas nos primeiros textos de hagiografia medieval que conhecemos, já as lendas os propagavam de boca em boca por longas noites

santos ibéricos (para além dos mártires romanos e primeiros eremitas), readquirem nova relevância ao surgirem compiladas e publicadas em múltiplos *Flores Sanctorum* ("ponto de chegada das várias hagiografias que a Idade Média produziu")³¹⁰, datando as duas compilações mais antigas de 1513, cuja autoria se desconhece ou se questiona, mandadas imprimir por vontade do rei D. Manuel I. A esses primeiros exemplares, segue-se uma nova edição de *Flos Sanctorum*, em 1567, da pena de Frei Diogo do Rosário, que conhece várias reedições posteriores. Apesar de estes textos datarem dos inícios do séc. XVI, muitos dos documentos aí incluídos provêm de tempos anteriores à sua compilação, como é o caso dos textos de Jacobo Voragine ou de Breviários do séc. XIII ou do *Breviário Bracarense* de 1470³¹¹. Outra das edições prestigiadas e de grande circulação foi o *Flos Sanctorum* de Pedro de Rivadeneyra (1616).

Num tempo em que a figura do santo é sobrevalorizada, "o «culto do herói» invade o texto hagiográfico, sobretudo na valorização de conceitos como os de nobreza e de glória"³¹², por via de uma escrita que visa promover "este herói *ad imitandum*, num discurso que valoriza a *praxis*, a acção humana, ilustrada nos *exempla*"³¹³, com recurso ao vigor de uma argumentação edificante. É neste contexto que se publicam, com grande sucesso, ao longo do séc. XVII, numerosos textos relatando as vidas de santos canonizados: S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, Santo Agostinho, Santo António de Lisboa, Santa Teresa de Jesus, Santo Inácio de Loyola, entre outros, tornando-os modelos preferenciais da produção devocional e sucessos editoriais partilhados pela união ibérica, que nutria o gosto pelo universo da espiritualidade, nomeadamente as leituras em torno da cultura e significação da santidade. A hagiografia áurea dificilmente é suplantada por outros géneros, suscitando o interesse de autores,

de inverno ou pelas romarias nas inúmeras capelinhas que povoam esse Portugal", (in *Hagiografia medieval Portuguesa*, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984, p. 11.). Por seu lado, Danilo ZARDIN fala da oralidade como uma das vias tradicionais de acesso ao saber: "un doppio binario che regolava l'accesso alla tradizione del sapere: quello delle cose da leggere (o da vedere) e quello della trasmissione orale, più difficile da ricostruire", *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 25.

³¹⁰ Maria Clara Almeida LUCAS, *Hagiografia medieval Portuguesa*, ed. cit., p. 133.

³¹¹ V. *Breviário Bracarense de 1494*, Reprodução em fac-símile do exemplar da Biblioteca Nacional com introdução de Pedro Romano Rocha, Imprensa Nacional Casa da moeda, s/d.

³¹² Carlota Miranda URBANO, "Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 1, Faculdade de Letras Universidade do Porto, 2004, pp. 273-274.

³¹³ Carlota Miranda URBANO, "Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas", in *Península*, ed. cit., pp. 273-274.

impressores ou um "sinfín de lectores y de lectoras e inunda todos los géneros literarios: poesía, prosa, teatro y no literarios: tratados, biografías, advocaciones, etc"³¹⁴.

A difusão de obras de espiritualidade, guias de oração ou vidas de santos prolifera de tal forma, que se chega a adotar, segundo Pedro M. Cátedra, para esta tipologia, o qualificativo "libros de mujer", como atributo de um segmento de mercado em ascensão, que incluía os livros com características específicas, como sendo "normalmente pequeño, siempre en lengua romance, con contenidos poco variados, que incluyen los libros de oraciones, los libros religiosos y de espiritualidad sensible e independiente"³¹⁵.

Através destas leituras, o cristão tinha contacto com as vidas edificantes e exemplares de seres virtuosos, permitindo-lhe moldar o seu próprio comportamento, imitando as ações dos santos, com vista à sua própria salvação, porquanto poderemos aferir da intencionalidade didática dos textos hagiográficos. A este propósito, conclui André Vauchez que "la valorisation des aspects biographiques de la sainteté dans le cadre d'une mise-en-scène hagiographique fut un simple procédé utilisé par les clercs pour faire passer un message d'ordre moral et religieux"³¹⁶.

Se, por um lado, este subgénero literário adquire uma dimensão que o torna propenso à associação do maravilhoso ao possível e do imaginário ao exemplar, através da utilização de uma linguagem simbólica, apologética, subjetiva, em prol da construção de um personagem idealizado e quase divinizado, por outro lado, vê-se com alguma frequência estes textos revestirem-se de uma roupagem cronística, quando os autores noticiam dados factuais, como a data de nascimento e filiação do retratado, recorrendo a um estilo mais sóbrio, objetivo e escorreito³¹⁷.

³¹⁴ Victor INFANTES, "La sanctidad tipográfica en la España del Siglo de Oro", in *Península*, nº 2, FLUP, 2005, p. 252.

³¹⁵ Pedro M. CÁTEDRA, "*Bibliotecas y libros de mujeres en el siglo XVI*", in *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nº 0, 2003, p. 24.

³¹⁶ André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, p. 621.

³¹⁷ Cf. Exemplo citado por Maria Clara Almeida LUCAS sobre a "Chronica dos feitos, vida e morte do Iffante sancto Dom Fernando, que morreo em Feez: revista e reformada agora de novo pelo padre Frey Hieronimo de Ramos da Ordem dos Preegadores: de mandado do Serenissimo Cardeal Iffante, e a elle dirigida", (in *Hagiografia Medieval Portuguesa*, ed. cit., pp. 85-128.).

A par do sucesso da hagiografia, novos géneros começam a ser alvo do interesse dos novos leitores, "à leitura das vidas de santos, a Idade Moderna acrescentou a voga das biografias, memórias e autobiografias espirituais"³¹⁸.

As biografias e autobiografias de mulheres religiosas suscitam, igualmente, grande adesão e procura já no séc. XVII - facto que muito contribui para a institucionalização do género - o que comprova o gosto por esta vertente mais ascético-mística, com recurso às revelações e visões que resgatavam algumas mulheres da ostracização social, conferindo-lhes algum impacto e reconhecimento público. No entanto, estas produções foram muito controladas e, até, silenciadas, principalmente em Espanha, por se recearem as "incitações à reforma interior das mulheres e à produção de outros textos idênticos, da autoria de várias religiosas que acreditaram terem recebido múltiplas mercês do Senhor"³¹⁹.

O conceito de biografia encerra dois modelos, a biografia devota, que visa a exaltação das virtudes, com base no exemplo moral, religioso e de santidade das religiosas biografadas e a biografia sacra, que respeita a vida dos santos canonizados, cujo culto fora autorizado pela Igreja³²⁰.

As biografias tinham por objetivo dar a conhecer modelos de comportamento que em tudo perfilavam os ideais da perfeita religiosa, suscitando a imitação dessa biografada no seu louvor a Deus. Reitera Pedro Vilas Boas Tavares que "com intenção edificante, ordenando-se à glória divina e ao bem das almas, as biografias e os registos autobiográficos faziam-se precisamente para que se gravassem e conhecessem as

³¹⁸ Zulmira C. SANTOS, "Oração e Devoção em Modelos de Comportamento Femininos do Séc. XVIII em Portugal: das Memórias da Condessa de Atouguia ao Elogio de D. Ana Xavier", *Estrato da Recherche di Storia Sociale e Religiosa*, XXXVII, nº 74, 2008, p. 31.

³¹⁹ Cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha, Contribuição para o Estudo da História da Espiritualidade Peninsular nos Sécs. XVI e XVII*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, pp. 285-290 e Mafalda Ferin CUNHA, *Persuasão e Deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 297. Refere Isabel MORUJÃO que "alguns autores alertavam para uma eventual e perigosa deturpação da experiência mística ou religiosa por parte das senhoras, razão pela qual a escrita não lhes devia ser permitida senão em casos excepcionais", (in *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*), Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 47.).

³²⁰ Cf. Isabel MORUJÃO, "Poesia e Santidade: Alguns Contributos para uma Percepção do Conceito de Santidade, a partir de Duas Biografias Devotas de Religiosas do Século XVIII Português", in *Via Spiritus*, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, p. 235.

«maravilhas» que Deus continuava a suscitar abundantemente na sua Igreja militante"³²¹.

Quanto às autobiografias, quando recomendadas pelos diretores espirituais, deveriam redigir-se almejando o cumprimento de três propósitos: "analizar a fondo el alma de sus penitentes para dirigirlas mejor; buscar su propio aprovechamiento; que sirvan como ejemplo a religiosas o religiosos e incluso a seglares de ambos sexos"³²².

Os traços distintivos de marcas de santidade eram validados nesse registo biográfico. Sinais como "milagres, poderes taumatúrgicos, estigmas, martírio, dom profético, premonições, êxtases, levitação, visões, aparições, traços que se somatizavam às virtudes e graça das biografadas, como o amor à penitência, a oração constante, a pobreza, a capacidade de suportar o martírio ou as provações"³²³, a castidade, a obediência, a humildade, o desprezo do mundo e de si próprias, o zelo das coisas da fé"³²⁴, para além de constituírem a força motriz desses escritos e de servirem de exemplo para as companheiras da comunidade, eram legitimados pela escrita.

O reconhecimento dessas marcas passava, posteriormente, pela análise das manifestações verificadas no corpo da biografada, após a morte. A este respeito avultam marcas que fazem alusão ao estado de conservação do corpo, ao odor exalado, à luz irradiada pelo mesmo corpo, ao cheiro a flores ou frutos junto das campas, entre outras manifestações"³²⁵: "elles concouraient toutes à faire du corps le lieu de la sanctification,

³²¹ Pedro Vilas Boas TAVARES, "Caminhos e Invenções de Santidade Feminina em Portugal nos Séculos XVII e XVIII (Alguns Dados, Problemas e Sugestões), *Via Spiritus*, Porto, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, p. 202.

³²² María Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y literatura del Siglo de Oro*, Madrid, 2007, p. 68.

³²³ Sabemos pelos relatos que nos chegam, nomeadamente pela pena de Soror Antónia Baptista, que as duras provações e penas autoinfligidas resultavam em dores fortes e horríveis, suportadas em silêncio, sem queixumes, tudo era tolerado pacificamente em nome de Deus. Refere Antónia Fialho CONDE, "conformadas, as que padeciam destes males davam graças a Deus, pedindo-Lhe apenas paciência para o martírio; nunca perdendo o ânimo, sofriam com alegria, alimentados pelo amor divino", (Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, p. 432.).

³²⁴ Isabel MORUJÃO, "Poesia e Santidade: Alguns Contributos para uma Percepção do Conceito de Santidade, a partir de Duas Biografias Devotas de Religiosas do Século XVIII Português", in *Via Spiritus*, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, pp. 236-237; Cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, pp. 430-434.

³²⁵ Isabel MORUJÃO, "Poesia e Santidade: Alguns Contributos para uma Percepção do Conceito de Santidade, a partir de Duas Biografias Devotas de Religiosas do Século XVIII Português", in *Via Spiritus*, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, p. 237.

et des phénomènes physiques ses signes les plus parlants"³²⁶. Esses elementos indiciadores de santidade estão presentes nos vários relatos biográficos redigidos por Soror Antónia Baptista no *Livro da Fundação*. Veja-se o exemplo da descrição da morte da Madre Soror Maria da Conceição, que faleceu, juntamente com outras companheiras, em consequência de um surto de peste: "virãosse em estas mortes grãdes maravilhas e sinais de todas estarẽ em oço hũ deles foi que tanto que hũa estava espirãdo se via de todo este povo hũa claridade sobre o convento"³²⁷; ou ainda a referência à "fragansia" que exalava dos restos mortais da Madre Maria das Chagas, "fragansia que delles sahia e diçerão que era cousa mui consideravel epor tal temos esta maravilha"³²⁸.

Com alguma frequência, as autoras ou as retratadas nas biografias serviam-se de textos poéticos para passar essa mensagem inspiradora, ansiando uma caminhada profícua em direção à santidade. Defende Isabel Morujão que "a poesia em geral, ou até mesmo os versinhos de ocasião, cumpriam no interior do convento uma função pedagógica inalienável das caminhadas espirituais e do desimpedimento interior, que tantas vezes obstruía o progresso nas vias do Senhor"³²⁹. Ver-se-á como, neste *Livro da Fundação* de Soror Antónia Baptista, a presença do poético também terá a sua explicação e a sua funcionalidade.

e) O silêncio dos textos femininos

O silêncio a que são votados inúmeros escritos de autoria feminina nos compêndios historiográficos dos séculos passados não são sinónimo, como defende uma miríade de investigadores, de inexistência de produção escrita feminina. Revela Vanda Anastácio que se "tende a pensar que o que não se vê não existe. Que o que não foi dito se apagou, afogado em silêncio"³³⁰. Sabemos, porém, que os textos existiram e remanescem,

³²⁶ André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, p. 503.

³²⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 11 v.

³²⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 81 r.

³²⁹ Isabel MORUJÃO, "Poesia e Santidade: Alguns Contributos para uma Percepção do Conceito de Santidade, a partir de Duas Biografias Devotas de Religiosas do Século XVIII Português", in *Via Spiritus*, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3, 1996, p. 239.

³³⁰ Vanda ANASTÁCIO (Coord.), *Uma Antologia Improvável: a Escrita das Mulheres, sécs XVI a XVIII*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2013, p. 20.

outorgando o papel da mulher no panorama editorial português das épocas que os viram nascer, "quer enquanto produtoras, quer enquanto consumidoras"³³¹. Sublinha a este propósito Sofia Boesch Gajano: "le donne possono essere sogetto o ogetto delle scritture - autobiografie, biografie, e altre memorie in genere scritte dai confessori, ma non prive di tracce autobiografiche"³³².

A redação dos textos femininos - mormente pelas mãos alfabetizadas das monjas e mulheres nobres - estava confinada ao círculo restrito da vida em recolhimento nos mosteiros ou nas casas de família. A escrita, sobretudo de cartas³³³, servia como forma de mitigar a solidão, exteriorizar sentimentos³³⁴ e obter aconselhamentos, tornando este género num instrumento precioso e profusamente informativo para o conhecimento da cultura e vida interior da mulher portuguesa entre os séculos XVI a XVIII³³⁵.

³³¹ Cf. *Uma Antologia Improvável: a Escrita das Mulheres, sécs. XVI a XVIII*, Coord. Vanda ANASTÁCIO, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2013, p. 20. Relativamente à posse de livros, o estudo, já citado, de Rita Marquilhas informa sobre a existência de duas mulheres (Bárbora do Olival e Ângela Leitoa de Seixas) possuidoras de bibliotecas, cujos róis de livros, de seis e onze, respetivamente, albergavam obras de devoção e espiritualidade. Outro ponto a salientar do seu estudo prende-se com livros de autoria feminina, constatando a investigadora que "o conjunto dos 99 róis inclui apenas duas obras compostas por mulheres, uma mística, *Los libros de la madre Teresa de Jesus*, e uma épica, *Espanha libertada* de Bernarda Ferreira de Lacerda". Acrescenta a autora que, "as obras são referidas uma única vez, em conjunto e precisamente no rol de uma mulher, Ângela Leitoa", (Rita MARQUILHAS, *A Faculdade das Letras, Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, p. 189.).

³³² Zulmira SANTOS, Helena QUEIRÓS, "Letras e gestos: programas de educação feminina em Portugal nos séculos XVIII-XIX, *Via Spiritus*, 19, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012, *apud*, Sofia Boesch GAJANO e Enzo PACE, *Donne tra saperi e poteri nella storia delle religioni*. Brescia: Morcelliana, "introduzione", pp. 7-21.

³³³ Sobre a epistolária portuguesa ver os estudos de Isabel MORUJÃO, "Um epistolário português de Clarissa: contributo para a reconstituição de um património esquecido", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado (1214-2014)*, *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2012; *Frei António das CHAGAS, Cartas Espirituais*, Edição de Isabel MORUJÃO, Lisboa, Campo das Letras, 2000. Ver Maria do Céu de Sousa FERREIRA, "*Desde el Parnaso os escrivo*": *Cartas de Uma Monja Escritora*, Tese de Mestrado, FLUP, 2012.

³³⁴ Cf. Rita MARQUILHAS, *A Faculdade das Letras, Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, p. 47.

³³⁵ Cf. María Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro*, Madrid, 2007, p. 71.

f) Caminhos para os "novos rostos" da escrita

A questão das leituras e escritas no feminino foi uma das questões que acendeu posições divergentes, durante a Contra Reforma. Se, por um lado, se flanqueavam os partidários do ensino da leitura às mulheres, por ser um meio de lhes permitir aprimorar a fé com leituras espirituais, no que respeita ao domínio da escrita havia muitas mais reservas.

Em Portugal, durante o séc. XVI, são escassos os textos reconhecidos publicamente de autoria feminina portuguesa, ao contrário do que acontecia em Itália, França ou Inglaterra. A ousadia de trazer à luz um texto poderia ter como retorno a crítica acérrima e até insultuosa, proveniente de uma cultura misógina que não aceitava reconhecer a divulgação de preceitos morais ou normas de conduta assinados por mão feminina, colidindo com o cómodo padrão dominante. São disso exemplo os tratados de Alfonso Martínez de Toledo, *Arcipreste de Talavera o Corbacho* (1436) e de Martín Córdoba, *Jardín de nobles doncellas* (1468)³³⁶. Para estes, o comportamento feminino deveria limitar-se ao zeloso cumprimento das virtudes expectáveis, como a "humildade, castidade, obediência, fidelidade, submissão, vergonha, devoção"³³⁷, qualidades essas que em tudo contribuía para manter as mulheres silenciadas e afastadas de qualquer envolvimento social, político ou cultural.

Contudo, alguns autores humanistas como Luís Vives ou Erasmo vieram a público defender a instrução feminina, embora não tanto no sentido de promover "um modo de valorização intelectual da mulher"³³⁸, mas antes no de a libertar do jugo da ignorância, "para a consciencializar do seu papel e dos seus deveres"³³⁹, arguindo que "la plupart des vices des femmes de ce siècle et des siècles précédents proviennent de

³³⁶ Cf. Núria SILLERAS-FERNÁNDEZ, "Exceso Femenino, Control Masculino: Isabel la Católica y la Literatura Didáctica", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

³³⁷ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700)*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995, p. 127; reitera Isabel BARBEITO CARNEIRO que "a nadie se le oculta que hasta muy avanzado el presente siglo, el mundo del intelecto estuvo prácticamente vedado a la mujer", (in *Mujeres del Madrid Barroco, Voces Testimoniales*, Dirección General de la Mujer, Madrid, 1992, p. 16.).

³³⁸ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*, Porto, Instituto, de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras do Porto, 1995, p. 122.

³³⁹ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*, Porto, Instituto, de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras do Porto, 1995, p. 122.

l'inculture"³⁴⁰. Tanto Erasmo como Luís Vives propuseram uma maior instrução feminina, desde que fosse autorizada pelo pai ou o marido. Rabelais trata a questão de forma mais utópica desejando que "les deux sexes, également libres, bien nés et bien instruits, évoluent en une parfaite harmonie"³⁴¹.

Em Portugal e Espanha, países unidos pela mesma coroa entre 1580 e 1640, verifica-se que o aumento gradual de escritoras femininas, ao longo da Idade Moderna, parece ser resultado do incremento de um tipo de literatura que lhes era destinado ou de que estas tinham conhecimento, desde há algum tempo atrás. Alguns estudiosos indicam o sucesso das publicações das obras de Santa Teresa de Jesus (após a sua morte, em 1588) como um marco que conduz, ao longo de Setecentos, à perceção do "quanto a escrita conventual feminina poderia funcionar como uma extensão, bem acolhida pelo público, dos discursos oficiais da Igreja e da ordem estabelecida"³⁴².

Grande parte destas "consumidoras" pertencia à nobreza média e alta - "muy excepcionalmente, las destinatarias no son nobles"³⁴³ - ou eram religiosas. Os exemplos de Luísa La Cerda, María de San José, Paula Vicente, Joana Vaz ou das irmãs Sigeia³⁴⁴ retratam bem a qualidade da formação recebida, com base na aprendizagem do latim, de outras línguas antigas e na formação clássica. Segundo Nieves Baranda "em Castilla o Aragón existen comentarios dispersos sobre mujeres cuya erudición sorprendía a sus coetáneos, mujeres que en su mayoría vivían en las cortes o procedían de familias universitarias"³⁴⁵.

Alargando o espectro à realidade europeia, percebemos que das celas dos conventos saíram outros nomes que perduraram por força da sua erudição: as místicas Gertrudes de Helfta (1256-1302) e Machthild de Hackeborn (c. 1241-1299), oriundas do mesmo convento de Helfta, em Mansfeld; Hildegard de Bingen (1098-1179), fundadora e

³⁴⁰ Martine SONNET, "Une Fille à Éduquer", in *Histoire des Femmes en Occident (XVI- XVIII Siècles)*, sous la Direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, p. 113.

³⁴¹ Martine SONNET, "Une Fille à Éduquer", in *Histoire des Femmes en Occident (XVI- XVIII Siècles)*, sous la Direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, p. 113.

³⁴² Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, pp. 84-85.

³⁴³ Pedro M. CÁTEDRA, "Bibliotecas y libros de mujeres en el siglo XVI", in *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0, 2003, p. 23.

³⁴⁴ As três últimas, damas da Infanta D. Maria grande dinamizadora de atividades culturais na corte, encetadas pelas mulheres cultas de quem se rodeou.

³⁴⁵ Nieves BARANDA, "Escritoras sin fronteras entre Portugal y España en el Siglo de Oro", in *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, 2, 2005, p. 221.

abadessa do convento de Rupertsberg; a italiana Catarina de Sena (1347-1380) e a espanhola Teresa d'Ávila (ou Santa Teresa de Jesus, 1515-1582) que obtiveram ambas reconhecimento público e alcançaram o título de Doutoradas da Igreja (as duas únicas mulheres a gozar de tal distinção)³⁴⁶.

Ao longo do séc. XVII, a leitora feminina vai acumular, portanto, o papel de produtora de textos, qualidade que se revela a público paulatinamente, marcando inicialmente presença em escassos e curtos poemas nos preliminares de algumas obras de autoria masculina, processo moroso e vigiado, que desembocará, progressivamente, na impressão de obras de autoria totalmente feminina que outorgam às mulheres os seus direitos enquanto autoras.

A adoção de um discurso prestigioso e a escolha de temas mais *sérios*, de pendor histórico ou filosófico, contribuem para o reconhecimento e a legitimação da sua escrita. Para o contexto espanhol, afirma Nieves Baranda que "religiosas y seglares revelan una progresiva apropiación del derecho a escribir y a publicar, que alcanza hacia los años treinta una proyección y respeto públicos impensables poco tiempo antes"³⁴⁷.

Não é só enquanto autoras que estas mulheres pretendem ser reconhecidas, é sua intenção "hacerse oír en el sistema literario, buscando por medio de la participación social la adaptación de otros autores (hombres)"³⁴⁸. É o reconhecimento *inter pares* que elas buscam como forma de se afirmar e de afastar, em definitivo, uma cultura misógina que apoucava o papel das mulheres para, inversamente, laurear a atividade masculina em qualquer domínio, inclusive o das letras³⁴⁹. Em Portugal, no entanto, esta atitude reivindicadora nunca foi tão explícita e a ousadia igualitária nunca conheceu contornos relevantes, embora se vivesse em monarquia dual e num espaço geográfico de grande intercâmbio e contiguidade.

³⁴⁶ Cf. Maria Zina Gonçalves de ABREU, *O Sagrado Feminino: da Pré-História à Idade Média*, Lisboa, Edições Colibri, 2007, pp. 164-172.

³⁴⁷ Nieves BARANDA, "Mujer, Escritura y Fama: la Hespaña Libertada (1618) de Doña Bernarda Ferreira de Lacerda", *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, n.º 0, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p. 233; cf. Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 31.

³⁴⁸ Nieves BARANDA, "Escritoras Sin Fronteras entre Portugal y España en el Siglo de Oro", *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, FLUP, n.º 2, Porto, 2005, p. 223.

³⁴⁹ SANCHEZ LORA é um dos muitos autores que advoga o papel da escrita como forma de prestígio social e, como tal, de afirmação feminina, in *Mujeres, Conventos y Formas de la Espiritualidad Barroca*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1988.

g) A escrita conventual feminina: ligações que unem o convento e a corte

Esta divulgação do rosto feminino dos textos em muito deve à produção feminina conventual. Era usual recorrer-se aos escritos de religiosas - sobretudo senhoras socialmente bem posicionadas - a pedir-lhes textos sobre normas de conduta, métodos de oração e metodologias para acompanhar a missa ou para rezar³⁵⁰, embora as tipologias não se esgotem na esfera do profano. Por estas razões, entre várias outras, refere Isabel Morujão o mérito de terem sido as religiosas as primeiras mulheres a revelar-se no talento da escrita "numa sociedade onde a normatização dos papéis encarava as qualidades literárias ou intelectuais da mulher em geral como facto a todos os níveis excepcional"³⁵¹.

Para tal, muito terá contribuído a ligação entre o convento e a corte, cuja relação influirá na escolha de temas e formas a adotar na literatura conventual feminina e que "estará talvez na base desta progressiva visibilidade editorial das religiosas, a maior parte delas pertencentes aos conventos mais prestigiados de Lisboa"³⁵². Os conventos que a sul do país receberam, na Época Moderna, maior número de monjas provenientes de famílias influentes (grande parte delas a constar nos Nobiliários nacionais) foram o Mosteiro da Conceição de Beja, o das Chagas de Vila Viçosa e o das Maltesas de Estremoz³⁵³. No entanto, a produção poética monástica feminina de maior prestígio em termos de genologia saiu do Mosteiro de S. Bento de Cástris, com a produção de três poemas épicos (o género maior, de acordo com a *Poética* de Aristóteles) em torno da vida de Cristo³⁵⁴.

Ainda a propósito dos laços que unem o altar ao trono, aponta Danilo Zardin para a existência de um intercâmbio entre a corte e a instituição religiosa que favorecia uma

³⁵⁰ Poderia acontecer serem religiosas, a quem eram reconhecidos talentos extraordinários, a redigir textos doutrinários para outras religiosas.

³⁵¹ Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 53.

³⁵² Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 32; "Livros e Leituras na Clausura Feminina de Setecentos", in *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas* (in Honorem a José Adriano de Carvalho), Porto; XIX, 2002, p. 131.

³⁵³ Cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, p. 228.

³⁵⁴ Cf. Isabel MORUJÃO, "Literatura Devota em Portugal no Tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel", *Via Spiritus*, 5, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1998.

contaminação social que chegava por vias plurais: a tradição litúrgica local, os círculos de devotos ou as relações familiares e de amizade das monjas de quem estas "atingevano notizie, curiosità e ansie non sempre ugualmente legittime, libri, progetti, modi di pensare e di esprimersi"³⁵⁵. De facto, os textos conventuais femininos que maior divulgação conheceram saíram dos conventos da corte ou das proximidades. Não será excessivo lembrar que as religiosas mais cultas, pertencentes a famílias aristocráticas, de cujas mãos saem grande parte desses textos editados, traziam da casa de família uma sólida formação cultural, de aquisição autónoma ou orientada, que lhes permitia ousarem incorrer pela escrita, com a certeza de que esses textos conheceriam os prelos, senão pela qualidade textual, pelo menos em nome do apelido que transportavam. Pelas razões invocadas, se torna pertinente o estudo destas figuras privilegiadas - as monjas instruídas e escritoras - cujo legado pode contribuir para "la ricostruzione di un patrimonio intellettuale ben più ramificato e composito"³⁵⁶.

h) A intenção moralizante e catequética da produção escrita conventual feminina

A vertente reivindicativa que marcou algumas mulheres escritoras não constituiu o propósito fundamental da literatura conventual feminina. Na maioria dos casos, estes textos estão, aliás, isentos de marcas de emissor³⁵⁷, cumprindo, sobretudo, uma função didática, de aconselhamento às monjas, de normas e formas de consolidar os comportamentos apropriados à imagem da *perfeita religiosa*³⁵⁸, respeitando a *Regra*,

³⁵⁵ Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 12.

³⁵⁶ Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 12.

³⁵⁷ Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 58.

³⁵⁸ Idealizado por Giolamo Carate, em 1607, *O ritratto della perfetta monaca*, surge de uma técnica tipográfica com um objetivo educativo no âmbito da escola cristã. Cada religiosa de Milão deveria tê-lo na sua cela, para nele se refletir como um espelho. Constava de vinte e sete máximas, num único fólio, (cf. Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 55.). Em Portugal, o ideal e a caminhada para a perfeita religiosa esteve muito ligado à obra de Jacome Carvalho do CANTO, *A perfeita Religiosa e thesouros de avisos, e documentos espirituas: com hum Tratado de Meditações devotas ao amor de Deus*/ escrito e copilado per Jacome Carvalho do Canto, natural da Villa de Guimaraens, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1615.

decalcando preceitos veiculados nos sermões³⁵⁹, nas missas, respeitando, por sua vez, diretrizes que Trento difundiu.

Havia uma espécie de codificação dos géneros a tratar por homens e mulheres, cabendo aos primeiros o tratamento de temas *sérios*, como a História Eclesiástica, sobrando para as mulheres as explanações que não implicassem o aprofundamento de questões muito complexas. No México, Sor Joana Inés de la Cruz vem subverter a rigidez deste acordo tácito, afirmando e pugnando pela igualdade dos sexos no acesso ao saber.

i) O convento: local de formação e de recolhimento espiritual

Depois da casa de família, o convento constituía o local mais antigo de formação. Reforça Gabriella Zarri que "l'uso di inviare le fanciulle in monastero ancora bambine à assai antico"³⁶⁰, fosse ou não com vista à profissão da vida monástica. Para as mulheres mais humildes, e portanto menos instruídas, este espaço era visto, muitas vezes, como um lugar de refúgio³⁶¹, que lhes facilitava o contacto e acesso aos livros e ao conhecimento, ainda que se tratasse de um conhecimento mais ou menos espartilhado entre as leituras espirituais selecionadas e vigiadas, consoante a rigidez dos

³⁵⁹ Vid. interessante estudo de Antonio CASTILLO GÓMEZ a propósito da organização sermonária e da sua importância enquanto "herramienta decisiva de la tarea evangelizadora desarrollada por la Iglesia en las misiones interiores y en los territorios coloniales", (in "El Taller del Predicador. Lectura y escritura en el sermón barroco", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 11, 2004, p. 8.).

³⁶⁰ Gabriella ZARRI, "Novizie ed Educande nei Monasteri Italiani Post-Tridentini", *Via Spiritus*, 18, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2011, p. 11.

³⁶¹ Às múltiplas razões que justificam a entrada nos conventos, poderíamos acrescentar tantas outras que dificultam a aferição do grau de intencionalidade que subjaz a essa entrada, quando estão em jogo fatores antagónicos de ordem sociológica e psicológica. Aponta Maria Zina Gonçalves de ABREU que "umas abraçaram-na [à clausura] por vocação religiosa, outras por mera imposição da família, outras para dela se livrarem, nomeadamente de casamentos indesejados; mas muitas terão sido atraídas para a vida de reclusão em busca de um modo de vida mais pleno, que lhes permitisse realizar os seus potenciais e talentos, sobretudo o intelectual", (Maria Zina Gonçalves de ABREU, *O sagrado Feminino: da Pré-História à Idade Média*, Lisboa, Edições Colibri, 2007); Cf. Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres del Madrid Barroco, Voces Testimoniales*, Dirección General de la Mujer, Madrid, 1992. Acresce a este facto a considerável diferença do valor de dote a pagar pela entrada no convento (variável de instituição para instituição, como já referimos) e o elevado valor a despendar, caso o destino da jovem fosse o casamento, (cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaca (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, p. 99.).

mosteiros³⁶². Jacobo Sanz Hermida destaca esta fulcral vertente formadora da instituição conventual, ao afirmar que "la clausura femenina debió de ejercer una importante labor en la alfabetización y culturización de gran parte de sus moradoras, pues, si bien muchas de ellas pertenecían a nobles familias, el grueso se surtía de la clase media y baja de la sociedad"³⁶³.

Muitas das noviças recebiam instrução nos conventos, contactando com as ferramentas doutriniais elementares, que lhes permitiriam acompanhar as rotinas da vida em comunidade, que se caracterizava (para além das tarefas diárias de que estavam incumbidas) pelo zeloso exercício dos cargos que ocupavam (escrivã, celeira, porteira, abadessa, mestra de noviças, etc.), pelos vários tipos de orações (individuais ou comunitárias) e pelo cumprimento do Ofício Divino (as laudes, salmos da manhã), as primas, a terça, a sexta, a nona (horas menores), o ofício vespertino (vésperas, organização dos salmos) e, finalmente, as noturnas³⁶⁴ - proferidas com base nas leituras ou no saber memorizado. Lia-se, por conseguinte, pela necessidade de dar resposta às necessidades litúrgicas e para a formação religiosa, alternando produções novas com textos antigos, uma vez que "i manuali del passato continuavano a esercitare una fonzione concreta di supporto, quali veicoli di informazione e stimoli alla sistemazione culturale"³⁶⁵.

A despeito desta realidade, existia outro tipo de produção monástica, com um público diferenciado, como há pouco referimos. As religiosas provenientes de famílias nobres ou bem posicionadas socialmente, mais instruídas, dominavam ou detinham um conhecimento passivo do latim e, conseqüentemente, da sua leitura e escrita.

³⁶² Segundo Danilo ZARDIN, a circulação dos textos nos mosteiros estava "subordinata a filtri e controlli che in teoria ne riducevano drasticamente i generi tollerati e le possibilità di ricambio", (in *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 121.).

³⁶³ Jacobo Sanz HERMIDA, "Libros y lecturas en el Convento de las Madres Agustinas recoletas de Salamanca (siglos XVI-XVIII), in *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 134. A este ponto o autor acrescenta a necessária destreza, entre as diferentes Ordens, no papel atribuído às diferentes componentes formativas; o Carmelo Descalço fomentou o interesse pela literatura.

³⁶⁴ Mario RIGHETTI, *Historia de la Liturgia*, Edición española preparada por Cornelio Urtasun Irisarri, Madrid, Biblioteca de autores cristianos, MCMLV.

³⁶⁵ Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 15.

Sublinhe-se, no entanto, que nem toda a produção escrita resultante das mãos das freiras era de cariz espiritual. Há uma imensa documentação que atesta o tratamento (lido e escrito) em paralelo, de temas profanos³⁶⁶, em resultado do relacionamento mais próximo e frequente com a corte, principalmente antes de Trento, quando as diretivas impostas aos mosteiros femininos, no que concerne à clausura, não eram ainda tão apertadas³⁶⁷.

De facto, importa referir que, antes das imposições tridentinas, era prática regular o contacto entre monjas e a população da corte. As religiosas pertencentes a famílias nobres ou endinheiradas recebiam com frequência visitas³⁶⁸ de amigas, pais e familiares ou mantinham relações à distância com estes, dispondo de aposentos confortáveis e bem ornamentados, condizentes com a sua condição social, espaços esses que, após a sua passagem pelo convento, eram legados a outros membros da família. Era-lhes permitido viver na companhia de uma irmã ou de uma sobrinha tomada a seu cargo como educanda, que seguiria, posteriormente, a vida monacal, ou, no caso das viúvas, estas podiam viver no convento em companhia de uma filha³⁶⁹. Uma realidade que se espelha também no mosteiro da nossa autora, Soror Antónia Baptista, sendo a venerável Soror Maria das Chagas uma das religiosas que convivia com a sobrinha³⁷⁰.

³⁶⁶ São disso exemplo os textos contendo temas profanos que se encontraram entre os "papeis" de Soror Maria da Circuncisão, religiosa professa no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa, irmã de Soror Catarina do Salvador, cuja educação na casa paterna foi esmerada, como alude Soror Antónia BAPTISTA, no "livro segundo" do *Livro da Fundação* (fls. 115 r. e v.) e quando refere o domínio do latim por parte de Soror Maria da Circuncisão: "o entêdia como qualquer latino", "perfeitissimamente o fasia", acrescentando que "sahiu linda poeta" embora, obviamente, nunca indicando a sua produção profana. Sabemos destes textos por Frei Jerónimo de BELÉM que aponta a preocupação desta freira, por ocasião da sua morte, em queimar alguns papéis que havia escrito, (in *Chronica seraphica da santa provincia dos Algarves da Regular Observância do nosso seráfico P.e S. Francisco*(...), pelo padre Frei Jeronymo de Belem, vol. IV, Lisboa, na oficina de Ignacio Rodrigues, anno de MDCCL, p. 316.).

³⁶⁷ Cf. Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 121.

³⁶⁸ Estas relações com o exterior propiciavam a troca de impressões com a comunidade na qual o convento estava inserido, circunscrevendo a produção aí escrita às características dessa sociedade. Por essa razão, revela Isabel MORUJÃO que "o diálogo entre a literatura produzida pelas religiosas e a sociedade que consumia esse tipo de textos [se] afigura mutuamente remissivo", (in *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 91.).

³⁶⁹ Cf. Elisja Schulte Van KESSEL, "Vierges et mères entre ciel et terre", *Histoire des femmes en Occident (XVI- XVIII siècles)*, sous la direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, pp. 158-159.

³⁷⁰ Soror Antónia BAPTISTA ao longo do seu texto faz referência à presença no Convento da Esperança, de várias sobrinhas de freiras, ex.: "evindo muito alegre cõ elle hũa subrinha que tinha e hũa amiga", (in *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 14 r.); "fasendolhe hũa religiosa queixa que sendo hũa sobrinha sua purteira lhe não dava hũa alfassa da orta do convento," (in *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 6

Este era o retrato que poderíamos observar num convento localizado na corte ou nas suas imediações, frequentado e apoiado pelas famílias endinheiradas que aí deixavam a sua prole. Nos antípodas desta realidade, encontravam-se os conventos localizados em meio rural, "où régnait la pire des misères"³⁷¹, muito por força desse distanciamento dos benefícios que a corte podia contemplar.

No entanto, os decretos tridentinos, na tentativa de institucionalizar a perfeição da virtude, obrigaram a alterações profundas no seio das comunidades religiosas, nomeadamente no que respeita à clausura³⁷². As rigorosas medidas de isolamento e afastamento do mundo secular passam a ser condição obrigatória, sobretudo, para os conventos femininos, embora esta exigência suscite muitas indignações "aussi bien de la part des religieuses et de leurs familles que d'une partie du clergé"³⁷³. Os laços de proximidade das religiosas passam, conseqüentemente, a estreitar-se mais com os seus confessores, ou com os diretores espirituais, escolhidos geralmente de entre os elementos masculinos pertencentes à mesma Ordem, cuja função assumia um "caractère disciplinaire et organisateur, mais elle concernait avant tout le fonctionnement du ministère sacerdotal"³⁷⁴.

r.). Era frequente as religiosas, nos sécs. XVI a XVIII, tomarem a seu cargo a educação de sobrinhas nos conventos, garantindo, por via dos laços de parentesco, o lugar destas no mosteiro, caso pretendessem professar, (cf. Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*), Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 86); (cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaca (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, pp. 226-245.).

³⁷¹ Elisja Schulte Van KESSEL, "Vierges et mères entre ciel et terre", *Histoire des femmes en Occident (XVI- XVIII siècles)*, sous la direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, p. 159.

³⁷² Embora Ana HATHERLY defenda que no Portugal moderno a distância do século para o convento não era assim tão longa, sublinha a autora que "são muitos os indícios que chegaram até nós do clima singularmente mundano em que viviam algumas religiosas no período barroco", (in *A Preciosa de Soror Maria do Céu, Edição Atualizada do Códice 3773 da Biblioteca Nacional Precedida dum Estudo Histórico*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1990, p. XII.). Estas medidas apertadas que impunham isolamento total das religiosas foram reforçadas pela legislação dos monarcas (inicialmente Felipe II sucedido por D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II, nos seus respetivos mandatos - de 1603 a 1671) que ordenavam a aplicação de penas pesadas para quem ousasse violar a clausura, chegando ao ponto de esta ação ser punida com a pena de morte, estabelecida pela lei de 1603, (cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaca (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, pp. 86-91) e (Isabel MORUJÃO, "No deserto espiritual entre a cruz e a grade", in *Revista Portuguesa de Psicanálise*, nº 24, Dez. 2003, pp. 49-73.).

³⁷³ Elisja Schulte Van KESSEL, "Vierges et mères entre ciel et terre", *Histoire des femmes en Occident (XVI- XVIII siècles)*, sous la direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, p. 160.

³⁷⁴ Elisja Schulte Van KESSEL, "Vierges et mères entre ciel et terre", *Histoire des femmes en Occident (XVI- XVIII siècles)*, sous la direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, p. 161.

Os escritos das monjas tinham que passar o crivo das abadessas ou eram frequentemente redigidos "por mandato" dos diretores espirituais como escritos de consciência, como são disso exemplo alguns relatos autobiográficos³⁷⁵.

Nos conventos mais pobres, a oposição às medidas de Trento fazia-se sentir pela impossibilidade de praticar a mendicância, uma fonte de receita determinante para assegurar a sustentação das religiosas.

j) A leitura nos conventos: a génese da mestria na escrita

Retome-se novamente a pertinente questão das leituras femininas e da sua interdependência com os escritos das religiosas. Como aponta Martine Sonnet, a escrita conventual feminina tem na leitura "un outil au service de l'instruction religieuse"³⁷⁶.

O domínio da escrita advém, de facto, de práticas regulares de leitura, nas suas plurais concretizações: em voz alta, silenciosa, partilhada, ditada. No universo conventual, a prática de leitura comunitária³⁷⁷, em voz alta, aparece documentada nas crónicas monásticas³⁷⁸, por se tratar de uma exigência conventual. Lia-se em voz alta para proveito das religiosas que não eram capazes de ler ou porque não sabiam - casos em que o sermão se reveste de importância fulcral, por se tratar de leitura ouvida e portanto mais acessível³⁷⁹ - ou porque estavam impossibilitadas fisicamente de o fazer, como aconteceu, por exemplo, com Soror Maria das Chagas, cuja cegueira foi registada por

³⁷⁵ Cf. Pedro Vilas Boas TAVARES, "Caminhos e Invenções de Santidade Feminina em Portugal nos Séculos XVII e XVIII (Alguns Dados, Problemas e Sugestões)", *Via Spiritus*, Porto, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996.

³⁷⁶ Martine SONNET, "Une Fille à Éduquer", in *Histoire des Femmes en Occident (XVI- XVIII Siècles)*, sous la Direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, p. 134.

³⁷⁷ Segundo Antonio CASTILLO GOMEZ as leituras, principalmente em voz alta, "desempeñaran su función como una práctica de sociabilidad y actuaran como uno de los lugares de la identidad comunitaria," (in "Leer en Comunidad. Libro y Espiritualidad en la España del Barroco", *Via Spiritus*, 7, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2000, p. 121.).

³⁷⁸ Cf. Isabel MORUJÃO, in "Livros e Leituras na Clausura Feminina de Setecentos", in *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas (in Honorem a José Adriano de Carvalho)*, Porto; XIX, 2002, p. 113.

³⁷⁹ Cf. María Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro, Espacios Profanos y Espacios Conventuales*, Madrid, Ediciones del Orto, 2006, p. 56.

Soror Antónia Baptista³⁸⁰. A leitura - presente sempre durante as refeições - é o atributo incontornável que molda, "mediatiza e alicerça a prática de escrita nos conventos"³⁸¹.

As condições disponibilizadas para a leitura e a escrita nos mosteiros femininos devem ser analisadas, como sugere Isabel Morujão, à luz das condicionantes das "obrigações e disponibilidades da vida de clausura, sem descurar as determinações emanadas do Concílio de Trento, com vista à renovação da observância monástica, no sentido de um maior rigor no cumprimento das cláusulas da Regra"³⁸².

Com base nos catálogos das livrarias monásticas, alguns deles construídos a partir dos inventários dos documentos remanescentes dos fundos conventuais, não obstante as parcas referências à leitura e posse de livros, podemos perceber, por alguma dessa informação, documentos concernentes à doação de livros³⁸³. Legavam-se na sua maioria livros devotos, vidas de santos, hagiologios, vidas de Cristo, da Virgem, biografias devotas, breviários e livros de exercícios espirituais, pelo que este cômputo geral permite aferir das leituras de pendor catequético e didático, com vista à formação das religiosas, com base na apreensão e imitação dos modelos adquiridos, consonantes com a imagem da perfeita religiosa.

As indicações ou sugestões de leitura ficavam a cargo de quem era mais próximo da religiosa que estava a ser acompanhada no seu progresso espiritual e que, portanto, estaria em melhor posição de determinar o que seria mais adequado ler, para preencher a sua formação moral e espiritual. Este papel era geralmente atribuído ao padre confessor, ao diretor espiritual ou à mestra de noviças e era controlado, dentro do convento, pela abadessa. Aconselhava-se que "las almas que siendo simples, sencillas y

³⁸⁰ Soror Maria das Chagas, por ter cegado, pedia que lhe lessem livros: "esta mesma religiosa conta que lendolhe vidas de santos por ser sega como se ha ditto", (*Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 10 v.).

³⁸¹ Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 75.

³⁸² Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 78; Danilo ZARDIN, refere algumas das medidas impostas por Trento que condicionavam a produção escrita às mulheres enclausuradas, por via da proibição do papel e de materiais de escrita, (in *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 121.).

³⁸³ Como refere Isabel MORUJÃO a propósito do testamento de Domingos Peres que, em 1595, deixava às Beatas de Santo António do Campo da Vinha alguns livros devotos, (in *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 79.).

puras, y se quieren dar al oracion, les ordenarán que lean libros generalmente devotos y que traten de virtudes, como es de humildad y castidad"³⁸⁴.

Uma chamada de atenção de Isabel Morujão refere que, no séc. XVII, as diferentes ordens religiosas liam os autores de outras ordens, o que denuncia uma formação espiritual "verdadeiramente eclética"³⁸⁵. Esta afirmação é reiterada por María Isabel Barbeito Carneiro ao atestar que "está demostrado que las monjas se intercambiaban poesías e otros escritos de mayor enjundia, tanto de autoría masculina como femenina, en gran parte manuscritos"³⁸⁶.

Alguns cronistas conventuais e monásticos (Frei Jerónimo de Belém, na *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves*, Lisboa, 1750-1758; Frei Manuel da Esperança e Frei Fernando da Soledade, na *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco da Provincia de Portugal*; Jorge Cardoso, D. António Caetano de Sousa, no *Agiologio Lusitano*, Fr. António da Piedade em *Espelho de Penitentes. Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*, publicada em Lisboa, em 1728, entre outros) deixam, nas suas obras, apontamentos sobre as leituras realizadas por algumas religiosas, nos seus mosteiros. Embora não abordem o facto de forma direta, pois não é esse o seu intento, vão dando informações sobre os "instrumentos que serviram para alcançar essa exemplaridade de virtudes - digamos mesmo santidade, que, no fundo, é o que essas biografias pretendem expor nesses «hagiológicos» particulares que são muitas das crónicas das ordens religiosas pós-tridentinas"³⁸⁷. De entre as obras citadas, José Adriano de Freitas Carvalho destaca a *Chronica Serafica* como sendo a que faz maior referência às leituras religiosas femininas, na exposição das suas biografadas. A esta província franciscana pertencia Fr. António das Chagas, "incansável

³⁸⁴ José Adriano Freitas CARVALHO, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura Entre Franciscanos e Clarissas em Portugal no Século XVII", *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 10, *apud*, Fr. Agustin de SAN ILDEFONSO, *Theologia Mystica* (1, 2, 3), Madrid, 1683, p. 51.

³⁸⁵ Isabel MORUJÃO, "Literatura Devota em Portugal no Tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel", *Via Spiritus*, 5, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1998, p. 207.

³⁸⁶ María Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro*, ed. cit., Madrid, 2007, p. 68.

³⁸⁷ José Adriano de Freitas CARVALHO, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura Entre Franciscanos e Clarissas em Portugal no Século XVII", *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 13.

pregador e epistológrafo"³⁸⁸, cujas *Cartas Espirituales*³⁸⁹ em muito contribuíram para as indicações de leitura de muitas religiosas, "quer como exercício espiritual quer como «recreio»"³⁹⁰.

Refere ainda José Adriano de Freitas Carvalho que, de alguma forma, todas as religiosas liam, se não por moto próprio, pelo menos porque ouviam ler, na partilha de leitura em voz alta³⁹¹ em comunidade, de modo solitário, através da leitura silenciosa³⁹² (valorizada pela *devotio moderna*), da leitura ditada, da leitura conjunta, "en effecto, muchas escribieron; pero, obviamente, muchas más leyeron"³⁹³.

No interior dos mosteiros, a leitura era sempre encarada como uma forma da *ars orandi*"³⁹⁴. Nesses momentos de vida comunitária, a leitura coletiva era fortemente regulamentada pelas prescrições da *Regra*, servindo como complemento à leitura particular de cada monja³⁹⁵. No processo de caminhada espiritual, a leitura revestia-se de importância capital, pois, como anota Antonio Castillo Gómez "la lectura se integra en un proceso más amplio de edificación, tan necesaria para el alma como el comer para el cuerpo, cuyo soporte se encuentra en esas píldoras espirituales que se van

³⁸⁸ José Adriano de Freitas CARVALHO, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura Entre Franciscanos e Clarissas em Portugal no Século XVII", *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 14.

³⁸⁹ Vide Isabel MORUJÃO, *Cartas Espirituais de Frei António das Chagas, Edição, Apresentação e Notas*, Porto, Campo das Letras, 2000.

³⁹⁰ José Adriano de Freitas CARVALHO, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura Entre Franciscanos e Clarissas em Portugal no Século XVII", *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 15.

³⁹¹ Também este tipo de leitura estava sujeito a uma vigilância rigorosa, pois o leitor, que tantas vezes se torna intérprete das leituras, poderia manipular esses textos. Esta realidade não seria tão evidente nos mosteiros femininos onde as leituras se espartilhavam entre as rigorosas imposições da *Regra*, mas entre outras comunidades de leitores poderia ocorrer com frequência. A este propósito vid. estudo de Antonio CASTILLO GÓMEZ "Leer en Comunidad. Libro y Espiritualidad en la España del Barroco", *Via Spiritus*, 7, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2000.

³⁹² Vid. Margit Frenk sobre o tema da passagem da leitura oralizada para a leitura silenciosa, in *Entre la voz y el silencio. La lectura en tiempos de Cervantes*, Alcalá de Henares, 1997.

³⁹³ María Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro*, Madrid, 2007, p. 53.

³⁹⁴ José Adriano de Freitas CARVALHO, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura Entre Franciscanos e Clarissas em Portugal no Século XVII", *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 53.

³⁹⁵ Cf. María Isabel BARBEITO CARNEIRO, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro, Espacios Profanos y Espacios Conventuales*, Madrid, Ediciones del Orto, 2006, p. 54.

administrando a lo largo del día en forma de lecturas y meditaciones comunitarias"³⁹⁶, havendo que destringar entre leituras para a oração mental ou vocal e as leituras para as "horas de divertimento".

Porém, o aconselhamento das leituras não significava forçosamente o acatamento dessa sugestão - "aconselhar não garante o acolhimento do conselho"³⁹⁷.

k) A circulação dos livros: posse e partilha

Porque o custo dos livros os tornava inacessíveis para algumas religiosas, era prática comum fazê-los passar de mão em mão, mesmo quando tinham muito valor, para proveito do maior número de religiosas. As inscrições marginais e anotações manuscritas verificadas em alguns exemplares, por diferentes mãos, dão prova da circulação desses livros e evidenciam, em simultâneo, o interesse das religiosas por essa atividade, "em torno de certos autores ou de certas obras tidas como básicas"³⁹⁸.

Disponibilizavam-se livros do domínio da comunidade, tratando-se muitas vezes de edições obsoletas, num tempo e espaço em que a novidade tardava a entrar, como refere Danilo Zardin: "l'accoglienza delle novità ne risultava ulteriormente ostacolata, le letture si attardavano non di rado su edizioni obsolete"³⁹⁹. No entanto, na sequência das novas diretivas reformadoras, alimentadas pelo aumento da produção editorial de dimensão catequética e devocional, verifica-se que, a par das leituras dos *clássicos*, novas aportações iam dando entrada nos mosteiros, tendo as obras de Luís de Granada

³⁹⁶ Antonio CASTILLO GÓMEZ, "Leer en Comunidad. Libro y Espiritualidad en la España del Barroco", *Via Spiritus*, 7, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2000, p. 117.

³⁹⁷ José Adriano de Freitas CARVALHO, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura Entre Franciscanos e Clarissas em Portugal no Século XVII", *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 24.

³⁹⁸ Isabel MORUJÃO, "Livros e Leituras na Clausura Feminina de Setecentos", in *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas (in Honorem a José Adriano de Carvalho)*, Porto; XIX, 2002, p. 126.

³⁹⁹ Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 206.

conhecido uma ampla valorização e, como tal, liderado a lista das recomendações de leitura⁴⁰⁰.

Alguns livros poderiam ser oferecidos por bispos ou cardeais, para uso de todas, mas há algumas referências que comprovam a posse individual de livros por parte das freiras, provenientes de ofertas de familiares⁴⁰¹, dos confessores, por via de empréstimos ou trocas. Jacobo Sanz Hermida, Olímpia Loureiro e Isabel Morujão fazem alusão ao facto de existirem bibliotecas particulares, dentro das próprias celas de algumas religiosas.

Ao contrário do que acontecia nos mosteiros masculinos, os conventos femininos não dispunham de locais próprios para a guarda ou consulta de livros, apontando as únicas referências encontradas para arcas ou baús destinados a esse efeito. Soror Antónia Baptista refere com alguma frequência um "archivo", indiciando tratar-se de um local onde se guardavam os documentos⁴⁰². Efetivamente os mosteiros femininos "carecen en principio de un establecimiento especialmente preparado para albergar los libros de la Comunidad, que, por lo mismo, son tenidos como bienes privativos en poder de sus propietarias que, tan sólo tras su muerte pasan a manos de la Comunidad"⁴⁰³.

⁴⁰⁰ Cf. Danilo ZARDIN, *Donna e religiosa di rara eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p. 228.

⁴⁰¹ Jacobo Sanz HERMIDA cita um caso de uma freira que recebe por dote, aquando da sua profissão, vários livros dos irmãos e tios, de entre os quais as Cartas Espirituales del Glorioso Señor San Francisco de Sales: "Mis hermanos Baltasar y don Melchor de Sotomayor Paez y oribe, caballeros del orden de San Juan qua binieron a mi profesión con otro hermano y un tío y otros me dieron todas las obras de San Francisco de Sales y otros libros del coro y misal", (in "Libros y Lecturas en el Convento de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca (Siglos XVI-XVIII)", *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997, p. 219.).

⁴⁰² "Como se ve por papeis que estão no archivo" ou "os innumeraveis papeis tocantes a elles que estão ã o archivo," (in *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fls. 9 v. e 12 r.).

⁴⁰³ Jacobo Sanz HERMIDA, "Libros y Lecturas en el Convento de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca (Siglos XVI-XVIII)", *Via Spiritus*, 4, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997, pp. 141-142.

6. Crónicas conventuais de *fundação*⁴⁰⁴: especificidades e modelos

As memórias de conventos, relatadas geralmente nas crónicas monásticas de autoria masculina, constituem um repositório das memórias institucionais e das vidas edificantes que habitaram nesses conventos. Elas permitem o estabelecimento de um perfil social e económico da comunidade, das relações internas estabelecidas entre religiosas, do contacto com o exterior, ao mesmo tempo que constroem uma identidade espiritual de cada casa, pela referência à manifestação de fenómenos extraordinários das religiosas (visões, sonhos, milagres, premonições), pelo testemunho do diretor espiritual ou confessor, pelo detalhe dos ideais de virtude e santidade⁴⁰⁵, pela descrição de rituais, rotinas, devoções, relíquias, confrarias, etc.⁴⁰⁶.

Ao longo do séc. XVII as várias Ordens religiosas - franciscanas, cistercienses, dominicanas, agostinhas, beneditinas - mostraram interesse em coligir relatos historiográficos impulsionados pela "fragmentação nacionalista da Europa, as preocupações humanistas de redescoberta erudita e diálogo com o passado, bem como as dificuldades decorrentes das reformas religiosas"⁴⁰⁷.

A iniciativa cronística de Soror Antónia Baptista inscreve-se, pois, num movimento generalizado de contornos internacionais, embora o seu texto não tenha conhecido as honras do prelo. A autora reflete no seu texto, de forma deliberada ou não, modelos de escrita e diferentes tipologias de outros textos. A este propósito, cite-se Isabel Morujão que alerta para que "não esqueçamos que se vivia num tempo de sobreposições culturais e textuais, em que (...) tout le monde imite"⁴⁰⁸. No caso da escrita feminina, esta afirmação adquire maior consistência, se pensarmos que grande parte das fontes disponíveis e recorrentes à época eram de autoria masculina, e que os tipos de textos que circulavam em maior número eram as hagiografias e as biografias devotas e

⁴⁰⁴ Nomenclatura já explicitada antes.

⁴⁰⁵ Cf. Lígia BELLINI, "Vida Monástica e Práticas da Escrita entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", *Campos Social*, Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 2006/2007, 3/4, p. 212.

⁴⁰⁶ Cf. Isabel dos Guimarães SÁ, "Portas adentro: comer, vestir a habitar na Península Ibérica (ss. XVI-XIX)", Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

⁴⁰⁷ Luís de Sá FARDILHA, "Uma Introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001, p. 105.

⁴⁰⁸ Isabel MORUJÃO, "Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel", *Via Spiritus*, 5, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de letras da Universidade do Porto, 1998, p. 208.

espirituais, as crónicas de mosteiros, diálogos e tratados com vista à formação espiritual. No texto de Soror Antónia percebemos múltiplas marcas que denunciam a influência de leituras plurais, como mais adiante se verá. No entanto, os textos de registo cronístico, quando existiram nos mosteiros femininos, foram muitas vezes aproveitados para a redação de volumosas crónicas de autoridade masculina que silenciavam os fragmentos femininos de que se tinham servido. Aponta Isabel Morujão que "a história dos conventos femininos deve muito aos testemunhos escritos das religiosas, que, muitas vezes, não chegaram até nós, por terem sido plasmados em obras de carácter mais vasto, redigidas por mão masculina que os usou como fonte testemunhal e depois não cuidou da sua preservação"⁴⁰⁹.

Muitos destes escritos femininos têm por base a transcrição de registos orais, percecionados pelo tratamento "mnemónico e formular; sendo preferencialmente aditivos, em vez de subordinativos; agregativos, em vez de analíticos; fundados na experiência humana imediata; menos conceituais, tendendo a descrever eventos, em lugar de enunciar proposições"⁴¹⁰. Soror Antónia manifesta uma franca preocupação quanto à veracidade do seu relato e, por essa razão, tem o cuidado de ir advertindo o leitor da proveniência e natureza dos factos que está a apresentar, principalmente se essas informações provêm de registos orais. Quando tal ocorre, a autora cita, sempre que possível, os nomes de quem os reproduziu ou vivenciou e compromete-os a juramento, como se vê no seguinte fragmento: "Dona maria ana de abreu cortereal dona de esta vila teve hũ movitto de que ficou cõ mui grandes e perigosas dores ã o vêtre que não obedecião a nenhũ remedio pos sobre elle a mãtilha desta madre e logo se achou bẽ de todo. dis o jurara"⁴¹¹ "e por milagre o jurou ja e dis o fara quantas veses lho pedirẽ"⁴¹².

A importância do registo escrito com base em fontes documentais legitima acrescidamente a escrita destas mulheres, pois se só a informação fundamentada é valorizada, mesmo na historiografia masculina, avalie-se o quanto, nesta época, significaria aventurarem-se as mulheres por este género que não lhes pertencia por

⁴⁰⁹ Isabel MORUJÃO, in *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 125.

⁴¹⁰ Lígia BELLINI, "Vida Monástica e Práticas da Escrita entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", *Campos Social*, Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 2006/2007, 3/4, p. 211.

⁴¹¹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 77 v.

⁴¹² *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 71 v.

princípio... Por outro lado, a recolha de várias fontes escritas congregadas num único texto corrido leva a concentrar e a preservar as memórias. Assim se explica a inserção do texto sobre Catarina do Salvador, que aqui se enxertou, como para reunir tudo quanto fosse oportuno e significativo numa mesma obra. Desta forma, a escrita sobrepõe-se à vetusta tradição oral que amiúde distorceu tantos acontecimentos por força de relatos intencionalmente deturpados.

O estilo e opção de Soror Antónia Baptista por este género narrativo permitem aferir do conhecimento e interesse da autora pelos textos de cariz historiográfico de matriz religiosa, em voga ao longo do séc. XVII⁴¹³, e pela biografia devota.

Apesar das diferentes titulações que as crónicas de fundação evidenciam (as que possuíam títulos...) - *Tratado, Livro de Fundação, Memoria, Chronica, Memorial, Relação* - estes textos têm todos a mesma intenção memorialística, razão pela qual se inscrevem na mesma caracterização genológica. Não obstante não ter sido Soror Antónia a inscrever o título na sua obra, ao longo dos fólios a autora nomeia o seu texto de "tratado"⁴¹⁴.

Com facilidade percebemos que a autora terá, provavelmente, consultado alguns dignos representantes destes géneros, publicados antes da conclusão da sua obra, como são disso exemplo o *Agiológico Lusitano*⁴¹⁵ de Jorge Cardoso, cujo primeiro tomo é publicado em 1652 (data do início da composição do texto de Soror Antónia, entre os quais notamos alguma proximidade no que toca às suas respetivas introduções, como veremos à frente) ou o *Jardim de Portugal*⁴¹⁶, de Frei Luís dos Anjos, algumas vezes citado pela nossa autora, ainda que em jeito de crítica ("que o que se dis ã *jardim de*

⁴¹³ Interesse já notado em finais do séc. XVI, como refere Luís de Sá FARDILHA, (in "Uma introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, FLUP, 2001, p. 105.). De salientar que a publicação do grande marco da cronística franciscana que é a *História Seraphica* foi publicado em 1656, um ano antes da conclusão da obra de Soror Antónia. Pela mesma altura surgem outros escritos similares, como veremos à frente, o que ajuda a perceber a preferência por este tipo de textos na Época Moderna.

⁴¹⁴ O título da obra de Soror Antónia Baptista é inscrito pelas mãos do Doutor Diego Peres Ferreira, um dos autores dos sonetos laudatórios dirigidos à religiosa.

⁴¹⁵ Jorge CARDOSO, *Agiológico Lusitano dos santos e varões ilustres do reino de Portugal e suas conquistas*, ed fac-simile Faculdade de Letras Universidade do Porto, com estudo, organização e índices de Maria de Lurdes Correia FERNANDES, Porto, 2002, [1652].

⁴¹⁶ Frei Luís dos ANJOS, *Jardim de Portugal em que se da noticia de algũas sanctas, & outra mulheres illustres em virtude, as quais nascerão ou viverão ou estão sepultadas neste reino & suas cõquistas*, impresso em Coimbra em casa de Nicolao Carvalho, 1626.

portugal que ãtão a aceitarão e falso")⁴¹⁷... Mas este comentário indica-nos a forma crítica com que leu as obras que tomará, essencialmente, como matrizes, nesses alvares da historiografia da Idade Moderna.

Soror Antónia serve-se de dois géneros literários, a crónica e a biografia devota, para alicerçar a sua obra. É no seu cruzamento que a obra encontra a sua estrutura medular.

Enquanto crónica, o texto de Soror Antónia vai-se estruturando de acordo com o ritmo que a História impôs ao percurso da fundação do convento. Será o mesmo que dizer que a classificação do texto como crónica fica circunscrita ao "livro primeiro" do *Livro da Fundação*, no qual a autora relata cronologicamente os acontecimentos históricos que subjazem às origens do convento.

Os relatos biográficos ocupam os segundo e terceiro livros do texto, isto é, grande parte da obra, através dos quais a autora vai apresentando uma galeria de modelos a imitar (ou simplesmente porque fornecem informações cruciais sobre as rotinas, devoções, rituais, funcionando como observatórios da identidade espiritual que se foi construindo), assinalando as virtudes específicas de cada biografada, dignas de serem relatadas, fornecendo deste modo "um perfil intemporal que sirva de orientação"⁴¹⁸ às freiras suas companheiras e às que se lhe seguirem, nomeadamente às noviças e freiras da escola do convento, como a própria revela no prólogo.

A desproporção do número de capítulos dedicados aos dois temas centrais (fundação e *vidas*) evidencia de imediato a intenção da exemplaridade que a autora pretende testemunhar. Os traços mais distintivos destas vidas centram-se no amor à pobreza e no fervoroso cumprimento da *Regra*, como observa Luís de Sá Fardilha: "a Regra é aqui entendida como fiel depositária do espírito da fundadora das Clarissas e a sua observância é a única forma segura de manter viva a presença de Santa Clara na sua Ordem"⁴¹⁹.

A estruturação interna do texto de Soror Antónia segue o modelo tacitamente estabelecido em documentos do género, utilizado por alguns cronistas, que terão tido

⁴¹⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 4 r.

⁴¹⁸ Luís de Sá FARDILHA, "Uma Introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001, p. 109.

⁴¹⁹ Luís de Sá FARDILHA, "Uma Introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001, p. 111.

como guião o *Memorial da Santa Província dos Algarves*⁴²⁰ de Frei Rodrigo de S. Thiago, através do qual o franciscano vai propondo fórmulas de tratamento dos assuntos da província e dos seus eremitérios. Das várias informações que deveriam constar na composição de uma crónica, Frei Rodrigo aponta: a descrição do convento, quando foi fundado e por quem; se "havia no convento coisa memorável que se perdesse ou trasladasse para outra parte"; se possuía imagens milagrosas; se havia naquele convento tradições dignas de memória, merecedoras de ficarem registadas, etc. Frei Rodrigo referia ainda a importância de dar conta de todos os religiosos e religiosas falecidos com fama de virtude⁴²¹.

Decalcando estas informações de Frei Rodrigo de S. Thiago, Luís de Sá Fardilha explica com algum detalhe os tópicos seguidos na organização das monografias biográficas inclusas na *História Seráfica* de Frei Manuel da Esperança:

1. determinação das circunstâncias históricas que rodearam a fundação do convento: identidade e motivações dos fundadores ou patronos e levantamento dos textos legais que definem os termos em que se deve organizar a vida comunitária; 2. descrição física dos edifícios e dos locais em que estes se encontram implantados; 3. percurso histórico da comunidade conventual, desde os primórdios até ao presente da escrita, e evocação de eventos relevantes que com ela se relacionam; 4. memórias biográficas de frades ou freiras veneráveis que se encontram de alguma forma ligados ao convento." A estruturação das crónicas monásticas e das biografias devotas de intencionalidade tão definida, levam a supor "que obedecessem então a um estereótipo na construção de modelos hagiográficos"⁴²².

Esta mesma organização de texto foi seguida por autores cujas obras precederam o texto de Soror Antónia e que, por essa razão, podem, de alguma forma, ter servido de referência à composição do nosso *Livro da Fundação*.

⁴²⁰ *Memorial da Santa Província dos Algarves da Ordem Seráfica, tomo I, Memorial Primeiro, por Fr. Rodrigo de S. Thiago, no anno de 1615, 1616, Sta Maria de Jesus de Xabregas, OFM, Província dos Algarves, Província.*

⁴²¹ Cf. *Memorial da Santa Província dos Algarves da Ordem Seráfica, tomo I, Memorial Primeiro, por Fr. Rodrigo de S. Thiago, no anno de 1615, 1616, Sta Maria de Jesus de Xabregas, OFM, Província dos Algarves, Província.*

⁴²² Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 94.

Com a ajuda do rol elencado pelo Padre Francisco de Leite Faria em *Santa Clara e as Clarissas em Portugal*⁴²³ e do texto de Teresa Leitão de Barros⁴²⁴, apontemos algumas dessas crónicas monásticas femininas, cronologicamente ordenadas:

- *Memorial dos Mosteiros de Santa Clara de Amarante*⁴²⁵, composto por Guiomar dos Anjos, natural de Amarante, em 1592;

- *Livro da fundação do Mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa e de alguns casos dignos de memoria que nelle acontecerão*, redigido Madre Soror Maria do Baptista, religiosa dominicana e Priora do Mosteiro do Salvador, em 1618⁴²⁶;

- *Livro da Fvndação ampliação & sitio do Convento de N. S.ra da Piedade da Esperança da Cidade de Lix.ª: o qual mandou escrever a Abbadeça soror Francisca dos Anjos, no anno de 1620. Sendo Ministro Provincial dos frades menores da observancia o mui Reuerêdo Padre Frey Hieronimo da madre de Ds*⁴²⁷;

- *Relacion de como se ha fyndado en Alcantara de Portvgal iunto a Lisboa, el muy deuoto Monasterio de N. S. de la Quietacion, por la Catholica Magestad del Rey N. S. D. Phelippe II. de gloriosa memoria para las monjas peregrinas de S. Clara de la primera Regla, venidas de la Prouincia de Alemania Baxa, [...] Compuesta por la Madre Sor Cathalina del Spiritu Sancto Monja del mismo Monasterio. Dirigida a la Serenissima Infanta Sor Margarita de la Cruz, Monja en el Monasterio de las descalças, en Madrid [...]. - En Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1627*⁴²⁸;

⁴²³ Padre Francisco Leite FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

⁴²⁴ Theresa Leitão de BARROS, *Escritoras de Portugal, Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* Vol. I, Lisboa, 1924.

⁴²⁵ Theresa Leitão de BARROS, *Escritoras de Portugal, Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* Vol. I, Lisboa, 1924, p. 229.

⁴²⁶ Livro referenciado no *Manual Bibliographico Portuguez de Livros Raros, Classicos e Curiosos*, de Ricardo Pinto de MATOS, 1878.

⁴²⁷ Padre Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

⁴²⁸ Frei Jerónimo de BELÉM refere algumas destas obras. Sobre esta em concreto, acrescenta na *Chronica Serafica*, tomo primeiro, que Soror Catarina do Espírito Santo foi cofundadora e abadessa cinco vezes desse mosteiro em Alcântara que se chamou das Flamengas, mandado construir por Filipe II como refúgio de monjas Clarissas que em Flandres eram perseguidas por protestantes.

- *Tratado da antiga e curiosa fundação do Convento de Jesus de Setubal o primeiro que ouve (!)⁴²⁹ e se fundou neste Reino de Portugal de Religiosas Capuchas chamadas as Senhoras pobres da primeira Regra de Santa Clara. Fundadora Justa Rodrigues Pereyra Ama do Seren. mo Rey D. Manoel do qual são protectores os Reys de Portugal. Composto pella Madre Sor Leonor de S. João Religiosa do dito Convento e Abb.^a anno de 1630;*

- *Noticia da fundação do convento da madre de Deos das religiosas descalças de Lisboa, da primeira regra de nossa madre santa clara. E de algumas cousas, que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muitas Madres Santas que ouve nelle, escritas por hua freira do mesmo convento; e dirigida a todas as demais d'elle, no anno de 1639, Lisboa.*

Houve, no entanto, outras obras do género que surgiram após a conclusão do *Livro da Fundação* de Soror Antónia Baptista e que atestam do interesse que este tipo de registos históricos continuaram a suscitar no séc. XVIII:

- *Memoria dos Infantes D. Affonço Sanches, e Dona Theresa Martins. Fundadores do Real Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde/ Escritta pelo Padre Fr. Fernando da Soledade, cronista da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal. Dada ao prelo pela Madre Soror Josefa Maria de Jesus Abbadessa do dito Mosteiro. - Lisboa Occidental: na Off. de Antonio Manescal, 1726;*

- *Historia da Fundação do Real Convento do S. Christo das Religiosas Capuchinhas Francezas, Vidas de suas Fundadoras, e de algumas Religiosas insignes em virtudes, escrita por voto ao mesmo Senhor Crucificado por D. Joseph Barbosa [...] e offerecida á Magestade del Rey D. João V. Nosso Senhor, pela M. Abbadessa, e mais Religiosas do mesmo Convento. - Lisboa: na Off. de Francisco Luiz Ameno, 1748⁴³⁰;*

- *Historia da Fundação do Real Convento do Lourçal de Religiosas Capuchas, Escravas do Santissimo Sacramento, e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira Instituidora, e de algumas Religiosas, que fallecerão no mesmo Convento com opinião*

⁴²⁹ Exclamação do Padre Francisco Leite de Faria.

⁴³⁰ Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

*de virtude/Escrita, e oferecida a El Rey Nosso Senhor D. João V. pelo Padre Manoel Monteiro, da Congregação do Oratorio, [...]. - Lisboa: na Off. de Francisco da Silva, 1750*⁴³¹;

- *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da regular Observancia de Nosso Serafico Padre S. Francisco, Parte Terceira, em que se trata da Origem, Fundação, e Progressos do Real Mosteiro da Madre de Deos de Xabregas, [...] Comprehende juntamente as Vidas das Fundadoras, e mais Religiosas, que nelle florecêrão em virtudes, [...] Offerecida á sempre Augusta Magestade do Fidelissimo Rey D. Jozé I. Nosso Senhor/ Por Fr. Jeronymo de Belem, Indigno filho, Chronista, e Padre da mesma Provincia. - Lisboa: no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, 1755;*

- *Jardim do Ceo* plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da Cidade de Braga, composto por Maria Benta do Ceo, Lisboa, Officina de Manuel Coelho Amado, 1766;

- *Origem e Historia do Convento do Desagravo, o "Conventinho" de Lisboa/ P. José do Nascimento Barreira. - Braga: Tip. Editorial Franciscana, 1965*⁴³².

As obras referenciadas pelo Padre Francisco Leite de Faria foram transcritas *ipsis litteris* como o mesmo as apresentou, destacando-as individualmente. Após esta exposição, o mesmo autor refere, sob a forma de texto corrido, outras obras semelhantes sobre as quais (supomos) terá tido conhecimento passivo, desta feita incluindo o texto de Soror Antónia Baptista, revelando: "havia também o manuscrito da *Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa*, escrito por Soror Antónia Baptista e que tinha licença para se imprimir, dada em 1657"⁴³³. As outras obras que Francisco Leite de Faria aponta sumariamente são: o manuscrito sobre a *Fundação do Mosteiro de N.ª S.ª dos Mártires* em Sacavém, escrita pelo fundador, Miguel de Moura; *Fundação do Convento de S. Vicente da Beira*, 1618; *Memoria da Fundação do*

⁴³¹ Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

⁴³² Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

⁴³³ Padre Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, p. 74.

Convento do Salvador da Cidade de Évora e de algumas Religiosas de singular virtude do mesmo Convento, por Nicolau Landim Coelho. O autor alude igualmente a uma edição pioneira que contempla todas as Províncias da Ordem Franciscana e cada um dos seus conventos, que resulta da pena do Padre Francisco Gonzaga, Geral da Ordem Franciscana, dos Observantes Franciscanos, publicada em Roma, em 1587, sob o nome *De origine Seraphicae Religionis*, "ao falar da Província chamada de Portugal e da chamada dos Algarves, dá notícias breves, mas preciosas, sobre cada um da meia centena de Mosteiros de Clarissas dependentes dessas duas Províncias"⁴³⁴.

Não obstante o modelo pré estabelecido que subjaz a estas obras, no que respeita à estruturação formal do texto ou à apresentação dos conteúdos, nem todos os autores deram sequência a essa fórmula. Dos textos acima enunciados destacaríamos quatro que, comparativa ou contrastivamente, refletem essa liberdade dos autores na redação dos seus textos. Será igualmente pertinente lembrar que, apesar do regime estreito de clausura imposto aos conventos femininos, o acesso às obras ou o conhecimento destas ia chegando aos mosteiros, nomeadamente nas casas pertencentes à mesma Província, por via dos contactos com o exterior (através dos padres confessores ou até de relações próximas com alguns familiares que, apesar de coartadas pela aplicação dos decretos tridentinos, em Portugal não visou tão severamente esta esfera relacional) o que implicará forçosamente interferências mútuas entre textos e autores.

Dos livros que precederam e que, por essa razão, poderiam, eventualmente, ter chegado ao conhecimento e até influenciado a escrita de Soror Antónia Baptista, notamos a proximidade com o *Livro da fundação ampliação & sitio do convento de N. Sra da Piedade da Esperança de Lisboa, o qual mandou escrever a Abbadessa Soror Francisca dos Anjos, no anno de 1620. Sendo ministro Provincial dos frades menores da observantia o muito Reverendo Padre Frey Hieronimo da madre de Deus*. A estruturação entre ambos é muito semelhante: começam por referenciar a fundadora do convento, neste caso D. Isabel de Mendanha; aludem, posteriormente, às razões que estiveram na base da escolha do sítio de implementação do cenóbio e procedimentos envolvidos para tal feito; dá-se conta da morte da fundadora e dos bens que deixa ao mosteiro para sustento das religiosas; relata-se a vinda de religiosas de outras

⁴³⁴ Padre Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, p. 75.

instituições religiosas para formar número compatível para dar início ao funcionamento do convento; narram-se de seguida as vidas das abadessas; o número de religiosas; as relíquias existentes no convento e as eleições trienais das abadessas. Apesar da proximidade entre estes dois exemplares, há uma grande diferença no que respeita a liberdade de composição destas obras, Soror Antónia dá a entender que foi por vontade própria que redigiu as memórias do Convento da Esperança, enquanto o *Livro da fundação ampliação & sitio do convento de N. Sra da Piedade da Esperança de Lisboa* foi redigido por ordem da Abadessa Soror Francisca dos Anjos, a pedido do Padre Provincial Frei Jerónimo da Madre de Deus, como comprova o autor (ou autora) deste texto: "a abadessa mandou escrever a fundação do convento e das religiosas que forão nelle abadessas ate ao prezente e das virtudes das fundadoras e de alguas que forão assinaladas em virtude, para cõ seu exemplo exçitar às imitarem, para mais honrra e gloria de Deos"⁴³⁵.

A proximidade do texto de Soror Antónia ao *Tratado* de Soror Leonor de São João é igualmente notória (inclusive na extensão do documento). No *Tratado da antiga e curiosa fundação do Convento de Jesus de Setubal o primeiro que ouve e se fundou neste Reino de Portugal de Religiosas Capuchas chamadas as Senhoras pobres da primeira Regra de Santa Clara. Fundadora Justa Rodrigues Pereyra Ama do Seren. mo Rey D. Manoel do qual são protectores os Reys de Portugal. Composto pella Madre Sor Leonor de S. João Religiosa do dito Convento e Abb.* "anno de 1630, dividido em cinco partes, a abadessa expõe "Ao Leitor" que tomou a seu cargo a redação da fundação do convento por duas razões: por força do ofício que desempenhava e "por senão perderẽ lembranças tamdignas de eterna memoria que em varios papeis e purgaminhos andavão espalhadas". Para além disso, propõe-se relatar, tal como Soror Antónia Baptista, "quem foi a primeira fundadora desta casa, e o principio que teve, quais os protectores e finalmente as muitas Relligiosas que em virtudes notaveis e exemplos e obras maravilhosas nelle florecerão, assy de Relliquias, como cousas particullares e devotas"⁴³⁶. O elemento dissonante da obra de Soror Antónia (coincidente com o

⁴³⁵ *Livro da Fundação ampliação & sitio do convento de N. Sra da Piedade da Esperança de Lisboa, o qual mandou escrever a Abbadessa Soror Francisca dos Anjos, no anno de 1620. Sendo ministro Provincial dos frades menores da observantia o muito Reverendo Padre Frey Hieronimo da madre de Deus, cap. 1º.*

⁴³⁶ *Tratado da antiga e curiosa fundação do Convento de Jesus de Setubal o primeiro que ouve e se fundou neste Reino de Portugal de Religiosas Capuchas chamadas as Senhoras pobres da primeira Regra de Santa Clara. Fundadora Justa Rodrigues Pereyra Ama do Seren. mo Rey D. Manoel do qual são*

anterior exemplo citado) é que também Soror Leonor de São João redigiu o seu texto a pedido de Frei Luís dos Anjos, o Provincial dos Algarves (por duas vezes, 1610-13 e 1623-26).

Numa perspetiva contrastiva, a *Noticia da fundação do convento da madre de Deos das religiosas descalças de Lisboa, da primeira regra de nossa madre santa clara. E de algumas cousas, que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muitas Madres Santas que ouve nelle, escritas por hua freira do mesmo convento; e dirigida a todas as demais delle, no anno de 1639, Lisboa*, cuja autoria se atribui à Madre Maria do Sacramento, apresenta-se com o objetivo de mitigar "a mágoa de ver hir esquecendo"⁴³⁷ as memórias notáveis do convento, destacando as diligências fundacionais levadas a cargo pela rainha D. Leonor⁴³⁸. O texto é dividido em oito práticas, sob a forma dialogada, supostamente baseadas em conversas reais, estabelecidas entre as religiosas (quando tal lhes era permitido).

Após 1657 (data de conclusão da obra de Soror Antónia Baptista), outros autores assumem os mesmo propósitos, em moldes semelhantes. Destacaremos, a título de exemplo, mais uma composição que se aproxima da obra de Soror Antónia, no que concerne a organização temática e estruturação formal, resultando, desta feita, de mãos masculinas: a *Historia da Fundação do Real Convento do Louriçal de religiosas Capuchas, Escravas do Santissimo Sacramento, e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira instituidora, e de alguma Religiosas, que fallecerão no mesmo Convento com opinião de virtude. Escrita, e offerecida a ELREY Nosso Senhor D. João V. pelo Padre Manoel Monteiro da Congregação do Oratorio (...), Lisboa: na officina de Francisco da Silva. Anno de MDCCL*. O autor começa por trazer à memória as origens do convento e, posteriormente, evoca as freiras que morreram com opinião de virtude. O

protectores os Reys de Portugal. Composto pella Madre Sor Leonor de S. João Religiosa do dito Convento e Abb.ª anno de 1630, "Ao Leitor".

⁴³⁷ *Noticia da fundação do convento da madre de Deos das religiosas descalças de Lisboa, da primeira regra de nossa madre santa clara. E de algumas cousas, que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muitas Madres Santas que ouve nelle, escritas por hua freira do mesmo convento; e dirigida a todas as demais delle, no anno de 1639, Lisboa, "Prologo".*

⁴³⁸ A "Rainha das Misericórdias," após ter enviado de D. João II, a princesa mais rica da Europa - vive no apogeu da expansão marítima - empregou a sua fortuna na prática caritativa, patrocinando várias obras religiosas de entre as quais a construção do Convento da Madre de Deus, em 1509, onde acabou por professar na Primeira Regra de Santa Clara e onde ordenou ser sepultada em campa rasa, para que todos a pudessem pisar, sinal extremo de humildade, (Ivo Carneiro de SOUSA, *A Rainha da Misericórdia na história da espiritualidade em Portugal na Época do Renascimento*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto, Porto, MCMXCII.).

Padre Manoel Monteiro aproveita o "Prologo" para advertir os leitores da importância destas obras no semear de exemplos virtuosos que se pretendem ver replicados por todos: "ultimamente, como da lição de semelhantes livros se tem visto no mundo grande fructo em todos os seculos, pedimos aos Leitores, que fação em si fructuosos os exemplos; porque tambem deste modo se fará completo o nosso intento, e fructuoso o nosso trabalho"⁴³⁹.

Não cabendo nos objetivos deste capítulo um levantamento exaustivo de todas as obras de fundação, selecionou-se uma amostra representativa de textos que ilustram a variedade de obras (essencialmente) de autoria feminina e preferencialmente clarissa, que visaram os mesmos propósitos fundacionais e biográficos do *Livro de Fundação* de Soror Antónia Baptista.

⁴³⁹ *Historia da Fundação do Real Convento do Louriçal de religiosas Capuchas, Escravas do Santissimo Sacramento, e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira instituidora, e de alguma Religiosas, que fallecerão no mesmo Convento com opinião de virtude. Escrita, e offerecida a ELREY Nosso Senhor D. João V. pelo Padre Manoel Monteiro da Congregação do Oratorio (...), Lisboa: na officina de Francisco da Silva. Anno de MDCCL, in "Prologo".*

7. O Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria

Graças a Deos que chegamos a um mosteiro onde se encontrão todas as suas memórias verdadeiras e livres de opiniões encontradas, que sempre deixão pouco satisfeito quem, com a maior vigilância, deseja o acerto na sua escrita. Esta felicidade devemos à venerável Madre Soror Antónia Baptista⁴⁴⁰.

a) Estrutura e conteúdo

A organização interna do texto foi já por nós explicada no capítulo anterior. A sua estruturação formal continuará a sê-lo no capítulo destinado aos Critérios de Edição, a propósito da análise codicológica do manuscrito. Assim, para evitarmos redundâncias, explicitaremos sucintamente que esta crónica é constituída por três livros autónomos, cada um deles dividido em capítulos que ocupam a totalidade dos duzentos e setenta e oito fólhos de um códice em formato in 4.º, que se apresenta em mau estado de conservação, localizado na Biblioteca Nacional de Portugal.

No que respeita à divisão interna, os livros organizam-se da seguinte forma: o primeiro livro tem quinze capítulos dedicados à fundação do convento; o segundo livro, o mais extenso, contém quarenta e nove capítulos que relatam a vida de vinte e uma religiosas virtuosas que viveram no convento (no interior dos quais se inclui já o enxerto da *Breve recopilção da Vida e morte de Soror Catherina do Salvador*, escrita por outras mãos; o terceiro livro contém dezoito capítulos, incluindo o traslado do Padre Lourenço de Portel sobre a relação da vida de Soror Maria das Chagas, transcrito pelas próprias mãos de Soror Antónia Baptista⁴⁴¹.

⁴⁴⁰ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica*, ed. cit., p. 125.

⁴⁴¹ O contacto direto com o manuscrito permite-nos, a este propósito, corrigir algumas imprecisões de Barbosa Machado. O bibliógrafo afirma que a obra se divide "em 3 partes, a 1ª trata da fundação do convento em 16 capítulos; a 2ª intitulada "Flores da Esperança de Vila Viçosa", relata as virtudes de muitas religiosas veneráveis daquela casa e consta de 26 capítulos (!); a 3ª escreve a vida, revelações e milagres da venerável madre Maria das Chagas em dezassete capítulos." Barbosa Machado falha na contagem de todos os capítulos! (in *Biblioteca Lusitana*, t.I, p. 182).

Soror Antónia articula os relatos biográficos com dados históricos (genealogias, obras de construção, acontecimentos políticos marcantes, etc.), sobretudo no "livro primeiro", quando retrata os anos de abadessado e principais diligências levadas a cabo por cada abadessa. Além de se socorrer de referências históricas atinentes à fundação do convento, aponta igualmente aspetos pessoais da vida de cada abadessa, que acabará por retomar no "livro segundo". Todos estes elementos aduzem alguma novidade e correção ao conhecimento que até agora se detinha sobre datas de profissão, sobre o investimento artístico de algumas abadessas no interior do seu convento, sobre a origem e percurso de objetos de arte, sobre os espaços privilegiados em termos de devoção e oração na igreja do mosteiro, etc.

A contemporaneidade de algumas das biografadas em relação ao tempo da autora (tal como sucede em tantos outros relatos do género) permite conferir a estas narrativas um grau de autenticidade e atualidade, que os antigos relatos da tradição oral não permitem. Diz-nos a autora: "escrevo não so pello que vi e exprimêtei, mas o que cõtão e jurarão em hũa inquirissão de suas vertudes todas as que a conhecerão, particularmente as madres joanna baptista e isabel dos anjos que atratarão"⁴⁴². Ou ainda: "estes dous milagres alem de os ouvirmos muitas das que são vivas a hũa antiga que os viu por seus olhos os conta hũa religiosa moderna que os ouviu relatar muitas veses a hũa sua avó"⁴⁴³.

Como se disse anteriormente, a autenticidade destas narrativas era uma preocupação permanente. Por diversas vezes, a autora refere que consultou documentos nos *archivos* e registos disponíveis, para se fundamentar acerca de todos os assuntos sobre os quais discorre ao longo da sua obra, não só de passagens concernentes a factos históricos e do âmbito legal (servindo-se de documentação notarial), como também a acontecimentos ocorridos nas vidas de cada biografada. As fontes dos testemunhos do texto de Soror Antónia provêm então de registos orais que a autora não se furta a identificar como tais, e de registos escritos, considerados pela própria como mais válidos, pois são os que legitimam a escrita, os que podem ser comprovados, sempre que for necessário, como é

⁴⁴² *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 1 r.

⁴⁴³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 30 r.

disso exemplo a referência a testamentos: "so o que sabemos por seu testamento que cõ esta doassão se guarda em o archivo"⁴⁴⁴.

A faceta de cronista de Soror Antónia permite-lhe evidenciar esses *dots* aquando da descrição de outros acontecimentos históricos, alheios ao convento, comprovando a sua capacidade de versar sobre múltiplas matérias, que não exclusivamente as de cariz religioso ou confinadas à vivência intra muros. Soror Antónia faz referência a questões de dimensão europeia, nomeadamente à situação de Inglaterra e da sua conversão, ou alude a acontecimentos concernentes à política nacional como a Batalha de Alcácer Quibir (1578) e consequente perda da independência nacional, em 1580, a subsequente Restauração da Independência Nacional em 1640 e os episódios mais locais como o roubo do Santíssimo Sacramento na cidade do Porto, em 1614⁴⁴⁵. Tudo é matéria narrável e testemunha o interesse da autora e da comunidade pelo mundo que as envolvia.

A humildade dos votos que professou leva Soror Antónia a enfatizar o seu papel de mera transmissora das informações que lhe chegam, desconhecendo, por vezes, o total alcance do seu significado: "que cousas tão spirituais que so passão ãtre Deus e a alma so ella (a alma) pode testemunhar"⁴⁴⁶.

Acontece, por vezes, que o papel de cronista (implicando uma distanciação dos acontecimentos) assumido pela autora é suplantado pelo papel da religiosa, da amiga, da confidente, tornando inviável a objetividade da narrativa, nos momentos em que "vem a primeiro plano a emoção pessoal de quem é não apenas testemunha, mas também participante dos factos e pode transpor para o texto as reacções mais imediatas que lhe

⁴⁴⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 2 v.

⁴⁴⁵ Este acontecimento que suscitou grande indignação na população, aparece descrito no "Sermão do Santissimo Sacramento" proferido pelo Padre Francisco de Mendoça, do qual transcrevemos uma pequena parte: "Todos hoje nos ajuntamos nesta Igreja, não tanto para prègar, quanto para chorar a grande afronta, a desaforada injuria, o atroz sacrilegio, que o mez passado se cometteo neste Reyno contra a Real, & sacrossanta Magestade, & Divindade de Christo Jesu. Já ouvistes o caso; tornay-o a ouvir, porque monstro tão raro sempre parece novo. Na Sé do Porto em huma Capella, em que então estava o Santissimo Sacramento, consagrou hum Sacerdote cincoenta, ou sessenta fórmulas em huma custodia, & a recolheo em o sacrario; foy o dia seguinte para dar o Santissimo Sacramento ao povo, abre o sacrario , não acha a custodia.(...) Senhor, que he isto? por ventura sahistes-vos daquelle sacrario, & daquela Capella, & daquela Igreja (...)? Não posso crer isso de huma Cidade tão pia, & tão christã, & tão Catholica, como he a Cidade do Porto", 1614, BPMP.

⁴⁴⁶ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 20 r.

foi dado viver"⁴⁴⁷. Neste contexto, verificamos que a escrita serve, alternadamente, tanto para "desafogar uma saudade como para propor um modelo de edificação"⁴⁴⁸, como acontece nos vários momentos de exposição da vida de Soror Maria das Chagas: "foi tão grande a desconsolassão destas filhas quando nos vimos orfas della"⁴⁴⁹.

Estas marcas de subjetividade permitem ao leitor o acesso ao pensamento da autora, embora o escopo que estes textos pretendem atingir seja sobretudo, "responder a um dever de memória perante os vindouros, mesmo para esse autor anónimo que chama a primeiro plano a recordação pessoal, pois vê na constituição da memória um modo de legitimar o que lhe é pedido pelo afecto"⁴⁵⁰.

Apesar do "desabrido talento", da "tosca pena" (de que Soror Antónia fala no "Prologo" da obra), a autora não coarta o seu espírito crítico. Deliberadamente intercala no seu discurso, socorrendo-se de estruturas parentéticas, opiniões, desabafos ou complementos de informação, como se vê nestes julgamentos que emite: "grande culpa em os perladados que a molheres simplex não dão padres spirituais que emcaminhê suas consiensas"⁴⁵¹ ou "não fica este convento livre de culpa do pouco que de esta grande serva de Deus se sabe, e cõ grande magoa minha so escrevirei, por não aver ã tantos annos hũa religiosa que tratasse de deixar memoria de tantas maravilhas, easim consumiu otempo amor parte dellas"⁴⁵².

Esta longa crónica foi caucinada e legitimada pela comunidade religiosa que a ouviu ler antes que se ultimasse para o prelo⁴⁵³, por determinação da abadessa. Houve, portanto,

⁴⁴⁷ Aires A. NASCIMENTO, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p. 11.

⁴⁴⁸ Aires A. NASCIMENTO, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p. 12.

⁴⁴⁹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 66 r.

⁴⁵⁰ Aires A. NASCIMENTO, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p. 13.

⁴⁵¹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 24 r.

⁴⁵² *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 12 v. Soror Antónia critica a falta de informações sobre a Madre Soror Inês de Jesus, lamentando ninguém até então ter escrito essas memórias, o que levou a que muitas se tivessem perdido. Mais uma vez a autora faz referência à importância dos registos escritos como garantia da conservação das memórias.

⁴⁵³ Acontece, algumas vezes, certas religiosas pedirem a Soror Antónia que incluia no seu texto alguns factos ocorridos, como o milagre vivido por uma parturiente por intermédio da imagem de Nossa

uma recolha interativa de memórias entre as religiosas do Mosteiro da Esperança, que participaram assim ativamente na construção do património identitário que este livro representa. Facto que exemplificamos com a seguinte passagem, ocorrida no ano de 1653:

E custume ã este convento ã o descurço do anno lersse ã o rectorio as vidas dos santos ã os dias que a igreja resa delles mãdou a madre abbadessa paraçe esta lissão e se lesse nelle este livro has religiosas antes de se tirar do borrão para que ãmêdacẽ qual quer erro que lhe achassẽ como pessoas que mais pudião testemunhar da verdade⁴⁵⁴.

b) Folha de rosto

Poderíamos assinalar, em tom de gracejo, que a obra de Soror Antónia Baptista, no que toca ao suporte material que sustenta o texto, é o espelho da "pobreza franciscana". Ao abrir o códice, deparamo-nos apenas com um pedaço do que resta da folha de rosto, que antecede todos os textos preambulares (licenças, prólogo, dedicatória, invocação), totalmente despedaçada. No entanto, é graças à inscrição que aí se encontra - "esta obra, que ainda não foi impressa he do annu de 1657, se pode supor ser o original" - redigida por mãos desconhecidas, que temos informações concretas sobre o ano de conclusão do texto. Soror Antónia alude algumas vezes ao início da redação do mesmo - 1652 - e chega a referenciar uma única vez a continuidade do seu trabalho de escrita: "estando eu tirando este livro do borrão ã o anno de 1654"⁴⁵⁵. No entanto, só temos uma data aproximada de conclusão da obra pela referência na "Dedicatória" do texto ao rei D. João IV, em que a autora faz referência à morte do monarca, ocorrida em 1656, revelando que fora antes de "tirar o livro do borrão". Elemento que nos leva a supor ser 1657 o ano mais provável da conclusão da obra.

A inscrição da folha de rosto confirma ainda o facto de se tratar do texto original, (autografado por Soror Antónia no fim da dedicatória) e constata a interrupção do processo de impressão, pois a obra, apesar das licenças (falta, no entanto, uma) não seguiu para os prelos, como era suposto. Mas também nada se conseguiu apurar das razões deste processo que parecia em bom andamento.

Senhora da Esperança: "ãbas me pedirão fisses memoria destes dous milagres" (*Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 30 r.).

⁴⁵⁴ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 19 r.

⁴⁵⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 51 v.

c) Licenças

A este frágil introito seguem-se duas licenças, a prova irrefutável do controlo editorial exercido pela Igreja e pelo Estado. A aprovação da obra pelas autoridades eclesiásticas vem plasmada nas autorizações concedidas pelo Padre Frei João Pereira, Vigário Provincial da Província dos Algarves, passada em Xabregas, a 26 de Junho de 1657, a pedido de quem os dois censores procedem à leitura do documento.

A primeira licença é concedida por Frei Manoel da Madre de Deos que, numa caligrafia quase indecifrável, autoriza a circulação da obra, atestando: "por o qual não tem cousa que encontre nossa santa fee ou bôns costumes, antes será pera Deos de nosso proveito espiritual pello qual me parece digno sair à luz"⁴⁵⁶.

O segundo censor, Frei Roque da Trindade, alonga-se um pouco mais na apreciação, revelando que o texto de Soror Antónia Baptista "he muy digno de louvor na authora delle observar o bom governo e santo viver de pessoas sinaladas as acções illustres de sujeitos memoraveis, espelhos da religião para os presentes e vindouros"⁴⁵⁷.

Obtidas as licenças, a obra estava pronta para ser impressa, contudo, como atrás se referiu, "não chegou a ver a luz do prélo, porque ou faltaria vida à autora ou o espírito a quem a imitasse em seus fervores"⁴⁵⁸.

d) Dedicatória

O nome e condição do dedicatário da obra aparece evidenciado no título⁴⁵⁹: "dedicado a Magestade de El Rei Dom João o 4º nosso senhor e Padroeiro do mesmo Convento"⁴⁶⁰.

⁴⁵⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. II r.

⁴⁵⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. II r.

⁴⁵⁸ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves (...)*, ed. cit., tomo IV, p. 125.

⁴⁵⁹ Embora por uma outra letra que não a de Soror Antónia. Podemos conjecturar a autoria da inscrição do título da obra, por mão do Doutor Diego Peres Ferreira, cuja caligrafia muito se assemelha à letra utilizada pelo mesmo autor num dos textos apologéticos em louvor da autora, localizado nos preliminares da obra.

⁴⁶⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. IV r.

A habitual escolha de dedicatários influentes, geralmente pertencentes à alta nobreza, capazes de "apadrinhar" as obras, no sentido de as proteger de eventuais óbices que pudessem comprometer a aprovação das licenças e subsequente circulação das mesmas, faz recair a eleição de Soror Antónia sobre o rei. À semelhança de autores coevos, a autora dedica a obra a uma figura da realeza, pertencente à casa de Bragança, que, para além da estreita ligação familiar e pessoal ao Convento da Esperança - D. João IV era o padroeiro do mosteiro, antecedido nesta incumbência por D. Isabel de Lencastre - nutria uma afeição particular por Vila Viçosa, em consequência dos muitos episódios ocorridos nessa mesma vila, vivenciados pela casa real de Bragança. Em nome desta proximidade entre as duas instâncias - real e eclesiástica - poderíamos ler nesta dedicatória uma intenção de gratidão por parte da autora pelo protecção da família real, mas poder-se-á, em simultâneo, vislumbrar uma intenção política⁴⁶¹, pois interessava manter essas relações estreitas, como garantia de eventuais benefícios que conviria assegurar⁴⁶². Maria de Lurdes Correia Fernandes aponta a complexidade dessas "redes que uniam elementos do clero a importantes figuras da nobreza da época"⁴⁶³, pelo que a autora aconselha a ler as dedicatórias das obras deste período "com o resguardo que exige, muitas vezes a necessidade de protecção (política e religiosa) ou de apoio material que determinava a escolha de certas figuras para protectoras das obras"⁴⁶⁴.

Na Dedicatória do *Livro da Fundação* Soror Antónia introduz humildemente o seu texto (tópico frequente entre religiosas) apresentando-o como obra de "toscas e mal limadas palavras", para se dirigir ao rei através da apologia da sua figura, "cuja grandesa é unico

⁴⁶¹ Maria de Lurdes Correia FERNANDES aponta o aumento "de dedicatórias «políticas» depois de 1640", "Recordar os Santos Vivos; Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Séc. XVII Português", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, FLUP, 1, 1994, p. 137; cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha, Contribuição para o Estudo da História da Espiritualidade Peninsular nos Sécs. XVI e XVII*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, p. 282-290; Vitor Manuel de Aguiar e SILVA acrescenta aos argumentos apresentados a garantia "da protecção contra eventuais ameaças e perigos de tipo censório ou persecutório," in *Teoria da Literatura*, 8ª ed., Livraria Almedina, Coimbra, 1992, p. 305.

⁴⁶² Defendem Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN que "conseguir que um rei, um príncipe, ou algum grande senhor, aceite a dedicatória de uma obra (...) garantirá ao autor, não somente a quase-certeza de receber a recompensa material pelo seu trabalho, mas ainda uma boa oportunidade para garantir uma carreira lisongeira para a sua composição"⁴⁶², (in Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *O Aparecimento do Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 374.).

⁴⁶³ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "Recordar os Santos Vivos; Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Séc. XVII Português", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, FLUP, 1, 1994, p. 136.

⁴⁶⁴ *Ibid, ibidem*.

remedio dos desvalidos", para lhe solicitar que a obra tenha "emparo e defesa ã as reaes mãos de Vossa magestade (...) que cõ seu favor e piedoso zelo saia seguro a lux". A autora revela inicialmente a intenção de redigir o texto unicamente para proveito das religiosas noviças que habitavam no seu mosteiro, mas, posteriormente parece ter mudado de ideias, pois as "maravilhas do convento" mereciam ser dadas a conhecer a todos e, por essa razão, se determinou "a comunicalas a todos debaxo da pretecsão de sua alteza que Deus tem".

De salientar, a propósito desta Dedicatória, que Barbosa Machado tê-la-á lido *en passant*, uma vez que o bibliógrafo refere que a obra é dedicada à Santíssima Virgem, o que não corresponde à verdade. A confusão dever-se-á a uma leitura apressada do primeiro verso da invocação da autora à Virgem, em que o vocativo "A ti madre de gracia y virgen pura *ab inicio* creada del que quiso (...)"⁴⁶⁵, poderá tê-lo induzido em erro: "Pues ayudadme Virgen generosa/pera que sea oi mi tosca pluma/ guiada de essa mano poderosa"⁴⁶⁶.

Aliás, a propósito desta Invocação, teceremos adiante alguns comentários que se nos afiguram necessários para compreender a especificidade da sua atitude enquanto narradora-cronista da história do Convento da Esperança de Vila Viçosa.

A escolha dos dedicatários ou destinatários tinha uma importância de tal forma acentuada, que nos leva a adiantar uma hipótese que poderá, eventualmente, justificar o facto de a obra de Soror Antónia, ter permanecido "orfã" e não ter seguido para os prelos como estava vaticinado. Poderá a morte de D. João IV, o seu protetor, ocorrida no ano anterior (1656) à hipotética conclusão da obra, ter contribuído para que os desígnios da autora não tivessem sido cumpridos?

e) Sonetos laudatórios e bilinguismo luso-castelhano

O fólho que se segue à Dedicatória apresenta o título da obra transcrito pelas mãos do primeiro autor que dedica um soneto laudatório a Soror Antónia, e não por ela própria: o Doutor Diego Peres Ferreira, o médico ao serviço da comunidade religiosa da Esperança. Desconhecemos se Soror Antónia teria tido conhecimento deste título ou se

⁴⁶⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. VII v.

⁴⁶⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. VIII r.

teria optado por designar o seu texto de *tratado*, como faz ao longo da obra. A hipótese de a autora não ter intitulado o seu manuscrito inicial é também provável.

A primeira composição poética é redigida em castelhano. Em finais do séc. XVI e durante todo o séc. XVII, alguns autores portugueses demonstram preferência pela utilização da língua castelhana, ou pela publicação dos seus textos na imprensa espanhola⁴⁶⁷, facto que facilmente se explica por o castelhano ter sido como uma segunda língua para todos os portugueses, sobretudo na corte, durante cerca de dois séculos e meio. Os motivos que subjazem a esta preferência prendem-se com razões estéticas - fomentadas pela importação dos modelos literários castelhanos⁴⁶⁸ - e sociopolíticas, justificadas pela nossa já longa política de casamentos régios com princesas castelhanas e, posteriormente, pelo período de monarquia dual (sessenta anos), durante o *Siglo de Oro*, contribuindo, deste modo, para o acentuar desta "impregnação linguística"⁴⁶⁹, que, entre 1580 e 1640, funcionou como uma variável linguística de prestígio.

Língua falada e língua escrita eram duas realidades distintas. A prática da escrita funcionava como elemento polarizador e distintivo entre classes: uma mais letrada, que congregava famílias nobres e eclesiásticos, outra praticamente analfabeta, constituída por grande parte do povo que não tinha o privilégio de receber instrução e, desta forma, se mantinha ignorante e desavisado. Aponta Maria Clara Almeida Lucas que "havia uma língua geralmente falada pelo povo e duas línguas em que a fação culta escrevia e falava: o latim e, até bastante tarde, o castelhano"⁴⁷⁰.

A corroborar este facto, referimos o exemplo de D. Bernarda Ferreira Lacerda que, apesar de portuguesa, à semelhança de outros autores coevos, redigiu o seu texto maior - *Hespaña Libertada* - em castelhano, argumentando que esta língua era mais conhecida e por isso se adequaria melhor à divulgação da sua obra⁴⁷¹.

⁴⁶⁷ João Palma FERREIRA, *Novelistas e contistas portugueses dos sécs. XVI e XVII*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981, p. 13.

⁴⁶⁸ João Palma FERREIRA refere até a impossibilidade de se separar os dois países no que respeita à literatura de Seiscentos e acrescenta que vários autores "já demonstraram, afinal, que o espaço linguístico da literatura do séc. XVII abarca toda a Península", (in *Novelistas e contistas portugueses dos sécs. XVI e XVII*, ed. cit, p.13).

⁴⁶⁹ Paul TEYSSIER, *Histoire de la Langue Portugaise*, Paris, Presses Universitaires de France, 1980, p. 38.

⁴⁷⁰ Maria Clara Almeida LUCAS, *Hagiografia Medieval Portuguesa*, Ministério da Educação, 1984, p. 46.

⁴⁷¹ Cf. Nieves BARANDA, "Mujer, Escritura y Fama: la Hespaña Libertada (1618) de Doña Bernarda Ferreira de Lacerda", *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 0, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p. 231.

No entanto, esta tendência foi-se esvanecendo após a Restauração da Independência, em 1640, com a subida ao trono de D. João IV.

Soror Antónia Baptista, dando mostras da sua erudição e sintonia com a cultura do seu tempo, redige em castelhano uma pequena parte deste texto, mais concretamente os fragmentos líricos, que podemos encontrar nos livros "primeiro" e "tersseiro", na invocação à Virgem Santíssima. Costatámos igualmente o domínio do latim, pois a própria faz a transcrição e tradução do latim para português do Breve enviado de Roma a autorizar a mudança definitiva e fundação do Mosteiro da Esperança.

Retomando os (dois) sonetos laudatórios dirigidos à autora, estes poderão indiciar a circulação do texto entre um grupo de autores a quem poderia, eventualmente, ter sido entregue a obra para uma primeira leitura ou apreciação, como era habitual. Esses textos são escritos e assinados pelas mãos dos próprios autores, o que permite reforçar a ideia de circulação da obra, pelo menos entre um círculo restrito. As duas composições em causa servem-se do soneto para elogiar o talento da autora. O primeiro autor, o Doutor Diego Peres Ferreira⁴⁷² destaca o seu "raro ingenio" e a sua "fama immortal esclarecida" cujas porfias não de causar admiração em toda a gente e "no solo las novizias", enquanto Fernão Roiz de Britto Pereira⁴⁷³ anota "com estillo levantado escreveis (...) em extasis deixais nosso cuidado." Neles se afirma que a autora trata as *flores* do seu convento como conhecedora e "entendida", por isso é "dòcta Antónia conhecida." O adjetivo "docta" sugere a mestria e erudição de Soror Antónia, que lhe terão granjeado algum reconhecimento público, a avaliar pelo adjetivo "conhecida", que a coloca numa esfera de difusão bem mais alargada do que o que se poderia suspeitar de uma autora que permaneceu inédita até aos nossos dias. Desconhece-se, no entanto, se essa fama de Soror Antónia terá sido reconhecida em vida sua ou postumamente.

⁴⁷² O doutor Diego ou Diogo Peres Ferreira foi contemporâneo de Soror Antónia Baptista. Prestou serviço médico à comunidade religiosa da Esperança, estando presente aquando da trasladação dos restos mortais da Madre Maria das Chagas, em 1652.

⁴⁷³ Trata-se de um fidalgo ilustre com ligações à casa real, curiosamente com o mesmo nome do pai de Soror Maria da Conceição, religiosa da Esperança, que Soror Antónia refere no fl. 9 v. do "livro segundo". Em outro momento da narrativa ("livro tersseiro"), a autora indica alguém com os mesmos apelidos de família - Salvador de Brito Pereira - próximo do rei D. João IV, que estará na origem do pedido de beatificação da Madre Maria das Chagas, ordenado pelo mesmo monarca, como veremos no terceiro livro.

f) Prólogo: um protocolo de intencionalidades

A autora revela no início do Prólogo ter sentido necessidade de "tomar a mão a tão grandes talentos como ha em este convento"⁴⁷⁴ desde muito cedo, e sublinha foi seu desejo "que desde menina otive de algua tirar a lux tantas maravilhas"⁴⁷⁵, por não achar documentos que registassem as memórias dos exemplos que se pretendem imitados pelas mais novas. Por ver o grande descuido no registo destas memórias, a autora confessa que "so eu como não sei imitalas me suçede o que aquẽ vive sem lux que vendoa repara mais ã ella que quẽ sempre a gosa"⁴⁷⁶. Uma engenhosa forma de criticar as companheiras ("ver a todas tão descudadas (...) dar esporas a meu desejo"), ao mesmo tempo que as desculpa e entende, invocando a sua incapacidade e pequenez de espírito: só pode ver a luz que emana das companheiras quem não tem a perfeição interior de dela gozar.

Traço comum às crónicas de *fundação* é a intenção da escrita, revelada nas primeiras páginas ou prólogos: deixar um legado às religiosas mais novas que habitavam esses mesmos espaços, sob a forma de registo escrito, recorrendo sempre que possível - e nem sempre é - a provas factuais que comprovem o conteúdo desses relatos, para que as vidas exemplares e virtudes de algumas *plantas* que outrora tinham florescido naqueles conventos perdurassem nas memórias presentes e nas vindouras. Vidas essas que deveriam servir de modelos e ser imitadas como espelhos de vida perfeita no caminho que leva à salvação. Assim fez Soror Antónia.

Numa perspetiva mais teórica, diríamos que estas autoras de crónicas monásticas colocam ao serviço dessa intenção um estilo que cumpre com as finalidades atribuídas à retórica: o *docere*, o *movere* e o *delectare*⁴⁷⁷, preconizadas por Horácio. Ou seja, através de um discurso moral e persuasivo (*docere*), embora escamoteado numa linguagem simples e clara, as autoras passam os ensinamentos e exemplos que pretendem ver replicados pelas destinatárias destes textos (*movere*), com recurso a estratégias que envolvem o leitor através da ativação e captação das suas emoções (*delectare*) mas que

⁴⁷⁴ Livro da Fundação, "Prologo", fl. VII r.

⁴⁷⁵ Livro da Fundação, "Prologo", fl. VII r.

⁴⁷⁶ Livro da Fundação, "Prologo", fl. VII r.

⁴⁷⁷ V. Mafalda FERIN, *Persuasão e deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2002, p. 84; cf. ainda Maria Micaela Ramon MOREIRA, *A Novela Alegórica em Português dos Sécs. XVII e XVIII, o Belo ao Serviço do Bem*, Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura, Ramo de Literatura Portuguesa, Universidade do Minho, 2006.

"nalguns textos se converte numa finalidade em si mesma."⁴⁷⁸ A corroborar este ponto de vista, Diogo Ramada Curto regista que "os artifícios da retórica são, então, concebidos como um modo de satisfazer a expectativa do leitor e como uma espécie de ciência dos efeitos literários cujos modelos - gregos, latinos ou toscanos - se afiguram de fácil reprodução"⁴⁷⁹.

A assunção da "consciência de uma responsabilidade literária", evocada por Aires A. Nascimento⁴⁸⁰, perpassa pela adoção de uma "fórmula de modéstia"⁴⁸¹, muito usual entre religiosas, que se traduz na confissão da humildade oscilante entre a ousadia de escrever as virtudes da biografada - "não sei irmãs e senhoras minhas como hei tido ousadia pera emprender esta obra (...) atrevendome atomar a mão a tão grandes talentos"⁴⁸² - e o "receio de indignidade para escrever em nível compatível com as virtudes a celebrar"⁴⁸³. A estas fragilidades, usualmente enunciadas pelas autoras da época, acresce a perceção das deficiências inerentes à laboriosa tarefa, que rapidamente transcendem, valorizando sobretudo a necessidade de tornar públicas as qualidades daqueles prodigiosos seres: "em esta obra vereis muitas faltas seguro"⁴⁸⁴.

Assim, as fórmulas "tão leal criada", "humilde oradora de vossa magestade", indigna religiosa", "desabrido talento", "tosca pena", de que se serve Soror Antónia, podem ser explicadas por duas hipóteses, como observa Isabel Morujão: "a primeira, a do conservadorismo das formas de cortesia em ambiente monástico; a segunda, não sendo verdade a primeira, a de que os religiosos e religiosas encontravam nestas fórmulas uma

⁴⁷⁸ Mafalda FERIN, *Persuasão e deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2002, p. 84.

⁴⁷⁹ Diogo Ramada CURTO, "A Restauração de 1640: nomes e pessoas", in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0, FLUP, 2003, p. 322.

⁴⁸⁰ Aires A. NASCIMENTO, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p.12.

⁴⁸¹ Lígia BELLINI, "Vida Monástica e Práticas da Escrita Entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", *Campus Social*, Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 3/4, 2006/2007, p. 209.

⁴⁸² *Livro da Fundação*, "Prologo", fl. VII r.

⁴⁸³ Aires A. NASCIMENTO, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p.12.

⁴⁸⁴ *Livro da Fundação*, "Prologo", fl. VII r.

humildade com que se identificavam, fazendo-a sua, independentemente de modas e preconceitos"⁴⁸⁵.

É ainda no Prólogo que Soror Antónia desde logo regista uma outra finalidade para o seu texto: "servir de guia a voços primeiros annos o exsemplo de tão heroicas vertudes"⁴⁸⁶, isto é, ser um itinerário para noviças, o que revela, simultaneamente, o interesse substancial em valorizar a comunidade. Esse interesse é tanto mais premente que a autora sente necessidade de nominalizar esses exemplos de virtude "e porque o aguardecimento de voças orações não falte, digo os nomes das que cõ estas piedosas obras mereçẽ zelos escritos em o çeo aque permitta Deus guiarvos, fasendovos verdadeiras imitadoras suas"⁴⁸⁷.

A legitimação destes relatos através da escrita faz perdurar a identidade destas mulheres. Há uma evidente intenção identitária ao serviço da memória, tal como a memória serve a identidade do convento, imortalizando o seu prestígio enquanto instituição pia.

Os atributos reconhecidos à autora - "docta", "conhecida", "esclarecida" - e que nós reconhecemos pelo domínio exímio das formas métricas, quando a mesma cita os clássicos como Homero, Ulisses, Ícaro ou quando se serve de várias passagens latinas das Sagradas Escrituras, nas alusões a vários autores, a múltiplos textos, etc., contrastam com o modo como a autora se apresenta no prólogo, "uma mulher idiotta e tão falta de policia"⁴⁸⁸. Mas este era o artifício fundamental para quem se queria aventurar na escrita, esse território durante muito tempo reservado aos homens: provar que se escrevia apenas pelo imperativo da necessidade.

⁴⁸⁵ Isabel MORUJÃO, "Um Epistolário Português de Clarissa: Contributo para a Reconstituição de um Património Esquecido", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado (1214-2014)*, Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2012, p. 550.

⁴⁸⁶ *Livro da Fundação*, "Prologo", fl. VII r.

⁴⁸⁷ *Livro da Fundação*, "Prologo", fl. VII r.

⁴⁸⁸ *Livro da Fundação*, "Prologo", fl. VII r.

g) Invocação à Virgem: um cruzamento de modelos narrativos

Neste contexto do discurso das crónicas monásticas há que chamar a atenção para a particularidade de dois momentos da obra (no primeiro e no terceiro livros) nos quais Soror Antónia invoca a Virgem para lhe solicitar auxílio e amparo para a obra. O apelo à Virgem ou a outras entidades cristãs (Deus, santos, anjos, Espírito Santo) é um tópico recorrente nas epopeias religiosas, que vem substituir as entidades mitológicas, pagãs⁴⁸⁹, utilizadas pelos autores clássicos, destituindo-as das suas funções inspiradoras. Ora, não deixa de ser curioso, surpreender-se aqui uma invocação à Virgem, que, utilizando um verso decassilábico, constrói uma miscigenação de géneros assaz curiosa neste contexto.

O uso do verso heróico no texto de Soror Antónia, restringe-se à Invocação, isto é, a um elemento que codifica o género épico, que dá corpo à narrativa dos feitos de grandes heróis. Tal facto elucidá-nos sobre a perspetiva de Soror Antónia Baptista relativamente às fundadoras do convento e às suas antecessoras: heroínas de grande recorte espiritual e de virtudes, marcadas pela grandeza dos heróis épicos. A narração das suas vidas implica um dom superior, que ela implora através da utilização do modelo do épico.

Para que o apelo seja condigno com a majestade da divindade celestial, a autora aprimora o estilo, oferecendo-lhe uma estrutura maior de versificação - a oitava decassilábica, de esquema métrico muito regular ABABABCC - que habitualmente encontramos na poesia épica, de cariz laudatório, apesar de, como defende Isabel Morujão, "a oitava (ser) uma forma estrófica frequente na poesia lírica da globalidade da literatura conventual feminina"⁴⁹⁰. Forma que, segundo a autora, já Boccaccio⁴⁹¹ utilizava no séc. XIV, tal como Ariosto, e que terá chegado ao espaço ibérico "pela mão de Boscán e de Garcilaso"⁴⁹². Assim, consciente da árdua tarefa que tem em mãos, Soror Antónia Baptista elege, no "primeiro livro", o verso heróico inteiro e o seu

⁴⁸⁹ Veja-se o exemplo do nosso poeta maior que recorre às nereidas do Tejo, que ele designa de Tágides, para lhe dar inspiração para a composição de *Os Lusíadas*. Sobre esta destituição das entidades pagãs, veja-se Isabel MORUJÃO, "O Monte do Parnaso Fui Deixando" *Cristianismo e Cultura Clássica na Épica Conventual Feminina em Portugal*, UNED, REI, I, 2013.

⁴⁹⁰ Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (Sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 256.

⁴⁹¹ Dos primeiros impulsionadores (séc. XIV) no tratamento escrito do tema das mulheres com intuito edificante, de que o *De mulieribus claris* é digno representante.

⁴⁹² Ludovico Ariosto, poeta italiano do séc. XV que através do poema épico *Orlando Furioso* introduz uma nova métrica harmoniosa, que seria utilizada por Juan Bóscan e Garcilaso de la Vega, na Península Ibérica.

quebrado, no "livro tersseiro", para rogar à Virgem ajuda para dar a conhecer Soror Maria das Chagas, tão ilustre *planta* "do jardim" por Ela criado.

A estrutura que a autora utiliza nestes versos, permite perceber o domínio da técnica que subjaz à poesia, o que nos leva a conjecturar da sólida formação cultural desta religiosa. Estas composições, para além de demonstrarem um exímio domínio vocabular e clara influência de ideais coetâneos, revelam a mestria de alguém muito habituado a laborar as rimas. Por essa razão, acreditamos que terão, seguramente, existido outras composições da "docta antónia" (embora a mesma nunca o indiciasse), que esmeradamente se foram aprimorando para chegar a este resultado. A autora adota a distinta oitava real decassilábica, com rima consoante, cruzada, fazendo rimar o primeiro com o terceiro e o quinto versos, o segundo com o quarto e o sexto, e emparelhando os dois últimos versos:

A ti madre de gracia y virgen pura
ab inicio creada del que quiso
formar una tan bella creatura
como puerta del mismo paraiso.
tu que libraste de prision tan dura
al hõbre por que en ti Dios hõbre se hiso,
dame tu auxilio oy por que se arguia
que anparas esta obra como tuia.⁴⁹³

No entanto, o primor da autora não se restringe à escrita mas também à forma como apresenta os seus poemas. Soror Baptista ornamenta as capitulares de cada estrofe com uns belos traços femininos a sugerir motivos florais, em oferta à Virgem. Deste modo, a autora reforça a sua devoção à Virgem, através do esmero com que se serve da pena para contornar as letras e os traços.

Da primeira invocação, constituída por seis oitavas (de onde retirámos a estrofe supra transcrita), brota uma linguagem extremamente litúrgica e metafísica, onde notamos claramente dois momentos distintos. Na primeira parte, composta pelas quatro primeiras estrofes, há a intenção objetiva de enaltecer a Virgem num tom apologético que a vai gradativamente elevando entre todos os seres: ressalta-se a graça e a pureza de Nossa Senhora, depois o seu poder e beleza, de seguida a conceção do maior Rei e, finalmente, evoca-se a mulher, Maria, sinónimo de esperança - "A ti madre de gracia y virgen pura"

⁴⁹³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. VII v.

(primeira estrofe), "A ti torre de david, hermosa luna" (segunda estrofe), "A ti trono de un rei del mejor nõbre" (terceira estrofe), "A ti maria llena de esperansa" (quarta estrofe). A estrutura anafórica do vocativo "A ti" acentua a cadência rimática e reforça o apelo à Virgem a quem tudo é possível, pois se pôde gerar "tan bella creatura," libertando o homem por graça divina "de prision tan dura", também poderá proteger esta obra sendo sua.

A regularidade métrica e temática da composição está igualmente presente nos dois versos finais de cada uma das quatro estrofes, onde a autora, após o elogio, expressa o seu objetivo:

dame tu auxilio oy por que se arguia
que anparas esta obra como tuia. (1ª estrofe)

dame que salga deste con bonansa
pues eres dulce madre de speransa. (2ª estrofe)

gose deste fabor virgen devina
pues a boses lo pido aunque indigna. (3ª estrofe)

aiuda pido pues que ves mi zelo
ser solo eternisarlas enel suelo. (4ª estrofe)

Nas duas estrofes finais, segunda parte do poema, o tópico da humildade acentua cada vez mais a diferença entre a "madre da speransa" e a "indigna" que se lhe dirige, filiando, simultaneamente a elaboração desta crónica numa filiação mariana muito vincada, quer pessoal, quer institucional, ao serviço da qual Soror Antónia parece ter-se inspirado para escrever:

No se como he tenido atribimiento
pera hablar de un jardín que tu plantaste
(...) ia mudara sin duda mi intento
sino creera que tu me lo mandaste" (5ª estrofe)

A sexta estrofe encerra a composição.

Soror Antónia mantém o apelo à Virgem mesclando humildade e apologia em versos que denunciam a inquestionável influência do livro do *Apocalipse*, retomado por vários autores, como Sá de Miranda na "Canção a Nossa Senhora"⁴⁹⁴ - paráfrase livre da canção de Petrarca "Vergine belle che di sol vestita/ coronata di stelle, al sommo sole", que encerra o seu *Canzoniere*. Soror Antónia roga:

Pues ajudadme Virgen generosa
pera que sea oi mi tosca pluma
guiada de essa mano poderosa.
Vos que os vestis el sol calssais la luna
un raio me prestad pues soes piedosa
por que no erre io en cosa alguna (...) (6ª estrofe)

Deveríamos acrescentar que esta descrição da Virgem convoca o imaginário de uma imagem presente na igreja do convento: "em o meio do retabolo que é todo dourado nossa senhora de 3 palmos de altura, rodeada de hũ sol de bronse dourado cõ hũa lua de pratta aos pes"; o que faria desta invocação inicial um exemplo de poesia efrástica⁴⁹⁵.

Retomemos o exemplo do livro do *Apocalipse* e as notórias influências na composição do poema de Soror Antónia: "Depois, apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça"⁴⁹⁶.

Não se pode deixar de notar a forte expressividade da sintetização poética de Soror Antónia, que cogulou no verso "Vos que os vestis el sol classais la luna". Sá de Miranda reinventara:

Virgem do sol vestida, e nos seus raios
claros envolta toda, e das estrelas
coroadada, e debaix'os pés a lua⁴⁹⁷.

⁴⁹⁴ Sá de Miranda redigiu apenas duas canções, ambas dedicadas a Nossa Senhora. Nas canções alternam os dois metros: o verso decassílabo e o verso de seis sílabas (heróico quebrado). Cf. Maria Ema Tarracha FERREIRA, *Antologia Literária Comentada*, Época Clássica, séc. XVI - II parte, Editora Ulisseia, 1983, p. 25.

⁴⁹⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 54 r.

⁴⁹⁶ (Ap 12, 1) - *BÍBLIA SAGRADA*, Lisboa, Fátima, Difusora Bíblica Franciscanos Capuchinhos, 5ª ed. revista e corrigida sob direção de Herculano Alves (OFMCap), 2014, p. 2042.

⁴⁹⁷ Maria Ema Tarracha FERREIRA, *Antologia Literária Comentada*, Época Clássica, séc. XVI, Editora Ulisseia, 1983, p. 27.

Para além deste mote, glosado e utilizado por vários autores, a composição de Soror Antónia aproxima-se da "Canção a Nossa Senhora" nos momentos em que o poeta retrata a pureza, a esperança, o poder de Nossa Senhora: "Vós, que nos destes claro a tanto escuro"; "Virgem toda sem mágoa, inteira e pura"; "Vós fizestes paz entre Deus e nós"; "Virgem, seguro porto, emparo e abrigo"; "Virgem, nossa esperança (...) de David a torre", "horto precioso, alto e defeso".

As duas obras citadas comprovam as várias leituras que Soror Antónia terá cultivado, não só de pendor religioso, mas também profano, se não folheando diretamente estas composições, pelo menos por via indireta da leitura de textos redigidos por outros autores e outras religiosas, que trataram os mesmos temas, o que reforça a ideia da circulação de textos entre mosteiros, principalmente quando se tratavam de instituições pertencentes à mesma Província.

Referimos "outras religiosas", no feminino, propositadamente, lembrando-nos do exemplo da composição de Soror Maria de Mesquita Pimentel⁴⁹⁸, por exemplo, contemporânea de Soror Antónia, que no *Memorial dos Milagres* também colhe o tópico apocalíptico aproveitado por Petrarca:

Virgem que do brilhante sol vestida
Verteis rios de graça e de pureza
E com raios de glória enriquecida
Admira todo o céu vossa beleza⁴⁹⁹

As aproximações da composição de Soror Antónia Baptista ao poema de Soror Maria de Mesquita Pimentel são evidentes, havendo nítidas influências intertextuais que marcam o texto da religiosa clarissa, ao reproduzir o tópico da "Virgem vestida de luz", da graça, pureza e beleza de Nossa Senhora, nos mesmos moldes apologéticos, recorrendo ao mesmo tipo de composição, estrofes oitavas e decassílabos heróicos. É muito provável que ambas tenham tido conhecimento das respetivas produções, por moto próprio

⁴⁹⁸ Soror Mesquita Pimentel, religiosa cisterciense em S. Bento de Cástris, Évora, natural de Estremoz, faleceu em 1661. Em vida só viu um texto seu editado *O Memorial da Infância de Cristo*, em 1639, deixando inéditos *A Infância de Cristo e Triunfo do divino Amor* e *Memorial da Paixão de Cristo*, (cf. Isabel MORUJÃO, "Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: *O Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel", *Via Spiritus*, 5, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de letras da Universidade do Porto, 1998.).

⁴⁹⁹ Isabel MORUJÃO, "O Monte do Parnaso fui deixando", *Cristianismo e Cultura Clássica na Épica Conventual feminina em Portugal*, UNED, REI, I, 2013, p. 30, *apud* Soror Maria Mesquita PIMENTEL, *Memorial dos Milagres*, Canto I, est. 6^a.

(embora difícil em contexto de clausura) ou através de terceiros, se considerarmos que as duas eram religiosas e como tal norteadas por um ideário devocional e espiritual comum, viveram em clausura, nos meados de Seiscentos, no Alentejo, uma em Évora, outra em Vila Viçosa⁵⁰⁰.

Soror Antónia Baptista revela uma técnica de escrita apurada não só nos temas que trata mas também na forma como os apresenta, com marcas evidadas de feminilidade. Com facilidade consegue envolver o leitor, através do seu estilo simples, emotivo, crítico, condescendente, quando se serve dos diminutivos - "memoriasinha", "bequinho", "cabelinhos", "freirinha" - ou quando interpela diretamente o leitor, para que este ajuíze por si mesmo sobre determinada situação - "julgue agora o leitor cõ que puresa veviria esta alma"⁵⁰¹; ou pelo uso de expressivas metáforas em apologia das companheiras "coluna da religião," ou "tres tochas e tres pedras pressiosas"⁵⁰².

h) "livro primeiro"⁵⁰³: a fundação do convento

A missão deste "livro primeiro" é a de relatar as diligências formais, as pessoas envolvidas, os espaços provisórios e a localização definitiva que subjazem à fundação do Convento da Esperança. Ao longo desta parte inicial, colhem-se informações preciosas, como a data de início de composição da obra (1652), o nome das fundadoras, a saída destas do convento, consideradas apóstatas por não acederem à reforma

⁵⁰⁰ Há, no entanto, diferenças que demarcam o percurso das duas autoras: Soror Maria de Mesquita Pimentel conseguiu editar um livro em vida e conhecem-se mais dois textos seus que permaneceram manuscritos (*Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* e *Memorial da Paixão de Cristo*, composto cerca de 1635), para além de se conhecer a filiação privilegiada da religiosa cisterciense, que terá tido uma formação apurada na casa paterna, sob orientação de um tutor, sabendo-se também que a sua morte ocorreu em 1661. De Soror Antónia Baptista, pouco se sabe, mas podemos conjecturar, com base no documento que nos deixou, que a autora terá tido uma aprimorada formação, embora dentro do convento, onde entrou muito nova (como a própria revela), pois o domínio vocabular e a técnica de escrita com que tece o seu texto, a alusão frequente aos grandes Doutores da Igreja (Santo Agostinho, Santa Catarina de Sena, São Boaventura), as Sagradas Escrituras, a Antiguidade Clássica (Homero, Ulisses, Ícaro), as vidas de santos, denunciam essa erudição. Acima de tudo, estas alusões refletem e evidenciam o gosto pela leitura e pela cultura no interior da clausura feminina.

⁵⁰¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 22 v.

⁵⁰² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 36 v.

⁵⁰³ Embora tenhamos apresentado de forma sumária informações deste primeiro livro no capítulo dois deste estudo, tendo por base o texto dos frades Frei Jerónimo de BELÉM, na *Chronica Seráfica da Santa Província dos Algarves*, ed. cit., livro XIX, e de Frei Fernando da SOLEDADE na *História Seráfica*, ed. cit., t. IV, seguiremos agora a ordem dos acontecimentos relatada diretamente por Soror Antónia Baptista, principal fonte dos dois cronistas.

observante, o nome das primeiras abadessas, os desígnios e iniciativas da padroeira para proteger as suas freiras, os bens e as relíquias que o mosteiro possui e as confrarias que nele foram instauradas.

Neste contexto, a crónica reveste-se do seu estado puro, em que a narradora se anula (quase sempre) para cumprir os imperativos de rigor temporal, cronológico e histórico a que o tratamento destes dados obriga.

Recuperando o tema das relações intertextuais, atrás aflorado, verifica-se logo no início do primeiro capítulo, quando a autora explana sobre "os primeiros princípios deste convento ã a rua da cadeia"⁵⁰⁴, algumas semelhanças da sua *introdução*, com o início do *Agiológio Lusitano*, de Jorge Cardoso. Soror Antónia inicia o seu texto da seguinte forma:

Sempre foi estillo da sabiduria devina (como dis o apostallo) pera faser cousas grandes, deitar mão das pequenas e desvalidas, e tomar fracos instrumentos em obras maravilhosas, para que por elles se conhessa ser obras de sua devina mão, dandosse agloria a sua omnipotensia, e não a fragilidade de subjecto por que as obra, ou a que da auxilio para as obrar, como se ve em muitos lugares da escriptura sagrada⁵⁰⁵.

Em 1652, Jorge Cardoso dirigia-se "A quem ler", afirmando que:

Estilo foi sempre da divina Providencia, na eleição dos sugeitos, que designa para grandes empresas, e superiores obras, escolher os mais humildes instrumentos, para que obrãdo por tam fracos meios soberanas maravilhas, fique mais realçada sua incomprensivel sabiduria⁵⁰⁶.

A coincidência de data de impressão do *Agiológio* com o início da redação do *Livro da Fundação* por Soror Antónia não deve ter sido apenas coincidência. É possível que Soror Antónia tenha tido acesso à obra de Jorge Cardoso que foi publicado pela primeira vez em 1652, ano em que o *Livro da Fundação* começava a ser redigido, e que esta a tenha influenciado e servido de matriz e modelo de narrativa. Ambos citam a magnitude de Deus, cuja grandeza o torna capaz de obrar "grandes empresas" manifestadas por via "dos fracos instrumentos," pois é deste modo que nos damos conta da sua "incomprensivel sabiduria"⁵⁰⁷.

⁵⁰⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 1 r.

⁵⁰⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 1 r.

⁵⁰⁶ George CARDOSO, *Agiológio Lusitano*, ed. facsimilada com Estudos e Índices de Maria de Lurdes Correia FERNANDES, tomo I, Porto, MMII, "A quem ler", p. 4.

⁵⁰⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 1 r.

Esta introdução em louvor da onnipotência divina adequa-se à história do Convento da Esperança pois "pera o acreditar" Deus escolheu uma mulher, "o fraco instrumento" (apesar do sangue real, não deixava de ser uma mulher) para impulsionar a fundação da casa e permanecer como sua padroeira.

No entanto, os princípios do convento são ainda mais humildes, pois, antes que a Duquesa D. Isabel de Bragança "intentasse por mão ha obra"⁵⁰⁸, os pilares da fundação já haviam sido iniciados anos antes por Isabel Cheirinha, viúva virtuosa, sem filhos, que decidiu "trocar os bens transitorios pellos eternos"⁵⁰⁹ para tratar da sua salvação. Para tal, decidiu doar o que lhe fora legado em testamento pelo seu cunhado, que ordenava a que, após a morte de Isabel Cheirinha, ficassem os seus bens (constituídos pelas casas, o oratório e trinta alqueires de trigo) para usufruto das mulheres de "bõ viver" que nelas habitavam, na condição de que "sêpre fiquem devolutos aditta casa e o oratorio pera molheres de bõ viver que roguẽ a Deus por suas almas"⁵¹⁰.

De entre os bens de Isabel Cheirinha existentes na rua da cadeia, Soror Antónia destaca "hũ curioso oratorio, e entre as demais imagens e pinturas hũa da virgẽ nossa senhora que oje esta ã o capitalo deste convento cõ grande venerassão, e selhe tem muita devassão, pella tradissão que ha de aver feito milagres, e oje os exprimẽtão suas devottas como se dira ao diante"⁵¹¹. Notar como Soror Antónia tem um plano de obra pré definido, que a leva a remeter informação para outras partes do texto. Aquela imagem aparece referenciada várias vezes ao longo da obra, pelo que se reveste de grande importância nas práticas devocionais da casa. A referência a imagens milagrosas constituía um tópico de grande valorização historiográfica como se demonstra pela preconização de Frei Rodrigo de S. Thiago no *Memorial da Santa Provincia dos Algarves*⁵¹².

A doação a Isabel Cheirinha, redigida pelas "tabalioas" data de 1530 (19 de outubro), estando presente a própria que "açeitou a ditta doação cõ as dittas condições que presente estava pera sim (...) e em testemunho da verdade asim outorgarão e mãdarão

⁵⁰⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 1 r.

⁵⁰⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 2 v.

⁵¹⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 2 v.

⁵¹¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 1 r.

⁵¹² *Memorial da Santa Provincia dos Algarves da Ordem Serafica, tomo I, Memorial Primeiro, por Fr. Rodrigo de S. Thiago, no anno de 1615, 1616*, Santa Maria de Jesus de Xabregas, OFM, Província dos Algarves, Província, Livro 22, ANTT.

ser feito este instrumento de doação"⁵¹³. Soror Antónia deixa transparecer alguma satisfação quando sublinha a antiguidade do convento "ja ã esta era avia a primeira pedra deste convento"⁵¹⁴. A autora reforça a existência da documentação escrita e da presença da doadora a consentir o ato de doação, elementos que legitimam a ocorrência dos factos que narra: "ate aqui são as palavras della que fas a nosso perposito e por que se ve claramẽte que ja ã o anno de 1530 se tratava desta casa como de religiosas." Acrescenta a cronista que não sabe se na altura haveria mais mulheres para além de Isabel Cheirinha ("não nos consta por nenhũ papel"), mas de acordo com o testamento consultado pela autora, sabe-se que a virtuosa senhora faleceu em 1532 e que, antes de tal ocorrer, nomeou duas mulheres, Isabel Roiz e Isabel Madeira, de Estremoz, que por sua vontade se tornaram freiras e ficaram obrigadas, elas e as que "dipois de ellas vierem"⁵¹⁵ a rezar dez missas por ano em sufrágio da sua alma.

Assim sendo, em 1533, com a profissão da fundadora e das outras companheiras que tomaram o véu pelas mãos de Frei Gil de Lemos, Guardião de S. Francisco de Estremoz, "teve prinsipio este santo convento da speranza ã forma de religiã"⁵¹⁶, sendo Papa Clemente Sétimo, o Geral da Seráfica Ordem Frei Paulo Pisosto, o Mestre Provincial Frei António Davidus, D. João III rei de Portugal, D. Teodósio I, duque de Bragança que tantas benfeitorias trará no futuro ao convento.

Sabendo as freiras, que logo adotaram nomes religiosos⁵¹⁷, que D. Isabel de Lencastre tinha intenção de fundar um convento de Clarissas ao qual colocaria o nome de Nossa Senhora da Esperança, "tomarão para o seu este orago, porem o mais serto he que a imagẽ de que atras tratto o tinha por permissão devina"⁵¹⁸. Parecia estar vaticinado que o convento teria o nome do orago que se encontrava no oratório de Isabel Cheirinha.

Para o convento começar a funcionar como instituição religiosa, seria necessário perfazer o número de oito religiosas, o que não se revelou nada complicado, pois a fama do convento rapidamente se espalhou para "acudirem donsellas devottas para em elle

⁵¹³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 2 v.

⁵¹⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 2 r.

⁵¹⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 3 r.

⁵¹⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 3 r.

⁵¹⁷ Soror Isabel da Cruz (abadessa), Soror Joana da Cruz, Soror Graça do Espírito Santo e Soror Isabel da Conceição.

⁵¹⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 3 v.

tomarẽ o abitto e se dedicarẽ a Deus"⁵¹⁹. Destas primeiras oito mulheres que professaram no convento, Soror Antónia refere-se a duas delas como tendo deixado fama de grande virtude - Isabel da Conceição e Isabel da Trindade, que, segundo "uma memoriasinha"⁵²⁰ das mais velhas, teria entrado por ordem do Duque D. Teodósio I e que foi de "exsẽplar vida"⁵²¹. Soror Paula de Jerusalém foi a terceira a entrar, professando com apenas 12 anos, o que só foi possível, como esclarece Soror Antónia, por ter sido antes de Trento - após o Concílio, a profissão das religiosas passou a fazer-se a partir dos 16 anos. Estas foram as oito fundadoras do convento.

O segundo capítulo é dedicado à duquesa D. Isabel de Lencastre e ao "milagre" de ter sido padroeira do convento. Segundo a autora, a duquesa foi nobre de sangue mas também de virtudes. Evoca-se a ascendência de D. Isabel (foi filha de D. Dinis e de D. Beatriz de Castro, casou com D. Teodósio I) e referem-se os motivos que a terão levado a erguer o convento de Nossa Senhora da Esperança: "fes votto se Deus lhe cõpria certa espectativa de dedicarlhe hũ convento de freiras de santa clara cujo orago fosse de nossa senhora da speransa"⁵²². A duquesa terá sido agraciada e por essa razão agilizou a construção do convento, tornando-se "tal senhora por mãi e padrueira, pois por sua causa o forão sendo successivamente todos os duques do real estado de bargansa"⁵²³.

Soror Antónia revela a preferência da duquesa por este convento, pois, embora tivesse também beneficiado com doações outros mosteiros pertencentes à Província da Piedade, em Vila Viçosa e em Lisboa, nomeadamente o da Madre de Deus, a este convento doou muitos mais bens, os quais a autora aponta no capítulo seguinte.

Aproveita Soror Antónia para elevar a figura de D. Isabel de Lencastre, mas também para lembrar ao rei D. João IV que a distância entre o convento e Lisboa, onde se encontrava a corte, não deveria fazer esquecer as religiosas que sua bisavó apadrou: "esperamos de sua grandesa (...) nos favoressa cõpadeçendosse do muito que a puro desẽparo emos perdido ãparandonos não so como senhor nattural mas como padrueiro"⁵²⁴. Esta passagem é declaradamente um pedido de auxílio ao rei, que

⁵¹⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 3 v.

⁵²⁰ Soror Antónia refere que esta informação proveio de uma "memoriasinha" que pressupomos fosse escrita. *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 4 r.

⁵²¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 4 r.

⁵²² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 5 r.

⁵²³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 5 v.

⁵²⁴ *Livro de Fundação*, "livro primeiro", fl. 6 v.

permanecia em Lisboa, para que não esquecesse as pobres e "desvalidas" religiosas do convento que estiveram sempre sob proteção da família real de Bragança.

O capítulo seguinte trata dos bens legados pela duquesa ao convento. É curioso notar que alguns dos objetos que são referidos na crónica se encontram ainda no inventário elaborado aquando da extinção do convento⁵²⁵. Defende a autora que mais do que os bens que a duquesa doou ao convento importa a forma como tratou as religiosas que nele habitavam: "mas que pessoa tão real as trataçe cõ amor e lhanesa de mãe, não so cativava has que alcansarão estes favores mas has que lhes succedemos corre hubrigassão de nũca os perder da memoria, lēbrame de ouvir contar a hũa antiga (enão sã lagrimas)"⁵²⁶. Ressalta-se, nesta passagem, a importância atribuída por Soror Antónia de manter acesa a gratidão e memória de quem tanto beneficiou o convento e ainda o testemunho por via oral, enfatizado na verdade da sua transmissão pelas lágrimas de saudade e emoção.

Após a partida da duquesa para Lisboa, onde acabou por falecer em 1588, muitas das rendas se perderam por falta de quem as conseguisse preservar, apesar das advertências da própria duquesa que esperava ver "muitos acreçentamentos ao voço convento"⁵²⁷. O duque D. Teodósio, embora as protegesse, "não era cõ o affecto que lha avia feito esta christianissima princesa"⁵²⁸.

Antes da viagem para Lisboa, a duquesa fez o seu testamento em Vila Viçosa, onde declara seis mil crusados para as obras do convento, que a fundadora nunca chegou a ver concluído, e uma herdade. Deixou ordens expressas de missas que deveriam ser rezadas por sua alma "todos os annos ã o dia de seu falecimento hũas vesperas de defũctos e nocturno de tres lissões missa de *requiem*"⁵²⁹, por alma de seu pai, D. Dinis, sua avó, sua irmã e outros defuntos. Embora a autora aponte que os rendimentos da herdade, na data em que se encontrava - "em este anno de 1652"⁵³⁰ - fossem parcos por força dos assaltos de que é alvo, contudo "não deixão de cõprir pello amor que este

⁵²⁵ Cf. *Inventário do Convento da Esperança de Vila Viçosa* - Repartição de Fazenda anno de 1866 a 1867; *Autos d'Inventário dos bens do supprimido Convento de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa, em que é Inventariante a Fazenda Nacional*, livros 39 a 41.

⁵²⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 6 v.

⁵²⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 6 v.

⁵²⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 6 v.

⁵²⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 7 r.

⁵³⁰ Das poucas vezes que a autora refere o ano em que se encontra, *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 7 v.

convento tẽ a sua illustre padrueira cuja memoria não acabara nũca nelle para a igreja deixou hũ ornamento de tella de ouro"⁵³¹.

É apresentada ainda, pela narradora, uma listagem dos bens legados pela duquesa para no capítulo seguinte, o quarto, dar conta das capelas que pertenciam ao convento e das injustiças que as levaram a perderem-nas.

O capítulo começa com a alusão da visita de Frei André da Insula em 1533, na altura Geral da Ordem, posteriormente Provincial, à Província dos Algarves, para tomar medidas relativas à posse de capelas pertencentes a claustrais e respetivos rendimentos. Assim, mediante bula papal, "as rendas dos conventos de frades claustrais que se passassẽ a obsservansia aos das freiras da mesma obediensia que estiveçem mais propincos e ellas pagaçẽ aos frades os annais de missas"⁵³². As capelas de claustrais de S. Francisco de Estremoz foram distribuídas pelos Conventos das Chagas e pelo da Esperança. Uma das capelas anexadas ao Convento da Esperança tinha por instituidores Gil Moniz e a mulher, Estafainha Gomes, pois após a reforma da observância "anão podião ter ã foro de consiensia e por esta causa se deu este da speransa"⁵³³. Citamos este exemplo da capela de Estafainha Gomes por se encontrar no fim do livro de Soror Antónia uma pequena anotação, completamente descontextualizada do corpo do texto, escrito pelas mãos da autora, que diz o seguinte: "rende, a capella de estafainha gomes oito moios de trigo e sincoenta e oito mil reis em dinheiro ã cada hũ anno"⁵³⁴. Tal texto e sua localização sugere uma espécie de informação ou um lembrete, totalmente marginal ao texto, que provavelmente Soror Antónia gostaria de ter incluído neste capítulo e terá esquecido.

A duquesa tomou a seu cargo as diligências necessárias para que a administração e rendas da capela ficassem para as suas freiras, o que lhe foi concedido por bula do Papa Júlio III. Tomaram posse a 5 de julho de 1555, para, em agosto do mesmo ano, a perderem, por imposição de D. João III, para posse da Administração. Em protesto, o convento alegou a concessão da capela ao convento por bula do Santo Padre, facto que lhes valeu "que ellas fossẽ metidas de posse (...) da admenistrassão e bẽs da ditta capella (...) easim ficarão gosando aposse dos sobejos por muitos annos, como se ve por papeis

⁵³¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 7 v.

⁵³² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 8 v.

⁵³³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 8 v.

⁵³⁴ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. VI r.

que estão no arquivo"⁵³⁵. No entanto, como mais tarde não se encontraram "os papéis" necessários para fazer prova aquando da renovação da posse da administração, após a morte da duquesa, o convento viu-se despojado desse bem e "desvalido de todo favor"⁵³⁶, pelo que revela Soror Antónia desconhecer o que teria acontecido a estes "sobejos". A questão da gestão das rendas e da administração da capelas foi algo problemática, pois a perda destes rendimentos tinha sérias implicações no sustento das religiosas: rendas foi "o que sêpre faltou a este (convento) que so de vertude Deus o fes rico"⁵³⁷.

Este capítulo, o quarto, termina de forma muito semelhante ao anterior. Nele, Soror Antónia solicita a atenção do rei para que "ponha os olhos ã este desemparo", numa casa que teve tal padroeira "que so por sua grandesa lhes agensiar estes bens se lhe devião perpetuar esustentar a posse"⁵³⁸. Encerra advertindo as vindouras que nunca deverão admoestar a duquesa e por isso "quis mostrar o que o convento lhe deve e não ser culpa sua senão vontade de Deus e desgraça nossa e tãobem para que em todo tempo saibão o directo que achei terẽ ã estes bems ã os innumeraveis papéis tocantes a elles que estão ã o arquivo"⁵³⁹.

O quinto capítulo retoma o tema da localização do convento. Em 1546, a duquesa viu já iniciado o convento e, pelas diligências encetadas pela abadessa Isabel de Jesus, aceitou proteger as freiras e amparar a sua pobreza. Para isso "comessou a entender mui de preposito em lhes cõprar casas para ositio"⁵⁴⁰. A duquesa encarregou-se de lhes comprar as referidas casas em ruas cujos nomes já não existiam ao tempo em que a autora faz o relato e tratou de reformar o convento que já existia há trezes anos: "porque ate aqui não era mais que hũ oratorio e recolhimento honesto cõ nome de convento por que de feito o era avia trese annos sendo abbadessa delle isabel de jesus," - por vontade da duquesa adotaram a Regra de Santa Clara. D. Isabel pede ao Provincial que lhe envie uma reformadora freira da mesma *Regra* que fosse virtuosa, passando Madre Catarina da Madre de Deus, vinda de Santa Clara de Elvas com uma companheira, a assumir tal função. A nova reformadora tratou de criar as oficinas, em clausura, que até então não

⁵³⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 9 v.

⁵³⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 10 r.

⁵³⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 11 v.

⁵³⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 12 r.

⁵³⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 12 r.

⁵⁴⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 12 r.

existiam e doutrinou as freiras do convento na imitação de Cristo, "não so cõ palavras (...) a doutrina mais eficaz de que usa é obrar primeiro o que ensina como elle fes"⁵⁴¹.

O sexto capítulo é iniciado pela referência à cisão que ocorreu dentro da Ordem de S. Francisco entre claustrais e observantes, em 1517. Esta separação parece ter agradado a Soror Antónia que se manifesta contra os claustrais: "os quais tinham infestado as províncias do mundo todo cõ sua relaxação tantos annos, acabadosse em este cõ grande gloria de nossa seraphica ordem"⁵⁴². A decisão foi aprovada pelo Papa Leão X, elegendo por Geral o Padre Cristovão de Forlivio. Dividem-se as províncias entre claustrais e observantes, devendo os primeiros incorporar-se nos segundos. A primeira Província de Portugal a fazê-lo foi a dos Algarves. Em cumprimento das novas premissas, a duquesa sugeriu à abadessa da Esperança que operassem a mesma mudança "para socego das consciencias (...) para segurar sua salvação e de suas subditas desviaremse do caminho errado eseguir oserto e seguro"⁵⁴³, ao que a abadessa de pronto obedeceu, passando a informar as nove religiosas que então habitavam o convento.

Houve divergências na implementação da nova reforma, à qual se opuseram as três preladas fundadoras, alegando "não subjectar-se nunca a mais reformação do que em sua profissão prometerão"⁵⁴⁴. A vontade da maioria prevaleceu, criando, no convento, um ambiente hostil, pois "as sette observantes obedecião ao provincial da provincia dos algarves e as tres ao mestre provincial da provincia de portugal e sendo os costumes tão diferentes como os perlados estavam ã hũa divisão e inquietação intoleravel de sofrer"⁵⁴⁵. Soror Antónia aproveita para criticar os interesses defendidos por aquelas preladas, que, de alguma forma, representavam a imagem que tinha dos frades claustrais. Para além de estas religiosas não quererem partilhar as rendas e bens com a comunidade, violando assim o voto de pobreza, tinham comportamentos que em muito comprometiam a clausura:

Amesma relaxação passava ã o votto da clausura por que hião fora quando e como querião falavão a portas abertas cõ os seculares que ãtravão dẽtro do convento que posto era antes do santo consilio tredentino, que totalmente o pruhibiu hião contra o voto da clausura que ã sua profissão fiserão e em tal relaxação estava este e o da pobreza que os não conhecião avendoos prometido antes ãtendião selhe acrecentavão de novo cõ a reforma da observancia, enão passava

⁵⁴¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 13 r.

⁵⁴² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 13 v.

⁵⁴³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 14 r.

⁵⁴⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 14 v.

⁵⁴⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 14 v.

histo so ã este convento que em todos os que estavão subjectos aos conventuais corria amesma moeda⁵⁴⁶.

As três religiosas acabaram por deixar a clausura com a ajuda do confessor conventual, Frei Francisco Seiçario, e foram recolhidas numa casa "honesta e de bõ exsêplo como consta por hũa patente de frei gaspar da estrella, commissario geral de espanha dos conventuais cujo treslado esta ão archivo"⁵⁴⁷. Soror Antónia revela o grande pesar que a saída das companheiras apóstatas criou na comunidade, no entanto, a renúncia à claustra veio trazer-lhes novo alento, pois "quando o espirito sancto da hũ raio de sua devina lux mal pode o pai das trevas escureçela"⁵⁴⁸.

No capítulo sete, Soror Antónia relata a acalmia verificada no convento após as tribulações anteriores. O convento passa a funcionar em pleno como instituição religiosa, em obediência e observância à Regra de Santa Clara.

A primeira Reformadora, Madre Catarina da Madre de Deus, empreendeu diligentemente a nova reforma no convento, impôs os estatutos e a Regra de Santa Clara às freiras, zelou pelo cumprimento dos votos professados: "o silencio (...) era continuo (...) e selhes era nessessario algũa cousa a pedião por açenos, (...) guardavam tão estreitamente o votto da pobresa que não avia ãtre ellas nada particular e qualquer mimo que de fora mãdaçẽ a hũa se repartia por todas (...). As grades nũca se abrião e (...) aque ã ella a sestia estava cõ orosto cuberto cõ oveo de ante rosto"⁵⁴⁹. A autora resume este ponto afirmando que as religiosas da Esperança observavam a Primeira Regra das damianas (Primeira Regra de Santa Clara), embora urbanas (Segunda Regra de Santa Clara) de profissão, com a exceção de estas possuirem rendas em comum, facto repudiado por Santa Clara no "privilégio da pobreza".

Apesar da aparente harmonia em que se desenrolava a vida espiritual das religiosas, questões mais terrenas obstaculizavam a permanência naquele espaço. A proximidade ao castelo expunha as religiosas à curiosidade da população, o que dificultava a vida em clausura. Para além desse escolho ao recolhimento, a falta de água tornava o local árido, quase inabitável.

⁵⁴⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 15 r.

⁵⁴⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 15 r.

⁵⁴⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 15 r.

⁵⁴⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 16 v.

As religiosas tinham conhecimento de um outro convento fundado por uma viúva, chamada Leonor Pires, entretanto falecida, localizado junto da igreja de Santo António, tendo o nome do mesmo orago, que começara a receber religiosas no ano de 1519. As religiosas da Esperança encetaram conversações com aquelas freiras, no sentido de as aceitarem no seu espaço que tinha melhores condições, evocando o benefício para ambas as casas da incorporação numa única comunidade, que sairia favorecida pela partilha das rendas comuns, com que "farião hũ sũptuoso convento"⁵⁵⁰. Com a intervenção da duquesa, o projeto concretizou-se, passando as religiosas da Esperança para aquele convento, tendo para isso as freiras de Santo António aceitado renunciar à claustra, em ato público, cujas palavras proferidas "ẽ o archivo de este convento se guarda"⁵⁵¹, efetivando-se a mudança e união dos dois conventos por Breve do Papa Júlio III, a dez de fevereiro de 1552. Após a outorga do Papa fez-se petição ao rei D. João III a solicitar a compra de umas casas próximas ao novo espaço, para que este pudesse ser alargado.

Antes de declarar o encerramento deste assunto, Soror Antónia faz tenção de referir as virtudes exemplares que destacaram as três religiosas de Santo António. De ressaltar que, sobre uma das religiosas, "como escreveo hũa antiga derãosse os papeis ao autor de *jardim de portugal* e elle não tratou della como de outras muitas"⁵⁵². Não será a única vez, ao longo da obra, que Soror Antónia tecerá considerações menos meritórias sobre o rigor de Frei Luís dos Anjos. Estas reiteradas alusões constroem um olhar negativo sobre a historiografia feminina na escrita por homens e parece apontar para a necessidade de serem as mulheres a escrever a sua própria história! No caso apresentado, o autor terá desmerecido a documentação sobre uma das citadas religiosas e nem a terá tratado como deveria. Soror Antónia acrescenta que desconhece qual delas seria pois "nẽ nos ficou notiçia de qual era econfusamente lêbrão alguas por não se saberem cõ muita certesa senão escrevem"⁵⁵³ - o que corrobora um cunho de rigor e prudência que a autora confere ao seu relato, mostrando a capacidade e o saber necessários ao "fazer História". Conclui, no entanto "que todas tres forão grandes servas de Deus".

⁵⁵⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 17 r.

⁵⁵¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 17 v.

⁵⁵² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 17 v.

⁵⁵³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 17 v.

No capítulo oitavo prolonga-se o tema da localização provisória do convento. Uma vez mais o zelo da duquesa Isabel de Lencastre fez com que se equacionasse um novo sítio para instalar as freiras da Esperança e de Santo António, uma vez que a compra das casas anexas ao convento de Santo António estava comprometida por estarem envolvidas questões sucessórias, que muito complicavam a aquisição dos bens⁵⁵⁴. A duquesa tomou conhecimento de outro espaço que já havia sido iniciado em 1550, com o propósito de se fundar um convento por demanda de outra viúva, Isabel Fuzeira, que havia decidido abraçar a vida espiritual e para isso decidiu comprar "a gonsallo vas pinto senhor de ferreiros e tendais e alcaide mor de chaves, fidalgo da real casa de bargansa, hũas casas ao posso do landroal, capazes de hũ sũtuoso edeficio por tresentos e sincoenta mil reis"⁵⁵⁵, (valor excessivo para a época, como reconhece a nossa autora), com o objetivo de aí erguer um mosteiro a Nossa Senhora da Conceição, à semelhança do de Toledo, em obediência aos religiosos da observância de S. Francisco. A duquesa, a suas expensas, comprou as casas e a horta vendidas a Isabel Fuzeira. Após um litígio que tornou a confrontar as anteriores dissidentes - Joana da Cruz e suas irmãs e as religiosas da Esperança - o Convento ficou na posse destas últimas, ficando estas obrigadas a pagar-lhes cento e vinte mil reis de uma só vez.

Novo e definitivo Breve foi solicitado pelas religiosas da Esperança e de Santo António para que se mudassem para este local, o qual foi concedido e, posteriormente, transcrito e traduzido do latim para português por Soror Antónia. A autora transcreve integralmente o documento que sintetiza, ao longo de cinco páginas, todo o trajeto percorrido para a implementação e fundação do Convento da Esperança, desde o tempo de Isabel Cheirinha, passando pela junção ao de Santo António, para se confirmar a mudança para o edifício idealizado por Isabel Fuzeira. O conteúdo do Breve expõe todos os acontecimentos relatados até então por Soror Antónia, o que revela que a autora ter-se-á, seguramente, servido desse documento para registar as memórias iniciais do convento da Esperança. O Breve garante às religiosas que:

Todos os bems de cada hũ desses musteiros nomeados unimos e ãcorporamos em hũ patrimonio que se não possa separar e desunir de nenhũa maneira e desses tãobem para voca sustentassão fasemos hũ patrimonio e que possais usar gosar dessas casas ou musteiro comessado a edificar

⁵⁵⁴ Refere o Breve concedido para a mudança do Convento para o edifício de Isabel Fuzeira, como se verá à frente que seria complicada a mudança para aquele local porque "essas casas se avião de deribar e moradores que avião de despejar a fim de se dilatar o musteiro deque pudião naçer escandalos ou temerẽçe odios", (*Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 21 r.).

⁵⁵⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 18 v.

PELLA DITTA ISABEL e de todas as propriedades e cada qual *persi* dos musteiros de nossa senhora da speranza e santo antonio relatados censos rendas feudos e outros bens, directos, acções e universsais pertensas, ate agora deixa[fl. 22 r.]das de qualquer modo, e que se ajão de deixar para o futuro, e tãobem em quaisquer moveis e de rais pertensêtes as religiosas professas de nossa senhora da speranza e santo antonio asima faladas cõ qualquer condissão succeder possão e faserêsse senhoras dos tais bens e convertelos ã seu uso e utilidade livre e liçitamente. (...) Por onde aos discretos varões a saber chantre da çee de lisboa e prior de alcaçere e o da colegiada do lugar de ourẽ da diocese de lisboa e tãobem a official olissiponense, e acada hũ delles cõ autoridade e mandado cometemos e mandamos *per si* ou por outrem vos acudão defendão e fasão gosar dos indultos, conçessão, uniam, anexassão, incorporassão, decreto, cõmutação, e outros cõpremissos passificamente não permetindo de aqui avante pelos superiores da ditta ordem dos menores, geral, ou quaisquer outros, assi ecclesiasticos como seculares menistros, juses e pessoas, ainda que tenham autoridade apostolica, real, episcopal, vos perturbẽ inquietem occulta ou publicamente (...) dado em roma jũto a são pedro debaxo do sigillo da penitensiaria aos 4 de fevireiro: do pontificado de nosso senhor julio pontifiçe 3º anno quinto de seu pontificado. o qual foi de nossa redẽpssão de 1554⁵⁵⁶.

O capítulo nono trata da descrição do novo edifício e das qualidades que o engrandecem não só em termos materiais como humanos. Atendendo a tais condições físicas disponibilizadas, as religiosas acharam que se trataria do mais sumptuoso convento do país e poderia ter sido se a morte, "total ruina de todas as expectativas", não atalhara a vida da duquesa, levando com ela os grandes desígnios que tinha concebido para o convento, que podem ser comprovados por uma cópia que a autora confessa ter visto de "hũ memorial destas religiosas para o serenissimo duque dõ joão que achei em o archivo"⁵⁵⁷, a corroborar as benfeitorias feitas pela duquesa ao convento "que nos avia de faser esta casa de ouro e de azul"⁵⁵⁸ - cuidados que esperava ver continuados por ação do filho.

A morte da duquesa impediu a prossecução da sua intenção de fazer um convento magnânimo, pois espaço e condições para tal não faltavam, no entanto, esclarece a autora com alguma sobrançeria "que não é o convento inferior a muitos do reino segundo dis quẽ os ha visto"⁵⁵⁹. A localização era perfeita, abonada em água, longe da confusão da vila, mas não tão longe que o tornasse deserto.

Rapidamente começou a ser habitado por várias mulheres pertencentes às elites do reino. Das três religiosas de Santo António, só Soror Isabel da Visitação se mudou para

⁵⁵⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fls. 22 r. e v., fl. 23 r.

⁵⁵⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 23 r.

⁵⁵⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 23 r.

⁵⁵⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 23 v.

o novo convento, como "se acha pelas escripturas"⁵⁶⁰, as outras duas ou por doença ou velhice não chegaram a fazê-lo e das duas não havia mais memória, refere Soror Antónia.

Adaptadas ao novo lugar, ainda em construção, seguiram rigorosamente o regime de clausura de tal forma que, revela Soror Antónia "nos admiramos oje como ã tão estreito quarto se aloxavão."⁵⁶¹ Seguiam os estatutos da *Regra*, tinham abstinências austeras, eram contínuas nas orações e muito modestas. O silêncio era preservado de tal forma que comunicavam por acenos, fazendo imperar a serenidade. Eram muito rigorosas na demonstração da humildade, pelo que os títulos de família eram deixados à porta do convento. Intra muros, todas adotavam os nomes de religião, inclusive as parcionistas que entravam muito novas e, ainda que pela idade prematura não pudessem professar, cedo adotavam nomes de santos, para desde logo mostrarem o desprendimento do mundo temporal. O rigor era extensivo à prática das disciplinas que deveriam ser comunitárias e particulares, sendo estas últimas constantes.

No capítulo seguinte, Soror Antónia refere a vinda da segunda reformadora do Convento das Chagas, a pedido da duquesa, em resposta a um moto do Papa que ordenava que "todo o convento que ouveçe deixado a claustra se lhe deçe abbadessa de hũ ja reformado pella observansia". A duquesa comentou a vinda da Madre Soror Maria da Cruz e segundo uma "memoriasinha que deixou hũa antiga"⁵⁶², sabe-se que Soror Catarina da Madre de Deus recebeu com grande humildade esta comunicação, dizendo que seria a primeira a pedir-lhe a benção, ao que retorquiou a Madre Maria da Cruz, vinda do Convento das Chagas que nela "não achava que ãmendar senão muito que imitar"⁵⁶³. As religiosas das Chagas deveriam entregar ao Convento da Esperança três moios de renda que a Madre Maria da Cruz entregara como dote aquando da sua profissão.

No desempenho das suas funções, Soror Maria da Cruz foi afável e amada por todas, embora rigorosa nos castigos que applicava.

⁵⁶⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 24 r.

⁵⁶¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 24 v.

⁵⁶² A "memoriasinha" será um documento informal, um pedaço de papel, escrito por uma das antigas freiras, fl. 26 v.

⁵⁶³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 26 v.

O capítulo onze é dedicado às abadessas do convento e ocorrências dignas de serem conhecidas. Soror Antónia assume que em cento e dezanove anos de existência, o convento, que sofreu tantas mutações, reformas, regras, não conheceu muitas preladas, porque as primeiras se mantiveram no cargo por longos anos. Mas para que fiquem na memória das atuais e vindouras, pelas boas obras que preconizaram em benefício do convento e para que se rogue a Deus por suas almas, Soror Antónia dirá os seus nomes.

A primeira abadessa foi Soror Isabel de Jesus a quem Soror Antónia não dedica muitas palavras, nem um único elogio, talvez por ter sido uma das fundadoras dissidentes, que causou algumas amarguras às companheiras. No entanto, em nome do rigor e autenticidade do seu testemunho, não deixa de a nomear, referindo que foi eleita abadessa em 1533, no mesmo dia em que professou, tendo ocupado o cargo durante quinze anos, até a duquesa ter trazido a primeira reformadora, que assumiu o cargo no ano de 1548. Soror Catarina da Madre de Deus governou sete anos, durante os quais ocorreram as grandes mutações no convento: opção pela profissão da Regra de Santa Clara das Urbanas (Segunda Regra); a reforma da observância que ocorreu dois anos após o início do seu mandato; deu-se a mudança definitiva do convento para o derradeiro local, paasados cinco anos. Importa salientar, sobre esta prelada, o cuidado que teve de trazer consigo a imagem de Nossa Senhora da Esperança que se encontrava no convento desde os primórdios da fundação e, por se dever a esta abadessa tal feito, a autora passa a enunciar alguns dos milagres ocorridos (unicamente) durante o tempo da sua governação, pois "se quisera tratar de todos pudera faser particular volume"⁵⁶⁴. É uma forma sintética que indicia, no entanto, a qualidade espiritual das professoras deste mosteiro. A santa imagem foi colocada num pequeno altar que servia de oratório, cuja singeleza era enriquecida pela presença da venerada imagem (uma vez que o convento ainda estava a ser erguido). Pela expressividade vocabular e especificidade linguística, transcrevemos o primeiro milagre ocorrido por intercessão desta imagem:

Avia ã este rossio hũa menina a que disformemête nasseo hũa pequena de carne por hũa venta que dessia pello beisso abaxo de feitura de hũa lingua, ja lhe era ãpedimento a comer e falar, quizerão os pais darlhe remedio asentarão medicos e surgiões se lhe cortasse. estando para exçecutar oremedio que amenina [fl. 29 v.] temia mais que a morte etendoa ja entre as mãos selhe fugiu dellas ese veio pegar as portas da igrejassinha gritando cõ muitas lagrimas e disendo virgem da speransa acudime que me querem matar cõ este tormento cõ que me não atrevo veio gente abuscala e quando puxando por ella aquerirão levar a forssa virou para elles sem sinal do

⁵⁶⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 29 r.

que avia tido, que por intersessão da virgẽ sanctissima se lhe avia resolvido oque parecia lingua e totalmente sã de todo se tornou alegre cõ os seus para casa de seus pais⁵⁶⁵.

A este milagre segue-se outro muito semelhante envolvendo outra criança, tendo ambos fugido de quem os queria curar e encontrado refúgio na igreja, socorrendo-se da imagem de Nossa Senhora da Esperança, que os atendeu. A autora esclarece, no fim dos dois relatos, que estes milagres foram contados a muitas das freiras que eram vivas, por uma freira antiga que os havia presenciado, e por uma outra religiosa "moderna" que os tinha ouvido de sua avó. A contemporaneidade dos relatos ou a sobrevivência de quem os havia visto ou ouvido parece atribuir-lhes maior veracidade, pois por se tratarem de recontos orais, Soror Antónia faz questão de clarificar que os mesmos lhes foram contados por alguém que os tinha presenciado *de visu*.

Dos seis milagres referidos, o terceiro tem a particularidade de fazer sobressair o nome de Soror Maria das Chagas, de quem a autora trata em exclusivo no último livro desta obra. Parece haver alguma intencionalidade em trazer o nome desta religiosa, de tão ilustres virtudes e a quem foram atribuídos poderes taumatúrgicos, ao início deste "livro primeiro", numa passagem que explana a ocorrência de milagres: "dis a ditta madre que tomou por advogada para cõ avirgẽ aveneravel madre maria das chagas mas que a esta sancta imagẽ entende se deve este milagre"⁵⁶⁶.

Após a apresentação dos milagres, a autora retoma o período de abadessado de Soror Catarina da Madre de Deus para elogiar a forma como esta religiosa geriu o difícil tempo da sua governação, marcada pelo início das obras de construção do convento.

Seguiu-se a Madre Maria da Cruz em 1555, como já referimos, cuja prelazia durou vinte e sete anos, período durante o qual faleceu a duquesa de Bragança e em que foi necessário instituir as medidas tridentinas no convento e dar continuidade à construção do edifício. Ao fim dos vinte e sete anos, a Madre Maria da Cruz pediu ao Provincial para elegerem nova abadessa por já estar cansada do cargo, embora as religiosas não quisessem que abdicasse.

No tempo desta prelada trasladaram-se os ossos da duquesa Isabel de Lencastre para o coro baixo, conforme seu pedido: "cõ grande põpa nelle esta ã sepultura rasa como ella

⁵⁶⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 29 r.

⁵⁶⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 30 r.

mãdou ã seu testemunho por sua humildade e ao lado do evangelho esta a da duquesa dona leonor sua sogra ã semelhante sepultura"⁵⁶⁷. A opção pelas campas rasas (tal como a rainha D. Leonor havia pedido no Convento da Madre de Deus em Lisboa) sobre as quais qualquer um pode assentar os pés, simboliza a grande humildade e despojamento dos valores terrenos que caracterizava estas grandes damas. Em simultâneo, a sua presença no interior do convento engrandece o mesmo, pela ligação às grandes famílias senhoriais.

Ainda durante este período as tropas do Duque de Alba instalaram-se naquela zona do país, tendo as religiosas de se refugiar no Mosteiro das Chagas, devido à proximidade com o castelo, onde se encontravam os atiradores em defesa do reino. No entanto, o desfecho foi favorável para as religiosas, porque, apesar de ter morrido muita gente, todas elas permaneceram a salvo.

O capítulo doze é dedicado à primeira eleição e às preladas que se foram seguindo. Soror Antónia dá conta das muitas lágrimas derramadas durante o primeiro escrutínio (por não desejarem esta forma de eleição) em que se viu eleita a Madre Maria de São João, de excelente governo e raro exemplo, que teve a seu cargo grande parte das obras de construção do convento. Acabado o seu triénio, a Madre Maria da Cruz volta por mais três anos, como havia prometido, o que a levou a perfazer trinta anos de prelazia. Logo se seguiu a venerável Madre Maria das Chagas, "subjecto ã que Deus infũdiu raras virtudes"⁵⁶⁸, eleita contra sua vontade, mas, como verdadeira obediente, desempenhou o cargo (vindo a ocupá-lo três vezes). Durante este governo ocorreram vários episódios estranhos que a autora ressalta, na tentativa de associar acontecimentos sobrenaturais à venerável figura desta madre: são relatadas visões que teve de religiosas defuntas, sepulturas abertas, uma vaga de peste da qual morreram várias religiosas jovens, fazem-se alusões a claridades anómalas sobre o convento, apesar da virtuosa prelada sentir "estas aflissões como quẽ tanto amava suas subditas mas disẽ que cõ tanto animo e soçego como quẽ tão unida estava cõ avontade de Deus de cuja mão as recebia cõ grande passiensia"⁵⁶⁹. A descrição do comportamento da Madre Maria das Chagas introduz a imagem que Soror Antónia Baptista pretende retratar, em tudo consonante

⁵⁶⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 32 r.

⁵⁶⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 33 r.

⁵⁶⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 34 r.

com a causa de santidade que se pretendia promover, como explicitaremos na análise do último livro.

Sucedeu-lhe a Madre Catarina da Trindade, em 1591, que entrou com oito anos no convento e professou (antes de Trento) aos doze. "Foi a inculpável vida, e zelo da religião como quẽ cõ oprimeiro leite a aprendeo"⁵⁷⁰, uma perfeita religiosa, segundo a autora. Segue-se a Madre Maria da Anunciação, que fugira de casa de seus pais para evitar um casamento imposto contra sua vontade, levando consigo um crucifixo que deixou no coro e que se tornou alvo da devoção de todas as religiosas no convento, pois era com o "esposo" nas mãos que todas as religiosas professavam e morriam. Foi eleita em 1594. Durante este período D. Catarina de Bragança mandou reformar o convento de Santa Clara de Bragança, sendo para tal necessário (e usual) enviar-se religiosas de outros conventos para o fazer. As escolhidas foram a Madre Maria das Chagas, a Madre Soror Antónia de Jesus e a Madre Soror Catarina do Espírito Santo. Neste triénio instituiu-se a confraria de S. Bento que subsistiu até aos dias da autora. A Madre Soror Luísa da Madre de Deus ocupou o lugar da antecessora no ano de 1598, tendo sido, segundo Soror Antónia, uma excelente prelada. No seu tempo, o serviço do coro conheceu as melhores músicas⁵⁷¹ de sempre. Neste triénio, regressaram as religiosas que haviam saído para reformar Santa Clara de Bragança, sendo recebidas pelas irmãs da Esperança por entre lágrimas e aplausos pela alegria de receberem "tres tochas e tres pedras pressiosas"⁵⁷². Atente-se na simbologia da linguagem utilizada por Soror Antónia para descrever estas religiosas, de entre as quais, uma vez mais, se encontra a Madre Maria das Chagas. Estas religiosas são a luz que alumia o convento e as preciosidades que lhe dão valor.

Soror Maria das Chagas foi eleita novamente, mas renunciou, alegando que já o tinha sido em Bragança. Após esta renúncia, elegeu-se a Madre Maria da Anunciação segunda vez. Várias obras consideráveis marcaram este triénio, como a construção do dormitório e o conjunto de casas soteias que permitiu receberem mais religiosas. Seguiu-se a terceira eleição de Soror Maria das Chagas, que aceitou, fazendo durante o seu triénio vários melhoramentos ao convento. Para suprir a dificuldade do

⁵⁷⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 34 v.

⁵⁷¹ A música era um elemento fundamental no acompanhamento das orações. Saber tocar um instrumento poderia isentar uma religiosa do pagamento de dote para entrar em determinados conventos, tal era a importância que lhe era atribuída e tal a necessidade de se fazer acompanhar as celebrações de música.

⁵⁷² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 36 v.

abastecimento de água "a trouxe da orta da nora do convento por hũs arcos ao jardim que lhe fica mistico de ahi ao pateo do claustro pera que cõ menos trabalho se aproveitassẽ della as ofecinas todas o que serviu de grande comodidade e regalo"⁵⁷³. A prelada fez passar a água por uns canos que serviriam algumas casas, por ter percebido que os problemas de insalubridade ocorridos durante o primeiro triénio se ficaram a dever "a falta de regalo que a frescura das aguas da aos corpos humanos"⁵⁷⁴. A água foi igualmente útil para cultivo da horta e da cerca (jardim), embora o investimento se tenha revelado, posteriormente, um desperdício, por a câmara da vila decidir desviar o curso de água. Sucedeu na prelatura a Madre Soror Luísa da Madre de Deus, pela segunda vez. Em 1609, Luísa das Chagas, favorita de D. Catarina de Bragança, assumiu a função. Fugira muito nova à vontade dos pais, "que tinhão diferentes intentos trocando os regalos de palacio pelos rigores deste convento"⁵⁷⁵. Soror Catarina da Trindade foi prelada pela segunda vez, em 1610. No seu triénio construiu as portarias e a Casa do Tesouro. Seguiu-se Soror Catarina da Madre de Deus, de ilustre sangue, muito espiritual e de muita oração. Soror Margarida da Coluna e "coluna da religião"⁵⁷⁶ finalizou as obras das portarias. No seu mandato, ocorreu mais um milagre envolvendo a Madre Maria das Chagas: "fes sancto antonio o milagre de acressentar otrigo pellas orações da madre maria das chagas"⁵⁷⁷.

Sucedeu-lhe a Madre Paula de S. Jerónimo, em 1623, que se encarregou de levantar a cerca, caída há muitos anos, e abrir o poço grande. Soror Joana do Deserto, que se lhe seguiu, foi, segundo a autora, das melhores preladas que o convento teve. Fez grandes melhoramentos no mesmo, de que são exemplo a Casa das Falas e a Enfermaria. A Casa do Capítulo surge no triénio seguinte, da responsabilidade de Soror Margarida da Coluna, tendo sido a obra custeada por D. Teodósio II. Da Madre Soror Ana Baptista, a autora destaca a exemplaridade da vida e a nobreza do sangue, alertando para o surgimento, na sua morte, de uma fragrância⁵⁷⁸ muito suave e delicada "por que em a suavidade della (ao parecer das que em elle se acharão) exçedia todos os cheiros suaves

⁵⁷³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 37 v.

⁵⁷⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 37 v.

⁵⁷⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 38 r.

⁵⁷⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 38 v.

⁵⁷⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 39 r.

⁵⁷⁸ As suaves fragrâncias sentidas aquando da hora da morte constituem, como se sabe, sinal de santidade.

do mundo nã ouve indicio de ser nenhũ delle"⁵⁷⁹. No segundo ano desta prelada instituiu-se a confraria do Santíssimo Sacramento, do qual eram todas as religiosas muito devotas.

A Madre Soror Leonor da Apresentação deixou marcas no convento pela sua virtude e prudência e por ter oferecido à igreja uma imagem de Nossa Senhora de estofos, "mui perfecta e fermosa que é a da speransa que está ã a capella mor"⁵⁸⁰. Também a suas expensas mandou empedrar o poço do pátio do claustro. Neste triênio, faleceu a Madre Maria das Chagas e deu-se a saída de quatro religiosas para fundar o convento da Conceição de Olivença, embora sem grande fruto, porque o convento foi extinto por conveniências da milícia da fronteira. À custa da confraria, pintou-se e dourou-se a capela mor da igreja. Em 1632, pela segunda vez a Madre Soror Joana do Deserto assumiu funções, desta vez por um ano e oito dias. Faleceram algumas religiosas com febres malignas durante este período, pelo que a Madre "fes votto ã comunidade de perpetuamente se gejumar ã este convento bespera de *corpus Christi* e foi elle servido de acudir lhe por sua misericordia que não morreo mais nenhũa e o mal parou que não adoeço por êtão mais algũa"⁵⁸¹. Por ter falecido ao fim de um ano, foi substituída pela Madre Joana Baptista, muito dedicada ao culto divino, tentando aprimorar as cerimónias do coro. Sucedeu-lhe Ana Baptista, pela segunda vez. Em 1639 foi eleita a Madre Maria da Purificação de quem a autora destaca o sangue ilustre, a virtude na religião, a caridade e o perfil de grande esmoler. Durante o segundo ano do seu abadessado, faleceu uma religiosa do convento com fama de grande virtude. Aquando da sua morte, viu-se uma claridade oriunda do convento que se espalhou por toda a vila. Ainda neste ano se deu "a felice acclamação de sua majestade el rei dom joão o 4^o"⁵⁸². Em celebração deste facto, e em respeito do muito que o convento devia a esta família, "mãdou que ã as missas conventuais resadas à elevassão da hostia se ãtoasse aquelle versso de hũ inno do santissimo sacramento que dis o *salutaris hostia* ate ofim delle cõ seu verço e orassão pellas pessoas reais e ate oje se continua"⁵⁸³. Ainda no fim deste triênio se pintou e dourou o corpo da igreja a expensas da confraria. Findo este triênio, voltou a Madre Soror Leonor da Apresentação. Em 1642, sucedeu-lhe a Madre Soror Joana Baptista, que só gozou treze dias de governo, pelo que se elegeu a Madre Soror

⁵⁷⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 40 r.

⁵⁸⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 41 r.

⁵⁸¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 41 v.

⁵⁸² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 42 v.

⁵⁸³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 42 v.

Maria Ana de Cristo, que, por ser contemporânea de Soror Antónia Baptista "me não da licença a mais, deixarei ã silensio o muito que pudera diser posto que nũca suas subditas o porão ã reçar o muito que devem a seu governo"⁵⁸⁴. A humildade da abadessa não deixa, portanto, que Soror Antónia evoque as suas qualidades como prelada, prova da partilha e do conhecimento que a comunidade tinha do registo das memórias que Soror Antónia Baptista estava a realizar. Sucedeu-lhe a Madre Soror Isabel das Montanhas, em 1648. Durante o seu triénio recebe do rei cem mil reis de juro e "outras merces particulares mostrandosse tão solícita do aumento spiritual como tẽporal"⁵⁸⁵.

Novamente as febres ameaçaram a vida das religiosas, que logo recorreram ao Santíssimo Sacramento, de quem eram grandes devotas e lhe fizeram "votto de se lhe entoar todas as quintas feiras do anno para sẽpre hũa ledainha ã o choro acodiua sua devina magestade por que das enfermas não faleçeo nenhũa nẽ ate oje a falecido algũa desse mal porẽ ja se dis todos os dias voluntaria"⁵⁸⁶. Apesar do mal ter passado por intercessão do Santíssimo Sacramento, a ladainha continuou a ser entoada todas as quintas feiras no coro. Esta prelada também ainda vivia aquando do relato de Soror Antónia. Em 1651, elegeu-se a Madre Soror Leonor da Apresentação pela terceira vez e governa "oje". "Ë este presente anno de 1652 fes amadre soror phelipa evangelista" um cemitério para colocar os restos mortais das religiosas defuntas.

A autora termina este longo capítulo com uma declaração: "protesto que ei ditto muito menos do que devo ã comparassão do que de suas vertudes ei tido notiçia de hũas e visto de outras mas histo baste para exemplo das que lhes succederẽ"⁵⁸⁷. Narrar obrigou a sintetizar e a fazer escolhas. A História não é, de facto, contar tudo. Esta é uma atitude que decorre da historiografia monástica de Soror Antónia.

No penúltimo capítulo a autora dedica especial atenção à devoção que há no convento ao Santíssimo Sacramento, à sua confraria e a outras que se fundaram.

Em 1614 adota-se o hábito da oferta simbólica do pão, aos domingos, nela "se conheçe em o zelo que tiverão de que este senhor fosse servido cõ decensia o que o convento por ser tão pobre não podia ellas que sentem mais esta falta que as proprias lhe pagão disimo

⁵⁸⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 43 r.

⁵⁸⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 43 v.

⁵⁸⁶ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 44 r.

⁵⁸⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 44 v.

da ressão que lhe dão para seu sustento"⁵⁸⁸. Sendo a igreja tão pobre⁵⁸⁹ e mal adornada haveria de se arranjar forma de a tornar um verdadeiro templo de oração. Em 1626, instituiu-se a confraria do Santíssimo Sacramento, estabeleceram-se os estatutos, comprometendo as religiosas à sua administração, tanto na gestão das esmolas oferecidas pelas mordomas e servidoras, como na organização das missas celebradas pelas confrades, no agendamento do dia da festa, que deveria celebrar-se na *dominga infra octava de corpus christi* com missa solene, expondo-se o Senhor até ao pôr do sol. O dinheiro angariado serviria unicamente "para a fabrica da igreja"⁵⁹⁰. A autora prossegue o seu relato com a descrição do contributo de cada freira para a ornamentação da igreja, acrescentando a importância que então adquiriram os cargos de cronista e de contabilista, porque há a preocupação em registar de forma detalhada as verbas dispensadas com as compras de objetos, materiais, pinturas, tecidos, ornamentos e imagens. Grande parte do resultado final provém, largamente, do labor e dos donativos das religiosas, "que acabarão de por este tẽplo ã a perfeccão que oje seve tudo de esmollas destas religiosas (...) em tão poucos annos se ve bẽ ser maravilha de Deus tirarsse tão grãde esmolla de hũas religiosas pobres"⁵⁹¹.

Instituiu-se outra confraria, a de S. Bento, que é alvo das mesmas diligências e prerrogativas: a celebração das doze missas por ano pelas confrades, a compra de cera para as velas para a procissão do dia da festa, que se celebrará na primeira octava de Páscoa do Espírito Santo, com vésperas e missa solene e procissão pelo claustro. Para além dos gastos, as religiosas ofereceram e adquiriram outras imagens para adorno da capela do santo, situada no antecoro baixo, onde se encontra a confraria. Uma das imagens de S. Bento de estofos foi oferecida pela Madre Guiomar Baptista e era muito venerada pelas religiosas e seculares por ser milagrosa:

E não ha pessoa ã este convento que não aja exprimẽtado seus favores dos modernos e que vi por meus olhos direi algũs que dos antigos não ficou memoria por pouca curiosidade sãdo que se sabe sãpre fes muitos e para eu poder diser quantos me pedẽ as penhoradas que escreva era forssa faser novo volume⁵⁹².

⁵⁸⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 45 v.

⁵⁸⁹ Os sumptuosos projetos para este convento terão caído por terra com a morte da fundadora D. Isabel de Lencastre. Embora o patronato régio da instituição se mantivesse, o interesse demonstrado na preservação e apoio do mosteiro pelos sucessores de D. Isabel de Lencastre não foi o mesmo.

⁵⁹⁰ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 46 r.

⁵⁹¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 46 v.

⁵⁹² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 47 v.

Uma vez mais, Soror Antónia sublinha que os factos que transmite ela própria presenciou "por seus olhos", embora se saiba da ocorrência de outros milagres que, por não haver memória escrita, a autora não narra, marcando atitude face ao conceito de História que subjaz à organização da sua crónica. Esclarece igualmente que as agraciadas pelo santo não foram só as religiosas, mas também as leigas e porque estas lhe pediram que o registasse por escrito, a autora relata o milagre em que uma mulher, no meio da sua agonia, grita por S. Bento da Esperança e pediu que lhe trouxessem azeite da lâmpada do santo. Com grande admiração do médico que a assistia, a mulher (cujo nome não é referido) curou-se do mal que a consumia gradualmente.

Soror Antónia direciona novamente a narração para as religiosas do convento, para nos revelar que estas se socorriam de S. Bento não só para as livrar de erisípeles ou bócios e furúnculos, mas também para as afastar dos bichos "pesonhêtos" e "medonhos escorpiões" que apareciam nos dormitórios, nas janelas e varandas do convento, por ser um sítio fresco e húmido. Certa vez apareceu uma "bibora" em uma das celas "em chamãdo por são bento parou para a matarê e he de nottar que nê delles nê de ersipulas nassidos nê mal de que elle seja avogado morreo algũa depois que o he nosso e o tomamos por esse"⁵⁹³.

Existiram mais duas confrarias no convento: a da Nossa Senhora da Assunção, praticamente extinta no tempo do relato de Soror Antónia, embora a Madre Maria da Trindade ainda se ocupasse em ordenar as doze missas cantadas, a organização da festa e da procissão em cujo cerimonial se representavam os doze apóstolos, encenados pelas freiras, "cõ a senhora ã hũa tũba e quando torna ao coro ja vẽ gloriosa ã hũ andor trasido por anjos"⁵⁹⁴, em representação da sua ascensão ao céu.

A propósito da outra confraria, Soror Antónia revela o seguinte: "estando eu tirando este livro do borrão ão anno de 1654 acordarão de a renovar ã forma que as almas das religiosas defũctas tiraçẽ mais interes"⁵⁹⁵. Para além de termos mais uma indicação temporal relativa à composição da obra (ainda que um pouco vaga, pois não sabemos se estaria na sua fase de conclusão), constata-se que a confraria das almas foi renovada, de acordo com os estatutos que a autora passa a explicar. Adverte Soror Antónia que

⁵⁹³ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 51 r.

⁵⁹⁴ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 51 v.

⁵⁹⁵ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 51 v.

esperava que esta devoção fosse aumentando, pois era do interesse de todos velar pelas almas dos defuntos para que Deus, um dia, compensasse a alma de quem o tivesse feito.

O último capítulo deste livro é dedicado às relíquias⁵⁹⁶ tão estimadas pelas religiosas e às capelas que se ergueram para sua veneração.

A enumeração dá primazia a uma relíquia do Santíssimo Lenho que se encontrava em um relicário, venerada por milagrosa. O convento possuía um Santo Sudário "da altura de hũ homem, veio de roma foi tirado pello original e tocado nelle mostraçe ao povo quinta feira de endoensas e a velo acode grande concurço de gente", tem fama de milagroso. Foi oferecido pela Madre Maria de Jesus, tendo-lhe sido doado por sua mãe. Há outro mais pequeno, mas de igual devoção, que se expõe no coro na Sexta Feira Santa, do qual se diz exalar uma fragrância quando tocado, oferecido pela Madre Margarida de Jesus.

A descrição das imagens presentes na igreja, com recurso frequente aos qualificativos "linda", "notavel" e ao uso dos superlativos "purissima, perfeitaissima" e do diminutivo "oratoriosinho" e o cuidado de não esquecer o mais pequeno detalhe são demonstrativos da profunda estima e devoção de Soror Antónia e, simultaneamente, do detalhe que pretende inferir aos objetos narrados:

Ha hũa capella da purissima consepssão de nossa senhora ã o topo da primeira veranda das altas e hũ oratoriosinho quadrado de abobada cõ sua lanterna no remate della de vidrasas asim ella como a bobada he dourada e pintada ate os frisos delles ate o chão de asulejos tem em o meio do

⁵⁹⁶ É necessário retroceder à Antiguidade para identificarmos esta prática devocional em torno dos despojos dos santos ou de pessoas falecidas com *fama sanctitatis*. As relíquias dos veneráveis falecidos são interpretadas como provas da presença de Deus e, como tal, potenciadoras da realização de milagres. O estudo do culto em torno das relíquias reveste-se de importância nodal na percepção da vivência pública do fenómeno da santidade. Veremos mais à frente ("livro tersseiro") a exaltação e atropelos da povoação limítrofe ao Mosteiro da Esperança ao saber da morte da venerável Madre Maria das Chagas e da tentativa de se apropriarem de uma relíquia, por mais ínfima que fosse. Ex.: "se cõ histocessou o clamor de mostrẽna comessou o de pedir pedassos de seu abitto, rosas de que estava cuberta que para isto mãdarão muitas pessoas açafates dellas para lhas tornarẽ tocadas davão para o mesmo contas e fitas. foi o concurço de sorte que por pulpito grades do cruseiro poiais estava gente subida tanto pella ver como por se livrar do apertão, que por hũ homem temer algũ perigo se opos a afastar os que tinham visto por senão afogarẽ, everẽ os que de novo vinhão, e na grande forssa que ã histofes desmãchou hũa mão", (*Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 68 r.). Outro exemplo que poderíamos aqui trazer, respeita a um pedido de um dos padres confessores de Soror Catarina do Salvador que, numa carta redigida a uma companheira da religiosa, igualmente freira na Esperança, solicitou o envio de uma relíquia da bem aventurada, "para minha spiritual conçoção, pesso avossa mercê me mande dessa serva de Deus, ou do seu oratorio, e de seus instrumentos penitenciais, ou de seus exerciços spirituais algũa peça que por humilde que seja terei por grande riqueza" (*Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 104 v.).

[fl. 54 r.] retabolo que etodo dourado nossa senhora de 3 palmos de altura, rodeada de hũ sol de bronse dourado cõ hũa lua de pratta aos pes, e do friso do retabolo para sima tem hũ painel da santissima trindade que o remata⁵⁹⁷.

Tem mais este convento hũa cabessa das onse mil Virgens o nome sancta christina esta lhe deu a serenissima duquesa cõ os papeis autenticos de se tirar dos sanctuarios de roma para este seu convento. esta cabessa hestá em hũ meio corpo da Virgem de estofo mui fermoso e em o peito fas vista hũa vidrassa respira hũa suavidade de cheiro que a fas de mor devassão colocou a ã hũ nicho todo dourado a madre soror cesilia da madre de Deus a antiga, que o fes para este efecto ã o coro alto⁵⁹⁸.

Ao longo do texto, vamo-nos apercebendo de duas devoções mais frequentes no convento: ao Santíssimo Sacramento e a S. João Baptista. A veneração ao primeiro é comum a todas, por razões óbvias. Quanto ao segundo, não só a sua imagem se encontra na igreja em lugar de destaque, como os epítetos que lhe são atribuídos o diferenciam de todos os outros santos: "ã hũ nicho prinsipal tẽ o grande e devino baptista"⁵⁹⁹. Esta forte devoção também é apercebida pela adoção frequente de algumas religiosas pelo nome Baptista nos seus nomes de religião, incluindo a própria autora⁶⁰⁰. Ao longo do séc. XVII, S. João Baptista e S. João Evangelista competiam nas devoções femininas conventuais.

O zelo das religiosas na decoração das capelas é extremo o que leva Soror Antónia Baptista a confessar:

Ë todas estas capellas ha grande fabrica de frontais corredições castiçais e curiuidades que parece não tem estas religiosas mais cuidado que este enão para aqui so seu zelo de servir a Deus e ornar esta casa sua senão que athe o coro pintarão religiosas [fl. 55 v.] particulares sãdo hubrigassão da comunidade⁶⁰¹.

No remate deste "livro primeiro" Soror Antónia agradece a todas as suas antecessoras o árduo papel que desempenharam em benefício do convento e adverte que falará de outras igualmente virtuosas, no livro que se segue: "de Deus espero tenham apaga de tão

⁵⁹⁷ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 53 v.

⁵⁹⁸ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 53 v.

⁵⁹⁹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 55 r.

⁶⁰⁰ As religiosas que adotaram este nome na religião foram: Guiomar Baptista, Ana Baptista, Joana Baptista, Catarina Baptista e Soror Antónia Baptista.

⁶⁰¹ *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 55 r.

bem ãpregada despesa elhe pesso graça para falar em outras que cõ mais spirituais maravilhas deixarãõ este convento rico"⁶⁰².

Alongámo-nos um pouco na apresentação deste "livro primeiro" por conter dados factuais, históricos, cronológicos e sociais incontornáveis para a compreensão desta obra e para a efetiva percepção das práticas quotidianas que pautavam a vida destas mulheres.

A partir deste livro vai-se ganhando consciência do conceito historiográfico da autora e, simultaneamente, da forma como memória e identidade se vão construindo lado a lado. O simples facto de a obra ter passado pelo crivo prévio de todas as irmãs que a ouviram ler, prova que a autoria, sendo feminina, é também, de alguma forma, coletiva e não exclusivamente individual, isto é, de Soror Antónia Baptista.

⁶⁰² *Livro da Fundação*, "livro primeiro", fl. 55 v.

i) Abadessas do Convento da Esperança de Vila Viçosa (1533 a 1652)⁶⁰³

- Madre Soror Isabel de Jesus (1533 a 1548)
- Madre Soror Catarina da Madre de Deus (1548 a 1555)
- Madre Maria da Cruz (1555 a 1582; 1585 a 1588)
- Madre Maria de São João (1582 a 1585)
- Madre Soror Maria das Chagas (1588 a 1591; 1600... ; 1603 a 1606)
- Madre Soror Catarina da Trindade (1591 a 1594; 1610 a 1613)
- Madre Maria da Anunciação (1594 a 1597; 2º triénio 1603?)
- Madre Soror Luísa da Madre de Deus (1598 a 1600; 1606 a 1609)
- Madre Soror Catarina da Madre de Deus (1613 a 1613)
- Madre Soror Margarida da Coluna (1613 a 1616; 1623 a 1626)
- Madre Soror Paula de São Jerónimo (1617 a 1620)
- Madre Soror Joana do Deserto (1620 a 1623; 1632 a 1633)
- Madre Soror Ana Baptista (1626 a 1629; 1636 a 1639)
- Madre Soror Leonor da Apresentação (1629 a 1632; 1642 a 1645; 1651 a 1652...)
- Madre Soror Joana Baptista (1633 a 1636; 1645 a 1645)
- Madre Soror Maria da Purificação (1639 a 1642)
- Madre Soror Maria Ana de Cristo (1645 a 1648)
- Madre Soror Isabel das Montanhas (1648 a 1651)

j) Confrarias instituídas no Convento da Esperança (até 1652)

- Diviníssimo Sacramento
- S. Bento
- Nossa Senhora da Assunção
- Almas

⁶⁰³ Soror Antónia Baptista inicia a redação do seu texto em 1652.

k) "livro segundo": as vinte e uma *flores* do Convento da Esperança

No "livro segundo", o mais extenso da obra (ocupa quarenta e nove capítulos, curiosamente, quase o dobro dos vinte e seis enunciados por Barbosa Machado e Frei Jerónimo de Belém)⁶⁰⁴, Soror Antónia reúne as *vidas* de vinte e uma religiosas do Mosteiro da Esperança, consideradas, pela autora, como sendo as mais exemplares no que respeita à doutrinação e à pedagogia.

No entanto, suspeitamos se estas vinte e uma micro biografias não poderiam ter também a função de sustentar a construção de uma biografia mais importante, mais extensa e mais detalhada, em torno da qual estas micro narrativas funcionariam como satélites, almejando a exemplificação de fundamentos e de frutos da vida, essa sim prodigiosa, da Madre Maria das Chagas, apresentada individualmente no derradeiro livro da obra.

A escolha de Soror Antónia recaiu sobre as religiosas mais virtuosas e, como tal, mais próximas do estado de religiosa perfeita. Acreditamos que as eleitas terão sido as mesmas contempladas pelo sermão do Padre João Carvalho, proferido no dia 15 de abril de 1652 - domingo que se seguiu à trasladação dos ossos da Madre Maria das Chagas e de outras religiosas para o cemitério novo - onde o Padre evoca as vinte e duas virtuosas religiosas que habitaram aquele convento ("livro tersseiro"). Embora não haja uma listagem com os nomes dessas religiosas citadas pelo Padre, podemos presumir que se tratam das mesmas vinte e duas que Soror Antónia escolheu para biografar⁶⁰⁵, pois a coincidência com o número é por demais evidente. A própria refere que "ouve sermão que fes opadre joão carvalho o mais eminête em seu offiçio que êtão se achou neste lugar. Nelle tratou de 22 religiosas de exsêplares vertudes que em este convento florecerão dando o primeiro lugar deste ameno jardim ha reverenda madre maria das chagas, gloria delle, e prodigio destes tempos"⁶⁰⁶.

⁶⁰⁴ Embora só tenhamos localizado um único exemplar da obra, e tenhamos quase a certeza absoluta da existência singular desse exemplar na atualidade, resta a dúvida se Barbosa Machado e Frei Jerónimo de Belém teriam tido acesso a uma cópia desconhecida, uma vez que ambos referem os vinte e seis capítulos da segunda parte da obra, quando, na realidade, o segundo livro é constituído por quarenta e nove capítulos, incluindo o traslado do documento sobre a vida e morte de Soror Catarina do Salvador.

⁶⁰⁵ A autora trata das vinte e uma *vidas* no "livro segundo" deixando a vigésima segunda *vida* - a da Madre Maria das Chagas - para destacar isoladamente no "livro tersseiro".

⁶⁰⁶ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 81 r.

A extensão das biografias que Soror Antónia nos apresenta no "livro segundo" é variável, dependendo da proximidade e contemporaneidade em relação à autora ou da quantidade de informação existente sobre cada uma delas. Contudo, a sua estruturação interna é algo repetitiva. Por essa razão, optámos por, de forma muito sintética, ressaltar os aspetos mais distintivos das religiosas biografadas (os traços que as evidenciaram), estabelecendo uma filiação comportamental concentrada no tratamento de tópicos que, para além de configurarem a especificidade deste texto, constituem elos de ligação da obra de Soror Antónia Baptista à tipologia das biografias devotas e hagiografias do seu tempo. Como tal, e porque há ocorrências e comportamentos que não podemos deixar de refletir neste estudo, decidimos sintetizar estas vidas em função desses tópicos que passamos a relevar: respeito pelos votos professados (silêncio, humildade, obediência, pobreza); cumprimento da *Regra*; visões; milagres; rituais de oração comunitárias e individuais (oração vocal e oração mental); práticas devocionais; brandura de comportamento; alimentação; leituras. Deixámos este ponto para o fim, por merecer tratamento um pouco mais detalhado, pela amplitude que o livro representa nesta comunidade, quer na formação espiritual, quer na transmissão de preceitos instituídos que se pretendem ver reproduzidos, servindo até, ainda que subliminarmente, para ajudar a demarcar territórios de erudição entre as religiosas que liam e as religiosas mais "rudes".

No *Livro da Fundação* do Mosteiro da Esperança de Vila Viçosa aparecem várias referências à leitura, o que nos leva a concluir da importância que esta atividade terá desempenhado na formação cultural e espiritual das religiosas, quer em práticas comunitárias - "em quanto se lia ã o rectorio tinha particular gozo e consolassão de ouvilas jütamente quãdo dava mantimento a ocorpo dava tãobẽ pasto a alma"⁶⁰⁷ - quer em momentos de meditação interior. As alusões estendem-se não só às formas de leitura, mas também aos autores eleitos e às leitoras. Para além da leitura da *Regra*, das Sagradas Escrituras e de exercícios espirituais que serviam de apoio à componente didática, de entre os autores mais citados encontrámos Frei Luís de Granada (fl. 86 v., "livro segundo"), esse autor "cuyas obras están presentes en la mayoría de las bibliotecas de la segunda mitad del siglo, siendo prácticamente todas destinadas

⁶⁰⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 32 r.

explícitamente a mulheres de la profesión religiosa o laicas de la nobleza"⁶⁰⁸ ; Frei Estevão da Purificação (fl. 86 v., "livro segundo") era lido por Soror Catarina do Salvador e outras companheiras; Soror Inês da Circuncisão (irmã de Catarina do Salvador) lia amiúde os *Motivos Espirituais* (Frei Rodrigo de Deus); Soror Maria das Chagas, no tempo em que ainda conseguia ver, era grande leitora da Sagrada Escritura, preferencialmente, dos Salmos de David e dos Padres da Igreja, de entre os quais S.to Agostinho, que era lido nos mosteiros desde o início da monarquia em Portugal⁶⁰⁹. Gostava igualmente de ler vidas de santos: "era grande imitadora dos sanctos e em sahindo a lux algũ livro delle fasia muito por lhe vir a mão e buscava quẽ lho lesse quãdo ja não tinha vista (...) vindolhe a mão hũ da beata soror joanna da crus"⁶¹⁰. Lia-se S. Boaventura⁶¹¹ (fol. 3 r., "livro segundo"); S. Bernardo (fl. 81 r, "livro segundo"); Sta. Catarina de Sena; os Hinos a S. Paulo (fl. 84 v., "livro segundo"); Salmos (o *Miserere* é citado várias vezes no "livro segundo", fls. 9 r. e 84 v.) e Ladaínhas de santos.

Os livros tinham igualmente a função de servir de refúgio e consolo, de preencher os habituais silêncios. Soror Isabel da Visitação lia livros espirituais e, na hora da morte, pediu que lessem os cinco capítulos do livro *Crus Christi*; Soror Catarina do Espírito Santo andava sempre com um livro na mão; Soror Inês de Jesus começou desde muito nova a ler livros espirituais. Há uma ligação que pode ser estabelecida entre as leitoras mais assíduas e a prática de oração mental, que requeria, pela sua especificidade, maior concentração e introspeção.

Ao longo das páginas que se seguem encontraremos exemplos de outras rotinas que se refletem no desempenho das tarefas quotidianas das religiosas ao mesmo tempo que vão definindo, simultaneamente, os percursos espirituais que estas vão trilhando. São retratos de "perfeitas religiosas" que regidas pelo cumprimento da *Regra* e da prática

⁶⁰⁸ Pedro M. CÁTEDRA, "*Bibliotecas y libros de mujeres en el siglo XVI*", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0, 2003, p. 26.

⁶⁰⁹ Refere Fortunato de ALMEIDA que "no mosteiro de Sta. Cruz já no séc. XII havia um livro com homilias de Sto Agostinho". No séc. XV, existia na "mais notável e mais rica" livraria manuscrita do país, a do Mosteiro de Alcoabaça, um exemplar das *Confissões* de Sto. Agostinho, (in *História da Igreja em Portugal*, tomo I, pág. 410.).

⁶¹⁰ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 23 r.

⁶¹¹ Os textos de S. Boaventura marcaram a sua presença em grande parte dos conventos femininos, contribuindo, desta forma, para a "compreensão da espiritualidade monástica feminina", (in Isabel MORUJÃO, "Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel", in *Via Spiritus*, 5, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1998, pp. 177- 207.).

dos votos professados, almejam a obtenção da salvação. A caminhada espiritual (as três idades da vida interior) que todas as biografadas por Soror Antónia percorrem, é um percurso comum a todos os penitentes ao longo da vida. Gradualmente, as religiosas vão-se distinguindo no modo como vão superando as três etapas que as orientam e encaminham em direção ao divino. A expiação dos pecados dá início a esta caminhada, é a fase purgativa (que se refere à exercitação penitencial com vista à purificação da alma), segue-se a etapa iluminativa (alude a experiências que já contemplam o percorrer do "caminho"), para alcançar finalmente a via unitiva (o auge da caminhada em que a alma se une a Deus, em êxtase, anulando os sentidos - pode revelar-se no corpo sob a forma de estigmas ou chagas sagradas).

A vida monástica representa o ideal de vida apostólica assente nesse percurso de entrega, abnegação, pobreza, oração e penitência, ansiando pela salvação. A perfeição dessa caminhada consistia em ir para além dos votos professados e do cumprimento da *Regra*, tendo por escopo a imagem da Paixão de Cristo, alcançável por via da ascese, provocada pelas mortificações e duras penitências, embora muitos manuais advertissem para a necessidade de ter cuidado com o corpo, para com ele melhor servir a Deus. No relato de Soror Antónia, verificamos que essas práticas eram recorrentes ao longo do dia, sendo comunitárias ou particulares, acompanhadas por orações vocais e mentais⁶¹². Quanto mais duras as mortificações, mais próxima estaria a penitente de atingir o estado de perfeição espiritual. Atendendo à crueldade dos castigos infligidos ao corpo, estipulados e aplicados pelas próprias religiosas, por vezes estas eram aconselhadas pela abadessa ou pelos padres confessores a abrandarem ou cessarem essas práticas, quando o seu estado físico já se encontrava muito debilitado. Porque Soror Antónia escolhe biografar as mais insignes religiosas, essas marcas punitivas são um traço comum a todas as *vidas* evocadas pela autora (e, conseqüentemente, um modelo a seguir), das quais se destacam alguns casos, como os de Soror Catarina do Salvador ou da Madre

⁶¹² Referem as *Constituições Geraes* que, "por quanto a oração mental he a vida espiritual da alma, & o sustento com que cresce no exercicio santo das virtudes, portanto admoestamos a todas as Religiosas, que procurem a horas competêtes darse ao estudo da Oraçam, porque se esta faltasse, pereceria o estado perfeito da Religião & faltaria às Religiosas o alento espiritual pera viverem com consolação nella & exercitarse com fervor no cumprimento de suas obrigações" (in *Constituições geraes pera todas as freiras e religiosas sogeitas à obediência da Ordem de N. P. S. Francisco, nesta Família Cismontana*. De novo recopiladas das antigas e acrescentadas com acordo, consentimento e approvação do Capitulo Geral, celebrado em Roma a 11 de Junho de 1639, Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, Anno 1693. Frey João Merinero, pp. 82-83.). Sabe-se, no entanto, que esta forma de oração, por não poder ser testemunhada e inaudível, foi, a partir de certa altura, considerada perigosa nos caminhos da espiritualidade.

Soror Eufrásia de Cristo (como veremos mais à frente). Para além dos votos professados que cumpriam escrupulosamente, como o silêncio, a obediência, a pobreza e a humildade, as práticas penitenciais mais frequentes (muitas vezes transpondo as indicações da *Regra* e da Igreja) eram o uso de cilício (Soror Antónia de Jesus trazia seis), a abstinência, os jejuns, as privações de água e de sono, os açoites, a postura em cruz durante longas horas, o uso de tecidos ásperos e grossos sobre o corpo e na cama (de verão e de inverno), genuflexão prolongada, dores. Tudo se fazia à semelhança da Paixão de Cristo (Soror Beatriz de São João infligia diariamente quinze vergastadas, para no fim do ano perfazer o mesmo número de açoites que Jesus sofreu) e à imitação dos santos fundadores da Ordem, S. Francisco e Santa Clara. Tais práticas, levadas ao extremo, precipitavam, muitas vezes, o desfecho destinado a todos os mortais.

No que respeita às práticas devocionais, os santos eleitos repetiam-se. Para além da veneração a Nossa Senhora, Cristo, o Menino Jesus e o Santíssimo Sacramento, os santos mais exaltados eram S. João Baptista, S. Boaventura, Santa Clara e S. Francisco. Obviamente que os santos da Ordem e os inspiradores são sempre, em todos os mosteiros, os mais louvados e invocados. De qualquer forma, aqui aparece-nos em especial destaque S. João Baptista.

Os relatos de morte de Soror Antónia Baptista inserem-se numa prática corrente das biografias que conheceram a sua plena expansão na Europa, no séc. XVI. A derradeira etapa da vida, correspondia ao encerramento da vida da biografada. Através dos elementos que nos são fornecidos por estes relatos, podemos esboçar um quadro normativo que permite perceber como era commumente encarada, no seio da comunidade, essa fase da vida, quais os rituais a ela associados e quais as práticas conjuntas mais comuns⁶¹³.

Para as religiosas, a hora da morte era vista como o momento da passagem, da Páscoa ansiada por todos os que suportaram as penas terrenas a que o corpo está ligado, aspirando ao momento em que a alma se liberta da matéria e se junta a Deus - a compensação de todos os sacrifícios. Na hora do encontro com o "divino esposo", algumas religiosas demonstravam grande vontade em deixar a vida e consolavam as

⁶¹³ Cf. Isabel MORUJÃO, "Morrer ao Pé da Letra: Relatos de Morte na Clausura Feminina Portuguesa", *Via Spiritus*, 15, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2008; Cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009.

companheiras tristes que choravam o seu estado. "Era ocasião para uma lucidez plena, em que a eloquência das palavras que proferiam fazia desprezar o mundo terreno e avivar o desejo de conhecer o mundo celeste"⁶¹⁴. Os recursos retóricos não variam muito nestas exposições. Frequentemente as moribundas relatam visões de Jesus Crucificado, de Nossa Senhora (exemplo de Soror Maria da Expectação) ou do Menino Jesus, pedem perdão pelos pecados, em sua atenção fazem-se orações comunitárias e da Igreja⁶¹⁵, por vezes há tempo para recomendações e desenganos⁶¹⁶, expirando quase todas com os olhos postos na cruz.

As primeiras biografadas por Soror Antónia são as primeiras abadessas do convento. Embora a autora detalhe um pouco mais as suas vidas, fornecendo dados biográficos, como data de nascimento e morte ou filiação, algumas dessas informações são repetidas do "livro primeiro".

1 - Madre Soror Catarina da Madre de Deus

A primeira *vida* a iniciar o "livro segundo" é a da Madre Soror Catarina da Madre de Deus, cujos pormenores provêm de uma discípula sua que "quasi em estes tempos viveo"⁶¹⁷, embora nada tenha deixado escrito. A utilização do advérbio "quasi" é elucidativo do esforço da autora em tornar mais próximo do momento da redação o registo desta vida, para que servisse como modelo mais atual e atuante. Consciente da importância dos documentos escritos na legitimação do que se expõe, a autora demonstra a sua indignação (várias vezes ao longo das micro biografias), para com as mais antigas que não deixaram nada escrito sobre as religiosas notáveis com quem conviveram: "Foi a negligencia tanta que nenhũa deixou escrita e assim so direi por que

⁶¹⁴ Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009. p. 436.

⁶¹⁵ O culto dos mortos cumpria-se de acordo com várias etapas estabelecidas: veneração do cadáver; oração pelos mortos, ofício de defuntos, vela noturna, missa de defuntos (cf. RIGHETTI, Mario, *Historia de la Liturgia*, Edición Española Preparada por Cornelio Urtasun Irisarri, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLV.).

⁶¹⁶ Cf. Isabel MORUJÃO, "Morrer ao Pé da Letra: Relatos de Morte na Clausura Feminina Portuguesa", *Via Spiritus*, 15, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2008.

⁶¹⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 1 r.

ate ã *jardim de portugal* se acha cõ mil erros o que della se conta"⁶¹⁸. A crítica mordaz de Soror Antónia não se dirige só às religiosas mais antigas, mas também a Frei Luís dos Anjos que no seu *Jardim de Portugal* vai tratando as *vidas* de algumas religiosas com alguma superficialidade, falhas que a autora se compromete a ir colmatando ao longo do "livro segundo". Logo no fõlio seguinte à primeira crítica ao Padre agostinho, Soror Antónia corrige o autor, dizendo que Soror Catarina da Madre de Deus "foi algũs trienios vigaria da ditta reformadora, e sendoo adoeceo da ultima doensa enão abbadessa como se dis ã *jardim de portugal* por que onão tornou aser mais"⁶¹⁹.

As virtudes que a autora destaca desta prelada são: a humildade, a penitência, a oração e a devoção "do grande baptista" e a S. Boaventura. Sofreu de uma paralisia que a imobilizou largos anos. Teve visões de Cristo Ressuscitado e de algumas companheiras falecidas. Prevendo a data da sua morte pediu um hábito condigno para se aparelhar solenemente de acordo com o expectável momento. Em jeito de brincadeira disse-lhe uma religiosa que não morresse em dia de chuva por ser mais trabalhoso o enterro, ao que Madre Catarina respondeu que haveria de ser num dia de sol. E assim foi, a 22 de novembro de 1568.

2 - Madre Soror Maria da Cruz

A Madre Maria da Cruz, segunda reformadora do mosteiro, foi natural de Vila Viçosa e professou no Convento das Chagas, para ir posteriormente, a pedido da duquesa Isabel de Lencastre, para o da Esperança. Mais uma vez a autora critica Frei Luís dos Anjos por dizer que a Madre Maria da Cruz viera das Chagas como "mestra da observansia ã este convento que avia pouco se subjectara a ella"⁶²⁰. Soror Antónia corrige novamente o autor, dizendo que isso era falso, porque a Esperança "quantos annos avia erão desta obediensia"⁶²¹. Esta religiosa governou durante trinta anos, ensinando as discípulas com obras e não só com palavras. Dava a ideia a todas as companheiras que falava com Deus, pois, certa vez, passando pelo cemitério "dice cõ hũa grande e temerosa vos ãmendaivos mossas que não sabeis oque esta noite vi e histo repetia algũas veses banhada em lagrimas"⁶²², referindo-se a várias sepulturas abertas que rapidamente foram ocupadas por ela e outras religiosas devido a um surto de peste. O seu exemplo

⁶¹⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 1 r.

⁶¹⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 2 r.

⁶²⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 4 r.

⁶²¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 4 r.

⁶²² *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 5 v.

foi raro e no dia de seu enterro saiu da sepultura um lume que "ê sendo noite se viu atorre dos sinos do convento cheia de claridade"⁶²³. Soror Antónia tece mais uma crítica à negligência das antigas, posto que não registaram os milagres que o cordão da religiosa terá realizado, após a abertura da sepultura, "quãdo se abriu asua sepultura achousse o seu cordão inteiro repartiusse por as religiosas e disê fes milagres mas forão tão negligêtes que não so os não autenticarão mas nê deixarão nenhũa lembransa"⁶²⁴.

3 - Madre Catarina das Chagas

A Madre Catarina das Chagas "faleçeo de tanta idade que são ainda vivas algũas que a conhesserão"⁶²⁵. Esta informação coloca a vida de Catarina das Chagas muito próxima e muito cúmplice da comunidade atual, pois dela ainda se falava no momento da redação do *Livro da Fundação*, através daquelas que a tinham conhecido. A legitimação dos factos narrados, bem como o seu impacto, aumenta exponencialmente. Das suas qualidades, sobressaem a sua oração contínua e o acompanhamento do coro e das comunidades. Era muito pobre, só tinha em sua posse uma galinha. Estando já muito doente e não podendo o convento sustentar as religiosas (porque ainda estava em construção), sustentava-se do ovo que a sua galinha lhe colocava diariamente na cama. Enquanto ainda andava por seu pé, pedia esmolos "antes do santo consilio tredentino"⁶²⁶ (adverte a autora, pois após o Concílio a mendicância é interdita às religiosas, por infringir a clausura), para prover as necessidades do convento. Faleceu "cheia de annos".

4 - Madres Sorores Ana de Jesus, Paula de Jerusalém e Maria da Expectação

Das Madres Soror Ana de Jesus, Paula de Jerusalém e Maria da Expectação, Soror Antónia pouco escreve. Sobre a primeira, natural de Almada, releva a sua paciência e uma prolongada doença que a deixou entrevada muito cedo. Da segunda, a autora destaca a sua humildade e caridade, sendo muito zelosa no cumprimento da *Regra*. Era muito pobre e solícita, sempre disponível para ajudar as companheiras, cozinhando e cosendo as suas roupas. Atendia às meninas do coro por gostar muito de música e por sentir o desapontamento de não ter boa voz para cantar. Faleceu "cheia de annos e

⁶²³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 5 v.

⁶²⁴ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 5 v.

⁶²⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 6 r.

⁶²⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 6 v.

virtude"⁶²⁷. Quanto à terceira, sabe-se que, ficando órfã, a separaram da sua irmã mais velha que entrou nas Chagas. Soror Maria da Expectação entrou no Convento da Esperança com quatro anos e "se criou cõ oleite da doutrina de tão grandes servas de Deus sahiu como feitura sua"⁶²⁸. Foi obediente, afável e branda. Frequentando a escola do convento foi chamada por uma religiosa de "cristã nova". Embora desconhecesse o significado da expressão, notou pelo tom utilizado que seria algo depreciativo. Consultando a abadessa sobre aquela situação, "a prudente perlada respõdeo vaite ãbora menina não es tu freirinha mossã e nova pois isso é o que se chama as freirinhas mossas e ella ficou muito contête". Este episódio é demonstrativo do zelo da autora em valorizar a prudência da prelada no desempenho vigilante das suas funções, estando atenta às várias realidades, não só religiosas, mas também sociais, atalhando às clivagens que emergiam aqui e ali, no interior do mosteiro. Nas derradeiras horas da sua vida, estando sem voz devido a uma esquinência, Soror Maria da Expectação cantou num tom tão elevado que "soou por todo o convento"⁶²⁹. As companheiras choravam muito a eminência da sua perda. Teve uma visão de Nossa Senhora com o Menino nos braços e faleceu aos 21 anos da peste que grassou no convento em 1589.

5 - Madre Soror Eufrásia de Cristo

A Madre Soror Eufrásia de Cristo teve uma vida sem mácula. Foi muito virtuosa, penitente e abstinente. As mortificações e jejuns eram excessivos, indo muito para além dos que a *Regra* recomendava. Ficou conhecida pelas antigas como "grande penitente" "mas por negligencia sua e das que lhe succederão se não sabe mais que o ditto"⁶³⁰.

6 - Madre Maria da Conceição

A Madre Maria da Conceição (filha de Fernão Roiz de Brito Pereira, provável familiar do autor do segundo soneto em louvor de Soror Antónia) foi natural de Vila Viçosa. Proveniente de uma família ilustre, entrou com seis anos no Convento da Esperança. Foi muito humilde e branda, desde muito cedo mostrou ser grande devota de S. Francisco, querendo imitá-lo até no hábito pobre que trazia vestido. Sofreu um pequeno acidente num braço, do qual padeceu bastante, tendo a assisti-la um médico judeu que parecia ser pouco escrupuloso. Soror Antónia não perdoa a crítica: "como homẽ sem lume da fe o

⁶²⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 7 v.

⁶²⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 8 r.

⁶²⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 9 v.

⁶³⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 9 v.

fes sê piedade cristã que era mais verdugo do que surgião por que hũ dia lhe tirava hũ nervo outro hũ osso outro lhe tirava hũa pequena de carne oque a sofrida eferma tomava cõ estranha passiensia"⁶³¹. Faleceu com dezoito anos com boa opinião confirmada pelo seu padre confessor. Juntamente com esta religiosa faleceram mais cinco, incluindo uma irmã. Aquando destas mortes avistou-se uma claridade sobre o convento que toda a população já sabia interpretar, tal era a ligação desta ao convento: "Era tão vegiado este sinal que desião alguẽ esta ja acabando na esperansa que ja la esta claridade esperemos os sinos e ã disendo histo comessavão a dobrar ca"⁶³².

7 - Madre Soror Maria da Trindade

De Soror Maria da Trindade a autora realça a humildade e o silêncio de que foi extremamente cumpridora, não falando com ninguém a não ser o estritamente necessário, "nẽ sahia de sua casinha senão para as comunidades, em o toucado e vestido foi hũ vivo retrato de nossa madre santa clara"⁶³³. Esta aproximação das biografadas aos modelos de vida dos santos fundadores, neste caso S. Francisco e Santa Clara, era um tópico frequente e recorrente nas biografias devotas.

8 - Soror Inês de Jesus

A vida de Soror Inês de Jesus⁶³⁴ é iniciada com mais uma crítica acutilante da autora a todo o convento, pela ausência de registos sobre a vida desta religiosa:

Não fica este convento livre de culpa do pouco que de esta grande serva de Deus se sabe, e cõ grande magoa minha so escrevirei, por não aver ã tantos annos hũa religiosa que tratasse de deixar memoria de tantas maravilhas, easim consumiu otempo amor parte dellas"⁶³⁵.

A Madre Inês de Jesus foi natural de Estremoz e era irmã mais nova de Soror Maria das Chagas. Desde muito nova sentira inclinação para a vida religiosa, pois cedo começou a ler livros espirituais e a fazer oratórios na casa de família. Era uma perfeita religiosa, como refere a autora. Atendendo à vontade manifestada de entrar num convento, o pai tentou colocar as duas filhas no Convento da Madre de Deus de Lisboa, mas como este

⁶³¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 10 v.

⁶³² *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 11 r.

⁶³³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 12 r.

⁶³⁴ Sendo este relato mais longo, a autora insere algumas notas marginais que funcionam como guias para o leitor sobre as diferentes etapas da vida desta religiosa. Ex.: "trata de ser religiosa"; "toma o abitto".

⁶³⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 12 v.

não aceitou as duas irmãs e, não pretendendo separá-las, foram aconselhadas a entrar no "moderno" convento da Esperança, por indicação que um religioso dera a seu pai. Tomaram o hábito a sete de novembro de 1560. A irmã mais nova mostrou-se muito satisfeita com este facto e no noviciado nem precisou de aprender "de vertude porque todas se achavão em ella em suma perfecção dando de si tal exsêplo que em professando comessou ater dissipulas"⁶³⁶. Era contemplativa e por várias vezes a encontravam no claustro, à noite, com uma corda ao pescoço repetindo salmos em voz alta. Todos os dias tomava largas disciplinas, pedindo às mais novas que a açoitassem, à imitação de Cristo. À semelhança do que S. Francisco pediu a S. Bernardo, também esta religiosa pedia, ao deitar-se no chão com as mãos sobre o peito, que lhe pisassem a boca, nomeadamente por ter uma vez repreendido a sua irmã mais velha:

Que boca que se atrevera asua irmã mais velha era bẽ que fosse pisada aquem respeitava muito e todos os dias lhe desia a culpa de suas imperfecões aqual a repreendia e depois lhe pedia amadre soror ines lhe desse penitensia e lhe pusesse o pe na boca ella o fasia e depois pagava ella a sua irmã o merissimento que cõ histo lhe grangeava ouvindolhe tãobẽ aculpa e fasêdolhe amesma morteficassão e penitensia⁶³⁷.

As mortificações mútuas entre irmãs testemunhavam a cumplicidade e comunhão espiritual que unia as duas. Soror Inês era abstinente e muito regrada na alimentação, distribuindo parte da sua refeição pelos mais pobres. Deixava sobre a mesa a melhor parte para que o Menino Jesus se pudesse servir. Era muito pobre voluntariamente (pois provinha de uma família abastada), usando um hábito de pano grosso de verão e de inverno e um capelo de linho grosso. Após a profissão não contactou com mais ninguém exterior ao convento, à exceção do pai. Foi alvo de várias tentações do demónio o que fazia com que adotasse comportamentos súbitos e inesperados: "Muitas veses sem saber que a ouvião estando em oração ã o coro lansava ou atirava cõ o mãto a este cão raivoso disêdo deixame malditto que me queres"⁶³⁸. Era extremamente obediente aos prelados e à irmã. Aquando da visita do pai, se por acaso chegava mais cedo do que a irmã à grade, esperava por ela antes de se dirigir ao pai. Embora a autora critique a falta de registos sobre esta freira, subsistem algumas cartas escritas por Soror Inês de Jesus para as suas formandas, por ser o meio encontrado de comunicar com elas sem quebrar o silêncio que a *Regra* impunha:

⁶³⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 13 v.

⁶³⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 14 v.

⁶³⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 15 v.

As ensinava por cartas dandolhe regras de como avião de viver para Deus, destas andarão ainda em meu tẽpo muitas em este convento que erão como epistolas de são paulo, como della se teve sempre tão grande openião de vertude as guardavão hũas das outras que morrião como prẽdas suas⁶³⁹.

De uma dessas cartas a que Soror Antónia teve acesso, diz a autora que mais parecia tratar-se de entretenimento moral do que de doutrinação espiritual, apoucando o estilo da escrita da religiosa, embora o justifique com a distância do tempo e os hábitos de escrita da altura:

O estillo mal limado não e de estranhar que o de oje e mui diferente e histo ha 80 annos que a madre soror ines o escreveo que da polecia mūdana não soube nada porque so na devina aprendeo a agradar aseu doce jesu e esta verdade se vera em suas inflamadas palavras⁶⁴⁰.

Transcrevemos parcialmente o texto da carta de Soror Inês, do qual sobressai mais a intenção de desabafo emocional, pelos cuidados que mostra para com as suas formandas - a quem "concebeu" embora não tivesse sentido as dores - do que de pedagogia espiritual. Diz a carta:

Amadas filhas ã o senhor jesu Cristo: as quais ã hũa tarde consebi: ainda que me não custastes dores custastesme muitos suspiros e tristesas que me fasem não durmir tudo histo porque vos não vejo ja todas em fogo devino arder, eu não perco as esperansas de vos ver de amor feridas e nos voços corassões as crueis chagas inprimidas, muitas veses estou sem sabor vos pergũtaisme de que sabeis serto por verdade que tudo são cudados porque cõ vosco me não posso desẽfadar falando desse doce jesu, o minhas filhas da minha alma se eu vos pudeçe mostrar o que este coração vos quer seria faser estremos⁶⁴¹.

Soror Inês foi humilde e caritativa para com o próximo, facto que a distinguia de sua irmã, porque enquanto Soror Maria das Chagas vivia para si as suas virtudes, Soror Inês predispunha-se a ajudar e a encaminhar ao serviço divino, quem a procurava.

Soror Maria das Chagas terá pressentido a morte da irmã, através de um sonho que veio a concretizar-se três semanas depois. Nas cerimónias fúnebres, ajudou a transportar a urna da irmã, a pedido prévio desta, tarefa habitualmente delegada aos padres, e enquanto as companheiras choravam a perda, a Madre Maria das Chagas cantou as

⁶³⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 16 r.

⁶⁴⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 16 v.

⁶⁴¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 16 r.

laudes de corpo presente com muito ânimo e vigor. A alegria sentida em momentos de dor, a sugerir a intervenção divina na acalmia do sofrimento era um tópico utilizado nas biografias devotas . Após a sua morte, ocorrida em 1574 (e não em 1571 como, segundo a autora, refere Frei Luís dos Anjos em *Jardim de Portugal* o que, a ser verdade, tornaria impossível a profissão desta religiosa que tomou o hábito em 1570), o seu rosto ficou resplandecente:

Se falecera quando elle dis não tinha de religião mais que o de noviciado he e serto foi freira annos porque tudo o ditto obrou dipois de professa asim que ã este particular não selhe ade dar creditto que ou foi erro de penna ou não se saber ã que anno tomou o abitto os que tinha de idade erão 24 tres meses e sette dias faleceo a 8 de novẽbro⁶⁴² .

Onze dias depois de falecer, surgiu um clarão à volta do coro que permitiu às religiosas presentes distinguir as feições de Nossa Senhora. Passados mais alguns dias, Soror Inês apareceu a uma religiosa, toda vestida de branco e com uma grinalda de flores na cabeça - o retrato perfeito da noiva que vai ao encontro do "divino esposo". Tornou a aparecer, mas desta vez a sua irmã, para a demover de entrar num convento da Primeira Regra, "e desde este dia sequietou ã estes desejos"⁶⁴³. Por ter fama de virtuosa, as freiras que passavam na sua sepultura faziam-lhe uma vénia parecendo-lhes que uma força secreta as impelia a fazê-lo. Anos mais tarde, o cérebro foi encontrado incorrupto e o véu intacto⁶⁴⁴. Por essa razão foi levado pelas religiosas e consta que terá feito muitos milagres, mas, lamenta a autora, não há certezas, porque não foram autenticados.

Ainda durante esta narrativa (no ano de 1653), a autora faz referência à leitura do seu livro à comunidade, a propósito de uma coincidência entre datas que se poderia explicar por milagre, uma vez que:

E custume ã este convento ã o descurço do anno lersse ã o refectorio as vidas dos santos ã os dias que a igreja resa delles mãdou a madre abbadessa paraçe esta lissão e se lesse nelle este livro has religiosas antes de se tirar do borrão para que ãmẽdacẽ qual quer erro que lhe achassẽ como pessoas que mais pudião testemunhar da verdade foisse lendo ã dias e succedeo que ã 7 de outubro se acabasse a mesa ã a vida da que antecedia amadre soror innes aos oito se leo como

⁶⁴² *Livro da Fundação*, "livro segundo", fls. 18 r./v.

⁶⁴³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 18 v.

⁶⁴⁴ A simbologia do véu intacto era frequente em alguns relatos biográficos, conforme aponta Zulmira SANTOS: "il velo intatto, molti anni dopo la morte della religiosa di cui narra, lo interpreta come una specie di segno divino", in "Immagini del velo religioso nella letteratura spirituale dell'Età Moderna in Portogallo", (in *Il velo in area mediterranea fra storia e simbolo - Tarde Medioevo-primà Età Moderna*, a cura di Maria Giuseppina MUZZARELLI, Maria Grazia Nico OTTAVIANI, Gabriella ZARRI, il Mulino, 2014, p. 271.).

fasemos aos que estão canonisados pella igreja sê nenhũa cahir nisso se não ao ponto que se leo faleceo a oito de outubro ã o qual caindo todas ã que fora permissão devina rõperão ã lagrimas de ver que ã tudo Deus quer darnos mostras de sua vertude e que a conhessamos por hũ prodigio della⁶⁴⁵.

Esta passagem significativa, cuja intencionalidade é a de relatar o milagre de Soror Inês, fornece dados fundamentais que comprovam a composição simultaneamente individual e coletiva destas memórias. Esta autoria coletiva advém do facto de a Abadessa propor a leitura do livro de Soror Antónia à comunidade, para que esta possa contribuir com informações ou eventuais correções, antes de "tirar o livro do borrão". Todas são chamadas, assim, a participar na construção do perfil identitário do convento.

9 - Madre Soror Antónia de Jesus

Segue-se o relato sobre a vida da Madre Soror Antónia de Jesus. Foi natural de Vila Viçosa e filha de pais nobres. Foi um raro exemplo de virtude, grande abstinente, acrescentando jejuns voluntários aos impostos pela Igreja. Era contínua na oração fazendo do coro a sua cela. Não usava camisa, trazia dois cilícios (um à cintura e outro na garganta) dormia sobre uma cortiça. Sofreu várias tentações do demónio de entre as quais transcrevemos uma delas relatada por Soror Antónia Baptista, elucidativa da tensão psicológica e sofrimento interior vividos por algumas religiosas:

Estando ha prima noite ã o coro como costumava ã oração e as escuras, lhe fiserão hũ tiro de longe ao que a ella lhe pareceo cõ hũ breviario, a certou hũa servidora de estar a porta resando ouvio o golpe equeixarse ella pergõtoulhe que tinha respõdeo, valhame Deus tão grande desacato que atirão cõ hũ breviario e derãome em hũ brasso que me esta doendo fechou aservidora aporta do coro por fora porque a culpada senão pudesse ir e foi buscar hũa lux, vindo cõ ella não achou pessoa alguma⁶⁴⁶.

Refere Soror Antónia Baptista que as moléstias do demónio só serviam para desviar aquela alma virtuosa da "consolassão" que sentia nas orações. Estas tentações tinham repercussões físicas verdadeiramente violentas. Ressaltando outro episódio, a autora revela que Soror Antónia de Jesus tinha sofrido uma queda abrupta, após ter sido erguida no ar e largada de uma altura considerável, sofrendo as consequências físicas e psicológicas inerentes a tal ato. Não obstante, por ser muito branda e modesta,

⁶⁴⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fls. 19 r./v.

⁶⁴⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 21 r.

suportava estas provações e visões por amor a Deus, evitando comentá-las com as companheiras, o que na verdade não podia ocultar. A autora enfatiza o respeito das companheiras para com Soror Antónia de Jesus, o que ajuda a atestar da veracidade das ocorrências com esta freira. Não se tratava de alguém cujas faculdades mentais se encontravam abaladas, pelo contrário, todas as situações vividas por Soror Antónia de Jesus e a forma como a religiosa as enfrentava contribuía para o reconhecimento público de alguém que terá sido eleito por Deus para padecer tais tribulações e só conseguir ultrapassá-las por graça divina.

A certa altura da exposição, Soror Antónia Baptista interpela o leitor, por via de uma coloquialidade inédita e inesperada, para o alertar sobre os perigos desta vida que não são mais do que uma oportunidade para emendar "hũa depravada vida". Deus escolheu Soror Antónia de Jesus, "um fraco instrumento" para através dela demonstrar que a singeleza da virtude supera as tribulações dos sentidos:

Julgue agora o lector cõ que puresa veviria esta alma aque Deus fes merce de mostrar aquella ultima conta tão temida dos bõs quão esquessida dos maos, se so considerada de quẽ a sabe ponderar basta para se emmẽdar hũa depravada vida que faria a experiensia ã esta serva de Deus cõ que sancto themor andaria sẽpre, que vigilansia puria em aguarda de seus sentidos, cõ que deligensia cõpriria o que lhe avia prometido, cõ que limpesa de consiensia o serviria⁶⁴⁷.

Era muito humilde, obediente, pobre e penitente (chegando a usar seis cilícios, apercebidos aquando da sua morte). Saiu do convento da Esperança para, a pedido de D. Catarina, reformar o Convento de Santa Clara de Bragança onde exerceu a função de vigária, na companhia de Soror Maria das Chagas, que foi consigo como abadessa e Soror Catarina do Espírito Santo, que desempenhou a função de porteira. Segundo a autora, a abadessa não poderia ter escolhido melhores representantes do Convento da Esperança, porque todas "erão verdadeiras imitadoras de nossa madre santa clara". Tarefa que não se revelou ligeira pela dificuldade que sentiram em impor a disciplina espiritual e elevação moral "donde a relaxassão era tanta que he ovição como a ma erva que quanto mais crecida pior se aranca"⁶⁴⁸. Mas a tenacidade e obstinação espirituais destas religiosas diluíram os maus costumes contra a observância da *Regra* das freiras de Bragança. Soror Antónia de Jesus era extremamente zelosa com a religião o que a levou a delatar um pequeno desvio de comportamento da sua irmã à abadessa, que a

⁶⁴⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 22 v.

⁶⁴⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 23 v.

puniu pela falta que (segundo a voz condescendente da nossa autora) terá tido uma repreensão excessiva, "lhes pediu a castigação fello assim a perlada e a nosso ver cõ demasiado rigor por não ser o caso de tanta inportansia como aos puros olhos da madre soror antonia parecia"⁶⁴⁹. Era, no entanto, muito caritativa e esmoler. Faleceu a três de janeiro de 1605, com vida exemplar.

10 - Madre Soror Joana do Espírito Santo

À Madre Soror Joana do Espírito Santo, Soror Antónia dedica também um relato extenso. Foi natural de Vila Viçosa, filha de pais "nobelissimos", tomando o hábito aos trinta e três anos, no Convento da Esperança, por opção própria. Antes havia estado ao serviço da casa real de Bragança onde conhecera a superficialidade da vida da corte, até que "tirou o devino amor hũa setta a seu coração e omudou de sorte que trocou as tellas por hũ pobre abitto de sancta clara e a liberdade e regalos de palácio por a regular observansia deste convento da speransa"⁶⁵⁰. Embora a família tivesse outras intenções para o seu futuro, desde o dia em que professou nunca mais tirou o hábito, nem de dia, nem de noite, nem doente, nem sã. Desenganada por um médico que a informou sobre o grave problema que tinha, encontrou refúgio e salvação nas orações ao Santíssimo Sacramento, simulando uma hóstia com um papelinho que molhava e erguia no ar para ser tocado pelo Santíssimo, após o que colocava o papelinho sobre o peito, onde tinha o "cangro" e assim ficou curada. Era frequente na oração mental e vocal e devota da Paixão de Cristo, de quem tentava imitar as duras disciplinas. Celebrava com grande alegria o nascimento de Jesus, com cânticos e danças que chegavam a surpreender as mais novas. Foi extremamente caritativa com todas, sendo o refúgio das enfermas. Por ter sido enfermeira, socorria a todas, mesmo tendo já uma idade avançada. Ajudava muitas religiosas nas últimas horas das suas vidas, embora tivesse havido um caso de uma religiosa que a repudiou por achar que ela trazia mau agouro. Consciente deste receio da enferma, Soror Joana pediu ajuda a umas freiras mais novas para encenarem uma animação para distração da doente. A descrição do episódio é feita com tal minúcia, entusiasmo e ternura, que o convite para assistir parece extensivo ao leitor:

Foi logo buscar hũas freirinhas mossas e pediulhe que por amor della avião de hir faser hũa danza aquella emferma para a alegrar que estava muito triste, fes cõ ellas se disfarssaçe como ella lhe ensinou sem pedirẽ vestidos la fora e tudo consertado por ella que ate quẽ tangesse a

⁶⁴⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 24 v.

⁶⁵⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 26 v.

viola buscou echamou todas as religiosas para que cõ sua presensa fisessê a festa mais alegre, ou para serê testemunhas de sua vertude e das maravilhas de Deus, mãdou as da dansa levassê ramos verdes nas mãos que ella tão bẽ buscou ella tomou tão bem seu ramo e sobrassou a sua mâtelhinha e entrou guiando a dansa cõ grãde ar e galhardia que ainda ã aquella idade tinha, e acabou de juelhos diante da cama da ãferma cõ hũa pratica ã que lhe diçe que aquelle ramo verde lhe offerecia ã sinal da victoria do mal e esperansa de muitos bẽs chamãdolhe minha menina minha linda minha fermosa meu amor que so voça saude desejo equero⁶⁵¹.

Desta representação resultaram as lágrimas da acamada que abraçou Soror Joana muito agradecida.

Soror Joana foi muito pobre, chegando a dar o seu hábito a quem precisava, "verdadeira imitadora por serto de nosso seraphico padre são francisco"⁶⁵². Para não se desviar das suas obrigações, entregou uma sobrinha sua ao cuidado de outra religiosa. Em tudo "representava o spirito de nossa madre santa clara e era seu vivo retrato"⁶⁵³. Quando a sobrinha professou, chegou a repudiar os presentes que lhe haviam oferecido (como era costume fazer-se), dizendo: "não me dem nada a minha sobrinha não ma ensinê ater e ser proprietaria", por receio que a matéria corrempeesse o espírito. Aproximando-se o seu fim, deram-lhe a Extrema Unção, no dia trinta de dezembro, que recebeu com grande alegria e devoção, pedindo às presentes que a parabenizassem por ser o seu dia de festa e alegria. Conversou com a Madre Maria das Chagas com quem partilhou experiências espirituais, dizendo-lhe que havia pedido a Cristo que lhe desse as dores da Paixão e que tinha sido atendida. No dia seguinte, Soror Antónia regista o que presenciou: "acudiu a comunidade toda a ajudalla cõ officio da agonia virão todas evi eu que escrevo histo, cõ meus olhos⁶⁵⁴ tendo os ella ja fechados rirsse cõ hũ agrado como quẽ festeja alguẽ que lhe entra ã o aposento"⁶⁵⁵. Faleceu com noventa anos, a uma sexta feira, ao meio dia, o que não poderia ser mais prodigioso.

Soror Joana tinha um retábulo representando Cristo a ser vergastado por dois verdugos. Como não gostava do que via, raspou os dois algozes e assim venerava unicamente a Cristo. Prometeu a Soror Margarida da Coluna que lho ofereceria após a sua morte,

⁶⁵¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 30 v.

⁶⁵² *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 32 v.

⁶⁵³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 33 v.

⁶⁵⁴ Esta é uma estratégia de veridicidade do relatado de bastante intensidade, que traz à memória o "vi claramente visto o lume vivo" de Camões em *Os Lusíadas*. A aliteração do fonema [v] atesta um recurso de expressividade (virão, vi, escrevo).

⁶⁵⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 36 r.

embora aquela religiosa o tivesse esquecido. A peça que havia sido guardada numa gaveta fechada com chave, pela religiosa que tinha cuidado dela, apareceu debaixo do travesseiro de Soror Margarida da Coluna, sem que nenhuma das duas o pudesse explicar, "ãbas erão de consiensiã e verdade e hũa que oje vive assim o conta tudo seja para gloria de Deus amen"⁶⁵⁶.

11 - Madre Soror Catarina de Jesus

O capítulo treze é dedicado à Madre Soror Catarina de Jesus que, sendo de Elvas, de família nobre, professou em 1569 no Convento da Esperança. Foi muito virtuosa, humilde, pobre, abstinente e guardou de forma exemplar o voto do silêncio, de tal forma que lhe chamavam o "asorrague do cilensio", porque as abadessas se serviam do seu exemplo para ameaçar as mais jovens. Não falava sequer com duas sobrinhas suas que tinha no convento. Sofria de febres constantes, o que não a impedia das orações comunitárias "com grande pontualidade"⁶⁵⁷. Era muito obediente aos prelados e passava muitas horas em oração mental, lendo livros espirituais dos quais tirava grande proveito. Foi devota da Paixão de Cristo e, por essa razão, muitas vezes a encontravam na cela na posição da cruz. Tendo a função de depositária, acontecia ocasionalmente ser interrompida nas orações quando alguma irmã lhe ia pedir dinheiro, o que a deixava agastada e, por essa razão, confessou à abadessa que iria pedir ao prelado que a retirasse dessa função, explicando-lhe na sua forma "tosca e de pouca poleçia"⁶⁵⁸ o que se segue e que Soror Antónia transcreve como a religiosa o proferiu:

Oulhe ca ãtroume nosso senhor por a porta dessa çela cõ a crus as costas e tornou-se a sahir voume eu apos elle e tendo andado parte do durmitorio eis que a alãpada delle chegame hũa apedir dinheiro embaraçome eu de modo que o perdi de vista venholho dar enão sei para donde foi pareceome amim que me levava ao choro mas quando fui ja onã achei"⁶⁵⁹.

Foi caritativa e modesta na apresentação. Gratificava as que professavam. Era grande devota de S. João Evangelista⁶⁶⁰. Sofreu tentações e perseguições do demónio. Foi ainda

⁶⁵⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 37 v.

⁶⁵⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 38 v.

⁶⁵⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 39 r.

⁶⁵⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 39 v.

⁶⁶⁰ Curiosamente, a Madre Catarina de Jesus era das poucas religiosas a eleger S. João Evangelista como o santo da sua devoção; grande parte das suas companheiras escolhiam S. João Baptista (como já foi referido). O que demonstra a polaridade que dividia as devoções monásticas nos séculos XVII e XVIII.

muito paciente, tal como Santa Clara (compara a autora), pois padeceu quinze anos de quartanária. Teve uma morte rápida como havia pedido a Deus.

12 - Madre Filipa da Conceição

A Madre Filipa da Conceição foi natural de Vila Viçosa e provinha de uma família nobre e muito religiosa. Tomou o hábito em 1598, sem completar quinze anos. Foi humilde e branda, mostrando grandes virtudes logo nos primeiros tempos da sua entrada no convento. Sabendo do roubo do Santíssimo Sacramento ocorrido na cidade do Porto⁶⁶¹, em 1614, ficou tão pesarosa de tal ato, que resolveu emendar a sua vida (já de si virtuosa). Tornou-se duramente penitente e abstinente, praticando jejuns ordinários e fazendo vigílias. Tinha por hábito a oração mental, dedicando-lhe duas horas, todas as manhãs. Socorria-se de livros, cujas leituras não eram orientadas, pois não tinha mestre para o fazer, pelo que diz a narradora que há livros "que as veses perturbão mais⁶⁶² do que ensinão aos princiapiantes"⁶⁶³. As duras penitências a que se sujeitou perturbaram-na mentalmente, passando a sofrer de delírios e achaques. Foi devota do Santíssimo Sacramento e graças a esta religiosa se organizavam no convento as grandes festas em sua honra, que ainda no tempo da autora se mantinham. Encarregava-se de cantar vilancetes e arranjar músicas para acompanhar, preparava a igreja, vestia as imagens e por essa razão lhe chamavam "a aia de nossa senhora"⁶⁶⁴. Era muito apreciadora da leitura e normalmente era vista com um livro que prudentemente sabia *colher*:

Tinha hũ livro manu escrito de muitas orações jaculatorias e devottas, que ella como prudente abelha escolheo de outros ãpressos, as que cõ sua duçura lhe levãtavão mais o espirito ecausavão mor devassão, cõ este livro averiã sempre ã amão por que para todas as oras e ocasiões tinha orações, e pello continuo exercissio ja as sabia de memoria⁶⁶⁵.

Soror Antónia Baptista serve-se de uma expressiva metáfora para mostrar o amadurecimento espiritual de Soror Filipa da Conceição que lhe permitiu ser cautelosa

⁶⁶¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 39 v.

⁶⁶² Esta observação da autora sobre a falta de orientação das leituras (Madre Filipa da Conceição não tinha aconselhamento nas leituras) deixa entrever a opinião de Soror Antónia sobre as consequências advindas da oração mental que, não podendo ser vigiada, pode tornar-se perigosa. O exemplo da Madre Filipa da Conceição ilustra bem o que acabámos de expor: "não tinha mestre qua a guiasse, e so se ajudava de livros que as veses perturbão mais do que ensinão aos princiapiantes e so de penitensias que a ãefraquessiã se valia veio a dar ã hũs delirios e falta de juiso que lhe durou hũ anno e de que lhe ficarão sempre muitas ãfermidades", (in *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 42 v.).

⁶⁶³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 42 v.

⁶⁶⁴ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 44 v.

⁶⁶⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 44 v.

na escolha das suas leituras, tirando daí maior proveito: agia como a *prudente* abelha que procura a flor que tem o mel mais doce e assim cumpre com eficácia a sua laboriosa tarefa.

Foi cumpridora zelosa da *Regra* e do silêncio. A autora sugere que Soror Filipa deveria ter tido algures uma visão do Menino Jesus nos seus primeiros anos, pois estando um dia a conversar entre várias companheiras, incluindo Soror Antónia Baptista, perguntou-lhes como imaginariam o Menino Jesus com doze anos. As religiosas deram a sua opinião, que em nada coincidia com a descrição que Soror Filipa fazia, pois esta atalhava às descrições, repetindo que não era como elas imaginavam, ao que Soror Antónia Baptista terá retorquido "muitas vezes não era assim não era assim diçelhe eu que pois lhe não cõtentava diçece ella representou o cõ tanta belesa ecõ tal espirito e alegria que sêpre tive para mim o avia visto mas não me atrevi apergũtarlho nẽ ella mo avia de comunicar"⁶⁶⁶. Na hora da morte pediu perdão a todas e entregou-se a Deus, em 1630. Relata Soror Antónia que o seu rosto se manteve formoso e que a cera utilizada para o velório chegou e sobejou, como acontecia em mortes excepcionais.

13 - Madre Soror Paula de S. Jerónimo

A Madre Soror Paula de S. Jerónimo era natural de Lisboa, de origens nobres. O seu pai, aquando de uma visita a Vila Viçosa, ao serviço da casa real de Bragança, tomou conhecimento da existência do Convento da Esperança e, como ficou bem impressionado, decidiu aí fazer entrar as suas duas filhas. Ambas tomaram o hábito em 1573. Soror Paula foi humilde, obediente aos prelados, penitente, dormindo poucas horas e abstinente, pois comia unicamente o suficiente para o seu sustento. Nas Quaresmas e Adventos fazia jejuns constantes "sem comer peixe nẽ ovos mas legumes sos" - fazia o jejum de S. Tiago que consistia em não comer de Quinta feira Santa até Domingo de Páscoa. Devota da Paixão de Cristo, costumava alumiar uma capela, que está na igreja, que tem o crucifixo, e sempre que ouvia ler cenas da Paixão chorava copiosamente, porque tinha "dõ de lagrimas"⁶⁶⁷. Era igualmente devota de Nossa Senhora de quem tinha uma pintura "mui linda a que amava êtranhavelmente"⁶⁶⁸. Desde o momento em que perdeu a irmã, de quem era muito próxima, não se relacionou com mais nenhum familiar, nem com uma irmã freira que estava em Lisboa, na Anunciada.

⁶⁶⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 45 r.

⁶⁶⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 47 v.

⁶⁶⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 47 v.

Estando uma vez na iminência de ser escolhida para prelada, perdeu a eleição por poucos votos. No triênio seguinte foi eleita e, por brio, poderia não ter aceitado, mas, para se humilhar, desempenhou o cargo. Mandou abrir um poço no claustro para suprir a falta de água no convento, não se furtando a trabalhos e muitas lágrimas. Sofreu muitas tentações e perseguições do demónio durante trinta anos, sem nunca demonstrar temor, pois "a criou a devina providencia sê nenhũ themor femenil dandolhe hũ animo invensível e tão alentado coração que nada a asõbrava nẽ fasia desmaiar"⁶⁶⁹. Atendendo, uma vez mais, ao interesse e força do relato, assente numa carga dramática que transparece por força de contornos estilísticos hiperbólicos e comparativos, transcreve-se o retrato que Soror Antónia traça do ardiloso "pai da mentira":

Entroulhe o malditto hũ dia pella cella e sentousse sobre hũa arca cõ tal estrôdo egolpe que pereçia que a casa cahia e pos se a chorar efaser grande pranto como carpideira dicelhe ella que emvensões são estas cõ que vens que me queres diser nisso, acaba ja que e isso que tenho, respõdeolhe morreo tua irmã freira na anũpsiada de Lisboa⁶⁷⁰.

Após uma das perseguições mais violentas que levou Soror Paula a entrar num longo período de latência, em que chegou a receber os sacramentos por se pensar que morreria, a religiosa abriu os olhos para uma companheira que estava junto à sua cama e agradeceu a Deus o amparo a "hũ bechinho da terra, hũa tão grande peccadora"⁶⁷¹. Faleceu "com muita idade", em 1634.

14 - Madre Soror Isabel da Visitação

A Madre Soror Isabel da Visitação foi natural da cidade de Lisboa e a sua entrada no convento mudou radicalmente a sua vida. Se antes era ativa e "mui coriosa em vestir e tocar" rapidamente se arrependeu e passou a ser humilhada por todas, para se mortificar. Lia livros espirituais e rezava muito para dar consolo à sua alma. Foi caritativa, amiga dos pobres e grande música⁶⁷², embora não pudesse ter demonstrado os seus dotes musicais por "anteporẽ a ella outras mais modernas"⁶⁷³. Na hora da morte,

⁶⁶⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 49 v.

⁶⁷⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 51 r.

⁶⁷¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 52 v.

⁶⁷² A música era um complemento essencial das celebrações e rituais religiosos, demonstrando a existência de alguma consistência cultural no mosteiro. Conta Soror Antónia que "he custume deste convento ã dia de anno bõ a meia noite levar a sanchristã mor hũa imagẽ do menino Jesus as religiosas pellas çelas que estão em seus leitos e cõ elle vão as musicas cantando psalmos em seu louvor" (in *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 16 v.

⁶⁷³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 56 r.

solicitou ajuda para vestir o hábito, pôs o véu, recebeu os santos sacramentos e pediu a uma religiosa que lhe lesse as cinco partes do livro do *Crus Christi*. Faleceu em 1623, no dia da Visitação de Nossa Senhora, que celebrou toda a vida por ter o nome da prima que a Mãe de Deus visitou.

15 - Breve recopilação da vida e morte de Soror Catarina do Salvador

Terminada a exposição da vida de Soror Isabel da Visitação, Soror Antónia Baptista delega nas mãos de outrem a *Breve Recopilação da vida e morte de Soror Catarina do Salvador*. A autora não se coíbe de relegar por momentos a sua autoria para segundo plano, para incluir no seu texto este traslado, dado que a sua preocupação em registar as memórias do convento da Esperança se sobrepunha a qualquer brio pessoal. Esta inclusão na sua obra de um texto redigido por outras mãos reforça a noção de historiografia coletiva que propusemos atrás, porque a autora partilha com outros a tarefa de coligir estas memórias. Assim sendo, a vida e morte de Soror Catarina sobre a qual nos debruçaremos a partir deste momento tem por base esse documento escrito por autor anónimo, que a autora incorpora no seu texto⁶⁷⁴.

A introdução ao texto remete para as Escrituras, através das quais o autor evoca os "prémios" da virtude na perpetuação da memória dos justos. A função da Igreja ao consagrar santos e beatos, por via da canonização e beatificação, visa manter essa lembrança para que esses modelos sejam imitados, com vista ao prémio eterno. O tema da imortalização dos justos serve para introduzir o modelo de vida exemplar de Soror Catarina do Salvador. Pese embora o facto de não ter chegado ao reconhecimento oficial da Igreja, o autor defende que a sua vida merecia ser lembrada pelas virtudes heróicas que demonstrou.

Em jeito de protestação, o autor revela que o relato que apresentará terá por base várias fontes escritas e orais: informações fornecidas pela mãe de Soror Catarina e de uma religiosa que a acompanhou no convento; cartas escritas por religiosas dirigidas à mãe de Soror Catarina, aquando da morte da filha; testemunhos de confesores e textos escritos pela mão da própria religiosa, antes de falecer. Na suposição de virem tais documentos a ser necessários no futuro, garante o autor que "todos estes papeis, de que

⁶⁷⁴ Como explicitaremos mais à frente, aquando do estabelecimento do texto, encontrando-se o texto que Soror Antónia inclui na sua obra em muito mau estado, houve necessidade, em algumas partes, de nos socorrermos de uma cópia manuscrita do mesmo, localizada na Academia das Ciências de Lisboa.

tirei quanto aqui vai ficção na mão de seu pai della, pera que se algũa hora for necessário confrontaremse as cousas se saiba a onde estão os originaes"⁶⁷⁵.

Soror Catarina do Salvador teve uma educação privilegiada na fé cristã, tendo sido instruída na leitura e na escrita, em casa dos pais. O seu comportamento era de tal forma exemplar, que um fidalgo de Vila Viçosa, quando as duas filhas do casal entraram no convento, comentou: "as filhas d'Antonio Rodrigues, e de Dona Francisca saem agora do mosteiro para o mundo; as nossas saem do mundo para o mosteiro, quando para elle as mandamos"⁶⁷⁶.

Muito mais nova ainda, começou a dar sinais de grande devoção e espiritualidade, fazendo orações frequentes num local isolado, acrescidas de muitas penitências (cilícios, sedas e jejuns) e lendo livros espirituais, parecendo que "Deus a criava mais que os pais"⁶⁷⁷. Quando o pai tratou de enviar as duas filhas para um convento, arguiu Catarina que teria de ser da Ordem de Santa Clara. Segundo o anónimo autor, "pareçe que a bemaventurada S. Clara queria esta filha por ver nella em tam tenra idade já principios de hũa grande serva de Deus, e imitadora sua"⁶⁷⁸. Foi com enorme satisfação que recebeu a notícia da entrada no convento, ao contrário de sua mãe, para quem era penoso separar-se das filhas. A doze de janeiro de 1613 entrou no Convento da Esperança. Saiu de casa muito alegre, dizendo o salmo 15, *propter hoc laetatum est cor meum, et exultavit lingua mea, insuper et caro mea requiescet in spé* (que refere o júbilo do coração, da alma e o repouso do corpo em segurança). Ao entrar no mosteiro disse outro salmo, *haec requies mea in seculum seculi, hic habitabo, quoniam elegi eam* (Sl 131, 14) - (que se refere à escolha do local definitivo de morada). Já no convento, esteve em oração diante do Santíssimo Sacramento, dando a entender a quem a via, pela compostura, respeito e seriedade, que deveria ser santa. Onze dias após a entrada no mosteiro adoeceu e nunca deixou de estar doente enquanto viveu durante os oito anos de clausura, interpretando o autor que quis Deus "tomar esta serva sua como outro Job pera exemplo daquellas religiosas na paciencia, e sofrimento, como abaixo diremos, quando de sua paciencia falarmos"⁶⁷⁹. Dormia como as outras religiosas, de hábito vestido, com o véu e a corda cingida. Na conversação era muito bem educada e verdadeira. Segundo

⁶⁷⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 58.r.

⁶⁷⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 58 r.

⁶⁷⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 58 v.

⁶⁷⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 61 r.

⁶⁷⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 63 r.

o autor "era muito molher, nem sofria em materias spirituais beatices, e ninherias"⁶⁸⁰, muito pelo contrário, era discreta e recatada, não ia muito à janela ou ao jardim. Respeitou escrupulosamente o silêncio, não falando no refeitório, no coro, nem no dormitório. Sentindo-se um pouco melhor das doenças de que padecia, quis tornar-se noviça novamente, por achar que o ano de noviciado, em verdade, não se havia concretizado, por ter estado sempre doente. Passava pouco tempo com as amigas e a irmã na cela. Durante o tempo que lhe sobrava das comunidades, lia a *Regra* ou algum livro espiritual ou escrevia orações. Mestra e noviça tinham por hábito ler em voz alta a vida de Santa Teresa à Madre Maria das Chagas, que na altura já não via. Trocou correspondência com duas freiras capuchas, uma da Madre de Deus de Lisboa, outra do Mosteiro de Faro no Algarve e nas Chagas com Soror Isabel da Conceição. Contudo, o seu trato principal era com o Menino Jesus que estava no coro, que a própria tinha levado de casa dos pais:

Aquê amava fervorosamente; a este tinha tomado por devoto seu e com elle tratava e comonicava, visitandoo frequentemente; tinha cõ elle seus doços colloquios, suas amorosas saudades, nelle achava os alivios de todas suas enfermidades e da sua graciosa vista sahia tão satisfeita e contente que hũ dia vindo do Coro cõ grande pressa e alegria, escreveo com letras grandes e mui fermosas estas palavras, Bello e fermoso retrato de hũ original eterno, e o meteo no seu breviario⁶⁸¹.

De facto, certo dia, como se tivesse tido uma revelação, Soror Catarina, saiu à pressa do coro para não esquecer as palavras que lhe surgiram naturalmente quando contemplava a imagem do Menino Jesus: "Bello e fermoso retrato de hũ original eterno". A expressão é simbólica e ao mesmo tempo clara e objetiva: o amor de Deus é eterno e a sua beleza ultrapassa a do retrato, embora seja por ele chamada a representar-se.

Desde cedo que Soror Catarina pressentia que morreria nova e que a morte se aproximava. Por essa razão, começou a pensar na sua salvação, pedindo para fazer uma confissão geral.

O autor serve-se, neste particular, de outra carta que a Mestra de noviças escreveu à mãe de Soror Catarina, na qual lhe relatava como haviam decorrido os últimos dias de sua filha, para representar o clima espiritual e a elevação com que tudo se passou, sem que a

⁶⁸⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 65 v.

⁶⁸¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 69 v.

família de sangue ficasse esquecida, para dar fidelidade ao que narra: as preocupações com a mãe, a despedida da irmã, da Mestra e das amigas, o pedido da Santa Unção. Na noite antes de falecer, pediu que lhe rezassem o ofício da agonia, "que lhe fossem chamar as freiras, que lhe lessem, e rezassem pello livro devotissimo, que para aquella hora temos, e nós as amigas, e irmã sua que anão deixassemos e lhe tivessesmos perto acandea"⁶⁸². Estava plenamente consciente.

De alguma forma o autor retoma o assunto com que iniciou este relato: a morte dos justos é a recompensa do que padeceram na vida e serve de aviso aos que ficam para que a aproveitem de forma a que a morte não pareça temerosa. Soror Catarina faleceu numa quinta feira, quatro de março de 1621, com vinte e três anos. O seu rosto ficou muito formoso, o que levou muitas religiosas a abraçarem-se a ela. Todo o convento se ressentiu daquela perda irreparável, tendo para isso a comunidade procedido a práticas que não havia feito por mais nenhuma religiosa: "tomarão duas disciplinas por ella, e no ponto em que a madre abbadessa dezia o verso para as orações *ora pro ea sancta dei genetrix*, aquelle coro se derrocava da forsa dos açoutes: tãbẽ lhe disse hũ trintauro"⁶⁸³ de missas e individualmente dirigiam-se ao Santíssimo Sacramento para lhe pedir que por intercessão dela alcançassem certas pretensões. Após a sua morte, houve relatos de duas visões de duas religiosas que asseguraram que a tinham visto. Tais visões, juntamente com as premonições e predestinações, servem para dar força à transcendência de Soror Catarina. É intenção do autor, como o próprio afirma no início da biografia, dar conta do "bom procedimento" desta religiosa, para que se reconheçam sinais de santidade que deveriam materializar-se na abertura de um processo de canonização, pois, por várias vezes, em diferentes momentos, por diversas pessoas, Soror Catarina foi designada de "santa".

No segundo livro desta recopilação o autor apresenta uma análise mais teórica sobre tudo o que havia sido dito na primeira parte. Recupera-se cada passagem, cada singularidade do comportamento da biografada para refletir sobre esses factos e tentar explicá-los à luz da teoria da espiritualidade e da doutrina religiosa, recorrendo-se amiúde a citações dos Doutores da Igreja e de santos para sustentar as ilações.

⁶⁸² *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 78 r.

⁶⁸³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 80 r.

O autor ressalta o amor de Soror Catarina para com Deus e o sofrimento que tal ato implicava, pois, tal como Deus amou os homens e sofreu por eles, "o verdadeiro amor, não tẽ mayor prova que opadeçer"⁶⁸⁴. Quando era viva lia com frequência e retirava anotações para se lembrar do que era essencial. Coseu as seguintes palavras, escritas por ela própria nas mangas interiores do hábito, para nunca se esquecer e ninguém as ver: "não mentirei, não jurarei, não praguejarei"⁶⁸⁵. Após a sua morte, as religiosas encontraram esse papelinho que o autor declara ter chegado a ter em mãos. Soror Catarina foi extremamente caritativa, pois, se amar a Deus é amar ao próximo, ela amava muito as companheiras, a quem tentava ajudar e servir sempre que lhe era possível. Este texto contém um episódio sobre uma leiga que padecia de uma doença "asquerosa e penosa", que afastava as suas companheiras pelo receio do contágio. Soror Catarina ajudava-a, dava-lhe de comer, "avanandolhe as moscas"⁶⁸⁶ e até comia do prato dela para a confortar. Percebendo que o fim desta leiga estava próximo, preparou-se para a ajudar a bem morrer, dissimulando as leituras da hora da morte, para que a enferma não se apercesse desse facto. Pelo interesse da passagem, transcrevemo-la quase integralmente:

Por que estava desanimada com cuidar que podia morrer; disselhe Soror Catherina se queria ouvir algũa lição das canonicas da ordem para seu desenfadamento, que ella lhe leria; respondeo a doente que sy, toma soror catherina as canonicas, e secretamente na manga leva metido hũ livrinho que no convento há, que trata do aparelho para bẽ morrer, e quando hia lendo na canonica, sutilmente tirava olivrinho, e o punha em cima, e lá ageitava a leitura de tal sorte que hia encadeando cõ ella a lição daquelle livrinho, sem que a doente entendesse a traça, nẽ desse fé do livrinho. E cõ isto foi dispondo, e aparelhando aquella alma para bẽ morrer, como morreo cõ edificação do mosteiro⁶⁸⁷.

O autor serve-se da metáfora da "abelha que colhe o melhor das suas flores"⁶⁸⁸ (a mesma utilizada por Soror Antónia Baptista quando define o perfil de leitora de Soror Filipa da Conceição), para ilustrar que Soror Catarina tirava o melhor proveito das leituras de livros espirituais.

Pelo Natal tinha por hábito dar de comer a três pobres, uma mulher, um menino e um velho, em representação de Nossa Senhora, do Menino Jesus e de S. José. Foi contínua na oração vocal e mental, pois (segundo o autor) estava habituada a falar com Deus.

⁶⁸⁴ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 81 r.

⁶⁸⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 82 r.

⁶⁸⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 83 r.

⁶⁸⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 83 v.

⁶⁸⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 87 r.

Seguia as meditações e orações propostas pelos Padres Frei Estevão da Purificação e Frei Luís de Granada e outros livros espirituais, bem como as do seu breviário. Uma das orações diz:

he que tenho hua só alma me lembrar,
e que hũa só vez hei de morrer,
e tenho hũa só vida que perder,
e hũa gloria só pera gozar⁶⁸⁹.

O autor tenta explicar os versos, sublinhando a intenção da composição em detrimento da perícia poética: "como nestas trovas se ve, em que mais appareço affeito de quẽ ama do que poesia de quẽ compoem"⁶⁹⁰. Numa altura de sofrimento, tentaram dar-lhe um livro de "desenfadamento" para se distrair, mas estas leituras só serviam para impedir as leituras das suas devoções. Assim, "fez voto de não ler mais livro que parecesse profano, e o cumprio muito á risca"⁶⁹¹.

As orações eram permanentes, de dia e de noite. Quando não conseguia dormir em consequência das dores que sentia, "dizia cada dia vinte e quatro *ave marias* desde a encarnação ate o natal, e chamavalhe as suas palhinhas; por que cõ mais mil que á vespora do nascimento rezava, as levava por palhinhas ao minino jesu, para naçer nellas"⁶⁹². Foi muito devota de S. João Baptista como tantas companheiras suas do mesmo convento. Na pobreza foi igualmente exemplar, não possuindo nada. Quando a Mestra de noviças lhe deu um "escritorio" para guardar os instrumentos das penitências e os papéis das confissões, obrigou-a a fechar o móvel e a guardar a chave, o que lhe desagradou, por significar ser "proprietária" de algo.

O último capítulo desta ponderação do autor da recopilação é dedicado às provas de santidade demonstradas por Soror Catarina. Para legitimar esta parte nodal da biografia desta religiosa, o autor apresenta excertos de vários documentos que atestam as virtudes e obras de Soror Catarina. O primeiro documento pertence a um dos seus Padres confesores "hũ religioso grave e bẽ spiritual"⁶⁹³, portanto totalmente credível, que escrevera uma carta a uma amiga de Soror Catarina, referindo-se a esta religiosa como sendo um anjo ou uma santa e declara-se venturoso por ter privado com quem ele

⁶⁸⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 87 r.

⁶⁹⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 87 v.

⁶⁹¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 90 v.

⁶⁹² *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 90 r.

⁶⁹³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 103 v.

acreditava estar a gozar as glórias dos justos. Pede-lhe no fim, para sua consolação espiritual, que a religiosa lhe ofereça uma peça ou um objeto que tivesse pertencido a Soror Catarina, uma vez que não havia sido contemplado com nenhuma das suas relíquias. Os outros excertos dizem respeito a cartas que várias religiosas da Esperança enviaram aos pais de Soror Catarina a dar-lhes conhecimento dos momentos da morte da filha, da sua exemplaridade "como outra santa clara"⁶⁹⁴ que tão bem soube respeitar a *Regra* e padecer como a Santa fundadora. O último confessor declarou que a morte de Soror Catarina era "digna de se lhe fazer hũ processo" e que estava a considerar o assunto. A biografia termina com a referência à realização de um milagre de Soror Catarina em benefício da saúde de sua mãe.

É assinalável o despreziosismo de Soror Antónia Baptista em incluir na sua obra um texto, consideravelmente longo, de um outro autor. Poderíamos, mais uma vez tecer várias conjeturas que pudessem explicar este facto, mas certamente que a mais provável é que Soror Antónia terá tido conhecimento da existência deste documento, que data de 1621, ano da morte de Soror Catarina, tendo achando que seria merecedor de o integrar no seu texto, quer pelo conteúdo, quer pela justiça que faz à memória da biografada da Esperança, quer pela legitimidade do relato. Nesse aspeto, a sua forma de fazer história não é muito diferente da de um Jorge Cardoso, por exemplo. No entanto, apesar de não interferir no manuscrito, de autoria masculina, que incorpora integralmente na sua obra, Soror Antónia acrescenta da sua lavra uma "noticia" sobre as cerimónias fúnebres de Soror Catarina, pois considera que aquela informação deveria ter faltado ao autor da recopilação. Assim sendo, a última palavra deste traslado cabe à autora Antónia Baptista.

A informação de Soror Antónia Baptista é a seguinte: na hora da morte de Soror Catarina, as religiosas pensaram alterar o funcionamento habitual das orações canónicas da comunidade, ao que a moribunda se opôs, por pressentir que tal perturbação não ocorreria, "cõprindoçe o que diçe que por sua causa senão avia de faser falta nẽ mudansa em as comunidades como se Deus lhe ouveçe dado certesa do que tinha ordenado de sua vida"⁶⁹⁵.

⁶⁹⁴ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 105 r.

⁶⁹⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 106 v.

16 - Madre Soror Catarina do Espírito Santo

Após este traslado, Soror Antónia Baptista retoma a pena para nos apresentar as últimas quatro biografadas.

Recomeça pela Madre Soror Catarina do Espírito Santo, mas antes de se referir a esta religiosa faz uma espécie de nova introdução ou ponto de situação, referindo que a fama da observância do convento era enorme e, por essa razão, era muito procurado por muitas donzelas espirituais, o que, segundo a autora:

Não ha que espantar que hũ convento tão moderno que não tem de fundassão mais que 122 annos tenha tantas religiosas, insignes ã vertude, que se sua devina magestade as trasia já tocadas de su[ã] sancta mão e escolhidas por ella para este vergel tão aceito a seus piadosos olhos que muito que sahissẽ tão excelentes plantas⁶⁹⁶.

A Madre Soror Catarina do Espírito Santo era natural de Évora e entrou no convento já adulta, porque ficou a tratar dos cinco irmãos que ficaram órfãos cedo. Educou-os na santa doutrina, o que levou a que três fossem frades, um clérigo e um desembargador. Tomou o hábito em 1573, foi um modelo de virtude, brandura e paciência. Foi uma das escolhidas pela duquesa D. Catarina para reformar o Convento de Santa Clara de Bragança, onde passou por momentos complicados que tiveram origem na resistência que as religiosas locais demonstraram no cumprimento e observância da *Regra*.

Respeitou zelosamente o silêncio, era obediente e contínua na oração, trazendo sempre um livro na mão. Desde a profissão nunca mais tirou o hábito, dormindo com ele, com a corda, véu, toalha e transadeira que as religiosas usavam por cima do capelo, representando a coroa de Cristo. Nunca usou lençóis para dormir. Já idosa e debilitada fisicamente, o médico recomendou que comesse carne, mesmo nos dias proibidos, mas como tal situação a inquietava muito, "diçe oconfeçor deixassẽ aquella religiosa que maior dano lhe farião os escrupulos que tinha por que suas confissões não erão de outra culpa"⁶⁹⁷. Foi muito penitente, fazia jejuns constantes, os da *Regra* e particulares; na Consoada "não passava de tres passas cõ hũa fatiasinha de pao ou tres noses ou cousa semelhante"⁶⁹⁸. Sofreu um contágio de piolhos do qual não se quis livrar por achar que

⁶⁹⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 108 r.

⁶⁹⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 112 r.

⁶⁹⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl 112 r.

Deus a estava a testar. Muito devota da Paixão de Cristo e de S. Francisco, ofereceu à igreja uma imagem de estofado do santo fundador.

Soror Antónia reconhece que Soror Catarina do Espírito Santo era uma perfeita religiosa. Estando próxima do fim, recebeu a Santa Unção conformada e com alegria. Ao ter uma visão da Virgem com o Menino nos braços, disse o responso da primeira domingo do Advento, o que causou estranheza na comunidade, pois Soror Catarina era um pouco rude, muitas vezes não entendia muito bem o que significavam algumas leituras, mas naquele momento soube "dizer muita parte de este responso e aplicalo em aquella ora tão bem mas aqui obrava Deus e seu spirito"⁶⁹⁹. Passados instantes entrou em êxtase e não falou mais. Foi sepultada no Capítulo, na mesma sepultura da Madre Soror Maria das Chagas. Teve um enterro solene recomendado pela abadessa, com tocheiros de prata, alcatifa no Capítulo e muita cera. Anos mais tarde, encontraram-se o véu pequeno e o cordão intactos.

17 - Madre Soror Maria da Circuncisão

Segundo Soror Antónia Baptista, a Madre Soror Maria da Circuncisão era muito semelhante nas virtudes a sua irmã mais nova, Soror Catarina do Salvador, tendo as duas tomado o hábito no mesmo dia. Ambas trouxeram de casa dos pais uma formação privilegiada, pois liam e escreviam perfeitamente. Graças à memória prodigiosa de Soror Maria, conseguiu aprender latim em casa dos pais, quando esta língua era ensinada aos irmãos "e o entedia como qualquer latino". Como tinha hábitos de leitura "sahiu linda poeta a que ajudava muito o grande juizo de que Deus a dotou"⁷⁰⁰. Fez voto de castidade aos doze anos. Pela sua brandura e paciência, colocaram-lhe o nome de "cordeira", desculpando sempre quem a ofendia. Era devota da Santíssima Trindade, dos nove anjos e dos sete arcanjos. Muitas vezes era encontrada na cela na posição da cruz, adotando a mesma postura no coro, nos últimos anos da sua vida. À semelhança dos santos, fazia questão de encobrir as virtudes, porque "avertude avia de ter a condissão da terra que encobre as pedras preciosas e lansa as espinhas para fora"⁷⁰¹. Cumpridora do silêncio e da pobreza, privava-se do que mais necessitava. Foi caritativa, esmoler e abstinente, praticando muitos jejuns voluntários. Era leitora dos *Motivos*

⁶⁹⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 113 v.

⁷⁰⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 115 v.

⁷⁰¹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 118 r.

*Espirituais*⁷⁰² pelo qual se guiava para ofertas ao "padre eterno". Quando adoeceu, estava conformada e preparada para a hora da morte e, num dos momentos de lucidez, pediu que queimassem uns versos que havia escrito, sendo grande parte deles dirigidos ao divino (segundo Soror Antónia). Pediu perdão às presentes pela impaciência no sofrimento, mas as dores eram insuportáveis, chegando a revelar a uma religiosa que eram as dores da cruz. Não foi ungida para não desanimar as amigas. Expirou com um semblante parecido ao de um anjo. Segundo a opinião do confessor, tinha acabado o melhor "fôlego" que havia no convento. Em vida, Soror Maria desejou que na sua morte se celebrasse missa de corpo presente, o que aconteceu porque a missa daquele domingo foi celebrada em sua intenção: "êtrando o seu corpo ã o coro pareçia se vinha abaxo cõ atabales e charamellas que se tocavão ã o rossio ahũa festa de nossa senhora da saude"⁷⁰³. Faleceu em 1638.

18 - Madre Soror Beatriz de Jesus

A Madre Soror Beatriz de Jesus era natural de Vila Viçosa. Entrou no convento contra a sua vontade, pois era muito chegada ao pai e aos irmãos, a quem criou como mãe. Segundo Soror Antónia, era muito rude e por ter sido criada na beira "não tinha a pernũciassão tão limada como o latim requiere"⁷⁰⁴. Era zelosa cumpridora do silêncio, obediente aos prelados e, para não faltar com as suas obrigações, trazia-as escritas num livro. Assistia sempre ao ofício divino e "por não ser mai lerda ã o resar porolivro o dobrava por contas equasi sêpre em omesmo coro depois das oras acabadas mas ã qualquer parte que o resava cõ grande perfissão sem falar hũa palavra"⁷⁰⁵. Na hora da morte, consciente, preparou-se para receber os sacramentos e teve uma visão que a deixou muito alegre, celebrando-a com palmas e sorrisos. As companheiras acreditaram que seria S. Boaventura de quem havia sido particular devota e dizia havia de a ajudar na hora da morte. Faleceu com trinta e três anos, em 1638.

20 - Madre Soror Beatriz de São João

A última contemplada neste livro pela pena de Soror Antónia Baptista é a Madre Soror Beatriz de São João. Natural de Elvas, recebeu na casa de família os principais preceitos

⁷⁰² Da autoria do Padre Capucho, Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos spirituaes nos quaes claramente se mostra quãto qualquer fiel christão pode contentar, honrar e louvar a Deos, e nossa Senhora [...]*, publicado em Lisboa, 1611.

⁷⁰³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fls. 121 r. e v.

⁷⁰⁴ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 121 v.

⁷⁰⁵ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 122 r.

cristãos. Aos dezoito anos recebeu o hábito, não se vendo nela "que emêdar avendo muito que imitar"⁷⁰⁶. Entrou para o convento sabendo ler e reger o ofício divino, tendo tido durante muitos anos a função de tanger a primeira missa. Enquanto noviça sofreu um pequeno acidente: entrou-lhe uma lasca para um olho, o que a obrigava a manter os olhos abertos, a não conseguir dormir, a mantê-los sempre voltados para o alto. Tal facto causou estranheza a uma companheira que não sabendo do ocorrido, o tomou como atrevimento (os olhos deveriam estar voltados para o chão em sinal de humildade). "Como as novissas são espelho da comunidade"⁷⁰⁷, foi reportá-lo à Mestra da Ordem, por achar que Soror Beatriz estava a fixar as companheiras no coro. Sentiu-se muito incomodada com esta acusação e pediu ao Santíssimo Sacramento que lhe valesse, o que aconteceu. Rezava vocalmente, mentalmente não se sabia, porque não revelava a ninguém. Supõe Soror Antónia que talvez o fizesse no recolhimento da cela. Ocupava-se com os adornos da igreja e, sendo devota de Santa Clara, comprou uma imagem sua de estofos, para a igreja. Este gosto pela organização, limpeza e ornamentação estendia-se à comunidade, pois graças ao exemplo de Soror Beatriz as religiosas começaram a responsabilizar-se de forma briosa pelas suas funções, gastando o que fosse necessário no desempenho das mesmas "desde a bassoura ate a melhor pessa"⁷⁰⁸. Apresentou-se sempre de forma composta até para dormir, porque nunca sabia quando seria a sua hora de se encontrar com Deus. Respondia a uma companheira sua que lhe perguntava porque dormia vestida, com o véu posto, a corda cingida, a toalha e a transadeira:

Que sei eu se esta noite me batera aporta enão querera acharme descõposta, deteveçe a servidora hũ pouco eviu que tomava hũ livro para resar etornoulhe apergũtar que e isso que agora resa dis são hũas orações para aora da morte por que quẽ me dis amim não sera esta noite⁷⁰⁹.

Os jejuns foram constantes e as disciplinas duras. Passava muitas horas ajoelhada a rezar ao Santíssimo Sacramento durante as quaresmas em que se expunha o Senhor. Durante muitos anos infligia a si própria quinze açoites diários para no fim do ano perfazer o mesmo número de açoites que Cristo sofreu na Paixão, terminando-os com uma bofetada, como deram a Cristo. Foi zelosa no cumprimento do silêncio e caridosa

⁷⁰⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 123 v.

⁷⁰⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 124 r.

⁷⁰⁸ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 125 r.

⁷⁰⁹ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 125 v.

com o próximo. Foi enfermeira por obediência e inclinação. Quando surgiu no convento o surto de peste, Soror Beatriz socorreu, lavou, curou feridas das companheiras sem receio de contágio. Também as vestia e amortalhava quando era necessário. A sua vocação para ajudar o próximo era conhecida no exterior do convento, pois muitos seculares lhe traziam crianças ou vinham buscar remédios que ela preparava. "Cheia de virtudes e annos chegou aora de seu descanso faleço"⁷¹⁰ para grande tristeza das companheiras.

Soror Antónia Baptista termina aqui o "livro segundo" sem nenhum comentário ou conclusão que sintetize a narração que foi tecendo. É um final abrupto que parece, no entanto, indiciar que o texto seguinte se manterá dentro dos mesmos moldes, sugerindo alguma continuidade.

1) "livro tersseiro": o propósito do *Livro da Fundação*

As biografias mais extensas da obra de Soror Antónia contemplam as vidas de Soror Catarina do Salvador e da Venerável Madre Maria das Chagas. No entanto, se a primeira viu as suas ações edificantes serem coligidas por mão masculina e inseridas no "livro segundo", mostrando ser apenas mais uma distinta religiosa *inter pares*, Soror Maria das Chagas mereceu o destaque de ver o seu nome e as suas virtudes imortalizadas individualmente, pela pena de Soror Antónia Baptista, nos derradeiros fólhos da sua obra. Ao encerrar o *Livro da Fundação*, a vida de Soror Maria das Chagas ocupa um lugar retoricamente significativo e de impacto indiscutível. A autora concentra num só livro a memória de uma religiosa singular, distinta das outras pelas suas virtudes excepcionais, para que permaneça na lembrança de todos os leitores. A exemplaridade da sua vida virtuosa deverá servir de modelo às noviças da Esperança, mas contribuirá, em simultâneo, para perpetuar a memória do convento, cuja fama de instituição pia se espalhara graças às *flores* que embelezavam aquele *vergel*, sendo um signo desse mesmo convento.

Por ter privado com a Madre Maria das Chagas, Soror Antónia Baptista assume-se como testemunha dos factos que vai narrar, o que legitima toda a explanação sobre a vida, morte e milagres *ante et post mortem* da venerável Madre Maria das Chagas.

⁷¹⁰ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 127 r.

O início da composição da vida da venerável Madre é introduzido por renovada Invocação à Virgem, o que nos permite aferir da importância deste momento narrativo para a autora. O receio de não ombrear no estilo com a narração da excelência das suas virtudes leva a autora a recorrer novamente à "Lira", que é agora interpelada para soltar a sua voz e fazer sair do silêncio a vida da Madre Maria das Chagas. Assim, à semelhança da primeira Invocação que antecede o "livro primeiro", embora num tom menos devoto e litúrgico, a autora recorre à composição nobre, elegendo, neste segundo momento, o verso quebrado heróico, ao longo de onze estrofes, com uma estruturação rimática muito regular, ABABCC (tal como na primeira Invocação), cruzando os quatro primeiros versos entre si e emparelhando os dois últimos:

Lira

Pereçoso letargo
en cujo sueño sepultado avias
por descurço tan largo
la mas rara vertud de nuestros dias
cesse tu pesadilla
dexa ja pregonar tal maravilla⁷¹¹

No entanto, Soror Antónia parece tão receosa de falar sobre Soror Maria das Chagas como de começar o *Livro da Fundação*. A responsabilidade parece equivaler-se no pensamento da autora e o recurso à Invocação, típica dos grandes feitos como dos grandes receios, confere à estrutura geral do *Livro* uma circularidade que sugere perfeição, recomeço, eternidade: o convento é tão fecundo e promissor nos seus inícios como nos tempos mais recentes; tão exemplar na sua comunidade inicial como nas suas religiosas individualmente.

A nobreza da composição coloca-se ao serviço da "mas rara vertud de nuestros dias", cujo reconhecimento terá ficado aprisionado por um "pereçoso letargo" que havia "sepultado"⁷¹² esta glória da Esperança. Por essa razão, urge dar voz e "pregonar tal maravilha".

No que concerne à estruturação interna da composição, diríamos que esta primeira estrofe constitui, de forma isolada, a primeira de quatro partes da composição, na qual a

⁷¹¹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", *Invocação*.

⁷¹² Soror Antónia referir-se-á ao processo de beatificação da Madre Maria das Chagas que foi iniciado a pedido do rei D. João IV, mas que não terá conhecido desenvolvimentos ulteriores, pelo que terá caído no esquecimento e sido "sepultado" num "pereçoso letargo".

autora introduz o tema: a necessidade de "apregoar" a vida da Madre Maria das Chagas que se encontrava silenciada.

Na segunda estrofe, segunda parte da composição, a autora contrapõe aos seus dotes minguados - à sua "tosca lengua" e "talento indigno" - o seu atrevimento, que é tão ousado "que se opone a lo devino", porque contraria a vontade de Deus que parece pretender manter a venerável Madre num sono profundo. Apesar do tosco estro, a confiança da autora permite-lhe fazer renascer uma fénix da Esperança. Não podemos deixar de assinalar a presença de interferências intertextuais, tal como evidenciámos na primeira Invocação. Soror Antónia fala de "mi tosca lengua/atrebida se opone a lo devino", enquanto Soror Mesquita Pimentel, na sua trilogia épica, solicitara a intervenção do divino para que "que minha tosca voz fique divina"⁷¹³.

A terceira parte contempla as três estrofes seguintes (3^a, 4^a e 5^a), que concretizam um louvor e enaltecimento da Virgem Maria. A primeira estrofe é iniciada pelo comparativo "mas hermosa/que el alba bella al despuntar del dia"⁷¹⁴, destacando-se depois a sua piedade. No entanto, tais qualificativos de imediato dão lugar ao pedido de auxílio (nos 4^o, 5^o e 6^o versos), para que seja concedido à autora o talento suficiente para ousar cumprir a tarefa a que se propôs: "faboreçe mi intento/que de serbicio passa a trevimiento"⁷¹⁵. As segunda e terceira estrofes retomam o tema da misericórdia da Virgem, pois a temeridade de Soror Antónia parece, uma vez mais, contrariar a "lux divina". Contudo, graças ao seu apelo, Nossa Senhora investe a autora de confiança "que para su çerbiçio/la niebla aparte el sol que esse es su officio"⁷¹⁶. O jogo antitético que opõe a "lux" à "niebla" e a "niebla" ao "sol", acentuando metaforicamente o contraste entre a Virgem ("lux") e a autora ("niebla"), contém novamente reminiscências da "Canção a Nossa Senhora" de Sá de Miranda, quando o poeta revela: "Coitada desta nossa vista cega/que anda apalpando pela névoa baça/(...) Vós, que nos destes claro a tanto escuro/remédio a tanta minguá/me dareis língua e coração seguro"⁷¹⁷, o que nos leva a constatar a presença de tópicos comuns nas duas

⁷¹³ Isabel MORUJÃO, "O Monte do Parnaso fui deixando", *Cristianismo e Cultura Clássica na Épica Conventual feminina em Portugal*, UNED, REI, I, 2013, p. 30, *apud* Soror Maria Mesquita PIMENTEL, *Memorial dos Milagres*, Canto I, est. 6^a, p. 28.

⁷¹⁴ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", *Invocação*.

⁷¹⁵ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", *Invocação*.

⁷¹⁶ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", *Invocação*.

⁷¹⁷ Maria Ema Tarracha FERREIRA, *Antologia Literária Comentada*, Época Clássica, Editora Ulisseia, 1983, p. 25.

composições e nos permite conjecturar, como havíamos feito anteriormente (para a primeira Invocação do *Livro*), do provável conhecimento do texto de Sá de Miranda por parte de Soror Antónia. Poderia eventualmente não se tratar de uma leitura direta da sua obra, mas seguramente que aquela composição terá chegado às mãos da autora ainda que de forma passiva, por segundas mãos. A finalizar a terceira parte do poema, reitera-se a ideia da humildade da autora através da personificação "pluma indigna" para solicitar à "rainha divina" que a ajude "aora que hasta el çielo/presumo de llegar guid mi buelo"⁷¹⁸.

A quarta e última parte do poema (constituída pelas seis estrofes finais) é dirigida à "illustre madre" Maria das Chagas. A autora refere a libertação da Madre do "mortal carçel" pois goza agora da companhia do "dulçe padre". Esta ideia da obtenção do céu é construída por um novo jogo antitético que opõe, desta vez, a vida eterna ("verano" e "cielo") à morte ("invierno" e "infierno"), para se sugerir que a Madre Maria das Chagas, enquanto foi viva, sofreu o "inverno" e o "inferno" da existência humana, mas que, pelo seu comportamento exemplar, terá sido recompensada, pois "llego vuestro verano deseado/ (...) hasta el inpirio cielo aveis bolado"⁷¹⁹. Na oitava estrofe, há uma referência mitológica a Ícaro. Soror Antónia pede à Madre que guie "la tosca peña" porque receia que "el sol" de que trata, (a venerável Madre) possa queimar as suas asas ("mano").

A décima estrofe mantém o mesmo apelo: a autora convoca a intercessão da Madre Maria das Chagas junto do "rei soberano de la gloria", pois, ao reconhecer a sua própria "ignoransia", toma consciência de que "en materias tan altas/el mas subtil juisio cae en faltas"⁷²⁰. A composição termina com a seguinte estrofe:

Bien se que vuestra vida
en laminas de plata letras de oro
a escreverçe conbida
o en las almas por maior decoro
pero mi ingenio pobre
por que otro enmiende en oro escribe encobre (11ª estrofe)

A autora mantém o tom apologético à venerável Madre, para lhe dizer que uma vida tão superior mereceria ser escrita com os materiais mais nobres - o ouro e a prata. No

⁷¹⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", *Invocação*.

⁷¹⁹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", *Invocação*.

⁷²⁰ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", *Invocação*.

entanto, o seu "ingenio pobre" só lhe permite usar cobre, por essa razão convida a que outros com mais talento a emendem ou reescrevam, pois esses já poderão fazê-lo utilizando "oro".

A composição poética de Soror Antónia ilustra a intencionalidade da beatificação desta "serva de Deus", processo que já havia sido iniciado em 1631, ano da morte de Soror Maria das Chagas, pelo Padre Frei Lourenço de Portel, a pedido do Provincial Frei Luís dos Anjos, que por sua vez responde a uma exigência do rei D. João IV. Esta solicitação não terá conhecido grandes desenvolvimentos, razão pela qual Soror Antónia parece pretender não deixar esmorecer. Todo o texto é redigido no sentido de fomentar uma causa de santificação, intenção que se vê reforçada com a transcrição (desta feita por mãos da autora) do parecer do citado Padre Frei Lourenço de Portel (datada de 1631), que vem assertivamente corroborar o propósito da autora.

Assim, de algum modo a linguagem poética, considerada mais digna do que a prosa - embora inapropriada para a tipologia historiográfica - assume aqui essa funcionalidade imortalizadora. Por isso se usa a estrofe decassilábica, própria da mais elevada poesia, no âmbito de géneros também nobres.

A canonização de uma freira representava um grande prestígio para o convento onde vivia e para a Ordem à qual pertencia, pois tal distinção dava "pretexto a uma promoção de culto, sobretudo na eminência de uma canonização"⁷²¹. Assim, a finalidade de Soror Antónia ao retratar a vida de Soror Maria das Chagas é a de propor um modelo de santa, passível de ser imitado, que age num tempo definido, "para edificação e consolidação de uma comunidade humana, que, sendo formada por pecadores, conscientes da sua fragilidade, é também um lugar de santificação"⁷²².

Ao longo do relato de Soror Antónia Baptista repassa a tentativa de aproximação da vida da Madre Maria das Chagas do exemplo de Santa Clara "como um espelho ou

⁷²¹ Aires A. NASCIMENTO, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p. 9.

⁷²² Aires A. NASCIMENTO, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p.16; cf. ainda Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "Recordar os Santos Vivos; Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Séc. XVII Português", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, FLUP, 1, 1994.

duplicação da própria santa".⁷²³ As comparações entre os dois modelos acentuam o grau de santidade da biografada, procurando "de algum modo fundir a imagem das duas mulheres"⁷²⁴, acentuando as suas semelhanças, tal como acontecera já com a poesia sobre algumas discípulas de Santa Teresa, que se apresentavam como decalcadas da fundadora.

Parece igualmente evidente que o caso da Madre Maria das Chagas se enquadra no retrato das "santas vivas" a que alude Gabriella Zarri⁷²⁵, em torno do qual se promove uma adoração que se reflete numa espécie de culto interno, alimentado pela própria comunidade conventual e para proveito dessa mesma comunidade, com vista a um reconhecimento mais alargado, além muros, dessa celebração que se materializará na canonização. Estas mulheres carismáticas criavam em torno de si um magnetismo muito singular: "leurs conseils étaient sollicités du haut en bas de l'échelle sociale, si bien qu'elles exerçaient une influence non seulement sur les événements religieux, mais encore sur les événements politiques et sociaux de leurs temps"⁷²⁶. A Madre Maria das Chagas era muito solicitada por religiosas e por leigos; com frequência lhe pediam orações e conselhos sobre vários assuntos que não só de índole exclusivamente religiosa. A todos atendia, embora nunca se achasse digna de ajudar: "Quando lhas pedião (orações) respõdia que se ria muito de aver quẽ quiseçe orações de hũa molher peccadora cheia de vaidade e ajõtava, servos somos sã proveito, porẽ cõ grande charidade tomava logo por sua conta a nessessidade que se lhe magnifestava por seu regalo como se fora propia"⁷²⁷.

O testemunho desta *vida* encaixa formalmente na modalidade da biografia devota, cujo objetivo, como atrás referimos, visa enaltecer um comportamento virtuoso e edificante de um percurso de vida voltado para a adoração a Deus, encarnado na figura da perfeita

⁷²³ Isabel MORUJÃO, "Entre duas memórias: Maria de San José (Salazar) O. C. D.", in *Península, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1998, nº 0, 2003, pp. 253-254.

⁷²⁴ Isabel MORUJÃO, "Entre duas memórias: Maria de San José (Salazar) O. C. D.", in *Península, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1998, nº 0, 2003, p. 254.

⁷²⁵ Cf. Gabriella ZARRI, *Le Sante Vive, cultura e religiosità femminile nella prima età moderna*, Torino, 1990.

⁷²⁶ Elisja Schulte Van KESSEL, "Vierges et Mères entre Ciel et Terre", *Histoire des Femmes en Occident (XVI- XVIII siècles)*, sous la Direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991, p. 147.

⁷²⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 40 v.

religiosa. Aponta Soror Antónia que a Madre Maria das Chagas "estava ja ã mais alto grao de perfecção"⁷²⁸.

Na organização discursiva desta *vida*, Soror Antónia cumpre as normativas exigidas pela estruturação das biografias devotas. A autora começa por referir a filiação da biografada, a boa formação cristã dos pais, a educação na corte, as penitências, normalmente penosas e contínuas⁷²⁹, a entrada no convento, as virtudes da freira e a exemplaridade dos seus comportamentos, a oração contínua e as suas devoções particulares (a S. João Baptista, ao Menino Jesus), a humildade, a caridade e a preocupação com a salvação do próximo. Finalmente, narra a realização de milagres em vida e após a morte. A veracidade destes factos é subsidiada por documentação escrita ou pelo testemunho de pessoas consideradas credíveis moral e espiritualmente, que os autenticam e legitimam.

A narração da vida de Soror Maria das Chagas tem por base, num primeiro momento, uma orientação cronológica. Soror Antónia começa por referir os dados biográficos e acontecimentos ocorridos nos primeiros anos da sua vida antes de entrar para o convento, a partir deste momento, os dados relatados deixam de ser cronologicamente sequenciais para irem surgindo ao sabor da memória da autora. As assíduas visões, revelações ou sonhos, virtudes e comportamentos, repetidamente descritos em diferentes momentos da narrativa, são temporalmente situados com base no calendário litúrgico. Não raras vezes esses acontecimentos coincidem com as solenidades litúrgicas ou com a referência ao santo cuja memória se celebra nessa data. Ex.:" Pello tẽpo do advento estando hũa noite ã asua çela ja para se emcostar, foi levada dêtro de sim"⁷³⁰.

No "argumento" que introduz esta *vida*, Soror Antónia compromete-se a escrever não só o que viu (uma vez que foi contemporânea e privou com Soror Maria das Chagas) e experimentou, mas também "o que cõtão e jurarão em hũa inquirissão de suas vertudes todas as que a conhecerão, particularmente as madres soror joanna baptista e isabel dos

⁷²⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 24 r.

⁷²⁹ Tal como faziam também Catarina do Salvador ou Soror Mariana Josefa, religiosa carmelita descalça do convento de Santa Teresa do lugar de Carnide, de quem se sabe, com base na sua biografia de autoria anónima que, muitas vezes, utilizava o seu próprio sangue, resultante das penitências que se infligia, para escrever poesias, cartas espirituais e outros textos, (cf. Isabel MORUJÃO, "Poesia e Santidade: Alguns Contributos para uma Percepção do Conceito de Santidade, a partir de Duas Biografias Devotas de Religiosas do Século XVIII Português", in *Via Spiritus*, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1996, p. 244.).

⁷³⁰ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 51 v.

anjos que atratarão familiarmente muitos annos"⁷³¹. Os testemunhos escritos foram reportados pela própria biografada às duas religiosas citadas por Soror Antónia, a pedido dos padres confesores, "o que ella fes forssada da obediencia, por que era esta benditta alma tão humilde"⁷³². Esta prática de escrita historiográfica parcelar denota que no convento da Esperança havia alguns hábitos de escrita, no entanto, esses usos estão confinados à vida da Madre Maria das Chagas, pois frequentemente constatámos, ao longo do texto, a exaltação de Soror Antónia pela incúria das antigas que não deixavam nada registado sobre as religiosas virtuosas do passado.

Acrescenta Soror Antónia que o "modo" e "medo" como Soror Maria das Chagas recitava os factos denunciava a verdade e pureza do seu coração. O "argumento" é concluído com a indicação de Soror Antónia que quase tudo o que a autora revela sobre a Madre Maria das Chagas foi "tirado" dos "apontamentos" das duas religiosas.

Após a Invocação, Soror Antónia inicia o primeiro capítulo do terceiro livro, distinguindo a Madre Maria das Chagas de todas as outras religiosas, comparando-a à rainha das flores, a rosa. Pela expressividade da comparação e pelo sensorialismo evidenciado, transcrevemos esse excerto:

Entre as flores cõ que Deus matisou este jardim da speransa quis fosse a prinsipal a madre soror maria das chagas, mostrandosse entre ellas como a rosa, que em o bisarro da ponpa, em o agradavel da vista, em o suave do cheiro, se avantaja atodas; em as demais vemos, que se ã hũas agradãõ os matises, não a fragansia, se em outras ha esta, faltalhe o artefijõ das folhas bem formadas, e se dellas se adorna algũa, não tem o actrativo carmim que desta rainha das flores rouba tanto avista, quanto delecta a suavidade que respira⁷³³.

Soror Antónia mantém o registo da singularidade das virtudes da Madre Maria das Chagas quando se lhe refere como um prodígio, um espelho de virtudes e exemplo da vida religiosa. Nasceu a 19 de novembro de 1543 com o nome de Isabel de Oliveira (uma das poucas biografadas de quem Soror Antónia aponta o nome de batismo). Os pais "christianissimos" eram ambos naturais daquela região. Tiveram vários filhos, de entre os quais duas religiosas do Convento da Esperança: a biografada e Soror Inês (mais nova), sobre quem a autora já havia tratado no segundo livro.

⁷³¹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 1 r.

⁷³² *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 1 r.

⁷³³ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 1 r.

Antes de entrar no mosteiro, Soror Maria das Chagas terá levado uma vida de alguma frivolidade: "era mui loussã e amiga de galas, e mui briosa aspirava sempre agrandes cousas"⁷³⁴, o que evidencia traços individuais que vão contrastar com a configuração do nobre modelo em que se transforma, destacando-se pela abnegada atitude de entrega aos outros e pela obediência ao serviço divino.

Seus pais propuseram-lhe um casamento, mas a condição de casada não parecia interessar-lhe, pelo que dissimulou o caso. À proposta de abraçar a vida religiosa respondeu convictamente, mas impondo que fosse no Convento da Madre de Deus de Lisboa, da Primeira Regra de Santa Clara. Na impossibilidade de entrar juntamente com a irmã, de quem não pretendia separar-se, optaram pelo Mosteiro da Esperança de Vila Viçosa.

Já em casa dos pais demonstrava inclinação para a vida espiritual e a entrega a Deus. Um dia, estando em oração, ensimesmada, viu Cristo crucificado, no meio de um horto. Perante o visionamento do sofrimento de Cristo, decidiu passar pelo mesmo suplício em vida e, por essa razão, no dia da sua profissão - em 1570, com vinte e um anos de idade - trocou o nome de Isabel por Maria (o nome da mãe de Jesus) e por apelido de religião escolheu Chagas, em memória das chagas de Cristo. Logo nesse ano, demonstrou as nobres virtudes que a distinguiram das companheiras, na vida e na morte; era cumpridora zelosa do silêncio imposto pela *Regra*, seguidora atenta do coro e das comunidades. A sua apresentação era consonante com as ordens da *Regra* sem qualquer estima de si própria, pois usava o mesmo hábito de pano grosso de verão e de inverno. No comportamento era exemplar, não provocando situações merecedoras de repreensão. Só a vida espiritual e o fascínio por Deus a moviam e, por essa razão, foi recompensada inúmeras vezes pelo "Pai Eterno". São essas graças que a autora se propõe contar, servindo-se dos registos das duas religiosas, que se encontram conforme "ella as comunicou por não mudar as mesmas palavras cõ que ella as recitava, tão cheias de espirito que fora grande atrevimento querer trocalas"⁷³⁵.

Das penitências que sofreu não se conhecem muitos dados, porque raramente as contava, tal como ocultava as suas virtudes e visões, por proibição do confessor, para não a tomarem por santa e despertar glórias vãs, condição inteiramente oponente à sua

⁷³⁴ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 1 v.

⁷³⁵ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 3 v.

humildade. Dizia que se fosse santa "ouvera de pedir a Deus me não fiseçe merces publicas por não me a riscar a algũa vãgloria e assim lhe pedia não obraçe por ella nenhũas maravilhas que se pudeçe atribuir aseu meressimento e faseremlhe por isso hõrra⁷³⁶.

As práticas penitenciais que aparecem descritas dizem respeito aos fins da sua vida, porque são as que estavam mais presentes na sua memória (por isso as relatou às duas religiosas) e porque foram algumas das que Soror Antónia pôde ainda presenciar. Por força das excessivas disciplinas, os ossos do seu fragilizado corpo encontravam-se todos desconjuntados, "ao tempo que histo me contou ja anão tinha (saúde) para tomar dessiplina, nẽ faser outra penitensia, mais que a do negamento da propia vontade"⁷³⁷. A uma religiosa que lhe perguntava se Deus a tinha agraciado, a Madre Maria das Chagas respondeu que só lhe contaria se aquela lhe fizesse algumas mortificações. Tinha por hábito lançar-se no chão para que todas passassem por cima de si, símbolo máximo de humildade e desprezo por si própria. Uma das religiosas que escreve as suas memórias, refere ter assistido a este facto.

Obedecia sempre aos jejuns impostos pela *Regra* e pela Igreja, embora nos últimos anos já não os conseguisse cumprir, desgastada pelas penitências, pelos vários anos de prelazia, pelos inúmeros ofícios e pelas orações contínuas e prolongadas que a impediam de repousar. Quando era mais nova, costumava repartir pelos pobres a sua porção de comida e algumas vezes deitava água no seu prato para que a refeição perdesse o sabor. Na cama raramente arranjada, dormia sem lençol, porém, estando um dia a prepará-la, achou que a mesma serviria para hospedar a Virgem Maria na sua caminhada para o Egito. Com esta motivação no coração, arrumou o quarto, recebendo de recompensa o visionamento de uma luz divina, que viu "com os olhos interiores"⁷³⁸ e que lhe serviu de grande consolo espiritual⁷³⁹. Segundo Soror Antónia, quando estes episódios ocorriam, a Madre Maria das Chagas ficava ainda mais humilde e alheada do mundo secular, por achar que aquelas visões eram a prova irrefutável das graças de

⁷³⁶ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 15 v. Cf. Antónia Fialho CONDE, in *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, p. 435.

⁷³⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 4 r.

⁷³⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 6 v.

⁷³⁹ Tal imaginação de "ver com a vista do coração" aproxima-se da técnica inaciana da "composição vendo o lugar", pelo que é provável que os *Exercícios* de Santo Inácio fossem um manual de oração e espiritualidade da Madre Maria das Chagas ou de outras companheiras do Mosteiro da Esperança.

Deus face às quais se sentia "um nada". Era muito recatada pelo que só ia à grade quando era obrigada a isso.

Foi extremamente paciente nas doenças, suportando todas as dores para glória de Deus, "so ã hũa sesta feira de endoensas ja ã os ultimos annos de sua vida avimos gritar fora de todo o costume cõ hũas dores tão excessivas que acodindolhe eu e outra religiosa as seis oras da menã (...) entẽde mos erãõ as dores da paxã"⁷⁴⁰. Soror Maria das Chagas é um exemplo de virtudes também pela forma como aceita e suporta o sofrimento e pelo ânimo que tenta suscitar nas irmãs.

A perda da visão que a acometeu no fim da vida foi particularmente sentida por si, principalmente, por estar impossibilitada de ver o Santíssimo Sacramento. Contudo aceitou-a tranquilamente, por ser a vontade de Deus. A cegueira é uma provação física que é compensada pela visão espiritual⁷⁴¹, quando o divino se manifesta.

A humildade é a virtude maior que distingue a perfeita religiosa, pois "nella ha de ter seus firmes alicerçes a alma que de veras se entrega a Deus e deseja fasersse morada sua"⁷⁴². Como a Madre Maria das Chagas foi por extremo pródiga nesta virtude lhe chamavam por antonomásia "a humilde". Era de trato fácil na conversação, sincera, sem hipocrisias e fingimentos, embora se qualificasse a ela própria (e constantemente) por grande inútil, pecadora, miserável e pior de todas, cuja cegueira só servia para dar trabalhos aos outros: "Estes erãõ os epitectos de que se hõrrava"⁷⁴³. Confessava constantemente a sua insignificância e as suas culpas, dizendo que Deus queria fazer dela santa e que ela não quis e chorava copiosamente, "so vella ã aquellas ocasiões faria christão hũ mouro"⁷⁴⁴. Lamentava o tempo que havia perdido em pequena, a brincar com bonecas, quando sua irmã, mais nova, já se entregava às orações a Deus. Escreveu uma carta ao carmelita Padre Estevão da Purificação (1571-1617) para lhe pedir que rezasse por ela a Deus para a tornar humilde. Era sempre muito solícita no cumprimento dos ofícios, como, por exemplo, na cozinha ou a varrer. Ouvia a missa atrás de todas as religiosas por achar que, por estar atrás, estaria no centro de todas.

⁷⁴⁰ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 8 r.

⁷⁴¹ Cf. Antónia Fialho CONDE, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009, p. 432.

⁷⁴² *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 9 r.

⁷⁴³ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 9 r.

⁷⁴⁴ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 11 v.

Era costume no convento, por morte de uma religiosa, fazer-se a partilha dos seus bens pela comunidade, especialmente pelas religiosas mais pobres. Normalmente, a Madre Maria das Chagas nunca pedia nada para si, nem para ninguém. Aconteceu, sim, outras pedirem um hábito para ela, por o seu estar todo remendado. Proferia com frequência o salmo *bonũ mihi quia humiliastime ect.*^a pois nele encontrava uma razão para se humilhar.

De entre os vários santos de sua devoção destaca-se o "grande baptista". Mas de todos era devota e, quando sabia da existência de livros novos sobre vidas de santos, tentava que lhos fizessem chegar às mãos e que lhos lessem, quando ela já não podia. Dessas leituras tirava muita satisfação espiritual, imitava-os e copiava as suas virtudes, como quando soube de um livro da beata Soror Joana da Cruz, de quem aprendeu as comunhões espirituais que passou a fazer. Face a estes "anjos" de Deus sentia-se insignificante como "hũ pouco de po e sinsa aqual cõ hũ nada de ventosinho se espalhava"⁷⁴⁵.

A veneração e "trato" com o Menino Jesus era recorrente. Dele recebia sorrisos e graciosidade, a quem ela respondia com mimos e infinita adoração⁷⁴⁶. "O menino Jesus que lhe parecia ovia sentadinho cõ os pes para diante como opintão em a adoração dos reis cõ os cabelinhos"⁷⁴⁷; "omenino andou cõ muito contêtamento brincãdo cõ elle nos braços acabado histo ãtρου ãsi"⁷⁴⁸; "cõtou que vira hũ dia hũ altar de vermelho em seu

⁷⁴⁵ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 58 v.

⁷⁴⁶ O tratamento pueril que ressalta em algumas abordagens ao Menino Jesus, que brinca e sorri com as freiras e mulheres espirituais, era um tópic do barroco comum a alguns escritos femininos de espiritualidade. "As descrições do Menino Jesus revestem-se sempre de um carácter amoroso e algo pueril, com a finalidade de suscitar a ternura, o amor e a veneração dos receptores", (in Mafalda Ferin CUNHA, *Persuasão e Deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 331.). O tratamento do tema sobre o Menino Jesus remonta a uma tradição que vem de trás, da qual os franciscanos tão bem se souberam aproveitar nos rituais devocionais, (cf. Isabel MORUJÃO, "As Lágrimas do Menino Jesus: Entre a Doutrina e a Poesia", *Via Spiritus*, 2, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1995.). Segundo a autora, "as duas grandes linhas cristológicas encontravam-se pois lançadas desde finais do séc. XIV: o caminho da cruz (...) e o caminho da afetividade, suscitado pela exploração de cenas da Natividade". Estes são os dois caminhos da fé que centralizam o pietismo dos fiéis, (in Isabel MORUJÃO, "As Lágrimas do Menino Jesus: Entre a Doutrina e a Poesia", *Via Spiritus*, 2, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1995, p. 132.).

⁷⁴⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 23 v.

⁷⁴⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 29 r.

coração cõ sua toalha mui bẽ posta e em sima delle o menino Jesus sentado despedinho de todo cõ os cabelinhos como ouro"⁷⁴⁹.

Em qualquer lugar rezava, dando conta de estar completamente absorta em oração, nos locais mais improváveis, justificando que Deus lhe estava sempre no pensamento e na alma e, por isso, poderia conversar com ele em qualquer lugar. A propósito da divina presença, Soror Antónia intervém na narração para revelar o proveito que tirou dos ensinamentos da Madre Maria das Chagas: "com zelo das almas pedia a algũas pessoas fisecem muito por andar ã apresença de Deus e eu fui hũa d ellas que o emcomendou por veses emcareçendome omuito que aproveitava a hũa alma este pensamento que era omais que em este mũdo pudia faser"⁷⁵⁰. Em todo o lado o via e sempre aproveitava para elevar o espírito "nas creaturas nas estrellas nos câpos nas flores ã tudo o contemplava, comẽdo falãdo andando, athe durmindo"⁷⁵¹.

Há uma nítida intenção doutrinal, ao longo de toda a obra. Vejamos o exemplo de reflexão teológica que Soror Antónia nos expõe - embora revelando "que cousas tão spirituais que so paixão ãtre Deus e a alma so ella pode testemunhar"⁷⁵² - sobre a verdadeira entrega que o amor representa, alcançada na potência Unitiva (a última fase da caminhada da vida):

Sabido é que pella vontade amamos, eque se chama potencia Unitiva, porque fãas ao amante hũ cõ o amado, oque obra quando o amor afãas sahir desi e passar ao que ama, cõque toma seu ser deixando opropio, pello que diçe devinamente santo agostinho «se terra amas, terra es, se çeo, çeo es, se Deus, Deus es»⁷⁵³, porque o objecto aque o amor cativa avontade em esse a transforma⁷⁵⁴.

Assim era o amor da Madre Maria das Chagas com Deus, que a levava a abdicar de si mesma para se entregar ao divino. Chegou a confessar a uma religiosa que se Deus a mandasse ir ao inferno, iria, porque essa era a sua vontade. Numa das visões que teve, ao revelar a Deus que lhe queria entregar o seu coração, viu Cristo crucificado deixando cair o braço direito da cruz. Só mais tarde uma voz interior lhe disse que Cristo despregara a sua mão direita para lhe tomar o coração que ela lhe oferecera.

⁷⁴⁹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 29 r.

⁷⁵⁰ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 17 v.

⁷⁵¹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 18 r.

⁷⁵² *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 20 r.

⁷⁵³ Decálogo da oração em Santo Agostinho (Ep.lo, tr. 2, 14), *Confissões*.

⁷⁵⁴ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 20 r.

Sempre exercitou a oração mental, dizendo que rezava recolhida dentro de si. Nela passava horas e era tão contínua, que se ia consumindo aos poucos. Comungava espiritualmente todos os dias.

No entanto, a sua opinião sobre os padres nem sempre era muito favorável. A religiosa apontava o dedo aos padres incapazes de orientar as suas "ovelhas" condignamente, assunto que Soror Antónia parece partilhar com a Madre Maria das Chagas, quando critica os prelados por enviarem confessores pouco letrados para o convento: "grande culpa em os perlados que amolheres simplex não dão padres spirituais que emcaminhẽ suas consiensas"⁷⁵⁵. Este tipo de comentários dificilmente apareceria numa historiografia masculina sobre casas femininas. São expressões de um sentimento vivido e experimentado na pele e no espírito, resultante da condição de se ser mulher num mundo dominado por homens.

A preocupação de Soror Maria das Chagas com a salvação dos outros era permanente, nomeadamente quando se tratava de infiéis, porque não conheciam a verdade de Deus, o que a entristecia porque ofendiam a Deus. A questão da conversão de Inglaterra ocupou-lhe o pensamento durante muito tempo e tentava, por todos os meios, saber notícias sobre os acontecimentos. Apreciava o trabalho dos padres jesuítas que "alem de ser gẽte mui spiritual (desia ella) fasẽ grande fructo na conversão das almas"⁷⁵⁶.

O que para a Madre Maria das Chagas eram visões, Soror Antónia chama revelações, mas não insiste na designação, registando: "deixo aos spirituais o darẽlhe o sentido que elles mereçẽ"⁷⁵⁷. Têm muitas delas um fundamento litúrgico que é adaptado à realidade que importa evocar. Relatam-se sonhos, profecias e revelações que têm a finalidade de comprovar as graças que Deus operava pela religiosa e que a distinguem como uma das eleitas. Soror Antónia repete ainda a visão da sepultura de Soror Inês, irmã de Maria das Chagas (relatada na sua biografia, no "livro segundo"). Há ainda um outro episódio muito interessante das suas visões que contém evidentes reminiscências bíblicas do *Génesis*, onde aparece descrita uma escada (a escada de Jacob fora já referida pela autora nos versos da primeira Invocação à Virgem, no "livro primeiro") que Maria das Chagas subia, perante a presença de um ancião venerável e afável e de um livro de suma importância, pois tinha letras de ouro:

⁷⁵⁵ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 24 r.

⁷⁵⁶ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 38 v.

⁷⁵⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 33 v.

Outra ves sonhou via hũa escada mui alta que sobia da terra ao çeo e no fim ã o taboleiro della aparecia hũa ansião mui veneravel, cõ roupas cõpridas que representava grande autoridade, diante delle estava hũa estante cõ hũa livro mui grande [fl. 34 v.] escrito cõ letras de ouro, o qual lhe desião ser o livro da vida cõ themor subia os degraos e o ansião pôdo lhe os olhos graciosamente se sorria e agasalhava cõ elles, pergütoulhe ella senhor está o meu nome ã esse livro elle asim risonho corria as folhas e ao tã grande que ellas fiserão acordou antes de ouvir a reposta⁷⁵⁸.

As revelações ajudavam a decidir múltiplas questões. Quando decidiram instituir uma confraria para benefício da Igreja, nem todas as religiosas e leigas estavam de acordo. Após o relato de um sonho da Madre Maria das Chagas, as renitentes cederam. Pela expressividade do excerto, optámos por transcrevê-lo:

Sonhou hũa noite via hũa religiosa de nosso abitto, (...) otucado mui onesto ecõ grande modestia ã tudo, pello que se via ser pessoa de muita autoridade esta lhe mostravadous meninos Jesus elhe desia que ao que se risse para ella deçe a esmolla ã isto vialhe ã os brassos hũa vestido de carmisim mui rica mente ecõ muito ouro e fermosissimo e que mostrava ser mui rico, mas tã grave em o sêblante que ella se não atrevia nã a levantarlhe os olhos e o outro mais pequenino cõ hũa camisinha mui pobre, mas que se ria para ella tã graciosamente, que ate os olhinhos, as covasinhas que fasia nas faces as orelhinhas, os cabelinhos, tudo parecia selhe estava rindo ecõ este riso hubrigava alhe darẽ esmolla, entẽdeo ã o mesmo sonho que este pobresinho era a igreja da speransa e o grave e rico a da matris que se chama sancta maria⁷⁵⁹.

Regularmente visitava as religiosas enfermas, que lhe pediam para que ela lhes collocasse relíquias de santos nos membros lesados ou lhes fizesse o sinal da cruz. Todas tinham muita fé nas suas virtudes, a todas consolava com doces palavras e desejava abraçá-las. Sofria pelas que morriam sem a administração dos sacramentos.

Preocupava-se com a formação das mais novas, ensinando-lhes histórias do Menino Jesus e de santos adequados às suas idades. Quando saiu do Mosteiro da Esperança para reformar o Convento de Santa Clara de Bragança, a pedido de D. Catarina, ouviu muitas histórias que envolviam padres ignorantes que desprezavam a sua vocação e deixavam à deriva muitas almas sem doutrina cristã. Estando um dia mais revoltada, dirigiu-se à cela da irmã do Deão do Duque D. Teodósio e pediu-lhe que transmitisse o seu desagrado ao duque e atuasse em conformidade contra esses padres:

A quẽ fas cura de almas, que como podem hũa idiotta governar as alheias se as suas não sabẽ, eque lhe diga lhe pesso da parte de Deus elhe ãcarrego muito a consiensa ponha em histo

⁷⁵⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fls. 34 r. e v.

⁷⁵⁹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 35 v.

remedio ã as partes que pertensem aseu estado, que não provaria os tais benefiços senão em homẽs doctos e de boa vida, que tema a justiça devina, emtão toda influida ã charidade batia no juelho aceso o rosto como hũas brasas e desia, opeccadora de mim, as pobres ovelhinhas, que custarão o sangue de Christo Senhor nosso faltarlhe a doutrina christã e pastor que as apaçente que a maior parte se perde por ignoransia bõ irẽsse ao inferno por serem governadas por taes perlados como hão de guardar a lei de Deus se lha não sabẽ ensinar o quẽ pudera tão bem avisar el rei que histo é hũa lastima que a trevesa os corações⁷⁶⁰.

Quem a ouvia estranhava o tom das palavras nada habitual, no entanto o assunto provocou-lhe alguma agitaçãõ, que só se aplacou quando recebeu resposta favorãvel do Deão.

Foi extremamente humilde e obediente e, como tal, cumpriu trẽs mandados, embora o terceiro já tivesse sido uma "crus pesadissima que lhe puserão aos hõbros"⁷⁶¹, pois já se sentia muito debilitada pela pouca saũde e muita idade.

Soror Antõnia refere vãrias profecias que a Madre Maria das Chagas proferia antes de ocorrerem os factos. Previu a morte de crianças, do irmãõ, da irmã, garantia antecipadamente a cura a doentes, chegando a ler pensamentos: "Esta graça de entẽder pensamentos selhe conheço ã muitas ocasiões ã que respondia a elles como selhos ouveçẽ comunicado e este foi semelhante ao passado"⁷⁶².

Sobre as tentações que sofria, respondeu a uma religiosa que tinha "tantas como mosquittos"⁷⁶³, mas que as mesmas desapareciam quando ia ao Monte Calvãrio. Soror Antõnia explica metaforicamente que enquanto a alma estã presa ao corpo, navegando "no mar deste mundo", estã sempre cercada de inimigos, servindo-se das palavras de Job quando diz que a verdadeira batalha é a vida do homem sobre a terra. A Madre Maria das Chagas referiu muitas vezes umas estranhas presenças que lhe impediam a contemplaçãõ e o descanso: sentia uma mãõ negra sobre a cabeça que depois se alastrava ao corpo todo. Relatava tambẽm que "andava de noite por sima de seu corpo como cõ pes de galo ou galinha comessando a trepar desde os seus ate agarganta e parendolhe aqueria afogar se valia do santissimo lenho do vera crus e metendoo em aboca se livrava, e desapareçia o enemigo della enosso"⁷⁶⁴. Considerava-se, no entanto,

⁷⁶⁰ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 43 v.

⁷⁶¹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 47 r.

⁷⁶² *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 54 r.

⁷⁶³ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 54 r.

⁷⁶⁴ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 56 v.

merecedora de sofrer a perturbação das tentações, que a religiosa resolvia refugiando-se nas suas orações e contemplações. Soror Antónia reconhece que só revelou uma parte das tentações sofridas pela venerável madre, porque grande parte delas a Madre não devia contar.

Conhecia muito bem os Evangelhos e por eles se guiava em todos os momentos da sua vida; um dia, tendo já bastante idade, uma religiosa ofereceu-lhe "hũa gota de vinho"⁷⁶⁵, ao que a Madre Maria das Chagas respondeu: "se for novo não por que dis Deus não lanses vinho novo ã odre velho"⁷⁶⁶. Citava vários exemplos das Sagradas Escrituras, dos profetas e Doutores da Igreja e a prova disso era quando a autora lhe lia algumas passagens, ela completava informações, o que demonstrava que as sabia de memória e as interpretava como qualquer letrado:

Por que lhe li muitos annos livros spirituais etendo eu mui poucos de idade pella grande continuassão no que ã certos cõseptos ecõparações acodia ella logo o propheta davit ã tal psalmo salamão ã tal livro tal doctor ã tal lugar, sendo que o livro os não çitava e eu cõ esta curiosidade oulhava amargẽ e via omesmo e emtre mim como menina desia valha me Deus tudo esta molher tão idiotta sabe de memoria⁷⁶⁷.

A sabedoria aliada à lhaneza do caráter tornavam cada visita da Madre "hũa lissão de hũ livro muito spiritual"⁷⁶⁸, que não entediava, pelo contrário fascinava quem a ouvia.

Nos últimos dias de vida sentia-se confiante por estar a caminho da "pátria". Recebeu os sacramentos a tempo e após muito agonizar, expirou a contemplar a cruz, a onze de maio de 1631. Um sentimento de orfandade contagiou toda a comunidade. Todas sentiam a falta do refúgio que o amparo desta *mãe* proporcionava, "parendonos se acabara o refugio de todas as tribulações, aguia emestra no spiritual, hũa coluna da religião, e hũa perpetua oradora não so nossa mas de todo o univerço"⁷⁶⁹.

Os sinais revelados aquando da sua morte são indiciadores da sua santidade⁷⁷⁰: o rosto alvo e formoso, sem se perceber os efeitos da idade, as mãos que pareciam de

⁷⁶⁵ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 60 r.

⁷⁶⁶ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 60 r.

⁷⁶⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 61 v.

⁷⁶⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 61 v.

⁷⁶⁹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fls. 66 r. e v.

⁷⁷⁰ Cf. Isabel MORUJÃO, "Poesia e Santidade: Alguns Contributos para uma Percepção do Conceito de Santidade, a partir de Duas Biografias Devotas de Religiosas do Século XVIII Português", in *Via Spiritus*, 3,

"alabastro". Todo o cenário daquela hora derradeira é transmissor de serenidade e beleza que "cõfessavão muitos que fasendoçe violensia ao chegar abeijarlhe amão pello themor que a morte causa, tanto que vião sua fermusura senão pudião apartar della"⁷⁷¹. A autora sente necessidade de traçar o retrato físico da Madre Maria das Chagas em vida, para dar a entender que, apesar da idade e (principalmente) da morte, os traços do rosto não se tinham alterado substancialmente:

Foi amadre maria das chagas de mui bõ parecer ã mossã e ainda ã esta idade tinha hũs olhos tão fermosos e alegres que atrahião aquẽ os via, era mui brãca, o rosto bẽ perposicionado mais redondo que cõprido e não pequeno, onaris hũ tanto grãde oque seria neste tẽpo por estar magrissima a boca delgada e não grande os dentes meuidos ecõ tanta graça no riso que parecia alegrava cõ elle, a fronte fermosa e lisa posto que cõ o toucado a cobria quasi toda, a sõbraçelha não mui pavoada mas bẽ feita, quasi sempre andava ãvolta ã cor que a fasia mais graciosa prinsipalmente quãdo falava de Deus, ou lhe lião livros spirituais, tinha tão grave aspecto que sendo tão afavel temia quẽ lhe punha os olhos⁷⁷².

Toda a comunidade esteve presente nas celebrações fúnebres.

Ainda que não tivesse sido comunicada a ninguém, a notícia da morte da Madre Maria das Chagas rapidamente se espalhou pelo povo que lhe tinha grande adoração, pelo conhecimento das suas virtudes e da sua santa vida⁷⁷³. A Madre Abadessa e o Padre Confessor aconselharam-se e decidiram satisfazer os pedidos pressurosos da população que exigia vê-la, levantando o pano da grade durante a celebração da missa, finda a qual os pedidos de relíquias não se fizeram esperar.

Colocaram o seu corpo no Capítulo e, no mesmo instante que o corpo era sepultado, algumas religiosas afirmaram que a viram fazer uma reverência à imagem de Nossa Senhora que está no altar.

Neste ponto da narração, a autora passa a relatar dez graças que Deus concedeu à Madre Maria das Chagas em vida. Todas elas foram tidas em conta na apreciação do seu

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, p. 245; André VAUCHEZ, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988, p. 503.

⁷⁷¹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 66 v.

⁷⁷² *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 69 r.

⁷⁷³ A morte da religiosa constatada pela população e as manifestações que daí decorrem dão conta da importância que o convento tinha na sociedade que o envolvia, (cf. Isabel MORUJÃO, "Morrer ao Pé da Letra: Relatos de Morte na Clausura Feminina Portuguesa", *Via Spiritus*, 15, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2008, pág. 168.).

processo de beatificação. As ocorrências tiveram lugar não só dentro do convento - por exemplo, quando a Madre pediu a intercessão de Santo António para que não faltasse pão no convento ou nos momentos em que socorria as companheiras doentes fazendo-lhes o sinal da cruz ou colocando-lhes relíquias de santos nas partes fragilizadas - como fora da clausura, pois muita gente a procurava a pedir-lhe cura para doenças ou resolução de conflitos.

Todos os relatos terminam com o juramento do revelado e com o compromisso de voltarem a contá-los caso fosse necessário.

Seguem-se os relatos da realização de vinte e um milagres *post mortem*. Há alguns episódios neste contexto que merecem uma atenção mais detalhada. O terceiro caso relatado diz respeito à morte de uma sobrinha de uma religiosa que, constatando a "ineficácia" da intervenção da Madre Maria das Chagas, a desacreditou e até a injuriou, acusando-a de não ser santa, senão a maior pecadora de todas, o que incomodou profundamente todas as presentes. Nessa noite, dirigindo-se ao Coro esta religiosa "êdurissida" deixou-se adormecer e ao pressentir a presença de alguém, acordou subitamente e deparou-se com a figura da Madre Maria das Chagas que ocupava o lugar da Abadessa. Quando na manhã seguinte tentou contar o sucedido a uma companheira, vários episódios impediam-na de o fazer, sendo constantemente interrompida (pelo interesse do exposto e até pelo pitoresco da sequência discursiva, citamos a passagem):

Diçe para hũa religiosa que estava jũto della não sabeis ã este põto fesse sinal para o *pater noster* ecalousse sã lhe tornar alẽbrar indo para amesa da çea tornou adiser para amesa não sabeis levãtou neste põto aperlada o *de profundis* etornou a calar em se acabãdo amesa virou para ella etornou adiser não sabeis ao que areligiosa rindo lhe diçe acaba ja que (é) isso que (é) o de saber, dis ella que vi oje maria das chagas dise aoutra como a viu respondeolhe asim como esta noretrato e eu não sei para que ella me apareço, estando ã este ponto que parece lho esperava Deus entrou hũa religiosa⁷⁷⁴.

Mais tarde, quando ouviu um relato de um milagre feito pela venerável madre, caiu em si e arrependeu-se das blasfêmias proferidas contra a Madre Maria das Chagas.

A meio destes relatos, Soror Antónia refere objetivamente que a recolha destes dados sobre a venerável Madre se concretizaram por ordem do rei D. João IV - "quãdo se tirou informassão de suas maravilhas por ordem de sua magestade para se tratar de sua

⁷⁷⁴ Livro da Fundação, "livro tersseiro", fl. 73 v.

beatificassãõ⁷⁷⁵ - e retoma esta informação crucial, no ponto sete (uma vez que os casos ocorridos são numerados pela autora), revelando o motivo que terá levado o rei a ordenar a abertura do processo de beatificação da Madre Maria das Chagas e que se relaciona com a perda de uns papéis que o rei terá mandado vir de Itália e que terão ficado muito dispendiosos. Desorientado com o desaparecimento dos documentos, o rei (que na tentativa de os reaver, já havia mandado rezar missas e feito promessas a santos)⁷⁷⁶ ter-se-á aconselhado com um fidalgo de sua casa que o lembrou de solicitar a ajuda da Madre Maria das Chagas, que tinha falecido havia pouco tempo e que nutria grande estima pelo rei e por toda a casa real. O rei anuiu, prometendo que trataria da beatificação da religiosa caso obtivesse a graça pretendida. Coincidiu este pedido com uma Sexta Feira Santa, no dia em que o correio chegava de Madrid. De entre a cotrespondência recebida, foram encontrados os papéis sem que o rei conseguisse explicar como. Convém sublinhar que o fidalgo que ajudou D. João IV era Salvador de Britto Pereira, possivelmente pertencente à família Roiz de Britto Pereira, cuja ligação ao convento era estreita por nele se encontrar uma religiosa professa pertencente à mesma família e por outro (suposto) familiar ter redigido um soneto laudatório à autora do livro.

Após a Páscoa, o monarca enviou recado ao Provincial da Província dos Algarves para que tratasse de mandar fazer um levantamento da vida e virtudes da religiosa. A forma desinteressada como os dois padres escolhidos para o efeito trataram o processo, leva a autora a criticar o desapego destes dois religiosos, ficando, no entanto, expectante de assistir ainda em vida à resolução da situação: "aseu descudo e negligensia dos mesmos provinsiais não ser tão grande ja estivera beatificada por que a grandesa de sua magestade nolo prometia a sim se não o não sepultar o que digo mas não perdẽ os que oje vivẽ as speransas deo vermos ã nossos dias"⁷⁷⁷.

Outro dos casos bem sucedidos graças à intercessão da Madre Maria das Chagas merece ser transcrito atendendo à especificidade vocabular:

A madre soror ines de Jesus mesmo deste convento ãgoliu hũa espinha grande de peixe e atinha tão atormêtada que não podia indireitar a cabessa nẽ levãtar abarba de peito etotalmente se

⁷⁷⁵ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 74 r.

⁷⁷⁶ Facto que sublinha a intrínseca ligação do poder real ao poder da Igreja, em vários domínios.

⁷⁷⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 76 r.

sentia afogar fiserãolhe infinitos remedios sem nenhũ aproveitar levarão lhe amãtilha d esta madre elogo obedeço aespinha passando para baxo cõ este so remedio⁷⁷⁸.

O milagre que surge registado com o número dezanove respeita a uma cura milagrosa, ocorrida fora do convento, a um Capitão da Infantaria que estando muito doente e sendo desenganado pelos médicos, se viu curado pela mantilha da Madre Maria das Chagas, na qual tinha muita fé. O propósito de citarmos este milagre em particular deve-se ao facto de pretendermos salientar que o médico que acompanhou este doente e que reforçou as esperanças do enfermo com a colocação da mantilha foi o Doutor Diogo Peres Ferreira, autor do primeiro soneto em apologia da autora e o mesmo que inscreve o título no livro de Soror Antónia. O médico aparece, a partir deste momento, mencionado mais duas vezes, em outros dois casos, pois era médico "de grande nome e experiensia"⁷⁷⁹, mas também porque parece ter sido bastante próximo das religiosas do Convento da Esperança, pois presenciou a trasladação dos ossos da venerável Madre para o cemitério novo.

Esta cerimónia teve lugar a catorze de abril de 1652, trasladando-se todas as religiosas falecidas para o cemitério construído a expensas da Madre Soror Filipa Evangelista. Junto do mesmo, ergueu-se uma casa com um altar com dois "repartimentos, o que fica aparte do evangelho para colocar amadre maria das chagas e o da epistola para amadre soror catherina do espirito santo (...) por averẽ sido de admiraves vertudes". Como se sabe, do lado do Evangelho colocam-se as imagens mais veneradas. Findas as exéquias, abriram-se as urnas das duas religiosas, cuja descrição é bastante pormenorizada pela autora, o que comprova a sua presença no local: da Madre Catarina do Espírito Santo mantiveram-se intactos o véu pequeno da cabeça e a corda; da Madre Maria das Chagas foi tomada a cabeça em mãos pela Abadessa a Madre Soror Filipa e beijando-a notou que havia ficado uma marca no local osculado, como se estivesse viva. Para descrever a solenidade da procissão, Soror Antónia serve-se de vários recursos sensoriais, destacando a visão, a audição e o olfato, numa tentativa de despertar as sensações do leitor, que não pôde presenciar o acontecimento, mas é agora convidado a assistir à formalidade do ato através do relato de Soror Antónia. Seguiu a procissão do Capítulo para o Coro baixo, escutando-se o dobrar dos sinos, as religiosas acompanhavam o

⁷⁷⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 76 v.

⁷⁷⁹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 78 r.

cortejo fúnebre com círios de cera fina nas mãos e quatro discretas transportavam a urna (contendo os restos mortais das Madres Maria das Chagas, Catarina do Espírito Santo e Joana do Espírito Santo), que colocaram sobre uma eça de quatro degraus e muitos ramalhetes de flores "que fazião alegre vista être as luses"⁷⁸⁰. O Coro estava todo alcatifado. Terminado o ofício de defuntos sentiu-se uma fragrância no Coro que não se conseguia definir, porque era "cheiro que consolava ecõfortava sem se atinar qual d este mûdo fosse"⁷⁸¹. O cheiro foi sentido pelo Doutor Diogo Peres Ferreira que se encontrava no convento.

No dia seguinte, o Padre João Carvalho fez um sermão no qual fez referênciã a vinte e duas religiosas exemplares do Convento da Esperança, sendo a Madre Maria das Chagas a primeira a ser nomeada como glória do convento e "prodigio destes tempos"⁷⁸². Após a missa, os corpos foram levados para o cemitério, onde todas as religiosas se despediram entre muitas lágrimas de devoção e saudade, e colocados no altar realizado para esse efeito.

Findo este relato Soror Antónia retoma os milagres efetuados pela Madre Maria das Chagas, desta feita, após a trasladação.

A autora termina a biografia da Madre Maria das Chagas com o "treslado do parecer do padre frei lourenço de portel"⁷⁸³ sobre a relassao da vida e morte da madre maria das chagas tirada do mesmo original". Neste documento, redigido a pedido do Provincial Frei Luís dos Anjos⁷⁸⁴, o Padre Lourenço confirma que tinha lido a relação sobre a vida da venerável Madre Maria das Chagas (redigida pelas duas religiosas Madre Soror Joana Baptista e Madre Soror Isabel dos Anjos), da qual destaca os aspetos mais prementes no processo de canonização: a vida santa que tinha levado, que é mais importante do que a realização de milagres; as suas duas grandes virtudes (a humildade e a preocupação da salvação do próximo), etc. Dos outros aspetos, considerados

⁷⁸⁰ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 80 v.

⁷⁸¹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 80 v.

⁷⁸² *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 81 r.

⁷⁸³ Fundador do Convento de Santo António do Torrão, segundo Barbosa Machado, foi Guardião no Convento de Setúbal em 1596 e confessor das religiosas do Convento da Madre de Deus, eleito Provincial em 1601. Faleceu com 100 anos de idade, no Convento de Santa Maria de Xabregas, Cabeça da Província dos Algarves, a 31 de Agosto de 1644, (in *Bibliotheca Lusitana, História, Critica e Chronológica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, todos os tomos, Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX, pp. 36, 37.).

⁷⁸⁴ Provincial da Província dos Algarves por duas vezes (1610-1613; 1623-1626).

secundários, aponta a pobreza no vestir, a penitência concretizada pelas disciplinas e jejuns; o choro frequente; a pureza de alma. O autor do texto cita os milagres realizados pela Madre Maria das Chagas, começando por aludir ao conhecimento que o povo teve da sua morte, sem que esta tivesse sido anunciada, comparando esta ocorrência com a morte de Santo António de Pádua, que, quando aconteceu e sem que os monges a tivessem comunicado, ouviram-se vozes de crianças a gritar "morto he antonio"⁷⁸⁵. A consciência da proximidade da morte, a formosura do rosto e a brandura das mãos, "as quais duas cousas do rosto e mãos se aponta como cousa milagrosa na vida de algũs sanctos ã diverssas historias"⁷⁸⁶, o milagre do trigo no celeiro, o espírito de profecia, o alívio de seculares, as visões e revelações espirituais e alegria interior, eram milagres a contribuir para a causa de beatificação da venerável Madre. O autor sublinha, no entanto, no fim deste escalonamento, que algumas dessas visões não eram comprováveis, mas que, pela vida santa da pessoa em causa e por terem sido comunicadas aos confessores, se acreditava serem verdadeiras, como havia acontecido em algumas vidas de santos contadas em crónicas pelos próprios, que, na falta de testemunhos, se acreditava que teriam ocorrido da forma como eram narradas.

Nas advertências ao documento, o Padre Frei Lourenço de Portel recomenda que se façam orações pela religiosa, mas sigilosamente, nunca sob forma pública, pois não era santa canonizada. Termina explanando sobre as virtudes que eram tidas em conta na apreciação do processo, informando sobre a inquirição das ocorrências e exame do Bispo ou Arcebispo da diocese, que seguem os princípios estipulados pela sessão 25 do Concílio de Trento. Acrescenta ainda que estes procedimentos deveriam ponderados quando o convento tivesse intenção de autenticar os milagres e vida da santa, para grande honra da instituição, bastando para tal fazer uma petição ao Arcebispo de Évora.

A voz da autora faz-se ouvir novamente para concluir o texto, ao revelar que o parecer tinha sido dado em 1631, no ano da morte da Madre Maria das Chagas. Soror Antónia demonstra aqui algum inconformismo pela indiferença demonstrada para com a relação redigida pelas duas religiosas, incumbidas de tal tarefa pelos seus confessores e que contrariava, em parte, o que o Padre Frei Lourenço de Portel adiantara sobre a inexistência de provas das revelações e visões.

⁷⁸⁵ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 84 v.

⁷⁸⁶ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 85 r.

Soror Antónia Baptista encerra a obra com a sua protestação, reiterando, no que toca ao relato sobre a vida da Madre Maria das Chagas, a veracidade da sua narração baseada no que viu e conheceu pela recolha de informações que efetuou ao longo de dois anos, pedindo perdão a Deus pelas faltas cometidas e submetendo o seu texto à aprovação dos inquisidores:

O que eu fis cõ a mor deligencia everdade que pude não me fiando ã nenhũa materia de meu parecer nẽ de hũ so senão de muitos gastando perto de dous annos em me informar de pessoas de talento e fidedignas cõ grande maduresa econsiderassã, e de tudo oque Deus por esta serva sua ha obrado lhe dou infenitas graças, e das faltas lhe pesso humilmente perdã submetendo tudo ditto ã este humilde livro a correcssã da santa igreja romana e de qualquer que melhor oentẽder dando por não ditta qualquer palavra que, como molher ignorante e idiotta não seja aprovada dos senhores inquisidores acuja ãmenda sobmeto tudo o ditto⁷⁸⁷.

Não deixa de ser curiosa esta relação que, emitindo tantos juízos de valor acerca dos padres e da fraca qualidade de alguma orientação espiritual, criticando a falta de iniciativa para assuntos importantes, etc., termina com o tópico de humildade que, malgrado o carácter estereotipado, não deixa de se sentir como estranho, na boca de quem tanto procurou fazer com autoridade, legitimidade, verdade e isenção: perspetivar-se como ignorante e idiota.

⁷⁸⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 86 v.

Conclusão

De todo o trabalho até aqui exposto, pode inferir-se, desde logo, a importância que assume a edição e estudo da crónica portuguesa de autoria feminina, no contexto dos escassos estudos que sobre ela têm sido feitos. Há que recolher e sistematizar tópicos, detetar linhas de força e de espiritualidade, que só um trabalho em equipa poderá levar a cabo com a envergadura que o tema merece. Pela nossa parte, a paixão que nos ficou do trabalho empreendido é, desde já, garante da continuação da investigação na área, bem para além do que aqui se plasmou.

A edição de mais um manuscrito feminino representa sempre um avanço para o ensaio da tipologia da historiografia feminina em Portugal, que urge fazer. Trata-se de um contributo inegável para entrar "portas adentro" de mais um mosteiro que, a despeito de ir ruindo na sua materialidade física, se mantém intacto por força das memórias que Soror Antónia Baptista registou, surpreendendo devoções, rotinas, obras de arte, patronato e escrita feminina: vetores que carecem de maior sistematização com a constituição de mais edições desta natureza e o seu estudo.

No entanto, há que dizê-lo, o estudo da obra de Soror Antónia não se esgotou nesta dissertação, pois esta explanação está longe de conseguir estabelecer sínteses decisivas na área da historiografia religiosa. De qualquer forma, ela permite perceber a importância de que o género se revestiu na altura, bem como do investimento programático das Ordens neste tipo de textos, no âmbito do movimento reformador pós Trento, ainda que a obra de Soror Antónia se reivindicasse de impulso individual, desenquadrada da normal moldura de obediência que enquadrava esta tipologia de escrita.

O texto sobre o qual nos debruçámos e que de seguida transcrevemos permite e convida a uma multiplicidade de abordagens atendendo à esfera de ação que consegue albergar. Propusemo-nos oferecer ferramentas que permitam a futuros investigadores desbravar esses caminhos plurais que Soror Antónia nos legou, servindo este *corpus* de interesse a áreas que se poderão tornar complementares à Historiografia Religiosa, como a Arquitetura, a Sociologia, a Psicologia e Psicanálise a Paleografia, a História das Artes, entre outras.

Esta reflexão sobre a obra de Soror Antónia Baptista evidencia "o quanto a história da espiritualidade, no seu sentido mais amplo, passa tanto pelo estudo das ordens e congregações religiosas (...), dos seus autores e das suas grandes obras, como pelo estudo concreto de pessoas, de «pequenas» obras, incluindo as esquecidas (...), enfim das variadas devoções que são, muitas vezes, sobretudo no século XVII, o meio mais eficaz para a partilha do espírito"⁷⁸⁸.

Da classificação acima traçada por Maria de Lurdes Correia Fernandes, incluiríamos a obra de Soror Antónia Baptista no rol das "esquecidas", por ter permanecido inédita ao longo de trezentos e cinquenta e oito anos, lembrada pontualmente em estudos académicos que nela buscaram alguns exemplos que ilustrassem as suas observações. Este esquecimento é extensivo à sua autora, de quem não se conhecem dados biográficos, afora a única referência que a própria faz de si mesma, no seu texto, que é a de ter entrado com cerca de quatro anos no Convento da Esperança (só possível numa época anterior a Trento). Soror Antónia é um produto da observância e obediência clarissas, daí resultando uma formação regrada e espartilhada no seu convento. A educação aprimorada que terá recebido tê-la-á distinguido da maioria das companheiras, pois não era comum uma mulher, ainda que religiosa (com mais facilidade em obter alguma formação do que uma leiga, excetuando as nobres) escrever com a perícia e saber que Soror Antónia revela: domínio do latim, citação de Escrituras, de Doutores da Igreja, de vários assuntos da realidade social, histórica e política nacional e europeia.

Para além de pretender livrar do esquecimento o *Livro da Fundação do Convento da Esperança de Vila Viçosa*, este estudo teceu considerações sobre a sua autora, uma escritora religiosa, que, só pelo facto de ser mulher a viver na assim designada Idade Moderna (evitada de preconceitos e estereótipos masculinos), constituiu "una inusitada modernidad"⁷⁸⁹. Esta obra revela uma escritora, indiciando o poema preliminar que a classifica como "douta Antónia" uma prática de escrita conhecida fora dos muros do convento, mas de que até hoje não apareceram testemunhos. Por isso esta é uma tese que também fala dos silêncios da História.

⁷⁸⁸ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, "Recordar os Santos Vivos; Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Séc. XVII Português", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, FLUP, 1, 1994, p. 155.

⁷⁸⁹ Nieves BARANDA, "Mujer, Escritura y Fama: la Hespaña Libertada (1618) de Doña Bernarda Ferreira de Lacerda", *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, n.º 0, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p. 225.

A análise detalhada e minuciosa deste manuscrito levou a uma constatação interessante: a do cruzamento de uma escrita feminina individual com uma escrita feminina coletiva, embora cada uma delas assuma vetores de diferenciada responsabilidade. A consciência do vigor do registo escrito na perpetuação de memórias coletivas e construtoras de identidade levaram Soror Antónia Baptista a assumir a autoria da escrita de episódios fundamentais para a consolidação do património identitário do Convento da Esperança, para o qual toda a comunidade religiosa foi convidada a participar, construindo, deste modo, a memória coletiva de uma instituição plural, com inteiro sentido de comunidade. O que não impede que a autora manifeste um juízo no que toca à inércia de alguns prelados e abadessas ou até em momentos em que se permite corrigir dados erróneos fornecidos por alguns cronistas coevos.

Demos início ao nosso estudo com a contextualização histórica e religiosa da Época Moderna, por forma a enquadrar o texto de Soror Antónia na sua época de produção (1652-1657). Sendo o Convento da Esperança uma instituição de fundação régia, erigido sob os auspícios da casa real de Bragança, de onde emerge a figura de D. Isabel de Lencastre, sua primeira fundadora, houve necessidade de tecer uma breve explanação sobre os laços que uniram as duas instituições e perceber em que moldes se efetuava esse protecionismo. Apesar dessa ligação privilegiada, a distância geográfica e social do convento afastam-no, financeira e culturalmente, dos seus congéneres localizados próximos da corte, como o "perfeitíssimo" Mosteiro da Madre de Deus de Lisboa, para onde algumas religiosas do Mosteiro da Esperança gostariam de ter entrado.

Politicamente, o país assistia aos resquícios do fim da monarquia dual com a Restauração da Independência Nacional e a subida ao trono de D. João IV (1640), que é justamente dedicatário da obra de Soror Antónia Baptista. Se mais razões não houvesse, este simples facto exigiria a breve contextualização traçada.

A contextualização religiosa tornou-se também necessária, pela emergência de um tempo de reformas e perfeições saído de Trento, de onde emergiu uma tessitura doutrinal (refletida em algumas passagens da obra), que conduziu a um maior controlo e tentativa de morigeração de comportamentos dos fiéis. Neste contexto, o *trono* e o *altar* unem esforços para verem difundidas e efetivadas as prerrogativas tridentinas. Esta junção de poderes permitiu, igualmente, ter a noção clara da indissociabilidade das duas

instâncias, nomeadamente, no que toca a questões religiosas, como a fundação de conventos.

Traça-se o historial deste convento desde as origens em 1555 (resultante da junção de dois pequenos cenóbios já existentes, datando o mais antigo de 1516) até à sua extinção em 1866, no âmbito da Reforma Geral Eclesiástica (1834). Atualmente, só a Igreja da Esperança permanece em funcionamento, mantendo as celebrações afetas ao culto religioso. Grande parte do espólio artístico existente foi leiloado ou conheceu destino incerto. Sabemos, contudo, da sua existência, graças ao relato de Soror Antónia. A Igreja conserva ainda os materiais nobres de origem, como os mármore, azulejos, variadas pinturas murais (junto ao coro alto), nos tetos da nave central e no altar mor, imagens pias, objetos sacros que poderiam servir de ponto de partida para a reconstrução de um património artístico, pertença do Mosteiro da Esperança, que parece votado ao abandono e condenado ao desaparecimento, por estarem as tintas dessas obras muito esbatidas pela ação inexorável do tempo que não poupa nada, nem ninguém.

A intenção de dar a conhecer não só a comunidade religiosa retratada na obra, as suas rotinas quotidianas no cumprimento dos ofícios, os hábitos, os rituais devocionais, mas também a mulher que os relatou e fixou, levou-nos por uma breve incursão ao estudo da Segunda Ordem de S. Francisco, as Clarissas, da sua especificidade enquanto Ordem monástica feminina, da sua presença em Portugal na Época Moderna, do seu legado religioso, arquitetónico, artístico, cultural, social, histórico e literário, dos quais a obra de Soror Antónia poderá servir de digno observatório.

Esta obra não surge isolada no panorama literário moderno. Soror Antónia insere um grupo de outras religiosas escritoras que à sua semelhança redigiram *textos de Fundação* com propósitos aproximados, pelo que não deixámos de observar algumas clivagens textuais entre textos femininos e masculinos, dando-se o caso de estes últimos não raras vezes se aproveitarem dos textos femininos que não viam a luz dos prelos para sobre eles lavrarem os seus próprios textos. Algumas vezes sem o confessarem.

O incremento da produção editorial trouxe ao Barroco português (reflexo do europeu, particularmente do espanhol) a possibilidade de ver aumentar a circulação de literatura religiosa. As leituras de textos de cariz espiritual e devocional tornaram as biografias devotas e a hagiografia em géneros preferenciais. É nos cenóbios que "emergem os

primeiros sinais consistentes da visibilidade editorial feminina"⁷⁹⁰, o que obriga a uma atenção mais detalhada à produção literária feminina em sede monástica, que, em pleno séc. XXI, se encontra ainda dispersa, apesar dos vários esforços de historiadores e arquivistas em reunir, organizar e catalogar a documentação esparsa que se vai encontrando por entre as prateleiras empoeiradas dos arquivos e instituições pias abandonadas, que ocultam, nos seus recônditos espaços, histórias "com gente dentro".

Soror Antónia dedica os (aparentemente) últimos anos da sua vida a coligir a história da fundação do seu convento, alicerçada nas *vidas* das suas mais ilustres representantes que se notabilizaram pelos comportamentos exemplares e virtuosos que adotaram, na caminhada espiritual ao serviço de Deus, em busca da salvação.

O texto de Soror Antónia viu-se confinado à realidade manuscrita, condição quase sinónima de esquecimento, como foi o destino de tantas obras produzidas nos claustros femininos. "Tomemo-las como metáfora do que, em sede monástica, se preservou e replicou em termos genéricos, originando um repertório que urge estudar e ponderar com atenção, pois reclama uma revisão do cânone da literatura oficial, que, apesar dos esforços de uma extensa comunidade científica, continua a ser ilustrado sobretudo por escritores masculinos"⁷⁹¹.

Com este estudo, é nossa intenção contrariar a visão pessimista que levara Mendes dos Remédios, nos anos trinta do século passado (e que, de certa forma, ainda hoje se mantém), a lamentar que a literatura de espiritualidade fosse "quase inteiramente desconhecida"⁷⁹², referindo-se à falta de visibilidade pública destes géneros literários.

Nestas considerações finais, apraz-nos confessar que nos coube a grata tarefa de tentar cumprir o desígnio de Soror Antónia Baptista: "tirar o livro do borrão" e, desta forma, libertá-lo da lei do esquecimento, imortalizando a identidade do Convento da Esperança de Vila Viçosa, assim como da comunidade feminina que o ergueu e preservou até quando lhe foi permitido... Fez-se livro!

⁷⁹⁰ Isabel MORUJÃO, "Metidas nesta Arca de Noé": O Diálogo como Estratégia na Historiografia Monástica Feminina da Idade Moderna", in *Letras en la Celda*, Madrid, Iberoamericana-Vervuert, 2014, p. 327.

⁷⁹¹ Isabel MORUJÃO, "Metidas nesta Arca de Noé": O Diálogo como Estratégia na Historiografia Monástica Feminina da Idade Moderna", in *Letras en la Celda*, Madrid, Iberoamericana-Vervuert, 2014, p. 343.

⁷⁹² Mendes dos REMÉDIOS, *Escritoras doutros tempos*, "A quem ler", p. V.

ANEXOS

Carta e lousa

Dom Joam Riccio de Monte Toluciano de Chiua Bispo Arcebispo Sipontino Nuncio Apostolico nos Reinos e Sñorios de Portugal etc. per o Secor das pñtes fazemos saber aos q. as uirem que anos a pñza pñta autoridade Apostolica de q. usamos monidos pellos meçamentos e dnução da nossa amada e mñça Sñma Sñra duquesa de borganca moderna q. quando anosso sñr aprouuer chamala desñte mudo para si seu corpo se se enterrado dentro no Coro de barco do mostho da esgñia de seijas da ordem de sam francisco de villançoa para o q. damos e concedemos pñta dita autoridade luyr lugar e lya affi aas seijas do dito mostho como adita sñra e seus ministros. Sem embargo de q. uas q. uas Constituições e Aplicas provinciaes e sinodales costumes regras e ordenações do dito mostho e ordem delle q. uas ou q. uas q. uas quer outras couzã em contrario q. pa e effeito das presentes por dita veç soamente derogamos. E em fñ das sobre ditas couzas mandamos fazer as pñtes per nos e lñdas e selladas com noss. Sello prope et extra muros vlsbona. In dno Sabina noni nocte. An. Dñi. 1573. m. de maio dom. pñtas m. 23. n. 1. An. de R. D. 1573.

Jo. Arr. sup.
Nunt. ap.

18/12/2014

Figura A - Carta a autorizar a inumação dos restos mortais de D. Isabel de Lencastre na Igreja da Esperança. (BPE).

Licença do medico
 Pñte enterrado a Sñma duquesa
 no nosso Coro baixo

430

18/12/2014

Figura A - Verso do mesmo documento, dando conta da localização da sepultura da duquesa, no Coro Baixo (de acordo com a sua vontade). (BPE).

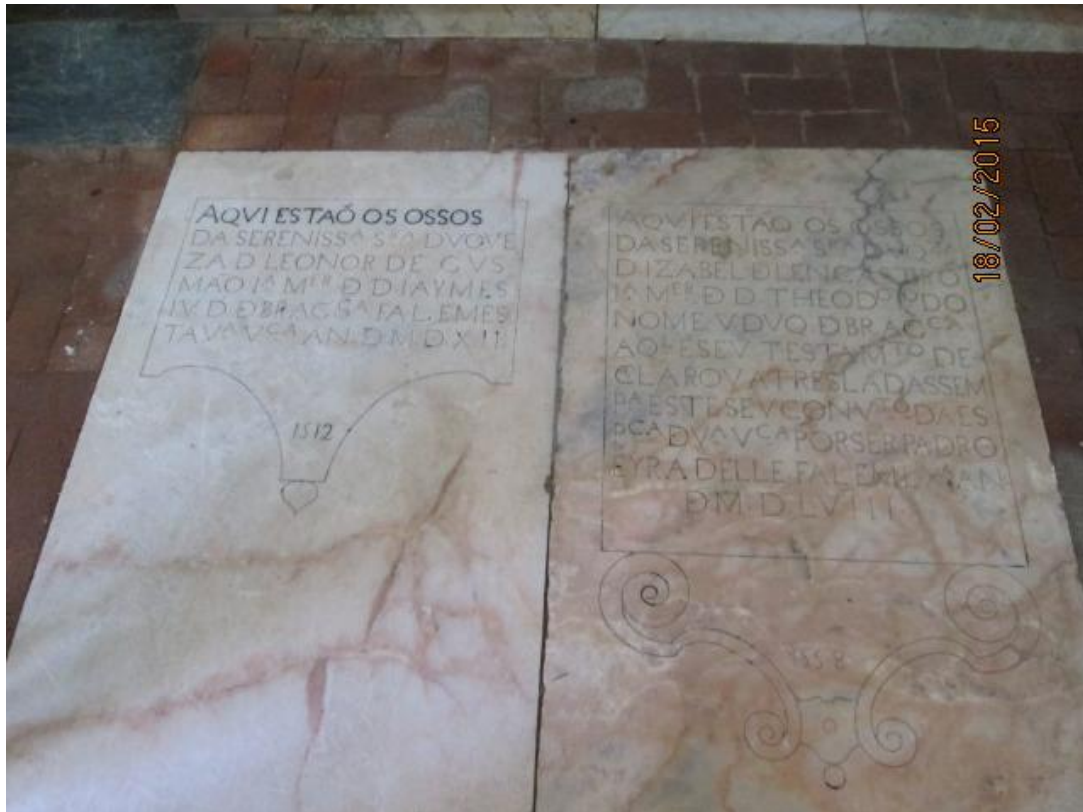


Figura B - Pedras tumulares das duquesas de Bragança, D. Leonor de Gusmão, 1512 (esq.) e D. Isabel de Lencastre, 1558 (dir.).



Figura C - Aqueduto que abastecia o Convento da Esperança, construído durante a prelatura da Madre Maria das Chagas (1603).

24-172 313

COMPRÁ

CLAREM Meu senhor he servido que V. P. P. me
pelo as ordens superiores a Madua das Religioes do
Mosteiro de Nossa Senhora da Esperanca sito em Villa
Nova, para que nelle reciba por secular a Dona
Joaquina Francisca, filha de Manuel Antunes Gai-
vão, que lhe avia entregue pelo Corregedor da Com-
marca de Evora: E para que seja conservada no
dito Mosteiro sem elle poder sair em quanto o
mesmo Senhor não mandar o contrario: E ven-
do obrigada a sustentarse a sua custa, sem gra-
vame daquelle Communidade; e a guardar a
moderacao e modesta na vestida na conformi-
dade do que temem usar as Religioes, e deul-
tares nas Chousuras e Religioes Conservando
humra Criada para lhe servir. E pelo mesmo
Corregedor portador deste Aviso remitterei V. P. P.
a esta Secretaria de Estado do Regno de Alentejo,

Figura D - Carta redigida pelo Marquês de Pombal a solicitar a entrada no Convento da Esperança, como secular, de D. Joaquina Francisca, filha de Manuel Antunes Gaivão. (BNP).

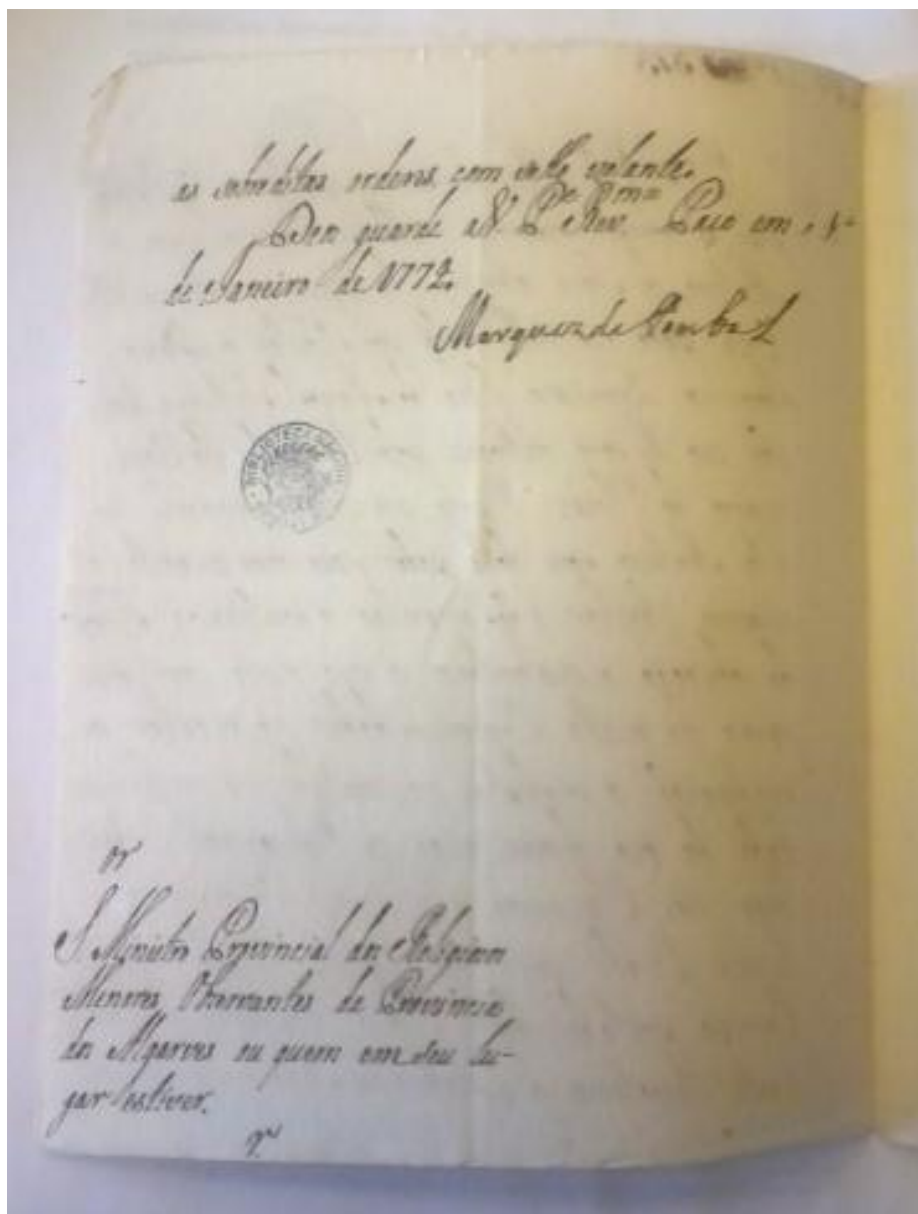


Figura D - Verso do mesmo documento, com a assinatura do Marquês de Pombal (1772). (BNP).



Figura E - Área do Claustro.



Figura E - Entrada principal (esq.) da Igreja da Esperança.



Figura F - Grades do Coro Alto e Coro Baixo.



Figura G - Vestígios das arcadas do Claustro.



Figura H - Pormenor do aqueduto e quintais pertencentes ao Convento.



Figura I - Medalhão no teto do altar mor ilustrando os quatro santos seráficos: S. Francisco, S. António, S. Boaventura e S. Luís (Bispo de Tolosa).



Figura J - Altar mor com imagem de Nossa Senhora da Esperança ao centro, ladeada por S. João Baptista (lado do Evangelho) e Santo António (lado da Epístola).



Figura K - Maquineta: peça entalhada e policromada de boa execução técnica, em substituição do arcaico oratório de Isabel Cheirinha (primeira fundadora). Ao centro, a imagem de S. Vicente de Ferrer.



Figura L - Pormenor da grade de ferro e das portadas do Coro Alto.



Figura M - Vista do interior da Igreja, a partir do Coro Alto.

II PARTE - Edição do Texto

La lettre tue et l'esprit vivifie,
mais il y a des moments où il faut revenir à la lettre
pour délivrer l'esprit.
(Marcel Bataillon, *apud* Santo Ambrósio)⁷⁹³

1. Preâmbulo à edição

O estudo que apresentamos tem por objeto a transcrição e edição da obra de Soror Antónia Baptista, freira professa no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa, concluído em 1657, com o nome *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria, Composto por soror Antonia Baptista, indigna Religioza do ditto Convento, dedicado a Majestade de El Rei Dom João o 4º nosso senhor e Padroeiro do mesmo Convento*.

Trata-se de um exemplar único que permaneceu inédito, até hoje, e que, por essas mesmas características, se insere numa habitual tradição do nosso país, deficitário de obras manuscritas com mais de um testemunho⁷⁹⁴.

Atendendo aos fatores evocados (e a outros que explanaremos mais à frente), optámos por coligir uma edição crítica semidiplomática, baseada no único testemunho disponível - o original.

A decisão de trabalhar este *corpus* prende-se com a intenção de dar a conhecer uma obra cuja riqueza histórica, cultural e religiosa não secundariza o seu interesse linguístico. Não obstante tratar-se de um texto e de uma autora pouco conhecidos do grande público,⁷⁹⁵ ousamos arvorar que a produção de Soror Antónia rivaliza com obras coevas e, como tal, é merecedora de uma atenção detalhada. A opção por este tipo de edição (semidiplomática) prende-se com a vontade de apresentar um testemunho fiel à

⁷⁹³ Marcel BATAILLON, *Défense et Illustration du Sens Littéral*, Modern Humanities Research Association, Cambridge, 1967, p. 5.

⁷⁹⁴ Cf. Ivo CASTRO e Maria Ana RAMOS, "Estratégia e tática da transcrição", in *Actes du Colloque, Critique textuelle portugaise*, Introd., Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 100. Esta escassez de manuscritos com mais de um testemunho é designada por Giuseppe TAVANI de "pobreza de tradição", quando defende que aquela complica o trabalho de qualquer editor; in "Filologia e Crítica Textual na Edição das Cantigas Medievais", in *Actes du Colloque, Critique Textuelle Portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 30.

⁷⁹⁵ Como refere Michel CONTAT: "Ce ne sont pas seulement les *grands auteurs* qui méritent ce traitement de texte, mais tous ceux qui méritent la lecture"; Michel CONTAT, *Problèmes de l'édition critique, textes réunis et présentés par Michel Contat*, Paris, Minard, 1988, p. 4.

realidade gráfica do texto e ao *usus scribendi* da autora, eivado de marcas femininas, que elucida sobre os hábitos de escrita de uma comunidade religiosa inserida no interior do país, onde sobressaem traços prosódicos específicos dessa interioridade alentejana, em pleno séc. XVII.

Além disso, pretendemos que este estudo se torne alvo do interesse e da curiosidade de especialistas acostumados a laborar a temática religiosa e espiritual, mas também nos moveu a intenção de tentar captar - ou, mais ambiciosamente ainda, atrair!⁷⁹⁶ - a atenção de leitores menos familiarizados com "materias tan altas."⁷⁹⁷

Trata-se de uma tarefa científica que se revela de elevada exigência, mas que, em contrapartida, se vislumbra muito aliciante, se pensarmos que o documento em questão revela um autógrafo, inédito, do séc. XVII, imbuído de toda a riqueza e especificidade de um texto manuscrito, fruto e reflexo de condicionalismos sociais, políticos, culturais, literários e religiosos vigentes à época, que evidencia uma realidade gráfica, fonológica, fonética e morfossintática que em parte se distancia das noções linguísticas e literárias experimentadas pelo leitor do séc. XXI.

Apesar de toda a complexidade com que nos deparámos na preparação deste projeto, partilhamos da resiliência de Alberto Blecuca quando decidimos "caminar sin más tropiezos que los necesarios - que serán numerosos - desde los árboles ideales del huerto teórico a la selva confusa de la práctica."⁷⁹⁸

No sentido de tentar cumprir o nosso objetivo primeiro, que respeita a inteligibilidade⁷⁹⁹ da obra de Soror Antónia Baptista, seguimos, *lato sensu*, uma tendência conservadora, embora fazendo escassas intervenções no texto, de forma extremamente cautelosa e parcimoniosa, norteadas pelo cumprimento escrupuloso de exigências várias, de entre as

⁷⁹⁶ Aníbal Pinto de CASTRO explica a necessidade de tornar os textos "não apenas acessíveis mas atraentes para o maior número de leitores, mesmo quando não especialistas de Linguística ou de Literatura"; Aníbal Pinto de CASTRO, "Uma edição crítica de Menina e moça de Bernardim Ribeiro: problemas e soluções", in *Actes du Colloque, Critique textuelle portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 172.

⁷⁹⁷ *Livro da Fundação*, "Invocação à Virgem", fl. III v.

⁷⁹⁸ Alberto BLECUCA, *Manual de Crítica Textual*, Editorial Castalia, Madrid, 1983, p.11.

⁷⁹⁹ Alberto BLECUCA, *Manual de Crítica Textual*, op. cit.: "La critica textual nace con el libro a fin de que las obras mantengan un grado maximo de pureza y inteligibilidad", p. 19.

O conceito de inteligibilidade, defendido por praticamente todos os autores, é igualmente sublinhado pelo P.e Avelino de Jesus da COSTA, quando o autor revela que o respeito absoluto pelo texto e a inteligibilidade do mesmo se tratam de "dois princípios fundamentais" que devem ser conciliados aquando da transcrição e edição de um texto, in *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 2ª edição, Braga, p. 19.

quais salientamos a primordial: o respeito absoluto pela obra original. A este propósito, permitimo-nos aqui citar José V. de Pina Martins: "Sem o *labor limae*, aplicado no respeito pela integralidade textual, os nossos melhores autores continuarão a aparecer em edições más, adulteradas, imperfeitas."⁸⁰⁰

Conservar ou modernizar⁸⁰¹, fidelidade ao texto original ou acessibilidade do mesmo ao leitor moderno, são critérios oscilantes, aparentemente contraditórios e, no entanto, algo complementares, que nos conduziram por entre o espartilhado caminho das regras filológicas, que fomos perseguindo ao longo deste estudo, ditadas pelo erudito testemunho de especialistas versados nesta área.

Defendemos, juntamente com Miguel Ángel Perez Priego⁸⁰², que uma razoável conservação ou uma pontual modernização são perfeitamente legítimas desde que se expliquem previamente os critérios e se tente refletir os usos da escrita da época.

Na ausência de uma normalização geral de critérios de transcrição, fortemente apregoada por inúmeras vozes, seguimos essas plurais opiniões em domínio ecdótico - que constituem, por vezes, um emaranhado de posições, que poderão, numa fase inicial, desorientar o editor menos experiente - "mais après décantation, choix critique et réduction à l'essentiel".⁸⁰³

Cada texto constitui uma realidade distinta sendo, por isso, gerador de espaços de interesse diferentes⁸⁰⁴. As atuações de cada editor avisado (tão variadas quanto os fins que se pretendem atingir) devem sempre respeitar os princípios (ou critérios) filológicos que se propôs assumir no início de cada tarefa, de modo a, por um lado, suprir as necessidades do público-alvo a quem se destina a edição consumada e, por outro, a ser fiel aos critérios que estabeleceu para a sua edição. Deste modo, enquanto editoras de um texto antigo, assumimos que as poucas intervenções que introduzimos resultam da

⁸⁰⁰ José V. Pina MARTINS, in *Actes du Colloque, Critique textuelle portugaise*, Introdução", Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 12.

⁸⁰¹ "Las dos actitudes son perfectamente lícitas y, en general, han coexistido, con preponderancia de una u otra, desde la filología humanista y, en particular, desde el siglo XIX"; Alberto BLÉCUA, *Manual de Crítica Textual*, op. cit., p. 103.

⁸⁰² Miguel Ángel Perez PRIEGO, *La Edición de Textos, Teoría de la Literatura y Literatura comparada*, Madrid, Editorial Síntesis, 1997.

⁸⁰³ Paul TEYSSIER, "Normes pour une édition critique des oeuvres de Gil Vicente", in *Actes du Colloque, Critique textuelle portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 124.

⁸⁰⁴ Cf. Ivo CASTRO e Maria Ana RAMOS, "Estratégia e tática da transcrição", op. cit., p. 104.

posição refletida, explicitada, desde o início, para evitar ter um discurso que, ao ser confrontado com o nossa edição, denote "apreciáveis variações na distância que vai da palavra à coisa"⁸⁰⁵.

Perante essa realidade única (como acima referimos), cujo sentido deve ser integralmente preservado⁸⁰⁶, em momentos de decisão menos óbvia, decidimos, sempre ponderadamente, pelo caminho que nos pareceu o mais adequado ao conteúdo, ao contexto, ao estilo do autor - *usus scribendi*- e ao respeito pelo tema tratado, "sem nada lhe acrescentar suprimir ou alterar, sem advertir previamente o leitor"⁸⁰⁷.

Pugnámos por não deslizar para a tentação fácil de ceder ao impulso de optar pela lição por vezes apressada e, por conseguinte, arbitrária⁸⁰⁸. Em caso de dúvida, privilegiámos dois elementos incontornáveis, a *lectio difficilior* e o *usus scribendi*, como formas de garantir fidelidade ao texto-base e à sua autora -"dans le doute, il faut être prudent, pêchant plutôt par pusillanimité que par audace excessive".⁸⁰⁹

Reiteramos as palavras de Jorge Alves Osório quando afirma que "a tradição filológica que herdámos dos humanistas sempre se ergueu contra a *corruptio* dos textos; não façamos da modernização dos mesmos uma nova *corruptio*"⁸¹⁰. Será o mesmo que advogar que submeter o texto original a uma permanente operação de *emendatio*, poderá resultar no aparecimento de um novo *corpus*, o que seria condenável a vários níveis, pois "não pertence ao editor prever o texto que não chegou a existir".⁸¹¹

De facto, oferecer aos leitores um texto de consumo mais ou menos imediato, sem lhe permitir o tempo e os instrumentos necessários para a reflexão e maturação deste tipo de

⁸⁰⁵ Ivo CASTRO e Maria Ana RAMOS, "Estratégia e tática da transcrição", op. cit, p.104.

⁸⁰⁶ Aníbal Pinto de CASTRO recorda Roger LAUFER ao argumentar que: "La critique textuelle scientifique s'est développée en affirmant le principe de l'intégralité du texte de base contre la pratique subjective de la contamination conjecturale", in "Uma edição crítica da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro", *Actes du Colloque, Critique Textuelle Portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 172.

⁸⁰⁷ P.e Avelino de Jesus da COSTA, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, op. cit, p. 19.

⁸⁰⁸ "Toute leçon prise au hasard dans la tradition est réduite par là au rang de conjecture", Aníbal Pinto de CASTRO, "Uma edição crítica da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro", *Actes du Colloque, Critique textuelle portugaise*, op. cit, p. 172.

⁸⁰⁹ Paul TEYSSIER, "Normes pour une édition critique des oeuvres de Gil Vicente", op. cit., p. 126.

⁸¹⁰ Jorge Alves OSÓRIO, "O texto da tradução do Cato Maior por Damião de Góis: alguns problemas de crítica textual", in *Actes du Colloque, Critique textuelle portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 195.

⁸¹¹ Ivo CASTRO, "Para o texto de *O guardador de rebanhos*", in *Actes du Colloque, Critique Textuelle Portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 325.

conteúdos e da própria linguagem, poderia pressupor incorrer pela via elementar da supressão ou atualização de estruturas fundamentais do texto original, o que resultaria na manipulação e conseqüente perda de formas nodais, que nos revelam o estado da língua no séc. XVII num determinado grupo (feminino e monástico), cujo sabor intrínseco só pode ser apreciado se se mantiver inalterado. Corroboramos da posição de Maria Clara de Almeida Lucas quando questiona se: "ao alterarmos a grafia se está a metamorfosear o semblante da obra, a marcá-la com uma farpela que lhe fica tão irrisória como a máscara de carnaval ao palhaço ou ao arlequim? É toda a música da língua de uma época que nos arriscamos a adulterar, ao mesmo tempo que comprometemos a própria compreensão da mensagem".⁸¹²

Todavia, qualquer edição "pressupõe a intervenção do editor e, por conseguinte, a sua actuação justificada de corrector e até de conjecturador"⁸¹³. Por essa razão, as escassas intervenções que fomos realizando ao longo da edição - todas registadas no aparato crítico - para além de legitimadas pelo nosso "escrúpulo, sensibilidade e bom senso"⁸¹⁴, foram consonantes com os critérios que estabelecemos para a fixação deste texto.

A atividade de transcrição é mecânica, mas é também metódica⁸¹⁵, pois implica a utilização do sentido crítico do editor, uma vez que não existem regras universais para a edição de um texto. A nossa tarefa consiste em recuperar e não reconstruir um texto, daí o cuidado em não intervir demasiado.

Seguimos as etapas *canónicas* na preparação desta edição⁸¹⁶: começámos pela *recensio*, após confirmarmos a inexistência de outros testemunhos que permitissem estabelecer a filiação entre os mesmos (*collatio codicum*), localizámos o único exemplar disponível, que permitiu, naturalmente, proceder à eleição do texto-base através da *examinatio* muito atenta do texto-base. Seguiu-se a *emendatio (ope ingenii)*, com a introdução de

⁸¹² Maria Clara de Almeida LUCAS, *Hagiografia Medieval Portuguesa*, Biblioteca Breve, Ministério da Educação, 1984, p. 73.

⁸¹³ Jorge Alves OSÓRIO, "O texto da tradução do Cato Maior por Damião de Góis: alguns problemas de crítica textual", ed. cit., p. 185.

⁸¹⁴ Aníbal Pinto de CASTRO, "Uma edição crítica da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro", op. cit., p. 173.

⁸¹⁵ Giuseppe TAVANI, "Filologia e Crítica Textual na Edição das Cantigas Medievais", in *Actes du Colloque, Critique Textuelle Portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 29.

⁸¹⁶ Cf. Graça Almeida RODRIGUES, in "Percurso, Problemas e Propostas. Para a Edição Crítica de uma Sátira de Frei Lucas de Santa Catarina: *Sonho tão charro que se fez dormindo. Anatomia religiosa, sem mais cousa nenhum*", in *Actes du Colloque, Critique textuelle portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 288.

algumas variantes substantivas; estabelecemos as normas de transcrição, justificando os critérios a adotar para as variantes acidentais e, por fim, fixámos o aparato crítico.

Usámos da prudência recomendada por Giuseppe Tavani pois, "entre as linhas e as folhas dos manuscritos escondem-se - às centenas e aos milhares - os erros, esses monstros monóculos que nos fitam, maliciosos e escorregadios, procurando subtrair-se às nossas pesquisas."⁸¹⁷

2. Critérios da edição

Por se tratar de uma edição semidiplomática, conservámos quase todos os elementos gráficos e linguísticos, em respeito pela autenticidade dessas formas linguísticas, pois refletem (como já foi referido) o estado da língua no séc. XVII, particularmente interessante por se tratar do estado da língua de um grupo com características muito específicas: mulheres e monjas.

Introduzimos notas de rodapé, onde foram assinaladas todas as propostas de emendas concernentes a erros nas lições-base ou a emendas efetuadas pela autora ou até em rasuras verificadas no texto, de forma a aclarar ou acrescentar elementos que possam, eventualmente, completar a leitura. Neste sentido, procedemos à explicitação de alguns vocábulos, orações ou referências bibliográficas.

As explicitações textuais, semânticas e ortográficas tiveram por base o recurso a dicionários temáticos, etimológicos ou manuais de crítica textual, abreviados no aparato e desenvolvidos na bibliografia, na parte final desta edição; ex. MORAIS, BLUTEAU, MACHADO, ATTWATER, HOUAISS, VIEIRA, entre outros.

As lições do original de Soror Antónia surgem no aparato crítico identificadas como *Livro da Fundação*.

As escassas anotações à margem do texto são transcritas em rodapé.

As passagens em latim são grafadas em itálico, respeitando-se o original no formato e no conteúdo, explicitando-se algumas passagens.

⁸¹⁷ Giuseppe TAVANI, "Filologia e Crítica Textual na Edição das Cantigas Medievais", in *Actes du Colloque, Critique Textuelle Portugaise*, Paris, 1981, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 37.

As passagens bíblicas latinas são transcritas em itálico, identificadas no aparato com recurso à *Bíblia Sacra*, tendo por base a edição latina da *Bíblia Sacra*, Juxta Vulgatam Clementinam, Typis Societatis S. Joannis Evang., Desclée et Socii Edit. Pont., Romae-Tornaci-Parisiis. Essas mesmas citações são traduzidas para português e localizadas na *Bíblia* portuguesa, identificadas no aparato por *Bíblia Sagrada*, tendo por base a edição da *Bíblia Sagrada*, Lisboa, Fátima, Difusora Bíblica Franciscanos Capuchinhos, 5ª ed. revista e corrigida sob direção de Herculano Alves (OFM Cap.), 2014.

As referências bibliográficas são transcritas em itálico, de acordo com a norma atual, para mais fácil identificação.

A foliação (em numeração romana no início e fim da obra, respetivamente na aprovação, dedicatória, sonetos à autora, prólogo e invocação - num total de oito fólhos e no índice, constituído por seis fólhos) do manuscrito aparece, nesta edição, entre parêntesis retos, por forma a facilitar a identificação de mudança de fólho no texto original.

Mantivemos intacta toda a estrutura original da obra, transcrevendo, a título de exemplo, o índice ou "taboadas destes três livros"⁸¹⁸, na parte final desta edição.

Suprimimos os reclamos e a indicação de parágrafo que surgem em algumas páginas, onde a autora procede à enumeração de alguns casos.

As partes ilegíveis (resultantes do mau estado de conservação do manuscrito ou da letra ilegível) são representadas no texto por reticências entre parêntesis retos e identificadas como *ilegível* em rodapé.

As formas impercetíveis, isto é, legíveis mas que levantam dúvidas de interpretação foram grafadas de acordo com o original, seguidas de ponto de interrogação entre parêntesis (?).

⁸¹⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. II.

Permanecem inalteradas:

- algumas formas arcaicas, ainda utilizadas em algumas áreas dialetais do país: "cousa", "dous"; "mui"; "val"; "quasi"; "mor" (...);
- oscilações consonânticas: "assi" e "assim"; "indina" e "indigna"; "sileiro" e "cileiro" e outras formas duplas e triplas, por se tratarem de realizações oscilantes, "noute", "noite"; "por", "per"; "pera", "para"; "formosa", "fermosa"; "melhor", "milhor";
- variações gráficas das vogais anteriores (dissimilações): "devina"; "creatura"; "veuva"; "vertuosa"; "feguras"; "enemigo"; "bechinho"; "vegília"; "infenitas";
- alguns casos de metátese e aférese são transcritos em rodapé de acordo com o original e corrigidos, quando passíveis de interferir com a leitura do texto; "maglina"; e "nhũa";
- "ũa"; "algũa" e "nenhũa" em formas que representam os indefinidos uma, alguma e nenhuma;
- os ditongos *-eo*, *-ai*, *-ea* e *-ae*, ex. "Deos", "mai", "cadea", "reaes" ou em formas verbais, "permaneceo"; "preçedeo";
- *-m*, *-n*, e vogais ou dígrafos com til (representando vogais e ditongos nasais) foram grafados de acordo com o texto original por haver oscilação constante na utilização do *m* e do *n*. Ex.: "gråde"; "ẽ"; "sêdo";
- o emprego de maiúsculas e minúsculas segundo o original. Ex.: "bargansa"; "isabel";
- aglutinação ou separação de vocábulos segundo o original. Ex.: "milagrosa mente"; "pia mête"; "aquem";
- a acentuação original, mantendo a vertente prosódica da língua no séc. XVII;
- ausência de hifenização (nomeadamente nas conjunções pronominais e reflexas e nos pronomes enclíticos e mesoclíticos). Ex.: "chamãdolhe"; "deitandosse"; "aceitandoas";
- consoantes geminadas, (ainda que sem valor fonológico). Ex.: "aquelle"; "peccava"; "anno"; "innumeraveis"; vogais geminadas. Ex.: "fée";
- grupos consonânticos *-ch*, *-gd*, *-bj*, *-ph*, *-th*. Ex.: "christianissima"; "magdalena"; "subjectarçe"; "seraphica"; "thisoureira";

- emprego do *-h* de acordo com o original, (ainda que não tenha motivação etimológica), ex. "hubrigou", não introduzindo em formas onde é etimologicamente justificado. Ex.: "avendo"; "ão" (verbo haver); "abitto";
- emprego de determinadas consoantes que não implicam alteração fonológica, incluindo em final de sílaba ou palavra. Ex.: "emferma"⁸¹⁹; "crus"; "vox"; "diçe"; "forssa"; "magestade";
- desinências da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito segundo texto original e segundo uso da época. Ex.: "mãdarão"; "fiserão".

Optámos por atualizar formas que possam obstar à fruição plena do texto ou que sejam supérfluas e, por essa razão dispensáveis a uma leitura profícua. Neste sentido, grafámos:

- *-i* com valor consonântico em início de palavra é transcrito por *-j*. Ex.: *jurara* por "iurara", para evitar ambiguidades;
- til de acordo com a utilização moderna, quando este ocorre sobre a segunda de duas vogais contíguas (sendo colocado sobre a primeira, se as vogais da lição se mantêm). Ex.: *não* em vez de "naõ";
- "-ñ" (palatal nasal) por *nh* na abreviatura *senhor* por "sñor"; *senhora* por "sñra";
- Desdobrámos abreviaturas (essencialmente siglas, ex. *Dona* por "D." e abreviaturas por síncope. Ex.: *senhor* por "snr"; *padre* por "p.e") - para poder "a escritura (...) ir mais limpa e inteira"⁸²⁰.

Uma vez que a utilização das abreviaturas é permanente ao longo de todo o texto e para evitarmos ser fastidiosas no assinalar de variantes, optámos por não referir no aparato cada desdobramento. Ex.: *Vila* por "Vª"; *Viçosa* por "Vça"; *primeiro* por "prº"; *Francisco* por "Frcº"; *Jesus* por "ihs". O desdobramento foi sempre efetuado segundo a

⁸¹⁹ "Nada impedirá a sua *modernização* alterando "emfermos" para *enfermos*, de acordo com a bem conhecida regra de Prisciano, segundo a qual "ante c, d, q, f non est scribenda m sed n"; Jorge Alves OSÓRIO, "O texto da tradução do Cato Maior por Damião de Góis: alguns problemas de crítica textual", op. cit., p. 191.

⁸²⁰ Duarte Nunes de LEÃO, *Ortografia da Lingoa Portuguesa*, (1576), ed. Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, 1983.

ortografia usada no texto, nos casos em que a palavra é também grafada por extenso.
Ex.: *gloria, merce, jesu, senhora*.

- Introdução (muito parcimoniosa)⁸²¹ de alguma pontuação nos casos em que a sua ausência pudesse complicar a estruturação sintática da frase e, por conseguinte, causar equívocos ao leitor. Ao paragrafar, utilizámos maiúscula na consoante inicial da oração.

Devemos advertir o leitor que notará uma mudança substantiva na grafia utilizada a partir do fólho 57 r. até ao fólho 106 v. do "segundo livro." O texto aqui incluído não é da autoria de Soror Antónia Baptista, trata-se de um traslado que a autora introduz a meio do seu texto, escrito por mãos ignotas e que apesar de mais antigo - data de 1621 - do que o *Livro da Fundação*, apresenta uma realidade gráfica um pouco mais próxima das normas ortográficas e sintáticas atuais: pontuação abundante; distribuição de maiúsculas e minúsculas mais consonantes com a designação toponímica, antroponímia e patronímia ou gentílica; acentuação mais adequada às concretizações prosódicas; formas aglutinadas em menor número; grafia atualizada da palavra *Deus*, o que comprova a sua oscilação gráfica no séc. XVII.

Optámos por manter o mesmo critério de conservação na transcrição deste documento, permanecendo fiéis às formas gráficas e ao *usus scribendi* do autor (presumimos que é homem pela referência que Soror Antónia lhe faz no fim do texto - "ao autor desta recopilação devia faltar"⁸²²), mais uma vez, reveladores do estado da língua no início de Seiscentos.

Ainda a propósito deste texto enxertado por Soror Antónia, atendendo ao seu mau estado de conservação, houve, por vezes, necessidade de utilizarmos uma outra cópia manuscrita, localizada na Academia das Ciências de Lisboa, com a cota ms. 517. A utilização de um ou outro exemplar será sempre advertida em rodapé. Ocorre, por vezes, completarmos o documento que está a ser utilizado com elementos do outro exemplar; esses acréscimos são anotados em rodapé.

⁸²¹ Como defende Jorge Alves OSÓRIO, "A pontuação deve ser objecto de actuações parcimoniosas", desde que o leitor destinatário da edição seja tecnicamente capaz de ler o texto nestes moldes, in "O Texto da Tradução do Cato Maior por Damião de Góis: Alguns Problemas de Crítica Textual", ed. cit., p. 195.

⁸²² *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 106 v.

3. Codicologia

O texto de Soror Antónia é revestido a meia encadernação em pergaminho; lombada com rótulo em pele e filetes e título dourados. Apresenta-se em formato in-4º, com cerca de 23cm de altura.

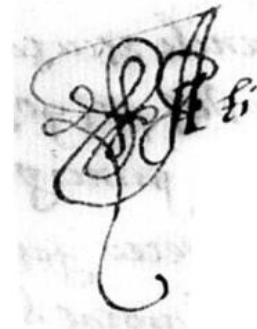
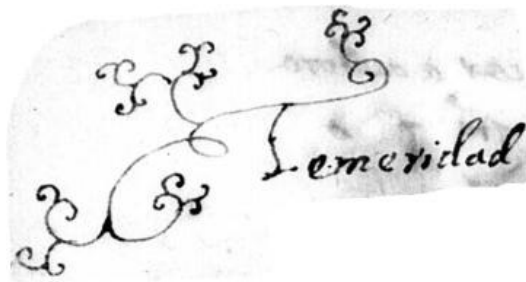
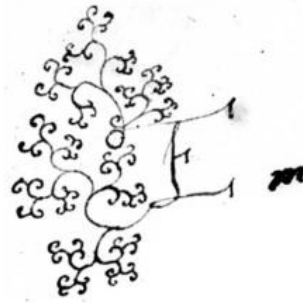
No que respeita à matéria subjetiva, constatámos que os buracos, os rasgões e, sobretudo, as manchas de humidade são algumas das marcas indeléveis que o tempo se encarregou de deixar nas páginas amareladas, redigidas em letra cursiva pela mão de Soror Antónia que, amiúde, obstam e, por vezes, inviabilizam a leitura e consequente compreensão de partes do seu texto (como explicitaremos mais à frente). Este é o estado em que se encontra o único exemplar, localizado no serviço de Reservados, na Biblioteca Nacional, com a cota: cod. 1234 (embora não disponível para consulta, atendendo ao frágil estado de conservação e ao facto de se tratar do original, autógrafo) e em microfilme com a cota: F.R.477, 1657.

No seu interior, percebemos um texto corrido, escrito a tinta castanha e preta (prevalecendo a castanha), numa letra (quase sempre) bem torneada, com alguns borrões de tinta, rasuras e emendas da própria autora, por vezes, complementado com algumas (escassas) notas nas margens de alguns fólios, principalmente no livro segundo, aquando da enumeração e explanação por parte da autora sobre algumas "plantas" que se criaram naquele convento.

O texto em prosa não contém qualquer tipo de ilustração ou desenho, embora se encontrem uns escassos efeitos floreados, desenhados com a pena, nas letras iniciais⁸²³ de cada uma das estrofes de seis oitavas, do 1º capítulo, do primeiro livro e nas iniciais de cada uma das onze estrofes do terceiro livro (de seis versos cada), na invocação da autora à Virgem.

Pela feminilidade do desenho e pelo cuidado que revelam na grafia de um texto que a autora considerava importante, apresentamos de seguida algumas reproduções desses caracteres ornamentados que, assim que o texto passasse a impresso, desapareceriam:

⁸²³ A decoração das letras capitulares remonta a uma longa tradição medieval. Soror Antónia não ilustra só as capitulares, mas todas as letras iniciais de cada uma das estrofes na invocação à Virgem. A autora recorre ao mesmo processo decorativo no fim dessas páginas onde a veia poética aflora.



No que resta da primeira página da obra (quase totalmente rasgada) há uma nota inscrita por mão de outrem, que contém preciosas informações sobre a data de composição, sobre o facto de se supor ser o original e a constatação de não ter seguido para os prelos - "esta obra que ainda não foi impressa he do annu de 1657, se pode supor ser o original".⁸²⁴

A obra é constituída por 278 fólhos (556 páginas), divididos por três livros: o primeiro livro ocupa as primeiras 57 páginas (do fólho 9º até ao 64º); o segundo continua até à página 127 (do fólho 64 até ao 184); o terceiro livro é preenchido pelos últimos fólhos (do 184º até ao 272º). O índice de capítulos surge na parte final do livro, a encerrar a obra.

Cada um dos três livros tem a sua própria foliação em numeração árabe, introduzida no canto superior direito, o que leva a supor da composição independente de cada um deles, para no final serem agrupados e inseridos num mesmo volume.

As primeiras nove páginas (antes do início do primeiro livro) que contêm as licenças e dedicatórias (sonetos à autora e invocação desta à Virgem), aparecem numeradas a lápis, em numeração romana.

⁸²⁴ Livro da Fundação, folha de rosto.

O primeiro livro é constituído por 15 capítulos, que ocupam os primeiros 55 fólios (com exceção dos 9 fólios iniciais, dedicados às licenças e dedicatórias, como já referimos), dedicados a contar a história da fundação do convento (compras de terrenos, intervenientes no processo, junção de casas, patronato, primeiras abadessas, relíquias do convento e confrarias existentes.).

O segundo livro (o mais longo) contém 49 capítulos que podem ser subdivididos; até ao capítulo 16, Soror Antónia mantém a sua explanação sobre as religiosas que mereceram o seu destaque pelos comportamentos exemplares que as distinguiram; a partir do 17º até ao 33º capítulo, a autora introduz na sua composição, um texto constituído por dois livros que designa como *treslado* da *Breve recopilación da vida e morte da Soror Catherina do Salvador*. Trata-se de um apêndice à obra, cujas folhas de papel são ligeiramente mais curtas que as restantes, em que a redação do texto se apresenta com uma caligrafia diferente, sem nunca aparecer a referência ao seu autor.⁸²⁵ É um relato de outrem, claramente expresso por Soror Antónia no fim do texto, onde revela que "ao autor desta recopilación devia de faltar notícia"⁸²⁶ e que, por essa razão, a própria se encarrega de completar, com informações respeitantes ao momento da morte de Soror Catarina do Salvador e respetivas celebrações religiosas.

Na parte final desta *adenda* de Soror Antónia, surge a aprovação do breve tratado, por parte de D. Jorge Cabral, que revela poder o texto "comunicar-se a todos, em Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de Jesus, a 2 de Setembro de 1621"⁸²⁷.

Esse anexo encontra-se deveras danificado devido a uma enorme mancha provocada pela ação de ácido ferrogálico que atingiu grande parte dos fólios e que, lamentavelmente, inviabiliza a leitura e compreensão de larga parte deste texto.

Após o traslado, Soror Antónia retoma a pena, a partir do capítulo 46, fl. 108, para dar continuidade ao seu próprio texto, concluindo o seu "livro segundo" no capítulo 49, fólio 127 .

O "livro tersseiro" é introduzido pela apresentação do *argumento* que irá ocupar a autora nos capítulos finais da sua obra - "Vida e revelações e milagres da venerável

⁸²⁵ Embora haja uma suposta autoria atribuída a Mathias d'Eça, baseada numa pequena ficha descritiva do conteúdo do documento, redigido pelo bibliotecário responsável pelo serviço de reservados da BN, encontrada no interior do livro de Soror Antónia, como explicitámos no próprio documento.

⁸²⁶ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 106 v.

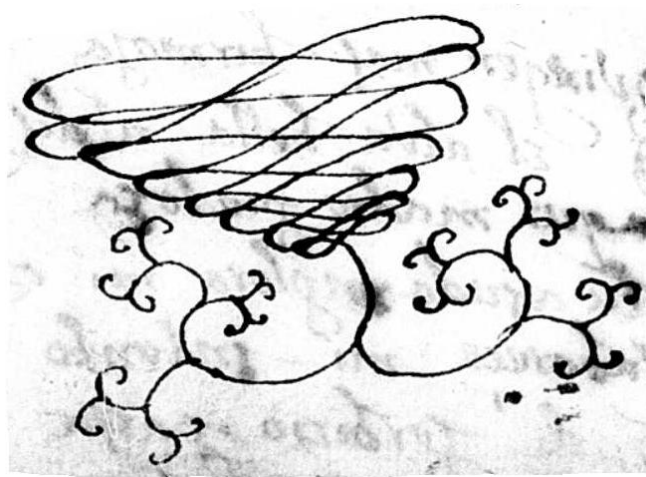
⁸²⁷ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 107 r.

Madre Maria das Chagas", após o qual se seguem onze estrofes de seis versos cada, em que "Torna a invocar a autora a Virgem Nossa Senhora, para começar a escrever a vida de esta Madre e pede-lhe a ela (à Virgem) perdão e favor" ("livro tersseiro", fl. II) em versos uma vez mais redigidos em castelhano. Dos 17 capítulos (83 fls.) que constituem este último livro, a mesma mancha, consequente da ação do líquido ferrogálico, afetou vários fólios - do 7º ao 11º fls.

O texto termina com uma recopilação, transcrita pela pena de Soror Antónia, do "Treslado do parecer do Padre Frei Lourenço de Portel sobre esta relação da vida da Madre Maria das Chagas, tirada do mesmo original".⁸²⁸

Na parte final, a autora coloca o índice dos capítulos.

Após este remate, no último fólio do livro, ainda numerado (fl. VI r.) há uma curta inscrição marginal, totalmente independente do corpo do texto, redigida por mãos de Soror Antónia Baptista, que diz o seguinte: "rende a capella da estafainha gomes oito moios de trigo e sincoenta e oito mil reis em dinheiro ã cada hũ anno."⁸²⁹



(Fac-símile de remate de página)

⁸²⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 84 r.

⁸²⁹ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. VI r.

Transcrição do texto

Sius^t
Da fundação do 1^{to} Conu^{to}
de nossa Pa^{te} da esperanca
de Villa uiaza, e de algumas
plantas q^e em elle se oriarão
para o 1^o dignas
de memoria
Comport^o por soror Ana Cap^{ta}
in digna Religioza do
ditto Conu^{to}.
dedicado a Mag^{de} de El Rey
Dom Joao^o 4^o nosso senhor
e Padroeiro do mermo Conu^{to}

(Fac-símile do título original)

[fl. 1 r.] Esta obra, que ainda não foi impressa he do annu de 1657, se pode supor ser o original⁸³⁰

⁸³⁰ A primeira folha do livro encontra-se quase totalmente rasgada, faltando grande parte da mesma; podemos, no entanto, encontrar a informação acima transcrita, na frente do (mutilado) fólho, a meio, do lado esquerdo, escrita em cinco linhas. Inscrição da autoria de alguém responsável por fazer uma apreciação muito sumária da obra, informando sobre o ano da sua conclusão, sobre a possibilidade de se tratar do texto original e referindo o facto de (ainda) não ter sido impressa. A obra encontrava-se terminada, com licenças atribuídas e autorizações concedidas, pronta para seguir para os prelos. Desconhecem-se as razões de tal não ter sucedido, embora alguns autores adiantem a possível morte da autora como sendo o principal motivo.

[fl. II r.] Por mandado de nosso muito reverendo padre Frei João Pereira⁸³¹ Vigairo Provincial da Provincia dos Algarves [...] ter favor Soror Antonia baptista, religioza do Convento da Esperança de Villa Viçosa, que trata do fundamento do dito convento e da sua tresladassão ao sitio onde está e das religiosas assi preladas que o governarão como subditas que naquele viverão florecendo [...] de virtude e santidade o qual não tem cousa que encontre nossa santa fee ou bõns costumes, antes será pera Deos de nosso proveito espiritual pello qual me parece digno sair à luz.⁸³²

Beja, Oratorio da Conceição em 12(?) de Outubro 1657(?); Frei Manoel da Madre de Deos⁸³³, Leitor Jubilado e Calificador do Santo Ofício

10 [fl. II v.] Por mandado de nosso muito reverendo padre Frei João Pereira vigairo geral desta provincia dos Algarves vi este *Livro da Fundação do Convento da Sperança de Villa Viçosa*. Ocupação pia e religiosa da madre Soror Antónia Baptista, não achei nelle cousa contra nossa santa fée e bons costumes: antes he muy digno de louvor na authora delle observar o bom governo e santo viver de pessoas sinaladas as acções
15 illustres de sujeitos memoraveis, espelhos da religião para os presentes e vindouros. Finalmente, não acho nelle cousa que encontre o sahir a luz.

Hoje 23 de Julho de 1657, S. Francisco de Xabregas⁸³⁴. Frei Roque da Trindade⁸³⁵

Leitor de [...]⁸³⁶

Custódio da Provinça

⁸³¹ Padre João Pereira, natural de Lisboa, filho de Nuno Alvares Pereira e Isabel da Mata. Foi Pregador Apostólico, Secretário da Província, Comissário da Corte, Guardião dos Conventos de Setúbal e Xabregas, Definidor e Visitador Apostólico da Província da Terceira Ordem. Eleito Vigário Provincial em 1639, (Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica seraphica da santa provincia dos Algarves da Regular Observância do nosso seráfico P.e S. Francisco*(...), pelo padre Frei Jeronymo de Belem, Lisboa, na oficina de Ignacio Rodrigues, anno de MDCCL, "Introdução", p. ccxvii). O seu nome consta da *Relação dos Confessores que tem licença para confesar neste mosteiro*, Mç. 968, cx. 1082, ANTT.

⁸³² Texto de leitura difícil por força de uma caligrafia quase impenetrável.

⁸³³ Natural de Lisboa, tendo por alcunha o *Pardal*. Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Ofício, Confessor dos Mosteiros de Sacavém e da Conceição de Beja, Guardião do Convento de S. Francisco de Setúbal. Eleito Ministro Provincial em 1657 (Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica*, ed. cit., Introdução, p. ccxvii)

⁸³⁴ O convento de Xabregas era *cabeça* da Província dos Algarves, por essa razão se chamavam *xabreganos* os religiosos da mesma província.

⁸³⁵ O Padre Frei Roque da Trindade nasceu em Lisboa, foi Leitor Jubilado, Examinador das Ordens Militares, Custódio da Província e Padre Imediato por indulto apostólico. Interveio no Capítulo da Arrábida celebrado a 1 de dezembro de 1663 - "com a sua prudência congraçou de tal sorte os ânimos discordes, que pela sua attestação veyo o mesmo Capítulo confirmado, ficando a Província reduzida a huma paz religiosa", Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica*, ed. cit., Introdução, p. cc xviii. Faleceu em 1667.

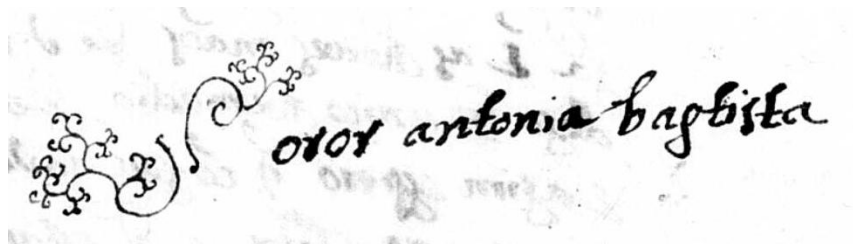
⁸³⁶ Impercetível.

[fl. III r.] Senhor

Em toscas e mal limadas palavras offereço a Vossa magestade o melhor da vertude de este santo convento escritas mais cõ a singelesa e verdade que em elle aprendi do que floreado com politica rectorica, quando emprendi comessar esta obra foi com tensão de
5 so fiar a humildade della das religiosas do mesmo convento, porem parecendome que occultar as maravilhas de Deos era offendelo me determinei a comunicalas a todos⁸³⁷ debaxo dapretecsão de sua alteza que Deos tem, foi elle servido levalo a gosar de sua vista e da companhia d estas çervas suas antes de eu tirar este livro do borrão⁸³⁸. Vendoo orfão me pareço buscarlhe emparo e defenza ã as reaes mãos de vossa
10 magestade cuja grandesa e unico remedio dos desvalidos, e assim espero que cõ seu favor e piedoso zelo saia seguro a lux e d estas illustres religiosas fio⁸³⁹ alcansem do çeo a vossa magestade avida e felicidades que eu lhe pesso como [fl III v] tão leal criada.

humilde oradora de Vossa magestade

15



(Fac-símile da assinatura da autora)

20

⁸³⁷ Soror Baptista revela a intenção de publicar a obra que estava pronta para ser impressa.

⁸³⁸ D. João IV faleceu em 1656, a obra de Soror Antónia foi concluída um ano depois.

⁸³⁹ *fio*] viveza, BLUTEAU, p. 617.

[fl. IV r.] Livro⁸⁴⁰

Da Fundação do santo Convento
de nossa Senhora da esperança
de Villa viçosa e de algũas
plantas que em elle se criarão
pera o ceo dignas
de memoria

5

Composto por soror Antonia Baptista
indigna Religioza do
ditto Convento

10

dedicado a Magestade de El Rei
Dom joão o 4º nosso senhor
e Padroeiro do mesmo Convento

15

⁸⁴⁰ O título da obra não aparece redigido por mão da autora, mas antes por Diego Peres Ferreira, um dos autores que, no fólio que se segue ao título, dedica um soneto a Soror Antónia Baptista.

[fl. IV v] Soneto a la autora⁸⁴¹

Del doutor Diego Peres Ferreira⁸⁴²

Das nombre eterno con eterna vida
5 divina Antonia iuízo peregrino
Raro ingenio sutil claro y divino
estranha abilidad iamas oida.
A tu fama immortal esclarecida
atu alento de alabanças digno.
10 con este itinerario que al camino
del cielo muestras tan compadecida
mucho edificas mueves iustamente
efficás nos propones incentivos
admiraciones causan tus profias
15 no solo las novisias toda gente
ade tomar senhora tus motivos
y a de salir desus senizas frias.

⁸⁴¹ Transcrito como o original - autor não faz a divisão canónica da estruturação do soneto: duas quadras, dois tercetos.

⁸⁴² Médico ao serviço da comunidade do Mosteiro da Esperança. Surge referenciado pela autora no "livro tersseiro".

[fl. V r.] A autòra.

Sonetto.

Com estillo escreveis tão levantado,

5 destas flores, as vidas, que duvido
se nas vidas, se ostenta, o mais sabido,
se nas letras, se inculca o mais prezado.

Tanto deixais às vidas igualado,

10 na prósa com que as tendes deferido,
que extasis escreveis, de seu sentido
e em extasis deixais, nosso cuidado.

As flores que escreveis como entendida

15 tanto perpetuais como a uòx clama
do mundo, dòcta Antonia conhecida.

A terra eternidades já lhe aclama,

pois se na gloria tem eterna a vida
20 Na vossa pena, tem eterna a fama.

Fernão Roiz de Britto Pereira⁸⁴³

⁸⁴³ Trata-se de um fidalgo ilustre com ligações à casa real, curiosamente com o mesmo nome do pai de Soror Maria da Conceição, religiosa da Esperança, que Soror Antónia refere no fl. 9 v. do "livro segundo" (como atrás explicitámos).

[fl. VII r.] II prologo da autora as noviças e freiras da escolla deste sancto convento por cujo aproveitamento se fes esta obra.

Não sei irmãs e senhoras minhas como hei tido ousadia pera emprênder esta obra tão superior a minha capacidade, atrevendome atomar a mão a tão grandes talentos como ha
5 em este convento para me opor a ella, sendo que o menor delles seme vantagem em bõ
juiso e spirito que he o prinsipal, porem, ver atodas tão descudadas de o empregar em
vos dar noticia de tão illustres antecessoras animou minha ignoransia e deu esporas a
meu desejo que desde menina otive de algua tirar a lux tantas maravilhas, e de faltar
este em as que oje vivem, presumo o mesmo que digo das antigas, que não fazião
10 memoria das vertudes de suas cõpanheiras por que em todas as avia de sorte que por
comuas não reparavão em ellas, mais que para a porfia as imitar e como Deos por sua
misericordia conserva oje estas servas suas em esta simplicidade de vida as seguẽ em o
mesmo descudo, so eu como não sei imitalas me succede o que aquẽ vive sem lux que
vendoa repara mais ã ella que quẽ sempre [fl. VI v.] a gosa. que em esta obra vereis
15 muitas faltas seguro, que quãdo⁸⁴⁴ a comessei foi com essa considerassão, não temo
sensurarsse nẽ pesso perdão dellas por ser devido a hũa molher idiotta e tão falta de
policia como quẽ de quatro annos de idade se criou ã hũ convento tão recoleto que se
aprende humildade por verdadeira politica, e quando por esta resão não alcance a
desculpa que mereço, concedeima pello serviço de vos deixar algũa lux dos principios
20 de tão sancto convento, a qual estava tão perdida que has mais antigas faltava o que foi
causa de me custar excessivo desvelo, mas como o passei por Deos não quero
exssagerar quanto ha sido, porque o desafogo da queixa não mingrena o serviço. atensão
que mais me moveo acomessar este tratado foi por servir de guia a voços primeiros
annos o exsemplo de tão heroicas vertudes, aque não desdoure serem reçitadas por tão
25 tosca peña que e a verdade como osol que não perde seu valor por passar por humildes
resquicios equãto tẽ de ignorante tanto o seguro de verdadeiro. Estimara que em minhas
palavras se conheçera a efficacia das de ulisses, de que dis homero que como copos de
neve se ãbevecião epegavão em a alma, pera que trasendo nella tantas maravilhas não
cessareis de as imolar, mas [fl. VII r.] esta falta suprira o spirito sancto, dandovos
30 asentir o eçenssial da historia sem a desdourar o desabrido do estillo.

⁸⁴⁴ Pequena rasura da autora.

pareceu faser memoria do aumento ã que estas religiosas deixarão este convento tanto ã o spiritual como temporal em o hũ em a observansia em que o achais e em o outro cõ gastar por aperfeicsoar e sustentar esta casa de oração o que pode ser usurparẽ anecessidades propias.

5 E por que o aguardessimento de voças orações não falte, digo os nomes das que cõ estas piedosas obras mereçẽ zelos escritos em o çeo aque permitta Deos guiarvos, fasendovos verdadeiras imitadoras suas.

10 [fl VII v] **Invocassã da autora a Virgem nossa senhora⁸⁴⁵ para comessar a obra⁸⁴⁶**

A ti madre de gracia y virgen pura

ab inicio creada del que quiso

formar una tan bella creatura

15 como puerta del mismo paraíso.

tu que libraste de prision tan dura

al hõbre por que enti Dios hõbre se hiso,

dame tu auxilio oy por que se arguia

que anparas esta obra como tuia.

20

⁸⁴⁵ Era muito frequente os autores invocarem a Virgem Maria, mãe e intermediária entre Deus e os homens, para protetora das suas obras. Para além das invocações, era usual dedicarem-se os textos à Virgem.

⁸⁴⁶ Opção pelas estrofes oitavas e versos decassilábicos, recursos normalmente utilizados nos poemas épicos, como já referimos no "Estudo Introdutório".

A ti torre de david⁸⁴⁷, hermosa luna
escala de iacob⁸⁴⁸, camino cierto,
del alva estrella sin teniebla alguna,
fuente sellada i cerrado huerto

5 electa como el sol por sola iuna
en las ondas del mar farol i puerto
dame que salga deste con bonansa
pues eres dulce madre de speransa.

10 A ti trono de un rei del mejor nõbre,
paraiso terrestre do plantado
se vio el arbol que da vida al hõbre,
sarçal que ardido fue mas no quemado,
casa de sabidoria i por que asõbre
15 en ella el ignorante es ãparado,
[fl. VIIIr] gose deste favor virgen devina
pues a boses lo pido aunque indigna.

A ti maria llena de esperansa
20 por el fructo devino que nos diste,
Ati la que su gracia nos alcanza
i padruera nuestra ser quesiste,
de que seleha seguido tal bonansa
alas almas que tanto enrrequesiste

⁸⁴⁷ Rei de Israel e Judá, um paladino da fé, devoto de Deus, apesar das numerosas faltas como humano, "fue considerado por muchas generaciones como el rei ideal y digno servidor de Dios"; cf. *Quién es quién en la Biblia, Diccionario biográfico ilustrado*, Readers Digest, 1994, p. 88.

⁸⁴⁸ Referência à escada do céu com a qual Jacob sonha (Gn 28, 12); cf. *Dicionário Bíblico*, Porto, Editorial Perpétuo Socorro, Difusora Bíblica, 1989, p. 185.

aiuda pido pues que ves mi zelo
ser solo eternisarlas enel suelo:

No se como he tenido atribimiento

5 pera hablar de un jardin que tu plantaste
siendo sus flores todas un protento
como esposas del verbo que humanaste,
ia mudara sin duda de mi intento
sino creera que tu me lo mandaste

10 enojada quiça de estos luseros
les faltar asus obras pregoneros:

Pues aiudadme Virgen generosa
pera que sea oi mi tosca pluma

15 guiada de essa mano poderosa.
Vos que os vestis el sol calssais la luna
un raio me prestad pues soes piedosa
por que no erre io en cosa alguna
mas aun le paresca alos humanos
20 la vos ser de jacob de esau⁸⁴⁹ las manos.

⁸⁴⁹ (Gn 25,19) - Esaú e Jacob são os dois filhos gémeos de Isaac e Rebeca (que era estéril); os dois irmãos (que representam dois povos inimigos) já no seio materno se degladiavam. Nesta passagem, a autora faz referência à mão de Jacob (segundo filho a nascer) que agarra o pé de Esaú no momento do nascimento, simbolizando a tentativa de usurpação da progenitura de Esaú por parte do irmão mais novo.

[fl. 1 r.] livro primeiro da fundação do convento de nossa senhora da speranza de Vila Viçosa

dos primeiros principios deste convento e arua da cadeia - cap. primeiro

- 5 Sempre foi estillo da sabiduria devina (como dis o apostallo)⁸⁵⁰ pera faser cousas grandes, deitar mão das pequenas e desvalidas, e tomar fracos instrumentos em obras maravilhosas, para que por elles se conhessa ser obras de sua devina mão, dandosse agloria a sua omnipotencia, e não a fragilidade de subjecto por que as obra, ou a que da auxilio para as obrar, como se ve em muitos lugares da escriptura sagrada.
- 10 Assim se ouve cõ este sancto convento da speranza, que posto que pera o accredittar com o mûdo avia a devina providencia escolhido hũa senhora⁸⁵¹ (de tão alto e real sangue que mereço ser duquesa da grande e illustre casa de bargansa) para padroeira sua, cõ tudo [fl. 1 v.] seguindo seu antigo costume lhe deu mais humildes principios quãto ao mûdo e comessou este convento antes que ella intentasse por mão ha obra, por que se
- 15 não atreuisse a sua senão a poderosa de Deos. o qual inspirou e hũa vertuosa veuva desta vila viçosa que dando de mão ao mûdo e vaidades delle tratasse so de sua salvassão, chamavaçe esta dona, isabel cheirinha, era de mui nobre geração porẽ muito mais pellas vertudes de que foi dottada, avia sido casada cõ thome rei tãobẽ nobelissimo, ficou sã filho nenhũ e considerando como prudente abrevidade desta vida e
- 20 que fora de Deos tudo acaba, quis trocar os bens transitorios pellos eternos, tinha esta nobre e devota dona hũas casas e que vevia, grandes para aquelle tempo, e a rua da cadeia e ellas tinha hũ curioso oratorio, e emtre as demais imagens e pinturas hũa da virgẽ nossa senhora que oje esta e o capitalo deste convento cõ grande venerassão, e selhe tem muita devassão, pella tradissão que ha de aver feito milagres, e oje os
- 25 exprimẽtão suas devottas como se dira ao diante.

Eẽ este oratorio comessou afaser vida religiosa e exsemplar como se ve por hũa doação de hũ cunhado seu chamado diogo rei [fl. 2 r.] e que lhe dotta 30 alqueires de trigo e dis estas palavras deixadas as tabalioas⁸⁵².

⁸⁵⁰ É provável que se trate do apóstolo S. Paulo.

⁸⁵¹ Referência a D. Isabel de Lencastre, duquesa de Bragança, casada com o duque D. Teodósio I, cuja ascendência é tratada no capítulo seguinte.

⁸⁵² *Tabelioa*, mulher que exerce as funções do tabelião.

No anno⁸⁵³ do nassimento de nosso Senhor Jesus Christo de 1530 aos 19 dias do mes de octubro ã vila viçosa nas casas da morada de isabel cheirinha molher religiosa, por esta palavra se ve que ja ã esta era avia a primeira pedra deste convento pois e serto que se não tratara de consagrarçe asim e a suas casas a Deos, que por viver bẽ e ser beata
5 bastava chamarlhe virtuosa, dis mais a doaçã por quẽ me governo ã estes⁸⁵⁴ prinsipios, e fas esta ditta doaçã ha ditta sua cunhada isabel cheirinha, molher que foi de seu irmão thome rei nesta maneira cõ vem a saber que a ditta isabel cheirinha, como posua e aja, os dittos trinta alqueires de trigo como ditto he, ã sua vida, e depois do fallessimento da ditta isabel cheirinha fassa delles oque quiser eoque lhe bẽ vier como
10 de cousa propia sua pois o sã, como ella vir que e mais serviço de Deos, e prinsipalmente que fique depois de seu falleçimento da ditta isabel cheirinha a esta casa e oratorio seu em que ora fas sua vida para sustentamento delle e das pessoas que nelle viverẽ e habitarem ã sancta religiã, que ajã e logrẽ os dittos 30 alqueires de trigo para que roguẽ a Deos por elles que lhes [fl. 2 v.] de a sua folgansa, de maneira que sẽpre
15 fiquem devolutos aditta casa e oratorio pera molheres de bõ viver que roguẽ a Deos por suas almas como ditto e hesendo caso que em algũ tempo ou tempos na ditta casa e oratorio desfaleçer do bõ viver e modo de pessoas de bõ viver, que ãtã anulandoçe a ditta casa ã algũa maneira que não aja nella abitassã em tal caso a ditta fazenda se despenda em redẽpsã de cativos por que esta e sua derradeira vontade, e a ditta isabel
20 cheirinha açeitou a ditta doaçã cõ as dittas condições que presente estava pera sim e para a ditta casa cõ as sobre dittas condissões e em testemunho de verdade asim outorgarã e mãdarã ser feito este instrumento de doaçã.

Ate aqui sã as palavras della que fas a nosso perposito e por que se ve claramẽte que ja ã o anno de 1530 se tratava⁸⁵⁵ destas casas como de religiosas, ou recolhimento dellas se
25 ãtã avia mais que isabel cheirinha não nos consta por nenhũ papel, so o que sabemos por seu testamento que cõ esta doassã se guarda em o archivo, he que ella faleço, ã o anno de 1532 em o qual deixa as dittas casas, e oratorio e os trinta alqueires de trigo has molheres [fl. 3 r.] de bõ viver das quais so nomeia isabel rõiz e isabel madeira naturais de extremos e as nomea por freiras, por que em hũa verba delle dis

⁸⁵³ *doaçã*] à margem.

⁸⁵⁴ *prosegue a doaçã*] à margem.

⁸⁵⁵ *se tratava*] repetido e cortado pela autora.

E⁸⁵⁶ mais digo que deixo ametade do rēdimento has molheres de bõ viver que estiverem nas dittas minhas casas pera sēpre cõ tal condissão, que ellas e as que dipois de ellas vierem serão hubrigadas a diserem cada hũ anno des missas asim como as outras freiras são hubrigadas.

5 Por esta palavra se colige que ja em este tempo tratavão de se submeter ao jugo da religião e professar ã ella, como de feito o fiserão logo em falecendo isabel cheirinha porque as que em as casas ficarão mãdarão chamar ao guardião de s. francisco de extremos que era a esse tempo ainda dos claustrais elhe pedirão lansaçe logo oveo pretto amais velha para poder aseittar freiras e professarẽ as cõpanheiras que cõ ella estavam e
10 asim se pode ãtender avião ja feito o anno de noviçado. Foi esta profissão da fundadora no anno de 1533 sendo sũmo pontifiçe clemente setimo, geral de nossa seraphica ordem frei paulo pisosto, quadragessimo octavo, rei de portugal dõ joão o 3º, duque de bargansa o serenissimo senhor dõ theodosio o primeiro do nome em o primeiro anno que herdou o estado. [fl. 3 v.] ã este anno teve prinsipio este santo convento da sperança
15 ã forma de religião, deitou aestas religiosas oveo frei gil de lemos guardião do ditto convento de extremos, sendo mestre provinsial dos claustrais (de cuja obediensia elle era) frei antonio davidus aquẽ estas religiosas a derão.

Etendo ellas notissia que a senhora donna isabel de alēcaste dignissima duquesa de bargansa prometera antes de o ser faser hũ convento de freiras de santa clara que se
20 chamasse de nossa senhora da speransa, tomarão para o seu este orago, porem o mais serto he que a imagẽ de que atras tratto o tinha por permissão devina.

Ë a profissão se chamou esta religiosa soror isabel de jesus e como abbadessa das demais lha fes suas companheiras que erão tres e se chamarão soror joanna da crus soror graçia do espirito santo soror isabel da consepsão esta ultima persseverou ate amorte ã
25 a religião cõ grande fama de vertude as tres que erão as martellas⁸⁵⁷ de extremos e irmãs, apotestarão como ao diante se dira.

Comessou logo ha fama deste novo convento a acudirem donsellas devottas para em elle tomarẽ o abitto e se dedicarẽ a Deos, foi a primeira natural desta vila viçosa aqual se chamava soror caterina das chagas, asegũda foi hũa donsella da gerassão dos leitões

⁸⁵⁶ *Testamento*] à margem.

⁸⁵⁷ *Mantelatas* (franciscanas terceiras) era a designação atribuída às mulheres piedosas, que decidiam voluntariamente juntar-se às irmãs professas e optarem, elas próprias, por fazerem a sua profissão ou aí viverem como leigas com estatuto especial (como atrás referimos).

desta vila, chamavaçe soror [fl. 4 r.] isabel da trindade hũa memoriasinha que nos ficou das antigas dis que entrou por ordem do serenissimo duque dõ theodosio primeiro do nome, que era muito fermosa mas muito mais ã a alma pella exsẽplar vida que fes mas que foi breve por que logo alevou Deos deixãdo grãde fama de vertude.

5 a tirsseira foi soror paula de jerusalem grande religiosa de que sefara particular menssã pello mereçer sua vertude, cõ esta tomou o abitto a quarta que era hũa menina de onse annos que se chamava soror maria dos anjos e professou de 12 por ser antes do santo consilio tredentino, e não tomou a abbadessa soror isabel de jesus mais religiosas que cõ as fũdadoras fasem soma de oito.

10

da real ascendensia da senhora dona isabel de alẽcaste dignissima duquesa da real casa de bargansa, e como por milagre foi padrueira deste convento da speransa - cap. 2

[fl. 4 v.] Sempre o diamante tem seu valor, porẽ vemos e mais vistoso lavrado e encastoadado, asim vem a ser as vertudes que posto seã meritorias⁸⁵⁸ as que cõsigo trasẽ calidades reais, se nos representão mais gloriosas, esão mais açeitas.

Cõ histo digo que a serenissima senhora dona isabel nossa padrueira, não so suas vertudes a fiserão real, mas o chegado parẽtesco que tinha cõ os seãores reis dõ manael e dona leonor molher del rei dõ joão o 2º, foi esta serenissima prinçesa filha do Senhor dõ denis irmão 2º do duque dõ james filhos do 3º duque de bargansa dõ fernãdo 2º de nome, e da senhora dõna isabel irmã dos sobredittos reis dõ manael e dona leonor, casou o senhor dõ denis ã castella cõ a senhora dona breatis de castro, filha unica do conde de lemos, cõ cujo casamento teve e ouve a casa de lemos ã aquelle reino.

Teve deste matrimonio o senhor dõ denis, anossa padrueira e serenissima senhora dona isabel de alencaste, que casou cõ o duque dõ theodosio seu primo cõ irmão o primeiro do nome e 5º da real casa de bargansa, deixo de diser quẽ forão os reis, seus avos, e quem são seus nettos por que bem se sabe que as casas [fl. 5 r.] mais nobres que ha em europa de reis e potentados, se hõrrão cõ o parentesco desta illustre e sẽpre real casa de bargansa que oje se perpetua em a serenissima pessoa de sua altesa que Deos nos guarde para defensa e emparo de esta coroa.

30

⁸⁵⁸ *seão meritorias*] rasurado no texto e explicitado à margem pela autora.

Entre as vertudes e dons naturais de fermusura descrição êtendimento e graça cõ que esta santa prinçesa levava tras si os olhos de todos era agradavel a Deos por sua grande caridade e inclinassão ao culto devino e as pessoas religiosas cõ que illustrou mais a fermusura de sua alma dandosse tanto aservilo que so buscava ocasiões de o agradar, não querêdo mais do mûdo que o que era seu de justiça, enão podendo aspirar a cousa maior, como se lhe devia não peccava ã ãbissão, e assim fes votto se Deos lhe cûpria sarta expectativa de dedicarlhe hũ convento de freiras de santa clara cujo orago fosse de nossa senhora da speransa em reconhessimento delhe aver cûprido as suas e alcansado o que a hubrigou a este votto que se tem por milagre a respeito das contradissões que se movião tratou logo de affectuar sua promessa e dar aDeos as graças grangiandolhe tantas servas como em o fim deste tratado espero mostrar oferecendolhe deste jardim tão odoríferas flores, que nellas se conhece bẽ ser plantado por tão grandiosa mão [fl. 5 v.] não nos ficãdo pouca hõrra de termos tal senhora por mãi e padrueira, pois por sua causa o forão sendo successivamente todos os senhores duques do real estado de bargansa.

Foi esta prinsesa devotissima de toda a seraphica religião e irmã geral da ordem como dis ã seu testamento ã que da mostras da grande afecsão que lhetinha porque entre as outras lhe mostra mais affecto e assim lhe deixou innumeraveis e grandiosos legados a toda a provincia da piedade, e tãobẽ os deixou atodos os conventos que avia ã esta vila e fora della a outros muitos ã lisboa amadre de Deos e a sancta clara a este convento dis ella tinha muito amor por se aver criado em elle hõrra de que aquellas religiosas sedevẽ aproveitar pois não sei outra de que mais se possão jactar. Deixou muitas outras esmollas de obras pias e tão grossas que so animo tão grandioso e as rendas deste ducado podião acodir a tanto sem lhes faltar.

E por que e mais descreditto querer eu cõ tanto lemite exsagerar animo tão real sirva o silencio de abono asim como nos temos lhe servirão tantos de gloria. E não menos [fl. 6 r.] ao principe nosso senhor, seu tresnetto, e como tal nosso padrueiro, que se bem a distansia de lugares, e sermos tão desvalidas que não ha quẽ nos chegue apicina⁸⁵⁹, nos fas estar ã a memoria de suas magestades esquessidas esperamos de sua grandesa que vendo as maravilhas que Deos obrou por estas suas servas e considerando que aserenissima duquesa sua visavo, como a fectura sua cõ todo cuidado nos fes e ouve

⁸⁵⁹ Referir-se-á a *apicio* barrete sacerdotal , HOUAISS, p. 328.

merces e esmollas dos reis passados sua majestade nos favoressa cõpadeçendosse do muito que a puro desẽparo emos perdido ãparandonos não so como senhor nattural mas como padrueiro.

5 **dos legados que a serenissima senhora dona isabel duquesa da real casa de bargansa deixou a este convento e os emcargos cõ que lhe ficarão - cap. 3**

Tem este convento muito de que se jactar do amor e afecto cõ que esta serenissima prinssesa tratava as religiosas delle, por que faserlhe ella merces não foi maravilha, que era ella de tão santo e piedoso nattural que em tudo que era [fl. 6 v.] serviço de Deos se
10 empregava, mas que pessoa tão real as trataçe cõ amor e lhanesa de mãi, não so cativava has que alcançarão estes favores mas has que lhes succedemos corre hubrigassão de nũca os perder da memoria, lẽbrame de ouvir contar a hũa antiga (enão sã lagrimas) que quãdo separtiu para lisboa donde faleçeo, lhes dicera filhas so vos me levais acorte donde espero aver muitos acreçentamentos ao voço convento, ela lhe ouve muitas
15 rendas que por sua morte se perderão ao desẽparo, como ao diante se vera, por que ellas magoadas da perda de tal senhora so se acupavão⁸⁶⁰ ã sentilla ficando tão desẽparadas que nũca puderão recuperar nada por que o serenissimo duque dõ theodosio posto que lhes fasia muita merce não era cõ o affecto que lha avia feito esta christianissima princesa aqual faleçeo ã o anno de 1558 dia de s. bertholameu⁸⁶¹, infausto para este
20 convento.

Fes seu testamento ã esta vila viçosa antes de se partir para lisboa e ã elle deixou o seguinte

Seis mil crusados para as obras que estavam ainda em os alicerçes e ã elles mãdou se descõtaçem quinhẽtos crusados que ella avia ãprestado ao [fl. 7 r.] convento para
25 comprar o çitio delle

instituiu hũa capella de missa cotidiana na que selhe cantaçe nesta igreja por ordẽ das religiosas para aqual deixou hũa herdade ã otermo de vila boim que se chama das

⁸⁶⁰ O mesmo que *ocupavão*.

⁸⁶¹ Dia de S. Bartolomeu celebra-se a 24 de agosto; cf. Donald ATTWATER, *Dicionário de Santos*, Publicações Europa-América, 1983, p. 64.

abebireiras e que a missa fosse a cõventual e mais deixou a mesma renda as seguintes
hubrigassões

todos os annos ã o dia de seu falecimento hũas vesperas de defũctos e nocturno de tres
lissões missa de *requiem*, tudo cantado outro tanto o dia depois do de defũctos

- 5 dia de pascoa de espirito sancto dia de nossa senhora da encarnassão dia da asũpssão ã
cada hũa destas festas besperas e missa dellas cãtado

Mais pello anno adiante cessenta missas resadas por esta ordẽ trinta pella alma do
senhor dõ denis seu pai

20 pella da duquesa sua avo

- 10 10 por a madre soror costansa sua irmã

Mais 31 missas ã o mes de novẽbro por diferentes defũctos

- Não e a renda da herdade oje tanta que aja folgadamente tantos legados porẽ em aquelle
tempo a esmolla da missa era 20 reis, dãdosse [fl. 7 v.] cera esẽ a dar 30 reis como ella ã
omesmo testamento mãda se de acopia dellas que deixa e oje a que se da e 50 reis,
15 easim achou não deixava cara a ditta propiedade a qual em este anno de 1652 não rẽde
pellos cõtinuos roubos do enemigo ã o termo ecãpos ã vila boim, porẽ as hubrigassões
não deixão de se cũprir pello amor que este convento tẽ asua illustre padrueira cuja
memoria não acabara nũca nelle para a igreja deixou hũ ornamento de tella de ouro

- 20 Outro de setim branco para ãbos paleos corpo fixoulas toalhas de altar e fittas ealvas
deixou de pratta

hũ calix que pesava 4 marcos

dous castiçais que pesavão des marcos

hũas galhetas pesavão 3 marcos

hũ turibulo 6 marcos

- 25 hũa naveta e colher pesava 3 marcos

hũa arquinha forrada de tella de ouro cõ cravação e ãgonosos⁸⁶² e fechadura de prata

hũa caixasinha de pratta sobredourada para dentro ã a arquinha estar o sanctissimo sacramẽto ã o sacrario

hũa caixa de pratta para as hosteas

- 5 [fl. 8 r.] Deixou que se instituísse hũa capella de hũ juro que cõprou para ella que e de trese mil reis pellas almas dos senhores reis dõ joão 3º e dona catherina, sua molher desta ficou ao serenissimo duque dõ theodosio a elecsão de dõde se avia de cantar elle a fes deste convento este juro se cobra ã o almoxarifado⁸⁶³ de estremos.

- 10 Estas sã as merces que estes serenissimos principes nossos padrueiros deixarã a este seu convento, das que a senhora duquesa lhe ouve ese perderã ao desẽparo se dira ão capitalo seguinte

**das capellas que este convento gosou e a pouca justiça cõ que o defraudarã dellas
- cap. 4**

- 15 ã o anno de 1553 vindo a este reino⁸⁶⁴ frei andre da insola⁸⁶⁵ que ã este tempo era geral da ordẽ, e em os passados avia sido custodio da provincia dos algarves e depois seu provincial, vesitando a tirou a s. francisco de estremos todas as capellas que gosava sendo de claustrais e as repartiu por este convento e o das chagas desta vila, por assim o ordenar a bulla do santo padre que mãdava se dessẽ as rendas dos conventos de frades
- 20 que se passassẽ [fl. 8 v.] a obsservansia aos das freiras da mesma obediensia que estiveçem mais propincos e ellas pagaçẽ aos frades os annais de missas. hũa das que anexou o ditto geral a este convento, foi a capella de que forã instituidores gil moniz e

⁸⁶² Mesmo que *dobradiças*.

⁸⁶³ Mesmo que *distrito*.

⁸⁶⁴ *a este reino*] rasurado.

⁸⁶⁵ Nascido em 1506 em Lisboa, acaba por perecer em 1571, na mesma cidade, no Convento de S. Francisco. Eleito Provincial da Província dos Algarves aos 41 anos de idade, passa a Geral de toda a Província dos Algarves em 1547, no Capítulo celebrado em Assis. Figura de grande influência da diplomacia portuguesa "recebeo particulares favores do Emperador Carlos V e não menores significações de benevolencia da Santidade de Julio III (...) El Rey D. Sebastião (...) lhe cometeo que passasse a Castella a tratar alguns negoços graves, de que pendia a conservação de ambas as Monarchias", Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, tomo I, *Bibliotheca Lusitana, História, Critica e Chronológica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, todos os tomos, Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX, pp. 151-152.

sua molher estafainha gomes moradores ã a vila de veiros, achando que os frades a possuhião avendo dous annos que erão da observansia, pella qual ficavão incapases de posuhir os tais bems, pellas bullas da reformassão de espanha e particulares de portugal, e por bem de seu officio a anexou e emcorporou cõ todos os outros bems que pertensião
5 epodião pertenserlhe aeste convento, ficandolhes o directo das missas que se pagassẽ aelles como abulla mãdava, e dado casa que a instituidor deixaçe esta capella ao convento de s. francisco de estremos, e a gosaçem como sua sendo claustrais, depois pella reformassão da observansia, anão podião ter ã foro de consiensia e por esta causa se deu a este da speransa.

10 Ouve logo a senhora duquesa bula do santo padre julio 3º para este convento se meter de posse não so de aver os sobejos das rendas da ditta capella se não tão bẽ da admenistrassão della e feitas as deligensias nessessarias tomarão posse anno de 1555 a sinco de julho logo a 21 de agosto [fl. 9 r.] do mesmo anno otirarão della por hũa carta del rei dõ joão 3º ao juis de fora de estremos em que lhe desia que por respeitos que a
15 isso o movião lhe mandava sustentasse e mantiveçe o administrador da capella de estavainha gomes situada ã aquella vila na posse da admenistrassão, eassim o g.am(?) e padres do ditto musteiro na posse de levar os sobejos do rendimento dos bens da capella os quais elles avião por provisões dos reis passados esendo que algua pessoa ou pessoas de qualquer calidade ou estado que fosse os perturbassẽ ou inquietassem sobre a ditta
20 capella, ou os tiveçe ja tirados della os tornasse a ditta posse, eque quais quer pessoas que pretendeçem ter directo na ditta admenistração e sobejos dos rendimentos, lhes notificassẽ que podião ir sobre isso a requerer por que elle os mãdaria ouvir e faserlhe no caso cõprimto de justiça.

Acodiu logo o convento alegando que ellas ouverão do santo padre hũa bulla por que
25 lhe concedeo a admenistrassão e os residuos de que s. francisco de estremos gosava sendo claustral, e a apresentarão ao exçecutor que era o vigario geral da cidade de evora o qual guardando toda a ordem juridica por sua senttensa final pronunsiou a ditta bulla por justificada, emãdou que ellas fossẽ metidas de posse, do qual tirandosse sentensa por notario apostolico [fl. 9 v.] e autoridade de justiça forão metidas de posse da⁸⁶⁶
30 admenistrassão e bẽs da ditta capella em a qual estiverão passificamente, e por quanto el rei por informassões falssas que teve sem seguro nem ordẽ de juiso de poder absoluto as

⁸⁶⁶ da qual tirandosse sentensa] passagem cortada pela autora e substituída pela presente no texto.

mãdara tirar da posse sem conhessimento de causa nẽ ouvir partes, lhe pediãõ as
deixaçe estar nella. a sentensa que ouve foi que vistos os autos bulla do santo padre
esentensa sobre a justificassãõ della dada, e instrumentos da ditta posse que os sobejos
dos rendimentos da ditta capella lhe fossẽ êtregues a ellas suplicantes pella mão do
5 admenistrador que era e fosse ao diante dando fiador abonado ao restituir aquẽ por
directo fosse julgado e determinado pertenserẽ pelos deputados da mesa da consiensiã,
eque oque tocava a admenistrassãõ dos bẽs e propriedades da ditta capella, as suplicantes
requereçẽ sua justiça ordinariamente por ante quem o conhessimento pertenseçe, vista
aforma da instituissãõ da capella, easim ficarãõ gosando aposse dos sobejos por muitos
10 annos, como se ve por papeis que estãõ no archivo. da posse da admenistrassãõ que a
bulla conçedia tãõ bẽ, não ha notiça que se lhe deçe por que avendoa do mais, della não
ha papel nenhũ. logo ã tomãdo a segũdaposse [fl. 10 r.] faleçeõ a senhora duquesa que
o solecitava cõ grãde fervor e el rei dõ joãõ o 3º que a avia conçedido e asim ficou este
convento desvalido de todo favor, não acho que sãõ francisco de estremos a tornasse
15 apossuir nem pudiãõ pellas bullas da reformassãõ por cujo respeito lhe tirou o geral
todas as rendas que atras digo e asim não sei que quẽ gosava estes sobejos quãdo el rei
dõ phelipe 2º veio apurtugal que por serẽ de importansia lansoumãõ delles para o
hospital dos purtugueses em madrid.

Sem duvida devia de ser aesse tempo deste convento que o desẽparo ofas çerto e tãõbem
20 o ouvir sẽpre lamẽtar as antigas esta grande perda e a pouca justiça cõ que lhe fora
usurpada. agora depois da venturosa acclamassãõ de sua magestade que Deos guarde
por nos faltarẽ solicitadores a deu 2ª ves ao convento de s. francisco de estremos sendo
por justiça e directo deste como ei mostrado.

Outra capella das que possuhia sãõ francisco de estremos anexou ogeral frei andre da
25 insola a este convento desta foi instituidor hũa margarida viçente, hum dos pontos da
instituissãõ era a deçe a camara de estremos cada tres annos, a hũ homẽ vertuoso e
pobre, e por oserẽ os religiosos e ser mais serviço de Deos gosarẽ elles estes bens lhos
deviãõ de conceder quando erãõ claustrais [fl. 10 v.] avendo elles para isso bulla do
santo padre.

30 Quãdo pella observansia renunsiarãõ as rẽdas deu a o ditto geral a este convento cõ
hubrigassãõ de pagarẽ as missas ao de s. francisco, e como a datta destes sobejos ficou ã
a instituissãõ da capella ao arbitrio da camara não ouverãõ bulla do santo padre e nesta

forma os gosou este convento algũs annos passificamente, neste comenos⁸⁶⁷ hũ lourenço caldeira morador em esta vila viçosa lansou mão delles para sim e ouve bulla para elle *in perpetuũ* os gosar, sendo vôtade da defũcta ser cada tres annos de hũ, fesse deste convento suplica ao papa revogaçe a ditta bulla pois sem justiça a ouvera lourenço
5 caldeira usurpãdolha e indo contra avontade da defũcta instituidor e que dispensandoçe em este pôto era mais çerviço de Deos para religiosas pobres como se fiserã cõ os padres de s. francisco de estremos sendo claustrais, porem histo não devia de ter effecto por que faleçeo a serenissima duquesa nossa padrueira, e elle a ficou possuindo e por sua morte seus herdeiros oje que não ha nenhũ a da acamara cada tres annos a hũ homẽ
10 sendo que fora maior obra pia conçederse a religiosas tão [fl. 11 r.] pobres e que estiverão de posse della muitos annos. outra possuhiu este convento situada ã a igreja da magdalena de moforte que tem titalo de s. bertolameu instituidores salvador mendes e maria paes esta gosou muitos annos cõ breve de julio 3º dado ao 5º de seu pontificado que foi o de nossa redẽpssão de 1554 e passando de des que estava em pacifica posse hũ
15 gil pousados, nattural da çidade de evora, o qual entendo era hũ que servia de admenistrador della quãdo se deu ao convento vendo faleçida a senhora duquesa e as religiosas desvalidas de todo favor ouve outro breve alegando era parente dos instituidores e cõ elle usurpou os residuos de que o convento estava de posse por lhe faltar quẽ o ãparaçe esta não tenho notiça da resão por que a alcansou este convento
20 mas entendo que o mesmo geral lho anexou por ser ate ãtão de s. francisco de estremos como as duas atras por que asim o da a ãtender a suplica que fiserão ao papa sobre a de margarida viçete cõtra lourenço caldeira pedindolhe a imcorporaçe cõ as outras de que lhe fiserã anexassão ogeral frei andre da insola que vẽ aser esta ea de estafainha gomes que he a primeira de que trato que elle como ei ditto repartiu ãtre este convento [fl. 11
25 v.] e o das chagas as rãdas de s. francisco de estremos, as outras mãres gosão as suas pacificamente por que para qualquer causa que se lhe mova tem valias e rendas cõ que sustentar sua justiça o que sãpre faltou a este que so de vertude ofes Deos rico.

Gosou o convento outra ã souzel que se intitula corpo de Deos esta ouve a senhora duquesa nossa padrueira de el rei dõ joão 3º e para ater *inperpetuũ* alcansarão do papa ja
30 ditto hũa bulla tanto para os residuos como admenistrassão não acho notiça de quẽ a usurpou oque sera porque se derão hũs papeis a hũ religioso depois da felice acclamassão del rei nosso senhor dõ joão o 4º para faser deligencia ase lhe restituir

⁸⁶⁷ neste comenos, mesmo que "nessa ocasião", HOUAISS, t. 1, p. 996.

algũa cousa de quantas lhe roubarão a este convento, e teve tão ma fortuna que histo não teve efecto. nẽ elle tornou os papeis que devem de ser estes.

Mas da piedade de el rei nosso senhor esperamos que como tão christianissimo monarcha e padroeiro nosso, ponha os olhos ã este desemparo, de hũa casa ã que Deos e bem servido e de que tais penhores tem na gloria não desdisendo em nada de fecturas de tal [fl. 12 r.] padrueira, que so por sua grandesa lhes agensiar estes bens se lhe devião perpetuar esustentar a posse.

E para que em nenhũ tempo se queixẽ della as que nos succederẽ de as deixar pobres quis mostrar o que o convento lhe deve e não ser culpa sua senão vontade de Deos e desgraça nossa e tãobem para que em todo tempo saibão o directo que achei terẽ ã estes bems ã os innumeraveis papeis tocantes a elles que estão ã o archivo.

como a senhora duquesa mãdou vir reformadora de santa clara de elvas e professarão a regra de santa clara - cap. 5.º

Vindo a senhora duquesa para esta vila viçosa ã o anno de 1546 achou em ella ja principiado este convento da speransa, fes a abbadessa delle soror isabel de Jesus suas petições e meteo valias para que aceitandoas debaxo de sua protecção, deçe satisfassão ao votto que avia feito, emparando sua pobresa, a senhora duquesa veio nisso e comessou a entender mui de preposito em lhes cõprar casas para ositio [fl. 12 v.] ficar capax de hedeficar hũ convento em que se conhecesse o generoso animo de sua padrueira, e asim lhes cõprou hũ accento de casas ã a rua das donas a dõ joão deça fidalgo de sua casa e outro ã amesma rua a fernão de magalhães, e hũ pardieiro a beltesar martins em a rua do ouro que respõdia a das donas pellas costas das casas, porem nenhũa destas ruas ha oje em esta vila que ou se meterão ã o castello porque erão misticas a elle ou se lhes ão mudado os nomes tendo ja bastante cãpo para se poderẽ fazer officios e aver formade convento se comessou a tratar da reformassão delle porque ate aqui não era mais que hũ oratorio e recolhimento honesto cõ nome de convento por que de feito o era avia trese annos sendo a abbadessa delle isabel de Jesus que como se ha ditto quãdo professou a elegerão e tantos avia que guardava a regra das freiras de santa isabel que e a da 3ª ordem de nosso seraphico padre, o votto que fes a serenissima

duquesa foi que seria da regra de santa clara e assim por esta causa e por ser mais perfecta as redusiu a professala para dar cõprimtoaslle(?).

Mal levarão as fundadoras esta mudansa de vida e pior averem deser defraudadas da perlasia mas como lhe inportava terem propiçia a senhora duquesa e a temião
5 dessimularão a qual mãdou logo pedir ao mestre provincial dos conventuais [fl. 13 r.]
lhe desse hũa reformadora que fosse freira de santa clara e de tão louvaveis e costumes e
vertuosa vida que fosse idonea para otal cargo elle lhe escolheo a madre caterina da
madre de Deos que em seu convento se chamava caterina botelha religiosa de santa
clara de elvas, a qual trouxe outra cõpanheira de tanta vertude como ella, tanto que esta
10 madre veio fes profissão as que achou que erão 8 sub aregra de nossa madre santa clara,
pos o seu convento em ordem fes offecinas em forma de clausura que ate emtão anão
avia, e trabalhou todo pussivel por as ensinar não so cõ palavras mas por exsêplo que o
perlado se trata de imitar a Christo nosso mestre, a doctrina mais eficaz de que usa e
obrar primeiro o que ensina como elle fes.

15 **de como a madre soror catherina da Madre de Deos primeira reformadora
escolheo para viver a observansia e como se subjectou a ella - cap. 6**

Em o anno de nossa redêpssão de 1517 sedevediu aobservansia da claustra ou
conventuais⁸⁶⁸ os quais tinhão infestado as provincias do mũdo todo cõ sua relaxassão
tantos annos, acabãdosse em este cõ grande gloria de nossa seraphica ordem os
20 trabalhos que por esta causa se [fl. 13 v.] avião passado nella ã o capitalo generalissimo
que convocou o papa leão 10 para este effecto, em elle se elegeo por geral o padre frei
christovão de forlivio que foi o primeiro da observansia e quadragessimo quarto da ordẽ
dos menores, mãdousse por esta resão, se devedicẽ as provincias, e que quem quiseçe
viver na pureza da regra e subjectarçe a observansia, se devedice dos conventuais e
25 incorporeçe em as provincias da observansia para o que se não fasia forssa aos
conventos nẽ religiosos particulares senão o que queria renũpssiava o perlado
conventual e dava a obediensia ao provinsial da obsservansia, em este reino foi o
primeiro o da provinsia dos algarves, e nelle ã este tẽpo que veio esta madre reformar a
esperansa se tratava cõ grande fervor subjectarẽçe a este perlado muitos conventos de
30 religiosas que agnelavão a mais vertude.

⁸⁶⁸ Soror Antónia faz alusão à divisão da família franciscana entre claustrais e observantes, cujas relações nem sempre foram as mais amistosas, sendo em 1517 definitiva a sua separação por ordenação do Papa Leão X; vide cap. 2 "Estudo Introdutório".

Sabêdo a senhora duquesa esta mudansa que avia ja em algũs deste reino desejando como tão christianissima que em este seu floreçesse avertude e fosse hũ modelo della, veio falar cõ a abbadessa a cõ hũ espirito devino que nella avia, lhe propos a devisão que em portugal se fasia das provincias apuresa cõ que se vevia ã da observansia o
5 muito que inportava para socego das consiensias viver debaxo [fl. 14 r.] de sua dessiplina e quãto era melhor para segurar sua salvação e de suas subdittas desviaremse do caminho errado eseguir oserto e seguro, menos susões e de menor forssa bastavão para mover hũ animo tão [tão]⁸⁶⁹ disposto a servir a Deos como o da madre soror catherina estava, aqual teve por ventura mãdarlho a senhora duquesa e darlhe gosto em
10 materia que o interes era seu e asim lho respõdeo não se lhe fasendo aspero subjectarçe a maior reformassão da que ã seu convento aprendeo, que como esta ditto era de convêtuais e o foi algũs annos depois de este se passar a observansia.

Juntou logo a abbadessa seu pequeno rebanho que a este tempo não passava de nove, representoulhe a vontade da senhora duquesa, quanto lhes inportava seguilla e em
15 materia que segurava mais asalvassão das almas, que era oque aquella prinçesa cõ piedoso zelo pretendia, eque obedecendo lhe aterião mais propicia, sendo o fasião em matteria para que ellas devião perdirlhe seu favor.

As seis se ajustarão logo cõ grande alegria a vontade de sua perlada as tres irmãs que eraõ as fundadoras, soror isabel de jesus soror graçia do espirito santo e soror joanna da
20 crus não ouve remedio a redusilas crendo falssamente que a regra que prophessarão e a que agora [fl. 14 v.] avião de guardar não era toda hũa, sendo ãgano porque so avião de renũssiar os privilegios a ella concedidos, de que se seguiu tanta relaxassão que vista e guardada em sua primeira puresa era cousa mui diferente. E asim obstinadas protestarão não subjectarsse nũca a mais reformassão do que em sua profissão prometerão, nẽ
25 renũssiar a claustra ã que querião viver, porẽ como a este tempo erão ja des religiosas cõ as duas reformadoras seguiusse o parecer das mais, e ficou ã o convento hũa sisma e inquietassão notavel porque as sette observantes obedecião ao provincial da provinsia dos algarves e as tres ao mestre provincial da provincia de portugal e sendo os costumes tão diferentes como os perlados estavão ã hũa devisão e inquietassão intoleravel de
30 sofrer. foi amor causa desta repugnãssia parecerlhes que a observansia prohibia as religiosas gosar rendas e bẽs ã comũ como emparticular e que como os frades as avião

⁸⁶⁹ Repetição da autora.

de renũpssiar cõ a claustra, o que não quizerão nunca entender, nẽ conhecer o votto da pobreza por que ella o tinha ã estado (asõbra dos muitos privilegios) que vevião em particular gastando proprietariamente cada hũa do que tinha sã aver cumunidade de que se seguirão mil desordẽs ã [fl. 15 r.] a vida religiosa.

5 Amesma relaxassãõ passava ã o votto da clausura por que hiãõ fora quando e como queriãõ falavãõ a portas abertas cõ os seculares que ãtravãõ dẽtro do convento que posto era antes do santo consilio tredentino, que totalmente o pruhibiu hiãõ contra o voto da clausura que ã sua profissãõ fiserãõ e em tal relaxassãõ estava este e o da pobreza que os não conhessãõ avendoos prometido antes ãtendiãõ selhe acrecentavãõ de novo cõ a
10 reforma da observansia, enãõ passava histo so ã este convento que em todos os que estavãõ subjectos aos conventuais corria amesma moeda.

Cõ estas tres religiosas chegou apertinassia a termos que sem valerẽ rogos e amoestações de sua perlada ecõpanheiras apotastarãõ favorecidas do confeçor convẽtual que ate ãtãõ tinhãõ chamado frei francisco seiçario ao qual de seve dar a mor parte desta
15 culpa, tinha este officio por mãdado do mestre provinsial frei diogo tareda e como o convento se subjectou a observansia ficou excluido delle para primeiro cõ as sette e as tres favoreçeo em seus intentos e depois de deixarem a clausura as recolheo em hũa casa secular onesta e de bõ exsẽplo como consta por hũa patente de frei gaspar da estrella commissario geral de espanha dos conventuais cujo treslado esta ã o archivo e lhes dis
20 estas palavras ãtre outras, por quanto eu sei que nos annos passados [fl. 15 v.] estando vos no musteiro de vila viçosa da mesma obediensia vos foi para a observansia tomado na qual obediensia vos não quisestes ficar e logo fostes providas de frei francisco seiçario que estava por voço confeçor que vos pudesseis recolher em qualquer casa honesta e religiosa de algũa pessoa virtuosa e vos asim o fizestes etc.^a, de sorte que cõ o
25 favor deste religioso levarãõ adiante sua pertinãcia deixando grande sõtimento ã suas companheiras sua apostasia, porem dando muitas graças a Deos pellas ter de sua poderosa mãõ elhes dar graça para eleger a perfeicssãõ da observansia, e em hũ acto publico cõ grande solenidade renũciarãõ a claustra e derãõ a obediensia ao ministro provinsial dos algarves que emtãõ era frei andre varela anno de 1551 sendo geral da
30 ordẽ o padre frei andre da insola, papa julio 3º, rei de purtugal dõ joãõ 3º duque de bargansa o serenissimo senhor dõ theodosio primeiro do nome, eposto que o demonio ã esta mudansa de vida lhes armou tãõ grandes ciladas e inquietassões como ficãõ dittas

nem por isso perderão o socego de suas consiensas estas ilustres religiosas que quando o espirito sancto da hũ raio de sua devina lux mal pode o pai das trevas escureçela.

[fl. 16 r.] de como a madre catherina da madre de Deos reformou os costumes deste convento e tratou de se mudar ao de santo antonio - cap. 7

5 Tanto que esta perlada renũpssiou a claustra cõ o espirito ja ditto, tratou cõ o mesmo de fazer guardar a suas subditas os estatutos e regra de nossa madre santa clara cõ suma perfecção não a desanimãdo as contradissões que em o principio ouve nẽ os trabalhos que elles pronosticavão, e asim cõ varonil animo se opos a todos por extenguir ã seu
10 convento os privilegios e relaxassões que avião causado dãdo fim este mostruo da claustra que se Deos não acudira fora total destruissão de nossa seraphica ordẽ não se perturbou a constancia desta valerosa perlada cõ a apostasia de tres ovelhas, sendo que por averem sido as fundadoras pudião causar mor escandalo antes ãtendeo que pois Deos apartava o cezirão⁸⁷⁰ do trigo era para que multiplicaçe mais como quem por sua
15 devina misericordia tinha escolhido este humilde convento para nelle colher grande çeara, depois de esta inquietassão se acabar ficarão em grande soçego, tratando⁸⁷¹ da nova reformassão, o silencio como tão ãcomẽdado ã a regra era continuo, e desde cõpletas⁸⁷² ate prima⁸⁷³ ditto [fl. 16 v.] senão falava de todo e se lhes era nessesario algũa cousa a pedião por açenos que por palavras não se explicava nẽ lhe era liçito,
20 guardavam tão estreitamente o votto da pobresa que não avia ãtre ellas nada particular e qualquer mimo que de fora mãdaçẽ a hũa se repartia por todas que igualmente padecião a nessecidade e geralmente gosavão da abundancia, as grades nũca se abrião e quando era força fasersse, aque ã ella aestia estava cõ orosto cuberto cõ oveo de ante rosto, e duas [escutas]⁸⁷⁴ que lhe prohibiã falar mais do nessesario em suma observavão a

⁸⁷⁰ Espécie de ervilha, VIEIRA, t.2, p. 243.

⁸⁷¹ Repetição rasurada pela autora.

⁸⁷² "Horas canônicas que são as ultimas do Officio Divino, ou da S. Virgem"; BLUTEAU, 1º t., p. 297; são rezadas à noite, antes de deitar.

⁸⁷³ "A primeira hora do Officio Divino"; BLUTEAU, 2º t., p. 243; são rezadas antes de começar o trabalho.

⁸⁷⁴ Palavra cortada pela lombada; atendendo ao sentido da frase e contexto, pressupomos que se trata da palavra *escutas* (função das freiras que, junto à grade ou locutório, comunicavam com as pessoas que se encontravam na parte exterior do convento).

primeira regra das damianas⁸⁷⁵ sêdo ã sua profissão das urbanas so avia diferença em possuirẽ rendas ã comũ.

Cõ esta perfecção vevião mas nella hũa desconsolassão mui grande porque achavão que em aquele posto em que oseu convento estava não podião observar o votto da clausura
5 cõ aperfecção que devião por quanto o convento o desquartinava muito o castelo desta vila que como lhe ficava mui mistico e mais alto não erão senhoras de chegar a hũa janella nẽ fresta e menos ha cerca sẽ serẽ vistas por [este]⁸⁷⁶ resão que ellas tinhão por prinsipal e depois della pella grande falta de agua que em o sitio avia tão nessessaria a vida humana tratarão de se melhorar delle.

10 [fl. 17 r.] Avia ã esta vila viçosa outro convento donde agora he a igreja de santo antonio cõ o mesmo orago do santo cuja autora foi hũa molher deste povo chamada leonor pires, veuva, que morreo logo, comessou ater religiosas ã o anno de 1519 e a este tempo não avia ja mais vivas que tres era da 3ª ordem e da obediensia dos conventuais como o nosso da esperansa. cõ estas tres madres comessarão atratar as nossas ã este
15 tempo e persuadilas, as aceitacem em seu convento, e que incorporadas todas ã hũa comunidade e asim mesmo as rendas farião hũ sũptuoso convento pois o seu lhe excedia ã posto e capacidade de se poder edificar, como a senhora duquesa meteo amão nisso fassilmente vierão ã aseitar o partido, as tres religiosas que se chamavão esperansa de Cristo a abbadessa soror isabel da vesitassão e soror maria do rosario. avia hũa
20 deficuldade de por meio que era serẽ as tres ainda claustrais sendo ja as da speransa subjectas a observansia, mas erão de tanta vertude que fassilmente vierão a condeçender cõ as amoestações das religiosas da speransa, e ã hũ acto publico renunsiarão a claustra dando a obediensia ao padre frei andre varela ministro provinsial dos algarves poucos meses depois de o averẽ feito as nossas, ã este acto mostrarão tanto espirito como de sua
25 vertude se esperava cõ grande hedificassão do povo, e o provinsial mãdou hũa patente has tres religiosas mui favoravel e de grandes [fl. 17 v.] louvores ã que ordenava que frei lourenço de serpa confeçor que era das madres das chagas lhes admenistraçe has tres os sacramentos e a ellas por obediensia que tanto que a ditta patente lhes fosse notificada não obedeçessẽ mais ao mestre provinsial dos conventuais porem que ate elle
30 ordenar outra cousa estivecẽ pellas ordês do ditto confeçor, ficarão consoladissimas

⁸⁷⁵ Antiga designação das Clarissas, provém do intitutivo Capela de São Damião (s. XIII) berço desta Ordem, nos arredores de Assis, criada por S. Francisco.

⁸⁷⁶ Palavra cortada pela lombada; pelas mesmas razões acima referidas cremos poder tratar-se da palavra *este*.

como seve bẽ pellas palavras do acto publico que ẽ o archivo de este convento se guarda e comessarão asim hũas como as outras aprecurar breve de sua sanctidade para amudansa e união dos dous conventos o qual lhe veio como ellas desejavam otorgado por julio 3º a 10 de fevireiro anno 3º de seu pontificado que foi de nossa redẽssão de
5 1552. Fiserão petissão a el rei dõ joão 3º para que mãdaçe lhes vendeçẽ sertas casas misticas ao de santo antonio para o poderem alargar, elle lhes deu para isso hũa provisão, porẽ não teve esta mudansa efecto, como ao diante se dira.

Estas tres religiosas de santo antonio forão de mui exsẽplar vida de hũa dellas que era de exsẽplar vida⁸⁷⁷ e raras vertudes escreveo hũa antiga derãosse os papeis ao autor de
10 *jardim de portugal*⁸⁷⁸ e elle não tratou della como de outras muitas nẽ nos ficou notiça de qual era econfusamente lẽbrão alguas cousas que por não se saberem cõ muita certesa senão escrevem porẽ todas tres forão grandes servas de Deos.

**[fl. 18 r.] de como as religiosas destes dous convẽtos se trasladarão a este donde oje
15 he a esperansa e breve cõcedido - cap. 8**

Tanto tinha a misericordida devina posto seus piedosos olhos ẽ este humilde oratoriosinho da speransa, que ainda as religiosas delle se não lembravão de melhorarçe de sitio e ja a devina providensia lhes tinha aparelhado não so lugar donde fissesẽ convento, mas cõ prinsipios delle. Foi pois o caso que ouve ẽ esta vila hũa molher
20 chamada isabel fuseira casada cõ felipe jorge, emveuvou delle não tendo mais que trinta annos de idade, conheço ẽ este golpe o pouco fundamento que se pode faser ẽ a brevidade desta vida, e quã inconstante he o mũdo em seus gostos e bẽs, ficou cõ algũs da fortuna sẽ erdeiros que os lograçẽ, easim quis o fosse avirgẽ nossa senhora, e debaxo de sua protecção servir a Deos, e para efecto de se dedicar a elle tomãndoo por esposo,
25 fazer hũ convento, e sendo estes desejos tão justos não permetiu passassẽ de principios, secrettos occultos anos e so conhessidos da sabedoria devina. cõprou a gonsallo vas pinto senhor de ferreiros e tendais e alcaide mor de chaves [fl. 18 v.] fidalgo da real casa de bargansa, hũas casas ao posso do landroal, capazes de hũ sũtuoso edeficio por tresentos e sincoenta mil reis, presso para aquelle tempo excessivo e que mostra bẽ o

⁸⁷⁷ *vida*] rasurado.

⁸⁷⁸ Frei Luís dos ANJOS, *Jardim de Portugal, em que se dá noticia de algumas Santas, e outras mulheres em virtude, as quaes nacerão, e viverão, ou estão sepultadas neste Reyno, e suas Conquistas*, Coimbra, 1626.

que dellas se dis que lhe chamavão os passos de⁸⁷⁹ gonsalo vas pinto, comessou a dar principio a obra em o anno de 1550 avendo primeiro hũ breve do nũpsio deste reino que ẽ aquelle tẽpo era põpeio zãbicario bispo valvense e sulmunense, para poder edificar hũ convento da invocassã de nossa senhora da consepsã asemelhansa das
5 freiras da consepsã de toledo e debaxo dos estatutos regulares delle fosse subjectas a obediensia dos religiosos da observansia de nosso seraphico padre, devia esta dona de ser pessoa de porte pellos favores e isenções que em este breve se ve lhe forão consedidos o qual se passou anno de 1550 sendo sũmo pontifice julio 3º mas como fica ditto a nada viu efecto falecendo antes de ter o estado que cõ tanta despesa de sua
10 fazenda precurara tanto que Deos a levou parendolhe ha senhora duquesa este citio da fuseira mais apreposito para as religiosas da speransa se mudarem por se poder edeficar ẽ elle hũ grandioso convento o que ẽ santo antonio era deficultoso por quanto as casas que para se alargar querião cõprar [fl. 19 r.] erã de orfãos hũas eoutras de gẽte poderosa cõ que valia pouco a provisã que ouveraõ de el rei, vistas estas causas lhes
15 cõprou asim casas como orta que gonsalo vas pinto esua molher dona violante enriques avião vendido a isabel fuseira. Fassilitou este intento mais aver deixado a defũcta em ellas hũ legado de çẽto e vinte mil reis a soror joanna da crus e suas irmãs que posto erã ja idas do convento avia 2 annos por serẽ filhas delle entẽderã que o legado deixado a ellas lhe tocava e asim se mudarã para elle descõtandosse os cẽto e vinte mil
20 reis na cõpra, porẽ não lhe succedeo como imaginavão porque as tres irmãs puserã demãda e sem ao convento da speransa lhe valer andarẽ apostatas não as averẽ deitado fora antes requerelas por veses se tornassẽ aelle alegando as causas por que deviã ser constrãgidas a isso, com os muitos favores dos claustrais sahiu a sentensa cõtra as religiosas da speransa, que pagãdo a ditta contia e custas se ficarã cõ o convento por
25 seu.

E das tres irmãs passado histo senão sabe o que foi dellas devia o seu perlado de as recolher ẽ algũ convento de sua obediensia.

As de santo antonio e da speransa inpetrarão segũdo breve para a mudansa de todas ser [fl. 19 v.] para este posto o qual tradusido fielmente de latim ẽ portugues he o que se
30 segue.

⁸⁷⁹ *de*] repetido.

⁸⁸⁰rainũção por misericórdia devina cardeal presbitero do santo anjo has amadas ã Cristo
abbadessa e mais religiosas do musteiro de nossa senhora da speransa de vila viçosa da
ordẽ de santa clara da diocesse eborense saude ã o senhor: por vossa parte nos foi
offerecida hũa petissãõ aqual continha o que de antes ou agora se representou a cede
5 apostolica: isabel cheirinha molher do ditto lugar vivendo e desejando trocar oterreno
pello celestial otransitorio pello eterno, no ultimo testamento que fisera de seus bens
entre outros legados pios feitos por ella deixou hũa casa ou casas a hũas molheres de
boa vida chamadas isabel madeira e isabel roiz cõ aseguite condissãõ que ellas cõ
outras molheres exẽplares moraçẽ sempre nas tais casas como constava do testamento
10 ⁸⁸¹ depois da morte da testadora ãbas as isabeis cõ outra ou mais molheres que lhes
pareçerãõ vertuosas professarãõ a tersseira regra de sãõ francisco vivendo em aquellas
moradas por muito tẽpo: porẽ [fl. 20 r.] creçendo ã vertudes se subjectarãõ as religiosas
de santa clara convẽtuais e desejando cada ora fazer a Deos maior çerviço por comũ
votto da maior parte da comunidade vivendo antes debaxo da protecsãõ dos frades
15 menores conventuais da provinsia de purtugal: se subjectarãõ ao menistro provinsial da
provinsia dos algarves da regular observansia vivendo ãtãõ debaxo de seu governo, e
posto que querendo vos nas dittas casas ã que tinheis musteiro edeficado permanecer, cõ
tudo por otal musteiro estar jũto aos muros etorres do mesmo lugar e por essa causa
ereis vistas de todos o que nãõ era pequeno dano a clausura ere religiosa observansia e por
20 incomodidade o lugar e falta de agua padecieis que e a voça principal refecção.

Parendonos acodir a esta voça nessessidade porquanto tal era ã detrimento voço: por
onde era voça võtade passardes ao musteiro de santo antonio das religiosas copioso de
agua e sitio no mesmo lugar sobredito aonde se podia ampliar o edefiçõ cõ maior
comodidade e que duas outras freiras ou religiosas da tersseira ordem de sãõ francisco
25 emtãõ asestiãõ as quais pera maior serviço devino ecõ consẽtimento dellas querẽ
permanecer jũtamente cõ as religiosas da observansia cõ as rendas bẽs emoveis e de rais
directos acções e cõ aquelles⁸⁸² que aditta testadora deixara aquellas molheres de
honesta vida debaxo de qualquer condissãõ ou a algũa pessoa de qualquer maneira assi
ẽtre vivos ou por ultima vontade avos e o ditto musteiro deixasẽ e doaçẽ [fl. 20 v.] a

⁸⁸⁰ *breve*] à margem.

⁸⁸¹ "e da ultima vontade cõ que acabou: depois da morte da testadora anbas as isabéis cõ outra ou mais molheres que lhes parecerãõ vertuosas como constava do testamento e da ultima vontade cõque acabou", toda esta passagem está repetida e cortada com uns leves traços diagonais realizados, aparentemente, pela mesma mão, o que comprova o cuidado da autora na revisão e correção do texto.

⁸⁸² *mulheres de honesta vida debaxo*] riscado pela autora.

ditta sede apostolica avoços rogos inclinada a vos mudar por letras suas pello officio da sacra penitensiaría cujo cargo ainda então tinhamos expedidas ao veneravel em Cristo padre por graça de Deos arcebispo de evora ou a seu vigario no spiritual ou a seu geral official consedeo, nos mãdados ou doutro modo cometeo emquanto se fosse asim vos
5 mudaçe ao ditto musteiro de santo antonio jũtamente cõ todos os directos e voças pertensas bems moveis e de rais avida pella ditta testadora ou quais quer outras pessoas ou pessoa debaxo de qualquer condisão como se refere doadas e deixadas vivesseis e permanecesseis, etão bem todos os bẽs de hũ e outro musteiro se uniçẽ e incorporacem e delle se fiseçe hũ patrimonio para se sustentarẽ em otal mosteiro as molheres asim as
10 que moravão como as que a elle se transferião de tal maneira que ao diante se não pudeçe desunir ou separar e que as casas deixadas e desẽparadas do musteiro de nossa senhora da speransa ou que se avião de largar, segundo os privilegios a ditta ordẽ dos menores pella cede apostolica conçedidos pudeçeis livre eligitimamente vender distratar como quisesséis de consẽtimento de voço superior cõ beneplacito do sũmo pontifiçe que
15 deo o tal indulto: eque em quanto fosse nessessario todos os bẽs de hũ e outro convento se uniçẽ anexassẽ e incorporassẽ e delles se fisesse hũ patrimonio que pello tẽpo futuro se não pudeçẽ separar nẽ alhear e se fiseçe forssa nas võtades de isabel cheirinha eoutras pessoas quãto ahisto como ao diante se cõtẽ claramente nas letras apostolicas e posto que cõ ovigor das mesmas letras ao tal musteiro de santo antonio vos pudeçeis mudar
20 todavia considerando nos que avia jũto delle casas que se avião de deribar e moradores [fl. 21 r.] que avião de despejar a fim de se dilatar o musteiro deque pudião naçer escandalos ou temerẽçe odios: para os evitar cõ çertas resões que moverão voços animos vos não mudastes a elle, mas como no mesmo musteiro de nossa senhora da speransa o qual ameaçava ruina, não esperaveis cõ seguransa viver pondo os olhos
25 legitimamẽte em hũas casas de isabel fuseira molher que ahi morava e vevia fora do lugar ã parte mais eminẽte e acomodada ase estender o edefiçio, abũdante de agoa nos mesmos confins posto, ã que a ditta isabel cõ licença do nũpssio apostolico comessara a levantar hũ musteiro cõ oratorio ou capella ou igreja cõ algũs outros edeficios as quais vos mãdando ella por sua morte vender comprastes e adqueristes e a estas vos mudastes
30 e ahi de presente viveis e tendes vontade de permanecer equereis sevos conceda que o musteiro de nossa senhora da speransa se venda e o de santo antonio cõ licensa nossa e que o preço ou dinheiro que de ahi manar segaste nestas casas para onde vos mudais

aperfeisoandose de todo por onde rogando vos humilmente⁸⁸³epedindo com misericordia remedio oportuno nos vendo o vigor das dittas letras e de outras cousas aqui expremidas neçessariamente como se fosse exposto de *verbõ ad verbum*⁸⁸⁴ nos inclinados cõ autoridade do papa nosso senhor de cuja penitensiarria temos cargo e de seu mãdado espeçial sobre isto *vivevoçis oraculũ*⁸⁸⁵ por nos feito avos de permanecerdes nas ditas casas em que anomeada isabel comessou [fl. 21 v.] alevantar musteiro por vos cõpradas e avidas para as quais vos mudastes e como se refere de presente estais cõ todas as pertensas direitos bẽs moveis e de rais por quaisquer pessoas ou pessoa ou cõ qualquer condissão doadas ou deixadas as mesmas casas ou musteiros de nossa senhora da speransa e santo antonio. e tão bem as casas musteiros de nossa senhora da speransa e de santo antonio por vos deixadas conforme os privilegios a ditta ordẽ concedidos, pella mesma çede apostolica possais vender alhear distratar reservando este dinheiro para o novo edeficio e perfecsão delle para onde vos mudastes eque todos os privilegios graças isensões liberdades favores conçeções indultos asim spirituais como temporais os quais tinheis no ditto musteiro da senhora da esperansa e podieis gosar se nelle morasseis perpetuamente possais ter gosar livre e liçitamente cõ o vigor das presentes letras de consẽtimento de voço superior pera o qual fim vos damos livre e plenaria licença.

E todos os bems de cada hũ desses musteiros nomeados unimos ãcorporamos em hũ patrimonio que se não possa separar e desunir de nenhũa maneira e desses tãobem para voca sustentassão fasemos hũ patrimonio e que possais usar gosar dessas casas ou musteiro comessado a edificar pella ditta isabel e de todas as propiedades e cada qual *persi* dos musteiros de nossa senhora da speransa e santo antonio relatados censos rendas feudos e outros bens, directos, acções e universsais pertensas, ateagora deixa[fl. 22 r.]das de qualquer modo, e que se ajão de deixar para o futuro, e tãobem em quaisquer moveis e de rais pertensẽtes as religiosas professas de nossa senhora da speransa e santo antonio asima faladas cõ qualquer condissão succeder possão e faserẽsse senhoras dos tais bens e convertelos ã seu uso e utilidade livre e liçitamente, e por quaisquer juises e comissarios que tenham algũ poder, acada hũ delles ã particular de julgar defenir tudo quãto sobre estas cousas sabia ou ignorantemente atentarem o

⁸⁸³ Tal como *humildemente*, BLUTEAU, t. 1, p.687.

⁸⁸⁴ *Literalmente*.

⁸⁸⁵ Despacho oral proferido pelo papa.

averemos por nulo ecassado guardandosse no tocante a isto quanto for nessessario as vontades de quaisquer testadores.

Por onde aos discretos varões a saber chantre⁸⁸⁶ da çee de lisboa e prior de alcaçere e o da colegiada do lugar de ourê da diocese de lisboa e tão bem a official olissiponense, e
5 acada hũ delles cõ autoridade e mandado cometemos e mandamos *per si* ou por outrem vos acudão defendão e fasão gosar dos indultos, conçessão, uniam, anexassão, incorporassão, decreto, cõmutação, e outros cõpremissos passificamente não
10 permitindo de aqui avante pelos superiores da ditta ordem dos menores, geral, ou quaisquer outros, assi ecclesiasticos como seculares ministros, juiques e pessoas, ainda que tenham autoridade apostolica, real, episcopal, vos perturbẽ inquietem occulta ou publicamente: ferindo cõ censuras ecclesiasticas e outros remedios opportunos a todos os que contradicerẽ e se mostrarẽ rebeldes, cõ apellassão posta e se para histo relevar se invoque o braço secular [fl. 22 v.] não obstantes as vontades predictas e da felix recordassão de bonifacio octavo de hũa dieta⁸⁸⁷, e do consilio geral duas, cõ tanto que
15 não passe das tres, e quais quer outros apostolicos provinciais e sinodais⁸⁸⁸, consilios gerais feitos ou espiciais constituições, e ordens e tão bem estatutos do musteiro e ordem asima dittos, costumes firmados ainda cõ juramento, corroborados cõ vigor firmeza apostolica ou privilegios indultos, e algũas letras apostolicas aquais quer
20 pessoas contra os mandados, de qualquer maneira concedidos, de qualquer teor que sejam aos quais todos e cada hũ *persi* vendo seu tor(?) plenaria e sufficientemente expressos e que de outro modo permaneceria os avemos por derogados por esta ves especialmente e quaisquer outros ã contrario. dado em roma jũto a são pedro debaxo do sigillo da penitensiarria aos 4 de fevireiro: do pontificado de nosso senhor julio pontifiçe 3º anno quinto de seu pontificado. o qual foi de nossa redẽpssão de 1554.

25 Antes de estas religiosas averẽ este breve se passarão a este sitio valendosse para o faserẽ do que antes lhe avia sido conçedido para se mudarẽ para santo antonio pella resão que ao santo padre derão de estar o convento aruinado e setemer não dar lugar a ruina do edeficio a se esperar o que elle podia tardar. e assim fiserão sua tresladassão como em [fl. 23 r.] capitalo seguinte se dira.

⁸⁸⁶ Religioso responsável pela direção do coro.

⁸⁸⁷ Mesmo que *assemblea*, BLUTEAU, t. 1, p. 437; "assembêa de todos os capitulos de certas ordens" religiosas", VIEIRA, t. 2, p. 1020.

⁸⁸⁸ *sinodais*] rasurado, corrigido à margem.

da tresladassão da speransa da rua da cadea para este posto donde oje esta o convento - cap. 9

Não seçavão estas servas de Deos de lhe dar graças pella merce de lhe dar sitio tão to apreposito para aquietassão a que seu spirito agnelava⁸⁸⁹ como capax para ampliar o
5 convento, e a senhora duquesa por lho solliçitar cõ tantas veras, porque de sua grandesa esperavão fosse o mais sũptuoso deste reino como de feito ouvera de ser se a morte total ruina de todas as espectativas não atalhara a esta prinsesa cõprir as que lhes dava que não erã pequenas, segũdo vi em a copia de hũ memorial destas religiosas para o serenissimo duque dõ joão que achei em o archivo o qual desia estas palavras, como a
10 senhora duquesa que Deos tem nos fes tantas merces em nos tomar debaxo de seu ãparo e nos desia que nos avia de faser esta casa de ouro e de azul ajũtando a histo mas muitas maiores merces vos ade faser meu filho, tende muito cuidado de mo ãcomẽdar ao senhor Deos, e por estas causas tudo o que nos vinha lho offereçiamos para que nos mandaçe cõprir moios de renda.

15 E continuavão declarando o dinheiro que lhe aviãõ entregado que não fas a meu preposito mais que mostrar os intentos desta prinçesa e o amor e lhanesa mais de mãi que de senhora e que se sua [fl. 23 v.] vida não fora tão breve pudera este convento competir cõ os melhores do mundo porque seu real animo ouvera de faltar ã o prometido, pois o çitio era capax de muito maiores e grandiosos edeficios do que oje
20 tem sendo que não e o convento enferior a muitos do reino segundo dis quẽ os ha visto.

Tanto que as religiosas se virãõ nelle foi a alegria em todas igual porque para quietassão de spirito que ellas buscavão e o mais comodo çitio que se soube achar fora do boliçio da vila, sã vesinhansa que perturbe, e não tão fora do lugar que fique convento deserto, tem seu prinsipio ã o roçio, que e de mui aprasiveis sahidias mui fresco e de muitas
25 aguas, que era afalta que ã o primeiro sentiãõ, comonãõ tem vesinhansa não as molesta serẽ vistas nã ainda sentidas, porque posto não puderãõ fugir ha do castello e lhe fica superior por o convento estar ã hũ valle e de mais longe e não o soborna a maior parte da frontaria cae para a boa vista que soella por amena egraciosa basta a fasello bẽ asõbrado, convidadas de tantas comodidades se mudarãõ para elle sã ter nenhũa
30 offecina feita em o anno de 1553 avendo 20 que se avia fundado ã a rua da cadeia, vierãõ por ordem do padre frei andre da insola que a este tempo era geral e as

⁸⁸⁹ Soror Antónia rasura o *g* da palavra *agnelava* e corrige por duplo *n*.

acõpanhou por a esse tempo se achar em este lugar, hõrrarão os serenissimos duques esta tresladassão, cõ sua presença fasendolhes tantos [fl. 24 r.] favores que so elles bastavão a terẽ por felice esta mudansa, cõ elles se animavão aseguir avertude porque estes christianissimos monarchas por que lha conhessião as hõrravão.

5 Em esta trasladassão se não achou soror speransa de christo abbadessa de santo antonio por que acho hũa patente do ditto perlado sendo ja commissario geral feita dous annos depois em que lhe mãda por santa obediensia (visto avela ella dado a observansia) viesse para oconvento da speransa o qual (dis elle) esta posto ã toda a reformassão, e perfecsão de vida as duas cõpanheiras devião de vir logo cõ as de mais porque apatente
10 so cõ ella fala easim como lhe manda sub amesima obediensia que leve todo dinheiro e movel que tiver em seu poder ou dado fora aguardar e todos os papeis que tocaçẽ ao seu convento mãdara levaçe as suas subditas tão bem. ou o amor do seu convento aprendeo ou devia de estar a este tempo ãferma porque o era muito evelha e asim o mostra ã a reposta que deu quando lhe notificarão esta patente disẽdo que ja avia respõdido a dous
15 religiosos que ella estava ã hũa cama enão podia ir por seu pe que podendoa levar por algũa boa maneira obedeceria logo o que devia de faser porque ã o archivo todos os papeis tocantes ao convento de santo antonio de fundassão e rendas estão porẽ devia de morrer ã breve asim ella como soror maria do rosario porque não ha mais memoria delas de soror isabel da vesitassão seacha pelas escripturas ã que se asinava por discretta
20 que viveo muitos annos esesabe foi de admiravel vertude e louvavel vida.

[fl. 24 v.] Como estas religiosas se virão ã o lugar que tanto avião desejado, e fora do trafego da villa se acharão ã este paraíso cõ aquietassão a que aspiravão puserão em ordẽ de clausura seu lemitado convento etanto que nos admiramos oje como ã tão estreito quarto se aloxavão, ã aguardados estatutos da regra erão observantissimas ã as
25 abstinensias mui absteras ã oraçãõ mui continuas ã otrato e adorno de suas pessoas tão modestas que mais era seu trajo mortalha de mortas que curiosidade de vivas e asim todas estas primeiras pedras forão preciosissimas por que acabarão cõ grande vertude sendo raros exsẽplos della, e porque oseja destes nossos tempos a anjelica vida que fasião contarei o que por veses ouvi as antigas.

30 De sua clausura recolhimento econtinuo silencio contavão muitos exsẽplos e este por faser hũ secular experiensia delle direi aqui.

Comessarãosse logo as obras do claustro e durmitorio e sendo de portas adentro e as casas ã que vevião apertadissimas, não ouve official nem pessoa que as viçe nẽ ãtendeçe se estava alli gẽte viva, admirado disto hũ mordomo secular que as servia determinou ver oque aquellas religiosas fasião e que era aquelle profundo silencio que sendo ja
5 muitas se não sentião e asim pella cesta ora ã que os officiais egente da obra se foi a descansar elle levado de esta curiosidade subiu aos [fl. 25 r.] andamios e comessou pelas genellas que lhes ficavão misticas a espreitar se as devisava ate que deu em hũa casa em que as viu, todas juntas cõ grande socego hũas resando, e outras cosendo sem lhes sentir nẽ a respiração, e estando elle suspenso ã esta quietassão viu que a hũa das
10 que cosião lhe foi nessessario thisoura e virãdo para a que lhe ficava mais perto lha pediu por acenos, confuso de ver tal perfeissão se deçeo muito dipressa e foi pella vila disendo senhores fui ao çeo vi anjos ã carne humana e vi hũa serenidade e quietassão que so nelle deve de aver, vi gente viva, que parece morta, e tinha resão por que estas religiosas ãtudo o erão do mũdo, e so cõ Deos vevião, avertude da humildade era de
15 tanta estima ãtre ellas, que não tinhão outros intentos mais que sobre esta pedra firme fundar o seu convento, escreveo hũ fidalgo deste reino ahũa netta que ã elle avia metido, aqual não tinha mais que nove annos de idade, pos ã acarta a dona catherina coutinha minha netta, vendo ellas que histo cheirava amũdo e has vaidades delle, foi a desconçolassão jeral e desião, coitada da speransa cõ estas vaidades em seus
20 principios⁸⁹⁰ bem se lograra a humildade cõ que a fundamos se nelles ãtra por dons bem dis histo cõ a regra que professamos e o abitto que vestimos, e que foi tão aspera [fl. 25 v.] a repreensão que se deu amenina que ficou asõbrada parecendolhe cometera hũ sacrilegio em tomar a tal carta, e lhe mãdarão avisaçe seu avo lhe não tornaçe a por senão para soror catherina da trindade, o que ella fes cõ assas temor do que lhe custou o
25 contrario e esta modestia e sancto costume ficou tão entredusido ã este convento que ate as parcionistas⁸⁹¹ que se crião nelle ainda que saibão não hão de professar tomão logo apelidos dos santos, e não se lhe consente husar de dõ, em meus tempos succedeo falarẽsse por elle duas religiosas por graça e a abbadessa lhe deu ã capitalo grandissima repreensão e mãdou por obediensia não tiveçe outra nenhũa semelhante ousadia
30 relatando este exsẽplo que fica ditto e que por graça podia vir aimtrodosirçe hũa vaidade que não desia bẽ cõ a humildade religiosa que pisa todas as do mũdo, muitos exsemplos

⁸⁹⁰ *principios*] provável lapso da autora.

⁸⁹¹ *parcionistas*] "porcionistas" ou "pensionistas", meninas nobres e ricas que podiam pagar o seu sustento e educação no convento.

della pudera relatar de estas fundadoras que deixo por evitar o fastio que a perluxidade causa so direi que amavão tanto esta vertude e omenos preso de suas pessoas era tão grande, que não têm servidoras porque ellas mesmas o erão tendosse por mais hõrrada a que ã officios mais humildes se achava e nestes exçercitavão as novissas e
5 religiosas mossas para as ensinar a ser verdadeiras humildes.

[fl. 26 r.] Matinas⁸⁹² ha meia noite dicerão passante de sincoenta annos sendo que pello discomodo do coro que ãtão têm poderão afroxar deste rigor e não as mudarão nũca de aquella ora, se os medicos as não hubrigarão emcarregandolhes as consiensias, por causa de ser ositio pouco sadio e aver muitas emfermas, mãdandolhe trataçẽ cõ seus
10 perlados diselas a outra ora e cõ grande desconsolassão de suas almas obedecerão, quanto de oração por nenhũ caso se deixava nẽ oje falta numca, as dessiplinas da comunidade em os dias que se custuma na ordem erão infaliveis, as particulares muito continuas. e histo não de hũa nẽ duas senão muitas e este costume se não extinguiu nũca por que ainda oje a ha voluntaria todos os dias de quẽ se quer achar em ella, que mal
15 pode faltar avertude ã hũ convento que cõ tais exsẽplos delas foi fundado nẽ temersse ruina cõ tantas pedreiras em o çeo.

de como a senhora duquesa trouxe a 2ª reformadora do convento das chagas desta vila - cap. 10

20 Dous annos avia que se tresladara este convento e sette que a madre soror catherina da madre de Deos o governava cõ grande satisfassão dos serenissimos duques e de suas subditas, quando se moveo entre ellas [fl. 26 v.] algũs escrupulos, pella observansia a que avia 4 annos se subjectarão, não entendendo bem em que os santos padres avião dispensado a regra das urbanas nẽ oque aobservansia reformava por relaxado, mas como
25 avertude de sua perlada era tão grande não se atrevião a pedir outra mestra, neste meio tempo prevenindo o espirito santo remedio a este trabalho spiritual veio hũ moto do papa, que todo o convento que ouveçe deixado a claustra se lhe deçe abbadessa de hũ ja reformado pella observansia para o enstruir bẽ nella como veio a santa clara de lisboa da ilha da madeira que devia de ser o primeiro que a ella se subjectou em este reino pois
30 teve reformadora de fora delle. o convento das chagas a avia recebido antes deste e asim

⁸⁹² Primeira parte do Officio Divino, também se designavam *laudes*.

a senhora duquesa quis traser abbadessa delle e para este efecto pos os olhos em amadre soror maria da crus, subjecto raro e em quẽ acentava bem otal cargo, comunicou o cõ a madre soror catherina da madre de Deos e em hũa memoriasinha que deixou hũa antiga dis que lhe respõdeo que ella seria a primeira que lhe tomaria a bensão cõ muito gosto, grande humildade de religiosa que sendo trasida de seu convento para reformadora etendo este em a perfecsão que se ha ditto não fisesse hũ mao rosto a lhe tirarẽ o cargo de que tão boa conta dera, lançe foi este em que deu mostras de sua vertude [fl. 27 r.] que era tal e sua religião de sorte que diçe amadre maria da crus não achava que ãmendar senão muito que imitar, passou amais sua humildade que trouxe esta madre hũa cõpanheira para vigaria e acabando esta os tres annos (porque em os prinsipios as vigarias e officiais são trienais) a fiserão e aseptou o e alem deste muitos trienios porque não se escusava ã nada da obediensia.

Veio amadre soror maria da crus por ordẽ de frei andre da insula que a esse tempo era comissario geral da familia cismontana⁸⁹³ ã o qual cargo o ellegeio ella pello bẽ que governou a ordẽ sendo geral, quando acabou de oser, de ahi a poucos meses passou hũa patente por que hubrigava as religiosas das chagas largaçem a este convento tres moios de renda que esta madre levara de dotte em sua profissão para os comer neste visto querer viver nelle e avelo ja determinado ja⁸⁹⁴ asim o directo ã hũa demanda de santa clara de lisboa cõ hũ convento da ilha da madeira de donde lhe veio a reformadora para que começe çem mil reis que dera la de dotte em o convento que viera reformar pello mesmo exsẽplo tirarão a santa clara de elvas hũ moio de foro e outra pouca de fasenda que comia da madre soror catherina da madre de Deos.

As madres das chagas largarão logo oque tocava amadre maria da crus sem cõtradissão como fas da observansia as outras madres como ainda erão claustrais não pudião nossos perlados nada cõ ellas os seus querião favoreçelas ou cõ resão ou sã [fl. 27 v.] ella por orẽcor que aeste convento tinhão por se aver tirado de sua obediensia cõtra vontade de suas primeiras fundadoras como se ha ditto, e asim correo o caso por justiça secular ese acabou anno de 1558 reinãdo el rei dõ sebastião, e em hũa carta sua para as justiças desta vila e cidade de elvas para se proçeder ã esta de manda nomeia a madre soror catherina da madre de Deos por reformadora da speransa que diserçe foi fundadora he

⁸⁹³ Refere-se à família franciscana observante, séc. XV.

⁸⁹⁴ ja] rasurado.

erro grande por que quince⁸⁹⁵ annos avia que estava fundado pela abbadessa isabel de Jesus posto que de tirseiras como esta ditto e esta madre veio a reformalas e freiras de santa clara das urbanas de que oje he o convento.

O qual achou esta segunda reformadora posto que e os edefiços e os primeiros
5 aliçersses, em o que tocava ha religião tanto em seu ponto que mais⁸⁹⁶ trabalhava em
lhes metigar reogores⁸⁹⁷ e asperesas tirar escrupulos e ensinar os privilegios consedidos
a metigassão da regra que em a nova observansia.

Inpetrou do santo padre hũas constituissões papais concedidas a esta sãcta casa que
aclararão mais aguarda da regra urbana por serẽ conformes a ella, cõ estas cessarão as
10 duvidas e se ficarão observando como a mesma regra por quasi ser tudo hũa cousa.

[fl. 28 r.] Foi esta religiosa depois⁸⁹⁸ de ser tão grande serva de Deos como se dira mais
largamente em sua vida, de raro juiso grande animo e generoso coração, por que e tudo
que se lhe representava deficultoso não desmaiava, afavel sobre modo e tão atractiva
que de todas era amada, sã que o rigor que husava e os castigos a fiseçem mal quista por
15 que otenperava com hũa brandura natural de que era dottada, cõ que animava como mãe
se como perlada emendava tão desenteressada se avia com oque possuia da
comunidade que tendo nella tres moios de renda seus, se conta padeçia algũas
nessecidades, a que hũa religiosa sua parenta lhe acodiu por veses. em suma era etodas
as vertudes como planta do religioso e santo convento das chagas desta vila que em a
20 bondade dellas custuma conheçersse a fertilidade da terra que as cria, pello que elle não
deve jactarsse pouco desta.

das perladas que ha avido em este santo convento da speransa de villa viçosa e cousas nottaveis de seus tempos - cap. 11

25 [fl. 28 v.] Como e o prinsipio dos conventos he costume ser aperlada que os funda,
tantos annos ate que a religião deite raises e produza plantas dinas do tal cargo,
governão as fundadoras muitos e como este se pode diser foi fundado tantas veses

⁸⁹⁵ Soror Antónia rasurou o numeral escrito por extenso e colocou-o novamente à margem com uma espécie de asterisco.

⁸⁹⁶ *que mais*] repetição cortada pela autora.

⁸⁹⁷ *Reogores*] no séc. XV aparece registada a forma *regor* (dissimilação), HOUAISS, t. 3, p. 3182.

⁸⁹⁸ Rasurado.

quantas se reformou por ser tudo em os principios e sempre mudar regra e renũssiar
perlados, de todas as tres veses pode diserçe se fundou ã nova religiãõ e as primeiras
abbadessas de todas as tres oforãõ muitos annos e por esta causa ha tido este convento
mui poucas para 119 annos de fundassãõ que tem e para que fique em memoria as
5 religiosas que o hãõ governado sustentando em areligiãõ que oje pella misericordia
devina se observa e por este beneficio roguẽ por suas almas a Deos, as que forem
succedendo, porei desde a primeira ate a que em este presente anno de 1652 tẽ o cargo.

⁸⁹⁹A primeira abbadessa foi soror isabel de Jesus fes profissãõ e jutamente⁹⁰⁰ ã o mesmo
dia a elegerãõ abbadessa anno de 1533 governou 15 annos que foi ate aserenissima
10 senhora dona isabel duquesa de bargansa traser a primeira reformadora, aos trese de seu
governo veio esta princesa para este lugar casando cõ o serenissimo duque dõ theodosio
primeiro do nome, a esta perlada devemos agensiarnos ser ella nossa padrueira e
successivamente seus [fl. 29 r.] reais descendentes, ã seu tempo comessou esta senhora
a cõprar casas ã as ruas do ouro e das donas para anpliar o convento posto que ahi nãõ
15 teve efecto.

⁹⁰¹Ë o anno de 1548 veio a primeira reformadora, governou sette annos ã vindo fes
profissãõ a 8 religiosas que achou sub a regra de santa clara das urbanas, aos 2 de seu
governo se subjectou ha observansia, aos sinco tresladou o convento a este sitio em que
ora esta.

20 Trouxe cõsigo esta perlada hũa imagẽ de nossa senhora de que ao principio falo cap. 1º
que era da fundassãõ do convento, e por se dever a ella traser este precioso thisouro
porei ã este lugar que trato de seu governo os milagres que em seu tẽpo fes esta santa
imagẽ e os mais notaveis destes nossos que se quisera tratar de todos pudera faser
particular volume, pos se ã o altar da igrejasinha⁹⁰² que ãtãõ servia que era hũ lemitado
25 oratoriosinho (por estar o convento por comessar) pobremẽte ornada mas rica por esta
priciosa joia que ã sim enserrava que por tal era venerada esta virgẽ da speransa de todo
este povo. avia ã este rossio hũa menina a que disformemẽte nasseo hũa pequena de
carne por hũa venta que dessia pello beisso abaxo de feitura de hũa lingua, ja lhe era
ẽpedimento a comer e falar, quiserãõ os pais darlhe remedio asentarãõ medicos e

⁸⁹⁹ 1 *Soror isabel de lesu anno 1533*] à margem.

⁹⁰⁰ Talvez por lapso falte o til sobre o *u*, para se ler *jũtamente*.

⁹⁰¹ 2 *Soror catherina da madre de Deus anno 1548*] à margem.

⁹⁰² *igrejasinha*] rasurado.

surgições se lhe cortasse. estando para exçecutar oremedio que amenina [fl. 29 v.] temia mais que a morte etendoa ja entre as mãos selhe fugiu dellas ese veio pegar as portas da igrejasinha gritando cõ muitas lagrimas e disendo virgem da speransa acudime que me
5 puxando por ella aquerião levar a forssa virou para elles sem sinal do que avia tido, que por interssessão da virgẽ sanctissima se lhe avia resolvido oque parecia lingua e totalmente sã de todo se tornou alegre cõ os seus para⁹⁰³ casa de seus pais.

Outro milagre fes ã hũ menino que bebeo hũa sanguexuga de que deitava grande
10 cantidade de sangue sã lhe valer nenhũ remedio, por ultimo lhe querião abrir a boca cõ hũs ferros para ver se lha podião arencar porque estava ella tão grande ã agarganta que se via mui bẽ, não quis o menino esperar esta experiensia, e fugindo se entrou ã a igrejasinha que estava aberta gritando pella virgem da speransa e se abraçou cõ o altar por se defender dos que ovinhão a buscar. acudiu amadre piedosa ouvindo os lastimosos clamores deste innocente cõpadeçendoce de suas lagrimas que as religiosas do coro
15 acõpanhavão cõ muitas favorecendoo cõ achar em sua ajuda e como não falta a quẽ deveras [fl. 30 r.] inplora seu socorro, foi Deos servido que logo ahi mesmo ao pe do altar deitasse hũa disforme sanguexuga envolta ã cantidade de sangue e livre da morte que o ameçava se tornou bem a sua casa.

Estes dous milagres alem de os ouvirmos muitas das que são vivas a hũa antiga que os
20 viu por seus olhos os conta hũa religiosa moderna que os ouviu relatar muitas veses a hũa avo sua. Em estes tempos fes os seguintes.

Pedro de mello de castro fidalgo da casa de bargansa adoeçeo de hũa ersipula⁹⁰⁴
maglina⁹⁰⁵ de que chegou tanto ao fim davida que lhe derão todos os sacramentos sã
25 terẽ nenhũas esperansas della os medicos, hũa filha sua religiosa deste convento desconsoladissima se valeo desta santa imagẽ cõ muitas orações e novenas elhe mãdou hũ manto seu cõ oqual comessou a cobrar os sentidos perdidos e ã breve saude perfecta dis a ditta madre que tomou por avogada para cõ avirgẽ aveneravel madre maria das chagas mas que a esta sancta imagẽ entende se deve este milagre, e ã reconhessimento delle a ficou sãpre servindo porque foi mui evidente.

⁹⁰³ *alegre cõ os seus para*] rasurado.

⁹⁰⁴ "Erisípela", doença infecciosa aguda provocada por uma "inflamação da pele que provoca dores na parte inflamada, MORAIS, p. 589; "ordinariamente com febre geral", VIEIRA, t. 3, p. 239.

⁹⁰⁵ *maglina*] maligna (metátese).

Outra religiosa teve hũa cunhada sua mui apertada de hũ parto hũa devotta desta santa imagẽ lhe deu hũ mãto seu muito velho lho mãdaçe, ã lho pôdo a alumiou Deos e por mostras de aguardeçida lhe deo hũ novo âbas me pedirão fisesse memoria destes dous milagres.

5 [fl. 30 v.] Em o anno de 1639 esteve hũa religiosa muito doente ecõ poucas esperansas de vida e desia a andre antonio de castro fisico mor de sua magestade que a curava e era homẽ eminẽte ã seu officio e de grande experiensia que tinha a primeira especia de ethica,⁹⁰⁶ e entrava em a segunda, alem de este mal padecia gota artetica⁹⁰⁷ de que se tolheo dos mẽbros todos que nã persignarsse podia para se confeçar, cõpadecida hũa
10 amiga sua de aver tão aflitta recorreo a virgẽ sanctissima fasendo novenas a esta imagẽ por sua saude feslhe ella merce de lha dar em breve perfecta tanto contra a ordem da medecina que o mesmo medico que a curou diçe era saude milagrosa e que assim o juraria por della não aver tido nenhuma esperansas.

Outro fes depois de eu comessar a escrever este tratado em o mes de agosto deste
15 presente anno de 1652 ã hũa servidora ha qual deu sobre hũa doensa que avia tido hũa colirica⁹⁰⁸ de que o medico desconfiou della porque as dores erão excessivas os vomitos continuos sã o estamago lhe lograr nada sã ter outra evacuassão e por esta causa tinha o vẽtre inchadissimo em tão magnifesto perigo se confessou para morrer o que segundo a fraquesa e rija febre se esperava em breve e parecia estar em a ultima vendosse
20 apertadissima pediu a levacẽ ao capitalo donde esta a santa imagem e posto he mui místico acasa das servidoras a levarão em brassos por não poder ir por si cõ muitas lagrimas e clamores pediu remedio [fl. 31 r.] a virgẽ sanctissima bebeo e untousse cõ o aseite da sua alãpada tornou-se ja porseu pe acama tomou hũ apito⁹⁰⁹ e foi o primeiro que o estamago lhe aseitou histo passou as tres oras da tarde. as cinco andava pellas
25 verandas do claustro cantãdo sã dores e bem quẽ a viu tres ou quatro dias cõ tão rijo mal e ao parecer morrẽdo se admirava e desião era delirio e sinal de mais apressada morte, mas cedo nos desẽganamos e entendemos ser milagre da virgẽ nossa senhora porque de

⁹⁰⁶ *Ethica*, doente que sofre de ethiguidade "doença que vai consumindo o corpo (...) dizem febre ethica ou de tisico", BLUTEAU, t. 1, p. 574.

⁹⁰⁷ Doença que se fixa nas artelhas e nas juntas do corpo, BLUTEAU, t. 1, p. 664.

⁹⁰⁸ Vômito de cólera, MORAIS, v. 3, p. 256.

⁹⁰⁹ Tratar-se-á de "apisto", "caldo de substancia, feito da carne picada, bem cozida, e esprimida", BLUTEAU, t. 1, p. 95.

todo ficou sã e bem ate hũa opilassão⁹¹⁰ que tinha antiga se achou sê ella sê outro nenhũ remedio e de tudo sam apregoa a merce que reço beo desta benditta imagem.

Outros muitos pudera contar mas estes me parece bastão para se conhecer o thisouro que nella tẽ este convento.

5 Tornãdo ao preposito de que me ei desviado amadre soror catherina da madre de Deos deu principio aos primeiros alicerçes do convento e cõ grande deligencia se applicava as obras delle, em seu tẽpo ouve a senhora duquesa de frei andre da insola passasse a este convento as capellas que são francisco de estremos gosava sendo de claustrais o qual elle fes estando ainda as religiosas ã a rua da cadea ecõ a deligencia desta ilustre perlada
10 ficou o convento de posse de algũas dellas [fl. 31 v.] ecõ boa ajuda para prinsipiar a machina das obras do novo convento para que logo se tresladarão e avẽdo nelle servido o cargo des annos e por todos sette entregou oçelo anova reformadora avendo dado de sim grande satisfassão.

⁹¹¹ ã o anno de 1555 veio amadre maria da crus pello respeito que ã o capitalo passado
15 digo, cõ nome de reformadora da observansia e porque ã elle falo do tẽpo de seu governo e em a vida que della escrevo ofasso de suas vertudes não direi aqui mais senão que continuando as obras que achou comessadas padeceo excessivos trabalhos porque ã o meio delles lhe faltou a senhora duquesa unico refugio de todos a tres annos de seu governo, e aos des⁹¹² que foi anno de 1565 se reço beo o santo consilio tredentino ã
20 portugall tudo o que elle em as religiosas emmendou e instituiu fes ella guardar perfeitissimamente asuas subdittas desta primeira ves governou 27 annos, estando o convento ja pavoado de religiosas de grande vertude e zelosas da observansia da regra lhe pareceo era tẽpo de lhes largar o cargo deque estava ja mui cansada, e asim vindo aqui a este lugar oprovinsial lho pediu alegandolhe as muitas causas que avia para a
25 deixarẽ gosar de algũ descanso e que era tempo de dar ja elecção a hũ convento que tinha de fundassão 49 annos em que se avião criado subjectos [fl. 32 r.] dinos de ocupar o seu lugar,⁹¹³ ao perlado lhe pareceo mui bẽ elhe conço deo o que pedia, porem as religiosas não avia remedio a quererẽ faser elecção de outra abbadessa parecendolhe que ã nenhũa acharião a consolassão que ã o governo de sua reformadora tinhão, eque

⁹¹⁰ "Oppilação", segundo BLUTEAU, respeita a uma obstrução no fígado, t. 2, p. 135.

⁹¹¹ 3 a madre soror maria da crus anno 1555] à margem.

⁹¹² Rasurado.

⁹¹³ Rasurado.

faltandolhe ficavão orfãos que nenhũa a nomeava senão pella madre nossa mãi e asim
erão tão gerais as lagrimas como se lha mudarão do convento, vendo o perlado esta
repugnancia, eque a madre maria da crus inestia em que fisesse elecsão lhes mandou
por santa obediencia votaçẽ em quẽ o espirito santo lhes ditaçe, nẽ asim ouve remedio a
5 porẽ os olhos em nenhũa ate ella lhes não apontar aquelhe pareçia dina de o ser que foi a
madre maria de são joão.

Em o tempo desta perlada se tresladarão os ossos da serenissima senhora dona isabel de
alemcaste, nossa padr[o]jeira⁹¹⁴ ao coro baxo deste convento cõ grande pôpa nelle esta ã
sepultura rasa como ella mãdou ã seu testamento por sua humildade e ao lado do
10 evangelho esta a da duquesa dona leonor sua sogra ã semelhante sepultura.

Quatro annos⁹¹⁵ antes da madre maria da crus acabar este primeiro governo foi a
desgraciada guerra de africa⁹¹⁶ e de ahi a dous annos ou pouco menos que foi o anno de
1580⁹¹⁷ as alterassões do reino por cuja causa as religiosas [fl. 32 v.] deste convento se
forão cõ crus allsada para o das chagas e de ahi se passarão as casas da duquesa dona
15 joanna, pello mes de junho e o deixarão deserto por se temer que o duque de alva
cõbateçe este castello que pela vesinhansa podia reçeber dano e asim mesmo pella
crueldade e desaforos dos seus soldados succedeo êtão hũ milagre que as antigas
contavão por tal e foi que morrendo⁹¹⁸ muita gẽte de posto em a vila e estando ã o
carrascal por donde as religiosas passarão monte fato(?) inpedido pello qual ellas
20 passandose rossarão por elle ignorando o que era nenhũa se feriu nẽ morrendolhe ao pe
das genellas dos passos ã que estavão gente ferida oque foi favor do patriarcha são
bento de quẽ esta perlada era grande devotta, deixando o enemigo a prassa desẽpedida
se tornarão pella mesma ordẽ a seu convento.

da primeira elecsão que se fes e das mais perladas quelhe ão succedido - cap. 12

25 ⁹¹⁹Cõ muitas lagrimas se celebrou este primeiro escrutinio, porẽ amadre maria de são
joão que sahiu delle electa as enxugou cõ a experiensia de suas vertudes que a fiserão
mui aceita aos olhos de Deos e a suas subdittas o foi por sua [fl. 33 r.] nattural brandura

⁹¹⁴ Emenda do editor.

⁹¹⁵ *annos*] repetido.

⁹¹⁶ Soror Antónia faz referẽcia à Batalha de Alcácer Quibir, no norte de África, cuja derrota dita o fim da dinastia de Avis e dá lugar a uma crise dinástica, que "oferece" o trono a Filipe II de Espanha.

⁹¹⁷ 1580] rasurado.

⁹¹⁸ *que morrendo*] repetição cortada pela autora.

⁹¹⁹ 4 a madre soror maria de são joão anno 1582] à margem.

grande prudensia exselête governo, foi aperlada que mais aumêto as obras do convento
ê seu trienio que todas, conservou a religião não so cõ afaser observar mas cõ seu
exsêplo que foi raro, era de muita qualidade, e grande amiga de receber noviças que a
tiveçẽ e desia que essas conservavão mais a religião como pessoas aque a hõrra
5 estimulava se lhe faltava espirito. e assim ê seu tẽpo recebeo muitas da melhor fidalguia
do reino a que ilustrarão cõ serẽ grandes religiosas.

⁹²⁰Acabando seu trienio cõ grande satisfassão tornou a entrar a madre maria da crus
pella palavra que avia dado asuas filhas anno de 1585 ê o mes de novẽbro governou
estes tres annos como os demais cõ que forão 30 que teve este cargo.

10 ⁹²¹A ella se seguiu aveneravel e virtuosa madre soror maria das chagas subjecto ê que
Deos infũdiu raras vertudes ê as quais resplandeçeo tanto como ao diante espero mostrar
posto que nũca diser aminima parte das que nella ouve que so podião admirar vistas,
deixando ãpossibilitado o desejo de saber recitalas aquẽ por serem sobre naturais se não
acha dina de ofaser.

15 Cõ a humildade de que era dotada fes grande repugnancia a este cargo, mas como
verdadeira obediente sacrificou a Deos sua vontade, ebem se deixa ver a estimassão que
sẽpre se fes de sua [fl. 33 v.] vertude pois de 18 annos de profissão a antipuserão a
muitas mais antigas.

Foi este tempo mui trabalhoso que parece a quis Deos provar em os trabalhos como
20 mimosa sua, ê este trienio foi que viu a madre maria da crus todas as sepulturas do
semiterio abertas e que deu aquellas temerosas voses emmendaivos mossas que não
sabeis oque esta noite vi, como se contara em sua vida.

Faleçeo logo abenditta velha que foi oprinsipio dos trabalhos não permetindo Deos viçẽ
os muitos que suas filhas passarão nẽ cheias as sepulturas que cõ tanta pena diçẽ vira
25 abertas.

Deu logo hũ ramo de peste de que morrerão muitas e todas mossas, ê estas mortes se
virão cousas maravilhosas hũa foi que quãdo alguma estava espirando se via de todo o
povo hũa claridade sobre o convento porque se esperava pellos sinos que logo se

⁹²⁰ 5 *soror maria da crus anno 1585*] à margem.

⁹²¹ 6 *madre maria das chagas 1588*] à margem.

dobravão, mais succedeo hũ caso notavel que pode darnos exsêplo em amaior colora para não chegar a palavras disbaratadas⁹²².

Morrendo hũa destas religiosas aporfriarão duas sobre qual sepultura se avia de abrir emfadada hũa de não ser aque ella desia deu cõ a inxada ã ella hũs golpes disendo esta sera para mim, a outra cheia de paxão respõdeo prouvera a Deos, que melhor foreis vos
5 que aquella menina ao que ella lhe diçe pois se [fl. 34 r.] eu morrer não aveis vos ca de ficar, a que queria asepultura para sim se feriu logo e morreo ã breves dias e lhe derão amesma o dia de seu enterro estando a que ficou ã o refectorio seando comessou acharar e diser que soror fulana achamava e nũca apuderão desviar de este temor desia via ã o
10 lugar donde a defucta comera ã vida hũa sombra de cor sinsenta que a chamava cõ amão seguiusse ferirsse logo ao outro dia e acabar emtão breves como todas, sentia avertuosa perlada estas aflissões como quẽ tanto amava suas subditas mas disẽ que cõ tanto animo e soçego como quẽ tão unida estava cõ avontade de Deos de cuja mão as recebia cõ grande passiensia.

15 Mãdarão pedir a imagẽ de são sebastião⁹²³ da vila cõ que fiserão hũa solene prossissão e votto para sempre se lhe gejumar avegilia e fazer comemorassão ã acomunidade todos os dias e foi Deos servido por interssessão deste glorioso martir de cessar o mal que ja o povo comessava a guardarsse do convento e assim oje se cõprẽ estes dous votos põtualissimamente e se lhe fas prossissão ã seu dia ã memoria desta divida.

20 Acabou a madre maria das chagas o governo deixando o convento ã grande religiãõ e observansia da regra.

[fl. 34 v.]⁹²⁴Succedeo lhe ã o cargo amadre soror catherina da trindade que ãtrou nelle anno de 1591 ã o mes de novẽbro, era esta religiosa das mais antigas do convento, posto que não ã a idade porque veio de 8 annos e profissou antes do santo consilio tredentino
25 de dose de idade como ãtãõ se costumava, porẽ era de tanta vertude e relegiãõ que ella supria a falta de annos para a dignidade, era de grande calidade e da melhor fidalguia de este reino, mas o que nella mais resplandeço foi a inculpavel vida, ezelo da relegiãõ como quẽ cõ oprimeiro leite a aprendeo, foi tão devotta do glorioso precursor que fasia

⁹²² O mesmo que *disparatadas*, cf. BLUTEAU, t. 1, p. 441.

⁹²³ Mártir S. Sebastião, sentenciado a ser morto à flechada, é iconograficamente representado com uma flecha. Pouco se sabe deste santo, embora seja conhecido como um dos mais antigos mártires. É celebrado a 20 de janeiro, ATTWATER, *Dicionário de Santos*, p. 361.

⁹²⁴ 7 soror catherina da trindade anno 1591] à margem.

em seu serviço excessos, gastando ã elle quanto tinha e podia ganhar por suas mãos por ser pubrissima, e so esta grande devassão que era quasi excesso bastava para acreditar sua vertude, foi mansissima, mui afavel zelosissima do culto devino e seremonias delle ate o ultimo de sua vida que foi bẽ larga se achou sẽpre a primeira ã servir em o coro, 5 era mui humilde e em suma hũa perfecta religiosa ecõ satisfassão de quẽ o era acabou seu trienio.

⁹²⁵Elegerão amadre maria da anũssiassão anno de 1594 ã o mes ditto foi esta religiosa de exsẽplar vida, ã o melhor della deixou o mũdo estando para se desposar cõ hũ homẽ nobelissimo e mui rico por ser grande valido do serenissimo duque dõ joão primeiro [fl. 10 35 r.] do nome fugiu a seus pais abressada cõ hũ crucifixo que temos em ocoro a que chamamos o esposo por todas professarẽ e morrerẽ cõ elle ã as mãos e he de grande devassão, o qual lhe pagou bẽ esta finesa de deixar o da terra por elle pois a conservou ã amesma vertude, ate a levar agosar o premio della, e viver sẽpre cõ o mesmo espirito que atrouxe a religiã. pouco depois de governar forão deste convento tres religiosas por 15 mandado da serenissima senhora donna catherina areformar santa clara de bargansa, as quais forão aveneravel madre maria das chagas a madre soror antonia de Jesus amadre soror catherina do espirito santo.

⁹²⁶Ë este mesmo trienio se instituiu acõfraria do patriarcha s. bento que ate oje se ha conservado ã este convento cõ grande devassão de todas as religiosas como ao diante se 20 dira.

Estando esta perlada ã o fim de seu governo succedeo hũ caso exsẽplar para quẽ apaxonada seguir bandos de elecsões e cõ elles perturbar a religiã.

Estavão opositoras ao cargo amadre maria de s. joão que ja o avia sido e a madre soror luisa da madre de Deos que lhe não era ã nada inferior, e por esta causa estavão os 25 pareceres devidos era ãtre todas mais interessada hũa dessipula da madre soror luisa e mostrava grande paxão ao que ajudava ser mal acondicionada e asim dava muita inquietassão a madre maria de são joão posto que tudo soffria [fl. 35 v.] como hũa cordeira, ese desconsolava tanto de ver inquietassões por seu respeito que pediu hũ dia ahũ Christo crucificado alevaçe para sim pois ella era causa de tantas sã dar para ellas 30 nenhũa, ouviu elle sua petissão, e estando o provinsial ã esta vila para faser elecsão a

⁹²⁵ 8 soror maria da anunsiação anno 1594] à margem.

⁹²⁶ cõfraria anno 1597] à margem.

doeço ella e brevemente acabou auida areligiosa que a perseguia mostrou disso pouca penna e estando a outras amortalhando lhe asestiu ella por ser emfermeira, cõtão que ao porlhe o mãto diçe ora venhão agora suas amigas lansarlhe a capa de asperges⁹²⁷ porque ã este convento e custume lansarsse as abbadessas ã operlado as denupssiando.

5 Levarão a defũcta ao coro alto para de ahi ir ã prossissão ao baxo donde selhe fas hũ officio de presẽte estando ja acrus allsada etodas ã pe por que Deos asim opermetiu viu esta religiosa o escapulario⁹²⁸ mal consertado a defucta, e foi mui dipressa a puxarlhe por elle, ao põto que lhe pos amão se apartou gritando e chorãdo que a defũcta abriira os olhos e os fixara nella oulhãdoa (porque ainda entãõ não avia o custume de irẽ cõ veos de ante rosto) ou fosse ilusão do temor por que disem otinha ella grande ou justo juiso de Deos que e o mais serto por que ella firmava não fora temor se não passar asim como o desia, o que se seguiu [fl. 36 r.] foi que cantando ella ã a missa de presente por ser famosa musica hũ terno que desia *in memoria eterna erit justus*⁹²⁹ lhe deu hũfrio de cesãõ cõ que a trouxerãõ e não aviu deitar a terra e faleceo ã tãõ breves dias que não viu a elecsãõ estando anbas sans quãdo operlado chegou a terra para a faser; causou este caso grande temor ã este convento, que como tãõ mimoso de Deos quanto ã as plantas delle se conhece sẽpre pretendeo desarreigar dellas as imperfecções cõ que mais se offende cõpungindo cõ os castigos as culpadas e atemorizando as demais cõ seu exsemplo, que donde elle não castiga e serto tẽ desẽparado ou não espera ãmenda como 20 deste se seguiu que ã materia de elecsões não ha ã este convento inquietassãõ de inportansia.

⁹³⁰Acabando a madre maria da anũpssiassãõ seu trienio ocupou seulugar a madre soror luisa da madre de Deos anno de 1598. foi excelente perlada esta religiosa, era mui inclinada ao culto devino ã que serviu a Deos perfectissimamente toda a vida não so por si mas cõ muitas dessipulas que ensinou cõ tãõ insaciavel çede de o aumentar que todas sairãõ perfectas ã oserviço do coro e as melhores musicas que a tido este convento, ã este particular trabalhou desde sua vocassãõ aordem e em perlada cõ muito maior

⁹²⁷ Capa que o sacerdote utiliza em vários Offícios Divinos, nomeadamente ao officiar por defuntos, MORAIS, t. 2, p. 111.

⁹²⁸ Escapulário é a peça do vestuário monástico, à maneira de avental, caindo pela frente e por trás sobre a túnica", Geraldo J. A. Coelho DIAS, "Glossário monástico-beneditino", (in *Em torno dos espaços religiosos- Monásticos e Eclesiásticos*, Actas do Colóquio de homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto, 2005, p. 199.).

⁹²⁹ *Requiem-Graduale*, "em memória eterna estejam os justos".

⁹³⁰ *9 soror luisa da madre de Deus anno 1598*] à margem.

deligencia, foi mui selosa da re[fl. 36 v.]ligião sê lhe ser inpedimento agrande brandura de que era dottada porque quando o rigor era nessessario sabia usar de elle eposto que mui afavel e caritativa era temida de suas subdittas quando lhe era nessessario para sustentar a religião foi de grande calidade e em tudo era perfecta. ã este trienio tornarão
5 as tres madres que forão reformar santa clara de bargansa que ã esta casa receberão cõ geral alegria e aplauso de todas tanto pello fructo que ã aquelle convento fiserão cõ sua assistensia como por se restituirẽ a este tres tochas etres pedras pressiosas que tanto cõtra vontade de suas cõpanheiras se ausentarão delle.

⁹³¹Acabando esta religiosa seu tempo elegerão 2ª ves a reverenda madre maria das
10 chagas que avia emtão vindo anno de 1600. não lhe parecia por sua grande humildade se puderia por os olhos nella quando se viu electa foi grande sua desconsolassão asim por ver ogrande cabedal⁹³² que de sua vertude se fasia e de sua pessoa, como por lhe não darẽ lugar a gosar de Deos e seus favores cõ mais soçego, easim renũpsiou disendo não avião ainda passado tres annos que ofora ã bargansa que era opresepto que ãtão avia
15 enão e como agora, o provinsial contra o que devia a sua consiensia lhe aseitou arenũpsiasão visto ser aperlasia ã outro convento, foi geral o sentimento de toda a cumunidade deque era amada como hũ anjo do çeo çerta propiedade da vertude [fl. 37 r.] que aos mais depravados animos atrae quanto mais a os que tanto precuravão imitala.

20 **capitalos⁹³³ 13 ã que se contenua amesma materia**

⁹³⁴Tanto que amadre maria das chagas renũpsiou fiserão segundo escrutinio de que ficou electa amadre soror maria da anũpsiasão segũda ves.

De este trienio fes grandes obras e mui uteis ao convento que foi hũ durmitorio mais pequeno aque chamamos o novo cõ todo o lanse de casas soteias⁹³⁵ que servem de
25 durmitorio de leigas era esta obra mui nesseçaria por que estavam as religiosas mui apertadas e faltas de celas e cõ ellas ficou o convento capax de aseitar mais gente e perfecto, acabouse seu tẽpo cõ grande satisfassão de seu governo.

⁹³¹ 10 a madre soror maria das chagas anno 1600] à margem.

⁹³² Mesmo que *importante dimensão*.

⁹³³ O plural tratar-se-á de um lapso da autora.

⁹³⁴ 10 soror maria da anũpsiasão anno 1600] à margem; há um equívoco, na enumeração das religiosas, pois estas duas últimas surgem com o número 10.

⁹³⁵ *Soteias*, mesmo que *açoteia*, sinónimo de terraço ou eirado, HOUAISS, t. 3º, p. 3383.

⁹³⁶ Elegerão a religiosissima madre soror maria das chagas tersseira ves que aceitou o ofiço cõ muitas lagrimas e desconsolassão, governou este trienio como quẽ era inspirada por Deos e cõ grande consolassão de suas subdittas.

5 Era tão grande a charidade desta perlada que porque em aquelle tempo avia ã o convento grande falta de agoa de portas adentro pello que passavão muitas molestias a trouxe da orta da nora do convento por hũs arcos ao jardim que lhe fica mistico [fl. 37 v.] de ahi ao pateo do claustro pera que cõ menos trabalho se aproveitassẽ della as ofecinas todas o que serviu de grande comodidade e regalo, e era obra tão deficultosa que se seu generoso coração e ensendida charidade acometera por que fes excessivo
10 custo segundo se conta asim em os arcos e tanques do jardim como hũa linda fonte de pedraria aque trouxe a agua por canos ocultos que atreessão bõ lanse de casas.

Histo fes por lhe parecer que a contagião que ouve ã seu primeiro trienio se ocasionara da falta de regalo que a frescura das aguas da aos corpos humanos este o foi mui grande e util para se cultivar asim çerca como a orta. e tudo esta oje acabado por acamara de
15 esta villa tirar a ditta orta hũ anel de agua que do posso do landroal vinha anora de que estão os papeis no archivo. abaxousse o ditto posso enão se tratou do anel nẽ o convento por desvalido teve quẽ o tornasse a posse de tantos annos e não so perdeo aobra sendo tão custosa senão a orta que não se cultivava de todo o que esta madre ã estes ultimos annos de sua vida sentio muito asim pela perda que via como pello exçessivo custo que
20 fes hũ convento tão pobre ã estas obras para não servirẽ de nada.

[fl. 38 r.] ⁹³⁷ Acabando amadre maria das chagas seu trienio lhe succedeo a madre soror luisa da madre de Deos segunda ves anno de 1606 ã omes de novẽbro e governando cõ amesma prudensia e religião deu fim a seu trienio.

⁹³⁸ Elegerão amadre soror luisa das chagas anno de 1609 subjecto dino de mores cargos e
25 dignidades por sua grande vertude e illustre sangue, avia vindo cõ a senhora infante para esta corte por sua dama e asim della como de sua altesa a serenissima senhora dona catherina duquesa de bargansa era mui favorecida tanto por esta resão como por seu grande talento se prometião as religiosas grandes felicidades porem como as do mũdo em o melhor faltão virão suas speransas frustadas mui ã breve porque sendo a elecsão o

⁹³⁶ 11 a madre maria das chagas anno 1603] à margem.

⁹³⁷ 12 soror luisa da madre de Deus anno 1606] à margem.

⁹³⁸ 13 soror luisa das chagas anno 1609] à margem.

ultimo de novẽbro a levou Deos pera sim a vinte e oito do proximo janeiro perda tã
geralmente sentida quanto igual a todas por que em aquelles breves dias fiserão
experiencia de sua grande religiã prudensia e benignidade mostrando em suas acções
quanto conservou o spirito que a trouxe areligiã em a flor de sua idade em aqual fugiu
5 ao mũdo contra vontade de seus parentes que tinhão diferentes intentos trocando os
regalos de palacio pelos rigores deste convento.

[fl. 38 v.] ⁹³⁹Falecendo esta perlada o foi segũda ves a madre soror catherina da trindade
anno de 1610 fes em este trienio as portarias que oje servẽ e a casa do thisouro edeficios
de muita inportansia teve em estas obras grandes trabalhos emuitos gastos porẽ não lhe
10 deu fim por averem mister muito tempo e o do seu governo se acabar.

⁹⁴⁰Dando fim estes tres annos se fes elecsão da madre soror catherina da madre de Deos
anno de 1613 a sette de março religiosa que cõ suas raras vertudes acreçentava valor ao
ilustre sangue que tinha, foi pessoa mui spiritual e de continua oração e todas as de mais
vertudes de perfecta religiosa por ellas era tã amada de suas subdittas que se tomou por
15 castigo abrevidade cõ que aperderão, por que faleçeo o ultimo de outubro do mesmo
anno de hũa larga e penosa enfermidade de que se cre piamente que voou ao ceo a gosar
o premio de sua bem gastada vida.

⁹⁴¹Fiserão elecsão por seu falissimento em a madre soror margarida da coluna e coluna
da religiã foi ã ella por esta resão ilustre e em ⁹⁴²omũdo nobelissima por sangue foi
20 mui zelosa do culto devino e devotta da virgem nossa senhora cõ tanto extremo que se
trasia em pratica que quanto queria alcansava por ella ã aperfecsão das seremonias do
coro se lhe deve muito por que parecia que elle era seu regalo eque não tinha outro
cudado mais que ser Deos bem servido [fl. 39 r.] nelle histo todo descurço de sua vida e
em perlada como tinha o leme era cõ mais cudado e fervor, esta perlada deu fim as
25 obras das portarias, em seu tempo fes sancto antonio o milagre de acrescetar otrigo
pellas orações da madre maria das chagas como mais copiosamente se dira ã sua vida, ã

⁹³⁹ 14 soror maria da trindade anno 1610] à margem.

⁹⁴⁰ 15 soror catherina da madre de Deus anno 1613] à margem.

⁹⁴¹ 16 soror margarida da coluna anno 1614] à margem.

⁹⁴² resão ilustre e em] correção feita pela autora sobrepondo esta inscrição num pedaço de papel.

este trienio se comessou a dar a esmolla de pão a esta igreja que se costumava dar amatrix⁹⁴³ de esta villa e ha sido de tanta utilidade como ao diante mostrarei.

⁹⁴⁴Acabando esta religiosa seu tempo lhe succedeo amadre paula de são hieronimo em o anno de 1617 a 23 de janeiro a qual foi tão grande serva de Deos como ã sua vida se dira. era zelosissima da religiã e tão inteira em o que lhe tocava⁹⁴⁵ que por nenhuma resã afroxava o rigor da observancia della.

Foi dotada de grande prudensia pera saber governar suas subdittas asim ã o spiritual como temporal e de tão animoso corassã que em nenhũ trabalho desmaiava abriu hũ posso que chamamos o grande que foi obra mui proveitosa em a falta que a agua da orta ja fasia e por estar ã o claustro mui comodo pera as officinas⁹⁴⁶ todas e mais serviço da casa.

Levantou a cerca que avia muitos annos que estava caida e em todos elles se exprimentou agrande [fl. 39 v.] vertude das que emtã veviã por que estando as taipas tão denificadas que hũ homẽ acavalo poderia bem ver o chã do quintal, não ouve ousadia de lhe por os olhos, pello que diçe ã hũa ocasiã sua altesa a serenissima senhora dona catherina, as freiras da speransa sem çerca estão guardadas.

Acabou esta religiosa seu trienio a 23 de janeiro cõ grande louvor esatisfassão.

⁹⁴⁷Elegerão em o propio dia amadre soror joanna do deserto anno de 1620 foi hũa das melhores perladas que gosou este convento era de illustre gerassão e muito mais o foi por sua grande vertude cõ aqual conservou muito aque se observava ã este convento. era mansissima e afavel por que a dotou Deos de hũa nattural brandura cõ aqual fasia suaves os rigores que husando algũs donde as ocasiões os pedião nũca escandalisou a algũa antes era em geral amada de todas. fes mui grandes obras em o convento e mui nessessarias a primeira foi a casa de falas a segunda a ãfermaria hedeficios de muita considerassão e fasendo em elles grande custo foi a perlada que cõ mais charidade e liberal mão tratou suas subdittas que todas as antecessoras ã seu tempo levou Deos para

⁹⁴³ Igreja Matriz de Vila Viçosa designada Igreja de Nossa Senhora da Conceição, consagrada no séc. XIV por D. Nuno Álvares Pereira a Nossa Senhora da Conceição, sendo o primeiro templo deste orago na Península bérica, precedendo em 500 anos a definição do dogma da Imaculada (1854). Hoje é considerada Santuário Nacional da Padroeira de Portugal.

⁹⁴⁴ 17 soror paula de s. geronimo anno 1617] à margem.

⁹⁴⁵ a religiã] repetição corrigida (apagada) por Soror Antónia.

⁹⁴⁶ As oficinas do Convento são "refeitório, cozinha, despensa, adega, lavanderia", BLUTEAU, t. 2, p. 128.

⁹⁴⁷ 18 soror joanna do deserto anno 1620] à margem.

sim as madres soror catherina de Jesus e soror joanna do espirito sancto e catherina do salvador religiosas de tão inculpavel vida como ã o que se escreve dellas se vera ã o 2º livro.

[fl. 40 r.] Acabou o tempo desta perlada felixmente ã 22 de janeiro.

5 ⁹⁴⁸A ella se seguiu amadre soror margarida da coluna segunda ves governou cõ a mesma satisfassão da primeira em este trienio se fes acasa do capitalo e o custo della pagou oserenissimo duque dõ theodosio 2º do nome dando essa esmolla a este convento ã este trienio faleçeo amadre soror isabel da vesitassão ilustre ã vertude. ⁹⁴⁹acabando esta perlada os tres annos se fes elecsão da madre soror anna baptista religiosa benemeritta
10 da dignidade tanto por ser de ilustre sangue em omũdo como por de exsẽplar vida ã a religiã. entre outras muitas vertudes se conhesseo ã ella hũa pureza verginal de tanto exemplo que por ella era respeitada de toda apessoa de sorte que em sua presensa não ouve nũca ousadia de se falar hũa palavra oussiosa nẽ que desdicesse de huma modestia sancta, pello que se atribuihu a esta vertude de que ã sumo grao era dottada, hũa
15 fragansia que se sentiu ã seu enterro por que em a suavidade della (ao parecer das que em elle se acharã) exçedia todos os cheiros suaves do mundo nẽ ouve indicio de ser nenhũ delle.

Foi esta perlada zelosissima da religiã [fl. 40 v.] e hõrra do convento pella qual ainda quãdo lhe não tocava o governo delle parecia daria a vida e asim ã quãto em elle viveo
20 fes muito pello sustentar em tudo.

Ë o segundo anno de esta perlada se instituiu a confraria do sanctissimo sacramento em o mesmo se achou a milagrosa cabessa da madre soror joanna do espirito sancto cõ os miolos frescos emanou della oleo como se vera mais largamẽte ã sua vida, de este milagre fes experiensia por ordem de esta perlada dõ manuel dos anjos bispo de fes que
25 avia sido provinsial desta provinsia cõ todos os medicos e surgiões que se acharã ã esta villa viçosa e se achou ser milagre.

⁹⁴⁸ 19 soror margarida da coluna anno 1623] à margem.

⁹⁴⁹ 20 Soror anna baptista, anno 1626] à margem.

Em este trienio passou desta a melhor vida a madre breatis de Jesus⁹⁵⁰ que por ser ilustre
ẽvertude se escrevem as que ẽ ella se conhecerão. e acabou esta perlada seu tempo
deixando grande satisfassão de sua religiãõ e governo.

[fl. 41 r.]⁹⁵¹A esta perlada seguiu a reverenda madre soror leonor da apresentassão que
5 ẽ ilustre calidade iguala as soberanas partes de que Deos a dotou que por serẽ
conhessidas as passarei em silensio e tãobem por ser olouvor em vida suspeito. esta
madre governou cõ muita prudensia e religiãõ e foi de grande aumento a o convento sua
liberalidade, deu a igreja a sua custa hũa imagem de nossa senhora de estofo, mui
perfecta e fermosa que e ada speransa que esta ẽ acapella mor, ẽpedrou a sua conta hũ
10 posso do pateo do claustro que as religiosas abrirão cõ suas esmollas cõ que o convento
ficou mais sadiu e cõ mor regalo. e ẽ outras muitas ocasiões se mostrou mui prodiga cõ
suas subditas de quẽ ficou tãõ amada quanto se pode conhecer de a elegerẽ 3ª ves.

Em o ultimo anno de seu trienio passou desta a melhor vida a veneravel madre maria
das chagas ẽ o ẽterro de seu corpo etudo que ẽ esta ocasiãõ se obrou se ouve esta
15 perlada cõ aprudensia que se vera ẽ ocapitalo do ditoso transito da ditta madre.

Em este mesmo anno forão deste convento 4 religiosas a fundar aconsepssão de
olivensa a abbadessa que era a madre margarida da coluna e hũa das cõpanheiras
faleçerão logo e as suas cõpanheiras se tornarão aseu convento e annos depois de ellas
virem se desfes aquelle convêto por convenien[fl. 41 v.]ssias da meliçia de aquella
20 fronteira.

Ë este trienio se pintou e dourou a capella mor da igreja a custa da cõfraria. e acabou
seu tempo felizmente deixando o convento ẽ grande observansia da religiãõ.

⁹⁵²Emtrou ẽ o cargo anno de 1632 a madre soror joanna do deserto 2ª ves governou hũ
so anno e oito dias, foi trabalhosissimo para sua nattural brandura por darẽ febres
25 maglinas ẽ oconvento de que falecerão em breves dias tres religiosas e sacramentarão
muitas vendo ella este trabalho em suas subditas, cõ grande aflissão fes votto ẽ
comunidade de perpetuamente se gejumar ẽ este convento bespera de *corpus Christi* e
foi elle servido de acudir lhe por sua misericordia que não morreo mais nenhũa e o mal

⁹⁵⁰ Sob o nome de Soror Beatriz de Jesus aparece rasurado, a reparar o lapso, o nome de Madre Maria da Circuncissão.

⁹⁵¹ 21 soror leonor da apresentassão 1629] à margem.

⁹⁵² 22 soror joanna do deserto anno 1632] à margem.

parou que não adoeço por etão mais algũa. faleço ã o fim do anno de diferente enfermidade e vendosse ja em a ultima da vida renũpssiou o cargo para cõ mais quietassão se aparelhar para aquella ora que foi ã breve e tal qual se esperava de sua vertude.

5 ⁹⁵³Elegerão ã sua falta amadre joanna baptista foi esta religiosa nobelissima e de grande vertude que e o que mais inporta, mui zelosa da religiã e sobre tudo tão inclinada ao culto devino que toda se [fl. 42 r.] ocupava ã aperfeissoar as seremonias do choro o que fes cõ grande curiosidade sendo mui soliçita ã faser observar oseremonial novo de que ate seu tẽpo avia pouca notiçia foi excelente perlada e ã tudo de spirito muito exsemplar
10 ã seu 2º anno faleceo a madre paula de s. geronimo.

⁹⁵⁴Acabando estes tres annos ficou ã aperlasia amadre soror anna baptista 2ª ves governou este como o primeiro trienio faleço nelle a madre maria da çircũcissão de exsẽplar vida.

⁹⁵⁵Em o anno de 1639 se fes elecsão da madre soror maria da purificassão, subjecto
15 benemerito de mores dignidades, não so por seu illustre sangue que para ellas he o menos senão por sua religiã vertude e prudensia cõ que o esmaltou a emque mais se asignalou foi ã acharidade do proximo tanto ã lhe relevar seus agravos sem lhes ter remcor como ã os socorrer ã oque podia por que foi grande esmoler, ao que se atribuiu permitir Deos que creçesse açera cõ evidensia ã o anniversario que se fes por sua alma,
20 foi dotada de grande prudensia esendo mui charitativa cõ suas subdittas ã oque tocava a observansia da religiã se avia cõ grande inteiresa sã em o hũ nã o outro faser aceissão de pessoas. ã o 2º anno desta perlada passou desta vida a madre soror catherina do espirito santo deixandonos as maravilhas que se virão ã [fl. 42 v.] seu ditoso transito speransas da gloria que piamente se cre gosa, como de sua vida se vera mais copiosa
25 mente, ã a ponpa de seu enterro e deçensia cõ que se colocou seu corpo se viu bẽ quanto esta perlada amava avertude que ã esta religiosa respectava por rara.

⁹⁵⁶Faleceo mais ã este tẽpo hũa escrava do convento cõ grande openião de vertude ao tempo que espirou se viu da vila hũa claridade sobre elle ou que sahia dele.

⁹⁵³ 23 soror joanna baptista 1623] à margem.

⁹⁵⁴ 24 soror anna baptista 1636] à margem.

⁹⁵⁵ 25 soror maria da purificassão 1639] à margem.

⁹⁵⁶ 3º anno] à margem.

Em ofim deste 2º anno foi a felice acclamassão de sua majestade el rei dom joão o 4º que Deos nos guarde aqual por ordem desta perlada se celebrou ã este convento cõ os aplausos que devia por ser seu cõ mais directo que todos ã o que ella mostrou não so acudir a hubrigassão de seu officio senão o amor, que avia tido asua altesa a serenissima
5 senhora dona catherina de que foi dama levada deste e respeitando o muito que esta casa deve a estes monarchas seus padrueiros mãdou que ã as missas conventuais resadas a elevassão da hostia se ãtoasse aquelle versso de hũ inno do santissimo sacramento que dis o *salutaris hostia*⁹⁵⁷ ate ofim delle cõ seu verço e orassão pellas pessoas reais e ate
10 oje se continua ã o 3º anno deste trienio se dourou e pintou o corpo da igreja a custa da cõfraria e se pos ã a perfecssão que oje se ve [fl. 43 r.] e acabou seu governo exsẽplamente.

⁹⁵⁸Dando fim esta perlada o to[r]⁹⁵⁹nou a ser 2ª ves a reverenda madre soror leonor da apresentassão anno de 1642 governou cõ a mesma prudensia e religiãõ que a primeira se conhesseo em ella acabou seu tẽpo louvavelmente.

15 ⁹⁶⁰Succedeolhe a madre soror joanna baptista 2ª ves anno de 1645 não viveo mais que trese dias cõ grandes demõstrassões de vertude foi gosar o premio della deixando grande sentimento ã suas subdittas.

⁹⁶¹Por seu falissimento se elegeo amadre soror maria anna de Cristo ã que se pos os olhos por seus merissimentos serem unicos e dinos de mores cargos não ficando ã nada inferiores a sua illustre calidade e por que ser viva me não da liçensa a mais, deixarei ã
20 silencio o muito que pudera diser posto que nũca suas subdittas o porãõ ã reçitar o muito que devem a seu governo avendosse nelle cõ hũa nattural brandura que não deminuhia oselo da religiãõ que soube sustentar cõ grande prudensia, desta deu maior prova quãdo em seu tempo cahirão as taipas da çerca todo lanse que cae para a boa vista
25 dando esta perlada tal ordẽ que estando a praça cheia de soldados não ouve ã o convento hũa pequena perturbassão e sendo⁹⁶² [fl. 44 r.] que quasi todas as janelas caem para esta cerca não ouve hũa religiosa que fosse vista, estando ella todo dia cheia de seculares que

⁹⁵⁷ Hino de adoraçãõ escrito por S. Tomãs de Aquino para a festa do Corpo de Deus.

⁹⁵⁸ 26 soror leonor da apresentassão 1642] à margem.

⁹⁵⁹ Acrécimo do editor.

⁹⁶⁰ 27 soror joanna baptista 1645] à margem.

⁹⁶¹ 28 soror maria anna de Christo 1645] à margem.

⁹⁶² O [fl. 43 v.] não tem texto a página está em branco, no entanto, o texto continua de forma coerente no fólio seguinte [fl. 44 r.].

corrião aver hũa ermida que ha nella e algũas ofecinas que sepodem devisar della, oque
tudo se deve asua vegilansia, e esperandosse que a obra fisece grande custo ha
comunidade deu ella tal ordem que não teve nenhũ ficando melhor que de antes. ã o 3º
5 penitensia.

⁹⁶³A esta perlada se seguiu a madre soror isabel das mōtanhas anno de 1648 o primeiro
de maio ã quẽ dignamente asentou esta dignidade por suas partes e calidade e sobre
todas se conheceo della grande zelo da religiãõ e governo. ha deligensia desta perlada
devemos a merce que sua magestade fes a este convento de çẽ mil reis de juro e outras
10 merces particulares mostrandosse tão sollicita do aumento spiritual como tẽporal. em seu
3º anno derãõ ã este convento febres maglinas ameaçando as mortes que outras veses
aviamos padeçido, recorreõ esta perlada ao santissimo sacramento cujos favores sẽpre
exprementamos e fes lhe votto de se lhe entoar todas as quintas feiras do anno para
sẽpre hũa ledainha ã o choro acodiu sua devina magestade por que das enfermas não
15 faleçeo [fl. 44 v.] nenhũa nẽ ate oje a falecido algũa desse mal porẽ ja se dis todos os
dias voluntaria. acabou esta perlada seu tẽpo cõ grande louvor do qual eu não trato por
ser viva.

⁹⁶⁴Ë o anno de 1651 a [...] ⁹⁶⁵ de abril se fes elecçsãõ da reverenda madre soror leonor da
apresentassãõ tersseira ves que oje governa cõ grande aumento da religiãõ que sẽpre
20 observou e não menos satisfassãõ de suas subditas.

Ë este presente anno de 1652 fes amadre soror phelipa evangelista hũ semiterio a sua
custa para colocar os ossos das religiosas defũctas, oque ã esta tresladassãõ se viu de
maravilhas e se obrou se dira ao diante. dando ã esta perlada fim a relassãõ e catalago
das que ha avido ã este santo convento e protesto que ei ditto muito menos do que devo
25 ã comparassãõ do que de suas vertudes ei tido notiçia de hũas e visto de outras mas
histo baste para exemplo das que lhes succederẽ.

⁹⁶³ 29 soror isabel das mōtanhas 1648] à margem.

⁹⁶⁴ 30 a madre soror leonor da apresentassãõ 1651] à margem.

⁹⁶⁵ Dia apagado.

da devassão que ha ã este convento ao devinissimo sacramento sua confraria e outras que se ão instituido - cap. 14

[fl. 45 r.] Sendo hubrigassão tão forçosa de todo christão reconhecer aDeos sacramentado a divida de tão grande amor cõ que quis ficar entre peccadores tão
5 realmente como esta a destra do padre, has religiosas lhe corre maior, e a ellas pareçese
ẽcaminha mais este favor, porque os seculares o achão quando o buscão e anos nos
buscou tendo o de portas a dentro, e se elle se dilecta ã acõpanhia de tão vis creaturas,
como não cõrresponderemos cõ tão grande amor em sãpre lhe aestir e nos regalar cõ
10 sua devina presensa, não estão fora deste conhessimento as religiosas deste convento,
que lhe fasẽ vegia continua estando sãpre hũa as oras em oração por se regalarẽ cõ sua
presensa que e omais a que hũa alma pode aspirar, e que sua devina magestade se
agrada desta devassão nos mostrou quando deu vida a hũa religiosa estando tanto em
aultima que se lhe avia resado por veses o officio da agonia e outras tantas tido a vela na
mão por se prometer por ella governaria estas oras e supreria quando faltasse quẽ
15 açestisse, alem de esta devassão ha outras em que dão sinais de seu amor o qual se
conheçe em o zelo que tiverão de que este senhor fosse servido cõ decensia o que o
convento por ser tão pobre não podia ellas que sentem mais esta falta que as proprias lhe
pagão disimo [fl. 45 v.] da resão que lhe dão para seu sustento, dandolhe ao domingo
hũ pão. forão autoras desta piedosa obra as madres isabel dos anjos e fransisca dos anjos
20 que bẽ dis o apelido cõ o officio que tomarão de servir e adornar opão dos anjos.
inspirolhes Deos que esta esmola que algumas fasião a matris desta vila adeçem a sua
igreja tão pobre que de tudo carecia, e tão mal adornada que deixando o esencial de
estar Deos presente em nada parecia tẽplo seu custoulhe este zelo grandes molestias
econtrações que como era sancto de forssa o demonio as avia de ocasionar, cõ grande
25 valor e animo passarão todas valendosse das orações da madre maria das chagas como ã
sua vida mais largamente se vera e como por hũa revelassão sua se foraõ trocando os
animos.

Esta esmola se comessou a dar anno de 1614 pareceolhe as autoras não era ella so
bastante aremedear tanta falta cõ a brevidade que ella requeria e seu fervor lhes pedia e
30 asim instituirão hũa cõfraria anno de 1626 fiserão cõpremisso cõ os estatutos
nessessarios ao bõ governo della, que forão estes que ãcada hũ anno fossẽ tres religiosas
mordomas e tres servidoras irmãs eque faltando ã algũ quẽ entrasse ellas instituidoras

supririão ate morrer ã o seguinte dia da festa tiracẽ as mordomas por [fl. 46 r.] sortes e assim mesmo as irmãs.

Que a esmolla das mordomas e irmãs fosse aque cada hũa pudeçe e quisesse porem que o que della se tiraçe se não dispendede em nada senão se guardaçe para a fabrica da igreja. que se digão dose missas cada anno pellas confrades e que estas se tiracẽ do que
5 as mesmas pagassẽ e não da esmolla das mordomas e irmãs. que a festa se celebraçe a *dominga infra octava de corpus christi*⁹⁶⁶ cõ missa solene e nella se expuseçe o senhor ate sol posto e ouveçe sermão ã a ditta missa porẽ que nẽ este nẽ a sera se pagaçe da esmola das mordomas que ellas se hubrigavão a histo faltando quẽ por devassão o
10 desse.

Ouverão jubileu ã esse dia para esta igreja desde as besperas do sabado ate sol posto do domingo celebrasse a festa ã este convento cõ toda a devassão e solenidade possivel, assim ã o ornato da igreja, como ã acontinua musica cõ que asistem ha porfia de quẽ ã ella mostrara mais o affecto de sua alma ã o desejo de louvar aseu Deos sacramentado,
15 histo e o que se obra ã a cõfraria agora vejamos a utilidade que se ha tirado della e da esmolla do pão.

Primeiramente se cõprou hũ ornamento verde decomũ e corrediçe⁹⁶⁷ de tafeta carmesim para os altares do cruseiro sos que as do altar mor deu a madre soror [fl. 46 v.] maria da consepsão custou tudo quarenta mil reis duas alcatifas da india que custarão sincoenta
20 e hũ mil e cẽ reis.

Pintousse e dourousse a igreja ecapella mor que assim disto como de asulejos fes de custo dous mil crusados, não ãtrando nelles oarco do cruseiro que dourou amadre soror isabel das mōtanhas nẽ o frontespicio e painel delle que o fes a madre soror joanna baptista e deu alãpada de prata para arder diante delle e hũ foro de seis alqueires de
25 aseite para ella, o altar de Jesus não ãtrou tão bẽ que dourou o nicho amadre soror luisa da ãcarnassão.

Nẽ os seis paineis das paredes do corpo da igreja que fes dous amadre soror francisca dos anjos hũ amadre soror joanna da trindade outro amadre soror maria da apresentassão e outro amadre maria da trindade e o ultimo a irmã catherina de são joão.

⁹⁶⁶ Domingo após Pentecostes.

⁹⁶⁷ *Corrediças*, mesmo que *cortinas*.

O pulpito de pedraria cõprou amadre soror peregrina de jesu e pintou e dourou agrade do coro baxo, a do alto amadre soror leonor da madre de Deos, cõ que acabarão de por este tẽplo ã a perfecção que oje seve tudo de esmollas destas religiosas.

5 Cõprouse mais hũ ornamento de tella abrasado cõ sanefas de brocado que custou tresentos e vinte mil reis não ãtrando ã esta contia opano de pulpito do mesmo que o deu amadre soror luisa phelipa da asũpssão soma o que a cõfraria tẽ cõpra[fol. 47 r.]do do que da esmola do pão e das mordomas se ha tirado 2070 crusados e cẽ reis que em tão poucos annos se ve bẽ ser maravilha de Deos tirarsse tão grãde esmolla de hũas religiosas pobres.

10 Deu mais amadre soror guiumar da consepssão hũa alãpada de prata para acapella mor.

E a madre soror francisca dos anjos outra para o altar de jesu que as mais que ardẽ são dos donos das capellas que nellas tẽ seu jasigo, que so e meu intento deixar memoria do piadoso zelo das religiosas deste convento.

15 Ase instituido nelle mais aconfraria do patriarcha s. bento divida bẽ grande as muitas merces que dele avemos recebido que são sã conto e algũas direi ao diante.

O cõpremisso e estatutos forão que não avendo quẽ por devassão queira ser mordoma se tirem por sortes tres: juisa mordoma escrivã.

Que se digão dose missas cada anno pellas cõfrades e se cõpre sera asim para ellas como pera aprosissão do dia que se fas a festa.

20 Que se fassa a festa a primeira octava de pascoa de spirito santo cõ besperas e missa solene sermão e prossissão pello claustro ã que levantẽ altares e que asim elles como outras festas que se fisecẽ ã louvor do santo fossẽ premiados.

Que se desse de jantar as madres cõ certa taxa que nũca [fl. 47 v.] seguarda, por que todas querẽ avantejarce em mostrar sua devassão.

25 Alem deste gasto deixão muitas mordomas pessas para a casa do santo que e o antecoro baxo donde acõfraria esta situada e amadre soror maria da apresentassão sendoo pintou ã elle o glorioso patriarcha a oleo que ate ãtão era de morta color⁹⁶⁸, cõ pinturas de outros santos e acabou a casa tão linda eperfecta como oje se ve. a reverenda madre

⁹⁶⁸ *Morte-cor*, pintura em gesso marcada de leves cores, HOUAISS, t.3, p. 2547.

soror leonor da apresentassão deu hũa reliquia do santo colocada ã hũ meio corpo de prata mui bẽ lavrado e perfecto o qual ate no peito e fas vista por hũa vidraça, esta reliquia se pos ã o coro alto ã hũ nicho que fes a madre soror luisa da madre de Deos sêdo juisa e todo dourado e pintado ede linda obra e felo para colocar hũa linda imagẽ
5 do santo de estofo e milagrosissima esta trouxe a madre guiumar baptista religiosa muito antiga quando veio para o convento e pouco depois se fes o nicho que digo e se instituiu a cõfraria. Esta milagrosa imagẽ e tanta a fe que se tem nella que sã infinitas as merces que de Deos recebẽ por esta devassão enã ha pessoa ã este convento que nã aja exprimẽtado seus favores dos modernos e que vi por meus olhos direi algũs que dos
10 antigos nã ficou memoria por pouca curiusidade sêdo que se sabe sẽpre fes muitos e para eu poder diser quantos me pedẽ as penhoradas que escreva [fl. 48 r.] era forssa faser novo volume e por este nã ser[...]⁹⁶⁹ maior direi a menor parte.

Hũa menina de mui pouca idade lhe cahiu hũ grão de trigo em hũ ouvido e cõ as experiensias que fiserão por o deitarẽ fora o ãtrarão mais ã o exterior, sã bastar algũ
15 remedio a este trabalho, recorreo hũa thia sua a esta imagẽ fasendolhe muitas devassões e promessas de ahi a poucos dias adoeçeo a menina oque se atreuiu a este desastre e ao muito que chorou de diser omedico lhe abrissem o ouvido por que o grão avia de naser e matala estando cõ hũa febre quasi desacordada sentiu ã a cabessa hũs golpes jũto a o ouvido como que fasião forssa a sahir o ditto grão que lhe cahiu ã aorelha ja tão inchado
20 que cõ grande facilidade o puderão ãfiar em hũ fio de seda cõ hũa agulha e o puserão ã o baculo do santo que acabiceira tinha sẽpre e nelle o teve a imagẽ annos por memoria deste milagre e da infirmitade sarou a menina logo.

A hũa religiosa nasseo hũ boçe⁹⁷⁰ ã a garganta que por mumentos lhe cressia e ja lhe avia deitado raios por toda ella. fes hũa thia sua novenas ao santo por este mal
25 etotalmente se desfes de todo que nã sinal de o aver tido selhe ve cõ grande admirassão dos medicos.

A mesma teve hũa esquinensia⁹⁷¹ de que ã [fl. 48 v.] agarganta tinha dous inchassos hũ como hũ ovo e outro como hũa nos sã valer remedio humano apoder levar hũa gotta de

⁹⁶⁹ Fólío cortado no canto superior direito, truncando a palavra.

⁹⁷⁰ *Bócio*, inchaço da glândula tireóide. A forma *bosse* aparece em textos do séc. XIV e XV como latinização do francês *bosse*, HOUAISS, t. 1, p. 612.

⁹⁷¹ *Esquinência*, mesmo que *amigdalite*.

caldo nẽ has postemas⁹⁷² arebentarem nẽ ainda dando lhe lansetadas, levarãolhe esta
imagẽ aquẽ ella cõ muita fe pediu remedio de seu mal. hũ dia sentiu que cõ fassilidade
ẽgulira a humidade da boca e pedindo de comer se achou de todo desẽpedida para o
poder levar sem de novo aplicar nenhũ medicamento so por os merissimentos deste
5 benditto sancto.

A mesma religiosa tinha hũ subrinho de tres para 4 annos que ẽtrava ẽ o convento a esta
criansa lhe nasseo ẽ o dedinho da mão hũ nassido⁹⁷³ para o qual não avia remedio que
não serviçe de mor dano fasendoçelhe innumeraveis. Omal solapou⁹⁷⁴ o dedo de sorte
que chegava ao osso asentarão medicos esurgiãoes se lhe cortasse para segurar avida o
10 que em tão pouca idade a fasia mais duvidosa.

Sua thia lastimada olevou a imagẽ do glorioso patriarcha continuãdo ẽ tocar o dedo do
menino nella muitas veses e sẽ outro remedio sarou de todo não lhe ficando nẽ sinal de
tão grande mal. e em reconhessimento de tantas merces tomou esta religiosa acõfraria
por sua conta fasendo a festa muitos annos e suprindo todos os ẽ que faltão mordomas.

15 [fl. 49 r.] Não foi menor a maravilha que obrou ẽ outra religiosa ha qual supitamente
deu hũa picada de tras de hũa orelha ecõ ella lhe sahiu hũ inchasso cõ ersipula tudo tão
de improviso que se temeo ser contagião⁹⁷⁵ e asim ella como as que a virão comessarão a
chamar por s. bento recolheosse ao seu leito logo e ja cõgrandissima febre sendo tudo
em hum instante não teve mais acordo que para pedir o baculo do santo e prometerlhe
20 faria a sua festa sendo mordoma.

Foi cousa maravilhosa que omal que comessou cõ tanta furia abrandou não lavrando
mais e por que se viçe mais claramẽte ser maravilha sua ao dia seguinte escreveo do
landroal hũa donsella que deste convento avia sahido, que lhe mãdassẽ novas de aquella
madre porque nessa noite avia sonhado que ẽ tal veranda e tal lugar avia rodeada de
25 muitas religiosas e asim ella como ellas gritavão por são bento lhe acodiçe ao mesmo
mal que ella ca tinha e viu por sonhos o que ca avia succedido e em o proprio lugar, por
que era impossivel ter notissia em tão breves oras do que avia passado ecõ tantas

⁹⁷² O mesmo que "apostema" ou abcesso, BLUTEAU, t. 1, p. 98.

⁹⁷³ *Nascido*, mesmo que *furúnculo*, HOUAISS, t. 3, p. 2588.

⁹⁷⁴ *Solapar*, verbo que aparece referenciado em documentos do séc. XVI, sinónimo de *minar*, HOUAISS, t. 3, p. 3364.

⁹⁷⁵ Embora seja um conceito obsoleto, ainda se usa como sinónimo de contágio, HOUAISS, t. 1, p. 1058.

particularidades e asim quis Deos mostrar que o intersessor de que se valeo lhe alcançou a vida que viu tão ariscada e asim mesmo o medico confessou ser milagrosa.

A propria religiosa lhe deu hũ achaque ã a cabeça de que selhe solapou toda e corria materia ã fio [fl. 49 v.] della pello rosto, foi ao antecoro baxo a pedir remedio ao santo e
5 fes tão bẽ votto de ser outro anno mordoma, sarou milagrosamente sã vir ao mal que se lhe temia.

Outra adoeção de bexigas de que selhe ajũtou ã a boca hũ inchasso que quando o medico lha viu tinha ja hũa nodoa negra recorreo ella asão bento pediu o seu baculo e fes votto de ser mordoma enão passou o mal adiante antes comessou asarar de tudo milagrosa
10 mente.

Não foi de menor consideração a merçe que fes a outra religiosa, a qual teve hũa irsipula⁹⁷⁶ maglina de que esteve desconfiada dos medicos que lhe mãdarão dar os sacramentos por lhe faser ajũtamento ã hũ pe ã que lhe saltarão erpes, sarjarão⁹⁷⁷ quasi todo salgandolho porẽ nada aproveitava para não lavarẽ, vendoa hũa thia sua ã
15 este estado foi cõ outras religiosas buscarlhe a imagẽ do santo tendo o surgião ordenado que se ao outro dia os erpes lavraçẽ lhe cortaria o pe por ultimo remedio e vindo para este efecto o achou cõ tanta melhoria que não excecutoo o remedio conheçẽdosse claramente o favor da milagrosa imagẽ enão so do pe sarou mas tão bẽ de hũa postema que tinha ã hũ quadril que foi de que se ocasionou tão grande mal.

[fl. 50 r.] Do mesmo mal de ersipula⁹⁷⁸ se viu outra religiosa muito apertada por lhe aver apanhado inchasso querẽdolhe dar lansetada prometeo ao santo hũa missa se alivraçe della e o mal que ate etãõ não obedecia a os medicamentos sã outro algũ de novo arebẽtou logo.
20

Outra teve oito leissensos⁹⁷⁹ jũtos debaxo de hũ brasso foisse cõ muitas lagrimas ao antecoro baxo e hũtandosse cõ o oleo da alãpada que arde diante do santo não quis aplicar outro remedio, milagrosamente se lhe arebentou logo ahi hũ e por esse forão purgando todos e sã lhe aplicar mais nada ficou sã.
25

⁹⁷⁶ "Erisípela", inflamação da pele que provoca dores na parte inflamada, MORAIS, p. 589.

⁹⁷⁷ *Sarjar*, incisão na pele.

⁹⁷⁸ O mesmo que "erisípela".

⁹⁷⁹ "Leicença", tumor inflamado que ganha ferida e expele pus, VIEIRA, t. 3, p. 1281.

Outra lhe deu ã a quaresma hũa cesão cõ pontada de prioris tão rija que ã o mesmo dia ã
aforssa da febre a sangrarão e por o medico temer muito a furia cõ que o mal comessava
se foi hũa amiga sua asão bento pedirlhe remedio fasêdolhe vottos. ao outro dia
amanheceo sê põtada e pouca febre sendo que de noite esteve desacordada e ao que
5 esperavão repetiçe cesão estava de todo sã o que foi evidente milagre por ser pessoa mui
subjecta a febre e que tem mui grandes doensas e esta que tanto ameaçava por
interssessão do glorioso sancto nẽ a comer carne lhe deu lugar se não que se levantou de
todo bem.

[fl. 50 v.] Hũa servidora teve hũ cabrũculo⁹⁸⁰ negral debaxo da barba de que chegou ao
10 fim da vida e a receber os sacramentos lembrouse do santo pediu o seu baculo ecõ elle
milagrosamente melhorou e teve perfecta saude.

Não alcansão as merces deste milagroso santo so as pessoas deste convento senão que
os seculares que selhe ã comẽdão as reçebe tãobẽ e das que ha feito direi so hũa por que
me pedirão fisses memoria della cõ que darei fim a esta materia.

15 Hũa molher teve hũ nassido ã o hõbro esquerdo de que dessia hũ vergão ate o corassão
chamãdo o medico e surgião ã a primeira vesita lhe mãdarão reçebesse todos os
sacramentos e tratasse de sua alma antes que de outro algũ remedio a ãferma mui aflitta
e cheia de temor comessou a chamar por s. bento da speranza e enquanto a
sacramõtavão mãdou a hũa cunhada que tẽ ã este convento aseite para a alãpada do
20 santo e que lhe mãdasse do que nella ardia e fitta para hũa medida, tomou a ella do que
esta pintado no antecoro baxo que algũas pessoas lhe tem mais inclinassão. indolhe se
abrassou a ãferma cõ ella cõ muitas lagrimas e vesitandoa o surgião achou onassido
arebentado sem outro algũ remedio e sã o vergão, asõbrado lhe pergũtou que fiserã ao
que a molher respõdeo que nada mais que valersse de s. bento da speranza ao que elle
25 admirado lhe diçe grande foi a fe que tanto [fl. 51 r.] pode alcansar.

A que se tẽ em este convento cõ este devino patriarcha e de sorte que nẽ abichos
pesonhẽtos se atemor confiadas nelle sãdo que pella frescura do sitio são muitos mas ã
chamando por s. bẽto parão e dão lugar aos matarẽ e elle nos guarda milagrosamente,
porque ã o durmitorio e janellas delle ã as verandas altas se achão medonhos escorpiões
30 e outros bichos sã nenhũ faser dano etalves achou hũa religiosa hũa bibora na cela não

⁹⁸⁰ *Carbũculo*, mesmo que *cabrumculo* (séc. XV), doença infecciosa que pode causar hemorragia, HOUAISS, t. 1, p. 804.

so não fes dano mas em chamãdo por são bento parou para a matarẽ e he de nottar que
nẽ delles nẽ de ersipulas nassidos nẽ mal de que elle seja avogado morreo algũa depois
que o he nosso e o tomamos por esse. esta devassão deve de ser tão antiga como o
convento por que quãdo eu vim para elle não onomeavão nũca senão pello sãcto e por
5 este nome se conhessia sẽ se diser outro. pergũtando a hũa das antigas por que resão não
desião o nome deste glorioso patriarcha mais que so osancto me respõdeo que amadre
maria da crus lhe fiserá voto de quãdo ouviçe ou lesse o seu nome lhe resar hũa
comemorassão e que por lhe evitar tão cõtina oraçãõ o não nomeavão por seu nome
grande devia de ser a merce por que ella se hubrigou atanto. posto que ma cõtou não me
10 lẽbra para a escrever que era ẽtãõ de pouca idade mas so sei que desde os prinsipios lhe
deve este convento favores pois esta era asegũda reformadora e ate oje se conservou tão
devida devassão.

[fl. 51 v.] Ha outras duas cõfrarias mais ẽ este convento hũa de nossa senhora da
asũpssão e outra das almas. a de nossa senhora selebrãdosse ẽ seus prinsipios cõ grande
15 solenidade como contavão as antigas oje esta quasi extinguida e so amadre maria da
trindade fas ja o custo della sẽpre que e, dose missas cantadas cada anno a sera para
ellas e para a prossissão do dia que se fas cõ muita solẽnidade ẽ que vão os dose
apostolos (que fasẽ as religiosas) cõ a senhora ẽ hũa tũba e quando torna ao coro ja vẽ
gloriosa ẽ hũ andor trasido por anjos. em esta seremonia se tem grande devassão e ẽ a
20 ditã cõfraria senão obra mais.

A outra das almas esta oje mais avantajada ẽ devassão porque ate aqui senão fasia mais
que pagarẽ as cõfrades e este dinheiro se despendia ẽ dose missas cantadas cada anno e
se desia hũ officio resado ẽ o octavario dos defũctos cõ missa cantada e o mesmo
quando algũa religiosa falecia. estando eu tirando este livro do borrão ẽ o anno de 1654
25 acordarãõ de a renovar ẽ forma que as almas das religiosas defũctas tiraçẽ mais interes e
asim ajũtandoçe a comunidade toda ẽ o semiterio depois de se faser hũ solene officio de
comũ vontade se instituiu [fl. 52 r.] de novo e fiserãõ seu cõprimisso cõ os estatutos
seguintes, que em aquelle domingo que era o 2º depois de dia de todos os santos se
fisesse sẽpre o officio ẽ o semiterio e a segũda missa e prossissão eque ẽ este tal dia se
30 fisesse elecçãõ das officiais por sortes como emtãõ se fasia as quais seriãõ nove

a primeira juisa cõ hubrigassão de 1000 reis

a 2ª escriva cõ hubrigassão de 0500 reis

a 3ª thisoureira cõ hubrigassão de 0500 reis

seis mordomas cõ hu[br]igassão⁹⁸¹ de 0200 reis cada hũa

mais 6 irmãs leigas cõ hubrigassão de 0100 reis.

Feitos estes estatutos e lidos pella escrivã do convento se invocou agraça do spirito
5 santo etirou hũa menina as sortes cõ estranha alegria da que cahia nella e
desconsolassão das que onã merecerão tirouisse ã este dia mui grande esmolla e de
trese ramos que se offerecerão se tirarão 1820 reis.

E esperamos ã Deos va sãpre esta piedosa devassão em grande aumẽto pois o interes e
propio do que se fas pellas bẽdittas almas que ditosa de aquella que em tal lugar se vir
10 avendo as ajudado ã suas penas pois e çerto que amisericordia devina dara graça para
aver com ella amesma caridade que ouver tido.

Esta se exserçita tãobẽ ã se fazer por ellas hũa vegilia ã a primeira 2ª feira do mes e sãdo
que aordẽ [fl. 52 v.] que ha nellas e asestir 24 oras sãpre hũa resão cõ hũa lux acesa e
tanta a piedade de christã cõ que a esta a codẽ que estão logo jũtas resando des e dose.
15 comessousse esta vegilia pello que se segue. esteve hũa religiosa ã a ultima da vida cõ
todos os sacramentos recebidos para passar della, asestialhe outra ã aquelle mal e em dia
de todos os sanctos lhe diçe que aquelles dous não esperaçe por ella que avia de açestir
ã avegilia das almas (que se fasia ainda ãtão so hũa ves no anno ã aquelle dia) eque ella
não podia faltar que governava as oras, ficarão as que se acharão presentes cõ a ãferma
20 mermurando de ã hũ convento de tanta oração se faser tão pouca por as almas que
aquella não avia senão de anno a anno e diçerão que ao menos cada mes se ouvera de
faser, inspirou Deos ã a ãferma que lhe prometeçe⁹⁸² se lhe elle desse vida ordenar esta
vegilia ã a primeira 2ª feira de todos os meses, deulha elle milagrosamente appareçer de
todas e esquesseosse do votto como muitas veses aconteesse depois do perigo passar,
25 mas não se descudarão ellas como quẽ tanto padeçe. ao primeiro domingo de desembro
estando ella pella menhã recolhida posto que não se determina se dormindo ou acordada
porẽ tão descudada como ate ãtão avia estado da promessa feita [fl. 53 r.] lhe dicerão ao
ouvido estas palavras a vegilia, primeira segunda feira, as almas, espertou ella asõbrada
sẽ entender oque aquillo avia sido, a este ponto ãtrou hũa amiga sua pella sella haqual

⁹⁸¹ Acrécimo do editor.

⁹⁸² A autora rasura a *Deos*.

contou o que avia passado, Deosse logo ordem a comessarse e contenuasse cõ tanto fervor como esta ditto e são tantas as esmollas que passão de quinze lumes os que ardem muitas veses e nũca são menos e para as missas ha mes ã que se disẽ trinta, por quanto da religiosa que tẽ hũa pretensão cõ Deos promette hũa lux e esmola para amissa da
5 vegilia e afirmão que alcansão despacho de sua poderosa mão que quer cõ estas merçes dar sinais de quão aseita lhe e esta obra de tanta piedade.

das reliquias mais notaveis que tem este convento e das capellas que pera aumento da devasão se ão levantado - cap. 15

10 Tem este convento hũa reliquia do sanctissimo lenho da vera crus⁹⁸³ notavel em hũ relicario grande e mui aprovada e Deos a fas mais cõ milagres que disem ha feito algũs nas emfermas.

Tem hũ sancto sudario da altura de hũ homẽ, veio de roma foi tirado pello original e tocado nelle mostraçe ao povo quinta feira de endoensas⁹⁸⁴ e a velo acode grande
15 concurço de gente porque [fl. 53 v.] e devotissimo e fora dos milagrosos não pode aver outro que oseja mais, este thisouro deu a madre maria de Jesus que por tal lho deixou sua mãi. ha outro pequeno mas de grande devaçãõ ese mostra em o choro sesta feira de endoensas as religiosas que otem patente amor parte do dia para cõ sua lastimosa vista duplicar a memoria de tão soberano beneficio este e tirado pello da madre de Deos de
20 lisboa etocado nelle despẽde de sim hũa fragansia tão grande que de mui longe se conhece esta elle ja tirado do caxão e ate fechado elle respira esta suavidade, ha madre margarida de Jesus devemos esta consolassãõ spiritual.

Tem mais este convento hũa cabessa das onse mil Virgens o nome sancta christina esta lhe deu a serenissima duquesa cõ os papeis autenticos de se tirar dos sanctuarios de
25 roma para este seu convento. esta cabessa⁹⁸⁵ hestã em hũ meio corpo da Virgem de estofo mui fermoso e em o peito fas vista hũa vidrassa respira hũa suavidade de cheiro que a fas de mor devassãõ colocou a ã hũ nicho todo dourado a madre soror cesilia da madre de Deos a antiga, que o fes para este efecto ã o coro alto.

⁹⁸³ *Santissimo Lenho da Cruz*, relíquia de um pedaço da cruz em que Jesus Cristo foi supliciado, MORAIS, t. 6, p. 194.

⁹⁸⁴ Quinta feira Santa.

⁹⁸⁵ Repetiçãõ cortada de *cabessa*.

Ha hũa capella da purissima consepssão de nossa senhora ã o topo da primeira veranda das altas e hũa oratoriosinho quadrado de abobada cõ sua lanterna no remate della de vidrasas asim ella como a bobada he dourada e pintada ate os frisos delles ate o chã de asulejos tem em o meio do [fl. 54 r.] retabolo que etodo dourado nossa senhora de 3
5 palmos de altura, rodeada de hũa sol de bronse dourado cõ hũa lua de pratta aos pes, e do friso do retabolo para sima tem hũa painel da santissima trindade que o remata, aos lados da senhora estão 2 sanctuarios cõ suas vidraças e neles o santissimo lenho tres cabessas das onse mil virgens e outras muitas e notaveis reliquias he esta imagẽ ferrosissima e de grande devassão e obra de hũa escultor de sevilha de tanta vertude que quãdo avia de
10 copiar hũa se aparelhava cõ confissão e gejus ã fasendo esta se foi gosar de Deos que quẽ tão soberano retrato de sua devina madre deixou ao mũdo mostra bem que como mais propinco agosar do sol de justiça pode ter mais lux para faser algũa semelhansa do devino, he de estofo a encarnassão não parece senão carne, o dia que veio sarou hũa religiosa hidropica levandolha ã prossição arogos seus. ha mais ã esta capella outras
15 lindas imagens pello primeiro friso do retabolo e ã tudo perfectissima sendo o ate ã ter indulgensia plenaria 4 veses ã o anno ã as prinsipais festas da Virgẽ nossa senhora aquẽ se dis todos os dias ã ella hũa ledainha resada e em os sabados se acreçenta hũa salve cantada cõ grande solennidade e em as nove festas e a ladainha cantada, esta capella fes a madre soror leonor da apresentassão.

20 Defronte de esta fica outra do menino perdido que e linda imagẽ esta ã o alto do retabolo ã hũa nicho entre os doctores e em outros mais baxos sua sanctissima mãi e s. joseph mesmo feguras de [fl. 54 v.] vulto que ao parecer representão andarẽ buscando o soberano menino pella distansia cõ que lhe ficão inferiores ã omeio destes dous nichos esta hũa painel ã que elle seve ja entre seus pais ã quanto elle quis hõrrar cõ este nome
25 seu devino aio. tem outras lindas imagẽs ã nichos he hũa dellas o precursor devino, e de outros muitos santos pinturas mui perfectas em tudo esta bẽ acabada.

Ha ã esta capella indulgensia plenaria 3 veses no anno esta fiserão as madres soror catherina baptista e soror cesilia dos anjos a moderna.

Logo ã o topo da veranda que se segue esta outra mais pequena do martir são sebastião
30 he a primeira que ã este convento se levantou que a fes a madre soror cesilia dos anjos a antiga e ficando por ella faleçer a mor parte das feguras de morta color a madre soror

joanna baptista as pintou a oleo e asim mesmo a dourou e acreçentou muitas curiosidades e para sua capacidade esta perfecta.

5 Ë as verandas baxas do claustro ha so duas a das almas ã que adiante falarei e outra de nossa senhora de guadalupe que e de abobada pintada em paineis das festas de nossa senhora cõ mulduras delles e frisos das paredes dourados e ellas de asulejos ã hũ nicho
10 prinsipal do retabolo esta nossa senhora de estofo que e fermosissima imagẽ e da mesma altura da da consepssão, aos lados ha outras cõ lindas imagẽs do menino Jesus e seu mimoso evangelista a fora estas tem outras mui curiosas [fl. 55 r.]⁹⁸⁶ pello friso retabolo, he a capella quasi tão grande como a da consepssão por que fica em o baxo
15 della ãtoaçe todos os dias a esta imagem hũa ledainha e ao sabado salve cantada esta capella fes a madre peregrina de Jesus ã defronte desta esta a das almas ã que esta pintado são miguel e ellas, he pequena mas esta mui bẽ pintada e nella esta situada a cõfraria das almas e amesma religiosa a fes cõ ajuda de esmolas das devottas anbas estas capellas caẽ ã a veranda do semiterio ã os topos della cõ que esta mui bẽ ornado e
alumiado cõ as alãpadas que ã ãbas ardẽ.

Ë a cerca que chamamos jardim ha hũa ermida que se dis a lapa de santa maria magdalena he de abobada asim ella como o que fica servindo de capella ao corpo da ermida dentro ã o altar esta a lapa da sancta ella de estofo recostada sobre hũa pedra devotissima e fermosa imagẽ.

20 Ë hũ nicho prinsipal tẽ o grande e devino baptista e en quatro pequenos que tem aos lados outras imagens mais pequenas e em tudo esta hũa linda e graçiosa hermida esta levantou amadre soror isabel das mõtanhas.

Ë todas estas capellas ha grande fabrica de frontais correðiçes castiçais e curiosidades que parece não tem estas religiosas mais cuidado que este enão para aqui so seu zelo de
25 servir a Deos e ornar esta casa sua senão que athe o coro pintarão religiosas [fl. 55 v.] particulares sêdo hubrigassão da comunidade visto não poder ella suprirão esta falta amadre soror leonor da apresentassão que pintou em o altar da parte da epistola hũa painel da festa do seu sobrenome e amadre maria da consepssão em o do evangelho outro da ãcarnassão deixando por deficultoso as muitas pessas que a este coro derão as
30 sanchristans menores de que ha tão grande fabrica que ultimamẽte hũa por não achar

⁹⁸⁶ Uma mancha branca vertical afeta a leitura de algumas palavras.

cousa de que elle necessitasse deu para se alojar toda hũs caxões grande de madeira porque ã arcas era tratarẽsse mal os ornamentos. ã todos os demais officios ha amesma liberalidade ã a enfermaria pintou hũ painel mui grãde do altar a madre soror maria da resurreccsão de nossa senhora fugindo para egipto.

- 5 De Deos espero tenham apaga de tão bem ãpregada despesa elhe pesso graça para falar em outras que cõ mais spirituais maravilhas deixarão este convento rico.

Fim do primeiro livro

**[fl. 1 r.] livro segũdo ẽ que se cõtão as vidas e vertudes de algũas religiosas
exsẽplares deste sancto convento**

da madre soror catherina da madre de Deos primeira reformadora - cap. 1º

5 De esta religiosa tratarei em primeiro lugar pois por suas vertudes se lhe deve e por ser a
primeira que reformou este convento ẽ freiras de sancta clara que ate entãõ se guardava
a regra da 3ª ordẽ de nosso seraphico padre. porẽ ha de suas vertudes emaravilhas mui
pouca noticia podendo aver muita por serẽ mui grandes emagnifestas [porque]⁹⁸⁷ como
ẽ o prinsipio de este convento todas erãõ de igual vertude nãõ tratavãõ mais que de
10 occultar humildemente seus exercissios eas merces que Deos lhes fasia enãõ fasiãõ
memoria de hũa ter sancta vida porque a de todas o era eveviãõ de hũ modo ecõ
amesma puresa e observansia da regra. eposto que quasi em estes nossos tempos viveo
hũa dissipula sua que contava muitas maravilhas suas foi a negligensia tanta que
nenhũa deixou escrita e assim so direi o que lẽbra por que ate ẽ *jardim de portugal* se
15 acha cõ mil erros o que della se conta, ao autor deste livro se mãdou hũa relassãõ desta e
outras muitas religiosas aquellas de que escreveo foi cõ os mesmos erros que irei
aclarãdo ẽ oque dellas escrever.

Nasseo pois esta vertuosa madre ẽ acidade de elvas [fl. 1 v.] de pais nobelissimos e ahi
moradores chamavãose elle joãõ martins e ella leonor ferreira, ẽ hũa escriptura do dotte
20 de esta freira se nomeia o ditto joãõ martins por cavaleiro fidalgo del rei.

Fiserãõ a esta madre freira ẽ o religioso convento de santa clara da mesma cidade ẽ o
anno de 1530 sẽpre devia de ser de vida exsẽplar porque sendo mui moderna em elle
veio a reformar este da speransa que diserçe que fundar e erro como ei mostrado ẽ o
primeiro livro veio por ordẽ da serenissima senhora dona isabel de alencaste duquesa da
25 real casa de bargansa ẽ o anno de 1548 e fes esta reformassãõ cõ tanto exsẽplo como de
sua vertude se esperava era ẽ este tempo santa clara de elvas ainda da obediensia dos
claustrais e por ordẽ e licensa do mestre provinsial delles veio a reformar.

Como se viu cõ cargo de reger almas tratou deas ẽcaminhar a mor perfecãõ de vida e
asim depois de aver feito profissãõ a 8 religiosas que achou sub a regra de nossa madre
30 santa clara (que pera isso veio), entẽdendo era caminho mais seguro o da observansia

⁹⁸⁷ porque] rasurado.

5 fes cõ ellas selhe subjectassẽ e renunsiassẽ a claustra. não lhe faltarão ã esta mudansa
devida contradissões e trabalhos cõ que mereçer que forão excessivos porque o enemigo
do genero humano não podia sofrer tanta perfeissão nẽ o grande fructo que tão bõs
prinsipios prometião, porem ella cõgrãde passiensia e varonil animo atropelou todos eos
sofreo como quẽ so a hõrra de Deos a estimulava.

10 Em esta reformassão da observansia mudou onome de catherina botelha e se chamou da
madre de Deos comessãdo [fl. 2 r.] desde seus prinsipios o louvavel custume deste
convento de renũpsiarẽ os apelidos do mũdo para se hõrarrẽ cõ os dos santos aque mais
se inclinão pos tanta deligencia em o aumẽto da religiãõ que ã breves dias o convento
aguardava cõ grande perfecsãõ mostrando ã tudo ser seu spirito dino de tal cargo, todas
as vertudes resplandeciãõ nella prinsipalmente a da humildade, como fundamento de
todas, e conhesseosse histo bem ã que tendo ella a casa ã grande reformassão de
15 custumes como ditto [e]⁹⁸⁸ etrasendo a senhora duquesa outra reformadora do convento
das chagas para as instruir bem ã a observansia que avia poucos annos se tinha recebido
neste ella não fes nenhũa repugnansia, antes cõ muita humildade e consolassão spiritual
lhe ãtregou o çelo e governo ecõ grande quietassão de spirito se deu ãtãõ mais a Deos
sem tantos cuidados, foi algũs trienios vigaria da ditta reformadora, e sendoo adoeceo da
ultima doensa enãõ abbadessa como se dis ã *jardim de portugal* por que onãõ tornou
aser mais.

20 Em osilensio era prõptissima e sendo abbadessa o fes guardar de sorte que desde
cõpletas ate ditta prima não falavãõ senãõ por acenos selhe era nessessario algũa cousa,
e ella cõ seu exsẽplo as insinava mais que cõ palavras. foi de grande penitensia e muita
orassão e em quanto teve saude não faltou do coro nũca emai[s]⁹⁸⁹ comunidades. Era
grande devotta do grande baptista e do seraphico doctor sãõ boaventura provou a Deos
25 cõ hũa larga e perluxa ãfermidade que lhe durou sette annos ã que mostrou hũa
passiensia sobre nattural por que desia hũa dessipula sua que lhe aestia que hũa
pequena queixa lhe não ouvira [fl. 2 v.] que a tomava por merce de Deos e asim tinha
grande cõformidade com sua vontade.

⁹⁸⁸ e] repetido.

⁹⁸⁹ Palavra cortada.

Era omal de perlesia⁹⁹⁰ que lhe tomou todo o corpo e alingua que nenhũa pessoa aentêdia e por nẽ mãos ter para escrever esta desipula que pello costume aintêdia lhe serviu de interpette ã as confissões as quais desia ella lhe erão grande confusão por conhecer melhor amestra que tinha recebia a santa comunhão cõ muita devassão e
5 lagrimas e mui a meude.

Não lhe faltarão ã esta larga e penosa enfermidade regallos de seu devino esposo porque em a ultima pascoa da resurecsão que viveo vindo sua dessipula de matinas (que em esse dia se pedisẽ ã este convento ao rõper da alva) a achou mui sobresaltada esoube della como lhefiserá nosso senhor jesu christo merce de lhe aparecer ressucitado cõ hũa
10 crus de tanta claridade que a lus da candeia que tinha acesa ficara escura, cõ esta soberana vista se regalou em quanto suas cõpanheiras cantarão as matinas. outras muitas merces lhe fes que por negligensia se perdeo amemoria dellas.

Pedia cõ muita eficacia a hũa religiosa chamada soror isabel da consepssão estando ainda sam lhe pedice a Deos a despenase de tão cruel purgatorio e alevace para sim a
15 religiosa que era tão bem de grande vertude adoeção e morreo ã breves dias e dipois apareçeo a madre catherina da madre de Deos e diçelhe que se consolasse por que so hũa religiosa ã este convento avia de passar de esta vida primeiro que ella [fl. 3 r.] que como aviçe morrer se aparelhasse, o que fes cõ grãde consolassão spiritual e bespera dos apóstolos são simão e judas mãdou chamar a abbadessa renupssiou em suas mãos
20 essa pobresa de que husava e pediu lhe hũ abitto por amor de Deos para aemterrarem como e costume da nossa ordem e que logo lhe dessem a sancta unsão por que posto que avia de viver mais hũ mes não queria ã elle ter outro cuidado mais que aparelharse para morrer.

Chegou o dia de sua ditosa morte que foi o de sancta cesilia⁹⁹¹, avialhe pedido sua
25 dessipula que se a ora della viçe oglorioso baptista lho diçesse e pera onde ovia ã amadrugada do ditto dia lhe aparecerão algũs santos de que era devotta mas so particularisou a elle e são boaventura⁹⁹² e pergũtandolhe a dessipula pera que parte estava o devino precursor porque cõ acriassão avia tomado amesma devassão lhe

⁹⁹⁰ *perlesia*] "parlezia", forma utilizada no séc. XV," HOUAISS, 3º t, p. 2758; mesmo que "paralisia".

⁹⁹¹ Celebrado a 22 de novembro. Santa Cecília foi virgem e mártir romana. Sendo obrigada a casar, convenceu o noivo pagão a batizar-se. Faleceu a 22 de novembro, Jorge Campos TAVARES, *Dicionário de Santos*, p. 38.

⁹⁹² São Boaventura, Doutor Seráfico, segundo fundador da Ordem de S. Francisco. Nasceu em Itália em 1221, estudou Teologia na Sorbone, França, redigiu as *Memórias de S. Francisco*. Faleceu a 15 de julho.

apõtou para hũ lado do altar que selhe avia feito para admenistrarẽ os sacramentos, a religiosa cõ o fervor da devassão se abrassou cõ oaltar e andou por toda a casa de juelhos beijando o chão por donde lhe parecia averia passado e a enferma sesorriu succedeo ã o officio de seu êterro hũa cousa maravilhosa que querẽdo as religiosas
5 cantar os psalmos de canto chão como he custume da ordẽ nũca puderão senão avoses e aporfiando muitas veses, a isso não era mais ã sua mão e assim os diçerão todos de fabordão por ser vontade de Deos enão das que cantavão.

[fl. 3 v.] Fasião ã aquelles dias muitos frios e chuvas dicelhe hũa religiosa por graça que não morresse em dia de tanta chuva que seria o enterramento muito trabalhoso ao que
10 ella respõdeo que seria o dia ã que a enterraçem como de verão, assim succedeo porque sendo o dia atras ã que ella faleçeo de muita chuva ao seguinte em que derão sepultura a seu corpo não so anão ouve senão tão grande calma que mãdou a abbadessa as religiosas levantar os veos de anterrosto (que por que estão os frades presêtes se tẽ ã estes actos) por que a calma as abrasava.

15 Adessipula que acurava era mui atormentada de dor de ãxaqueca efasẽdo muitos remedios não [não]⁹⁹³ avia nenhũ que lhe aproveitasse cõpadecida sua mestra della lhe diçe que se ella fosse tão ditosa que viçe a Deos lhe prometia alcansarlhe não tiveçe mais aquelle mal assim succedeo que nũca mais ã sua vida que foi bẽ larga o tornou a ter faleçeo esta serva de Deos cõ muitos sinais de oser a 22 de novẽbro anoite ã o anno
20 de 1568.

da madre maria da crus segũda reformadora - cap. 2

A madre maria da crus foi nattural desta vila viçosa e de muita calidade porem não se sabem ja oje os nomes dos pais, prophessou ã o religioso convento das chagas da
25 mesma vila e desde que tomou o abitto [...] ⁹⁹⁴ e por tal a escolheo [fl. 4 r.] a senhora duquesa para mestra da observansia ã este convento que avia pouco se subjectara a ella que o que se dis ã *jardim de portugal* que ãtão a aceitarão e falsso porque quatro annos avia que erão desta obediensia porẽ por hũ moto do papa que ã esse tẽpo veio que aos

⁹⁹³ Repetição da autora.

⁹⁹⁴ Soror Antónia escreveu esta página até ao limite inferior do papel, o que fez com que esta última linha se tornasse ilegível por força das dobras e pequenos cortes na extremidade da folha. Deduzimos, no entanto, pelas marcas de tinta que sobejam que o que esteja em falta seja "desde que tomou o abitto [foi hũa mui grande religiosa e] por tal a escolheo...".

conventos de novo redusidos a observansia lhe dessê mestra que ã outro estivesse ja bẽ
instruida nella e assim por esta resãõ como por quantas religiosas andavãõ aflitas de
escrupulos de nãõ entẽderẽ bẽ aque se hubrigarãõ veio esta madre a insinallas o que fes
cõ hũ spirito devino elhes resolveo e alhanou todas as duvidas cõ grande prudensia e
5 como quẽ era inspirada por Deos de quẽ foi tãõ mimosa, que estando ainda ã o seu
convento das chagas lhe apareceo Cristo cõ acrus as costas nãõ entẽdeo por ãtãõ esta
ilustre religiosa o que esta visãõ segnificava depois conhesseo que em os trabalhos que
pella obediensia teve ã esta reformassãõ queria o seguisse por que forãõ excessivos
epassados cõ grande passiensia por que governou trinta annos, ao prinsipio 27 e depois
10 tres, ensinãdoas mais por obras ebõ exsẽplo que cõ palavras e as regeo cõ grãde pax e
religiãõ quasi todo o tẽpo que cõ ellas viveo tendo sempre muitas ocasiões de merecer
porque achou todo o convento por edificar ecõ as obras demandas e nessessidades delle
padeçeo muitos trabalhos. Era mansissima e tãõ afavel que todas lhe chamavãõ amadre
nossa mãi e ella a ellas filhas e como essas as amava, sẽdo cõ todas caridosissima
15 prinsipalmente cõ as enfermas, e fracas.

[fl. 4 v.] Estando hũa ves emferma e cõ grande fastio lhe trinchou hũa religiosa agalinha
e por lhe faser appetite dicelhe por serto minha mãi que a comera eu agora que tãõ bẽ
cheira e me sinto mui desfalecida respõdeolhe a madre maria da crus pois por sancta
obediensia vos mãdo que a comais dicelhe a religiosa como pode isso ser se estou sã e
20 nãõ e dia de carne respõdeolhe ahisto mãdovos que a comais logo obedeçeo a subditta
nãõ cõ pouco themor seu e admirassãõ das presentes, mas era tãõ respeitada que nãõ se
atreveo ninguẽ a replicarlhe e se calarãõ todas de ahi a dous ou tres dias faleçeo a
religiosa de hũa morte apressada, enãõ e de crer de hũa perlada de tãõ inculpavel vida
que mandaçe cousa cõtra alei de Deos eque comesse sua subdita carne ã dia prohibido
25 pella igreja sem particular lux do çeo para saber sua nessessidade e assim o entẽderãõ
todas e que elle lhe dera a conhecer afraquesa corporal de aquella filha para como mãi a
remedear cõ a costumada charidade.

Tinhãõ todas para sim que Deos selhe comunicava muitas veses eque nelle via oque a
suas filhas avia de succeder porque hũ dia saindo da noa⁹⁹⁵ ã o tẽpo que se dis ao meio
30 dia depois de silensio passou pello semiterio das defũctas bateo em o chãõ cõ o bordãõ ã
que se sustentava e dice cõ hũa grande e temerosa vos ãmendaivos mossas que nãõ

⁹⁹⁵ Hora do officio divino que se refere ao meio da tarde.

sabeis oque esta noite vi e histo repetia algũas veses banhada [fl. 5 r.] em lagrimas rodea[ra]rãona⁹⁹⁶ todas e cõ aflissão lhe pergũtavão mãi diganos que viu ao que ella so respondeo, vi todas estas sepulturas abertas. asim succedeo que de ahi a poucos dias
5 etodas as mais forão mossas a este tempo não era ella ja perlada ã quãto o foi e depois de onão ser era mui humilde e em as obras de humildade como varrer etudo mais a primeira dando exsẽplo a suas subditas que tudo que ensinava obrava primeiro. foi voluntariamente pobre e padeçia algũas nessessidades segũdo ouvi as antigas que a conhecerão era de mui fervente oração emeditassão da vida epaxão de Cristo de que era
10 devotissima e em tudo hũ raro exsẽplo de vertude.

Avendo 27 annos que era abbadessa pediu ao perlado a deixasse ter descanso e elegesse outra foi geral a desconsolassão de todas ecõ lagrimas lhe pedião não deixaçe ogoverno, ao que ella cõ sua costumada brandura satisfes disendo que estava mui gastada e quebrãtada de trabalhos que a deixassẽ respirar sequer por tres annos que ella lhes
15 prometia passados elles tornalo a aceitar, cõ esta promessa e cõ lhes apõtar a em que avião de vottar consẽtirão ã faser a primeira elecsão e passados os tres annos a tornarão a eleger cõ todos os vottos governou este trienio cõ amesma satisfassão que os⁹⁹⁷ de mais annos que por todos forão 30.

Não quis Deos fosse sua morte ãtre tantos trabalhos e cudados como hũa perlasia tras consigo, e asim esta acabada a chamou Deos para sim, [fl. 5 v.] sendo abbadessa a
20 veneravel madre soror maria das chagas tendo de idade 77 annos.

Disẽ as que oje são vivas desse tẽpo que ãtrando esta religiosa pello coro hũ dia poucos antes de faleçer viu diante de si hũ vulto que não pode devizar o que era muito branco e claro e que chegava ao tecto do coro logo se preparou para morrer reçebendo os
25 sacramentos cõ muita devassão e fervor de spirito.

Sendo a desconsolassão de suas filhas geral passou desta vida a eterna ã o octavario de nosso padre s. francisco a des octubro anno de 1588 quãdo seu corpo se sepultou se viu levantar de sua sepultura hũ lume como de tocha, ã sendo noite se viu atorre dos sinos do convento cheia de claridade como de luminarias histo não so das religiosas mas dos

⁹⁹⁶ Provável lapso da autora.

⁹⁹⁷ Rasura.

seculares de fora, que parece quis Deos celebrasse a terra a gloria que sua ditosa alma
pussuhia e oceo e dar cõ histo sinal ao mûdo de suas vertudes.

Quãdo se abriu asua sepultura achousse o seu cordão inteiro repartiusse por as religiosas
e disẽ fes milagres mas forão tão negligêtes que não so os não autenticarão mas nẽ
5 deixarão nenhũa lembransa.

Histo e o que ao presente lembra de sua vida que por tradissão temos foi inculpavel tudo
seja para gloria de Deos e edificassã nossa amen.

[fl. 6 r.] da madre catherina das chagas - cap. 3

10 Amadre catherina das chagas foi a primeira religiosa depois das fundadoras que tomou
o abito e faleçeo de tanta idade que são ainda vivas algũas que a conhesserão. quando
tomou o abitto ja era orfã de pai e mãi cujos nomes se não sabẽ nem quẽ fossẽ derãosse
suas legitimas para dotte sẽ lhe ficar nada para socorrer suas nessecidades e por esta
resão viveo sempre ã grande pobreza o que ella passava cõ muita alegria e passiensia
15 como quẽ voluntariamente aescolheo.

Avia nella muitas vertudes particularmente era de muita oraçã em quãto teve idade era
grãde seguidora do coro e comunidades depois de velha e entrevada em sendo onse oras
da noite se punha em oraçã e se preparava para resar matinas ãaqual gastava ate ameia
noite que em achando as comessava porque não podia ir ao coro cõ as demais cõprir sua
20 hubrigassão como fes ate que as forssas lhe faltarão este costume guardou todo o tempo
que viveo por que desia que aquelle era o tempo que se avia de dar a Deos como mais
desẽbaraçado das ocupassões enegoseos do mûdo. foi tão pobre como se ha ditto easim
a socorrião as religiosas cõ suas esmollas para este efecto tinha hũ sestinho pẽdurado em
a çela e ã elle lhe punha cada hũa o que lhe queria levar ã ella o vendo despejado desia a
25 hũa imagẽsinha de santo antonio que tinha ede que era grande devotta santo antonio ja o
sestinho não tem nada, contasse por maravilha [fl. 6 v.] que logo se lhe tornava a prover.

Não tinha mais renda de seu que hũa galinha a qual sobia a escada e hia a sua cama ã
que estava entrevada enella lhe punha cada dia hũ ovo e tornavasse ao quintal e posto
que podia ser sẽ milagre o ser esta religiosa tão pobre em extremo e de tão asignalada

vertude nos da motivo a termolo por obra da providencia devina porque cõ elle se sustentava que a casa como fasia obras não acodia as religiosas.

Foi grão zeladora da religião equalquer defecto zelava como grave culpa porque em ella não avia nenhũa que notar e asim procurava que suas irmãs vivecem cõ a mesma
5 perfecção, era mui prõpta na obediencia e por ella passou grandes trabalhos indo por fora apedir para as nessessidades do convento cõ outra cõpanheira antes do santo consilio tredentino e nisto passou as descomodidades que se podẽ considerar ã hũa
10 molher fraca desvalida e velha porẽ a obediencia e grande zelo que tinha do proveito do convento fassilitava todas e a desconsolassão de perder o soçego que ã elle gosava porẽ para todo o trabalho e serviço ella mesma se offerecia cõ humildade cheia de annos e merissimentos passou de esta vida a eterna ã vespera de nattal.

[fl. 7 r.] da madre soror anna de jesu - capitalo 4

Foi esta religiosa natural de almada filha de gil correia cavaleiro de el rei e de
15 margarida pacheca moradores ã a ditta vila, ouve ã ella muitas vertudes prinsipalmente a da passiensia a qual se lhe conhesseo em hũa enfermidade mui larga da qual se entrevou enão por velha porque onão era quando Deos alevou para sim em ella o agradou tanto que mereceo appareçerlhe hũa ves cõ a crus as costas porque se cõta que ficando so
20 quãdo veio a religiosa que a curava eservia a achou sobresaltadissima do que avia passado por ella dando sinais as mostras exteriores doque sua alma avia gosado equasi fora de sim lhe diçe, não sabeis o que vi soror francisca (que asim se chamava a que lhe azeria) não sabeis o que vi e fasendo ella instansia lho contaçe diçe vira nosso senhor jesu Cristo cõ acrus as costas que lhe passara pella ilharga da cama e dera volta pellos⁹⁹⁸
25 pes della cõ esta soberana vista se animou apassiente enferma a sofrer melhor as molestias da infirmitade ã aqual e de crer que teve grande meressimento pois alcansou tal favor e rezeberia outros muitos que por negligensia das antigas não ficarão em memoria so se sabe das que oje vivẽ e a conhecerão que era religiosa de grandes vertudes e que como [essa]⁹⁹⁹ acabou cõ grande exsẽplo de sua vida enotavel passiensia.

⁹⁹⁸ Mancha de tinta.

⁹⁹⁹ Impercetível.

[fl. 7 v.] a madre soror paula de hierusalem - cap. 5

5 Desta religiosa se contão muitas vertudes prinsipalmente tinha duas de que as antigas
sẽpre a louvavão por unica ã ellas grande humildade e muita charidade para cõ todos os
proximos sã aseissão, era zelosissima da observancia da regra mui pobre e cõ grande
10 menos preso de sim mesma asim ã o vestir e trato de sua pessoa como ã tomar todos os
trabalhos e serviço sobre sim parecendo que para elle não avia outrẽ mais que ella e
como se so ella viera a religiã para aservir easim mesmo ao convento sã nõca se cansar
nã ser nessessario ser mandada sendo que era das primeiras que tomou o abitto, teve
muitos trabalhos e molestias ã ir pedir por fora antes do santo consilio cõ outra
15 cõpanheira mas como erão pella obediencia todos lhe parecião suaves. fasia muitos
mimos as musicas e as quevia prestar para oserviço de coro e desia que pois Deos lhe
não dera vos para o louvar queria animar cõ seus regalos has que elle dera talento para
isso, ate das meninas do coro tinha cuidado de lhes ter o almosso feito para quãdo
sahissẽ delle que como tinha tudo em seu poder e de tudo servia não perdia ponto de
20 charidade cõ suas irmãs, todas lhe chamavão dona e ella a todas nettas ese alegrava e
regalava muito cõ isso amãdoas como se o fora e em as obras oparecia por que a todas
servia cosia eremẽdava as suas roupas sinhas sem mais intereçe que o da charidade
cheia de annos evertude acabou sua louvavel vida.

20 **[fl. 8 r.] amadre soror maria da expectassã cap. 6**

Foi esta religiosa filha de hũ medico da senhora infante dona isabel que se chamava
cosme damão o qual era de nassão, morreo deixando duas filhas orfans esta de 4 annos e
outra mais velha a ãbas emparou a senhora infante metendo amais velha ã o convento
das chagas desta vila eamais mossã ã este da speransa da idade ditta como se criou cõ
25 oleite da doctrina de tão grandes servas de Deos sahiu como feitura sua, por que se dis
della era sua vida inculpavel, como se sahiu do mundo tão menina enão via parẽtes, não
soube nõca que era de nassão, foi mansissima a favel e mui humilde e sobre tudo grão
seguidora do coro quãdo era menina desde omeio dia andava cõ omãtinho ã amão
pergũtando que oras erão para ãtrar abespera no coro primeiro que todas por que lhe não
30 levaçe algũa a bensão do anjo que queria ganhar por deligente e histo servia de
intretinimento as religiosas por que ainda a lingua anão ajudava a explicar oque desia e
ja Deos ainclinava aservilo cõ tanto cuidado e este custume de ser das primeiras ã o

officio devino guardou toda avida, em otucado e vestido tinha tal modestia que tudo em ella era hũ exsẽplo de vertude e na cõpustura exterior dava sinais da interior pureza de sua alma, tinha hũa sancta innoçente¹⁰⁰⁰ que conservou toda avida que não foi mais que de 21 annos.

5 Succedeo que sendo ainda da escolla teve hũas [fl. 8 v.] resões cõ hũa religiosa mal acondicionada e pouco sufrida esta lhe chamou christã nova não entendeo esta bẽditta menina oque aquillo era porque não avia ouvido tal nome mas pareceolhe não era bõ foisse chorando a abbadessa que emtãõ era amadre maria da crus disẽdo chamoume amadre fulana christã nova digame minha mãi que e histo ao que aprudente perlada
10 respõdeo vaite ãbora menina não estu freirinha mossas e nova pois isso e oque se chama as freirinhas mossas e ella ficou muito contẽte, e cõ tal captella castigou a culpa de que nũca soror maria da expectassãõ entẽdeo oque aquillo nẽ soube (comoditto e) que era de nassãõ, chegou aora de Deos a levar para sim teve estando em a ultima hũ parasismo equãdo sahiu delle levantou a vos e dice povo ingratto que nũca conheçeste ateu Deos,
15 pareçe que aquella ora lhe deu conhessimento era delle para se cõpadeçer de sua duresa e aguardeçer¹⁰⁰¹ asua devina magestade a misericordia que cõ ella husou ã alivrar de tal segueira pediu logo as religiosas lhe cantassem *popule meus qui fecit tibi*¹⁰⁰² e ainda disẽ algũas pessoas o ajudou ella acantar de ahia pequeno intervallo comessou a cantar o hinno *o gloriosa domina*, e sendo que nẽ vos tinha porque de hũa esquinensia perdeo
20 otõ della lhe deu Deos em aquella ora tãõ grande e clara que soou por todo o convento, as religiosas se desfasiãõ em lagrimas asim de [de]¹⁰⁰³ perder tal cõpanheira como de devassãõ de ver tantas maravilhas, e vendolhe este fervor de [de]¹⁰⁰⁴ espirito lhe pergũtarãõ se queria lhe fossẽ buscar ao coro hũa imagẽ de nossa senhora que esta ã elle ao que cõ alegria respondeo [fl. 9 r.] pera que, não a estou eu vendo cõ o menino jesus
25 nos braços, pergũtoulhe hũa religiosa diseinos de que esta vestida ao que ella segũdou isso não quer ella que eu diga ecõ histo deu a alma a seu criador e podesse piamente crer que em cõpanhia da virgẽ sacratissima entrou ã agloria, foi afalta de tãõ grande serva de Deos mui sentida porque sua vertude dava grandes esperansas, faleçço de aquelle ramo

¹⁰⁰⁰ simplicidade] à margem. Parece tratar-se de um acréscimo de outrem, uma vez que a caligrafia é diferente da da autora. Parece ter havido intervenção de alguém (ainda que muito rara) no texto.

¹⁰⁰¹ *agardeçer* era forma utilizada no séc. XIV;; no séc. XV conviviam as duas formas *guardecer e agradescer*, HOUAISS, t. 1, p. 154.

¹⁰⁰² "Popule meus, quid feci tibi?" Improperia: *Ó meu povo, o que foi que eu te fiz?*

¹⁰⁰³ Repetição da autora.

¹⁰⁰⁴ Repetição da autora.

de peste que deu ã [em]¹⁰⁰⁵ este convento anno de 1589 tendo de idade como se dice 21 annos.

amadre soror eufrazia de ch[r]isto¹⁰⁰⁶ - cap. 7

5 Amadre soror eufrazia de Christo foi de inculpavel vida eadornada de muitas vertudes emtre todas se asinalou ã ser mui penitente e de muita abstinensia, e desta dura ainda amemoria ã este convento, sabemos de esta religiosa que todas as sextas feiras do anno tomava dessiplina e em as da quaresma quando fasião a da comunidade a tomava ella desde o pescosso ate os pes depois de esta ser acabada se hia cõ hũa companheira a hũa
10 casa escura e tomavão ãbas outra de sangue tãobem por todo corpo para este efecto levavão comsigo duas meninas do coro que lhe desião o psalmo de *miserere mei Deos*¹⁰⁰⁷ averços.

Succedeo hũ dia que virão as meninas junto das que tomavão desiplina hũ cão muito negro e grande que as asoutava cõ o rabo dando muitas veses ora ã hũa ora ã outra cõ
15 oque se banhavão todas em sangue asim como elle lhe dava, asõbrarãosse as meninas cõ grande extremo e derão grandissimos grittos cõ oque se acabou a [fl. 9 v.] dessiplina aquelle dia e hũa das religiosas foi buscar hũa lux enẽ em aquella casa nẽ ã todo o convento se achou algũ cão pello que se creio ser o demonio, e mais confirma ser asim verem as meninas o ditto as escuras.

20 Trasia esta religiosa de ordinario ciliçio, pella quaresma vestia hũ gibão delle dia de pascoa tirava este epunha hũ em opescosso de quatro dedos de altura epergütandolhe porque em tão grande festividade husava de aquella penitensia respõdia que por não se desmandar pella festa em rir e falar tanto recato tinha em sua consiensia e tão subjecta trasia acarne ao espirito que ainda hũ licito intretinimento lhe não consẽtia temẽdo que
25 cõ elle se resfriasse ofervor com que avia passado aquaresma cõ o mesmo levou todo descurço de sua vida, sendo em aoração e vegalias mui continua ã os jejums mui abstera porque aoque hubriga a igreja eregra que inviolavelmente não perdia hũ acreçentava

¹⁰⁰⁵ Repetição da autora.

¹⁰⁰⁶ Por lapso, a autora terá esquecido a letra *r*.

¹⁰⁰⁷ (Sl. 50, 3) Um dos salmos penitenciais, *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam; Biblia Sacra*, p. 590; "Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade"; *Bíblia Sagrada*, p. 890.

outros muitos ecomũmẽte anomeavão as antigas por grãde penitente e de rara vertude mas por negligensia sua e das que lhe succederão se não sabe mais que o ditto.

amadre soror maria da consepsão - cap. 8

5 Foi esta religiosa natural desta vila viçosa filha de pais mui illustres os quais se chamavão fernão rõiz de britto pireira¹⁰⁰⁸ fidalgo e veador¹⁰⁰⁹ do duque dõ joão primeiro do nome e dona magdalena de castro faleceo sua mãi primeiro ficando ella de mui pouca idade e logo de ahi a tres anos¹⁰¹⁰ passou seu pai a africa a guerra de el rei dõ sebastião ã cõpanhia [fl. 10 r.] do serenissimo senhor dõ theodosio ãtão duque de
10 barcelos que depois o foi de bargansa e 2º do nome, e em defensão da fe e da vida deste prinsepe perdeo a sua como outros fidalgos da mesma casa. ficarão lhe ãtre outros filhos tres meninas, a quẽ meteo ã este convento para religiosas hũ thio seu que se chamava manuel pessanha de britto primeiro daião da real capela de bargansa. todas tres forão grandes religiosas e de tão exsẽplares vertudes que de cada hũa pudera faser mensão ã
15 particular porẽ da 2ª em idade tratarei so, por que em seu dittoso transito lhe fes Deos merce de nos deixar certesa de ser de seus escolhidos.

Veio esta dittosa menina para este convento de idade de seis annos logo ã se sabẽdo que ficara seu pai morto ã a batalha; em aquelles tenrros annos comessou a dar mostras de sua boa inclinassão e de que Deos escolhera esta flor para sim por que em lhe vestindo o
20 abitto da ordẽ alevarão ao coro elhe mostrarão hũa pintura de nosso seraphico padre são fransisco que esta nelle aqual tem hũ remendo ã hũa mãga e vẽdoo comessou a chorar lhe deitassem outro a ella ã o mesmo lugar não tendo ainda lingua para explicar as palavras e ja tinha devassão para querer imitar a sancta pobresa de seu padre ecõtão que desia deitem me aqui hũ xameno logo como tem nosso padre são fransisco que não
25 podia formar palavras era o espirito a inclinava a seguir avertude que para Deos comonicar este a seus escolhidos não espera idade, e esta religiosa como o era cõ o leite aprendeo as boas inclinassões porque cõ a mesma viveo sempre cõ grande amor da santa [fl. 10 v.] pobresa o que desde esta ora se lhe pronosticou porque ella se não quietou ate lhe não deitarẽ o remendo cõ que ficou mui contente.

¹⁰⁰⁸ Provável familiar do autor do soneto dedicado a Soror Antónia, no fl. V, antes do início do "livro primeiro", que começa por "Com estillo escreveis tão levantado, destas flores as vidas...".

¹⁰⁰⁹ Funcionário superior da Casa Real.

¹⁰¹⁰ *anos*] sobreposto ao texto.

Foi sêpre mui humilde e de natural brandura e mansidão e tão subjecta a hũa religiosa que a criou eaque a êtregarão por ser de grande vertude de que hũ ponto não¹⁰¹¹ sahiu de sua obediensia, em a da perlada foi prõptissima, em duas vertudes disem as que a conhecerão que se asignalou, passiensia em os trabalhos e humildade, sempre se lhe
5 conheceo hũa singular puresa e simplicidade, não por falta de intendimento que otinha mui bõ mas por singelesa e innocensia da alma; cõ tão extraordinario sufrimento que sendo professa de pouco lhe deu a religiosa que a criou cõ ocordão em hũ braço por desastre ecomo abêditta menina era tão mãssa não so se não irou cõtra ella mas nê se queixou e asim hũa pequena nodoa que se lhe fes em o [...] ¹⁰¹² do braço se lhe agravou
10 de modo sê alguẽm osaber que minou o braço todo de que esteve tres annos em cama cõ excessivas dores etormêtos sobre naturais, por que o surgião que a curou era hũ judeu que fugia para gulfo, e como homẽ sem lume da fe o fes sê piedade cristã que era mais verdugo que surgião por que hũ dia lhe tirava hũ nervo outro hũ osso outro lhe tirava hũa pequena de carne oque a sofrida ãferma tomava¹⁰¹³ cõ estranha passiensia em
15 memoria da paxão de Christo oqual foi servido dar fim a tão grande purgatorio e prinsipio a sua gloria, deu ã este convento hũ ramo de peste como fica ditto este mal dava cõ ersipula feriusse ella em a parte lesa que a acabou [fl. 11 r.] de despenar, ressebeo os sacramentos todos cõ grande devassão e spirito e estando agonizando eas religiosas ajudandoa cõ as orações que a igreja ordena para aquella ora fes hũ termo e
20 saindo dele cõ os olhos ã hũ crucifixo que tinha ã as mãos dice para a madre que a criou que jũto da sua cama lhe estava resando pare thia (que asim lhe chamava) agora me prometeo este senhor agloria eterna histo diçe cõ muita alegria e espirou logo indo gosar de tão grande promessa como pia mente sepode crer o seu confeçor que ahi se achou dice que não fissesse ninguẽ os sinais que elle eseu cõpanheiro os avião de faser, porque
25 sinais de hũa sancta, so saçerdotes era bẽ os fisessẽ que ella o era como os que estavam no çeo histo se entẽde como aquelles aque por sua vertuosa vida da omũdo este nome sê serẽ recebidos pella igreja por esses, porẽ val muito este testemunho de seu padre spiritual para nos sertificarmos de sua grande vertude, faleceo esta religiosa de 18 annos os tres de freira quasi todos passou ã este tão penoso martirio que acabou anno de 1589.
30 Deste mal falecerão cõ esta religiosa outras sinco e hũa delas era outra irmã sua virãosse em estas mortes grãdes maravilhas e sinais de todas estarẽ em oçeo hũ deles foi que

¹⁰¹¹ não] sobreposto ao texto.

¹⁰¹² ilegível.

¹⁰¹³ tomava] palavra sobreposta em substituição de outra cortada pela autora.

tanto que hũa estava espirãdo se via de todo este povo hũa claridade sobre o convento e do das chagas e do passo era tão vegiado este sinal que desião alguẽ esta ja acabando na esperansa que ja la esta claridade esperemos os sinos [fl. 11 v.] e ã disendo histo comessavão a dobrar ca.

5

da madre soror maria da trindade - cap. 9

He esta religiosa tão antiga que não se sabe quẽ fosse nẽ de seus pais ha noticia so dura memoria de suas grandes vertudes prinsipalmente a da humildade que disẽ as antigas era admiravel e tão pouca a estimassão ã que se tinha que morrẽdo muivelha nũca se achou dina de nenhũa cousa que se desse as demais, athe do fogo em oinverno se não achava mereçedora equãdo o hia buscar a cusinha por que o frio a apertava muito era cõ tanta humildade que admirava e para elle levava hũ pedasso de telha por que era sua pobresa tão extrema que nẽ hũ fugareiro tinha de seu e ainda ãtão lemitado vaso lhe parecia devião negarlhe hũas brasas.

15 Era pobrissima não tinha de seu mais que oque a comunidade lhe dava que era bẽ lemitado como o convento estava por faser nẽ avia durmitorio, alojavãosse como podião por hũas casinhas que so ãtão tinhão, aesta religiosa lhe cahiu hũa ã sorte tão pequena que mais era estreita sepultura que casa, nẽ sabemos como ali coube cama mas era ella tal e de tão pouco regalo que menos lugar lhe bastava, ã ella tinha duas cubertas por lensoes enẽ por velha husou nũca deles o ornato e alfaias desta casinha era hũa cortisa ã
20 que se sãtava sã ter mais nella sendo ã si desabrida e humeda [fl. 12 r.] porque era soteia, ã este lemitado e penoso aposento fes hũa vida anjelica, o silensio era continuo por que cõ nenhũa pessoa falava mais que o nessessario nẽ sahia de sua casinha senão para as comunidades, em o toucado e vestido foi hũ vivo retrato de nossa madre santa
25 clara.

Foi sobre modo charitativa, e sendo tão pobre gastava o tempo ã deitar remendos e faser custura por amor de Deos has que lho pedião sem outro interes ou premio, e para este efeito tinha ã asua casinha hũa corda atrevessada para que quẽ levasse roupa ou fato para ella lhe remendar o deitaçe em ella dandosse por paga de seu trabalho em servir o
30 proximo, pois nẽ ainda de quẽ era queria saber nẽ o precurava.

Seguia as comunidades pontualmente, e como vevia tão so e retirada não se sabia mais de seus exercissios.

Foi devotissima do martir são bras este glorioso sancto lhe fes merce de lhe aparecer agora da morte ella o festejou rindosse e disendo o meu são bras o meu são bras e em
5 o meio desta alegria deu a alma a Deos em as mãos de seu avogado.

[fl. 12 v.] da madre soror ines de jesus - cap. 10

Não fica este convento livre de culpa do pouco que de esta grande serva de Deos se sabe, e cõ grande magoa minha so escrevirei, por não aver ã tantos annos hũa religiosa
10 que tratasse de deixar memoria de tantas maravilhas, e assim consumiu o tempo amor parte dellas. desculpavãosse as antigas cõ diser que a modestia e humildade cõ que vevião lhe não dava lugar a precurar louvores por ã não desião bẽ que como a vertude e dõ de Deos a elle so se devião e não a ellas, que cõ sua nessa humildade lhe tirarão nesta parte os que se lhe pudião dar pellas muitas merces que fes a esta serva sua e assim
15 tratarei do que oje lembra que e bem pouco.

Foi esta religiosa natural da vila de estremos filha de pais mui nobres e tão grandes christãos que mereçerão dar a Deos tais plantas chamavãosse rui dias de oliveira e margarida mexia ella natural de cãpo maior e seu pai de estremos donde forão moradores. ouverão emtre outros filhos duas a madre soror maria das chagas que era
20 amais velha e a madre soror ines mais moça que e a de que agora trato.

Desde sua menenisse se lhe conhesseo mui boa inclinassão e natural por que sua irmã a madre maria das chagas o desia assim, equãdo contava suas culpas costumava a diser estas palavras [fl. 13 r.] peccadora de mim que mal gastei meus primeiros annos minha irmã soror ines mais moça resando lendo livros espirituais e fazendo oratorios e eu
25 moça tão grande folgando cõ bonecas. de sorte que esta serva de Deos sentia não a imitar ã aquella idade e dava testemunho de que em o tempo que as outras meninas tratão de semelhantes exercissios os seus erão mui diferentes e se sabia dar a Deos ã tão tenros annos e como em elles hia cressendo se hia afervorando em seu amor, por gosar delle cõ menos estorvos buscava sempre lugares solitarios e escuros para se dar a
30 oração não como menina, mas cõ hũ espirito que Deos lhe avia comunicado que como seu se adiantava aos annos o ãtendimento e ã este tẽpo se dava muito a ler livros

spirituais em suma sua vida ã o mũdo era de hũa perfecta religiosa porque ã elle so o corpo vevia que o spirito todo em Deos estava.

Tratarão¹⁰¹⁴ seus pais de a faser religiosa que era o mesmo a que ella aspirava pedialhes a meteezã ã hũ convento da primeira regra por aguardar cõ mais perfecção porẽ não teve
5 effecto por que Deos quis ornar este jardim da speransa cõ duas flores tão agradaveis asua devina magestade e de tanta gloria e hõrra como forão estas duas irmãs e como para elle as guardava permitiu que em a madre de Deos de lisboa as não quisezã a ãbas depois que a madre maria das chagas se resolveo ã não casar senão dedicarsse a Deos e como o amor nelle liga cõ mais lassos e donde ha mor semelhansa he mais [fol. 13 v.]
10 perfecto tinhão estas irmãs tanta na vertude que se amavão muito e não se atreverão a devedirssse asim que sentirão grandemente ver frustados os desejos de viver ã convento da primeira regra mas Deos que sempre favorece os que são justos permitiu que hũ religioso da observansia de nosso padre são francisco passando por aquelle lugar vesitasse rui dias de oliveira o qual lhe deu conta da desconsolassão de suas filhas pelas
15 não quererẽ a abas em amadre de Deos de lisboa ao que o religioso respõdeo que em vila viçosa avia hũ convento moderno que se chamava nossa senhora da speransa observantissimo que se ellas desejavão guardar a regra cõ perfecção que nẽ ã as da primeira a avia maior ecõtandolhe a relegião cõ que ã este convento se vevia se ofereço para falar has religiosas delle ã as duas noviças para as aseitarem alegrousse cõ tais
20 novas overtuoso pai parecendolhe era oque suas filhas desejavão easim quando lho diçe foi grande consolassão para ellas prinsipalmente para amadre soror ines que a outra muitos annos viveo depois de freira inquieta cõ os desejos de se passar as capuchas porẽ como tinha ointereço de se não devedirẽ seguiu avontade de sua irmã etomarão o abitto¹⁰¹⁵ a 7 de novẽbro de 1560 ã o anno de noviçiado não teve que aprender de
25 vertude porque todas se achavão em ella em suma perfecção dando de sim tal exsẽplo que em professando comessou ater dessipulas que levadas delle selhe fiserão familiares para as emcaminhar ã avertude por o caminho da salvassão.

¹⁰¹⁶Estas sabião seus exercissios o fervor de sua cõtina oraço que era tanta que selhe fiserão [fl. 14 r.] chagas ã os juelhos da grãde cõtinaussão de estar em ella não dando de

¹⁰¹⁴ *trata de ser religiosa*] à margem.

¹⁰¹⁵ *toma o abitto*] à margem.

¹⁰¹⁶ *oraço*] à margem.

descanso a seu corpo mais que ate meia noite por que indo has matinas se ficava em orassão e ochoro ate aprima.

5 ¹⁰¹⁷A cõtēplassão era altissima e ordinaria por que muitas veses avirão de noite pella claustra cõ hũa corda ao pescosso disendo ã vox destinta cousas altissimas e palavras everços jaculatorios ãtre os quais repetia muitas veses aquelle primeiro do psalmo 107 *paratũ cor meũ Deos paratũ cor meum*¹⁰¹⁸ etão ãlevada andava que não dava se de quẽ avia.

10 Tinha de costume traser ocordão dobrado na mão de sorte que lhe ficassẽ tres nos juntos e iguais e quando sevia mais so oulhãdo para elles desia tres desdobrandoo desia hũ so e histo tão elevada que não reparava ã quẽ lhe falava.

15 ¹⁰¹⁹Tomava todos os dias hũa larga dessiplina pedia a suas dissipulas cõ grande fervor de spirito a atassẽ ao pe da estante do coro que e como hũa coluna e que ali a asoutassẽ fortemente a imitação de Cristo atado a coluna as religiosas o intẽtarão porẽ as lagrimas e piedade cristã as não deixou obedecerlhe a madre soror joanna do spirito sancto que era tão bẽ das dissipulas por conserto de ella lhe fazer opropio condecendeo cõ sua vontade e por algũas veses dis que fiserão ãbas esta penitensia porẽ cõ a honestidade e decensia que requeria agrande vertude de ãbas.

20 Outras veses se hia apartes escusas e como nosso padre são francisco a frei bernardo lhes pedia a ellas deitandosse ã o chão cõ as mãos crusadas sobre o peito em hũa devota postura passassẽ por sima della [fl. 14 v.] elhe pusessẽ ospes na boca e ãtre outras muitas veses omãdou hua ves faser por que deu hũa repreensão asua irmã disendo que boca que se atrevera asua irmã mais velha era bẽ que fosse pisada aquem respeitava muito e todos os dias lhe desia a culpa de suas imperfecções aqual a repreendia e depois lhe pedia amadre soror ines lhe desse penitensia e lhe pusesse o pe na boca ella o fasia e 25 depois pagava ella a sua irmã o merissimento que cõ histo lhe grangeava ouvindolhe tãobẽ aculpa e fasẽdolhe amesma morteficassão e penitensia, quando se acabava a dessiplina da comunidade se lansava a porta do coro para que todas as que passassem fossẽ por sima della e a pisassẽ e as que ella tomava ordinarias erão sẽpre por todo o

¹⁰¹⁷ *cõtēplassão*] à margem.

¹⁰¹⁸ Salmo de David, (Sl 107, 1-2) *Paratum cor meum Deus, paratum cor meum: cantabo, & psallam in gloria mea, Biblia Sacra, p. 457; "Oh meu Deus, o meu coração está firme; quero cantar e salmodiar, ó minha glória!", Biblia Sagrada, p. 954.*

¹⁰¹⁹ *penitensias*] à margem.

corpo. ¹⁰²⁰o comer guardava mui grande tẽperansa e abstinẽssia por que não era mais que o que a comunidade lhe dava que era bẽ lemitado e ainda de essa pequena porssão dava ametade por amor de Deos, levava quando hia amesa hũ papel de sinza e amãga tirava o quinhão da esmola e o que ficava pera ella comer deitava.

5 Representava e seu coração estrar o menino Jesus pello rectorio e hir pedindo esmolla pellas mesas em chegando ao seu lugar não comia mais e ficava como absorta e alienada do devino amor. e asim deixava a fructa e o melhor que achava em a mesa para quãdo chegasse este devino pobre lho offerer deixando de o comer por seu amor
10 eaquẽ lhe nottava esta abstinensia desia deixava aquillo [fl. 15 r.] por lhe não fazer dano.

¹⁰²¹Foi pobrissima voluntariamente porque seu pai era rico mas nũca quis mais para seu uso que hũ abitto e mãto de pano grosseiro para verão e inverno, dous capellos para tocar de pano de linho grosso, por veo hũ beatilha tinca, e dous guardanapos para se alimpar este era todo seu eõval e alfaias que como tãto lemitado nẽ e que o guardaẽ
15 tinhão ella e sua irmã senão hũa trepissinha sem chave que lhes não servia de mais que de quando lhe mãdão da comunidade algũa cousa para comer por sua extrema pobreza porque propia anão tinhão fechava quẽ atrasia nella por a guardar dos gastos e nẽ esta
20 tinhão e açela como propia senão em o topo do durmitorio como comua e era sua pobreza tanta que de hũ pucaro de agua quando seu pai as vinha ver lhe hia da provisuria porque estas servas de Deos não tinhão mais cudados que de ajũtar riquezas e oço e serẽ nessessitadas de tudo do mũdo.

¹⁰²²Depois que fes profissão não viu mais pessoa secular mais que seu pai e asim falecẽdo poucos annos depois de vir a relegião não conhessia já parẽtes nẽ pessoa
25 nenhũa nem ainda de nome que como so de Deos tratava de tudo do mũdo se olvidou. Suas praticas erão de Deos e de todas as que fossẽ fora delle ainda cõ as mesmas religiosas fugia e das de fora se guardava ainda que fossẽ exsẽplares e espirituais as pessoas que a querião ver, tãto grande resguardo tinha em não perder a quietassão de sua alma e comunicassão cõ seu Deos que sumamẽte amava como se conhecia de suas acsões.

¹⁰²⁰ *abstinẽcia*] à margem.

¹⁰²¹ *pobresa*] à margem.

¹⁰²² *foge de tratos do mũdo*] à margem.

[fl. 15 v.]¹⁰²³ èvejoso o enemigo do genero humano de tanta perfecção a perseguia cõ muitas e diverssas tentassões a que resistiu cõ o favor de seu devino esposo varonilmente eposto que dellas não deixarão as antigas memoria nẽ sua irmã que e de quẽ as modernas sabemos a mor parte do que escrevo sabesse que foi mui tentada e que
5 muitas veses sem saber que a ouvião estando em oração ã o coro lansava ou atirava cõ o mato a este cão raivoso disêdo deixame malditto que me queres.

¹⁰²⁴Era obedientissima não so aseus perlados mas asua irmã a quẽ respectava como se ofora e quãdo dos dous capellos que tinha avia de por algũ cõ grande humildade lhe pedia que por amor de Deos lho deçe e licença para otoucar, quãdo seu pai as vinha
10 visitar se ella açertava achegar primeiro que sua irmã não emtrava em acasa das falas mas cõ grande humildade estava aporta esperando e chegãdo amadre maria das chagas pergũtava lhe por que não ãtrais soror ines, respõdia por que vos não entrastes primeiro, ecomo lhe desia que fosse abaxava a cabeça cõ tão grande submissão como se fora novissa cõ sua mestra e ãtrava.

¹⁰²⁵Em o silencio foi hũ exsêplo de vida religiosa por que nẽ cõ suas dessipulas que em Deos amava como filhas falava sêpre sendo que suas praticas erão so de doutrina e por evitar o quebrantamento delle e mermurações que em novidades sêpre são mui çertas e muito mais quãdo o demonio ã as obras de vertude [fl. 16 r.] pellas escureçer se as não pode evitar atiça este viçio para causar escandalo. por estas duas resões as ensinava por
20 cartas dandolhe regras de como avião de viver para Deos, destas andarão ainda em meu tẽpo muitas em este convento que erão como epistolas de são paulo, como della se teve sempre tão grande openião de vertude as guardavão hũas das outras que morrião como prẽdas suas por estas as devia de dar la fora aultima que faleçeo por que se lhe não achou mais que hũa ã que avia menos spirito eque mais parece entretenimento santo do
25 que lissão na via espiritual como erão as outras, esta que se achou treslado aqui para entretenimento do [do]¹⁰²⁶ leitor cõ as mesmas simples e singelas palavras cõ que esta, e dis asim

Amadas filhas ã o senhor jesu Cristo: as quais ã hũa tarde consebi: ainda que me não custastes dores custastesme muitos suspiros e tristesas que me fasem não durmir tudo

¹⁰²³ *tentasões*] à margem.

¹⁰²⁴ *obediensia*] à margem.

¹⁰²⁵ *silensio*] à margem.

¹⁰²⁶ do] repetição da autora.

histo porque vos não vejo ja todas em fogo devino arder, eu não perco as esperansas de vos ver de amor feridas e nos voços corassões as crueis chagas imprimidas, muitas veses estou sem sabor vos pergũtaisme de que sabeis serto por verdade que tudo são cuidados porque cõ vosco me não posso desẽfadar falando desse doce jesu, o minhas filhas da
5 minha alma se eu vos pudeçe mostrar o que este coração vos quer seria faser extremos e sẽpre ouvir mermurar.

[fl. 16 v.] vos que ficais sẽ officios

não vos queirais descudar

porque o officio dos officios

10 he sẽpre a jesu buscar

Jesu vos fes vigaria não para mandar mas para de vos se servir dailhe esse coração porque nelle quer dormir seja brando e açeito porque não diga nomeio da noite não posso asim durmir.

Voça depois da obediensia¹⁰²⁷

15 Devia de ser esta carta feita ã ocasião de elecsão e não perdia nenhũa de as advertir como se avião de aver todas ã agradar seu doce esposo; o estillo mal limado não e de estranhar que o de oje e mui diferente e histo ha 80 annos que a madre soror ines o escreveo que da polecia mũdana não soube nada porque so na devina aprendeo agradar aseu doce jesu e esta verdade se vera em suas inflamadas palavras.

20 ¹⁰²⁸A caridade para cõ o proximo foi nella hũ raro exsẽplo todos desejava ãcaminhar em oserviço de Deos como nesta sete pello que as antigas lhe davão em este particular ventagẽ de sua irmã disendo que se vivera ouvera de ser mais illustre ã vertudes e de mais fructo porque a madre maria das chagas era so para sim e ella para todas cõ suas orações as socorria por que não podia cõ outra cousa por ser como se ha ditto cõ
25 extremo pobre. sabendo que hũa religiosa [fl. 17 r.] andava muito aflitta e desconsolada cõ hũa grande tentassão chegousse esta madre a ella familiarmente e prometeolhe

¹⁰²⁷ Sublinhado da autora.

¹⁰²⁸ *caridade*] à margem.

remedio leva diante do santissimo sacramento estiverão espasso de hũa ora ã oração da qual se levantou aserva de Deos mui alegre ea religiosa livre da tentassão¹⁰²⁹.

5 Outra lhe comunicou hũa tentassão que apersseguia e cõ grande caridade tomou por ella hũa larga dessiplina e cõ esta medecina a curou tão de improviso que se achou logo livre della para sêpre¹⁰³⁰ não so tinha esta caridade cõ as amigas e que della se valião em seus trabalhos mas a mesma husava cõ as que a injuriavão como severa ã o caso seguinte em que esta religiosa deu prova de sua passiensia e humildade eque como abrasada do amor de Deos não sentia as injurias do proximo antes a sua imitassão rogava por elles.

10 Era amadre soror ines refectoreira¹⁰³¹ officio que se emcarrega as mais modernas freiras como ella era açertou a provisora apor em amesa hũa porssão a hũa religiosa que se descontentou e deu a culpa abemditta soror ines que anão tinha e como hũa cordeira não quis desculparse e disendolhe muitos doestos e injurias não mostrou ã o sêblante nenhũa perturbassão antes diçe que a nimguẽ tinha tão grande hubrigassão como aquella religiosa por que so ella a conhessia e tratara como merecia que as outras se ãganavão
15 tendoa ã melhor conta e diçe a sua irmã amadre maria das chagas [fl. 17 v.] que desde aquelle dia lhe quisera mais que a todas elhe desejava muitos bems pello que lhe fisera em a humilhar asim que a amava de sorte que a emcomêdava a Deos cõ grande instansia eque todas as veses que avia era constringida a abraçala se ella lho consentira e desde aquelle dia lhe punha omilhor na mesa porque a nenhũa folgava mais de contentar que a
20 ella.

¹⁰³² Chegou o fim de sua carreira e prinsipio de descanso do qual Deos quis dar sinais a sua virtuosa irmã para consolassão sua costumava a ficar ãocoro depois de matinas ate prima ã oração asim como amadre soror ines, nella avenseo hũ sono e se ãcostou ã o mesmo asiento do coró parcialhe que via hũa sepultura em que nenhũa pessoa se avia
25 sepultado toda armada de damasco branco e cercada a roda de sirios acesos, pergũtando para que era lhe desião que para hũa religiosa sentida de não aver pergũtado quẽ era deu tres passos atras a sabello e nelles acordou.

¹⁰²⁹ Segue-se um corte de três ou quatro palavras.

¹⁰³⁰ Sublinhado da autora.

¹⁰³¹ *Refeitoreira*, religiosa que se ocupava do refeitório.

¹⁰³² *morte*] à margem.

De ahí tres semanas estando ã aquella ora sua irmã sã e bẽ alevou Deos elhe derão a mesma sepultura que viu cõ os mesmos sirios so o forro de damasco não viu, eposto que ella cõ sua costumada humildade o contou por sonho a vertude tão nottoria de ãbas nos fasselita termolo por revelassão. chegando o tẽpo de sua morte aparelhousse para ella cõ
5 ospirito e vigilansia [fl. 18 r.] cõ que viveo, ressebeo os santos sacramentos cõ grande devassão renũpsiou essa pobreza de que husava em as mãos de sua perlada e diçe a sua irmã que lhe pedia não ficasse de seu enterramento antes lhe rogava ajudaçe a levar o seu asnhinho a sepultura assim o fes que sendo custume levarẽ os padres o esquite cõ ocorpo ella pediu lhe deixaçe a ella levar hũ pao delle para cũprir cõ oque sua irmã lhe
10 emcomẽdara oque fes cõ grande consolassão spiritual e admirassão de todas que não tendo vox ã as laudes de presẽte cõ que a ãterrarão ella as sustẽtou cõ grãde animo e maior vos que todas que cõ dor e lagrimas de tão grande perda paravão e a deixavão so ã ella se não viu nenhũa ã este acto, sẽdo ã todas gerais.

Em acabando de espirar ficou seu rosto tão resplandecente e fermoso que lho não
15 cobrirão como fasem as outras defũctas senão quãdo a deitarão aterra faleçeo pellos annos de 1574 pouco mais ou menos que em serto não se acha noticia mas esta e a mais bẽ fundada que o que se dis ã *jardim de portugal* que foi na era de 1571 e grande erro por que tomou o abitto ã a de setenta e se falecera quando elle dis não tinha de religião mais que o de noviciado he e serto foi freira annos porque tudo o ditto obrou dipois de
20 professa assim que ã este particular não selhe ade dar credito que ou foi erro de penna ou não se saber ã que anno tomou o abitto os que tinha de idade erão 24 tres meses e sette [fl. 18 v.] dias faleceo a 8 de novẽbro.

¹⁰³³Onse depois de seu transito estando suas dessipulas e amigas cõ a madre maria das chagas tomãdo dessiplina por ella virão ã o coro donde estavam hũa roda de claridade
25 como o sol qual alumiou de sorte que cõ ella devisarão as feissões de hũa imagẽ de nossa senhora que estava ã o altar por diante do qual passou fasendoas Deos certas cõ esta maravilha da gloria que possuhia.

¹⁰³⁴De sua morte a trinta dias apareceo a hũa religiosa vestida de branco cõ hũa grinalda de flores em a cabessa.

¹⁰³³ *aparecimento*] à margem.

¹⁰³⁴ *outro*] à margem.

¹⁰³⁵Andando a madre maria das chagas depois de sua morte mui cōbatida de se mudar para hũ convento da primeira regra e cō estes pensamentos mui inquieta hũ dia lhe parecia ouvia avos da madre soror ines que das alturas lhe falava e diçe o irmã minha se deixasses ja tua vontade ella ãtendeo era a moestala e desde este dia sequietou ã estes
5 desejos.

¹⁰³⁶Por tão vertuosa era reputada ã este convento que todas as religiosas que passavão por sua sepultura erão compelidas a faserlhe reverensia e sã saber como ou por que lhe abaxavão a cabessa, não sabião hũas de outras eachãdosse hũ dia todas juntas dicerão ãtre sim que não podião passar por aquella sepultura [fl. 19 r.] sã lhe fazer reverensia e
10 acharão que hũa forssa secreta movia todas.

Abriusse sua sepultura de ahi a annos achousse o corpo gastado¹⁰³⁷ todo mas acabessa cō os miolos frescos e alvos e sã currupssão algũa e sobre ella o veo inteiro foi levado das religiosas e afirmavão as antigas fiseramuitos milagres asim dẽtro ã o convento como la fora mas forão para tão pouco que não so os não autenticarão mas nẽ os
15 escreverão prinsipalmente disião tirava sesões.

Outras duas maravilhas obrou Deos por ella ã o anno de 1653 aprimeira e aque se segue e costume ã este convento ã o descurço do anno lersse ã o rectorio as vidas dos santos ã os dias que a igreja resa delles mãdou a madre abbadessa paraçe esta lissão e se lesse nelle este livro has religiosas antes de se tirar do borrão para que ãmẽdacẽ qual quer erro
20 que lhe achassẽ como pessoas que mais pudião testemunhar da verdade foisse lendo ã dias e succedeo que ã 7 de outubro se acabasse a mesa ã a vida da que antecedia amadre soror innes aos oito se leo como fasmus aos que estão canonisados pella igreja sã nenhũa cahir nisso se não ao ponto que se leo faleceo a oito de outubro ã o qual caindo todas ã que fora permissão devina rõperão ã lagrimas de ver que ã tudo Deos quer
25 darnos mostras de sua vertu[fl. 19 v.]de e que a conhessamos por hũ prodigio della. aoutra foi que estava hũa religiosa doente de hũa esquinensia de que se viu hũa noite tão apertada que lhe faltava a respirassão esentia morrerse querendo mãdar chamar o medico aque tinha esta carta da madre soror ines (que atras vai tresladada) ã seu poder dicelhe cō muita fe a pusesse ã agarganta antes de outro nenhũ remedio cō amesma a

¹⁰³⁵ *fala asua irmã do alto*] à margem.

¹⁰³⁶ *forssa çcreta cõ que a reverensivão*] à margem.

¹⁰³⁷ *milagres*] à margem.

aplicou a ãferma cõ muitas lagrimas e logo ã essa noite lhe arebêtou a postema lansãdo muita pessoa e ao dia que se seguia se achou da garganta de todo sã.

[fol. 20 r.] da madre soror antonia de Jesu - cap. 11

5 Foi esta serva de Deos natural desta vila viçosa filha de pais nobres e tementes a elle
principalmente sua mãi como ao diante se dira, ella se chamou leonor rõiz e seu pai
gonsalo madeira faleçeo elle primeiro e sua mãi ficou criando esta e outra filha mais
velha ã grande recolhimento e santos costumes, como era de tão grande vertude buscou
para sim e suas filhas hũ mestre que em o spiritual as ensinasse eguiasse pello caminho
10 della emais certo para sua salvaçã, este foi o padre joã simões capellã da capella do
duque nosso senhor homẽ de tão sancta vida que acabou cõ grande fama e exsẽplo a elle
sedeve avertuosa vida que fes leonor roiz e os bõs principios da madre soror antonia sua
filha, este religioso as comunicava mui familiarmente como padre spiritual elhes deu os
primeiros principios de como se aviã de aver ã a vida spiritual e em oraçã que em a
15 nossa soror antonia foi afervoradissima toda a vida, veio a religiã a seguir estes
exercissios nã a aprendelos que o bõ natural de que Deos a dotou com as lições de tal
mestre nã nesceitava de exsẽplos que quando Deos se comunica a hũ alma das
çidades fas desertos e dos palacios conventos e em qualquer parte acha exsẽplos e
inçentivos para oservir e amar mas [fl. 20 v.] como sub a dessiplina da religiã hecõ
20 mais merito esse buscou esta devotta donselã que recolhimento, vegalias, penitencias, e
oraçã em casa de sua mãi era em isso religiosa.

Em o anno de aprovassã foi exsẽplo raro de vertude ã profesando tratou de sorte de
cõprir oque a seu devino esposo prometeo que nã ouve nũca em ella que reprender e
muito que imitar sim.

25 ¹⁰³⁸Sua abstinencia foi grandissima por que alem dos jejũs da igreja eda ordem
acreçentava muitos voluntarios e em todos se contõtava so cõ o pouco da comunidade
quãdo ella os ordenava ou cõ apobresa que ella tinha quãdo erã por sua võtade, e assim
era a sustentassã mui lemitada para o corpo e a da alma. ã a oraçã mui ordinaria e de
grãde fervor sendo ã ocoro tão continua que so elle era sua çela por que ã elle via.

¹⁰³⁸ *abstinẽsia*] à margem.

Nũca trasia camisa e dous cilicios sēpre hũ em asintura e outro em agarganta o durmir era em hũa desabrida cortiça e por traviſseiro a almofada ẽ que cosia de dia, tãõ amiga foi de ẽcobrir suas vertudes que pela menhã puxava pella cubertas da cama e a desmanchava por que nãõ ẽtẽdeçẽ senãõ deitava ẽ ella, e do mesmo modo sujava pella
5 cela hũa camisa e de tempos ẽ tēpos a hia deitar em acasa da rouparia para que dandosse alavar nãõ se soubesse sua penitensia, mas como avertude nãõ pode ocultarsse que ecomo osol nãõ faltava quẽ espreitasse suas penitensias e o rigor de sua vida para que nos [fl. 21 r.] ficaçẽ estes exsēplos, tomava de ordinario mui largas dessiplinas e muitas veses de sangue e ha indicios¹⁰³⁹ que a cõpanheira de soror eufrasia aquẽ o demonio
10 asoutou ẽ hũa que tomarãõ foi esta religiosa mas nãõ se sabe de certo e sendo o nãõ foi esta ves so que o enemigo de toda a vertude a atormentou, porque em a dessiplina da comunidade que ella devia de tomar cõ grande spiritu como sua raiva delle mostrou lhe derãõ hũ asoute tãõ grande que hubrigou aquelle corpo macerado de penitensias e tãõ sofrido em os tormētos etrabalhos dellas a alevantar avox e diser valhame Deos nãõ o
15 ouvera de dar ninguẽ em si tãõ grande por duas circũstansias se creo ser o demonio a primeira porque nãõ estava ninguẽ tãõ perto della que lhe pudeçẽ alcansar cõ as dessiplinas e a segunda por que se notou que a dor delle lhe durou toda avida e ainda se dis que o sinal o que nãõ pudera ser se o golpe fora deste mũdo dado por desatento outra ves estando ha prima noite ẽ o coro como costumava ẽ oraçãõ e as escuras, lhe fiserãõ
20 hũ tiro de longe ao que a ella lhe pareceo cõ hũ breviario, a certou hũa servidora de estar a porta resando ouvio o golpe equeixarsse ella pergũtoulhe que tinha respõdeo, valhame Deos tãõ grande desacato que atirãõ cõ hũ breviario e derãome em hũ brasso que me esta doendo fechou aservidora aporta do coro por fora porque a culpada senãõ pudesse ir e foi buscar hũa lux, vindo cõ ella nãõ achou pessoa alguma [fl. 21 v.] mais que a
25 devotta religiosa ja cõ grande soçego ecõ o mesmo lhe respondeo alhe mostrar nãõ estava ali outrẽ, ora, sem mais outra palavra dando a ẽtender ẽ ella que sabia de que mãõ sahira o tiro que sem duvida foi o demonio que nenhũa ocasiãõ perdia de a molestar e ver se cõ asõbros e inquietassões a podia faser perder aconsolassãõ que em a oraçãõ sua alma sentia.

30 Mesmo ẽ ella ficou esta religiosa ẽ o coro hũa noite acabandose matinas como outras veses, succedeo ou por desatento ou por Deos asim opermitir que a nãõ virãõ e asim a

¹⁰³⁹ *perseguições do demonio*] à margem.

ultima que sahiu fechou a porta do durmitorio como era custume, de ahi a espasso baterão a ella rijamête indo abrir acharão a madre soror antonia que era aque batia mui atemorizada e envolta ã cor e por êtão não dice nada senão que se ficara vensida do sono eque as ultimas a deixarão so e as escuras que ouvera temor, isto dice ao que se entêdeo
5 por dessimular e emcobrir sua oração que devia de ser tão subida que de não estar ã sim não deu fe de ficar so eas escuras, que se durmira nũca aquele cão raivoso se ãbravessera tanto, contou dipois a hũa amiga que a alevãtarão no ar eque delle sendo aseu parecer mui alto a deixarão cahir cõ grande [cõ grande]¹⁰⁴⁰ golpe que a magoou muito outras muitas persseguições lhe devia de fazer o demonio que não podia sofrer
10 tanta perfecssão mas ella por sua grande modestia não dava conta de cousas suas a nenhũa pessoa senão a Deos cõ quẽ se consolava em seus trabalhos edestes se sabe porque quasi forão publicos eos não pode occultar.

[fl. 22 r.] Tão bem lhe não faltarão visões do çeo que quẽ vevia cõ tanta limpesa de consiensa e se exsercitava tanto ã a oração econtemplassão muitos favores avia de
15 receber de hũ Deos tão piedoso.

Succedeo hũ dia que indo hũa servidora ao durmitorio a oras de cõpleta e passãdo pella sua cella ouviu que falava êtõ alto e reparando nisto levantou o lensol da sua çela imaginãdo teria ella algũ mal, viu que estava de juelhos etão absorta que não deu fe della, passando hũa religiosa repreendeoa de estar aquellas oras ã o durmitorio ao que
20 aservidora respõdeo lhe perdoasse que fora açerto recado eque ouvindo aquella madre se parara aver se tinha algũ mal e que estava admirada de aver escutando a religiosa tão bẽ entre outras cousas lhe entêdeo aquelle 2º verço do psalmo 142 *et non intres in judicio cum servo tuo domine*¹⁰⁴¹ e diçe para a servidora idevos que esta ã juiso cõ Deos e isso he oque tem, toda anoite ou amor partte della gastou ã amesma cõtẽplassão e em a
25 temerosa visão por que cõ amesma aflissão repetia o ditto verço e outras palavras semelhantes que a themorisavão e compũgião os corações das que a ouvião, pelamenhã lhe pergũtou hũa vesinha sua que se chamava soror baptista que teve esta noite madre soror antonia que a ouvimos em grande tribulassão ao que ella respõdeo estas palavras

¹⁰⁴⁰ *cõ grande*] repetição da autora, talvez por lapso.

¹⁰⁴¹ Salmo de David, (Sl 142, 2) *Et non intres in judicium, cum servo tuo: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens, Biblia Sacra*, p. 467; "Não chames a contas o teu servo, pois ninguém é justo na tua presença", *Biblia Sagrada*, p. 988.

ai baptista não sabeis em que me vi [que me vi]¹⁰⁴² em juiso cõ Deos e era tão respeitada que esta nẽ [fl. 22 v.] outra algũa pessoa se atreueo a pergũtarlhe aserca disto mais nada, por que conhessião de sua modestia e secreto lhes não avia de disermais.

5 Julgue agora o lector cõ que puresa veviria esta alma aque Deos fes merce de mostrar aquella ultima conta tão temida dos bõs quão esquecida dos maos, se so considerada de quẽ a sabe ponderar basta para se emmẽdar hũa depravada vida que faria a experiensia ã esta serva de Deos cõ que sancto themor andaria sẽpre, que vigilansia puria em aguarda de seus sentidos, cõ que deligensia cũpriria o que lhe avia prometido, cõ que limpeza de consiensia o serviria, quẽ viu quão magnifesta sera a Deos ã aquella tremenda ora em
10 que se nos ha de pedir conta da mais leve palavra eminimo pensamento, tão estreita selhe representou que cõ grande aflissão se valia de aquellas palavras *et non intres in iudicio etc.*^a repelindoas muitas veses ese tão terribel e para os justos de cujo conto podemos piedosamente crer e esta grande religiosa que fara aos que tão descudados vivemos de hũa cousa tão çerta e verdade tão infalivel.

15 Ella se athemorisou de sorte que dobrou penitenssias e rigores se pudião ser maiores que os que ate emtão husava cõ seu delicado corpo e quando lhe deu o mal de que faleçeo que foi hũ accidente de perlesia lhe acharão mais que os dous cilisios [fl. 23 r.] ditos quatro dous ã os buchos dos braços e dous asima do juelho que por todos trasia seis.

20 A cama sendo mais de penitensia que de regalo nẽ em esa se deitava como fica ditto senão ã doensa.

¹⁰⁴³Guardou o votto da pobresa perfectissimamente porque de todo nessessario carecia voluntariamẽte tinha de seu hũa arquinha de pao pequenina nella estavam tres lensoes tres travesseiros e outras tantas toalhas de cabessa e tres camisas hũ par de lencinhos e
25 de guardanapos outro par esta pobresa tinha tão sã propio que achave desta arquinha tinha a madre abbadessa quando lhe era nessessario lenso guardanapo ou toalha hia apedirrho que o de mais não husava senão em doente que para ãtão o guardava.

Ë a obediensia foi prõptissima não faltando ã nada que por ella lhe fosse ãcomẽdado easim os officios da religião serviu com notavel perfecssão e exsẽplo, pellos ter não fes

¹⁰⁴² *que me vi*] repetição da autora.

¹⁰⁴³ *pobresa*] à margem.

nũca nada nẽ mostrou sentimento de algũas sẽrrasões que acerca delles lhe fiserão deixandosse ã tudo a despossissãõ dos perlados, como quẽ tãõ deveras avia negado a propia vontade tratando so de cõprir a delles como verdadeira religiosa. foi por a obediensia a reformar santa clara de bargansa cõ a madre maria das chagas por sua
5 vigaria e o fes cõ tanta religiãõ e prudensia que cõ seu [fl. 23 v.] exsẽplo a ajudou muito ã a reformassãõ de aquelle convento, e a mor prova de sua sancta e louvavel vida he que a ella esuas cõpanheiras escolheo sua altesa aserenissima senhora dona catherina para este caso de tanta inportansia e considerassãõ que por ser elecsãõ sua se pode conhecer quais todas tres erãõ, eque entre tantas estas achou mais aptas e assim ella nomeou
10 amadre maria das chagas para abbadessa esta madre para vigaria e amadre soror catherina do espirito santo para purteira, se ã toda a provinsia se buscarãõ outras de mais espirito prudensia e religiãõ se nãõ acharãõ por que erãõ verdadeiras imitadoras de nossa madre santa clara.

O que em esta reformassãõ padecerãõ de trabalhos o caminho, mao gasalhado em o
15 convento, pouca aseitassãõ de seus conselhos, so tres animos tãõ invensiveis o puderãõ tolerar elevalos cõ a passiensia que mostrarãõ aqual lhe deu Deos como era nessessario para tãõ arduo negosseio, dos trabalhos que padeçerãõ nãõ quiserãõ contar nũca nada em este seu convento pareçendolhe era irẽ cõtra a charidade e segredo que deviãõ, antes as desculpavãõ do que contavãõ assim religiosos como seculares que as acõpanharãõ que
20 forãõ os que diçerãõ as muitas contradissões que tiverãõ que nãõ podia deixar de as aver donde a relaxassãõ era tanta que he¹⁰⁴⁴ oviçio como a ma erva que quanto mais crecida pior se aranca.

Estas religiosas despuserãõ os animos das que antes os receberãõ forssadas de sorte que desterrarãõ todos [fl. 24 r.] os maos costumes contra a observansia da regra nãõ so cõ
25 palavras mas cõ exsẽplo e continua orassãõ ã que estavãõ todo otẽpo que de seus officios lhe vagava prinsipalmente esta religiosa que como seu officio de vigaria era mais livre de ãbaraços vacava mais a orassãõ e como ã oseu convento era ã aquele o coro asua çella, os exercissios os mesmos dos quais nãõ perdeo nũca hũ ponto nẽ das penitensias eabstinensia.

¹⁰⁴⁴ Rasurado.

¹⁰⁴⁵O zelo da religião foi toda avida nella hũa insaciavel sede nũa lhe parecia que ella nẽ as demais guardavão a regra como era bẽ, não lhe ficava defecto nenhũ por pequeno que fosse que não ãmẽdasse se podia ou o repreendesse e fisesse castigar sem aseissão de pessoas velhas e mossas amigas e que onão fossẽ nem o amor de sangue eparẽtesco a

5 fes torçer hũ nada da justiça nẽ afroxar de seu rigor teve ã este convento hũa irmã aque tinha grande amor como mostrava ã suas nessessidades e emfermidades ã que lhe não faltava no que podia porẽ em o que tocava a religião era hũ verdugo cruel porque quanto mais a amava mais a desejava perfecta esta religiosa tinha hũa cõrrespondensia de fora posto que escusada não tão escandalisativa para quẽ não fosse de tão singular vertude

10 como a madre soror antonia ella a persseguiu por todos os modos e meios que pode pondo a grande deficultade de contenuar a cõrrespondensia succedeo que querendo mãdar hũ sestinho e vendeçe impossibilitada para passar por a portaria intentou ãvialo por hũa parte desusada [fl. 24 v.] chegou a notiça de sua irmã aquẽ pequenas faltas suas se lhe representavão graves delictos tomou ella mesma o sestinho elevou o a abbadessa e

15 discretas cõ tanta inteiresa e zelo da religião como se a culpada não fora irmã senão enemiga e lhes pediu a castigaçem fello asim a perlada e a nosso ver cõ demasiado rigor por não ser o caso de tanta inportansia como aos puros olhos da madre soror antonia parecia ãtendeo a abbadessa que o mais riguroso castigo que podia darlhe ha penitensia era ãtregala a sua mesma irmã e asim os dias que esteve em otrõco lhe

20 derão a chave e cargo della em oque se ouve cõ tanto rigor como quẽ queria que sua irmã pagaçe em este mũdo aquella leve culpa chorandoa cõ tanto sentimento como propia ou de pessoa que ella desejava tão perfecta e esquessida do amor das creaturas e do mũdo como ella estava. ecõ tanto rigor se ouve ja, que foi reputado por culpa oque so era zelo da religião e do serviço de Deos.

25 Foi mestra da ordem e fes suas novissas terẽ o anno da aprovassão cõ aperfeissão que devia de aver em as dessipullas de nossa madre sancta clara, e tanto ficou por exsẽplo has que servẽ este officio que quando querião louvar algũa de o faser cõ perfecção costumavão a diser que imitava a madre antonia de Jesu, não so tendoas a seu cargo a tentava seus defectos, mas não sendo mestra a temião como se o fora porque ella

30 advertia aque oera de suas faltas disendo que as plantas novas se avião de cultivar cõ mais [fl. 25 r.] cuidado e criar ã mor vertude este rigor tẽperava cõ hũa piedade christã

¹⁰⁴⁵ *zelo da religião*] à margem.

cõpadecendosse dellas em oque a nessessidade o pedia, e asim de todas era amada posto que temida.

Era mui humilde e ã os officios de humildade como varrer e o demais serviço não faltava e em algũas semrrasões que lhe fiserão deu grande prova della e de sua prudensia.

Conhesseosse nella hũa puresa e cõpustura verginal que parecia que atudo do mũdo eque ãcõtrava esta vertude aborressia não so evitava e fugia a praticas de intretinimento e de oussiusidade mas ate das que o não erão, e de todo trato cõ as creaturas, que apudião de vertir de Deos fugia, e contasse que tanta vegilansia tinha em se não destrair que vindoa ver hũ religioso de sua hubrigassão fes para lhe dar hũs brincos sinhos emque has veses se ocupava. parece que cõ ocudado de os faser tardou em seus exsercissios ordinarios em caindo sobre sim diçe ta ta ja histo distrae ja tras cuidados e falta em minhas hubrigassões não mais basta basta easim onão tornou mais aver nẽ a outra pessoa.

Estando hũa ves ã o coro ã orassão a prima noite em oseu lugar e amadre soror joanna do espirito sancto da outra parte do coro viu hũa pessoa que estava aporta hir della para amadre soror joanna hũ vulto dis ella que mais branco que algodão que lhe pareceo hũa põba e imaginãdo seria [fl. 25 v.] algũa que acaso aliviesse chamou hũa religiosa que passava cõ hũa lux para a poder tomar e como o coro esteve claro não viu mais que as duas religiosas que ella não sabia estavão ahi por estar a casa escura e viu ãtão que de hũa para a outra hia aquella claridade que ella imaginou põba erão de igual vertude a nosso parecer e a ãbas se pode aplicar ser o devino espirito que se lhes comunicava estas religiosas cõ outras cõpanheiras, cujas vidas vão ao diante escrittas ficavão anoite de quinta para sexta ã o coro e nella resavão o officio das chagas de nove lissões cõ grande consolassão de suas almas e depois tomavam hũa larga dessiplina e algũas de sangue.

Seu trajo era cõ hũa modestia religiosa que servia de grande exsẽplo hũ abitto pobre curto e estreito hũa toalha de pano grosso ebrãco epouco crespa sã nenhũa curiosidade o veo hũa beatilha tincta sã ter desde que professou mais cuidado que de agradar aseu devino esposo sãdo que disem era de lindo parecer, so trasia diante dos olhos contentar a Deos a quẽ amava cõ todo coração ealma como se conhessia de suas accões e nelle amava todas as creaturas tratandoas cõ grande caridade e carregando sobre si todo trabalho pello [fl. 26 r.] aleviar a ellas como contão as servidoras de seu tempo que oje

são vivas que tendo o officio de çeleireira quãdo de madrugada as hia chamar era cõ tanta quietassão que so acordava as que erão nessessarias para o serviço eja achavão a agua quente e as presas tomadas asim por lhes aleviar o trabalho como por as não acordar tão cedo que sendo tão aspera pera sim que nũca se deitava ã cama para as
5 outras não queria darlhes maõ trato e cõ grande caridade lhes dava logo de almorssar a que de sim eseu regalo não tratava nũca. para com os pobres era mui esmoler tirando de sua propia ressaõ oque lhes dava.

Cõ esta vida tão exsẽplar acabou seu desterro. estando sua irmã doente e curãdoa ella lhe diçe hũ dia que cousa fosse andar o morto sobre o vivo sarardes vos minha irmã e eu
10 morrer ou fosse ditto a caso ou por Deos lho aver revelado asim succedeo que a doente estando o muito sarou ã breve e a ella lhe deu logo o mal de que em breves dias alevou Deos deixando tal fama que hũ devotto homẽ pediu as contas por onde ella resava por prẽda sua e afirmava que não so a elle mas apessoas a que as ãprestara fisera Deos milagres por ellas contava muitos mas não ficarão em memoria nẽ se autenticarão por
15 pouca curiusidade.

Levou Deos para sim a 3 de janeiro de 1605.

[fl. 26 v.] a madre soror joanna do spirito sancto - cap. 12

Foi esta grande serva de Deos natural desta vila viçosa filha de pais nobelissimos os
20 quais se chama[ma]¹⁰⁴⁶vãõ gaspar alvres de villa lobos e violante gomes da nobrega.

¹⁰⁴⁷Veio a tomar o abito a este convento e pedilo ella mesma de idade de trinta e tres annos estes gastou em o mundo ã serviço da real casa de bargansa e por mãdado do serenissimo duque dõ theodosio primeiro do nome passou a castella em cõpanhia de hũa irmã sua que casou em maqueda¹⁰⁴⁸ servindo esta princesa e emgolfada ã as vaidades do
25 mũdo e galas de palacio dava mostras de sua boa inclinassão por que ja la se ocupava em servir as emfermas como contou hũa pessoa que cõ ella esteve em a mesma casa ela comessou aser tão devotta da paxão de Cristo que ã sua memoria senão deitava ã cama anoite de quinta para sexta feira custume que guardou todo discurço de sua vida, como

¹⁰⁴⁶ Lapsõ da autora.

¹⁰⁴⁷ *toma o abitto*] à margem.

¹⁰⁴⁸ Referir-se-á, possivelmente, a Toledo, cf. José Pedro MACHADO, *Dic. Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, p. 940.

estes dous exercissios são de tanto merito pagoulhe Deos tão bem que lhe fes merce de a traser ao porto seguro da religião e tirala do tẽpestuoso mar do mundo para que livre de seus naufragios se ãpregasse com quietassão em seu serviço.

5 Contavanos esta religiosa por grave culpa e [fl. 27 r.] e doudiçe sua, fora ã o mundo vanissima e superflua em galas e curiosidade de sua pessoa em meio destes cuidados tirou o devino amor hũa setta a seu coração e omudou de sorte que trocou as tellas por hũ pobre abitto de sancta clara ealiberdade e regalos de palácio por a regular observansia deste convento da speransa não se contẽtando ainda seu spirito cõ aque achou senão vivendo sempre cõ çede de mais e mais perfecta religião como ao diante se
10 dira.

Não foi onovo estado aque se inclinou agosto de seus parêtes que tinham diferentes espectativas eintentos e asim não so fiserão muito pella desviar dele mas não ouve hũ que quisesse vir falar em ella ao convento [...] ¹⁰⁴⁹ por que a duquesa a amava muito e sentia deixar ella seu serviço e temerẽ descõtentalá como porque elles não tinham disso
15 gosto e vendosse em esta ocasião tão desẽparada ate de seus mesmos irmãos cõ o mesmo espirito que a trouxe de castella a buscar este estado o agenciou por sim mesma e ella propia veio falar a abbadessa e faser a escriptura que como esta mudansa não foi accidental nẽ acaso seguiu sua vocassão e emtrou ã este convento em 27 de janeiro dia de s. joão chrisostomo aquẽ ficou sẽpre fasẽdo festa esendolhe particular devotta pella
20 traser a religião, donde comessou a darsse a Deos tão de veras como quẽ queria recuperar os annos perdidos no mũdo que asim lhe chamava ella desde o dia que tomou o abitto onão tornou mais a despir de dia nẽ de noite sam nẽ ãferma [fl. 27 v.] que estandoo de hũas febres mui ardentes não pode nũca a perlada nẽ seu padre spiritual acabar com ella o despisse pedindo por amor de Deos a não desconsolassem e pois
25 numca em descurço de 60 annos o despira lho não tiraçẽ em aquella ocasião, histo cõ tanta eficacia elagrimas que a deixarão, asim mesmo não vestiu mais camisa senão hũa tunica de estamenha ¹⁰⁵⁰ e disem que quando veio tomar o abitto a trasia ja.

¹⁰⁵¹A charidade para cõ Deos e o fervor cõ que o amava não ha penna que opossa explicar por que de continuo paressia andava abrasada ã seu amor o fervor de sua
30 continua oração diante do santissimo sacramento e a copia de lagrimas que derramava

¹⁰⁴⁹ Ilegível; fólio esburacado.

¹⁰⁵⁰ Tecido grosso em lã, MORAIS, v. 4, p.835.

¹⁰⁵¹ *amor de Deus*] à margem.

asim em ella como quando ouvia missa admirava todas desde a da alva aque hia ate a ultima que se desia aestia a todas sempre cõ os mesmos efectos de lagrimas e devassão e quando estava em cama doente se levãtava a ir ouvilla porẽ quãdo omal lhe não dava begar em tocando a alssar a Deos se tirava da cama e punha de juelhos em ochão e
5 dentro em seu coração adorava o devino sacramento.

Comũgava spiritualmente todos os dias ã a missa e quãdo estava ãferma fasia o mesmo quando o adorava em seu corassão como fica ditto.

Tão grande devassão comessou Deos apagar ja em este mundo como se vera em o caso seguinte.¹⁰⁵²

10 Nasseo a esta religiosa hũ cangro ã hũ peito ao tempo que aviu o medico não tinha ja nenhũ remedio por estar mui cressido e asim a desenganou era seu mal incuravel sentiu esta nova como quẽ se via impossibilitada para seguir o rigor de sua vida [fl. 28 r.] e penitencias que totalmente lhe prohibirão. recorreo cõ muitas lagrimas a seu devino esposo pondo em elle suas esperansas e tomando por salutifero remedio a fe que em o
15 santissimo sacramento tinha e com emfenita fasia esta mesinha, tomava hũ papelinho e molhando ã a boca em levantando a hostia fasia considerassão que o tocava em ella levantãdoo no ar, cõ tão grande fe como se realmente o chegara a ella e cõ grande reverensia como cousa sancta o punha sobre o cãgro o qual em breves dias se lhe desfes e ficou sam de todo sem outro nenhũ remedio.

20 Desde a primeira missa ate que tangião a comunidade do jantar não se apartava do coro por nenhũa ocasião, ã reverensia das missas que por todo omũdo em aquellas oras se celebrão aestado lhe ã espirito quãto em sim era em oração ora mental ora vocal cõ grande copia de lagrimas e suspiros e esta santa devassão não deixou nũca salvo quando a nessessidade do proximo a tirava della.

25 ¹⁰⁵³Foi devotissima da paxão de Cristo nosso redẽptor em cuja reverensia senão deitou nũca desde a noite de quinta para sexta ate o domingo em cama histo quasi toda avida ã a da sexta feira tomava larga desseplina e a veses de sangue resava o officio das chagas de 9 lissões cõ outras cõpanheiras em o coro e oque restava da noite gastava ã oração

¹⁰⁵² *milagre do santissimo sacramento*] à margem.

¹⁰⁵³ *devassão da paxão de Cristo*] à margem.

mêtal e em cõtêplassão dos misterios de nossa redêpssão esta devassão era de todo o anno.

Prinsipalmente era devotta do passo da coluna e cõ elle se inflamava mais seu coração e assim ã [fl. 28 v.] sua memoria tomava muitas desseplinas de sangue mãdava todos os
5 annos diser as cinco missas das chagas tirando de sua pobresa a esmolla para ellas.

¹⁰⁵⁴Quẽ a viçe em onassimento de nosso senhor jesus parecerlhe hia que so delle era devotta por que fasia em elle estremos que parecia bebada do amor devino junto do presepio acestia sêpre em quanto elle estava feito e a espasos ã vox alta desia requebros ao devino menino e dittos pastoris representãdo se hũ dos pastores que o adorarão,
10 quãdo em dia de natal vinha a comunidade ao poio cantãdo o psalmo *cantate dominũ canticũ novum*¹⁰⁵⁵ levãtava a vox ã a palavra *quia mirabilia fecit* cõ tão grande impito de espirito que parecia queria chegar ao çeo e como era ja muito velha e aquillo novidade so de aquelle dia se asõbravão, muitas movia a devassão e has que menos o entêdião a riso, acabadas as graças deixava o bordãosinho ecomessava abater as palmas
15 e diser alegremonos cõpanheiros que ha nassido el rei de los cielos, e deitava a balhar¹⁰⁵⁶ cõ tanta graça e donaire como ella ã tudo tinha, as religiosas hũas por devassão outras por cortesia a ajudavão ella emtão muito cansada e toda regosijada e cheia de riso se sentava e fasia hũa exclamassão disendo, meu senhor menino ja voças esposas vos festejarão ja vos fisemos o que pudemos e a nossa festinha agora senhor
20 guardaias defendeias e faseias hũas sanctas e outras palavras de devassão que ençêdião os corações das que a ouvião e se vinhão banhadas ã lagrimas.

[fl. 29 r.] ã o serão que ã este convento e custume faser a comunidade toda ã o presepio ella era a primeira que sahia abalhar e cantar hũa prosa sobre o inno ave maris estella que para este efecto sabia equãdo acabava era de juelhos diante delle cõ hũa submissão
25 e humildade notavel disendo ao menino e a sua santissima mãi mil requebros e amores e posto que histo pareça cousa de pouco porte para ser escrito, ã hũa molher de 80 annos como eu ja achei a madre soror joanna e de tanta cõpustura e autoridade como nella avia era muito grande abundansia de espirito e devassão que a obrigava a estas mostras exteriores.

¹⁰⁵⁴ *devaçãõ do nassimento*] à margem.

¹⁰⁵⁵ (Sl 98, 1), "Cantai ao Senhor um cântico novo, porque Ele fez maravilhas!"; *Bíblia Sagrada*, p. 940.

¹⁰⁵⁶ *balhar*] forma popular de bailar.

¹⁰⁵⁷Foi devotissima do arcanjo são miguel¹⁰⁵⁸ e em os dias que a igreja celebra sua festa fasia mil estremos de devassão, desde a calenda ate as segundas besperas punha ã o altar do coro hũ painel ã que o tinha pintado cõ seus sirios açesos e ella se vinha do seu lugar a estar ao pe delle e ã hũ vidrinho cheio de brasas lhe estava lansãdo perfumes ã quãto durava o officio devino e foi cousa notavel que este vidrinho lhe durou toda avida sustentãdo o fogo como se fora ferro. peitava as musicas que cantassem muito bem aquelle dia e dava nelle em a mesa fructa ou outra cousa as religiosas e para isso buscava e pedia por amor de Deos.

Ella ã as besperas levantava sua antiphona cantada em tã mui alto e cõ grande devassão sem lhe dar de ver rir as religiosas, ao santo anjo [fl. 29 v.] desia mil requebros e ternuras cõ que hedificava quẽ a ouvia, quãdo se cantava missa de cãto chão de defũctos se hia de preposito ao ofertorio pera a estante pera cantar aquella palavra sanctus michael dobrãdo por sima cõ tã altissimo enão perdia o passo por ver rir todas antes ficava tão serena, como de antes, nã ha galante no mũdo que fassa mais finesas do que esta religiosa por o santo anjo fasia nã sabia falar em outra cousa mais que em suas excelencias atodas emcomẽdava sua devassão pelos ganhos que em a ter ella sentia, poucos dias antes de Deos a levar viu amadre soror maria das chagas jũto de sim (cõ os olhos interiores) hũa claridade mui grande e nella hũa asa de hũ anjo, em que lhe deu Deos a entẽder o propinquo transitto de esta benditta alma sua devotta o dia delle fes merce ha mesma¹⁰⁵⁹ religiosa de a ora que ella espirou lhe dar a sentir oque cõ aquella alma se passou ã oço e as festas que lhe fes o arcanjo são miguel e os demais anjos histo diçe ha religiosa que lhe foi diser espirara ja porque por suas emfermidades nã pode adestir cõ ella ao que respõdeo ja o sei eo que fica ditto que quãdo sua emculpavel vida nos não deixara certesa de pella misericordia devina ser logo levada ao ço por seu avogado, o testemunho da madre maria das chagas bastava para asim o entẽdermos, por sua rara vertude e verdade.

¹⁰⁶⁰A charidade desta religiosa para cõ o proximo foi tão grande que quẽ não tivesse notiça de suas muitas vertudes parecerlhe hia que so em esta se asignalava e exercitava [fl. 30 r.] sendo ã todas hũ raro exsẽplo, foi infirmeira 8 annos em que

¹⁰⁵⁷ *devassão do anjo s. miguel*] à margem.

¹⁰⁵⁸ O capitão das "hostes celestes" e protetor dos cristãos em geral e dos soldados em particular; celebrado a 29 de setembro, ATWATTER, p. 294.

¹⁰⁵⁹ *ve a madre maria das chagas receber sua alma no ço*] à margem.

¹⁰⁶⁰ *charidade*] à margem.

confessava tivera sua alma grande consolassão estes foi pella obediencia mas voluntariamente, toda avida, por que posto fazião outras por tavao ella parecia oera por hubrigassão curava atodas eas servia e os officios mais baxos, sê disso a poder tirar nenhũa pessoa.

5 Ja não tinha forssas pella muita idade para poder seu debilitado corpo andar e em o serviço das emfermas era tão deligente que não fasia falta a nenhũa e desde a ora que enfermava hũa ate que sarava ou espirava anão deixava e depois de as ajudar em aquella ora as amortalhava sem se resguardar de nenhũa efermidade por contagiosa que fosse, nê lhe fazer asco as de que se podia ter ella as lavava e regalava por todos os modos que
10 podia como se de cada hũa fora mãi ou irmã, aque era mais pobre so e desẽparada essa servia com maior gosto e cuidado selhe davão algũa fructa ou regallo por nenhũ modo o comia senão que o deixava para as efermas. Chegou pella grande continuassão de as curar a entemder mais que o medico, asim da febre como de morrer, emais çerta sahia e as oras que lhe dava de vida ou de abater a febre que elle o qual seguia sempre seu
15 parecer e votto, em fim a madre soror joanna era refugio das emfermas, e se algũa não tomava graça cõ ella enão gostava de seu serviço, era sua desconsolassão grandissima e buscava mil meios de as agradar por que oquisecem como se vera em o caso seguinte.

[fl. 30 v.] ¹⁰⁶¹Cobroulhe hũa emferma grandissimo medo porque ella ajudava amorrer todas imaginavão que continuar ella tanto em sua çela era sinal de estar muito mal
20 chegou a se afligir tanto que as amigas e parẽtas tratarão de que a madre soror joanna não fosse la por que a emferma o não queria consẽtir e asim lhe diçe hũa amiga sua por ordem dellas não fosse martirisar aquella religiosa que não gostava della que era dobrarlhe o mal pois não era desẽparada e tinha muita gente que a curasse e a escusava a ella, entendeo mui bem que aquillo era agouro que a emferma tinha della porque
25 entendia das que morrião, e como levava o mesmo caminho esta de que tratamos não se atrevia ella a deixalla e asim se afligiu sobremodo mas calousse e foi logo buscar hũas freirinhas mossas e pediulhe que por amor della avião de hir faser hũa dansa aquella emferma para a alegrar que estava muito triste, fes cõ ellas se disfarssaçe como ella lhe ensinou sem pedirẽ vestidos la fora e tudo consertado por ella que ate quẽ tangesse a
30 viola buscou echamou todas as religiosas para que cõ sua presensa fisessẽ a festa mais alegre, ou para serẽ testemunhas de sua vertude e das maravilhas de Deos, mãdou as da

¹⁰⁶¹ *notta*] à margem.

dansa levassẽ ramos verdes nas mãos que ella tão bẽ buscou ella tomou tão bem seu ramo e sobrassou a sua mãtelhinha e entrou guiando a danza cõ grãde ar e galhardia que ainda ã aquella idade tinha, e acabou de juelhos diante da cama da ãferma cõ hũa practica ã que lhe diçe que aquelle ramo verde lhe offerecia ã sinal da victo[fl. 31 r.]ria do mal e esperansa de muitos bẽs chamãdolhe minha menina minha linda minha fermosa meu amor que so voça saude desejo equero e estas ultimas palavras acabou cõ copia de lagrimas a ellas se trocou a ãferma de modo que lhe lansou os braços ao pescosso e a fes sentar junto de sua cama cõ o que ella ficou tão contẽte que se sevirã ã hũ trono não estivera mais ufana e cõ grande alegria estava vendo as que balhavão não cabẽdo em si de aquellas pases de que todas lhe davamos o para bem a ãferma vinte dias que depois de este viveo não quis que a curace outrem mais que ella e hũa ãfermidade asquerosa que lhe sobreveo so dela a fiou. serviu este acto de caridade e humildade de grande admirassão ver que hũa molher que passava de 80 annos cõ tão grande cede de servir que buscava meios para ofaser ese humilhar não respectando sua autoridade senão ter lugar para mais mereçer e exerssitarçe ãobras de charidade. não foi so ã esta ocasião ã que o demonio aprovou fasendo desgostarẽsse as emfermas della mas em outras muitas por que algũas mais modernas lhe cobrarão tão bẽ medo pella mesma resão e lhe fasião mao rosto equasi abotavão claramẽte o que abẽditta velha dessimulava ãtendendoo muito bẽ por não faltar a charidade; em oque soffreo muitos ãcõtros e teve muitas ocasiões de mereçer servindo freiras e leigas como se fora escrava de cada hũa dellas cõ tão alegre semblante como quẽ muitas veses affirmou não ter maior consolassão e o que mais he que as mesmas emfermas a trattavão muitas veses mal e ella dessimu[fl. 31 v.]lava como se onão entẽdera antes mostrava servillas de ahi em diante cõ mais vontade, dandolhe algũas amigas por histo repreensões chamãdolhe parvoa¹⁰⁶² e inportuna respõdia que se desẽganassẽ que ella não avia de faltar as emfermas em quanto viveçe.

Amesma charidade husava cõ todo genero de gente tinha hũa pedra que lhe veio da india cõ ella curava todas as feridas e nassidos tanto ã o convento como fora delle que parece por ser sua e ella a aplicar lhe dava Deos vertude para ser remedio geral de tudo e não tinha mor consolassão que chamarẽna para qualquer cura sã nũca se cansar nem molestar cõ oque era servir o proximo.

¹⁰⁶² *parvoa*] forma já utilizada no séc. XIV (derivada de *parvoo*), que se manteve até ao séc. XVI, HOUAISS, t. 3, p. 2773.

1063 Quanto tinha ou podia aver dava aos pobres sendo o ella voluntariamente mais que todos, porque não possuia cousa algũa que não desse logo por amor de Deos, ate a ressão da comunidade não comia e buscava sêpre hũ pobre aque a desse e por que hũa religiosa que tinha cuidado della se inquietava vendo que sua idade não era ja para tão
5 mau tratto fengia que por fastio não comera eque so hũas migas que ella fasia lhe sabião bẽ as quais não levavão mais que aseite eagua que so por penitensia pudião passar cõ estas se sustentava desde que eu aconhessi que passava ja de 80 annos eas que a alcanarão em mozza desião que raramente comia carne eque sêpre a dera por amor de Deos, se achava sabor ã ocomer deitavalhe agua e desia que o fasia porque não podia
10 comer quente. não vestiu nũca camisa desde que veio a ordẽ como fica ditto quãdo adoecia pedia hũa ãprestada ã estando melhor dava por amor de Deos, a religiosa que tinha cuidado dela [fl. 32 r.] como tinha algũa husada guardava para ella e desialhe como tiver algũ achaque digamo que eu lhe tenho guardada hũa camisa para quãdo tiver nessessidade della, aguardessialho, e como sabia de algũa pessoa nessessitada hialho
15 pedir que se sentia doente e dava por amor de Deos, asim não avia remedio para ter nada.

1064 A certou hũ dia vir hũa pobre pedir esmolla de roupa não teve que lhe dar tirou a toalha que tinha ã a cabessa e ficousse em garganta pella dar por amor de Deos ate que hũa amiga lhe deu hũa para se cobrir.

20 Quãdo o que ficava das defũctas se repartia pellas religiosas mais nessessitadas como e custume o que lhe davão a ella era cõ presepto da madre abbadessa o não deçe pois era tão pobre, respõdia que asim o faria so otinha ã quãto não sabia de algum pobre que o ouvesse mister se pelejavão cõ ella que não tinha cõ que se a roupar que lhe faria aquillo falta respondia *qui dat nivem ficat lanam* ecõ esta confiansa não queria mais que
25 a misericordia devina.

Derão lhe ã hũa destas ocasiões hũa cobertinha e cõ obediensia a não desse asim a aceitou cõ grande gosto a religiosa que a servia guardou lha em hũa trepassinha mesmo sua, indo a faserlhe a cama querêdolha deitar porque fasia frio não a achou comessou apeleijar cõ ella pergütãdolhe que lhe fisera ao que ella não respõdia mais que pedirlhe
30 se calasse por amor de Deos [fl. 32 v.] não a ouviçe a madre abbadessa a qual acodiu

¹⁰⁶³ *dar esmolos*] à margem.

¹⁰⁶⁴ *nota*] à margem.

abriga e sabendo oque era a repreendeo asperamente por quebrantar a obediensia ella se
¹⁰⁶⁵pos de juelhos cõ grande submissão e lhe respõdeo cõ lagrimas madre não sei que
fassa que me não atrevo a estar roupada quãdo sei que hũ pobresinho de Deos esta
morrendo de frio, verdadeira imitadora por serto de nosso seraphico padre são francisco.

5 Em suma esta religiosa resplandeçeo tanto em esta vertude que bem lhe pudemos
chamar soror joanna esmoler em tudo exercitava a charidade de que Deos a dotou a
cudindo o proximo tanto em o spiritual como ã o corporal sã se negar a nenhũ trabalho
nã temer desconvidade e de casos semelhantes aos referidos se puderão faser muitos
tratados e ainda se não acabara de contar o muito que em esta vertude obrou que quãdo
10 não fora hũ modelo de todas esta so bastava a fasella aceita aos olhos de Deos e
memoravel ã o mũdo quẽ aviçe de ordinario ocupada em o serviço do proximo poderia
cudar que so disso tratava sendo que não perdia ponto das de mais hubrigassões de
seguir as comunidades de frequentar os sacramentos de vacar a oraçõ penitensias e
mortificassões que não sei como acodia atanto mas estava tão entregue a Deos que so
15 em servilo se empregava toda, e por não ter nenhũ estorvo [fl. 33 r.] ãtregou hũ
subrinha sua que lhe veio pera este convento a hũã amiga por não perder cõ a criar hũ
ponto de suas hubrigassões, posto que a amava muito que não era estranha nem aspera
pera seus parêtes antes os amava cõ a charidade natural que para todos tinha quando
lhes falava não era para mais que pera os exortar avertude e cõtarlhes cousas de
20 hedificassão.

Has meninas que se criavãõ ã o convento ãsinava orações e muitas devações econtava
historias de Deos e exsẽplos de sanctos e has que achava de bõ natural e bẽ inclinadas
amava e fasia muitos mimos.

¹⁰⁶⁶Sua penitensia foi grandissima nũca dormiu mais que o primeiro sono o que restava
25 da noite gastava ã oraçõ sendo que sãpre era aultima que vinha do choro a recolherse,
em quanto teve forssas tangeo sãpre amissa da alva depois que não pode hia a ella
porque sãpre a tomava ja vestida que como se ha ditto so o primeiro sono estava ã cama
aqual era de tanta penitensia que nũca teve ã ella lensoes senão cubertas salvo quãdo
adoecia tão pesadamente que a hubrigavãõ a lhos lansar quando algũã ãferma estava
30 mal não se recolhia a sua cella senão junto da sua cama se ficava vestida, camisa como

¹⁰⁶⁵ *notta a reposta*] à margem.

¹⁰⁶⁶ *penitensia*] à margem.

esta ditto nũca husou della desde que veio a ordem senão de hũa tunica de estamenha ã os ultimos dias de sua vida lha fiserão deixar e vestir camisa por as miserias da velhiçe a requerir, os geijũs erãõ ordinarios as desseplinas continuas e muitas de sangue [fl. 33 v.] seu trajo era mais mortalha que vestido de viva nũca pos capelo nẽ toalha crespa senão
5 batida na agua e de pano pouco fino o abitto estreito curto evelho quasi sempre em todas suas acções representava o spirito de nossa madre santa clara e era seu vivo retrato e sendo em omũdo tão louçã desde que emtrou ã a religiãõ teve tão pouca curiosidade de sim que foi em acõpustura religiosa amais observante que ha avido ã este convento.

Apobresa era estrema so tinha de seu hũa tripessinha ã que guardava hũ guardanapo e
10 hũa fatia de pão quando lhe ficava nẽ tinha mais que guardar porque o que quer que lhe davão logo hia ã esmolas tanto amava a sancta pobresa que quãdo prophessou sua subrinha se desconsolou muito de as amigas lhe darẽ presentes e chorava disendo não me dem nada a minha sobrinha não ma ensinẽ ater e ser proprietaria.

¹⁰⁶⁷O zelo da religiãõ foi incansavel reprendia tudo que via cõtra ella cõ tão grande
15 liberdade que ninguẽ respectava queria que todas trouxessẽ oseu toucado e asim foi grande perseguidora de todas as que via curiosas nelle poucos dias se acabavãõ as oras do officio devino ã ocoro que ella não fisesse exclamassões a Deos cõtra as relaxadas sem temor de nenhũa, e ja ã estes ultimos annos se tomava por thema de velhice, asim por continuo como porque ã este convento se husã relegiosissimos toucados e athe as
20 mesmas perladas se riãõ de não aver que emmẽdar e ella não seçar nũca posto que as que [fl. 34 r.] se achavãõ cõpreendidas em algũa curiosidade e as que ella nomeava choravãõ cõ themor que suas palavras lhe causavãõ ehisto fasia sã açeissãõ por que o mesmo termo husava cõ sua subrinha dandolhe crueis repreensões e desia que pessoas dedicadas¹⁰⁶⁸ a Deos so da fermusura da alma aviãõ de ter cuidado. sendo ella tão cruel
25 verdugo das culpadas ã oque toca aobservansia da religiãõ hũa terssa feira depois da pascoella ã 20 de abril de 1621 acabada a ora da noa se foi do seu lugar aos pes da madre abbadessa cõ muitas lagrimas e lhe diçe a altas voses madre abbadessa tẽ vossa reverencia freiras sanctas e histo repetia muitas veses cõ grande alegria ecopia de lagrimas as religiosas como costumadas a seu zelo e não entemdiãõ o que aquillo era,
30 pergõtavãõ hũas a outras sobresaltadas que aviãõ cometido ate que pellas repostas da perlada ãtenderãõ oque era cõ que se moverãõ a riso e desiãõ ate agora nos fes mas

¹⁰⁶⁷ *liberdade cõ que repreẽdia defectos*] à margem.

¹⁰⁶⁸ *nota*] à margem.

freiras e agora nos fas santas mas¹⁰⁶⁹ por suas lagrimas e espiritu cõ que repetia tẽ freiras santas tẽ freiras santas vierão ater por serto que algũa visãõ lhe mostrara Deos que tãõ grande jubilo de alegria e enchẽte de lagrimas lhe causou oque se pode piamente crer, por que em aquelle tempo estavam vivas sette religiosas que por suas vertudes e
5 sãcta vida vãõ escrittas ã este tratado e outras muitas que puderão emtrar ã elle senão quisera evitar perluxidade e tãõ bẽ terem me por suspeitosa ã tãõ grande numero, e pode ser que Deos como [fl. 34 v.] tãõ grande remunerador da vertude quisesse pagar o zelo della a esta ensigne religiosa ã lhe mostrar ainda ã esta vida as servas que ã este convento tinha para consolassãõ sua que foi grandissima como se viu pellos efeitos,
10 grande descudo pareçera não lhe pergũtarẽ que a moveo a esta novidade mas era tãõ respectada que nenhũa se atreueo ainquietala so se viu que ã hũ anno e sette meses que depois viveo não deu mais repreensãõ nenhũa e Deos sabe atensãõ que em histo teve.

Algũas cousas diçe antes de se saberẽ cõ espirito prophetico que trasiãmos ã pratica lhas desia o seu santo anjo¹⁰⁷⁰ hũa foi que indo hũa religiosa a que ella chamava mãi depois
15 de matinas a sua çela lhe diçe ella mãi não sabe matarãõ nesta ora hũ homem em aquella orta que sechama de rui mẽdes respõdeolhe ella rindo ninguẽ lhe oussa isso que dirãõ que e velhiçe pode ella aqui saber que matarãõ homẽ ã a orta que dis calesse não lhe oussa ninguẽ tal tornou ella não e asim ora amenhã o ouvira, ã abrindo a portaria a primeira cousa que se diçe foi esta nova eque succedera ã a mesma ora que ella o avia
20 ditto.

Indo esta religiosa vela as mesmas oras a advertiu não se chegasse para a genela por que na cerca para que ella cahia estava hũ ladrão sêtado ã tal parte e não a viçe peleijou a religiosa cõ ella que não dicesse disbarates disendolhe na nossa çerca ade estar ladrão isso pode ser levou ella a sua [fl. 35 r.] a diante disẽdo calesse que sim esta e de fronte
25 dessa genela não aveja indinousse a religiosa porque ella estava ã acama ãferma e não podia ver tal e asim se foi porque ella se calasse asua subrinha indoa ver lhe mãdou tãõ bẽ se resguardasse da genela não avice e asim ella como todas as que o souberãõ se rirão tendoo por velhice de ahi a poucos dias se achou ser verdade pellos roubos que fes e por ser visto.

¹⁰⁶⁹ Rasurado.

¹⁰⁷⁰ *espirito de prophecia*] à margem.

¹⁰⁷¹Tinha hũa panelinha mui velha ã que fasia as suas migas esta lhe cahiu da genela abaxo de que ficou desconsoladissima mãdou asua subrinha lha fosse buscar que era o seu remedio ella não queria disêdolhe que não era douda para ir buscar o que avia de estar em migalhas por ser a genela altissima a bẽditta velha cõ aflissão lhe replicava
5 vaime buscar a panella não me descõssoles amenina pella aquietar foi buscar os cacos achoua tão sã e inteira que nẽ fẽdida estava nẽ sinal de aver caido e lhe tornou aservir como ate emtão que vistas as çircũstansias se teve por maravilha.

¹⁰⁷²Estando esta subrinha sua doente de cesões que erão bẽ pesadas, e ja cõ o frio de hũa recolhida, foi ella chamar a madre maria das chagas e ãbas trouxerão do choro oleo da
10 alãpada do santissimo sacramento cõ que a untarão afirma ainda oje que ofrio parou enão sahiu febre enão cõ pouca admirassão de todas se levantou ao outro dia bem.

Das maravilhosas curas que fasia mais por obra de Deos que por medecina se pudera contar muito se o puserão em memoria, mas a pouca curiosidade sepultou tudo [fl. 35 v.] hũ mes antes de Deos a levar era a idade e fraquesa tanta que se subjectou acama
15 posto que hia a ouvir missa por ser asua cella perto do choro¹⁰⁷³ chegou a ora de seu descanso instava muito lhe deçẽ os santos sacramentos não se via em ella nenhũa novidade por que oseu mal era velhiçe cõ tudo a religiosa que tinha cuidado della achando lhe os pulssos fracos lhe fes dar o santo sacramento da eucaristia que ella recebeo cõ grande devassão e lagrimas hũa quinta feira 29 de desẽbro lhe derão a sancta
20 unsão para a qual se aparelhou cõ grande devassão e alegria disendo lhe dessẽ todas os parabẽs que aquelle era o seu dia de festa ealegria, magnifestando aque sua alma sentia, desia se lembrara Deos ja de seu desterro tão cõprido, pediu lhe toucassẽ hũa toalha lavada e ella mesma ajudou a resar os psalmos da sancta unsão e como se fora acto de grande festa estava alegre e consolada em todo dia o ficou tanto que nũca cessou de
25 falar e dar graças a Deos de sorte que todas desião fora o sacramento dado sem tẽpo por que parecia não tinha mal.

¹⁰⁷⁴Indo a madre maria das chagas vella teve cõ ella muitas praticas spirituais entre ellas lhe dice que sempre pedira a Deos lhe desse em esta vida asentir as dores de sua paxão prinsipalmente as das sinco chagas e que elle lhe avia feito esta merce por que estava

¹⁰⁷¹ *milagre*] à margem.

¹⁰⁷² *milagre*] à margem.

¹⁰⁷³ *morte*] à margem.

¹⁰⁷⁴ *sẽtiu as dores das chagas*] à margem.

toda desconjuntada e o corpo com tantas dores como se a meterão em o lume que as mãos e pes lhe dohião como se os tivera emcravados porẽ que tão alegre estava e sua alma com tanta¹⁰⁷⁵ consolassão que o não sabia nem podia magnifestar, e a outras pessoas se queixou [fl. 36 r.] tão bem das mãos dizendo lhe parecia as tinha emcravadas que as não podia abrir nẽ fechar.¹⁰⁷⁶ ao outro dia que foi sexta feira 30 de dezembro sem se esperar comessou a agonisar acudiu a comunidade toda a ajudalla com officio da agonia virão todas evi eu que escrevo histo, com meus olhos tendo os ella ja fechados rirsse com hũ agrado como quẽ festeja alguẽ que lhe entra ẽ o aposento e serenouse logo e nos com mil lagrimas e confusão o celebramos dizendo todas era o benditto anjo que avia chegado a levala de ahi a hũ breve intervalo tornou a faser a mesma acção com maior agrado anosso parecer, e tornou a cerenar seu rosto por ẽ quanto se pode diser duas ate tres palavras e tornou a fazer o mesmo com muito maior alegria e serenouse para sẽpre sem outro nenhũ movimento dos que a morte custuma causar e se foi esta dittosa alma ao çeo ẽ companhia dos que (piamente se pode crer) a vierão a buscar e aque ella ate em os movimentos exteriores mostrou agradessimento de tão grande merce. espirou em sexta feira ao meio dia que ate ẽ a ora foi sua morte prodigiosa amortalhãdoa lhe acharão todo o corpo cheio de chagas e disem que em a parte do lado hũa grande.

Faleção de noventa annos em o de 1622 a 30 de dezembro como fica ditto nũca teve falta em nenhũ sentido, as potencias da alma tão perfeitas que ẽ nenhuma fes a idade diferenca, contando ẽ anoite [fl. 36 v.] antes de Deos a levar antiguidades que as de seu tẽpo se maravilhãdo de tão perfeita memoria porque não faltava hũ ponto da verdade, o entẽdimento tão perfeito como de 30 annos.

A cera que em seu enterramento ardeo sendo que durou muito tempo porque lhe cantarão officio de presente mui solene eao outro dia missa com a mesma cera quando sepesou para se pagar não faltou nada.

¹⁰⁷⁷De ahi a annos se abriu sua sepultura achousse o corpo todo gastado, a religiosa que tinha cuidado della tomou asua cabessa e pola sobre hũ altar ẽ quanto os demais ossos se ajuntavãdo¹⁰⁷⁸ ahi a pouco oulhou para ella e viu que por todas as aberturas da caveira manava hũ licor como oleo oulhãdoa com atensão por ver de donde sahia a viu cheia de

¹⁰⁷⁵ *tanta*] rasurado.

¹⁰⁷⁶ *morte*] à margem.

¹⁰⁷⁷ *milagre*] à margem.

¹⁰⁷⁸ Depois de *ajuntavãdo* Soror Antónia corta *oulhãdo*.

miolos advertiu disto a abbadessa ella e as demais comessarão a faser esperiencias etirando parte delles os virão frescos e alvos e sê corrupção, acertou ã aquelles dias avir dõ frei manuel dos anjos bispo de fes a faser vesita a esta vila, Deosselhe conta de esta maravilha daqual elle quis faser experiensia, forão chamados todos os medicos que avia
5 ã este lugar asim de sua excelencia como do povo todos afirmarão ser milagre so hũ que se chamava luis antonio diçe onão juraria ate acabessa senão cerrar por que posto que aquella madre avia vevido vertuosamente como se desia por resão de medecina podia ser sem milagre por que em ella achara avia hũ certo bechinho que conservava os miolos equê achandosse este elle onão avia de jurar era milagre vierão todos ã que
10 acabessa se [fl. 37 r.] cerrase e fasêdosse ã a igreja cõ muita venerassão jurou elle etodos os demais erão os dittos miolos milagrosos eas circũstansias ditas fora de toda a ordẽ de medeçina e a tudo esteve presente o ditto bispo o confeçor da casa ecapelães esta cabessa esta emvolta ã hũ tafeta ã o caxão da madre maria das chagas.

Tinha esta serva de Deos hũ retavolo pequeno do passo da coluna de que era grande
15 devotta a qual tinha dous verdugos que estavam asoutãdo a Cristo ella que não podia velos os borrou e raspou de modo que desafigurou a pintura como seu espirito era tão grande eso estimava a fegura do mãssissimo cordeiro asim qual o retavolo estava otinha ã grãde estimassão, diçe a hũa religiosa que se chamava soror margarida da coluna que tinha licensa da madre abbadessa para lho dar que como ella morresse que o tomasse
20 que ã vida senão atrevia atiralo de sim esquesseo amadre soror margarida cobrar a pessa e asim oguardou areligiosa que tinha cuidado della em hũa gaveta fechada cõ chave indosse recolher a outra hũa noite achou debaxo do traviçeiro pareceolhe que a religiosa sabia avontade da madre soror joanna e que lho pusera ali, mãdou o a hũ pintor lhe renovasse o borrado trasendolho apurteira consertado se ãcõtrou cõ a religiosa que
25 imaginava o tinha ã sua gavetta pergũtandolhe quẽ lhe dera aquelle retavolo lhe cõtou de quẽ era foisse ter cõ amadre margarida da coluna asaber como lhe fora a mão aqual lhecõtou como a defucta lho avia dado e que achãdoo a sua cabisseira imaginara que ella sabẽdo sua võtade lho puserão ali mas a religiosa não so não o levou mas nẽ sabia lhe fora dado pella madre soror joanna nẽ dedõde ella o tinha o podia tirar pessoa
30 humana ãbas erão de consiensia e verdade e hũa que oje vive asim [fl. 37 v.] o conta tudo seja para gloria de Deos amen.

[fl. 38 r.] da madre soror catherina de Jesus - cap. 13

Em o anno de 1569 tomou esta religiosa o abitto em este convento, era natural da cidade de elvas e de nobelissima gerassão seu pai se¹⁰⁷⁹ chamava paio affonso pegado sua mãi maria de avreu sêpre desde sua vocassão a religião foi de grande vertude e exsêplo
5 prinsipalmente teve a da humildade emque sêpre resplandeçeo e amou como fundamento de todas mostrando em seu trato palavras e accões grande menospreso de sim mesma. guardou estreitissima mente o votto da pobresa, sua ala podia causar confusão aquê a via não tinha mais que hũa trepessinha em que guardava sua pobre
10 roupa aqual era tão lemitada que so tinha o que lhe davão das defũctas quando se repartia por as religiosas pobres e ella o era tão voluntaria que ate essa dava a pessoas nessessitadas não tinha mais ornato ã sua cela que hũ par de cortiças ã que se sentava, a cama pobrissima e penitente cõ duas cubertas enẽ sendo quarta naria quinse annos abrandou este rigor.

Em o comer era mui abstinête etêperada e parecia milagre o cõ que se sustentava porque
15 cõ o que lhe dava a comunidade ao jantar passava todo dia repartindo a ressão que era assas lemitada para hũ jantar, pera açea cõ histo passava tendo tão pouca saude sem tratar de mais regalo.

Ë aguarda do silencio foi exsêplo da vida religiosa por que não falava mais que o que tocava a seu officio e palavras nessessarias e na sua cela estava so cõ [fl. 38 v.] tanta
20 quietassão e recolhimento que não parecia viva easim era zelosissima delle repreendendo cõ grande animo qualquer quebra que em este passo da regra viçe peloque lhe chamavão muitas o asorrague¹⁰⁸⁰ do cilensio por que as proprias abbadessas ameacavão has freiras mossas comella. e tendo duas subrinhas filhas de seu irmão ã este convento nẽ a ellas comunicava por não quebrantar o silencio e se não destrahir
25 prinsipalmente estes ultimos annos de sua vida emque a conhecerão as que oje vivem quãdo as hia ver era por breve espasso falava pouco e passo ainda que fosse de dia, foi mansissima e nũca avimos irada senão cõ zelo da religião e da hõrra de Deos que em o tocante desta materia não perdoava animguẽ.

¹⁰⁷⁹ se] repetição.

¹⁰⁸⁰ azorrague, mesmo que açoite.

Continuava as comunidades cõ grande pontualidade enẽ sendo quartanaria¹⁰⁸¹ deixou de as seguir cõ amesma e se em o offiço devino via algũa falta ou rir as que officiavão se desconsolava muito e era o mor verdugo que tinhão as que cahião em essa culpa, chamãdolhe desacato de Deos as ameaçava cõ a justiça devina e era tão grande sua
5 inquietassão que chegou a hirsse do choro disendo as perladas não era justo que em aquele lugar se ofendesse a Deos servindoo cõ tão pouca devassão e obrigava acastigar cõ penitensias todas as que se rião e a hũa subrinha sua cõ maior rigor cõ que as fasia estar cõ mais atensão e vençersse ao riso. os officios que lhe dava a obediensia fasia cõ grande perfeisão por que foi obedientissima aos perlados e nem cõ estas a cupassões
10 perdia hũ ponto de seus exsercissioos spirituais e oras de oração ã aqual era mui continua e era comũ openião que ella a tinha mẽtal [fl. 39 r.] poucas veses ãtrarião ã sua çela que anão achasem em ella, oulendo livros spirituais dos quais se sabia aproveitar.

Foi devotissima da paxão de Cristo como se conheçia por de continuo a acharẽ em a sua cela posta em crus e em o coro muitas veses etão ordinario era nella esta pustura na
15 oração que ja ninguẽ fasia maravilha disso, se era official em a portaria, della vinha ao choro baxo aseu costumado exsercissio de orar em crus, e tal ves lhe aconteseo hir por hũa casa de passagẽ tão ãlevada ãsua cõtẽplassão que se pos em crus no meio della que de alienada do devino espirito não sabia donde estava nẽ reparou ã ser vista segũdo se entẽdeo por que he amais seguida passagẽ deste convento, e ella ã o recato de estas
20 cousas e das merces que Deos lhe fasia mui acaptelada mas como era depositaria de ordinario lhe ãtrava gẽte ã açela a pedirlhe dinheiro ella não perdia ponto de sua oração e era muitas veses vista ã apustura disto deque ficava tão salteada como se a acharão em algũ delicto que sua grande humildade lhe fasia sentir conheçersse sua vertude.

Hũ dia falando amadre maria da çircũssissão cõ ella ã os officios serẽ trabalhosos
25 [bem]¹⁰⁸² entendeo esta va cõ grãde des consolassão por que lhe diçe que posto era bẽ obedeçessẽ as religiosas aos perlados, erão officios de grande inquietassão e diçe mais estas palavras que por suas as recitarei com a mesma sancta simplicidade cõ que forão dittas, por que ã ellas era mui tosca e de pouca poleçia¹⁰⁸³; madre como aqui vier overlado eilhe de pedir me tire este officio de depositaria [fl. 39 v.] não e histo cousa
30 para se sofrer não pode homem aqui ter hũ ora de oração eno melhor vos tirão della

¹⁰⁸¹ Que sofre de *quartãs*, febres intermitentes, que se repetem de quatro em quatro dias, BLUTEAU, t. 2, p. 271.

¹⁰⁸² Apagado.

¹⁰⁸³ *Pouca policia*, pouco polida, rude.

oulhe ca êtroume nosso senhor por a porta dessa çela cõ a crus as costas e tornou-se a
sahir voume eu apos elle e tendo andado parte do durmitorio eis que a alãpada delle
chegame hũa apedir dinheiro embaraçome eu de modo que o perdi de vista venholho dar
enão sei para donde foi pareceome amim que me levava ao choro mas quando fui ja
5 onão achei, ei de pedir ao perlado que me tire este officio, a ditta madre ficou tão
salteada doque ouviu que nẽ lhe pergũtou nẽ respõdeo nada nẽ fes mais que sorrirse por
dessimular mas cõtava que cõ tanta singelesa lhe diçera histo ecõ tal descudo que bẽ se
vira sua verdade eque não sabia o que desia depois que cahiu sobre sim e ã oque avia
ditto veio ter cõ ella e pedirlhe segredo que por que conhessia o que nella avia lhe
10 largara aquella palavra de que mostrou estar desconsoladissima. e da verdade da madre
maria da circçõsissão não ha que duvidar por que foi de rara vertude como ao diante se
vera ã sua vida.

E como não e viva oje nenhũa das que espiritualmente acomunicavão não podemos
diser dela mais que as vertudes que ã geral todas lhe conheçemos que em precura as
15 merces que Deos fasia a estas religiosas ouve sẽpre grande descudo mas ã tẽ demos não
foi esta so senão muitas.

Foi mui charita tiva cõ o proximo esendo muitos annos depositaria nũca se chegou
alguẽ nessessitada a ella que lhe não valesse emprestandolhe do deposito o que lhe era
nessessario sẽ por isso se ãbaraçar nũca nẽ ã hũ [fl. 40 r.] vintem consolando a todas
20 sem faser perda anenhũa que para este officio teve notavel espertesa egraça particular
pella charidade cõ que se avia nelle e faleçendo cõ tanta pressa que não teve tempo de
faser nenhũa de clarassão se achou tudo cõ tanto conserto que não faltou hũ real oque se
teve amilagre por que sempre tinha dinheiro ãprestado de hũas aoutras.

Quãdo lhe hião as religiosas pedir do seu se entẽdia que gastavão muito repreẽdias cõ
25 zelo da santa pobresa advertindoas hião cõtra ella em dar muito, egastos superfluos que
não cõprassẽ tanto que não podião ter nada, querendo que todas tiveçẽ seu espirito que
se cõtentava cõ hũ abito pobre e remẽdado.

Ë o toucado e vestido era hũ raro exsẽplo de menospreso do mũdo porque parecia que
por se humilhar e desprezar desião as antigas trouxera sẽpre o traço que oje lhe viamos
30 que era hũ despreso do mũdo sẽdo que ã mossa desião era bẽ parecida mas ãtão nẽ
agora tratou nũca de sim e tudo que podia ter dava por amor de Deos.

A todas as que prophessavão levava hũ presente cõ tensão de festejar aquella bodas spirituais avalia dela para que se veja sua pobresa e espirito, era hũ alguidarinho vidrado para a prophessa lavar as mãos hũa quartinha para a agua e hũ par de pucaros toscos para beber e histo era ja tão certo e festejado de todas que hũa a que onão levou por que onão
5 teria ao presente se desconsolou grandissimamēte disendo não tinha gosto de professar pois so a ella a madre soror catherina de jesu não dera presente.

[fl. 40 v.] teve grandissima devassão ao glorioso evangelista s. joão e se inquietava muito de ouvir bãdos sobre elle e o devino baptista e o reprendia aspera mente tendoo por grande offensa de Deos edos mesmos santos.

10 Não lhe faltarão persequiões do demonio para provar sua fortaleza de continuo se hia queixar suas subrinhas do que elle lhe fasia emolestias que lhe dava, oque ellas lhe fasião que calasse disendolhe que não contasse aquillo que não avia pera que ao que ella
cõ grande simplicidade respõdia seme fas tudo histo que quereis não me ei de queixar seopadesso, reparavamos ã que sēpre andava falando so consigo e em a sua cela do
15 mesmo modo a ouvião e era cõ o enemigo do genero humano que ate em oconficionario entrava cõ ella a persseguilla.

Em os trabalhos foi exsēplo de passiensia como o deu em aque teve ã 15 annos de quartã¹⁰⁸⁴ que ate em apadeçer tantos quis Deos imitasse nossa madre sancta clara ã eles¹⁰⁸⁵ não admetiu nenhũ regalo nẽ fes diferença ã¹⁰⁸⁶ a abstinēsia e asperesas, de
20 quando tinha saude.

Frequentava muito os sacramentos era mui devotta das almas do purgatorio ganhãdo sēpre indulgencias que applicava por ellas asim as da bula e medalhas e cõtas bētas como as estassões da ordē que nos concedē tirar almas em histo se occupava muita parte de tēpo cõ grande charidade que se atinha cõ os vivos não faltava aos mortos.

25 [fl. 41 r.] Chegou aora de sua morte a qual ella diçe pedia sēpre a Deos fosse breve que não cansaçe e assim o permetiu elle por que alevou de hũa colirica que durou poucas oras.

¹⁰⁸⁴ Febre intermitente que se repete de quatro em quatro dias.

¹⁰⁸⁵ Borrão de tinta.

¹⁰⁸⁶ Borrão de tinta.

Avia comũgado ao domingo e aquarta feira lhe deu omal as des oras da noite lhe ouviu hũa subrinha sua que estava ãferma ã o mesmo dormitorio dar hũ ai e oufosse por anovidade que era em seu sufrimento queixarse, ou por lhe ver a vox mudada diçe que posto erão aquellas oras lhe chamassẽ logo o medico e era sua pobresa tão grande ea
5 cama tal que para elle apoder ver alevirão ã braços para a de hũa de suas subrinhas mãdoulhe logo dar os sacramentos todos quãdo aabbadessa lho foi diser respõdeo a madre caterina de jesu que pois sua reverẽssia omãdava fosse logo mas que ella depois de aver comũgado lhe não lembrava mais que aver ficado segũda e terssa de prima por que as cesões de noite forão maiores enão aver ainda resado cõpleta sendo histo as des
10 da noite ressebeo os sacramentos cõ grande devassão e renupssiou sua pobresa nas mãos da perlada e estando tão quieta que todas cudavão queria repousar deu a alma a Deos as duas oras da madrugada cõ amesma quietassão que avia vevido sã dar nenhũ trabalho nã molestia ã o anno de 1622 ja ã o fim da quaresma mas odia não lembra cõ sertesa.

Depois de ela falecer se deu a sua pobre roupinha a lavar e vierão pergũtar alavãdeira
15 eseu marido de quẽ era aquella roupa que tanto cheirava que as lavandeiras em o ribeiro repararão em [fl. 41 v.] a fragansia que della sahia.

da madre soror phelipa da consepssão - cap. 14

Não foi esta grãde religiosa menos illustre em a religião por vertudes do que em omũdo
20 o era por antiga nobresa de gerassão a qual foi e he das mais calificadas deste reino.

Seu pai se chamava pedro de sousa de britto por mãi dona luzia da costa nattuerais ãbos desta Vilça Viçosa, forão grandes servos de Deos e cõ essa fama acabarão e asim mereçerão darlhe elle esta planta tão adornada de vertudes.

Entre outros filhos tiverão duas femeas ãbas dedicarão a Deos, e em o melhor de seus
25 annos as tirarão do mundo, a mais velha foi dama de sua altesa a serenissima senhora dona catherina duquesa da real casa bargansa e esta de que escrevo da senhora seraphina sua filha, não quis o prudente e virtuoso pai que ellas perdessẽ no mũdo e em as delicias e regalos de palacio aflor de sua idade avendo que so o que se gasta em serviço de Deos e tempo ganhado e asim delle as tirou para virẽ reçeber o abito a este convento
30 que elle como tão spiritual escolheo por mui observante, ãbas forão grandes servas de Deos e de ãbas se pudera escrever vertudes porẽ da mais moessa que se avantajou ã ellas

tratarei [fl. 42 r.] so. tomou amadre soror phelipa oabitto ã o anno de 1598 dia de nossa
senhora da purificassãõ nã tendo perfeitos quinse de idade que os fasia ã 20 de março.
em o anno da aprovassãõ deu mostras de sua boa inclinassãõ e hũa humildade tã
grande que em os officios della era prõptissima ã otrabalho a primeira sem mostrar em
5 suas acções tinha memoria dos regalos ã que se criara antes parecia que seu officio avia
sido servir pella deligencia e vontade cõ que ofasia depois de professa continuou ã esta
perfeissãõ algũ tempo porẽ depois se resfriou della e faltou em o primeiro fervor por
que como mossa se deu aos entretinimentos que permite hũ convento tã recoleto como
este, e delles tratava mais que de seguir a vida spiritual posto que sẽpre ã ella se
10 conhesserãõ hũs ressabios da vertude hũ themor de Deos e de seus perlados grande, hũa
mãssidãõ e sofrimento natural e hũa humildade de grande edificassãõ que em esta
vertude se asignalou sempre mais fugindo ã tudo a toda avaidade que aborreçia muito,
ecomo Deos conhessia ã ella tã bõ subjecto nã tardou ã a tocar cõ sua poderosa mãõ,
tirando do veneno triaga¹⁰⁸⁷ para dar vida a esta alma. e assim succedendo em o anno de
15 1614 a desgraça de desaparecer o santissimo sacramento ã acidade do porto¹⁰⁸⁸ esta
religiosa tomou tã grande pena e sentimento como se so cõ ella falara o ameasso da
devina justiça, ecomo se so seus peccados ouverãõ merecido esta desventura se aflegia,
e assim se dispos a emmẽda da [fl. 42 v.] vida mui de veras. fes hũa confissãõ geral cõ
hũ exsãme de consiẽsia de muitos dias e comessou afligir seu delicado corpo cõ
20 penitẽcias e abstinẽcias tã grandes que excediãõ suas forssas e fraca cõpleissãõ sem
lhe ficar nenhũ genero de mortificassãõ da propia võtade que nã exçerssitasse as
esmolãas erãõ cõtĩnuas tirandosse de tudo oque possuhia os gejus ordinarios as
dẽssiplinas muitas as vegilias e nã se despir quasi sẽpre eas demais penitẽcias
secrettas muitas epenosas, ecomo naturalmente era fraca e avia sido ãferma muito
25 tempo nã pode seu natural cõ tanta de masia. fes grande applicassãõ ater oraçãõ mẽtal e
forssa em recolher em ella os sentidos o demonio que nũca çesa de persseguir
semelhantes intentos lhe fasia representassões que para aẽmẽda da vida e uniãõ cõ Deos
aque aspirava lhe erãõ mui penosas ate lhe parecer que cõ os olhos corporais via oque a

¹⁰⁸⁷ Remédio contra o veneno.

¹⁰⁸⁸ Acontecimento ocorrido na Sé do Porto, em 1614, relatado no sermão proferido pelo Padre Francisco de Mendonça, "na solemne procissãõ que ordenou a Universidade de Evora pelo sacrilego roubo do Santissimo Sacramento na Cidade do Porto em 9 de Mayo de 1614", Evora, na Officina de Francisco Simões, com todas as licenças necessarias. Anno de 1614, BPMP, do qual transcrevemos uma parte no cap. 7 do "Estudo Introdutório".

imaginassão representava fasia forssa a resestir eposto que o animo era grande as forssas corporais faltarão, não tinha mestre que aguiasse, e so se ajudava de livros que as veses perturbão mais do que ensinão aos prinsipiantes e so de penitensias que a ãfraquessião se valia veio a dar ã hũs delirios e falta de juiso que lhe durou hũ anno e de
5 que lhe ficarão sempre muitas ãfermidades e achaques posto que o juiso acabo do anno lhe tornou Deos tão perfecto como de antes alem destas causas [fl. 43 r.] teve hũa que pode ser ajudaçe omal pelo muito que lhe custou morteficarsse, fesshe a abbadessa que emtão era hũa semresão em hũ officio que não cõpetia asua idade que foi para ella hũa guerra grandissima por que como estava tão dis posta a morteficarsse quis açitalo as
10 pessoas aque seu creditto dohia não querião e asim foi para ella hũa inquietassão notavel, esta beteria vençeo sua grande obediensia e constansia easim oaseitou, porẽ como em quanto vivemos ã esta carne mortal se rebela contra o espirito se em o exterior mostrava grande passiensia enão osentir, lhe custou de sorte vensersse que diçe ahũas cõpanheiras que tinha em os exsercissios spirituais que de contino offerecia a Deos
15 aquella mortificassão elhe pedia grassa pera se poder venser e sacrificar sua vontade ã a de sua perlada não ha duvida que este quebrantamento della jũto¹⁰⁸⁹ a fraquesa em que as [as]¹⁰⁹⁰ penitensias apuserão foi atotal ruina de sua saude e juiso porem nũca perdeo otino de Deos nẽ de lhe dar a honrra e gloria que podia ã toda a ocasião, fesshe Deos merce por sua devina misericordia de aprovar ã esta infirmitade por todas as vias,
20 porque depois de lhe tornar o juiso lhe ficarão grandissimos accidentes do coração e outros muitos males e asim por todos os modos lhe deu que padecer emereçer em tantos tormentos ã ocorpo e aflissões ã a alma nessessidades e desconmodos que tão larga [fl. 43 v.] infirmitade tras cõsigo, todos passava cõ suma passiensia so versse impossibilitada para resseber o santissimo sacramento sentia por que em os primeiros annos era forssa entrar o confeçor dentro para lhe dar acomunhão por que agrande fraquesa não a deixava deçer a escada depois que cobrou mais algũ alento enão teve este impedimento afrequentava mui ameude a confissão era todos os dias e asim o afirmão pessoas que forão testemunhas de vista e estão vivas e quãdo avia forçosa causa para se dilatar nũca passava dos oito dias e para dessimular desia que queria hũ recado ao confessor quãdo
30 anotavão de singul[ar]¹⁰⁹¹ mas não podia sofrer nenhũ pejo em sua consiensia nẽ tella inquieta e seu padre espiritual afirmava que muitas veses lhe não achava de que a

¹⁰⁸⁹ Rasurado.

¹⁰⁹⁰ as] repetição da autora.

¹⁰⁹¹ Palavra cortada pela lombada.

absolver por que ella fugia de sorte de ofender a Deos que quãdo hia a algũa converssação costumava diser estas palavras eu venhome a qui devertir que estou muito malêcolisada porẽ não se ha de mermurar nẽ diser offensa de Deos se a pratica não era tal e anão podia evitar, hiasse logo, e desia opor que para as castigar e asim todas as cõ
5 que costumava aconverssar falavão muito aponto cõ ella por que não consẽtia outra cousa sevia algũa offensa de Deos ou cousa de que elle se não pudesse servir não so a evitava se podia mas chorava se lhe não era pussivel.

Todos os dias ao rõper da alva tinha duas oras de oração mental o passo de que mais devotta era [fl. 44 r.] e em que mais consulassão achava era quãdo christo nosso senhor
10 deixou acrus ã o calvario cõtemplavão ã quanto se fasião os agulheiros em ella sentado em hũ penedo esperando se aparelhaçe o suplição aqui se rõpia seu coração e desia que esta contemplassão lhe roubava a alma, hũ dia estando as oras costumadas ã esta cõsiderassão quasi fora desim, tangerão a prima estava tão influida em Deos que querẽdo ir aella foi atropelada caindo elevantãdo sã saber por donde hia e tão inflamada
15 e quasi absorta que atentarão as que avirão ã esta novidade e se soube o que fica ditto como esta considerassão foi a causa.

Foi devotissima do sanctissimo sacramento e a ella devemos as grandes festas que ã este convento se lhe fasẽ em seu dia, ella foi a que fes cantar em elle vilhansicos, e emtodo anno não ãtendia em mais que ã os buscar equẽ aqueria contẽtar era com lhe dar
20 musicas para esse dia que ella pos em os pontos que oje esta que ate emtãdo se festejava como qualquer festa cõmua, buscava boninas fasia ella mesma os ramalhetes para a igreja cõ hũa devassão e fervor de espirito notavel e não descansou ate não ver çeabrarsse a festa de Deos sacramentado como oje e. lavava sãpre por sua mão as galhetas da igreja cõ grande devassão e cõ amesma se ocupava ã tudo que era serviço do
25 devino esposo sacramentado e como quẽ de veras o ama ha de ser devotta de sua [fl. 44 v.] mãi sanctissima ella o era de sorte que toda sua acupassão foi sempre servir suas santas imagens vestindoas e ainda fasendolhe emfeites e galas para as ataviar todo o tempo que suas infirmitades lhe dava tregoaas cõ grande fervor e devação e asim lhe chamavão muitas a aia de nossa senhora e ella se alegrava muito de esta hõrra.

30 Ha ã este convento hũa capella da consepsão da virgẽ aqui era sua perpetua assistensia por que sua dona por sua consolassão lhe largou o cuidado de a servir aqui teve sua alma muitas como ella me afirmou por veses eque recebia desta santa imagẽ muitas merces

cõ ella gastava muitas oras ã oração com ella se consolava e regalava cõ grandes afeitos deamor. tinha hũ livro manu escrito de muitas orações jaculatorias e devottas, que ella como prudente abelha escolheo de outros ãpressos, as que cõ sua duçura lhe levãtavão mais o espirito ecausavão mor devassão, cõ este livro averião sempre ã amão por que
5 para todas as oras e ocasiões tinha orações, e pello continuo exsercissio ja as sabia de memoria.

Suas acupassões e exsercissios erão estes, a guarda da regra em quanto teve saude era perfectissima depois que a perdeo em oque suas forssas alcansavão não faltava, ã osilensio foi mui exsẽplar, em obedecer a seus perlados aprimeira etão prõpta que sẽpre
10 andava pergũtando as obediensias que as perladas avião posto porque não quebrantasse nenhũa cõ descudo zelosissima da religião eda observansia della e algũas cousas que via a emcõtravão erão settas para seu corassão e amoestava as culpadas cõ grande caridade [fl. 45 r.] e a ellas mesmas desia que se ella se viçe diante de Deos lhe dava sua palavra de aver ãmẽda e alcansar delle o desvio das ocasiões das taes culpas eposto que emtão
15 ellas o deitavão agraca vimos efecto de suas palavras ã a emenda que se seguiu em muitas. em tudo omais que via cõtra oserviço de Deos e guarda da regra era mui zelosa porẽ cõ hũa brandura natural e hũ espirito de Deos repreẽdia que anenhũa era molesta nẽ pesada por que era cõ extremo afavel e begnina¹⁰⁹² em seu vestido etoucado, posto que mui limpa e consertada, pobre ecõ hũa lhanesa ecõ pustura religiosa eexsẽplar e em
20 tudo podia ser modelo de perfecsão.

Tenho para mĩ que Deos lhe fes merce de se lhe mostrar ãa idade¹⁰⁹³ deseus primeiros annos pello que della alcancei hũ dia, e foi que estando cõverssando comigo e outras religiosas e de Deos como era sua mais continua pratica nos diçe que cada hũa de nos diçesse como pintavamos em nossa imaginassão omenino jesu de dose annos, cada hũa
25 diçe o que pode e soube, de muita fermusura, ao que ella cõ muito riso e alegria repetia muitas veses não era asim não era asim diçelhe eu que pois lhe não cõtentava diçece ella representou o cõ tanta belesa ecõ tal espirito e alegria que sẽpre tive para mim o avia visto mas não me atrevi apergũtarlho nẽ ella mo avia de comunicar ã tudo oque era falar de Deos tinha nottavel graça e cõ tanta eloquensia como aprẽdida da fonte de tão
30 continua oração mẽtal, então em [fl. 45 v.] acabando estas praticas desia, senhoras aqui esta Deos agora ãtre nos, meu Deos quẽ vos vira quẽ mereçera vervos aqui estais que

¹⁰⁹² *begnina*] benigna (metátese).

¹⁰⁹³ Após *idade* a autora rasura *dade*.

voça palavra não pode faltar e isto cõ tanta devação que nos deixava admiradas e segũdo ãtendiamos desia histo por nos a feissoar a falar de Deos e evitar as converssações que não fossẽ santas eboas. o resguardo que teve ã não perder aquietassão de sua consiensiã foi notavel por que desde que tratou de se recolher a mais
5 perfessão de vida não viu mais parêtes (tẽdo muitos emui chegados) que seus pais e irmãos e estes nẽ sẽpre nẽ em dias de comunhão em que de todo não falava nẽ cõ as religiosas mais que cõ Deos.

Chegousse o fim de seus trabalhos e parecia que asim como auida selhe hia abreviando se afervorava mais em o amor de Deos, em o advento antes que elle a levasse erão tão
10 grandes as saudades que de over trasia que desia não sabia que fisesse, e indo acella de sua irmã repetia estas palavras muitas veses que farei que me fino de saudades de Deos senhoras quando morrerei para over, meu Deos menino quãdo vos virei epedia lhe falassẽ em o menino Jesus pera se aleviar as quais praticas erão cõ tanto espirito que sua irmã e subrinha se cõpungião e jûtamente se desconsolavão por lhes parecer que
15 aquelles efeitos erão causados de andar perto da morte levou as a ellas e outras amigas em este advento hũs tantos dias anoite a hũas capellas que ha na claustra em memoria das jornadas que nossa senhora fes desde nazareth a belem e ella hia diante cõ hua lanterna [fl. 46 r.] tão influida em sua cõtemplassão que não dava pellas graças que as cõpanheiras hião disendo de as levar por tal frio hũ caminho tão cõprido de noite e
20 depois as repreendia quando lho contavão de seu pouco spirito.

Toda afesta do nattal levou ã estas mesmas saudades que parecia lhe a rãcavão o coraçãõ repetindo muitas veses a sua subrinha que farei que me morro de saudades de Deos meu menino quando morrerei quãdo vos virei, passadas as octavas as foi ver elhes diçe se hia despedir dellas que lhe parecia aqueria ja Deos levar e por que sua irmã pelejou cõ ella
25 se calou mas ao hirsse lhes dice fiquẽsse ãbora que pode ser não torne ja ca, asim foi que aquella noite lhe deu hũ prioris¹⁰⁹⁴ de que logo alevirão pera a ãfermaria em a doensa desejou auida cõ exçesso, e disẽdolhe hũa religiosa que se tanto desejava amorte, por que queria emtãõ viver, respõdeo, por que nũca servi a Deos equeria agora comessar, tanto que o medico a desẽganou reçebeo os santos sacramentos cõ grande
30 devassão renũpsiou essa pobreza que tinha em as mãos da perlada pediu perdãõ a

¹⁰⁹⁴ O mesmo que *pleuris*, inflamação da pleura, MORAIS, v. 8, p. 706.

todas, e entregou de todo a Deus de sorte que em nada da vida entendeu mais que em fazer protestações e actos de contrição.

Mãe viu a sua irmã dizer por hũa religiosa que quando viu a Deus se lembrou diante delle de seus irmãos e subrinhos, estava lendo hũas orações para aquella ora e ella
5 ouvindo com grande [fl. 46 v.] a tensão parou a religiosa com ellas e quanto lhe deram o recado em o ouvindo virou para a que lia e disse continue madre va por diante se dar nenhuma resposta dando a entender que em aquella ora so de aquillo tratava e que estava tão desarreigada das cousas deste mundo que so Deus lhe lembrava.

As seis horas da manhã fizeram sinal para a missa disse hũa religiosa que costumava a
10 ajudar em aquella ora por que entendia de pulso, para as demais, não sei se va a esta missa, levantou a madre soror phelipa a voz e disse que as horas são, responderão que seis, disse virando para a religiosa não madre fulana bem pode ir a missa pelo que fica atras ditto e por isto temos por certo soube a ora de sua morte, que foi as nove horas do dia com todos os sentidos muito perfectos ate a ultima dizendo overço maria mater gracie e Jesus ate que
15 espirou com grande serenidade e quietação que parecia hũ anjo, faleceu dentro em o octavario dos reis não lembra dia certo em o anno de 1630 tendo de idade 47 annos ficou seu rosto fermoso e bem asombroso acerca que ardeu em seu enterro sendo com officio de presente emissa tudo muito solene não so não quebrou mas creceu de sorte que senão pagou aluguer tudo seja para gloria de Deus que acriou amen.

20

[fl. 47 r.] da madre soror paula de s. hieronimo - cap. 15

Foi esta religiosa natural da cidade de lisboa seu pai se chamava sebastião alvares de sua mãe não lembra o nome so se sabe eram ambos muito nobres e que era elle desbragador vindo a esta vila a hũ negocio em serviço da real casa de bargan[sa]¹⁰⁹⁵ se afeisou a
25 releião de este convento tanto que trouxe para serem freiras nelle esta madre de que escrevo e outra mais moça ambas tomarão o abito no anno de 1573. sempre deram de sim muito grande exemplo principalmente a madre soror paula que desde seus principios deu sinais do glorioso fim de sua carreira, asignalou muito em avertude da humildade em seus primeiros annos em os officios de mais trabalho por que exercitarão as antigas em
30 elles como fazião a todas e nenhuma estranhava senão com muito grande alegria servia em

¹⁰⁹⁵ O resto da palavra parece ter sido esquecido.

tudo oque era mādada, e assim senão escusou ã sua vida de nenhũ ofiçio por baxo que fosse fasendoos cõ mui alegre sêblante por serẽ dados pella obediensia que teve aseus perlados mui prõpta.

Foi devotissima da paxão de Cristo nosso senhor e em reverensia della alumiaava ã a
5 igreja hũa capella ã que esta hũ santo crucifixo aque tinha grande devasão e chorava
diante delle muitas lagrimas quãdo lhe fasia orassão¹⁰⁹⁶ elhe cõprou hũ foro comque [fl.
47 v.] se alumia, equãdo ouvia ler a paxão derramava tão bem as mesmas por que era
comũ openião tinha dõ de lagrimas, da virgẽ nossa senhora foi devotissima tinha hũa
10 pintura sua mui linda a que amava ãtranhavelmente econfessou a hũa religiosa lhe avia
feito muitas merces.

Ë o frequentar os sacramentos foi mui soliçita e assim o era ã todas as materias tocantes
asua salvassão. era mui penitente e de ordinario tomava largas dessiplinas. as oras do
sono erã mui lemitadas por que se vinha recolher do choro mui tarde levantavasse a
ouvir amissa da alva.

15 Em o comer tinha grande temperansa por que so era para sustentassão enão para regalo.
em os jejũs foi mui abstinẽte por que toda sua vida emquanto por amuita idade e
enfermidades lho não prohibirão passava as quaresmas e adventos emais jejuns da igreja
sem comer peixe nẽ ovos mas legumes sos e se a repreendião desia que não fasia aquillo
por abstinensia mas que o pescado lhe fasia dano ao figado eque de ovos não gostava,
20 mas bẽ se entẽdia o cõtrario a fora estes obrigatorios fasia outros de pão e agua; jejuõu
muitos annos ate as forssas lhe faltarem o jejũ de sãothiago não comẽdo desde quinta
feira de endoensas¹⁰⁹⁷ ate dia de pascoa pella menhã, posto que ã estes ultimos annos
por ser ja de muita idade se viu em grande risco de não poder abrir os queixos
cõafraquesa, easim janão chegava ate o domingo, as sextas feiras do anno não comia
25 pescado nẽ ovos se não hũ caldo de grãos e hua talhada de queijo mui pequena cõ hũa
fatia depão [fl. 48 r.] foi dottada de grande prudensia cõ que punha todas as cousas em
seu lugar. em suas palavras era tosca e singella aprudensia que em tudo se lhe conhessia
em capassidade de molher anão podia aver maior, della lhe nassia hũ sofrimento grande
em os trabalhos que parece os não sentia como humana, hũ dessimular agravos efurtar
30 ocorpo asabellos enão se dar por achada delles que admirava aquẽ conhessia estes

¹⁰⁹⁶ Rasurado.

¹⁰⁹⁷ Celebrações religiosas de Quinta Feira Santa.

lances de prudensia ver que subjectava a de esta religiosa as paxões nattrais de sorte que quãdo era nessessario nẽ o primeiro movimento de ira dava a entẽder sendo que teve fortissima condissão etanto que entendo que amor penitensia que fes foi vensersse refreandoa, oque não podia ser sem particular auxilio do çeo, tãobẽ se conhesseo sua
5 prudensia em saber relevar as faltas do proximo cõ tanto secreto que se aseu cargo tocava ãmendalas so Deos e ella osabião em suma sua prudensia era estremada como se vera em tudo o que de sua vida contar.

Era esta religiosa mui humilde e se reputava por grande pecadora disendo o asim cõ grande copia de lagrimas.

10 Faleceolhe sua irmã que amava muito porque nũca se apartou della que ãbas tomarão o abitto como se ha ditto easim sentiu este golpe cõ extremo estando ja agonisando por não seatrever a vella acabar se retirou aoutra cella [fl. 48 v.] viu ã a parede della hũa latada de jasmins e emtre ella hũa caveira mui branca não entẽdeo por então oque aquella visão significava so se consolou vendo pellas çircunstansias era boa, e se Deos
15 lho deu aentẽder seu grande secreto não deu lugar a que o soubessemos.

Ë afalta desta irmã posto que osentimento foi grande se resignou ã a vontade devina cõformãdosse muito cõ ella, desde essa ora não quis saber mais de parẽtes por mais chegados que fossem nẽ ainda de irmãos ate de hũa que tinha freira ã a annũciada de lisboa não tratou mais, dandosse por entẽdida que Deos aqueria so para sim e sefes
20 morta ao mundo de ahi a diante vivendo tão esquessida de tudo como se perdera amemoria do que ã elle deixara.

Deu esta illustre religiosa grande prova desua prudente passiensia em hũa semrrasão¹⁰⁹⁸ que se lhe fes em aqual mostrou tanta passiensia que parecia auxilio do çeo.

Foi vigaria de hũa abbadessa que faleçeo a poucos meses de electa, e ella cõ patente do
25 perlado ficou algũs tenpos por presidente em o qual cargo deu grande satisfassão de seu governo quãdo parecia justo elegerẽna por abbadessa antepuserão a ella outra muito mais mozza ese mudarão a esta todas as que antes achavão ser mui [fl. 49 r.] justo que o fosse a madre soror paula pois em amesma ellecsão acestiu por presidente e so sahiu nella cõ hũs poucos vottos cõ grãde afronta de sua pessoa dina de mores cargos levou
30 este golpe cõ tanta serenidade de animo que não parecia fora aquelle agravo feito a ella,

¹⁰⁹⁸ Um *despropósito*.

emuito mais sentiu segũdo se entendeo elegerẽna de ahi a tres annos de mão comũa todas por que lhe pedia seu brio não o aceitar porem por morteficar avaidade ea estimassão de sua pessoa que a isso a inclinava se subjectou a tomar ocargo como ella dice foi excelentissima perlada depois aquiserão eleger por veses nũca quis disendo que
5 hũa ves o fora por se morteficar, que asegũda não lhe ficava desculpa de oser que queria tratar de sua consiensia que era ja velha e ouve hũ breve para anão poderẽ meter ã escriptinio.

Foi mui inteira em faser guardar a regra cõ grande observansia sã amover nẽ paxão nẽ afeissão ã nenhũa materia easim se fasia temer tanto que ate não sendo perlada as
10 mesmas que o erão a temião cõ o que lhe não faltarão trabalhos eocasiões em que mereçer que ella dessimulava cõ grande prudensia mas nũca ã oque tocava a religiãõ a froxou por nenhũ themor.

Asim mesmo era mui zelosa do proveito do convento ã o temporal. sendo abbadessa abriu hũ posso no claustro em que se conhesseo bẽ sua charidade porque padeciãõ as
15 religiosas grande falta de agua [fl. 49 v.] vindolhe para beber de fora. custoulhe grandissimo trabalho lagrimas e orações ouviu as Deos por que quasi milagrosa mente lhe deu agua avendo grande desconfiansa de se achar, em dia de sãõ clemente a quẽ ella tomou por avogado em esta obra que acabou tão perfeita como erão todas as suas.

Como Deos aos justos apura como ã erisol aesta madre aquem pia mête podemos ter por
20 deste numero deu licença ao demonio para provar sua fortaleza econstansia epara poder cõ tão continua bateria a criou a devina providensia sã nenhũ themor femenil dandolhe hũ animo invensivel e tão alentado coração que nada a asõbrava nẽ fasia desmaiar pagante de 30 annos a atormẽtou o enemigo portodas as vias que pode ja aparecendolhe ã diferentes espantosas e horrendas feguras ja disendo lhe cousas que lhe causaçem pẽna
25 e molestia ate chegar a tratala mal cõ golpes e pancadas; cõ grande prudensia calava tudo e cõ estranha passiensia osofria, porẽ como era tão ordinario muitas veses foi sentido e a forssa de rogos eainda cõ obediensia da perlada se tirou o pouco que direi.

Indo hũa ves por hũa casa a desoras lhe appareceo em hũa janella della ã forma de hũ passaro disforme etorpe preçedeo primeiro ver escureçersse tudo por que sua grandesa
30 atapava toda, este mōstruo¹⁰⁹⁹ lhe falou [fl. 50 r.] como se tivera mascara cõ hũa vox tão

¹⁰⁹⁹ Manchado.

grande e orrêda que parecia de boi oque lhe diçe não quis ella contar antes afirmou onão deria ã toda sua vida, entêdemos que foi descobrir faltas porque com lhe diser as de seus proximos a atormêtava quasi sempre, de esta espantosa vista diçe fora seu themor tão grande que estivera para acabar se Deos lhe não acudira.

5 Estando hũa ves ã a ãfermaria doente sentiu hũ grande estrondo ã amesma casa como hũa luta, cõtaes golpes voses eruido que parecia se hia ao fundo, e olhãdo ella viu cõ aclaridade da alãpada dous vultos negros que andavãdo luctando gritando e fasêdo grandes alaridos, tem a ãfermaria celas como tendas repartidas cõ lensoes forãdo estes vultos creçendo de modo que sendo a altura da armassãdo de mais de duas varas emeia
10 chegarãdo a passar por ella ea velos ella claramente por sima desta [...] ¹¹⁰⁰ como estava fraca e enferma o ficou tanto que depois de aquella sõbra infernal se ausentar pello sinal da sanctissima crus, chamou por hũa religiosa que acurava epediu lhe deçê hũ bocado e nẽ esta nẽ as infirmeiras sentirãdo nada.

Em amesma ãfermaria teve outro caso semelhante em outra enfermidade este sentirãdo
15 tres religiosas que em ella estavãdo ouvindo o roido como de luta posto que não virãdo nada ella as quietou disêdolhe não fora aquillo cousa algũa por que ficarãdo tão faltas de animo quãto o seu era grande para estas batalhas ha religiosa que lhe açestia confessou ser o enemigo [fl. 50 v.] de que se livrava cõ recorrer a Deos ea sua sanctissima madre.

Outra ves lhe apareçeo no ar hũ so brasso cõ hũa mão de disforme grandesa ã ella hũ
20 pao cõ que a ameaçava para lhe dar, em boa e santa acupassãdo devia de estar esta alma quando elle trabalhava tanto de a devertir della.

Tinha esta madre hũa amiga que amava como essa teve odemonio tanto poder que pos em seu animo que amadre soror paula aagravara em hũa materia em que ella cudou aservia e a nosso pareçer lhe fasia boa obra, moveo tanto o enemigo esta religiosa a ira
25 que rõpeo em escandalos e doestos grandissimos em que a serva de Deos mostrou notavel passiensia não respondêdo nũca mais que sabe Deos não foi minha tensãdo agravarvos senãdo servirvos quando viu seu persseguidor que por aqui lhe não podia faser perder a coroa da passiensia a pareçolhe vesivelmente e dicelhe fulana se quer vingar de ti efaserte tal mal e agravo ao que ella lhe respõdeo vaite ãbora pai da mintira
30 que não pode faser isso essa religiosa tornavalhe a diser cada dia oulha que te a de

¹¹⁰⁰ Ilegível.

afrõtar e faser tal agravo de tal e tal modo. andava tão a themorisada que toda a noite velava por evitar a causa de aquelle castigo nẽ tomava mais sono que oque asentada se deixava venser delle, estando hũa noite cõ este cuidado ouviu hũa vox que lhe dice não [fl. 51 r.] temas que tenão hão de faser male ea este ponto lhe deitarão o instrumento
5 cõ que a religiosa a pretendia offender oqual ella guardou e por sua morte o achou hũa religiosa que otem ainda oje em seu poder, pode se ver apassiencia evertude de esta serva de Deos ã sofrer erelevar esta culpa de sua irmã sã lhe precurar nenhũ genero de castigo nẽ vingãssa e a prudensia cõ que a incobriu sem darsse por achada della guardando este segredo de sorte que nẽ ha mesma religiosa deu mostras de osaber
10 esperando epedindo a Deos alumiasse aquelle coração pera entẽder era tentassão do demonio, como de feito succedeo, por que depois forão muito amigas e nẽ entãõ ella lhe deu hũ pequeno indício de aver sabido nada ese o demonio não mentiu a religiosa faleçeo sem saber lhe fora descuberto seu pensamento mas omais certo e foi ãgano do pai da mentira pera ver se podia criar rencor em hũ corassão que tão entregue estava a
15 Deos.

Entroulhe o malditto hũ dia pella cella e sentousse sobre hũa arca cõ tal estrõdo egolpe que pereçia que a casa cahia e pos se a chorar e faser grande pranto como carpideira dicelhe ella que emvensões são estas cõ que vens que me queres diser nisso, acaba ja que e isso que tenho, respõdeolhe morreo tua irmã freira na anũpssiada de Lisboa, erão
20 tantos os generos de persseguissões que lhe fasia que porque [fl. 51 v.] sabia não queria esta religiosa saber de seus parentes por se não inquietar lhe veio dar aquela molestia e inquietassão cõ aquella nova depen[...]¹¹⁰¹ por que asim succedeo, que era falecida.

Ouviu hũ dia hũa servidora estando ã açerca que cõ amadre soror paula falava hũa vox de homẽ cõ grande tã e como mascarado imaginou ser algũ official que ã asua çela estava
25 de pois disto se soube que nenhũ homẽ avia subido ao durmitorio ã aquelle dia e asim pergũtando lhe hũas religiosas que algũas cousas puderão alcansar della com que vox lhe falava respõdeo que como por mascara etãõ grande como boi.

Estando esta serva de Deos hũ dia na sua çella ã oração ãtrando hũa religiosa a vesitala não deu por algũ espasso fe della nẽ respõdeo ainda que a saudou quãdo ella viu aquella
30 suspensão deulhe hũa palmada para lhe acudir ella cõ os olhos erosto baxo diçe disso me da amã dos teus asõbros nẽ dos teus medos. a freira chamou a ãtãõ por seu nome ao

¹¹⁰¹ Ilegível.

que ella acodiou logo rindosse e festejandoa mas notou esta religiosa que grande devia de ser acõtinuassãõ do enemigo pellas palavras que diçe e opouco que se asõbrou imaginãdo que era elle.

5 Sendo abbadessa confessou a hũa religiosa que avia criado que o mor tormẽto que tivera fora não faserẽ suas subdittas cousa nenhũa contra a religiãõ nẽ cahirẽ em defeito¹¹⁰² que lhe não fosse diser, que propio officio do diabo ser mixeriqueiro estando hũa noite [fl. 52 r.] resando aporta do choro por poder de ali vegiar se tinhãõ as religiosas orecolhimento devido, pegoulhe por hũ braço e avanãdoa lhe diçe fulana fas tal cousa contra areligiãõ passa histo e histo tu não o ãmendas respõdeolhe ella não ha tal
10 mẽtiroso que nada disso e nẽ ha ahi que ãmẽdar, cõ tudo cõ acostumada prudensia vegiou sobre aquillo eachando ser serto lhe pos a emmẽda devida. não era este ointento do enemigo que não quer se evitem culpas, senãõ divertilla da oraçãõ em que estava cõ grande quietassãõ eperturbala cõ escrupulos mas ella sẽpre furtava o corpo asuas captellas não perdendo ponto de sua oraçãõ e emmẽdava as culpadas cõ tal prudensia
15 que nẽ dava escandalo nẽ ella o tomava.

Estando outra ves em açela de hũa amiga virãõ as que ali estavãõ mudarselhe acor do rosto e o semblante de supito levantousse logo e foisse sem diser palavra, depois se soube que aquella supitta mudansa foi por que alli lhe diçera o demonio estava hũa religiosa em aportaria falando sã sua liçensa destas erãõ sem conta as inquietassões que
20 lhe dava que pera sua grande consiensia erãõ penosissimas.

Tãobẽ contou amesma religiosa que hũ dia ou algũs estando¹¹⁰³ resando de noite ã o choro pretendera que ella desesperaçẽ disendolhe que senãõ avia de salvar.

[fl. 52 v.] Vendo que por nenhũa via podia abalrriar sua fortaleza nẽ deminuir apassiensia e vertude aque acreçentava novas coroas como cãõ raivoço pos as mãõs em
25 ella e cõ furiosa crueldade a deitou dacama abaxo hũa noite eamanheceo cõ o rosto todo negro episado e asim mesmo a cabessa dos muitos golpes que com ella deu pello chãõ que forãõ ouvidos elhe acudiu hũa religiosa que ficava mais mistica, tinha o corpo todo em ronchas vermelhas enodoas negras e desacordada de todo ao parecer de quẽ avia, emeia morta a levarãõ em hũ colchãõ para a emfermaria acodiulhe logo muito rija febre
30 de que asangrarãõ muitas veses e lhe derãõ os sacramentos sã ella ã todos estes dias dar

¹¹⁰² Emendado pela autora.

¹¹⁰³ *estando*] repetiçãõ.

acordo de sim por que como a forssa dos golpes foi ã a cabessa lhe tirarão total mente ojuiso.

Acodiu amisericordia devina a ãparala equando se esperava o fim de sua vida o deu ella aseu tormêto ou para falar ao certo a ressussitou.

- 5 Foi pois o caso que hũa religiosa que avia criado por essa causa acurava, estava hũa noite ãcostada junto da sua cama acordou aouvirhe estas palavras, benditto e louvado sejais meu Deos que amparais voças creaturas, eme faseis tantas merces a mim hũ bechinho da terra, hũa tão grande peccadora os anjos vos louvem eos sanctos vos dem graças por mim quãdo a religiosa aouviu pergõtoulhe que tinha se estava melhor sinha
- 10 respondeolhe abêditta velha filha que mũdo e este [fl. 53 r.] donde estamos quẽ me trouxe aqui cõtoulhe ella emtã omal que avia estado espantandosse ella de não sentir nada do que rellatava selhe avia feito, ao que lhe diçe aella e ha madre abbadessa que a hubrigou cõ obediensia, que estava bem por que avia tres noites que lhe cobrião orosto e corpo todo aseu parecer cõ hũ palio branco que ella sentia porque estava acordada o
- 15 qual era do mais excelente cheiro que ella ja mais avia visto entre todos os odoriferos do mundo, eque logo se lhe confortara acabessa emẽbros todos e estava bẽ, easim se viu porque repentinamente parou eo que avia passado cõ o demonio cõtou estando sem juiso a duas religiosas que ãtã lho pergõtavã por que o julgavã e dipois que oteve perfectõ cõtou omesmo que e o que se ha ditto pella obediensia que lhe pos a perlada.
- 20 Pello advento estando anoite so ã asua çella esperãdo pellas matinas ãtroulhe por ella aquella sõbra infernal tão disforme e dando tais bramidos egrittos que a hubrigou airsse da çela e todo cõprimto do durmitorio aquella malditta besta veio sempre diante della fasendo os mesmos alaridos e prantos. a serva de Deos vinha tão fora de sim que sahiu de seu natural temendo a notavelmente, e passando hũa casa donde histo selhe somiu se
- 25 foi a o outro durmitorio e estava chamãdo pello nome de jesu ebensẽdosse sã a tentar que era vista easim se foi contar a hũa casa ã que estavã algũas religiosas hũa se inquietou notavelmente cõ agouro por que tinha hũa irmã muito doente foilhe apergõtãr que vira e ella a aquie[fl. 53 v.]tou disendolhe que nada. porẽ amesma faleceo ã apascoa seguinte ã omesmo durmitorio de hũa morte apressada eouve os mesmos prãtos ã elle,
- 30 que estas cousas pella mor parte via quando avia de falecer alguẽ dandolhe cõ histo pena e tormêto grande outros muitos casos lhe acontecerã cõ o demonio que deixo por

não aver tão çerta noticia deles como destes mas forão muitos e continuos porque perto de quarenta annos apersseguiu.

Hũ anno ou pouco menos antes de Deos a levar contãdolhe hũa religiosa que avia lido ã amesa muitas persseguissões, que o demonio fasia ahũa sancta respondeo cõ grande
5 descudo, benditto seja Deos que ja me a feito a merce que tanto lhe pedia deme deixar aquelle malditto por que de todo não tinha ja forças para o levar, eomesmo diçe ã segredo a religiosa que criara, easim nẽ a ora da morte nẽ antes de Deos a levar lhe vimos nẽ sentimos inquietassão nenhũa senão sẽpre muito soçego e alegria.

Foi por extremo devotta e desião tinha dõ de lag[r]imas¹¹⁰⁴ como se ha ditto por que não
10 podia falar ã apaxão de Cristo e em seus sanctos sẽ se desfaser em ellas seus capitulos sendo perlada não erão mais que lagrimas asim de se ver em aquelle lugar como de aver culpas ã as esposas de Cristo dignas de reprehensão e histo chorava cõ tão grande inpito que era cõpunção para as mais perfectas emotivo de riso as que o não erão chorava pecados alheios eseus cõ grande dor como se conheço ãque avêdoçe lido ã a mesa por
15 hũa [fl. 54 r.] coronica da ordem hũa visão de hũ religioso que viu brandir a Deos tres lansas cõtra tres peccados do mũdo ha noite açertou a religiosa que o avia lido a ficar ao quarto da oração jũto da madre soror paula easentiu ã todo elle e depois muito espasso chorar cõ grande inpito que estava ella admirada depois de todas se irẽ chegousse ha religiosa epergõtoulhe cõ grande dor cõtra quẽ era atirsseira lansa que Deos brandia
20 entemdeo ãtão que essa fora acausa de tão copiosas lagrimas, sẽpre foi mui devotta enẽ ã as grandes infirmitades deixava suas devassões emuitas veses se admiravão pessoas de estando tão ãferma ter animo para resar. porem em os ultimos annos não tinha outro exerssicio mais que emcomendarsse a Deos muitas veses de noite estava muitas oras ã crus e foi sentida da religiosa que lhe adestia e ã esta devassão alcansou saber que hũ
25 ãfermo pai da mesma não avia de faleçer easim a seguro de sua vida.

Tres annos antes de Deos a levar lhe deu Deos por purgatorio hũa infirmitade de camaras que costumava diser que so essa o poderia ser para ella por ser mui contraria a sua condissão e erão tão continuas e tantas que a punhão muitas veses em extrema fraquesa levou este tormẽto cõ grande passiensia que sempre lhe estava dando graças
30 por aquella merce de a provar.

¹¹⁰⁴ Emenda do editor.

Chegou o tempo de sua morte que foi hũa [fl. 54 v.] dor penosissima e cõ tão grande consolação de sua alma que de continuo estava cõ as mãos postas louvãdo a Deos por aquelle favor.

5 Mãdou chamar amadre soror catherina do spirito santo e encomêdoulhe esta casa e que zelaçe tudo o que viçe contra a religião cõ muito animo porque ella ja acabava e que poucos serião seus dias e outras muitas cousas que não lembrão.

10 O dia que lhe deu a dor disse aquella era aultima ãfermidade enão avia de [escapar]¹¹⁰⁵ della confessousse em seu perfecto juiso e cõ grandes mostras de contrissão, querêdo para ella comũgar disersse missa ca dentro dice ella que¹¹⁰⁶ não por que a não avia de esperar easim foi que acabou logo avendoa antes unguido esem perder a fala nẽ nenhũ sentido espirou logo.

15 Vindo esse dia cadentro hũa menina de pouca idade a traserlhe hũ recado levoulho a sua casa donde estava ãferma eviu as paredes todas cheias de meninos muito fermosos e pasmadasinha em elles não avia remedio a hirsse e diçe a hũa religiosa lhe desse hũ de aquelles meninos aqual lhe respõdeo que menino te ei de dar esta aqui algũ foisse muito cuidadosa do que viu do qual ainda oje selẽbra.

20 Quando Deos levou amadre soror maria das chagas indo amadre abbadessa que ãtão era chorar esta perda cõ o confeçor a consolou disendo que tres lhe ficavão de igual vertude esta madre eamadre soror catherina do espirito sancto eamadre soror maria da [fl. 55 r.] circunsissão que inporta muito otestimunho de seu padre espiritual. faleçeo esta serva de Deos velhissima cõ os sentidos todos e potencias da alma tão perfectos como ã seus primeiros annos em o de 1634 aos 28 de outubro.

a madre soror isabel da vesitassão - cap. 16

25 Esta religiosa foi natural da cidade de lisboa filha de pais mui nobres os quais se chamavão francisco botelho e josea chanoca sẽpre foi mui inclinada ao culto devino eserviço do coro e emtudo de devassão aprimeira porem de hũa condissão mui rija de pois que Deos atocou confessava suas culpas publica mente disendo fora mui trabalhosa

¹¹⁰⁵ Rasurado.

¹¹⁰⁶ Repetido.

em a religião epior que o mesmo demonio e que não sabia como ouvera quẽ a sofresse por que era mui altiva emui coriosa em vestir e tocar, queria ser a primeira e os officios e em aestimassão das perladas, se era asim como seu a rẽpẽdimento a obrigava a diselo vimos e ella hũa maravilha de Deos e amudansa que fes em sua vida, nove ou des annos antes de elle a levar por hũa sãresão que se lhe fes cahiu sobre sim e conheço o toque devino em amorteificar, e humilhar sua altiva condissão como era dotada de bõ intẽdimento aproveitou-se desta occasião considerando que omũdo so sã resões pode dar e que so em Deos se acha a paga segũdo os meressimentos de cada hũ deu tal volta asua vida que parecia outra do que avia sido.

10 Seu toucado era hũ disfarsse o seu sofrer como [fl. 55 v.] se não fora de carne e sangue e para apenitensia ser mais meritoria permitiu Deos que todas tivecẽ mão para amorteificar e ella passava tudo cõ grande passiensia que como e altiva pecou mais em sofrer e humilhar queria restaurar o perdido.

Sẽpre e o seguir as comunidades foi unica porẽ e estes ultimos annos era cõ tanto excesso que nã eferma ficava delas que acabava de ter hũ accidente e sehia logo a o choro. não tinha outro exercissio mais que resar eler livros spirituais e tresladar orações e que sua alma achava mais consolassão, histo permitia Deos fosse motivo de lhe darẽ que merecer por que muitas sãbavã disso elho deitavã a ipocresia disendo que era fengimento ella o eẽtendia muibẽ mas desimulava tudo e offerencia a Deos eẽtendendo que
20 ainda merecia mais.

Sẽpre foi mui charitativa e amiga dos pobres e delhe faser esmolla mui cõpassiva dos nessessitados e aflitos e amessissima de faser bẽ, fasilmente deramava lagrimas de cõpaxão dos desconsolados e muito amiga de acodir pelas que pouco podião e asim desculpava sãpre as mossas disendo que pois a ella a sofrerã se não espantava de nada
25 que as outras fisessẽ, por que fora pior que todas.

Eẽ estes ultimos annos afiserã vigaria da casa e este officio exercitou mais os de humildade que o de perlada eẽtã atissou mais o demonio a se avaliar mal esta vertude julgando o não era se não querer grangear vottos para abbadessa mas ella [fl. 56 r.] que tinha diferentes intentos e suas obras se bem sabia a conta e que as tinhã não lhe dava

isso motivo para as deixar que tinha a contrissão daspasadas culpas¹¹⁰⁷ deitado grandes raises ã seu coração.

Sendo mui grande musica e devendosselhe por isso muitas ventagões ate ã esta materia permitiu Deos purgasse algũa presũpssão que em ella aviatido por que amorteficarão
5 muito ã anteporẽ a ella outras mais modernas, recebẽdo de algũas tão grandes escandalos que de sofrer o ultimo que foi ã o advento morteficandosse em não falar palavra e subjectar sua forte condissão lhe deu hũ accidente de que mais se não levãtou da cama nella deu grande exsẽplo de sua mudansa por que aquellas que mais a avião escandalisado a essas mostrava mais amor quãdo avião frequentava a confissão
10 ecumunhão muito ecõ tanta pureza de consiensiã precurava a achasse amorte que por que se agastou cõ hũa amigasua a boca da noite se não queria recolher sã se reconciliar de aver quebrantado o silencio e por não dar apressão as religiosas veio ã que deria sua culpa aperlada haqual mãdou chamar e lha dice batendo nos peitos cõ muita contrissão e lhe pediu penitensia. padeçoõ ã esta ultima infirmitade muito porque se fes thisica e
15 idropica.

E conhesendo otenpo de Deos a levar para sim pediu os sanctos sacramentos ã oda unsão em ella sefoi confessando em cada sintido em que lhe punhão os santos oleos cõ grande contrissão e espirito [fl. 56 v.] de tudo o em que cõ elles avia ofendido a Deos como dipois se soube do confeçoõ a vespera de nossa senhora da vesitassão ameia noite
20 mãdou chamar hũas religiosas que costumavão a ajudar abem morrer pediulhes lhe vestiçẽ oabitto oque custou muito por estar mui inchada da idropesia e mui ãfraquessida e singirão lhe acorda ella se persignou e pos oveo diçe a confissão cõ muita dor e contrissão e pediu a hũa das religiosas fisesse cõ ella a protestassão da fee e dipois que lhe lesse e resasse tudo oque se contem em a sinco partes do livro *crus christi* e
25 chegando a seista lhes diçe fossem ouvir missa que era ja menhã e descansaçẽ hũ pouco que como fosse tempo que ella o deria e estando ã o mesmo dia da vesitassão todas cõ ella ã dando meio dia pouco mais oumenos chamou hũa amiga sua que amava muito pediulhe se fosse de ali eque comesse, evirou para as religiosas e dice ora comessese histo ã nome de Deos ebenseosse pediu lhe consertassẽ o veo resarão lhe o officio da
30 agonia eoutras muitas oraçoões e em o ultimo verço da sexta parte de *crus christi* deu a

¹¹⁰⁷ *daspasadas culpas*] rasurado.

alma a Deos dia da vesitassão de nossa senhora que ella festejou toda avida por ter oseu nome em o anno de 1623.

[fl. 57 r.] *Breve recopilção da vida e morte de soror caterina do salvador religiosa do mosteiro da Esperança de Villa Viçosa* - cap. 17¹¹⁰⁸

Hũ dos premios que a virtude tẽ hé ficar entre os vivos a memoria dos que cõ ella acabarão, conforme ao que diz a Escripura, que a memoria dos Justos será eterna. E por isso a Igreja sancta toma a sua conta canonizar, e beateficar aos que acabarão cõ provas de sanctidade, e demonstrações de virtude, pera que com a lembrança cá, nos dias emque da vida partirão, como cõ paga fique acompanhando o premio que no Ceo tem, avendo que a Virtude, e Sanctidade mereçe não soo ser paga lá no Ceo, a onde vivẽ os Justos como soldados aposentados, senão ainda a onde pelejarão vivendo.

E ainda que a Igreja só trate de fazer esta lembrança, e dar esta paga aos que forão em virtude heroica conhecidos, e em milagres famosos, não hé bẽ que fiquẽ sã ella os que a este grao não chegarão, mas tiverão hũa vida mui regulada conforme o seu estado;

¹¹⁰⁸ Este traslado sobre a vida e morte de Soror Catarina do Salvador, enxertado no livro de Soror Antónia Baptista, é parcialmente transcrito a partir do exemplar localizado na Academia das Ciências de Lisboa, ms. 517, série vermelha. A opção de utilizar este exemplar deve-se ao mau estado de conservação em que se encontra o documento presente no texto de Soror Antónia Baptista, condição que inviabilizou totalmente a sua transcrição, a partir do mesmo, até ao fólio 76 r., cap. 33, "livro segundo". Após este fólio, a transcrição é retomada tendo por base o documento incluso no texto de Soror Baptista. A foliação introduzida, foi sempre seguida pelo texto de Soror Baptista, uma vez que a autora mantém a sequência da foliação coincidente com o seu próprio texto.

Ainda a propósito deste documento sobre a vida e morte de Soror Catarina do Salvador, levantam-se algumas dúvidas quanto à autoria do mesmo. No exemplar da Academia das Ciências de Lisboa, o nome do autor nunca aparece inscrito ou referenciado. No *Livro da Fundação*, no início do traslado, percebemos com extrema dificuldade, que há um nome do possível autor e local de pertença. Contudo, é com a ajuda da ficha descritiva colocada no interior do *Livro da Fundação*, da responsabilidade do Bibliotecário da Biblioteca Nacional à época (deduzimos que já no séc. XX, porque a escrita é feita a esferográfica), que percebemos que o nome inscrito é do padre Matias de Eça, seguido de "pregador e religioso do convento de...", o Bibliotecário coloca *ilegível* na informação restante, por estar, lamentavelmente, em muito mau estado e, como tal, impossível de decifrar.

Sabe-se a data de conclusão do exemplar utilizado por Soror Antónia, pela "Aprovação" assinada por D. Jorge Cabral, "em Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de Jesus, a 2 de setembro de 1621" (fl. 107 r., *livro segundo*).

A grafia deste documento, apesar de mais antigo, apresenta algumas diferenças em relação ao texto de Soror Antónia. No entanto, fiéis ao critério da conservação, optámos por transcrever o documento como ele se apresenta, a despeito de haver alguma dissonância em relação ao texto do *Livro da Fundação*, no que concerne a acentuação (mais próximo da nossa grafia atual); *Deus* surge quase sempre redigido por extenso e de acordo com a nossa atual grafia; em *caterina*, notámos alguma oscilação entre o uso do h; emprego oscilante e abundante de maiúsculas; formas aglutinadas; pontuação mais variada que, tal como no texto de Soror Antónia, alterámos parcimoniosamente.

porque ainda que não possam ser todos iguais [fl. 57 v.] na Virtude, e sanctidade (que nessa variedade está a fermosura da Igreja) cõ tudo em sua pro porção bẽ hé que aja igual lembrança delles.

Soror Catherina do Salvador não tem esses milagres, nẽ menos demonstraçoens de
5 heroicas virtudes, mas pera os poucos annos em que acabou, e procedimento tão regulado cõ as regras de sua ordem, e vida que teve, não a tenho por menor entre as que na virtude forão heroicas: e por isso me pareço fazer esta breve recopilção de suas cousas, pera que de algũa maneira fique seu bom proçedimento pago cõ esta lembrança, como ficão os que são mui abalisados em virtude.

10 Tudo o que aqui della vai apontado soube eu parte de sua mai; parte de hũ tratado de sua vida, que fez hũa religiosa de muita virtude e madureza, comque soror catherina tratou familiarmẽte em materia de spirito, e de quẽ ella se fiava mais, que de nenhũa outra polla ter achado semelhante assi, a qual apontou della algũas cousas cõ tanta verdade, que diz jurará tudo, se for neçessario.

15 Ajudeime mais de outro tratado que fez outra religiosa cõ a mesma verdade, e ambas confrontão nas mesmas cousas: parte me ajudei de cartas, que varias religiosas escreverão a sua mai, consolandoa da morte de soror catherina; parte [fl. 58 r.] de cartas e ditos de confessores, que correrão cõ esta serva de Deus: e tambẽ de cousas que da mão e letra da mesma se acharão depois da morte. E todos estes papeis, de que tirei
20 quanto aqui vai ficão na mão de seu pai della, peraque se algũa hora for neçessario confrontaremse as cousas se saiba a onde estão os originais.

Seu nascimento, e criação - cap. 18

Foi Soror Catherina do Salvador filha de Antonio Rodrigues, Couteiro mor e de Dona
25 Francisca d'Almeida pessoas muito nobres, e bem conhecidos em Villa Viçosa, assi por sua nobreza, como por sua muita christandade, doque eu sou testemunha; e porque ao fazer desta são vivos, não digo delles o que mereçẽ, somente aponto o que todos sabẽ, que hé terem sempre mui grande cuidado na criação de seus filhos, tratando mais de lhe imprimirem spiritos de christandade, que fantasias mundanas: e assi parece que Deus os
30 tẽ bem favorecidos nos filhos, que tiverão, que são bẽ criados, e acostumados. e baste para prova de quẽ elles nesta parte são o que disse hũ fidalgo avisado de Villa Viçosa,

quando soror caterina e sua irmã entrarão no mosteiro disse este fidalgo. As filhas d'Antonio Rodrigues, e de Dona Francisca saem agora do mosteiro para o mundo; as nossas saem do mundo para o mosteiro, quando para elle as mandamos. Entre os que Deus lhe deu, tiverão duas filhas, que logo forão criando para religiosas, hũa que oje hé
5 viva, outra esta de quẽ tratamos: e ambas se recolherão no mosteiro da Esperança. Naceo soror catehrina aos onze d' Agosto [fl.58 v.] para ser honra e consolação de seus pais e elles nella terem a paga de sua muita christandade, porque assi costuma Deus fazer pagar aos pais os bons intentos que tem em criarem bem seus filhos cõ lhos fazer sanctos, e virtuosos, como foi esta bẽ aventurada filha, em quem Deus logo na mininiçe
10 quis mostrar que a dera a seus pais pera honra de sua casa.

Chegando esta minina a idade de onze annos começou o spirito sancto a ser mestre seu, porque logo tratou de ser amiga de oração, e penitencia, gastando muitas horas nella, habituandose a rezar varias oraçoens, oque fazia lá em hũa casa em segredo, porque ninguẽ soubesse o emque se occupava, avendo que nisto cumpria bem oque christo
15 nosso senhor diz que o eterno padre pagará aquẽ em segredo tratar cõ elle.

E logo desta idade começou a mostrar que este spirito era do Ceo, pois assi em casa de seu pai, como depois no mosteiro sempre teve grande segredo, sem querer que se soubessẽ os exercicios de Virtude, em que se exercitava: e quando se lhe sabião, envergonhavase, e sentiasse como de cousa que lhe redundava em afronta, e não em
20 gloria sua.

Proçedimento desta menina de onze, ate quinze annos - cap. 19

Como Deus tomava esta minina pera fazer serva sua, logo a foi levando em forma que se via que Deus era que a criava mais que os pais. Fora o tempo emque se occupava cõ a
25 outra irmã, e sua mai na almofada, e roca: todo o mais gastava em ler livros spirituais, [fl. 59 r.] e em oração na qual era mui continua, e a fazia cõ muita devação, e quietação do exterior, que bem mostrava o interior estar cõ Deus. Sua mai lhe encomendava por muitas vezes devaçõens particulares pellas neçessidades que occurrião, pareçendolhe pello que na filha já experimentava, que Deus lhe acodiria.

30 Sua oração era de ordinario em hũa casa apartada, a onde gastava muitas horas, e não ouve remedio a may acabar cõ ella que avendose de encõmentar a Deus, o fizesse de

ordinario em hũ oratorio que tinha, mas ella o não queria fazer, por se lhe não saber que estava em oração, nem menos naquella casa, que ella tinha feito seu oratorio, consentio que de noute ouvesse lux algũa, e perguntandolhe a may porque a não queria, nunca já mais lhe quis dar rezão, que devia diser pera que a não espereitassem, nẽ a vissem estar
5 de joelhos, e com lagrimas nos olhos, avendo que como só fazia aquillo para tratar cõ Deus, que elle bastava vela. E o que mais hé de espantar em hũa minina ousar a estar assi tantas horas de noute em oração em camera desviada sã aver medo: mas o amor comque tratava já com Deus esposo seu, lhe devia de lançar o medo fora, como diz o Apostolo que a charidade faz.

10 E bem parece que foi isto effeito de charidade, e amor, pois aconteçendolhe çerto caso bastante pera amedrontrar hũa minina de sua idade, não deixou de continuar ali seu exercicio de oração. Contou ella a sua may hũa vez que andava muito assombrada, porque naquella casa, aonde costumava fazer sua oração, ouvia algũas vezes hũs cascaveis junto de sy que a desatinava: e que hia pera sacodir o sayo ouvia hũs trincos
15 junto das orelhas: e quando se sahia da casa os fi[fl. 59 v.]cavão dando nos cantos della: a may lhe aconselhou que tivesse oração ali junto della, ou no oratorio, cõ tudo nunca o pode acabar cõ ella.

Bem se pode cuidar que semelhantes cousas como estas que o diabo as fazia pera amedrontar a minina, e tirala da oração, e quietação, em que estava, temendo já
20 daquelles principios pequenos aguerra, que despois lhe avia de fazer: mas pôde mais o amor que no peito tinha para cõ Deus, e o desejo de só elle, saber que ella cõ elle falava, do que os medos: e assi nunca deixou de continuar na quelle lugar sua costumada oração, que pera minina de tam pouca idade era isto bastante pera logo fogir da casa, quanto mais pera tornar a ella.

25

Do mais em que se exercitava - cap. 20

Sem ninguem o saber em casa lá por suas industrias negoçeava varias especies de cilicios, hũs de sedas, outros de ralos de folhas de Flandes, e varias disciplinas; e disto a may nada sabia, mas de tudo se servia a minina.

30 Hũa vez alta noute se levantou ella, e se foi a esta sua casa, a onde costumava ter oração, e ahy se disciplinou, e os golpes se lhe ouvirão, reparou a mai, que em esta só

noute mais que em outra pode dar fee sem saber o que aquillo era, deu ordẽ ao saber, e foi ella achada cõ hũas disciplinas, que tinhão chumbadas nas pontas, comque por vezes se disciplinava, mas nunca se lhe deu fee disto ate aquelle tempo; porque entre outras cousas que se notavão nesta menina foi segredo no que fazia: e para que lhe não dessẽ
5 cõ estes instrumentos de penitencia [fl.60 r.] tinhaos fechados em hũa arca, e não largava a chave a ninguẽ; e se não fora a puro caso nunca se soubera. o que a verdade não podia naçer se não de verdadeiro spirito de Deus, pois assi evitava a vangloria, que em semelhante idade, e semelhantes exercicios costuma acometer. E pera mais prova de ser isto spirito particular, sentiasse ella grandemente se em casa se vinha a saber algũa
10 destas cousas que fazia, tanto que sua may sabendo dellas, não lho dava a entender, pella não desconsolar.

Não parava só nisto o spirito desta menina, porque alem das disciplinas, que tomava, e celicios varios, que trazia, como o amor pera cõ Deus seja mui engenhoso contra quẽ o tem, de hũ esteirão, que em casa avia fez hũas faxas, e cintas, com que se cingia, atando
15 tambem cordeis pellos braços de maneira que se não podia dobrar, e quando assi andava, afastavasse donde a may estava, porque a não mandasse assentar, pello não poder fazer, cõ estar o corpo todo tomado destas faxas, cintas e cordas, como se em aquella idade ouvera lugar de grandes culpas pera tamanha penitencia, não se achando nella cousa algũa que o pareçesse. penava aquelle corpo, não por males que tivessẽ
20 comettido, mas levado de spirito divino, que a hia criando pera altos merecimentos de gloria; e ensinando de quanta importancia era pera o caminho da perfeição sojugar o corpo em tenra idade, pera que no discurso da vida não rebelasse contra o spirito, oque ella podia bem temer, imitando a s. paulo, que cõ ser confirmado em graça, achava que lhe era neçessario andar cõ a disciplina na mão.[fl. 60 v.]

25 Trazia pendurada de hũ cordão hũa alcofinha chea de pedaços de telhas, de tejos, e pedrinhas, sã nunca se saber o que ali trazia, ate que se lhe veyo a entender, e lançavaos na cama a noute, e tornavaos a recolher pella menhã, e de dia os metia nas çapatas, como quẽ de dia, e de noute queria andar magoada, fazendo cõ isto boa guerra aos mimos, e regalos comque os deliciosos tratão de dormir seu sono, e passar os dias de sua
30 vida.

Era costumada a jejuar muitas vezes, e a se morteficar na materia da gulla, não deixando de comer oque lhe era noçivo, ou superfluo; mas naquillo que lhe dava gosto, oque a

may muitas vezes experimentou, e particularmente de hũa cousa de que ella sendo mais piquena gostava muito; e depois de entrar nesta idade de onze, ate aos quinze annos não a queria comer quando vinha a mesa; e dizendolhe a may porque não comia, respondia; senhora entendo que me não faz bê comer isso, pelloque lhe peço que me não force ao
5 comer, ate que a mai veyo a entender que era morteficação da filha, e dissimulou.

Trata seu pai de a mandar pera o mosteiro - cap. 21

Sempre esta minina se criou cõ a outra irmã pera o estado de religiosas, e nunca teve outro pensamento, e tratando seus pais de a fazerẽ religiosa em outro mosteiro: e
10 mudando depois de parecer de a fazer religiosa de S. Clara foi tamanho seu contentamento, que disse que em nenhũa outra religião se atrevera ser religiosa: Parece que a bemaventurada [fl. 61 r.] S. Clara queria esta filha por ver nella em tam tenra idade já principios de hũa grande serva de Deus, e imitadora sua.

Chamou o pay a soror Catherina, e a outra irmã e dandolhe as novas de como avião de ir
15 pera o mosteiro, foi tamanho o gosto, que esta serva de Deus teve cõ tal nova, que disse a hũa religiosa amiga sua, que nunca sentira em sua alma gosto igual, noque bem mostrava que sua vocação era cõ spirito do Altissimo, e não por contemporizar cõ o pay, nẽ cõ may, que a onde não há mais spirito de religião, que o recolher no mosteiro ou por contemporizar cõ pays, ou por não aver dotes pera outros estados, não há gosto
20 no tomar do habito, só aquellas o podem ter, que puramente por amor de Deus, e pello servir e segurar sua salvação, tratão de fogir do mundo, como fez soror caterina, pois antes de entrar na religião tanto tratou de pelejar contra elle, pera mais facilmente se desembaraçar, e voar como pomba às mãos de quem a tinha criado, pera nellas, e não nas do mundo acabar.

E vesse bem que oque aqui dava este gosto era o spirito santo, porque onde elle entra,
25 he mui apressado, como diz s. ambrosio falando da virgem, quando ella logo encarnando o Aeterno Verbo se partio as montanhas. Não sabia soror catherina tanto que o pay lhe deo esta nova o dia, nem a hora que avia de largar as casas, emque nacera, pay e may que a criara pera se ir ao mosteiro. e assim importunava grandemente ao pay
30 que concluísse sua ida, e tanto mais quanto sua may a hia detendo, fingindo que não estavam as cousas aviadas, por não ousar cõ amor maternal apartarse de tal filha, e cõ

este mesmo querendo deter as filhas disse a soror catherina que dissesse a seu pay que não gostava de ser religiosa naquelle mosteiro, [fl. 61 v.] mas a minina foi tam constante que nunca quis dar a entender tal cousa, sofrendo antes os descontos que cõ sua mai tinha sobre isto, que ariscar a pressa comque desejava sair do mundo.

5 Parece que esta serva de Deus tinha sabido oque diz s. jheronimo, que quem do mundo ouver de fogir pera areligião, que pise pay e may como aqui fez esta serva de Deus que ainda que via a may cõ o amor natural sentir o apartamento das filhas, e por isso usar destes fingimentos, e invençõis, (que ficão açaz desculpados com o amor de tal may pera tal filha) cõ tudo corta por ella pera ir com profia, e pressa aonde o spirito sancto a
10 levava.

Entra no mosteiro da Esperança - cap. 22

Aos 12 de janeiro de 613 entrou no mosteiro soror caterina; e quando de casa do pai sahio, e se meteo no coche pera a levarem disse aquellas palavras do psalmo 15 *propter hoc laetatum est cor meum, et exultavit lingua mea, insuper et caro mea requiescet in spé*¹¹⁰⁹. em lugar de tristezas, e saudades cõ que outras largão as casas donde se criarão soror caterina se alegrou no intimo de seu coração, avendo que então se podia a alma e corpo alegrar, pois hũ e outro descansava cõ a esperança de serem pagos por largarem as esperanças vans do mundo quando lhe davão as ultimas despedidas, pondo o
20 primeiro passo no caminho pera a religião: e esta alegria, e gosto foi tal que todas as saudades, que como filha devia de ter de seu pay, may e irmãos se converterão em tantos jubilos na entrada que as religiosas notarão que parecia não ter saudades de ninguem. e que esquecida dos seus as queria meter na alma a todas como [fl. 62 r.] que se as conversara de muitos annos, e não tivera outro pay, nẽ may: e como quem vinha ja
25 bẽ cansada de pelejar cõ o mundo, disse em entrando no mosteiro as palavras do propheta *Haec requies mea in seculum seculi, hic habitabo, quoniam elegi eam.*¹¹¹⁰ Lembrança hé esta, e pensamento que não podia sair senão de hũa alma que tratava de

¹¹⁰⁹ (Sl 15, 9) - "Por isso, o meu coração se alegra e a minha alma exulta e o meu corpo repousará em segurança"; *Biblia Sacra*, p. 560; *Biblia Sagrada*, p. 852.

sua pax e repouso, eque trazia mais diante dos olhos o esposo, aquem naquelle dia dava as mãos, doque o mundo, e gostos delle que largava, ou de que fugia.

E bem mostrou que nelle tinha, e queria ter seu repouso, e quietação pois antes de se ir repousar, e recolher aquella noute, se foi por em oração diante do sanctissimo
5 sacramento, aonde esteve por espaço de tempo, parece fazendo entrega de sy, a aquella senhor, aquem vinha buscar, e de cujas mãos tratava de depender e nellas de todo acabar, e mostrar o reconhecimento em que lhe estava, de lhe ter dado favores, e ainda pera pisar o mundo aos pês, desprezar pay, may e parentes, e trocar tudo o da vida por
10 elle, que era a sua, e sobretudo pedirlhe novos favores pera entrar naquelle novo estado de vida, pois nẽ elle se podia tomar sem graças particulares suas, nem menos continuar, e perseverar nelle sem ajudas, e favores dados daquellas mãos, em que Deus tinha posto todo o poder.

Nestes discursos esteve a serva de Deus, [fl. 62 v.] diante do sanctissimo sacramento, e fez sua oração, não só devagar, mas com tal compostura e respeito, e gravidade, que o
15 notarão algũas religiosas, e logo hũa lhe deo á vista deste acto appellido de sancta, indo dizer a outra que aquella moça era sancta, e que tal fama deixara no mundo.

Adoeçe a serva de Deus - cap. 23

Entrou aos 12 de janeiro e logo a 21 do mesmo adoeção, em forma que nuca deixou de
20 ter enfermidades, e muitas dellas graves, e penosas, os annos que viveo na religião que forão outo, e quasi dous meses: porque logo nos primeiros annos andou com febres continuas que nunca a largarão, nẽ cõ curas, que sempre lhe fizerão. Perdeo o juizo, e tino nas cousas por algũs meses, posto que no que tocava as cousas de Deus, e regras falava a proposito, em tudo o mais não atinava, ate que a vespora de nossa senhora da
25 Asumpção se achou com o juizo perfeito, o que ella tinha dito antes a hũas religiosas, que vendoas pella verẽ naquelle estado, lhes disse, ora não chorem que como vier aquella senhora grande, eu terei juizo. Esta era a festa da Asumpção.

Com a febre se lhe encheo a garganta de chagas, que nem agoa podia levar; sobrevierãolhe hũas palpitações de coração, que lhe duravão duas horas, e dizião os

¹¹¹⁰ Referência às palavras do profeta David (Sl. 131, 14) - "Este será para sempre o meu lugar de repouso, aqui habitarei, porque o escolhi"; *Biblia Sacra*, p. 662; *Biblia Sagrada*, p. 979.

medicos que cõ ellas não vivião senão por milagre; acreçentaráoselhe hũas çesões mui importunas, chagas nas costas, tremores no corpo, de que ficou toda tolhida, e só os braços ficarão livres. Nos derradeiros dous annos sobre a febre lhe sobreveyo de novo hũa inflamação na garganta, [fl. 63 r.] que dizia a serva de Deus que não passava noute, sem que a ouvisse todas as horas, e que muitas passava sem pregar olho. e no setembro de 620 lhe começou adoença deque acabou.

Todos estes oito annos viveo esta serva de Deus cõ estas, e outras doenças, comque Deus a quis visitar, provar e apremiar: que quis elle tomar esta serva sua como outro Job¹¹¹¹ pera exemplo daquellas religiosas na paciencia, e sofrimento, como abaixo diremos, quando de sua paciencia falarmos.

Pareçe que Deus nosso senhor quis dar este caminho a soror caterina, pera mostrar nella a força de sua graça, pois em hũ corpo de tam pouca idade quis fazer prova de paciencia, não hũ anno, mas oito; e consolar por ventura esta serva sua ajuntando nella tantas doenças, e tirandoas, ou diminuindoas de casa de seu pai, por ella assi lho pedir.

Sabia sua may que fizera ella hũa petição a Deus quando entrou na religião (e já pode ser seria na propria noute, quando se ajoelhou em oração diante do Santissimo Sacramento) mas nunca à filha lhe quis dizer que petição fora, por que esta serva de Deus o que com elle comunicava, não o queria descobrir que era prova de grande virtude. A puro caso veyo a May hũ dia a sabelo, e foi nesta forma. Adoeção a May e convalecida foi visitar as filhas ao mosteiro e queixandose da doença, que avia poucos tempos tivera, e das muitas achaques de seu marido, disse a filha, minha May, pera que saibais quam grandes são meus pecados, pois Deus me não quer ouvir, sabei que quando me lançarão o habito, e eu fiz a Deus sacrificio demã, a primeira cousa e que com mais instancia lhe pedi, e sempre desde então [fl 63 v.] pera cá, foi que todos os males, doenças, perigos que vos ou meu pay ouvesseis de ter, os padicese eu, e ficásseis vos e elle sem cousa em que se arriscase a vida, e só a minha pagasse, e padecese tudo, e soo eu tivesse sempre que sentir em mĩ.

Quem vir tantas doenças nesta serva de Deus, e vir esta petição feita cõ tanta instancia e tanta charidade, facilmente julgará que quis Deus consolala, e por nella todas estas misérias, assi pera aliviar os Pays dellas, como pera lhe dar em que merecer, e mostrar

¹¹¹¹ Job representou a perseverança e fé em Deus apesar das adversidades que lhe foram surgindo.

tambem quanto pode sua divina graça fazendo com que hũ corpo tam tenro possa levar tantos males.

Faz profissão, e do que nella passa - cap. 24

5 Todo o anno de noviciado esteve a Soror Catherina em cama, aonde a religião fez mais prova della, do que fez em outras noviças. Neste anno chamão as religioens anno de provação, porque nelle provão os que hão de professar; e porque também os noviços fazem prova da mesma religião, pera se contentarẽ ou não contentarẽ della.

Em Soror Catherina fez a religião boa prova, pois sem provas ordinárias a aprovou pera
10 a religião e profissão della, achando que não tinha necessidade de outra prova pera aquella serva de Deus merecer viver entre as mais, que a paciencia, sofrimento, e boa graça, e conformidade que com Deus tinha nas doenças, que padecia, de que erão testemunhas todas as religiosas do convento, que vivião edificadas de a verem e ouvirem na cama onde estava, que quando lhe perguntavam como estava, cõ a boca
15 chea de riso, a todas dizia que bem, tendo rezão de mostrar tristeza, e pena, por se ver de tam poucos dias saída dos mimos, e gasalhado de sua may, [fl. 64 r.] e posta em hũa çela escura, cõ algũ desamparo, não por falta da charidade da religião, mas por andarẽ occupadas as que mais lhe podião acodir, e tinhão rezão de o fazer, porque a Irmã era noviça, outra religiosa amiga sua tinha çerto officio, aque acodir; hũa thia tinha outro, as
20 mais, como ella era noviça, e de pouco tempo não ousavam a ir servila, e passava assi as vezes os dias só, e desacompanhada, posto que quem estava acompanhada da paciencia, conformidade cõ Deus, alegria e graça nos males que elle lhe dava, açaz acompanhada estava, e de provas de quem ella era e seria na religião, e assi dizião as religiosas que as outras noviças fazião profissão provadas so pella mestra, mas que Sor Catherina a fazia
25 provada por todas as do convento.

Não foi menor a prova que ella fez de sy e da religião este anno, por que vendoa assi enferma, os médicos e entendendo que hia morrendo aconselharão a seo pay que a tirase do mosteiro, e não perdese seu dote. Tratando o Pay de o fazer por lhe querer dar saude e vida, nunca já mais pode acabar cõ a filha que consentisse, e chegou a dizer Sor
30 Catherina que nẽ Anjos do Ceo acabarião tal cõ ella, e que tinha feito prova na religião e achado nas cousas della tanto gosto, que este lhe fizera hũ esquecimento de todo o que

em seus Pays, e mundo se podia achar. e hé tanto mais de louvar este spirito, e gosto nesta serva de Deus, quanto mais neste tempo avia çerta occasião de ella estar enfastiada da casa, mas não foi isso bastante nem pera perder o gosto, nem a vocação della, primeiro que seu Pay o pretendesse, e chegou a dizer que da casa onde estava, não
5 faria mudança senão pera a do Ceo, e vendo o Pay a resolução e gosto de sua filha, disse aos que lhe aconselhavão não perdesse seu dote, que não tiraria a sua filha o gosto de professar, ainda que soubesse que ao outro dia despois de professar, ouvese de mor[fl. 64 v.]rer, e nisso perdesse muito mais do que no dote.

Feita assi a prova por parte da religião, e a sua por parte della, fez sua profissão, aque
10 assistio sua exçelencia com grande consolação e alegria e na cama continuou algũs tempos, e por espaço de algũs anos, ora levantada, ora na cama continuava com suas doenças, e com a paciencia, e conformidade com Deus, que a todos edificava e não se falava na casa em outra cousa, senão na paciencia de Sor Catherina, na conformidade que com Deus tinha, na boa graça e desabafamento que nella se enxergava no meyo de
15 tantas dores e males.

Do seu proçedimento depois que fez profissão - cap. 25

Continuou com suas doenças acabada a profissão ora cõ mais, ora cõ menos achaques, mas sempre com igual paciencia, e quando os achaques lhe davão algũ intervallo,
20 acodia as cousas da comunidade, fazia suas penitencias de çelicios, disciplinas, que ainda que nesta parte lhe hião as preladas a mão, obedecia, mas tanto que se achava cõ melhoria, tornava a continuar estes exercicios, e quando as religiosas tomavão disciplinas particulares, hia cõ ellas dizendo que só pera as acompanhar, e ouvir, mas a verdade era que fazia o que lhes via fazer a ellas. e quando ou por obediencia, ou
25 doença não podia fazer estas penitencias, sentiãose nella hũs grandes desejos de as fazer, com que Deus se devia de dar por pago, pois elle tanto estima no que não pode o desejo, como no que pode a obra. [fl.65 r.]

No coro continuava cõ muito fervor, e posto que as preladas lhe mandavam que se assentasse, e não fizesse as çeremonias das mais, por serem de trabalho, e ella andar
30 sempre com febre, obedecia, mas dispois importunava as preladas que a não obrigassẽ aquella singularidade, e pola não desconsolarem dissimulavão as vezes. O dormir seu

era como o das mais religiosas, cõ habito, corda e veo, e a cama não na forma que requeriam suas enfermidades, e isto cõ tal segredo o fazia, que não queria que lho soubessem, e se alguém tinha disto noticia, ou lho significava, desconsolavase grandemente.

5 Não mostrava Sor Catherina em tudo isto pequena prova de ser grande serva de Deus, porque na religião entre as mais cousas que mostram spirito de Deus, bẽ tratar de fazer o que as mais fazem, e não ser singular, no que toca as cousas das communidades, ou guarda de regras, e estatutos, e quando ouver de aver algũa singularidade, ou privilegio não há de ser regulado por spirito próprio, senão pella vontade da Prelada, que esta,
10 como hé interprete da divina, então se cumpre a de Deus, quando se faz a da Prelada. Mostrava bem esta serva de Deus quanto trazia a divina vontade diante dos olhos pera a cumprir, pois tratava ainda em suas enfermidades (pollas quaes a charidade a isentava) de acodir ao coro, e as mais obrigações: e quando dellas se previligiava, era por mandado, e obediencia de sua Prelada.

15 No trato, e conversação cõmũa de casa era muito chã, muito singela, mas muito verdadeira, e como tal por parte da verdade se punha em campo, e mui constante a difendia; e quando avia rezão por parte [fl. 65 v.] della, nem seu pay a tiraria de adifender, nẽ lhe dava nada de a ouvirem, ou se escandalizarẽ nesta parte. Della diz hũa religiosa prudente, e ousada, com quem corria Sor Catherina amigavelmente, que nunca
20 diante della se queixou de algũas sem rezões que cudava lhe fazião, que achasse a Sor Catherina da sua parte; sempre punha a culpa a amiga, sempre a amiga era a que dava ocasião pera se lhe fazerem agravos. Acreçenta mais esta religiosa, que se porventura fazia mau rosto a algũas pessoas, que tivessẽ agravado a Sor Catherina, logo a serva de Deus a reprehendia cõ tanta inteireza, como se os agravos feitos fossem merçes
25 recebidas. E tambem a junta a mesma religiosa, que quando a Abbadessa reprehendia algũa pessoa menos amiga, e se acabado ella festejava isso, e se depois reprehendia algũa amiga, e se calava, logo Sor Catherina lhe hia a mão, dizendo que se lembrasse que tam justa era a repreensão dada a menos amiga, como a amiga, que não mostrasse nisto mais, e menos dessabor.

30 Era muito molher, nem sofria em materias spirituais beatices, e ninherias nem lhe quadravão molheres que gostavão de as louvarẽ. Tinha mui grande segredo assi no que fazia em materias de spirito, como no mais, que de outrem sabia, e tam inteira era nisto,

que a religiosa sua mestra, correndo cõ ella mui familiarmente nunca ousava a lhe perguntar o segredo que sabia de outrem, foi sempre mui recolhida, pouco de janellas e de jardim. Dando a Abbadessa hũa vez licença as Madres pera irem ver hũa casa nova, que se acabava de fazer, indo todas, ella não avia remedio pera hir ver, querendo antes
5 [fl. 66 r.] que a notassem de singular, como notarão, que perder seu recolhimento, e se não fora hũa freira aquém ella devia respeito, e a tomara pello braço, não chegara aver a casa.

Trata de se fazer outra vez noviça - cap. 26

10 Foi continuando a serva de Deus neste modo de viver edificando atodas com sua modestia, e silencio em que particularmente reparavão as religiosas, porque nas comunidades estava com seus olhos baixos, e compostos que lhos não verião levantar mais do seu direito, e sendo tão enferma, e doente, que por essa causa a religião dispensava no silencio, com tudo fora do tempo, que na cama estava, o guardou de
15 maneira que nem no refeitório, coro, nem dormitório o quebrava, que pouca necessidade tinha de falar, quẽ com Deus andava praticando de continuo, como a diante se dirá.

Nos ultimos tres anos de sua vida teve Sor Catherina algũa melhoria em seus achaques, e começou a graça a vencer a natureza, porque a natureza com aquella melhoria bradava em Sor Catherina pello descanso e alivio dos trabalhos dos anos atras e não lhe devião
20 faltar pensamentos que afroxasse de suas penitencias, que amimasse o corpo, que tratasse de procurar a saude pera ao diante poder servir melhor a Deus. e o diabo não avia de deixar de atçar este fogo, pois naquela serva de Deus não achava outra cousa, com que a poder tentar, e tanto mais esta guerra lhe avia de ser continua, quanto a natureza, como raposa sabe fazer seus lanços com capa de se poder servir melhor a Deus
25 cõ saude, cõ forças corporaes. [fl. 66 v.]

Com tudo aquella alma andava ja tão senhoreada do spirito sancto que teve outros pensamentos bem diferentes e contrarios, em os quais ninguẽ dera sendo quẽ de veras estava a Deus dada de todo. forão os pensamentos em tratar de se fazer noviça outra vez achando que não podia executar isto em outro melhor tempo que naquelle anno em que
30 estava naquelle convento por mestra das noviças, hũa religiosa muito spiritual, e que tratava de bem de veras da cousa da outra vida, perfeição religiosa, e salvação de sua

alma, de cujas praticas, por serem desta materia, se tinha já Sor Catherina afeiçoado a ella.

Andando Sor Catherina cõ estes pensamentos antes de os declarar a mestra das noviças, já como tal a reverenciava, e reconhecia em sua alma, porque indoa visitar a sua çella
5 algũas veses, lhe falava em pé, ou brevemente, do que a mestra, por não entender o fim, se escandalizava. Outras vezes, vendoa em varias partes, lhe fazia cortesia e reverencia, como costumavam as noviças as mestras. Ate que hũa vez Sor Catherina tomou a mestra a parte e lhe representou seu intento, dizendolhe que bem sabia que nunca fora noviça, pois no anno de noviciado estivera sempre doente, do que vivia açaz
10 desconsolada, e tanto que se não tinha por freira, que ella desejava ser noviça sua, por lhe parecer que não teria outra mestra, de quem mais se podia¹¹¹² ajudar, que a avia de aceitar, e lhe não avia de negar este seu requerimento e polo em execução sem ninguẽ o vir a saber, pello melhor modo que pudesse ser.

Petição foi esta que em Sor Catherina mostrava bem quanto de Deus tinha e de Deus
15 era, e quanto na mestra [fl. 67 r.] pedia de conselho, e madureza na resolução e ella como não menos madura do que o caso pedia se foi logo aconselhar com hũa religiosa grave, e tida naquela casa por sancta, aquem a cousa não pareceo bem, por rezoens que se deixão bem ver. Não deo pella resolução Sor Catherina que a mestra desta religiosa lhe levou, antes a importunou mais, desencarregando sua consciencia, que visse não
20 desse conta a Deus della perder esta ocasião, em que Deus a inspirava a ser noviça pera bẽ de sua salvação.

Tratou a mesma o caso com o confessor da casa, religioso prudente, e spiritual, o qual ainda que teve a cousa por escusada, contudo disselhe que bem podia consolar a Sor Catherina, e correr cõ ella, como cõ noviça. Com esta resolução e muitos importunos
25 rogos de Sor Catherina, a aceitou, mas foi cõ condição que ella não avia de tratar de penitencias aque Deus, nẽ a regra obrigavam, com que se matava e perdia a saude, que avendo de fazer algũas cousas, fossem antes as que as regras obrigavam e não as que a própria devação intentava e que com esta condição a aceitava, e pera ficar mais segura lhe tomou os ciliçios, disciplinas e mais instrumentos de penitencia e lhos guardou de
30 sua mão.

¹¹¹² Rasurado.

Começa Sor Catherina a ser noviça - cap. 27 (10)

Não pode deixar de espantar semelhante determinação, [fl. 67 v.] como aque tem tomado esta serva de Deus, pois não tendo obrigação de fazer noviciado, sendo tão enferma e achacada e já de algũs anos de religião se obriga a segeição de hũa mestra, e a
5 correr cõ as mais noviças, como se ontẽ entrara, mas o que mais me espantou foi ver como correo cõ as cousas de noviça como se ella entrara e tratara de professar e porque tem algũas cousas de edificação, as apontarei aqui pellos mesmos termos, comque a mesma os escreveo, de cuja verdade estou tam seguro, como se ella as jurara; Diz pois assi a mestra pelas palavras seguintes.

10 Começou Sor Catherina a fazer seu noviciado nesta forma. Pella menhã ouvia hũa missa, depois della ate aprima gastava em meditação, seguindo a ordem de hũ exercicio do padre Frey Estevão da Purificação, que eu lhe dei. Estava na Prima cõ grande compostura de olhos e corpo, sempre tinha diante delles hũ pouco alevantado a cima das folhas do livro hũ Christo crucificado, ou outro passo da paixão devoto, pera reparar
15 nelle se acaso se divertisse. Depois que a noviça (que não tinha eu então mais que hũa só) se sahia das horas, então sahia ella, e primeiro entrava no Coro que eu entrasse, não andava junto comigo por se não vir a alcançar o que era. Tinha o cuidado de levar ovelador e candeia ás matinas, e tirala depois, como he costume fazer a noviça mais moça; assentavese junto demi no Coro, e ainda que nelle a Madre Abbadessa a
20 mandasse assentar, ou tirar manto, não o fazia, sem eu tambẽ lhe fazer sinal que o fizesse. Não sahia do Coro se achamavão sem me vir pedir licença, oque pera tudo fazia cõ mais pontualidade, doque nunca nhũa¹¹¹³ noviça costumou fazer.

Emquanto se tangia a prima, e segundas das horas [fl. 68 r.] estava de joelhos, e aos quartos da oração, ate que as preladas e eu a tiramos disso. Começou logo a fazer
25 somana no Coro, cousa que nunca tinha feito, noque recebia excessivo gosto. Comigo passava como noviças as orações cantadas, e os versos que avia de dizer. E assi isto, como o seu rezado, cõ tanto spirito e devação, que todas endoudicião cõ ella e trazião os olhos em seu proçedimento, em especial as que de Deus mais sentião; seu rosto e compostura não parecia [...] ¹¹¹⁴ senão di hũa nossa Madre S. Clara e assi dizião todas, e

¹¹¹³ Caso de aférese.

¹¹¹⁴ Ilegível.

appelidavão por sancta. E freira ouve que disse que o demonio devia de andar bem envejoso do procedimento que então Sor Catherina levava.

Faltando no Coro cantoras, hebdomaria,¹¹¹⁵ logo sahia e assi mesmo a assender, levantar os folles aquê tangia os orgãos, sem pera isso ter forças, e levar a Crux nas procissões, que somente noviças do Coro costumão levar. E quando a levava, sentia grandissimo

5 gosto, e se espantava de quem, por a Crux pesar a deixava de levar.

A todas as freiras, como noviças, abaixava a cabeça e se encontrava algũa velha, ou doente cõ algũ peso na mão, tomavalho e com humildade de noviça fazia o recado. Não falava palavra cõ ninguẽ, tirando sua irmã e amigas da çella, pera oque me pedia licença

10 e a estas só dizia o necessário; e quando na çella a não vião ir como dantes, nẽ falar como costumava, julgavão que por ter mais gosto de me conversar amĩ, que a ellas o fazia, e os remoques que sobre isso lhe lançavão, sofria cõ paciencia, [fl. 68 v.] sem nunca por respeito algũ descobrir seus intentos, e antes queria que cudassem que largava a amizade das outras e ativessem por liviana, inconstante e mudavel pella minha

15 amizade, que saberem que comigo tratava as cousas spirituais. E amĩ pedia mui encarecidamente que em nenhũ tempo a viva creatura descobrisse oque de mĩ tinha fiado.

A sua çella hia di passagẽ só a comer cõ suas amigas e irmã e pouco mais de tres horas estaria cõ ellas no dia, todo o mais tempo que das comunidades lhe ficava estava na

20 nossa cozinha das noviças gastando o tempo em ler a regra, ou passar castelhano a noviça, ou lendo algũ livro spiritual, ou escrevendo algũas orações. E quando na cozinha era neçessario ou fogo, ou agoa, ou qualquer outra cousa, ou eu a pedia, ou avia mister algũ recado, ella era a primeira que se levantava a fazelo, e se o não queria, ella o sentia grãdemente e era a mayor morteficação que lhe eu dava.

Saindo das vesporas ella, ou eu gastavamos o tempo até a mesa em ler a vida de Santa Tereja, a madre Maria das chagas, que por não ver, ouvia, e naquelle sancto exercicio erão tantas as lagrimas, acompanhadas da modesthia e compostura de Sor Catherina, que parecia estarmos no Paraiso. Se era dia de culpas, tomavas eu a noviça dispois da mesa da Cea, e as de Sor Catherina a noute, e bem tarde, as vezes na cozinha as escuras

¹¹¹⁵ *Hebdomadária*, religiosa que no mosteiro é responsável pelo cumprimento semanal do officio litúrgico.

e outras no Coro debaixo fechadas por dentro, e sendo estes lugares escusos, e eu muito medrosa, nunca cõ tal companhia tinha medo.

Aly se punha Sor Catherina de joelhos diante demĩ com tanta humildade que ainda agora o não posso escrever sem lagrimas das saudades que tenho deste tempo. E sendo
5 ella já de sinco ou seis [fl. 69 r.]¹¹¹⁶ anos de profissão, dizia as mesmas culpas que
dizião as noviças do silencio, de não ser mortificada, de não fazer os officios de
humildade como devia, e cõ tão grande confusão de si mesma dizia esta culpa e cõ tal
tom na vox e copia delagrimas, sendo molher que chorava pouco, que me obrigava a
derramar tantas, que lhe não podia responder cõ o impeto dellas: confesso que só neste
10 tempo conheci a Deus e soube que cousa era ser Christã e religiosa espantada de ver
tanta perfeição em tam pouca idade.

Davalhe eu sempre por penitencia que não fizesse penitencias, que era a mayor que lhe
podia dar. Disciplinas nunca lhe dei, desejandoas ella muito, davalhe em seu lugar
credos com boca no chão, e outras semelhantes; levantavase de meos pees cõ hũa
15 modestia, com hũa compostura e recolhimento tal, que no rosto dava hũ ar de Sancta já
canonizada. Daly se hia pera sua çella, aonde achava as vezes bem em que merecer,
porque vendo suas amigas que faltava nella suspeitavão que estava comigo passando o
tempo e ajudavalhe a esta suspeita verem na que nos dias emque eu cõ a noviça e
Corista andava varrendo as varandas, andava ella aly ajudandome, apanhando o cisco cõ
20 muito contentamento, sendo tão doente, pello que lhe remocavão, cuidando que o estar
comigo e ajudarme lhe nacia de amor natural que me tinha e desejos de se desfazer por
me ajudar, não sabendo que erão interesses do Ceo que ella pera si grangeava. Sofria
todos estes remoques e falsas suspeitas que della tinhão, sã já mais dar rezão de sy.[fl.
69 v.]

25 Tomava sempre a sua conta o varrer dos lugares mais humildes, os silêncios todos
gastava no Coro e me pedia pera isso licença e atequo morreo andando em pé sempre lá
os gastou; não que avia pera ella cousa de mais gosto que darlhe eu algũa repreensão cõ
aspereza, oque só duas vezes fiz, hũa por falar em tom na varanda, outra por mandar
sem licença minha comprar hũ baraço de esparto¹¹¹⁷ pera delle fazer silício, porque lhe
30 eu tinha os seus. A primeira que entrava no refeitório, a primeira que sahia a ler ou

¹¹¹⁶ No original, o fólho indica número 72, por lapso. Seguiremos a ordem do original.

¹¹¹⁷ Corda entrançada com giesta.

servir era ella. Na mortificação dos olhos, no silencio da vox, nunca lhe chegou noviça; por mais que diga, nunca acabarei de contar os jubilos de gosto que esta alma tinha de fazer no Coro o officio dos Anjos. E assi lhe ficou tam affeição e ao seguimento das mais comunidades, que não se podendo ja ter em pé, cõ males que lhe recreção, não
5 deixava de as continuar, ate que as preladas lho prohibirão e ella obedeço. Ate aqui a Mestra das noviças.

Continuou Sor Catherina sinco meses neste sancto exercicio, e não foi mais por diante a hũa por hũa grande enfermidade que lhe sobreveyo, a outra por inconvenientes que resultarão, que assi a Mestra, como ella tratarão de evitar, porque como tratar Sor
10 Catherina cõ a Mestra era por via de spiritual sojeição e não se descobria isto, não faltou quem teve outras imaginações, pellas quais foi necessario cortar o fio que Sor Catherina levava, avendo que era melhor çessar do começado, que ou descobri-lo, ou continuarẽ imaginações mal fundadas. Com tudo neste breve tempo se aproveit[u]¹¹¹⁸ tanto Sor Catherina, que daly por diante se notou nella grande melhoramento e se
15 cumprio bẽ nella o que Deus diz. Acabou em breve, mas encheo muito tempo.[fl. 69 r.]

Vive em todo este tempo cõ grande recolhimento - cap. 28 (11)

Em todo o tempo que Sor Catherina hia vivendo, hia acompanhando avida cõ hũ grande recolhimento, assicõ as religiosas das portas a dentro, como com a gente de fora. No que
20 toca das portas a dentro não se lhe notou cousa que desedificasse com fundamento as mais religiosas. Da sua çella não sahia senão pera o Coro, ou pera a varanda a rezar, não se lhe enxergava gosto no ir aos quintaes, nem a outros lugares de entretenimento. Dos officiaes e gente que entrava no mosteiro se guardava grandemente e dizia que senão atrevia a ser porteira por aver de tratar cõ gente e assistir cõ homens nas obras. Pera cõ a
25 gente de fora foi hũ raro exemplo de recolhimento e clausura, porque nunca teve commercio¹¹¹⁹ com pessoa algũa na grade, nem a ella hia mais que a falar a seu Pay e May. E diz hũ religiosa grave que nunca a vio em grade fallar fora de Pay e May, senão cõ tres donas, que oje são vivas, mas mui graves e mui religiosas.

¹¹¹⁸ Acréscimo do editor.

¹¹¹⁹ Comunicação.

Não se lhe vio notar algũa hora trato ou amizade que algũa religiosa tivesse ou a grade ou fora della, mais de sy dezia, que em sy antes queria a morte que semelhantes entretenimentos; como humilde que era lhe parecia que em sy correria perigo de ser mal, oque nas outras não tachava. E boa prova dava disto, pois o comercio que teve foi
5 com duas religiosas capuchas, hũa da Madre de Deus de Lisboa, outra do Mosteiro de Faro no Algarve e aqui em Villa Viçosa cõ Sor Isabel da Conceição, que pouco depois della morreo no mosteiro das chagas. Cõ as duas, boa prova hé de [fl. 69 v.] correspondencia sancta serẽ capuchas da terceira mostra bem a fama de sanctidade e religião que cá deixou.

10 Duas o tres correspondencias se lhe offererão de çertas pessoas, não quis tratar de nenhũa e em lugar da graça que tinha cõ duas dellas, lhe ficou com tam pouca depois que lhe alcançou seus intentos, que a hũa religiosa amiga sua e de confiança disse, que antes morta que viva cõ semelhantes descontos, que como era tão timorata, qualquer zombaria de offensa de Deus, por leve que fosse a fazia tremer e assi dizia que pedia a
15 Deus que se alguẽ por sua causa ouvesse de offender sua divina majestade, que lhe tirase logo a vida. Boa traça era esta, dar a vida por se não ofender a Deus, em paga de tão efficax amor parece que Deus lha quis tirar em tão breves annos, a hũa pera que a malicia lhe não mudase pello tempo em diante de tais propositos, como diz a escriptura. A outra porque tão fervoroso acto de amor bem merecia tão antecipadamente a vista de
20 verdadeira vida.

O trato seu e toda sua correspondencia era o menino Jesus que no Coro está, que ella tinha levado consigo de casa de seus Pays, aquẽ amava fervorosamente; a este tinha tomado por devoto seu e com elle tratava e comonicava, visitandoo frequentemente; tinha cõ elle seus doçes colloquios, suas amorosas saudades, nelle achava os [fl. 70 r.]
25 alivios de todas suas enfermidades e da sua graçiosa vista sahia tão satisfeita e contente que hũ dia vindo do Coro cõ grande pressa e alegria, escreveo com letras grandes e mui fermosas estas palavras, Bello e fermoso retrato de hũ original eterno, e o meteo no seu breviario e perguntando-lhe hũa religiosa que cõ Sor Catherina no spirito dizia, que alegria era aquella e que escriptura no breviario metia, respondeo que pondo no Coro os
30 olhos no seu minino Jesus, lhe ocorrerão aquellas palavras a boca, e que as notara pella brevidade comque lhe ocorrerão.

Bem affeituosa estava a vontade cõ o amor pregado no minino Jesus, quando a boca tais palavras vierão. Retrato tinha bem o entendimento aquelle eterno original, donde o retrato que diante dos olhos estava se tinha tirado. Muito bẽ mostrava alingoa com estas
5 vontade, bem interpretava a lingoa, falando na formatura do retrato presente quam bem formado na vontade cõ letras não de ouro, mas de amor o original eterno daquella estampa.

Vive com hũa consciencia mui pura - cap. 29 (12)

10 Entre as cousas que tem esta serva de Deus teve, que mostrava muito sua virtude e perfeição, hé a pureza da consciencia comque todo o tempo da religião foi vivendo, e como esta pureza consista em não aver nodoas de culpas na alma, tratava Sor Catherina de fugir todo [fl. 70 v.] o genero dellas, não só mortais mas ainda veniais. E tinha nesta
15 parte a consciencia tam delicada que não se aquietava até senão reconciliar de qualquer escrupulo.

Aconteçulhe hũa hora querer remediar certo male pera isso foi dar conta delle a çerta pessoa, que lhe podia por remedio e porque o confessor lhe fez disto algũ escrupulo, querendo depois advertir a hũa religiosa e aconselhala como se avia de aver no remedear faltas alheas, trouxe-lhe por exemplo o que o confessor lhe dissera. E porque a
20 outra entendeo pouco mais ou menos que caso fora oque ella ao confessor contara, foi tamanho o temor de sua consciencia que por muito¹¹²⁰ que esta pessoa lhe dissesse que ella sabia o caso e que era publico, não se quis recolher aquella noute sem se reconciliar, não tendo obrigação, porque o caso era publico na Villa onde tinha acontecido e a religiosa o sabia per outras vias.

25 Quando Sor Catherina entrou na religião affeiçoouse logo a ella hũa religiosa, que parece foi merçe de Deus, porque esta a servio nas suas doenças, aquẽ sempre por esta graça se mostrou Sor Catherina mui agardecida assi em amor, como em obras e effeitos delle.

Por respeito desta amizade ouve algũs descontos e Sor Catherina algũas vezes falava
30 mais alto doque convinha, tendo sempre rezão, como as mais religiosas notavão, e sobre

¹¹²⁰ Por baixo de *muito* o autor cortou a palavra *primeiro*.

isto esta religiosa sua amiga algũas vezes ficava do Coro e das cõmunidades pera lhe acodir nas suas doenças, forão tantos os escrupulos que na consciencia de Sor Catherina entravão, que foi esta hũa das rezões de fazer sua confissão geral e começou de tratar della. [fl. 71 r.]

5 A esta religiosa era mui affeiçoada Sor Catherina, por lhe dever assi, pois ella era sua consolação nas doenças e pellos muitos beneficios que Sor Catherina della reçebia, não podia deixar de a amar e de lhe mostrar oagardecimento devido, sendo isto tam licito e tão açeito a Deus o pagar cõ agardecimentos e amor as graças e benefiços reçebidos que entrou Sor Catherina em escrupulo se tinha obrigação de se ir esfriando nesta
10 amizade. E o escrupulo lhe nação doque direi.

Lendo ella per hũ livro esperitual aonde em hũa oração que ella rezava, estavam estas palavras “Ponde Senhor os olhos neste coração contrito e arrependido”, rezava esta oração naquele livro algũas vezes e começou a duvidar se mentia naquillo a Deus, pareçendolhe que não tinha coração contrito, pois não cessava do amor pera cõ aquella
15 religiosa, nem sentia em si animo de se lhe deixar de mostrar agardecida, nem de careçer do gosto que tinha de tratar e conversar com ella.

Nesta duvida se resolve a não rezar mais a oração, pera não andar mais cõ estas inquietações; depois com tudo lhe pareçeo que fazia nisto offensa a Deus e que era deixallo a elle pela creatura e que era tentação do diabo deixar de rezar a oração e
20 tornou a continuar cõ ella e se ir esfriando na amizade tam licita, e morteficandose pouco e pouco no gosto que tinha de se mostrar agardecida a aquella religiosa, e tratando de veras de ir fazendo seus apontamentos pera a confissão geral. [fl. 71 v.] Bem se deixa ver destes, e de outros exemplos a pura consciencia desta serva de Deus, que ainda em cousas que não aparencias de culpas graves, senão venealidades e fraquezas
25 humanas, fazia tam grande escrupulo, que por ellas trata de fazer sua confissão geral.

E quem assi hé tam meuda em cousas leves, como o seria em cousas graves e quem tanto temia offender a Deus cõ faltas veniais, quanto mais temeria agravallo em cousas graves, que lhe pudesse fazer perder a graça da alma. E não tem pequeno fundamento hũa religiosa madura, e grave que conversou familiarmente a Sor Catherina dizer que
30 lhe parece que não tinha peccado mortal.

Trata de se aparelhar pera morrer cõ hũa confissão geral - cap. 30 (13)

Como Sor Catherina não traz ja outros pensamentos senão os que á sua salvação tocavão e as doenças e achaques vinhão sobrepostos hũs aos outros, pareceulhe que a vida seria breve e ainda que andava mui bem aparelhada, contudo quis segurarse mais, fazendo hũa confissão geral de toda a vida, que hé conselho mui açertado fazerse pello menos duas vezes na vida, hũa dispois de as pessoas chegarẽ aos trinta pera quarenta annos, e dispois fazer outra lá sobre a velhice, não de toda a vida, senão da ultima confissão geral até aquelle tempo, e daqui se colhẽ muitos [fl. 72 r.] proveitos. O primeiro hé segurar a çerteza das confissões ordinarias, porque se algũa foi por algũa via malfeita fica remediada pella geral. O segundo hé a nova graça que Deus dá pella mayor confusão que hũ penitente tem confessando todas as culpas de sua vida até aquelle tempo. O terçeiro a consolação e quietação que a alma alcança, porque fazendo da sua parte oque hé neçessario pera aquella confissão, fica em graça cõ Deus e moralmente se pode crer que quem se aparelha pera fazer hũa confissão geral, que faz da sua parte tudo oque pode.

Foi Sor Catherina na materia da confissão e comunhão mui frequente em toda a sua vida e quando cõ a cõmunidade não podia comungar por estar na cama, aly fazia comque se lhe dissesse missa e comungava com muita devação, que a tinha mui grande ao sanctissimo sacramento, como a diante se dirá. Isto contudo não lhe tirou fazer sua confissão geral e asi outo meses antes de adoeçer da doença de que morreo a fez cõ hũ religioso mui sancto e espiritual da mesma ordem comque ella ficou consoladissima e o mesmo religioso mui edificado, não só da pureza da consciencia de Sor Catherina mas tambem de sua prudencia e entendimentos; e nella tratou até de mininições de casa de seus Pays, particularmente de çertas mentiras que aos confessores dizia, pareçendolhe não ser culpa e era, perguntandolhe elles se fazia algũas penitencias e ella negalo por lhas não impedirem. [fl. 72 v.]

Com esta confissão acabada ficou Sor Catherina resoluta que os dias de sua vida avião de ser poucos e assi o tinha ella significado a sua irmã e amigas que tanto que se acabasse de confessar geralmente, não avia de viver muito, que trazia este pensamento consigo. E cõ elle, ainda que tinha a confissão escrita, sentia repugnancia de a fazer pella morte que se lhe representava. Vençeo porem a repugnancia e feita a confissão

entrando na çella disse a irmã e amigas, a confissão está feita, agora esperemos o que se segue, dando a entender que a vida se lhe hia acabando.

Não direi que isto foi profecia, mas não negarei também que teve de Deus alguma luz para conhecer que os dias de sua vida seriam poucos, porque o falar nisto com tanta
5 segurança e inteireza, não parecia efeito de natureza, senão de graça. Della escreve hũa religiosa grave que falando por vezes Sor Catherina na pouca vida que avia de ter, falava com tanta segurança, como se sobre o certo falara e que travando particular amizade com esta religiosa, lhe dissera que pouco avia de durar e assi foi. E falando
10 algumas vezes na entrada de sua irmã dona Britis naquella mosteiro, dizia que se não cansava no cuidar nisso, porque o não avia de ver, como não vio. E já pode ser que confirmou mais este pensamento com hũ sonho que teve, poucos dias antes que adoecesse da doença deque morreo contou aquella religiosa, que tinha sido sua Mestra do noviciado, que ella fez, deque atraz falamos, que hũa noute sonhara que o seu minino Jesus rindo achamara e lhe dissera, Catherina queres vir comigo, e que ella tambem
15 rindo [fl. 73 r.] e com muita festa lhe dissera, sim meu Senhor, e que então espertara. Com esta serva de Deus não ser molher que contasse sonhos, nẽ menos lhe desse credito, diz que deste fez caso.

Não digo que fosse isto revelação, mas podia ser, porque estillo hé de Deus revelar
algũas cousas em sonho, a que os Doutores chamão sonhos divinos, contrapondoos aos
20 naturais. E assi pareceo o Anjo em sonhos a Joseph quando lhe disse que tomasse o minino Jesus e sua May e se fosse para Ægipto. Quando não seja revelação, pello menos mostra bem que o trato entre dia desta serva de Deus era com o seu minino Jesus, pois dormindo sonhamos com aquillo que de dia trazemos mais no sentido.

Valeo a esta serva de Deus estar dormindo quando assi em sonhos vio o seu minino
25 Jesus, que a chamava, porque se esperta lhe appareçera e com tam doçes palavras a convidara, com o sũ que a serva de Deus pella boca lançou, ouvera tambem de sair a alma, como lá a outra aquem appareçendo a Virgem, e perguntandolhe se queria ir com ella e respondendo que sym, logo a alma do corpo sahio e com a Virgẽ se foi.

Cae na doença de que morreo - cap. 31 (14)

Como Sor Catherina andava ja sobre cuidado de serem breves os dias de sua vida, tratou de se dispor e aparelhar como convinha pera tal jornada, e pera isso fez confissão geral como fica dito, e teve satisfação cõ hũa religiosa, com quem avia mais de dous ou tres
5 annos tivera hũas palavras de pouca consideração. A culpa não foi mais que não responder cõ hũ modo humilde a hũa religiosa mais velha, [fl. 73 v.] e a idade não era mais que de trinta annos, por lhe custar o aver de dar esta satisfação, se determinou de se mortificar, como fez.

No cabo de Agosto lhe vierão as dores de hũa colica por espaço de nove dias, e hũa dor
10 e chagas na garganta aque se lhe applicarão varios remedios, e algũs de muita pena, o que Sor Catherina cõ grande paciencia levava. A febre se lhe continuava em forma que resolverão os medicos ser febre ethica, oque ella tambem alcançou pellos remedios que via se lhe applicavão e com isto se resolveo aque daquella morria e assi se começou de aparelhar mais de proposito.

15 Confessavase e comungava mais ameude, foise recolhendo consigo sem tratar, nem falar como dantes, soffrendo cõ dobrada paciencia seus males, tanto que tolhendosselle os membros sem se poder estender, sofriase consigo e perguntandolhe hũa vez çerta religiosa porque não estendia os pés pera poder descansar hũ pouco, respondeo prouvera a Deus que pudera eu, mas estou tolhida e então se soube de seu mal. E por não dar
20 pena aquem della curava não consentio que na cama a virassem mais que duas vezes, hũa pella manhã, outra a noute.

Começavão as amigas de chorar a perda de tal alma, e quando ella as via chorar da cama onde estava tirava alento pera as consolar, dizendo ora a hũas que não desconfiassẽ de Deus, a outras que de outras doenças grandes a livrara Deus que também alivraria desta,
25 não pretendendo nisto mais que consolar as que já por sua ausencia começavão de entrestičer.

[fl. 74 r.] Nesta doença particularmente já nos dias emque se lhe chegava agora de sua jornada, mostrou grandissima confiança no morrer, como alma que estava já de tão longe penhorada com muita graça pera a gloria. Hũ religioso por duas vezes escreveo a
30 çerta religiosa amiga de Sor Catherina que ia que estava em tal estado lhe lembrasse que pedisse os sacramentos, etc.^a. E indo estas cartas a mão da serva de Deus, cudandose

que lhe daria pena aquella lembrança que o religioso lhe dava, tão longe esteve de perder o animo, que disse com grande alegria tornando a dar as cartas, que não era ainda necessária aquella lembrança, que quando fosse tempo ella a daria, porque todos os dias pedia a Deus particularmente lhe desse morte com grande aparelho e conhecimento e
5 esperança de Deus lhe fazer esta merçe.

E nisto não avia ella de faltar nada, porque sabia muito bem quam importante era o aparelho dos sacramentos pera aquella hora, e assi lhe sentião mui grande pena quando algũa religiosa, naquella hora estava descuidada dos sacramentos, e o que nas outras notava não avia de querer em sy. E assi tinha pedido a freiras amigas suas que se na
10 hora da morte tivesse algũ descuido nisto que a avisassem e desenganassem.

Ao medico tinha pedido que a desenganasse quando se lhe chegasse o tempo, o que elle fez per palavras encubertas pella grande magoa [fl. 74 v.] de a ver morrer. Tomouo, a nova¹¹²¹, Sor Catherina cõ muita alegria, chamou logo sua irmã e a religiosa que fora sua Mestra e as consolou dizendo que não chorassem, que aquella era a verdade que o
15 medico dizia, que ella estava mui conforme cõ a vontade de Deus e as reprendeo de seu pouco animo, e não estarẽ dipois de tanto tempo conformes pera aquillo, estando o ella, que agora lhes pedia tratassem só doque convinha pera sua alma della.

Desenganasse que morre, e aparelhasse mais de veras - cap. 32 (15)

20 Passou assi sor Catherina cõ este animo, paciencia e conformidade cõ Deus depois que cahio nesta doença até os dez de Fevererio de 621. A hũa sexta feira pella menhã lhe deo hũ tremor de todo o corpo, comque se acabou de desenganar, chamou então hũa freira muito virtuosa e lhe pedio que daly ate que Deus a levasse lhe fizesse cada dia hũa offerta ao Padre Æterno das dores de seu Filho quando o encravavão na Crux e as
25 suas unidas a ellas, e acrescentou que cresse que se lhe podião ajuntar, porque em cada hũ dos seus membros e ossos as padecia mais crueis, que corpo humano podia padeçer.

Muitos dias antes deste, em que lhe vierão estes tremores se tinha já recolhido cõ sigo e falava pouco, somente aliviava e animava as que [fl. 75 r.] por sua morte choravão, consolandoas que mais as avia de servir lá no Ceo, a onde esperava de ir, doque cá na
30 terra. E querendo algũas religiosas impedir as lagrimas a sua irmã e a outras amigas,

¹¹²¹ A nova] sobreposto.

temendo que ella se perturbasse cõ as ver chorar, disse que as deixassem chorar, que bẽ sabia quanto a cada hũa dellas avia de custar sua ausencia, mas que lhe não dava pena as lagrimas que via, que o mesmo fizera ella por ellas.

5 Pedio a segunda feira seguinte lhe aparelhassẽ a comunhão, dizendo que era dia da tresladação de Santo Antonio, oque todas notarão porque como não era dia de festa particular, e ella avia muitos dias que rezava, espantarão se de se lembrar de tal dia. Parece que a santa quis naquelle dia reverenciar aquelle senhor, que dos animais brutos fora reverenciado nas mãos do Sancto Portugues e professar com o ver e receber a fee em que morria, pois o Sancto cõ elle na mão o fez professar aquem o não conhecia.

10 Desdos dez de Fevereiro se recolheo consigo de maneira que já na çella nada falava, nẽ tratava, somente respondia brevemente aoque lhe perguntavão estando cõ os olhos fechados e nos derradeiros dias se vio estar cõ as mãos postas cõ muita devação pera hũ Christo Crucificado, que diante tinha, comque fallava, sem se lhe entender o que dizia, posto que bem se deixa ver o que falaria aquella serva de Deus; estaria dando graças a
15 aquellas divinas chagas, que forão o resgate de seu captiveiro; os agardcimentos a aquelle senhor pella ter feito religiosa e tirado do mundo, pera acabar em seus braços, consolarsehia com aquelle senhor, pois tambem [fl. 75 v.] o via chagado como ella estava, e diria do intimo de sua alma que morria em pax e quietação cõ o terdiante e se à orelha se lhe chegara algũa amiga porventura que lhe ouvira dizer *In paxe in idipsum*
20 *dormiam, et requiescam*: como conta S. Gregorio Nazianzeno¹¹²² de sua irmã S. Gorgonia que estando em passamento lhe vião bolir cõ os beiços, mas não lhe entendião nada: e que applicando elle a orelha, ouvia dizer a sua irmã *In paxe in idipsum dormiam et requiescam*, em pax dormirei, e descansarei. E arrebenta o sancto nestas palavras. O quem fosse tam ditoso, que com semelhantes palavras desse os ultimos arrancos da
25 vida. Com estas cuida que arrancaria a alma de Catherina: pois que entrando na religião entrou dizendo; *haec requies mea*; Este hé meu descanso, convinha que a vista de seu esposo crucificado sahisse da mesma casa, dizendo: *In paxe in idipsum dormiam, et requiescam*, morrerrei e descansarei ã pax.

30 Pello menos servialhe esta vista de aliviar das penas, e dores, que por todo o corpo padecia, e offereçelas a aquelle senhor, que pella salvar tambem tinha padecido as suas: e assi apontandolhe hũa religiosa nos derradeiros dias para o senhor crucificado, como

¹¹²² Um dos Padres da Igreja, patriarca de Constantinopla.

quẽ a persuadia que cõ as dores daquelle senhor aliviasse as suas, respondeo ella; bem sabe esse senhor que não tenho membro emque as não padeça mui crueis e que ninguem mais que eu deseja saber lhas offereçer.

5 E assi como o senhor teve penas no beber do fel e vinagre, parece que quis que esta sua serva a seu modo nisto padicesse: por que se lhe encheo a boca, e garganta de chagas [fl.76 r.]¹¹²³ que qualquer gota de agoa que levava para baixo, disia que erão setadas, e assi foi neçessario substêtarêna cõ leite; e na madrugada do dia em que Deus a levou, disse que desejava de saber quãtas horas tinha de vida, para saber quantas tinha de tormento.

10

Morre aserva de Deus - cap. 33

Ouve na morte desta serva de Deus algũas circumstançias de muita edificação, e consolação e porque as achei em hũa carta daquelle religiosa que foi mestra de soror caterina, cõfrontadas todas cõ outras relações pareceome por aqui amesma carta, que
15 servira para notiçia de como esta serva de Deus acabou, dispois assi acarta, escrita à may de Sor Catherina.

Senhora minha e may da minha alma.

Não fui a primeira que consolei a Vossa Merce desta tão grande perda, e dor, por que me deixou ella em estado, que nẽ para buscar o alivio de fallar cõ vossa mercê tive
20 animo, e sem elle ainda faço estas regras para pedir a vossa mercê se console, e console a mĩ, que se vossa mercê perdeo filha, ficandolhe outras, que lhe vivão mil annos, eu perdi hũa conçoção, que só na vida tinha, aque estava tão entregue, que fora della nada no mundo estimava, cõfesso a vossa mercê cõ toda averdade que devo a Deus, que nẽ a morte de meu pay, tios e irmãos, senti como adesta bem aventurada amiga, vejo e
25 confesso minha senhora, que este [este]¹¹²⁴ anjo no çeo, cõ defferêtes gostos dos que ca na terra tinha, e nelle me á de ser de mais proveito, do que me podia ser ca, nada disto basta aconçolarme, que fisera senhora do[fl. 76 v.]na francisca se este desgosto cõ que hoje me vejo, não estivera de tantos tempos atras prophetizado, assi de phisicos, como da madre soror caterina, que o primeiro dia que tratou de mi me disse, que obem de nos

¹¹²³ Retoma-se a transcrição a partir do exemplar inserido no texto de Soror Baptista.

¹¹²⁴ Repetido.

conversarmos era tão grande, como pouco o tempo que nos avia de durar e sempre cõ estes temores a conversei, e ajudei em spirito ou ella amã, para que melhor diga, e também entendia ella chegarse asua morte, que para este fim fez por s. joão baptista este que
5 em não lhe sperar Deus mais para aleva, que fasela que me confessava a temia, e desejava dilatala por mais tempo, mas vindo logo neste hũ aliviador de seu gosto, afez cõ tanta perfeição que elle ficou tão edificado de spirito, como espantado do seu grande entendimêto, no fim de agosto seguïte adoeção pera mais se não alevantar, e foi continuando cõ tanta paçiença, e edificação, como avossa merce se escreverã per outra
10 via, onze dias antes que Deus alevasse me chamou só, e me disse, que se me parecia bem queria mandar dizer as missas de s. dionisio, que erã mui aprovadas por sua alma, em vida, que sinais mortais que nãguẽ lhos avia dar aconheçer, que em sy os via todos, e que algũa esperança de vida se atinha, era ja acabada: que eu me conformasse, que ella oestava muito cõ a vontade de Deus. Julgue Vossa Merce¹¹²⁵ qual eu ficaria, viome ella
15 de modo que me tornou a dizer que missas não matavã, que fosse tresladar os psalmos, e orações, e que as mãdasse dizer.

Logo ahũa segunda feira da somana em que Deus alevou, quis comungar de viatico¹¹²⁶, e confessarse, como [fl. 77 r.] tinha feito ja muitas vezes na doença, ouvindo sempre missa cõ muita devação, que se lhe dizia na çella, pedio ao confessor por estar fraca que
20 em seu nome pedisse perdão a presentes, e absentes, o que se fez cõ muitas lagrimas de todas estas religiosas, que osentirão como quem conheçiabem agrande perda que esta cõmunidade teve em perder tal freira, que para Deus, e para o particular de cada hũa dellas, sêpre prestava mais que outras, quiserase logo ungir, dizendo que se lhe fizese tudo oque se lhe avia de fazer; mas dilatamos isso para o outro dia, por nos dar animo a
25 nós, que ella o não avia mister. Em amanheçendo pedio a sancta unção, e não descançou ate não vir antes de lha darẽ se reconçiliou outra vez, e se desapropriou nas mãos da madre abbadessa cõ tantas palavras e aviso, que os frades e freiras ficarã espantados pedindo muitos perdões à madre abbadessa do mao exemplo que dera da guarda deste voto da pobresa, e dos mais; e lhe pedio por amor de Deus hũ abito para aenterrarẽ,
30 acabado de aungirem chamou sua irmã sor maria, com quem teve palavras de muito amor, pedindolhe se cõformasse muito com avontade de Deus, e não chorasse por ella,

¹¹²⁵ Na cópia utilizada para confronto de texto acresce: "minha senhora, pois sabe que cousa he querer bem a hũa amiga verdadeira, quais meus olhos, e coração ficarião"; fl. 33 r.

¹¹²⁶ Sacramento da comunhão ministrado aos enfermos ou moribundos.

que fisesse por lhe viver muitos annos para sua alma, que Deus sabia se não atrevia ella ver sua morte; e que por isso hia diante; logo da hi a pouco se despedio de mym, [fl. 77 v.] disendome que naquele tempo se vião as amigas, e se comprião as promessas feitas em vida, que lhe tirasse logo hũa bulla da crusada, e fisesse por sua alma oque ella me mereçia, e fisera pella minha, que mui grande conçoção levava em eu lhe ficar viva para aencomêdar a Deus, e por que eu lhe disse era tudo acabado para mĩ, me disse que me conformasse cõ avõtade de Deus que ella o estava muito e so sentia não saber se estava aparelhada para aquella hora como devia, que nella aencômêdasse mui particularmente a Deus, e perdesse o cuidado do que ella avia de ter de mĩ se mereçesse

5
10
15
20
25

velo; dyspois de lhe respõder atudo, oque cõ lagrimas eu não podia pronunciar, tornou e disseme madre fulana que novas estas para meu pay, e may, respõdilhe que não era nova, que bẽ sabião Vossas mercês o estado em que ella estava, e como tão christãos estarião conformes com Deus, tornou a segũdar, minha may não que ainda hũ dia destes mãdou pergũtar a sor maria quando me avia de erguer, de todas as mais amigas se despedio muito por ordem, e cõ muito amor, encõmendãdolhes sua alma, e sua irmã que aconçoçassem e não deixassẽ chorar, e aduas pedio que a amortalhassẽ, e á irmã que amãdasse despedir de seus pays, nisto passou aquella tarde, sempre cõ osentido se escrevia vossa mercê, e lhe mãdava algũ recado, quando o escrito veyo, dandolhe a madre sor maria disse, ja tardava, e eu me espãtava de minha may, o não ter feito, e cuidava que vós mo negaveis [fl. 78 r.] ella mesma, oleo, e deo areposta que vossa mercê la veria, cõ muita inteireza, e cõ a mesma respondeo a certas religiosas que pergũtandolhe se aenfraquessia oter tomado asancta unção, ou as lagrimas das que achoravão, que nenhũa cousa a enfraquessia que como avia de enfraquesser asancta unção, que era para seu bem, nẽ menos vernos chorar, pois faziamos oque ella por nós

30

A noute antes de Deus a levar tomou o pulso eachandoo fraco disse que lhe chamassem quem entendia d'elle, e se nos pareçesse bem á irmã e amigas, que chamassẽ as freiras para lhe resarem o officio da agonia, mas por não inquietar, e faser falta no coro, fosse acabadas as matinas, fesse assi por sua conçoção, vierão os frades tornou a reconçiliar, e ajudou ao officio da agonia, que o sabia de cor, por que todos os dias orezava, em vida por sua alma, a noute passou em grandes ançias, em amanhessendo, pediu aDeus lhe abreviassẽ as horas, que ja não podia cõ tantas dores, porque naquelle corpo não tinha então cousa que não padeçesse, que lhe fossem chamar as freiras, que

lhe lessem, e rezassem pello livro devotissimo, que para aquella hora temos, e nós as amigas, e irmã sua que anão deixassemos e lhe tivessemos perto acandea.

Tinha dito que sentiria muito se naquela hora se lhe çerrasse opeito, e tendoo os dias antes cerrado, naquela hora lhe tornou sua vox tão clara, como antes atinha, e fez hũ
5 termo apertada cõ hum [fl. 78 v.] crucifixo, e aboca no lado: e saindo delle cõ todos seus sentidos, pedio ahũa religiosa que por ella se fosse despedir de outra, que aly não estava, por estar enferma. hũa religiosa lhe pergũtou nesta cõjunção se via, e ella respondeo, que louvores a Deus, tinha todos seus sentidos muito espertos, mas que as dores e ançias que dentro em sy sentia, nẽ ella que as sentia as podia declarar.

10 Pedindolhe amadre abbadessa que levasse algũa substãcia lhe respõdeo que ainda que ja não estava para isto, por que ella o mandava, ofaria, porẽ não ouve tempo, porque entrou no segũdo termo, e dizendo agora he tempo de todas me ajudarem, repetindo muitas vezes o nome de Jesus, e louvado seja o sanctissimo sacramento cuja insigna tinha no braço, cõ amedalha de s. carlos, pello ter assi pedido dantes, sahio aquella bem
15 aventurada alma dentre as penas, e dores que padeçia para ir lograr a vista de seu doçe esposo.

Ate aqui parte da carta desta religiosa

Muitas cousas avia aqui dignissimas de ponderação que são claros effeitos de predistinação desta serva de Deus, porem a constançia, com que morreo he claro sinal
20 de salvação, por que conçiderar, e ver em hũa creatura de tão pouca idade, a constançia cõ que acaba, fallãdo cõ tanto desabafamento, agora mandandose despedir da enferma, agora estendendo o braço para lhe tomarem opulso, agora dizendo que esteja a vela prestes, agora nos termos da morte dizer que está em todos seus sentidos, e cõ grandes dores, sem dellas se queixar, agora pedindo ás irmãs que he tempo de a ajudarem, agora
25 pedindo á irmã que a mande [fl. 79 r.] despedir de seus pays; agora pedindo a duas amigas que tenham cuidado de a amortalharem, não pode isto ser senão naçido de hũa alma chea da divina graça, por que ter assi a morte diante dos olhos, e ter tão pouco medo della, não faz isto a natureza, senão a graça, que na alma aonde está faz do morrer dormir, do acabar descansar, e esta he a morte ordinaria dos justos, querendo Deus cõ
30 ella não só consolar as almas dos justos que acabão se não amoestar os que cá na vida ficão, que tratẽ de a gastar de maneira, que quando a morte vier, lhes não seja temerosa, se não graçiosa, e que lhes não sirva de mais que de hũ sono, em que entrando saya das

miserias da vida, e despertando se ache no porto da gloria, como se acho soror catherina ás dez horas do dia ahũa quinta feira 4 de março 621.

E foi tambem assombrada esta morte, que paresse não ouve nella sinais tanto de morrer, como de dormir, por que para sair aquella alma, como pomba, não ouve mais que
5 fecharẽse os olhos, e comporse o corpo, como quẽ andava ja ensayada cõ desabafamento para aquella hora, e assi o notou entre outras hũa religiosa grave, e de virtude, que quando soror catherina fallava em morrer, era cõ tanta levidão, boa graça e boa sombra, que se espantava: e pello que nella nesta materia vio, assi em vida como em
10 morte, pedia a Deus lhe não tirasse da memoria a morte de soror catherina para não temer a sua quando viesse.

sepultão o corpo desta serva de Deus - cap. 34

Falleçeo esta religiosa hũa quinta feira aos 4 de [fl. 79 v.] março ás dez horas de pella
15 menhã, nesta era de 621, tendo vinte e tres annos, e outo meses de idade, e outo annos, equasi dous meses de religiãõ, cõ grande sentimento de todo aquelle convento por perder tal religiosa. ficou seu corpo mui tratavel e meneavel como se nelle estivera ainda a alma, e sobretudo ficou tão fermosa, que parece o resplendor da gloria que
20 aquella alma começou de possuir, e o da graça com que viveo, e acabou, tresbordou no corpo e o fez tão graçioso, e parece que cõ sua graça fez perder o medo daquellas religiosas, que como molheres naturalmente, o tẽ á vista de corpos mortos, por que
25 muitas se forão abraçar cõ elle, outras que naturalmente medrosas, nos dias em que freiras morrião se hião esconder la por lugares escusos, entrarão com muito animo na çella. e a madre cuja carta acima relatamos diz nella estas palavras. todas estivemos cõ
ella ate o cabo, e fez o animo de soror maria sua irmã, e o amor da minha soror caterina,
mudar de condiçãõ, que nẽ cõ minha irmã estive naquella hora, nẽ freira nenhũa ate hoje
pude ver acabar, mas como esta alma era ja do çeo, como tal fez os effeitos em nós. Esta
casa está tão alegre, como se nella não morrera nĩguem, não se sabe por agora fallar em
outra cousa, tudo he louvar a Deus e a vossas mercês que tal criaçãõ souberão dar aestas
filhas.

30 Ate aqui a religiosa

O mosteiro quis mostrar como esta religiosa era entre algũas avantejada na virtude, avantejandoa tambem nos suffragios, e officios por sua alma, oque tudo refere a religiosa da carta que acima fica relatada, por estas palavras. A comunidade fez por sua alma oque se não fez por nenhũa, por que assi como a morte, e vida foi diferente de
5 outras, o forão as v̄etagens [fl. 80 r.] que lhe fiserão em comunidade se tomarão duas disciplinas por ella, e no ponto em que a madre abbadessa dezia o verso para as orações *ora pro ea sancta dei genetrix*¹¹²⁷, aquelle coro se derrocava da forsa dos açoutes: tãbẽ lhe disse hũ trintairo que são as primeiras missas que a comunidade por freira disse nũca. As estações ao santissimo sacramento cõ que todas lhe vão tirar a alma ao coro
10 não tẽ conto, muitas lhe forão pedir como a tão boa religiosa lhes alcançasse de Deus çertas petições, e á conta dellas lhe prometerão cousas, que não acabavão em dias se não em annos.

Ate aqui a religiosa

Sepultarão o corpo desta serva de Deus para daly no dia do juizo se levantar bẽ pago do
15 que padeçeo, e todas as dores, e tormentos que teve, pois cõ paciência os levou, lhe ficarão em gloria, e tanto mayor, quãto mores elles forão, pois a medida do mereçer he o padeçer nesta vida. Aconteçeo em seu enterramento hũa cousa, emque algũas religiosas repararão, e foi que avia ella dito em vida, que por çerta religiosa cantar bem, desejava que ella fosse cantora em seu offiço quando morresse, e sem isto saber amesma, não
20 sendo sua somana o foi acaso.

Não deixarei de apontar aqui duas cousas, que ainda que sejam sonhos, e não se lhe aja de dar credito, cõ tudo vistas as circumstanças poderão servir para cada hũ se persuadir ao que quiser. hũa religiosa de muita virtude, e exemplo, aquella noute que enterrarão soror caterina, ou sonhãdo ou estando esperta, do que se não affirma, disse que vira
25 soror caterina cõ seu rosto mui alvo, e feroso, atalha mui [fl. 80 v.] branca, o veo da cabeça mui bẽ composto, junto da toalha, e que tres vezes se chegara aella, para lhe dar a pax e que de todas lembrandosse ella que ja era morta, se lhe afastara e que entãõ desaparecera soror caterina, do que ficara bẽ magoada, por se lhe afastar, e não resseber della a pax.

¹¹²⁷ "Ora por nós Santa Mãe de Deus"; evocação de tipo litânico, ladaínha.

A outra religiosa contou que sonhara com soror catherina e que a vira levãtarlhe o pano da çella, cõ hũa cor de sã muito fermosa, e que lhe dava oseu pão, que do refeitorio trasia, e a freira respondeo, não avia la quẽ trouxesse se não ella do modo que esta, ao que lhe segundou soror catherina estou bẽ, ate agora morria mas ja vivo.

5

Fim do primeiro livro

[fl. 81 r.] Livro segundo das virtudes que mais se notarão nesta serva de Deus

De sua charidade para com Deus - cap. 35

No peito desta serva de Deus estavam depositadas como em lugar sagrado muitas
5 virtudes, cõ que ella foi acõpanhando a vida, ainda que o corpo era debilitado, cõ
continuas infirmitades, a alma cõ tudo dessas fraquezas do corpo, tomava forças para
viver que conforme a s. gregorio papa, as virtudes são na alma, como os ossos no corpo,
e assi como os ossos substentão os membros, assi as virtudes as almas, ãquanto nos
servos de Deus as infirmitades são mayores, e continuas, tanto mais se ha paçiença e
10 conformidade cõ Deus, as virtudes se corroborão, e assi entendendo bem isto soror
caterina quando lhe dizião algũas, que não fisses tanta penitênça que perdia a saude,
respondia cõ o dito de s. bernardo¹¹²⁸, se queres ser são, não podes ser sancto, e só esta
conçideração he boa prova de ter aquella alma hũa grande charidade para cõ Deus, pois
para o amar, queria sofrer, que o verdadeiro amor, não tẽ mayor prova que opadeçer,
15 que esta quis o senhor dar para mostra de quanto amava aos homens pois disendo no
cabo da vida, que tẽdoos amado os amava no fim, logo foi padeçer e morrer por elles.

Do que fica dito atras em varios capitulos, se pode bem colher quanto esta serva de
Deus o amava, pois tratava de onão offender, dizia que antes queria perder a vida; que
ser occasião de offenças de Deus [fl. 81 v.] e por delle senão apartar nũca, da primeira
20 vez que se lhe entregou, não consentio que atirassem do mosteiro não só para não
professar, mas nẽ ainda para se vir curar fora, tratou cõ ella sua may hũa vez que serto
religioso selhe tinha offereçido para aver do papa licença para se vir curar asua casa,
respondeo á may cõ tanta inteireza que lhe disse, senhora antes morrer sem remedio,
que hilo buscar fora do meu mosteiro: assi estava esta serva de Deus cõ elle pegada, que
25 antes queria padeçer os males que tinha, que remedeallos desapegandose por algũ tempo
de Deus e de sua casa.

Como seja proprio do amor não consentir, esquecimento algum, mostrava bem esta
serva de Deus, quanto a Deus amava, continuamente andava cõ lembranças suas,
uzando de mil invenções para se obrigar a nũca delle tirar opensamento. tinha por

¹¹²⁸ S. Bernardo de Claraval nasceu em França. Grande reformador da Ordem de Cister, foi Doutor e grande impulsionador do culto mariano. O seu dia é celebrado liturgicamente a 20 de junho.

espertadores para se lembrar de Deus, o tocar dos sinos e dar dos relogios, otanger do sino da quadra cõ que se chamão as offiçiaes, que se toca muitas veses, e quando os ouvia dizia cõ silêncio aquella oração, que diz, *O domine Jesu, pastor bone, iustus conserva, peccatores iustificat omnibus fidelibus miserere, et propitius esto mihi indigna peccatrici*¹¹²⁹, etc.^a, e no cabo rezava hũ *pater noster* ehũa *ave maria*, e como faz isto muitas vezes, pois tantas de Deus se lembrava, cõ esta oração quãtas vezes ouvia tocar os sinos, e as religiosas davão fé como cõ silêncio, e quietação o fazia, grãdemente a importunavão sã nũca poderẽ alcançar della oque fazia, ate que hũa hora çerta religiosa lho pergũtou promettendolhe de faser omesmo, então lhe declarou, como tinha os sinos por despertadores para se lembrar de Deus e lhe encõmandar todas as creaturas, Não he pequena prova esta do amor, que no peito desta religiosa ardia pois como ella seja fogo, não podia deixar de lançar [fl. 82 r.] suas chamas ao alto, como jaculatorias, e lembranças tão continuas, e vivas.

Não menos prova he o temor, cõ que esta serva de Deus vivia de offensas contra sua divina bondade, que o amor aque chamão os theologos Amor de preço, anda acompanhado cõ hũ recato, cõ hũa determinação de não offender, nã agravar a Deus, este amor não faltou em soror catherina, pois de tudo oque podia servir, para não offender a Deus, se ajudava: nos livros que lia tudo oque achava, que tocava em cousa que era peccado mortal ou não, logo escrevia, e notava, para daly se ajudar a fugir do que lhe podia fazer perder a graça de seu esposo.

E não só tratava de fugir de culpas graves, mas ainda trazia diante dos olhos as leves, que andava cõ cõtinuos propositos de as não cometer, e cõ continuas [lembranças]¹¹³⁰ de as fugir.

Trazia hũas palavras escriptas em çifra cosidas na boca da manga do jubão, da parte de dentro, que lhe ficavão diante dos olhos, sem nũca ninguẽ saber oque era, nã ella oquerer declarar, hũa religiosa cõ tudo, cõ que ella cõversava, que sabia algũa cousa da çifra disse que dezião as palavras, não mentirei, não jurarei, não praguejarei, e acreçenta esta religiosa que só estas palavras entendeo da cifra, que outros por estarẽ mais embaraçados não as podia entender.

¹¹²⁹ Oração possivelmente retirada de um breviário.

¹¹³⁰ Acréscimo do exemplar consultado, ACL.

Deste amor assi tanto de preço no padesser, no lêbrarse, no fugir de culpas contra Deus, lhe naçia hũ gosto grande de tratar, e conversar cõ Deus particularmente no santissimo sacramento, de que foi devotissima: cõmũgava muitas veses, [e quando]¹¹³¹ não podia ir cõ a comunidade diziaselhe missa na çella, e aly comũgava, e quando o não podia faser, 5 cõ mũgava espiritualmente, cõ bẽ de conçoção sua. Aquella religiosa aquẽ ella deo obediencia de noviça, [fl. 82 v.] e cõ quẽ comunicava algũas cousas de seus sentimentos spirituais, disse hũa vez que era impossivel cousa aver pessoa humana por muito que aoutra amasse, e desejasse ver, chegar cõ mais alvorosso á grade, do que ella chegava cõ gosto interior ao sanctissimo sacramento.

10 Era boa paga esta, cõ que o senhor lhe pagava, não só o amor cõ que tratava de o não offender, mas tambem oesperado cõ o aparelho da boa serva, aquẽ cabia bem abençoão que o senhor lança aos servos, aquẽ elle acha vigiando quando vem, de quẽ diz no evãgelho, bẽ aventurados são aquelle servos, aos quaes o senhor quando vier achar vellando, fallos há assentar a mesa, e por lhes há as iguarias nella.

15 Tal foi esta serva de Deus, que as vesporas das comunhões não se deitava em cama nos tempos que andava em pé, e toda a passava em oração e quando cançava se encostava, por pequeno espaço, e quẽ assi vellava, e vigiava que muito he que vindo o senhor lhe pusesse a mesa, e nella muitas iguarias de consolações e gostos spirituais.

20 **Da Charidade pera os proximos - cap. 36**¹¹³²

Como andem juntos amor de Deus, e amor do proximo, e hũ seja boa prova do outro, bem poderemos nos dizer que esta serva de Deus amou bem o proximo por amar a Deus, e bem amou a Deus, por se ver nella grande amor do proximo; foi nisto mui conhecida, a todos tratava de servir, não fazendo differença de mais amiga, ou menos 25 amiga, nẽ mais ou menos authorizada, e poucas serão as freiras naquelle mosteiro, aquem ella não fizesse algũ serviço ainda em cousinhas bem nonadas; [fl. 83 r.] e o que nella era de estimar, era a boa graça, e boa sombra com que o fasia.

¹¹³¹ Acréscimo do exemplar consultado, ACL.

¹¹³² Retoma-se a transcrição a partir do exemplar supra referido, localizado na Academia das Ciências de Lisboa, por estar o texto incluso na obra de Soror Antónia Baptista em muito mau estado de conservação.

Tem algũas cousas em prova desta virtude bem notaveis, e bem dignas de se considerarẽ e imittarẽ: para com as enfermas tinha muita charidade, assistindo cõ ellas em suas enfermidades, andando ella sempre tão enferma, vigiandoas de noute e acudindolhes a servilas; e isto se notou nella mais avantejadamente depois que impedio a hũa religiosa
5 que a curava, que fosse amortalhar hũa freira, que parece como em pena della ser causa de a outra não ir cumprir cõ aquella obra demisericordia, quis exercitarse nesta obra de charidade cõ mais fervor.

Estando soror catherina doente na cama, sabendo que estava hũa leiga doente, e de doença asquerosa e penosa, e que o medico dissera que hia morrendo, e que por respeito
10 da doença ser tal estava a doente as vezes desacompanhada, cõ leve melhoria que teve soror catherina se levantou da cama, e se vai ter cuidado da leiga, assistindo cõ ella ate Deus a levar, todo o dia estava cõ ella dandolhe de comer, avanandolhe as moscas, ajudandoa a levantar da cama quando relevava; enfim servindoa de tudo o que lhe era neçessario.

15 E por que a doente se desconsolava por ver que fogião della, por a doença ser asquerosa, e pegajosa, soror caterina se encostava cõ sua cabeça no seo mesmo traveseiro e quando lhe dava de comer, metia cõ ella a mão no seu mesmo prato, e comia algũ bocado para cõ isto a consolar.

E não parou aqui só nesta obra de misericordia corporal a charidade de soror caterina, senão passou avante ao spiritual da alma, porque a fez [fl. 83 v.] aparelhar para bem
20 morrer, como morreo, e foi por hũa invenção, que so a charidade, como engenhosa inventou. Vio Soror Catherina que a enferma hia acabando, e que não tratava de se aparelhar para aquella hora, por que estava desanimada com cuidar que podia morrer; disselhe Soror Catherina se queria ouvir algũa lição das canonicas da ordem para seu
25 desenfadamento, que ella lhe leria; respondeo a doente que sy, toma soror catherina as canonicas, e secretamente na manga leva metido hũ livrinho que no convento há, que trata do aparelho para bẽ morrer, e quando hia lendo na canonica, sutilmente tirava olivrinho, e o punha em cima, e lá ageitava a leitura de tal sorte que hia encadeando cõ
30 ella a lição daquelle livrinho, sem que a doente entendesse a traça, nẽ desse fé do livrinho. E cõ isto foi dispondo, e aparelhando aquella alma para bẽ morrer, como morreo cõ edificação do mosteiro.

A outra leiga, e serva de casa fez quasi o mesmo, andando cõ suas enfermidades, dezasete noutes se não deitou por velar esta leiga que estava morrendo feita ética; e cõ outros males juntos a este e por muito que as amigas a querião divertir disto por se compadeçerẽ della, nunca cõ ella o puderão acabar, e assi foi continuando cõ a doente, 5 ate que Deus alevou: e hé muito de considerar que este exercicio de charidade era feito a leigas, e servas da casa para que se visse que não entrava aqui respeito algũ outro, ou de parentesco ou de authoridade, ou interesse, senão só aque a Deus aquella alma devia de puro amor e charidade com que elle a tinha dotado, e bem he de over¹¹³³ [fl. 84 r.] que consideraria ella muitas vezes, que fazendo isto aquella serva pequena, e humilde de 10 Christo, o asseitava como feito asua propria pessoa, como elle diz no evangelho, oque fizestes ahũ destes pequenos, e humildes, amĩ o fizestes.

Era estillo seu inda quando bem enferma, se ouvia gemer algũa religiosa no dormitorio, levantar-se logo, e acodirlhe, ese pelejavão cõ ella, vendoa mais neçessitada, para lhe acodirem, que aoutrẽ, respondia, que conta daria ella a Deus de não acodir aseu proximo 15 vendoo em neçessidade.

Continuase a mesma materia - cap. 37

Não ficarão os rayos da charidade de soror caterina só no mosteiro, e casa em que vivia; mas ainda sairão fora, por que acodia apobres na forma que podia. em hũa quaresma 20 inteira sustentou do seu comer de carne dous mininos de hũa molher pobre. Tinha de costume pello natal cõ outra religiosa dar de comer a tres pobres, hũa molher, hũ velho e hũ minino. A honra de nossa senhora, de s. jose, e do minino jesu, e o gosto cõ que ella negoçava, e aviava aquelle jantar era exçessivo, naçido da charidade que no peito lhe fervia. Tinha ja trazido este bom costume da casa de seus pais, por que todo hũ verão 25 esteve estillando eruas para mezinha de hũa pobre velha da sua rua, fazeandolhe cada dia as amendoadas que avia de comer.

Em hũa quaresma (como abaixo se dira) em çertos dias cada somana não comia mais que quatro bocados contados, e os sobejos levava á portaria para dar de esmola aos pobres: Fazia particular oração pellas almas do fogo do purgatorio, e pellos que estão

¹¹³³ A partir do fólho 84 r. a transcrição volta a ter por base unicamente o exemplar que se encontra no *Livro da Fundação*.

em peccado mortal, perguntadolhe hũa religiosa cõ que se despedia do sanctissimo [fl. 84 v.] sacramento, antes de se recolher, respondeo que rezava sinco vezes opsalmo de *miserere*¹¹³⁴, dizendo no fim de cada hũ delles, *christus factus est pro nobis obediens*¹¹³⁵, cõ o verso, eoração por sy, e por particulares pessoas, pedindo perdão a

5 Deus por cada hũa dellas.

Dizia sinco vezes o *pater noster*, e *avé maria* cõ outras orações ao santissimo sacramento, e outras a nossa senhora, e memorias a muitos sanctos de sua devação pellas almas do purgatorio e pellos que estão em peccado mortal; lembrança esta só em quem tẽ a charidade açesa para com Deus, e proximo se acha, pois ella tem este offiçio, acodir pellos que ou vivẽ em culpas, ou padeçem por ellas penas;

Não deixarei de apontar aqui por remate deste capitulo a quanto chegava acharidade desta serva de Deus para cõ suas irmãs, que estando ella bẽ doente, por vezes, e tendo neçessidade para alivio de suas dores, chamaremlhe o medico, não queria que lho chamassẽ fora de horas por não desinquietar as irmãs no dormitorio, querendo antes cõ sua paçiençia sofrer as dores, que alliviadas cõ pena e desinquietação do convento, enão só neste caso, senão em outros, cõ o mesmo spirito, sofria algũas cousas que lhe davão muita pena, quando o remedio dellas, se lhe avia de dar, cõ desgosto de terseiras pessoas;

Quando cõ algũa religiosa tinha qualquer rezão, ou desconto que não sentisse em sy culpa pello amor cõ que a todas amava, erespeitava, logo hia pedir perdão, nẽ sofria que osono atomasse, que ficasse quieta cõ sua irmã; e quãto mais ella isto fazia cõ tempo, tanto mais grangeava cõ amor a irmã para que lhe não fosse cõ o tempo cressendo a má [fl. 85 r.] vontade, seguia bẽ o conçelho de s. paulo, que manda não se ponha o sol sobre nossas iras, quer dizer quando hũ tem algũ agravo feito ao proximo, ou cuida que o pode ter delle, logo no mesmo dia antes de se por osol se fassa amigo cõ elle: e a rezão he para que de noute, em que os sentidos, e entendimento não tem em que se occupar, não estejam açendendo a ira no peito.

¹¹³⁴ (Sl. 50, 3) Um dos salmos penitenciais, *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam*; *Bíblia Sacra*, p. 590; "Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade"; *Bíblia Sagrada*, p. 890.

¹¹³⁵ (Fil 2, 8) Hino a S. Paulo, cap. 2º, Carta de S. Paulo aos Filipenses, *Humiliavit semetipsum, factus obediens usque ad mortem autem crucis*, *Bíblia Sacra*, p. 213; "Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz." *Bíblia Sagrada*, p. 1926.

A todas servia, e a aquellas que lhe tinhão feito algũ agravo mostrava melhor rosto, e graça, e por ellas fazia muy particular oração.

Da sua paçiençia - cap. 38

5 Depois de s. paulo fallar da charidade, o primeiro effeito que della aponta he
apaçiençia: e assi diz elle a charidade he paçiente. e andão tão juntas estas virtudes que
se não podera achar charidade sem paçiençia, nẽ paçiençia sã charidade, por que
acharidade he paçiente, e a paçiençia charitativa. nisto foi bẽ assinalada soror caterina,
que sendo doente, todos os annos, que na religião viveo, nũca se lhe sentio impaçiençia
10 algũa com tâtas penas que padeçia, quando estava na cama de tal maneira, se sofria cõ
seus males cõ tal paçiençia que não pareçia estar aly doente, e sentindo algũas religiosas
de noute que ella se cõfrangia por não dar ays, egemidos, á conta de as não desinquiatar
aellas, lhe disserão que desabafasse e gemesse. ainda que não para mais que para se
condoerẽ do que padessia, respondeo apaçiente Catherina amĩ se me não tira o mal cõ
15 gemer, e as que dormẽ se podẽ enfadar.

Do medico soube eu que estava espãtado da grãde paçiençia que sempre vira nesta
religiosa [fl. 85 v.] e que lhe pareçia que adera Deus cõ tantos males, naquelle mosteiro,
para nelle ser exemplo de paçiençia, como job ofoi no mundo.

O mais que no meyo de seus males chegou a dizer foi hũa vez, dous dias antes da morte,
20 que estando cõ o peito çerrado, e desejando de respirar, e desabafar da forsa de dores
que dentro de si padeçia, e não podendo, disse seja Deus louvado que hũ só dia que na
vida quiz gemer e desabafar, não pude, parece que quiz o senhor darlhe este trabalho tão
poucos dias antes de morrer, para que ella fosse apropriã testemunha de sua paçiençia,
pois confessa que hũ só dia quiz gemer, que era aquelle, ficando bem provado, que
25 todos os outo annos atraz tendo tantos malles, nũca tratou de gemer nẽ de dar ays para
desabafar.

Outra vez no cabo tambẽ da vida, fez queixa das grandes dores que tinha, e notarão as
religiosas, como cousa nova nella oqueixarse, e mostrãdolhe cõ o dedo as chagas do
Cristo que defronte tinha para se conçoillar nas suas cõ as daquelle senhor, respõdeo
30 bem as vejo, e bem as sinto, mas sou fraca, mostrava nisto bem aquella serva de Deus,
as muitas dores que padeçia, pois ellas lhe hião vençendo aquelle animo tão invençivel,

que no discurso da vida atraz tivera, pois sendo em todos os annos atraz tão animosa e constante, agora se confessa por fraca.

Pareçe que quiz o senhor cõ esta fraqueza mostrar muito que daquella serva sua fiava, pois lhe dava tantas dores e tormentos, que lhe hião vencendo suas forças mas não
5 perdêdo a paçiença, nẽ o mereçimento, pois ainda que como fraca osentia, como paçiente os tomava da mão de Deus, nẽ cõ as dores perdia a con[fl. 86 r.]formidade cõ elle, nẽ menos o mereçimento, que a hũa amiga tinha ditto estas palavras, madre sor fulana creame que não pesso saude a Deus, nẽ aquero, por que vejo que mereço em me conformar cõ meus malles, e se for sã não sei se mereçerei tanto, e assi melhor estou cõ
10 oque tenho.

As dores que mais a atormentavão e de que fazia suas queixas, erão naçadas na gargãta eboca, que tinha toda empolada, e desejava aserva de Deus, que elle lhas deminuisse se fosse vontade sua, não para viver sẽ ellas mas para morrer cõ menos, e assi vindolhe o medico cõ hũ ferrinho alimpar e lavar aboca, disse que se ficasse bem avia de comer tal
15 couza, mas que não cuidassẽ que erão isto desejos de vida, se não querer morrer cõ menos tormento.

Quando soror Catherina entrou na religiã, selhe affeiçoou hũa religiosa grãdemente que parece foi merce de Deus por que esta religiosa acurava e conçolava nas suas doenças cõ muita charidade, esta dava testemunha de sua paçiença, e dezia sempre que
20 era hũa admiração, ver o seu sofrimento em tão extraordinarios e penosos malles.

E trasia ella tanto diante dos olhos apaçiença, que depois de morta, e nas mangas do abito que trazia vestido lhe acharão hũ escritinho cozido, em çifra¹¹³⁶ escrittas estas palavras, não murmurarei, não jurarei, não mentirei, não fraquejarei, sofrerei tudo oque puder, oqual escrito eu tive na minha mão, e fica cõ os mais papeis na de sua may, e he
25 o de que atraz se fes menção.

Da sua oraçã - cap. 39

Foi soror caterina mui continua em oraçã mental, estava nella tão habituada, que pondose em oraçã afalar com Deus, logo o entendimentoe vontade se lhe [fl. 86 v.]

¹¹³⁶ Codificadas.

arrebatava, sem discurso, mais que porse a contemplar oque meditava, cõ grande gosto e fervor, como hũa vez disse a aquella religiosa que foi sua mestra, que pasmava de pessoas que na oração, e meditação, dizião podião discorrer, que ella no primeiro ponto parava, amando sem poder, nẽ saber sair delle, e que aly estaria annos e dias.

5 Com este modo de orar, de crer he que tinha grandes des conçoções do çeo, mas como era de tanto segredo a nĩguẽ as comunicava, só cõ esta religiosa mestra sua como aquẽ divia obediencia, e aquẽ achava que no spirito dizia com oseu, algũa cousa descobria, mas era tão pouco, que esta religiosa confessava de si mesma, que se espantou, quando ella lhe contou isto que na oração sentia pello muito segredo que sor caterina tinha nas
10 cousas spirituaes, e sentimentos do çeo.

O seu modo de meditar e orar, era oque deixou feito opadre frei estevão da purificação¹¹³⁷, e o padre frei luis de granada¹¹³⁸ de suas meditações repartidas pella somana, e de outros livros spirituaes, gastava muitas horas da noute e do dia, nesta oração e estava nella tão composta, e tão modesta que não parecia aquelle corpo vivo, e
15 o mesmo selhe notava quando rezava no coro; aonde hia sempre ter no tempo do silêncio, aquella hora que aregra lhe manda ter desda paschoa ate o naçimento de nossa senhora, na oração por vezes a virão derramar lagrimas cõ hũa serenidade e pax que pareçião flores, que cõ brando vento vão caindo das arvores. e para saber fallar cõ Deus tudo oque achava em sanctos acomodado para espertar o affeito [fl. 87 r.] o escrevia, e
20 trazia no seu breviario em lugar de registros curiosos. da sua letra vi oque sancto Agostinho diz no segundo sermão da Ascenção. *Ascendamus cum christo interim corde, etc.*^{a 1139} *Aquillo de christo discite á me quia mittis sum.* o de s. joão, cap. 1.º *Non diligamus verbo, nec lingua, sed opere, et veritate*¹¹⁴⁰. E outros passos de muita devação, que parece lhe servião como de ensayo para quãdo aviade fallar cõ Deus. E
25 depois de fallar, sahia delle cõ tal spirito que punha em trovas ás vezes os sentimentos

¹¹³⁷ Pe. Estevão da Purificação - carmelita, "nasceu na Vila de moura em 1571. Homem virtuoso, foi pregador e confessor, consta do Catálogo dos Santos, no Pontificado de Urbano VIII. Escreveu *Exercicios spirituaes, em que se gastava o dia*. Faleceu em 1617", Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., t. 1, p. 759.

¹¹³⁸ Frei Luís de Granada, dominicano, nascido em Granada em 1504, o "Cícero espanhol" tornou-se num dos maiores clássicos castelhanos. Pregador e autor de uma vasta produção literária, de onde se destacam os seus famosos sermões, difundidos e lidos em muitos mosteiros na Época Moderna.

¹¹³⁹ 2º Sermão da Ascenção de Santo Agostinho.

¹¹⁴⁰ (1 Jo 3, 18) *Filioli mei, non diligamus verbo, neque lingua, sed opere et veritate*, *Biblia Sacra*, p. 264; "Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade", *Biblia Sagrada*, p. 2017.

que diante de Deus alcançava: e parece-me certo que depois della ter tratado cõ Deus em oração devia de fazer as que no seu breviario lhe acharão entre outras bem affeituosas, e devotas, que por ella nellas mostrar quãto fervor tinha na oração as quero apontar aqui:

- 5 he que tenho hua só alma me lembrar,
e que hũa só vez hei de morrer,
e tenho hũa só vida que perder,
e hũa gloria só pera gozar,
- 10 Meu desejo será de ameu Deus ver,
meu temor de ja mais nũca olargar,
de onã gozar sera a minha dor,
meu gozo o que me levar a meu senhor
- 15 Grandemente aensinava odivino spirito, pois lendo pellos livros spirituais sabia tirar delles como abelha o melhor de suas flores, e trazelos no seu breviario para cõ elles se aparelhar quando ouvesse de yr [fl. 87 v.] fallar cõ Deus, e depois de fallar cõ elle apontar oque achara para emmenda, e resguardo da vida, como nestas trovas se ve, em que mais appareço affeito de quẽ ama do que poesia de quẽ compoem.
- 20 Tinha a oração por remedio unico de suas afflições, e assi recorria com ella aseu minino jesus, como filha a pays, como criatura a criador, como necessitado a quẽ lhe podia valer, e assi vendose hũs tempos affligida de pensamentos, cõ que grandemente a perseguia o demonio, represẽtandolhe que as suas obras erã boas, e como ella era tão humilde, que cuidava de sy tão pouco teve isto por mui grave tentação, e tomou por
- 25 remedio recorrer aDeus, e para isso fez hũa oração em que pede a Deus favor contra esta tentação, e por que ella não tem menos de avizo, que de affecto aquero por no seguinte capitulo, trasladada da sua mesma letra.

Oração desta serva de Deus - cap. 40

O meu celestial, o amoroso Jesu, fonte donde toda amisericordia mana, bem de minha alma, que tanto sua salvação desejais, que porlhe dar esta, quisestes sendo meu Deus offendido, cõ vosco mesmo pagar a pena que eu devia, querendo, por me desempenhar,
5 ser por meu resgate, meu senhor, sendo vendido, comprando amor meu, minha vida, offerecendo avossa ao reparo da justiça de vosso Eterno padre, sabendo muy [fl. 88 r.] bem, sabidoria eterna que aviens de perder nesta demanda, não deminuindo isto, no piedoso amor, cõ que me amais, nẽ a ingratidão que viens, que em my miseravel avia, foi parte para vos tirar, que sendo o acredor do furto, e mal que eu fiz, por me salvar vos
10 fisseséis o devedor delle, disfarçandovos em minha natureza escondendo, meu divino jesu, vossa divindade, para em vos só ser castigada minha culpa, e com as penas dessa sanctissima humanidade me comprardes a gloria que, meu jesu, eu tinha desmereçida, e para este bem ficar mais realçado, ajuntastes aesta misericordia, outra não menos esperadade vossa paternal e amorosa condição, que foy não quererdes de nós mais, que
15 ador da culpa contra vos, esposo da minha alma, cõmetida e sois tão liberal, meu doce amor, que avendo para vós este tão leve retorno, prometeis de fazer copiosas merçes, e despachar, rei celestial, as petições, que por almas arrependidas vos forem apresentadas, prometendo, poderosissimo senhor, de não ficar por vós, dizendo, pedi e recebereis.

Ora pois, amor de minha alma, ja que mandais pedir, e prometeis de dar aquem ofizer,
20 lanço mão de vossa eterna palavra e pesso merçes, não conformes aofraco cabedal [fl. 88 v.] [que em mi há pera retorno, mas conforme ao]¹¹⁴¹ magnifico rey aquẽ pesso, não por que se possa comparar nada, avossa omnipotente grandesa, mas he tão grãde minha maldade, e tanto oque vos devo, e pouco oque me deveis, que o nada diante de vós, fica para my sendo muito pois sou ainda menos que nada;

O conhecimento deste nada, vos pesso, meu amantissimo senhor, pella humildade de
25 vossa admiravel encarnação, me dai a conhecer como se algũ bem em mi há vem de vós, e todos os que temos, e fazemos tão manados de vós: e vendo como de vós todo obem proçede, de só a vós agloria, que só vós bondade eterna mereçeis pois vejo que toda he vossa, e nas minhas obras mais que nas dos outros, pois tenho tãbem vista a
30 inhabilidade e pobreza de todas ellas.

¹¹⁴¹ que em mi há pera retorno, mas conforme ao] acréscimo do exemplar consultado, ACL.

Daime pois amor, e bem de minha alma, graça pela pobreza de vosso sanctissimo
naçimento, para que conhecida aminha, não busque minha honra, nã descanço, nã
proveito, se não vossa vontade, meu senhor em tudo. Mostrai poderoso senhor vosso
poder em abaixar cousa tão soberba como este coração está por não conhecer, daime
5 bem feitor desta alma, conhecimento de toda minha vida, e do que me aveis soffrido e
da minha fraqueza, baixesa, e pouquidade emá inclinação, que eu não entendo, nã me
tenho na conta que mereço, e pois sou tão miseravel, peçovos todo meu bem, que todos
os que fizer, ou em mi ouver, com que só vos mos podeis dar, e tirar quando fordes
servido pois livre para fazer isto, e que dos poucos, que em mi ouver he vossa agloria, e
10 pois nenhũ mereço me contente cõ qualquer, e vos de graças, pois a tal [fl. 89 r.]
maldade, como aminha fazeis bem.

E pois meu bom Jesu pois guarda fiel desta alma, daime graça para me guardar de todas
as occasiões, ainda que leves, e em todas ellas me lembra de minhas faltas para
abaixarme, e humilharme cõ verdade, e singeleza. e pois bem de minha alma, vós
15 sabeis, e eu devo saber, que sou menos que todos, e para menos, e mais que todos pobre
e miseravel, daime graça pera verdadeiramente conhecer, que se algũa hora algũ bem
em mi ouver, he de veras dadiva vossa, e que logo vos dé as graças e proccure que toda
a criatura volas dê, e se alguẽ em my vir algũ bem, de vossa poderosa mão, me conheça
eu indigna delle, e de todo meu coração diga, *gloria tibi domine mihi autem*
20 *confusio*¹¹⁴²: isto obrai meu senhor, e Jesus, pellos mereçimentos da vossa sancta vida
morte e paixão que viveis e reinais para todo sempre. Amen.

*Fiat voluntas tua*¹¹⁴³.

Não sei verdadeiramente que spirito de anacoreta mais metido pello deserto, e recolhido
cõ Deus, pudera fazer cousa melhor, que este arrezoadado, em que esta humilde serva
25 pede aDeus oremedio de suas desinquietações, mal sabia o demonio, se elle foi oque
com pençamentos de vaidade aquis desconçolar, que de tais armas ella se avia de vestir
para sayr acampo cõ elle. devia aquelle soberbo e mao spirito, de se acolher confuzo
desta batalha [fl. 89 v.] por ser vençido de hũa donzella de tão pouca idade que quando
neste combate entrou não tinha vinte tres annos, parecendo de muitos na madureza çiso,

¹¹⁴²"Glória a Ti Senhor e para mim a confusão."

¹¹⁴³ Oração do *Pater Noster*: "Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum. Adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra (...)" ; (Mt 6, 10b), *Biblia Sacra*, p.6.

e juizo, cõ que vai fallando, e de muitos mais de virtude e trato com Deus pellos humildes affectos, e affectuosos desejos, cõ que a Deus recorre, pedindolhe os remedios de seus males: e só esta oração he prova bastante de quẽ ella era nesta virtude, que mal podia fazer isto, se do muito fallar, e tratar cõ Deus não tivera aprendido os termos para
5 assi recorrer aelle, em tempos de suas desinquietações.

De seus exercçios, e devaçois ordinarias de se encõmedar a Deus - cap. 41

Como esta serva de Deus tão unida andava com elle, e tanto trazia diante dos olhos o amalo, servilo e não offendelo, muitas e muy particulares devações e exercçios
10 spirituais devia de fazer, que o spirito sancto lhe teria ensinado como a alma que elle muito a conta sua tinha tomado, e feitose mestre seu, porem como ella era tão secreta nas cousas spirituais não se alcançou della maisque o seguinte.

De sua may soube que no tempo que ateve em casa antes de se ir para o mosteiro que era soror caterina mui applicada a rezar, e se espantava de como podia aturar tanto. No
15 mosteiro continuou cõ o mesmo, e gastava grande parte das noutes nisso, por que cõ as doenças não podia dormir, e trocava o sono em oração ora mental, ora vocal; e parece que continuava isto muito, por que dizia que não avia oração como aque de [fl. 90 r.] noute se fazia.

Rezava todos os annos os quinze *pater noster* dos açoutes, os trinta e tantos das onze
20 mil virgens, cada dia orosario de nossa senhora, nas suas festas mil *Ave marias* algũs dias oterço da minerva. Todos os dias rezava o offiçio da agonia, nomeandose asy mesma nelle, e assi o soube de cor, e quando na hora da morte lho rezarão, hia ajudando. Fazia adevação, que he muy trabalhosa; por que era rezar tres coroas de nossa senhora cõ lição e meditação, e tres orações acada coroa hũa, tudo de joelhos, as
25 quintas, sextas e sabbados, cada dia aladainha dos sanctos. Rezava de continuo pellos diffuntos, sempre trazia na manga papelinhos, que rompia fasendo nelles os sinais dos çentos de *ave marias* que lhes rezava. Dizia cada dia vinte e quatro *Ave marias* desda encarnação ate o natal, e chamavalhe as suas palhinhas; por que cõ mais mil que á vespõra do naçimento rezava, as levava por palhinhas ao minino jesu, para naçer nellas.

30 Orações de livros devotos muitas, e tinha nellas tanta devação, que deixou dous livros feitos, ehũ principiado de orações, que achava, e tirava de livros, e nisso se occupava

omais do tempo em varios dias os psalmos penitenciais. No advento as horas de nossa senhora cada dia vinte e quatro *ave marias* em memoria das horas que a Virgem teve aDeus nas entranhas. Corria as estações da ordẽ, cõ que se ganhão muitas indulgências, e se tirão Almas do purgatorio:

5 Teve particulares devações asanctos, foi mui devota do sagrado baptista, e pello defender [fl. 90 v.] aouvião algũas vezes fallar alto; devotissima de s. joseph; e lhe rezava oseu offiço pequeno, eno seu dia, dizia mil vezes: Jesus, Maria, Joseph. Aeste sancto ella cõ outras religiosas fez hũa capella, ainda que não chegou a vela acabada, mas deixou esmola dada em vida, para fazer nella em seu nome algũa cousa. Nos dias
10 dos sanctos aque tinha particular devação dobrava a officio.

O que mais he de notar nesta religiosa aconstançia e firmeza que sempre teve nestas devações, não deixando de as fazer em quanto origor das doenças anão impedia, e na cama ainda cõ todos os rigores fazia muitas dellas. E por que hũ dia daquellas muy grandes recaidas lhe derão hũ livro de desenfadamento, para que cõ elle se divertisse,
15 lendoo ella lhe foi impedimento, de não ler hũa destas suas devações, fez voto de não ler mais livro que parecesse profano, e o cumprio muito á risca.

Rezava ooffiço divino cõ mui grande devação esentia grandemente quãdo no coro algũa religiosa fallava ao tempo que elle se rezava, e ainda que por suas enfermidades estava escusa da obrigação de orezar não deixava de ofazer muitas vezes e quando as
20 que a curavão tratavão de ir pedir á abbadessa liscença para o não resar se enfadava disso.

Da sua pobreza, e castidade - cap. 42

No voto da pobreza foi estremada, porque nada tinha como proprio, nẽ fechado debaixo de chave que ás religiosas não he prohibido, mas ella querẽdo guardar este voto cõ toda
25 a perfeição, nẽ do que era licito queria uzar.

Dava logo tudo oque lhe davão ás pessoas de quẽ [fl. 100 r.]¹¹⁴⁴ tratava, dinheiro nũca a depositaria¹¹⁴⁵ chegou a terlho por que em lho dando o entregava á freira que tratava della para oque lhe fosse neçessario não otẽdo por seu.

¹¹⁴⁴ Erro na numeração dos fólíos, deveria tratar-se do fólío 91; seguimos o original.

¹¹⁴⁵ Na cópia utilizada para confronto acresce a seguinte informação: "dinheiro nũca a depositaria lho guardou, nẽ teve em seu nome; o que lhe davão nas profissoens ou dava, ou gastava logo, doque seu

Deulhe esta religiosa mestra sua hũ escritorio, em que ella tinha metidos os instrumentos de suas penitências, e os papeis de suas cõfissões e por lhe não darẽ cõ isto, era forsada a fechalo e trazer hũa chave conçoigo, e tinha nisto tanta pena que disse por vezes aesta religiosa, perdoelhe Deus madre fulana, que carga me pos nestes
5 hombros tão pezada, em me fazer proprietaria cõ me obrigar ater chave e cousa que feche, por que ada arca da sua roupa deu asua irmã e ella lha dava quando era neçessario.

Não he pequena mostra de perfeição, ser esta religiosa, tão regulada neste voto, porque eu otenho pello mais perigoso nas religiosas que nenhũ dos outros, não por que seja
10 nelle mais fácil aqueda que nos de mais, se não por que as culpas nelle são mais sotis, e não se deixão ver tanto para dellas fogirem, ecõ muita resão soror catherina tratou de fogir todas as occasiões para nelle não cair.

No voto da castidade contestão todos os que desta serva de Deus dão informação que foi hũ Anjo e que parece quis imitar a pureza dos seraphins, com alimpeza do corpo, e
15 alma, e não ha outra prova mayor que não lhe ouvirẽ nũca hũa palavra nesta materia descompоста, nẽ o sofrer [fl.100 v.] diante de sy, e conforme ao que della refere hũa religiosa que mui amigavelmente aconverçava, que conforme ao que a ella lhe ouvio dizer por vezes, mereçe que nẽ do pençamento, teve algũa hora de que acuzar, e cõ sũma innoçençia dizia, que achava algũas cousas em livros de casos de conçoençia que
20 não entendia, elhe vinha curiosidade de as querer saber.

Mostra bem quanto tinha esta virtude na alma, a cautela e recato cõ que sempre viveo, e miudezas se apontão desta serva de Deus aserca de sua modestia, no tomar de mezinhas que se aqui puderão pontar, se vira bẽ que acautelada era, ate cõ a morte na garganta avizou que a não amortalhassem se não duas amigas suas, e que oulhassem não a
25 amortalhassem cõ duvidas se estava viva.

Quando falava cõ os homens, sempre tinha os olhos pregados no chã, e dizia que se não atrevia ater offiço de porteira, só por ser obrigada a fallar cõ elles, e diante delles suas palavras erão graves e contadas, nũca teve familiaridade, nẽ amizade cõ algũ, por

pay lhe trazia as vezes a grade, comprava aparelhos pera os seus brincos, que mandava as suas duas capechas com quẽ corria; Nem ainda as cousas de seu uso queria ter em seu poder, a sua roupa sua irmã lhe dava, e lha guardava, o seu pucarinho, o seu brinco, como se não fora seu o tinha metido na Archa mas sã chave. Vivia cõ isto tão descansada, que disse hũa vez amadre sua mestra, que em nenhũa cousa da regra vivia mais descansada que na do voto da pobreza, por que nada tinha, nem queria ter, que tivesse substancia." [fl. 57 r./v.], ms. 517, ACL.

religioso que fosse, nẽ mostrava terlhe affeição, tirado aos de serto religiam aos quais amava muito mas em geral, e quando lhe dizião que passavão á vista, [fosse quem quer que fosse com grande alvoroço se levantava pera os ver]¹¹⁴⁶ hia ver.

[fl. 101 r.] outo annos que foi doente era neçessario que outrem desse informação aos
5 medicos de seus males, nẽ ainda ella ofazia todas as vezes ao de casa, alem de elle ser como natural, e não estranho para omosteiro, e para cõ ella lhe era affeissoadissimo, pello sofrimento, e paçiença, cõ que lhe via passar tantos males.

Vindolhe á mão hũ tratado muy spiritual, por que nelle para avorreçimento do peccado, se contavão algũs exemplos, e historias de cousas pouco graves, e cõpostas nesta
10 materia, não oquis acabar de ler, ecõ ser bẽ affeioada ao autor, daly lhe ficou cõ tão pouca graça que lhe perdeo a affeição.

Não se sabe que escrevesse carta algũa a homẽ, nẽ ainda a religioso, se não fosse cõ preçisa neçessidade: e avorreçia tanto o commercio; ainda que fosse cõ religiosos sanctos, espirituais, que tendo ella particular devação ahũ pella muita virtude, que tinha, e spirito
15 que em suas cartas mostrava, as quais ella lia cõ açaz desgosto de sua alma, ainda que para ella não vinhão, que correndo hũa religiosa sua amiga della, cõ este religioso cõ cartas e de hũa e outra parte bem spiritualizadas, a avizou, e aconselhou, e fez cõ ella que não ouvesse continuação de cartas.

20 **De sua obediência - cap.[43]¹¹⁴⁷**

No voto da obediencia andava esta serva de Deus tão apontada que bem parecia reconhecer nos preçeitos a obbediença de seus prelados, e prelada a vontade de Deus, e como atal se humilhava, e sogeitava grandemente, e para que se veja como ofazia tomese por prova oque della fica ditto naquelles mezes em que se [fl. 101 v.] fez segũda
25 vez noviça, como acodia ás cousas da mestra, obedeçendolhe em tudo como noviça pura.

He louvada a obediência de algũs servos de Deus, que vivendo em religião assi andarão pendurados da vontade de seus prelados, que hũ açeno delles bastava para logo

¹¹⁴⁶ fosse quem quer que fosse com grande alvoroço se levantava pera os ver] acréscimo do exemplar da ACL.

¹¹⁴⁷ Capítulo não assinalado.

acodirem, e deixarẽ as vezes aletra começada, soror caterina era penitente em demasia, ehia á mesa, e aly se mortificava no comer, porẽ advirtindo isto sua mestra de noviças (naquelle tempo em que lhe estava sogeita) do lugar donde estava, lhe dava hũ escarro, e êtendẽdo soror caterina que lhe mãdava comesse, logo o fazia.

5 Quando andava doente, e por isso previligiada de muitas cousas das regras, eobediências, cõ tudo acodia cõ tanta presteza que as abbadessas tinhão as vezes festa cõ ella vendoa ser a primeira em cousas que outras bem sans dissimulavão.

Nos preçeitos que os prelados punhão, quando tratavão de reformação algũa no vestir, ou tocar, ella era a primeira que parecia reformada conforme ao que os prelados
10 mandavão, nẽ selhe ouvia palavra reprovãdo oque elles ordenavão, que não he pequeno grao de obediencia conformar assi seu juizo cõ o juizo de seu superior, que aqui está o verdadeiro obedeçer, não só onão deixar de fazer oque se manda se não tambem tratar de lhe parecer bẽ o que ordena oprelado.

Deste desejo de se querer conformar assi cõ o que seus prelados mandavão, e ordenavão
15 lhe naçeo cortar por cousas bẽ do seu gosto para se conformar cõ elles, mãdou hũa vez o prelado que se fecha[fl. 102 r.]sem as grades no tempo do officio divino, ainda que nellas falassem cõ pays e mays; foi este preçeito cousa que se não azeitou, por que se não podia cumprir, soror caterina em quanto isto se não averigoava de todo, sem nĩguẽ o entender, estando fallando cõ seu pay, ou may, como tangião á vespora, ou aqualquer
20 outra hora, se sahia da grade, dizendo hia dar reccado, has que avião de ir ver sua may, e dissimuladamente se ficava nas vesporas no coro, sem nunca dar rezão do por que o fazia.

Boa obediente verdadeiramente, pois cortava pello gosto de fallar cõ seus pays, por não cortar pello que á sancta obediência devia, e se os sanctos canonizão aos que se mostrão
25 obedientes, em cousas que lhes chegão, e magoão como foi osancto Abrahão em sacrificar o filho; bem canonizada fica aobediência de soror caterina, pois corta por amor, e respeito devido a pays, e pello gosto de os ver, e conversar, por obedeçer a Deus, e mais em preçeito que andava em duvida se obrigava, ou não.

E bem quis o senhor mostrar esta serva sua caleficada nesta virtude, pois permittio
30 acabasse nos braços della estava soror caterina para espirar; sua prelada lhe disse que comesse algũ substância: respondeo que ainda que ia não estava para isto, pois ella o

mandava ofaria; enisto deo aquella alma aDeus, que tinha dado nas mãos da obediência os desejos de acõprir, pareçendose cõ seu esposo christo sêpre, que também cumprindo o preçeito do padre acabou nas mãos da obediência; que isso diz s. paulo, [fl. 102 v.] que foi obediente ate a morte, até morrendo obedeçeo.

5

De sua penitência - cap. [44]¹¹⁴⁸

Porque aesta materia de penitência soror caterina foi inclinada, e por que usava de çerta lingoagem que a gente sem letras pareçeria dura, porei aqui oque os doutores dizem a çerca do uso das penitências, e cotejada a doutrina çerta, cõ o que dizia soror caterina, se vera quão bem emcaminhada hia, e como sem ella estudar em escollas, se conformava cõ oque os doutores nellas ensinão.

He resolução comũa de todos os doutores com sancto thomas que ninguem se pode matar assi mesmo, nẽ fazer cousa algũa, cõ intenção de perder ou abreviar a vida: e vindo os doutores a tratar se pode hũ christão com jejuns, abstinências, morteficações, e quaisquer outros exerçios de virtude consumir a vida, ou abreviala; respondem que não se podẽ fazer semelhantes penitências cõ intenção de abreviar a vida: mas que podem fazer todo o genero de penitências, cõ tenção de servir a Deus, ou de morteficar acarne, ou de satisfazer por seus peccados ou para mereçer mais graça, ou por qualquer outro fim bom, ainda que saibão de çerto que da ly lhe hão de naçer doenças, ou a vida se lhe ha de acabar mais depressa por que isto não he fazer penitências para perder a vida se não para servir a Deus; e como esta seja a prinçipal tenção, ainda que da hy [se siga]¹¹⁴⁹ abreviar a vida não he causa de peccado, antes he virtude, e mereçimento; como soror caterina era tão enferma, e cõ suas enfermidades, fazia penitências, que não dizião tanto com [fl. 103 r.] corpo enfermo, se alguẽ lhe dizia que era peccado tratarse naquella forma, sentiao grandemente, e dizia que ella não tinha tenção de se matar, nẽ de ganhar doenças e que lhe dava pouco de morrer, referindo algũas vezes hũ dito de s. bernardo: se queres ser sã, não podes ser sancta: ajuntando que muitos sanctos avia que cõ maiores malles, e enfermidades, que as suas fazião penitências; Não era esta lingoagem alhea do que os doutores ensinão: e assi ainda que se ve bem que soror caterina cõ se tratar mal, hia abreviando a vida, não fazia nisto peccado, nẽ hia cõtra

¹¹⁴⁸ Capítulo omisso.

¹¹⁴⁹ se siga] acréscimo do exemplar da ACL.

oque os doutores na materia dizem, antes se conformava bem cõ elles, e mereçia muito, e assi fazendo hũa religiosa queixa disto ahũ confessor elle lhe respondeo como letrado, dizendo deixai ir soror caterina que bem vai.

Desde minina como atraz fica dito foi inclinada á penitência, oque sempre foi
5 continuando, as disciplinas de que se servia erão de arame, cõ que ás vezes se disciplinava por todo o corpo, servindose as vezes de disciplinas de rosetas de vidro os çiliçios que lhe acharão forão dous hũ de sedas de cavallo, outro de folhas de flandes de ralo, e em partes tinto de sangue, e tão aspero que querendo çerta religiosa fazer prova delle, o não pode aturar; tambẽ lhe acharão hũs espinhos bem duros, e não se sabe de
10 que lhe poderião servir: imaginase que ou nas disciplinas, ou na cabeça debaixo do toucado, os punha para se magoar, a imitação da coroa de Cristo nosso senhor;

Por vezes foi notada que se mortificava no comer naquillo de que tinha mais gosto; e em hũa quaresma passava quartas, e sextas e duvidase [fl. 103 v.] tambẽ se segundas, não mais que cõ tres, ou quatro tocados contados, levando o mais á portaria aos pobres:
15 e quando nestes dias chegava a horas de cõpletas estava tão fraca que o corpo lhe tremia, como quẽ tinha frio de çesão, e tratando de se chamar o medico para acurar, por que o não chamassem descobrio a hũa amiga sua que aquillo não era frio de çesão senão pura fraquesa.

Nesta mesma quaresma esteve todo o dia da quinta feira: de endoenças em pé, ou de
20 joelhos diante do sanctissimo sacramento, e determinou estar todas as vinte e quatro horas assi daquelle modo se não fora hũa religiosa, aquẽ ella tinha respeito que a desviou disso: do que mais nesta materia de penitências, e mao trato de seu corpo fasia, fica ja apontado em varios capitulos, que atraz ficão, aque me remetto.

25 **Testemunhas e provas da sanctidade desta serva de Deus - cap.[45]¹¹⁵⁰**

Por remate deste breve epilogo da vida e virtudes de soror catherina, guardei para ocabo algũas provas de sua sanctidade, e virtude para que com ellas fique tudo oque atraz está dito cõ mais abonação para quem o ler.

¹¹⁵⁰ Capítulo não assinalado.

Hũ religioso grave e bẽ spiritual veyo aliviar as freiras do mosteiro da Esperança, onde viveo eacabou madre soror caterina, e ficou tão levado do espirito e vertude della, que escrevendo varias cartas a hũa religiosa amiga sua della, fallando em soror caterina achama hũas veses de Anjo, outras [fl. 104 r.] de sancta, e bem aventurada, e em hũa
5 que escreve dando os pesames aesta religiosa da morte de soror catherina diz assi, Affirmo a vossa merce cõ juramento que pello que de spirito de soror cahterina, e de outras alcançei nessa casa, deixando aparte outros cõventos, que se me offereciã me desejei nesse, assi por servir a Deus em suas servas, como por segurar a minha cõ asua quietação: mas devia ser que me não achou o çeo digno de tão afortunada empreza, por
10 que me julgou incapax de gozar dos intereses da vida, e morte de soror caterina que oje goza ofim para que naçeo, bemaventurada della, e mil vezes ditosa, pois conheçendo em vida que só as tribulações, e penalidades, são verdadeiras amigas da alma, soube cõ experiencia, e tolerancia dellas, segurar sua salvação dãdo a vossa mercê motivo de mereçer em suas enfermidades dispondolhe o animo, e spirito para resseber as
15 abũdançias da divina graça, como em mi occasiões de enveja na morte, e magoa de não conheçela no discurso de tão bẽ empregada vida, ella senhora está gozando os braços de seu divino esposo, ea doce companhia dos que nelles só reconheçẽ seu felice premio.

Dix mais abaixo rogue vossa mercê por mĩ asoror catherina, que pois sabe conheçer aDeus me alcance delle saber conheçerme, e saber conheçelo.

20 Ah quem fora oje soror caterina aqui paro lemandolhe que duas cousas me dão particular conçoção. A primeira he aver essa serva de Deus [fl. 104 v.] faleçido companheira, e amiga da vossa mercê, a segunda aver eu sido tão ditoso que areconheçi, filha spiritual, doque me dou por venturoso, ainda que sentido de onão aver sido quando pudera gozar reliquias de tanta estima: contudo para minha spiritual conçoção, pesso
25 avossa mercê me mande dessa serva de Deus, ou do seu oratorio, e de seus instrumentos penitenciais, ou de seus exerciçios spirituais algũa peça que por humilde que seja terei por grande riqueza.

Conclue este religioso acarta cõ estas palavras. Não seja desordenada no sentimẽto dessa bẽaventurada, que melhor amiga tẽ, do que tinha. As suas cousas, e as de vossa
30 mercê dou hũ muy sentido pesame do que toca á carne, e sangue porem hum muy spiritual parabem da boa sorte que lhes coube do bom exemplo de tão honrada religiosa como soror caterina, que goza do çeo, no qual nos vejamos; etc.^a

Grande prova da santidade, pois quem a confessou, etratou spiritualmente dá tal testemunho della, e ainda que esta só era bastante assi pella authoridade da pessoa, como pello offiço de confessor, e aliviador spiritual, que sabe bem medir as consciências que á mão lhe vem. contudo não quero deixar de dizer que afama cõmũa
5 do bõ proçedimento da vida, e pax e quietação da morte que soror caterina deixou geralmente naquelle mosteiro, he muy grande [fl. 105 r.] argumento de sua sanctidade; e para que isto mais se veja, porei aqui varios capitulos de algũas das cartas que as religiosas escreverão na morte desta serva de Deus para consolarẽ sua may, e seu pay.

Diz assi hũa, foi nosso senhor servido de levar a nosso Anjo para agloria, para onde
10 atinha criado, aonde podemos ter por fé até oje, por que sua vida, e morte nos tem mostrado grãdes maravilhas; só nos fica a pena de sua Angélica vista: ella teve todos seus sentidos, e a falla até espirar, nẽ avista perdeo ate aquela hora, que os Anjos alevarão, tão fermosa ficou, que parecia hũ seraphim; pusemoslhe hũa coroa de boninas na cabeça, hũa palma na mão cõ as mesmas flores.

15 Dis outra assi, digo a vossa mercê que pode dar graças a Deus, pois foi oje servido levar para sy as dez horas do dia o meu Anjo, e darlhe sua gloria, que assi como foi Anjo na vida, assi tenho por fé que ohe no çeo oje cõ muitos graos de gloria que ella sempre soube grangear, como outra sancta clara, que a não ha de desconheçer por filha sua, pois tão bem soube guardar sua regra, e padeçer tanto como ella padeçeo de enfermidades;
20 vossa mercê se pode encomendar a este Anjo como sancto bem aventurado.

Diz assi outra. Aquella filha tão ditosa levou Deus para sy, mas por fé temos que daly foi gosar de Deus; e sua morte foi tal que affirmão as mais antigas freiras não terẽ visto nesta casa outra se melhãte, e todas chamão a vossa mercê bẽ ditosa pois mereçeo a Deus darlhe filha que nẽ em vida, [fl. 105 v.] nẽ em morte tẽ igual: minha irmã eeu
25 acompanhamos aquelle Anjo, em quanto nos foi possivel, muitas cousas do que cõ ella passamos desejo contar a vossa mercê, e por que não pode ser por papel, estimava que vossa mercê quisera ter cedo hũa grade.

Neste mesmo theor fallão as mais religiosas que cõ suas cartas, erecados quizerão consolar os pais de soror caterina, as quais se não apontão por bastarẽ as que ficão
30 apontadas, que como todas são conformes ficão em boa prova a fama, e o nome bom que sua virtude deixou soror caterina oque agora vão vendo e descobrindo as religiosas daquelle convento: porque como ella era no trato, e conversação muy igual cõ singeleza

madura, e madureza singella, que ou de spirito não sabia muito, ou quem a não tratava familiarmente em vida não pode alcançar quanto spirito vivia naquelle que era todo de Deus, e por isso mesmo lhe notarião afamiliaridade mais cõ hũa religiosa, aquê devia particular agardeçimento, não alcançaria que o tratar estreitamête com outra era por
5 materia de spirito, de que não dava rezão soror caterina por ser calada nestas cousas.

Por remate de todas estas provas apontarei aqui oy dous cõfessores della disserão depois della morta hũ confessor que a avia confessado, sabendo que Deus atinha levado disse, que nũca tivera enveja, senão de sua vida, e morte, por que elle não tinha visto tal inteireza de animo, e conformidade cõ Deus e pureza de consciencia; e que cria
10 verdadeiramête que do corpo passava aquella alma para o çeo.

[fl. 106 r.] O seu confessor actual, quando a ungiu, disse acabada aunção, esta freira he hũ Anjo, ate agora não disse nada, agora o digo. Este mesmo disse a hũa religiosa, que a morte de soror caterina era digna de se lhe fazer hũ proçesso, e que elle estava para o fazer dahi a algũs dias confessandose hũa religiosa, e fallando na confissão em soror
15 caterina, açertou de lhe chamar sancta, e vindolhe escrupulo de a chamar por este nome, lhe disse o confessor que não tinha que ter escrupulo que afreira o era, e affirmava que se atornassem a desenterrar, a avião de achar tão fermosa como no mesmo dia em que aenterrarão.

Poucos meses depois de Deus alevar para sy, se vio sua may em hũa grande occasião de
20 pena, e desgosto assi interior, como exterior, recorreo a sua filha, de quẽ tinha por çerto estar diante de Deus, e lhe aver de alcançar de sua divina magestade oremedio, e pax daquelle mal, e foi assi porque escrevendo ella á outra filha que no mosteiro estava fosse logo tanto que visse aquella carta sua, á sepultura de sua filha soror caterina elle pedisse da sua parte pello amor, com que em vida a amava, alcançasse de nosso senhor
25 oque pretendia; deuse este recado ás tres horas, comprio logo a filha; quãdo veyo entre as seis, e as sete, diz sua may que se sentio interiormente tão quieta, e trocada da pena em que estava, que entendeo era merçe alcançada de Deus por sua filha: e ao outro dia pella [fl.106 v.] menhã, estava tudo tão quieto e remedeado, que quem soubesse do

negócio, e causas delle, não poderia crer darselhe tão de pressa remedio, se não por via do çeo.¹¹⁵¹

Fim

5 Ao autor desta recopilassão devia de faltar noticia do que se segue, que por ser dino de ficar ã memoria o escrevo, o dia que faleceo, parecendo as religiosas que lhe acestião, que estava mui apressada, quizerão chamar a comunidade para a ajudar eque se dilataçe amissa convêtual para mais tarde respõdeo a emferma, cõ grande socego, se não fiseçe tal, porque ela cõ sua morte não avia de tirar as oras canonicas, nẽ comunidades das
10 costumadas, e asim succedeo por que saindo as religiosas da missa, a forão a judar a bem morrer, e a cabando as des oras do dia se tangeo asbesperas como e custume pella quaresma e dando sepultura aseu corpo de pois de jantar se acabou o officio a oras que has costumadas se tangeo acõpletas, cõprindoçe o que diçe que por sua causa senão avia de faser falta nẽ mudansa em as comunidades como se Deus lhe ouveçe dado certesa do
15 que tinha ordenado de sua vida.

[fl. 107 r.] **Aprovação**

Vi este tratado intitulado breve recopilassão da vida emorte de Soror catherina do salvador religiosa do mosteiro da speransa ã Vila Viçosa, não tem cousa que ãcõtre
20 nossa santa fee ou bõs costumes, antes esta cheio de exêplos de grande edificassão pello que pode communicarse a todos: em Lisboa nesta casa de S. Roque da cõpanhia de Jesus a 2 de setêbro de 1621.

25

D. Jorge Cabral

¹¹⁵¹ Termina aqui o traslado da *Breve recopilassão da vida e morte de Soror Catarina*. Soror Antónia Baptista acrescenta informação ao relato, começando por dizer "ao autor desta recopilassão devia faltar noticia", que a autora se propõe completar.

[fl. 108 r.] a madre soror catherina do espirito santo - cap. 46¹¹⁵²

Era tão grande afama que corria da observansia de este convento de nossa senhora da speransa que todas as donzelas espirituais e que de veras se querião entregar a Deos vinhão tomar o abitto em elle deixando o comodo de estar ã os de suas patrias. e como
5 vinhão tão dispostas avertude fassilmente se apersoavão ã ella que como Deos se não nega a quẽ de veras obusca esta pequena deligencia de o agradar pagava cõ mil favores, asim o exprimentarão estas illustres religiosas de que tratto enão ha que espantar que hũ convento tão moderno que não tem de fundassão mais que 122 annos tenha tantas religiosas, insignes ã vertude, que se sua devina magestade as trasia ja tocadas de
10 su[ã]¹¹⁵³ sancta mão e escolhidas por ella para este vergel¹¹⁵⁴ tão aceito a seus piadosos olhos que muito que sahissẽ tão excelentes plantas.

Hũa das que o a dornou cõ sua exsẽplar vida foi amadre soror catherina do espirito santo natural da cidade de evora de donde veio convidada da fama da vertude delle por que sua alma não agneleva a outras¹¹⁵⁵ felicidades, não lembrão os nomes de seus pais os
15 quais erão ja defũctos quando tomou o abito so sabemos forão mui nobres e que esta madre veio ja de perfeita idade tinha sinco irmãos homens aos quais ficou por mãi ã sua falta e cõ sua doctrina sahirão grandes servos de Deos os 4 se [fl. 108 v.] dedicarão a elle sendo tres frades e hũ clerigo o quinto que se chamava antão alvres sanches seguiu as letras humanas e acabou desẽbargador pessoa de grande christãdade e consiensia, e
20 hũ que se chamava frei bernardo frade hieronimo eque ella amava muito foi insigne ã vertude alargome tanto em falar em elles não me tocando tratar mais que desta religiosa por que a ella se deve aboa doctrina cõ que se criarão e tãobem para dar algũa notiçia de quẽ era pois de seus pais não ha nenhũa.

Tomou esta madre o abito ã a era de 1573 como o pediu cõ tanto spirito sempre sua vida
25 foi hũ modello de vertude, as em que mais se asignalou ese tinha por dõ de Deos, foi ã ser pacifica e humilde, por que sua mansidão foi sobre natural e fora de toda a regra da natureza humana, por que morrendo velhissima não ouve desde sua vocassão a ordẽ quẽ aviçe irada nẽ agravo ã que se lhe conhecesse o primeiro movimento de ira, não teve trabalho ou molestia por que perdeçe apax da alma segũdo mostrava ã o exterior,

¹¹⁵² Soror Antónia dá sequência ao seu texto, escrito por sua mão.

¹¹⁵³ Por lapso, a autora colocou til sobre o *u*, nasalando o possessivo.

¹¹⁵⁴ O mesmo que *jardim*.

¹¹⁵⁵ Rasurado.

quando lhe falecia algum irmão ou parête ao ouvir anova apertava as mãos derramava aquellas lagrimas como perolas e tinha os olhos ã oço offerecendo êtresim a Deos sua dor, sem dar della outros sinais mais que mansos suspiros.

5 Não faltarão a esta serva de Deos ocasiões em que se fisesse prova de sua passiensia esofrimento por que em a reformassão que em bargansa foi faser a santa clara teve tantas que a hũ animo de molher parecia inposivel soportallas être ellas soffreo hũa de grande considerassão de que não trato mais por que ficando [fl.109 r.] aquellas religiosas tão reformadas não ha para que falar ã culpas antigas etodas as que se cometião cõtra esta cordeira são dignas de grande repreensão ella alevou cõ tanta
10 suavidade que nẽ hũa pequena queixa deu e fes quanto pode por grangear avõtade da culpada enẽ em este seu convento deu hũa pequena queixa nẽ quis contar nada antes deminhua aculpa de sua proxima quanto podia lansãdo tudo a riso egraça.

Foi asim ã esta reformassão como ã o seu convento grande zelosa da observansia da regra e quãdo repreendia era cõ tal mansidão ebrandura que mais movia a amor que a ira
15 porẽ em a vesita dos perlados os advertia das culpas que sabia cõ grande zelo, quãdo via ou lhe cõtavão algũa cousa cõtra oserviço de Deos dava hũs gemidos ao çeo cõ que cõpungia oproximo e não falava hũa¹¹⁵⁶ palavra cõtra elle. esta charidade agradava sua divina magestade de sorte que o mostrou asim amadre maria das chagas em avisão seguinte, acordando hũa noite lhe parecia via ã os braços da madre soror catherina
20 omenino Jesus e em elles o adorou, ficou considerando por que lhe appareceria em os braços de esta religiosa e entẽdeo que era porque o devia de agradar mais que ella eas demais por sua grande obediensia e paciensia cõ que soffria algũas cousas que descontêtandolhe as não podia remedear ese calava por sua grande mansidão aque ella atrebuhia onã falar e não a falta de zelo, por que tudo oque via contra a religião erã
25 punhais que lhe atrevessavão ocorassão como desia quẽ de [fl.109 v.] perto a tratava, e o que lhe faltava ã palavras para emendar supria Deos cõ o grande themor que todas tinhão della ocasionado mais do respeito de sua vertude que de asperesa.

Não foi esta de pacificasões ã que se asignalou esta religiosa mas ã todas era tão perfectã que parecia so em aquella se excerssitava, em oraçãõ era tão continua que nẽ
30 em sua çela estava mais que as oras que durmia e nella anã buscava algũa senão em o choro que era sua verdadeira assistensia e quasi sẽpre a achavãõ de juelhos, não tinha

¹¹⁵⁶ Rasura.

oração mental segũdo diçe amadre maria das chagas que a comunicava muito porem que avia chegado ao mais alto ponto da vocal que podia ser.

Em o officio de vino anão veria nenhũa pessoa senão cõ olivro em amão ao mais ordinario psalmo delle por não perder o sentido e perfeção de o resar e em estes ultimos
5 tẽpos ja por velhiçe não se podia ter em pe e olivro sempre nas mãos ocontinuar as comunidades e escusado diserçe por que se sempre aestia ã ochoro como se não avia de achar em ellas easim so por os ufficios que lhe dava a obediensia faltava ã as de dia eainda essas hia resar a seu tẽpo ao choro baxo.

Desde o dia que tomou o abito onão despiu mais em toda a vida senão em a doensa de
10 que Deos a levou nẽ tendoas mui perigosas de febres ardentissimas pode alguẽ acabar com ella abrandaçe deste rigor nẽ de noite nẽ de dia, não so durmia cõ elle mas [fl. 110 r.] corda singida veo e toalha como de dia athe hũa transadeira que em memoria da coroa de Cristo trasẽ as religiosas d este convento por sima do capello ou toalha ella anão tirou nũca de noite que a passava como andava de dia.

15 Sẽpre durmiu ã cubertas enão husou de lensoes senão ã grande forssa de doensa.

A guarda do silencio foi continua por que nũca ouve quẽ lhe ouviçe otom da vox.

Sua obediensia foi prõptissima por ella foi a reformassão de santa clara de bargansa sã se escusar desse trabalho para que sua altesa a serenissima senhora dona catherina a escolheo por sua grande vertude. em este seu convento fes cõ grande obediensia todos
20 os officios que por ella lhe forão ãcomẽdados sã se livrar de nenhũ por mais trabalhoso que fosse, eos tinha de ordinario por que como era tão respeitada etemida avião as perladas que o anno ã que lho não ãcarregavão não podia a religiã estar segura em elles não reprendia faltas bastava so sua assistensia para as evitar todas que em levãtando os olhos a themião como se Deos lhes falara por elles e cõ histo so em mẽdava oque outras
25 não pudião cõ palavra, fasiaos cõforme os estatutos, sã aceissão de pessoas em oque tocava a religiã, pelo que nenhũa se queixava della.

Succedeo hũ dia que estando por purteira reglar se meteo por aporta alenha, a tempo que hũ fidalgo estava falando a hũa filha sua que tinha ã este convento indireitou cõ ¹¹⁵⁷
aporta disendo queria meter hũ braçado de ella e a judar ao almo creve em ella o vendo
30 chegar pos se ã pe em omeio da [fl.110 v.] porta cõ o veo de ante rosto athe os pes

¹¹⁵⁷ cõ] repetido e cortado pela autora.

volveo elle cõ grande pressa todo athemorisado, epergütou asua filha quẽ era aquella religiosa e disendolhe posto anão conheço dice amolher e sancta por que confesso foi esta a primeira ves que senti themor ã minha vida e desia valhame Deos que forssa tem a vertude que athemorisaçe hũ cotevelino (por que era mui pequena de corpo)
5 emburuhlado ã hũ veõ sã falar palavra a hũ gigante que nada teme e que ella se não athemorisaçe de mim e da deliberassãõ cõ que cheguei opondosse atudo oque succedesse cõ tanto animo por cõprir cõ sua hubrigassãõ, e repetia admirado valhame Deos que forssa tem avertude em histo falou muito tempo e ocontou ã muitas partes por maravilha, esem duvida o era que todas a temessemos sã lhe ouvir nõca hũa palavra
10 aspera. o respeito que tinha as perladas parecia senãõ achava digna de falar nõ estar diante dellas e quando tratava cõ ellas era cõ tanta submissãõ que mais parecia se reputava por escrava que por subditta.

Nãõ so para cõ ellas tinha esta humildade mas cõ todas e em toda a ocasiãõ se achava indigna de todo bẽ e hõrra.

15 Tratarãõ de a eleger por abbadessa cõ cumum consẽtimento de todas quãdo lhe chegou ha notiça foi tão grande a desconsolassãõ que perdeo o sono e võtade de comer e imaginavãõ as amigas lhe faltaria asaude quãdo menos chegousse otẽpo da elecsãõ e quando ella viu que acomũ determinassãõ não avia remedio foisse pellas cellas pedindo as religiosas de juelhos lhenãõ quiseçem dar carga que excedia suas forssas que era
20 inabil para otal cargo e confessava sua insufi[fl. 111 r.]ciensia e faltas cõ tal copia de lagrimas que as fasia derramar a muitas e deseuspes senãõ levãtava ate lhe não prometerẽ não votariãõ nella eas que lho não conçediãõ aviãõ ir sem consolassãõ. foisse ter cõ operlado ecõ as mesmas lagrimas elhe pediu a escusaçe de votarẽ ã ella, nõ amigas nõ amadre maria das chagas cõ suas amoestações a puderãõ redusir derãõ disto
25 conta ao perlado algũas e elle mãdou que as que quiseçẽ lhe dessẽ o voto posto que ella não quiseçe, porẽ como ja amaior parte por vontade de Deos que ouviu suas orações se aviãõ mudado, sahiu cõ poucos e quãdo se ouviu nomear ficou sã alento porẽ tanto que viu que a outra religiosa o era, ficou mui quieta econtẽte epergõtava quẽ seriãõ aquellas oussiosas que perderãõ oseuvotto em ella ecomo seu desenho não era outro mais que
30 não se ver ã esta dignidade do mais não lhe deu e ficou mostrando muito maior affecto as que lhe aviãõ obedecido.

Não so para histo se achava indina mas de todo bẽ e ventagẽ vagou hũa çella que e
amilhor que ha em este convento quiserão melhoral da em que estava que era muito ma
inquietousse de esta ventagẽ sobre modo echorou muitas lagrimas pedindo anão
desconsolassẽ que a dessem a outrẽ por que aque tinha lhe bastava e depois de aperlada
5 lhe faser grande forssa veio a conceder a aseitala se lhe fisessẽ a janella mais
pequena e agrade mais apertada por que não queria cella que não cheirasse muito
areligião, asim se fes e então a aceitou mas muito desconsolada [fl. 111 v.] de se faser
tanto caso della por que êtudo se tinha por inferior atodas.

Emtrou hũa religiosa ã asua çela achoua debrusada sobre hũ bãquinho chorãdo de sorte
10 que em elle avia feito hũa fonte de lagrimas pergũtandolhe familiarmente que tinha
aoque lhe respõdeo choro a estreita conta que ei de dar a Deos por tantos e tão graves
peccados, seis meses antes de elle a levar ã o choro ã a sela em toda a parte avião chorar
copiosissima mente cõ hũa estranha melancolia. quãdo apertavão muito cõ ella respõdia
que andava chorando o juiso em que se avia de ver eaconta que avia de dar a Deos e a
15 duvida que asua salvassão tinha e isto desia cõ tal dor que movia alagrimas has que a
ouvirão a frequensia dos sacramentos era como de quẽ tanto trasia esta ora diante dos
olhos muitas veses lhe não achavão os confeçores de que a absolver e antes de Deos
alevar algũs 20 annos ou mais confessandosse ahũ alleviador lho não deu por que não
achou de que e ella cõ grande descõssolassão se veio chorãdo eaquẽ lhe pergũtava que
20 tinha respõdia cõgrande humildade não me quis o padre alleviador absolver.
advertindose a hũ confeçor atentasse ã as confissões por a madre maria das chagas e
pellas merces que Deos lhe fasia respõdeo espantome madres de vossas merces so por
essa religiosa me mãdarem atentar avendo outra que lhe não e inferior ã vertude que e
amadre soror catherina do espirito sancto e entẽdo que se fiserão tantas deligensias para
25 saber as merces que Deos fes a esta bẽditta alma como se fiserão cõ a outra madre se
ouverão de saber muitas.

Por sua larga idade e pouca saude lhe mãdou omedico comer carne em os dias
prohibidos e para se subjectar lhe pos aperlada [fl. 112 r.] obediensia inquietousse tanto
que diçe oconfeçor deixassẽ aquella religiosa que maior dano lhe farião os escrupulos
30 que tinha por que suas confissões não erão de outra culpa¹¹⁵⁸.

¹¹⁵⁸ Borrão no papel.

Foi mui abstera e de continuo tomava mui largas dessiplinas indosse ahũa lapa que esta
ẽ açerca por não ser sentida em quanto as forssas anão desempararão mas nẽ a falta
dellas nẽ a muita idade a fes faltar nũa em as da comunidade, gejumava os jejums asim
da igreja, como da regra cõ suma abstinensia enão so esses mas os de devassão
5 passando ao jantar cõ o da comunidade e ainda desse pouco deixava para os pobres e a
consoada não passava de tres passas cõ hũa fatiasinha de pao outres noses ou cousa
semelhante e isto sendo ja tão velha e fraca o continuou que se admiravão todas porẽ ẽ o
comer foi ẽ todo tempo tẽperadissima ou fosse penitensia ou natural comia mui pouco e
asim não estranhava a abstinẽssia do jejũ tanto.

10 Em os trabalhos nos deu grande exsẽplo depassiensia por que para a exercitar aprovou
Deos antes dea levar para sim cõ hũa enfermidade de piolhos que era como praga por
que quanto mais alavavão ealimpavão mais crecião sẽ aver pessoa a que se queixasse nẽ
pediçe remedio antes os não matava se a alimpavão consẽtia porẽ de sua parte não fasia
nada para se livrar de tão grande tormẽto passados annos derão conta ao medico que lhe
15 applicou hũ remedio ẽ que consintia por que lhe diçerão servia seu mal de inquietassão as
religiosas que nẽ ẽ o choro nẽ ẽ o refeitório [fl. 112 v.] se atrevião a estar jũto della,
forão duas aquerer lhe tirar e tal foi acantidade que [que]¹¹⁵⁹ hũ vaso muito grande de
agua ficou cheio estava apelle tão seca que parecia cortida e ella mirrada emfim cõ o
remedio que lhe applicarão se achou bẽ eao que se entẽdeo se subjectou a elle muito cõtra
20 sua vontade diçelhe areligiosa que lhe aestia ecurava para ahubrigar a continuo. não
folga muito de sever livre de tão asqueroso mal respõdeo cõ os olhos cheios de lagrimas
sim, mas o merecimento que perdi era mui grande.

Resava todas as noites de sexta feira o officio das chagas cõ outras cõpanheiras ẽ o coro
tomava deseplina enão se encostava ẽ esta noite ẽ outras muitas durmia vestida
25 principalmente anoite antes de comũgar e desde quarta feira de trevoas senão ẽcostava
não, so ẽ cama mas nẽ acabessa ẽparte nenhũa ateo domĩgo.

Era cõ extremo devotta da paxão de Cristo e de sua sanctissima madre e dasfestas de
nosso Senhor ha dos reis era mais inclinada, e de nosso padre são Francisco o foi muito
deu para a igreja hũa imagẽ sua de estofo eornou onicho ẽ que se pos pintandoo e
30 dourãdoo asua custa.

¹¹⁵⁹ Repetição da autora.

Foi pubrissima e voluntaria mente por que tendo hũ irmão poderoso eparêtes que querião elhe pudião a cudir nũca quis nada nẽ ter ainda onessessario easim estando doente lhe acodião religiosas suas amigas cõ oque avia mister, oque tinha epudia aver gastava cõ a igreja, e em esmollas aos padres da piedade eaos pobres, sua cella era hũ
5 exsêplo de pobresa e humildade por que ã ella não tinha mais que hũ par de cortiças para se sentar.

Tanta consolassão tinha em ser pobre quepedindo [fl. 113 r.] a rainha nossa senhora estando ã esta vila hũ vestido para ella por oseu abitto estar muito gastado e padeçer por essa causa muito frio se inquietou muito e a ella diçe que aquele estava muito bõ que
10 como tiveçe nessessidade ella teria cuidado delhepedir essa merce ecomo sua magestade por sua piedosa devação lho mãdasse sentiu o muito disendo não pudia ter superfluo que o que tinha bastava e elle era ja todo remêdado. em seu toucado e vestido husava hũa modestia religiosa eposto que limpa sêpre pobre. foi de grande verdade e de poucas palavras e estas tão sinçeras que em ellas selhe via a puresa da alma e singilesa do
15 corassão.

Em suma esta serva de Deos era hũa perfecta religiosa e em ella como ã sifra se achavão todas as vertudes, cheia de muitas chegou ao fim da vida. deulhe andãdo ainda pello pe hũ fastio tão notavel que de nenhũ modo pudia comer, cõ que a religiosa que tinha cuidado della perdia demodo apassiensia elhe desia tais palavras que onottavão todas as
20 que a ouvião e invejavão a passiensia d este anjo cõ que a sofria sã lhe respõder hũa so palavra por que esta vertude sãdo ãtodas unica se conheceo mais ã ella e foi sempre em mais levãtado grao ea excerssitou ate o fim da vida.

Dous meses teve de cama cõ febres muito rijas ehũ antes de Deos a levar comessou denoite agritar acodirãolhe diçe fora hũ ladrão vestido de negro que vinha pegar della
25 tomarãolhe histo por delirio da febre ou da idade mas ella nũca diçe outro nenhũ e temer sãpre hũ negro que a molestava foi muito tẽpo.[fl. 113 v.] falando ã tudo omais muito apreposito e bem apõtando sãpre para hũa parte quãdo lhe pergõtavão donde estava pello que algũas pessoas tem para sim era o demonio que pretendia inquietalla por que ella não perdia osentido eoulhar para aquele lugar.

30 Foisse emfraquessendo de modo que em hũ sabado 15 de setembro comũgou de viatico cõ grande devossão e espirito a desasette do mesmo, dia ã que a igreja çelebra as chagas de nosso seraphico padre. as sette oras da manhã lhe derão o sacramento da unsão

estando ella mui conforme e alegre em acabando de o receber fixou os olhos em hũa parte da sua çela pergütoulhe hũa religiosa que via para aquella parte respõdeo sê mover os olhos a virgem pura e cõ o menino Jesus nos braços e a nomealos se sorriu, para se certificarẽ nisto lhe pergütou a madre abbadessa se queria lhe trouxessẽ do coro hũa
5 imagẽ de nossa Senhora que era sua eaque tinha grande devassão respõdeolhe para que não esta ella ali cõ seu menino nos braços e levantãdo a vox comessou o primeiro responso da primeira dominga do advento que dis *aspiciens a longe ecce video dei potensiam venientem*¹¹⁶⁰ e histo lansandosse da cama fora cõ os braços como que os queria abraçar e prostrarsse por terra a receber seus devinos hospedes oque mais
10 espantou que sendo ella tão rude ã ler que nos parecia nẽ o primeiro verço de *dixit dominus* sabia de cor nẽ o ãtendia soube diser muita parte de este responso e applicalo em aquella ora tão bem mas aqui obrava Deos e seu spirito. tornarão lhe a pergütar que via tersseira ves respõdeo o mesmo que o menino Jesus [f. 114 r.] ã os braços da virgẽ para estas repostas dava sem menear os olhos de aquella parte para que diçe via seu devino
15 esposo esua mãi sanctissima forão infenitas as lagrimas que derramamos de devassão ecõpunsão que so vella acausara ao mor peccador domũdo eafirmão as que a sefirão cõ ella que desde as sette oras ate as onse não meneou os olhos nẽ pestenejar que mais parecião de pintura que de pessoa viva, emtrou as onse ã si d este extassi enão falou mais ã oque avia visto derãolhe hũs accidẽtes de gotta coral¹¹⁶¹ trabalhosissimos que
20 parecia se espedassava toda cõ que acabou Deos de apurar aquella dittosa alma para voar logo ao çeo aos 19 do mesmo mes as onse do dia, acabou cõ grande quietassão e serenidade e foi gosar do premio de seus trabalhos. ficou mais branca e bẽ asõbrada que em vida etão tratavel como se ofora guardarão seu bordão e pedião a madre abbadessa lhe desse cousas suas para terẽ por prẽdas de tão virtuosa madre.
25 Derãolhe sepultura ã o capitalo ã amesma da madre soror maria das chagas mas ã caxão de por si.

Amadre soror maria da purificassão que ãtão era abbadessa fes a esta religiosa omais solene ãtterramento que se permetia a hua freira pobre toda a çera delle foi fina e dose tochas asim mesmo de çera fina rodeavão seu corpo ã tocheiros de pratta, o capitalo
30 todo alcatifado ecõ muchissima çera, etudo foi nada para oque asua grande vertude se deve.

¹¹⁶⁰ Primeiro responso de matinas no domingo do advento: "Olhei para longe e vi o poder de Deus."

¹¹⁶¹ O mesmo que *epilepsia*.

5 È vida lhe pediu hũa ãferma auntaçe cõ o olio da alãpada do Santissimo Sacramento ã
hũa dor exçessiva que padecia eafirma que logo Deos por sua interssessão não [fl. 114
v.] so selhe tirou a dor mas cobrou perfeita saude ao todoavêdo estado mui mal ã aquele
mesmo dia amesma dis que vendosse mui apertada de hũ mal que quasi a tinha surda fes
10 ãfenitos remedios sã que elle obedeçesse anenhũ era ã quarta feira de trevoas¹¹⁶² eella
mui nessessaria ã ocoro foisse ter cõ esta madre epediulhe a untaçe cõ o mesmo oleo
elhe pediu a Deos o remedio para não faltar ã seu serviço ella cheia de charidade que cõ
todas usava o fes e logo aãferma se achou bẽ de todo e tẽ por serto que os merecimentos
15 d esta serva de Deos lhe alcansarão este favor como dis exprimẽtou ã outras ocasiões
que se valeo de suas orações mas que por não serẽ tão evidentes as não particularisa ã o
ultimo tempo da vida de esta serva de Deos lhe faleçeo hũ irmão frade hieronimo não
lho quiserão diser por que não estava ella ã estado de lhe diserẽ cousa que a molestasse
ã a doensa da morte diçe sertas palavras diante de religiosas por que entẽdeo osabia ella
enão por via humana.

20 Quãdo se fes atresladassão dos ossos de todas religiosas defũctas ao semiterio novo e se
abriu o seu caxão acharão ocordão eveo pequeno da cabessa tão inteiros como ã aora
que se puserão sendo que ocaxão estava meado de cal sã nenhũ mau cheiro nã ainda de
humidade de seus ossos e da madre maria das chagas respirou grande fragancia de
cheiro.

20

[fl. 115 r.] da madre soror maria da çir cunsissão - cap. 47

Esta religiosa era irmã da madre soror catherina do salvador cujos pais e patria se ha
ditto ã sua vida e em avertude foi mui semelhante a ella ãbas tomarão o abitto ã hũ dia
easim mesmo professarão anbas esta religiosa de que tratto era mais velha posto que não
25 passava de desassette annos quãdo veio a ordem, estes gastou em casa de seus pais ã
aprender aler e escrever que perfeitissimamente fasia e em mui louvaveis costumes por
que erão elles de grande vertude e exsẽplo e asim sahirão estas plantas taes que
tresplantadas ã este jardim da speransa não ouve em ellas que emẽdar, senão muito
deque admirar, em seus primeiros annos se virão mil prodigios por que quando chegou
30 asinco resava ja as oras de nossa senhora perfectamente, que posto sua abelidade e

¹¹⁶² *Trevas*, quarta-feira da Semana Santa.

memoria era rara, ter emtão tenra idade capacidade pera as reger e continuar esta devassão era prenostico da muita que se lhe conheceo toda a vida tão bê cõ hũs irmãos seus que aprendião latim ã sua casa o aprendeo ella e tinha delle grandes prinsipios eo entẽdia como qualquer latino seu pai que se alegrava de lhe ver tão bõ natural eque

5 otempo que outras da sua idade gastão ã passatẽpos e travesuras ella o ocupava tão bem lhe buscava muitos livros afora os que para seu intretinimento lhe tinha ã casa este era o que so admetia sendo seu recolhimento exẽplar a todo este povo, ajudado seu bõ [fl. 115 v.] natural deste exercissio sahiu linda poeta a que ajudava muito o grande juiso de que Deos a dotou, por estas graças e dons era omimo de seus pais prinsipalmente de sua mãi

10 que cõ grande excesso a amava, e chegou a pẽna de a apartarem della a porlhe a vida ã risco oque a nossa soror maria posto que igualmente a amava mostrou não sentir por que so desejava gosar de Deos eser esposa sua, como contou a hũa amiga debaxo de confissão que tão longe estivera sempre seu pensamento de ter outro estado que sendo de dose annos fisera votto de castidade, eque ate aquella ora onão comunicara a outrẽ,

15 que este votto fisera por entẽder que sua mãi tinha diferente intento enão vir nũca a consẽtir ã elle e esta puresa dalma conservou toda a vida como se conhessia de sua cõpustura egravidade em que não desdesia nada de hũa modestia sancta. alem de esta vertude se asignalou grandemente ã a de pacifica, por que foi hũa das mais mansas pessoas que conhessesemos, e o que he de mor louvor que não era natural por que

20 contava a hũa amiga que em casa de seus pais era descontẽtadissa e bastava pouco para irarsse, mas que lendo ã hũ livro que não estava hũa pessoa senhora de seu juiso quando tomava colora determinara morteficarsse ã este viçio da ira e paixão natural, asim aconselhava apessoas familiares suas o fisecem.

Não ha duvida que deve muito a Deos quẽ elle dotta de bõ intẽdimento por que ate para

25 saber agradalo e elle a primeira causa eque mais a juda como [fl. 116 r.]se ve em esta religiosa pois vendo os males que a ira causa, não so a salvassão, mas a autoridade da pessoa e credito de seu juiso a subjectou tanto a resão que fes do costume natural e não ouve em este convento quẽ aviçe irada quẽ recebesse della escandalo nẽ quem presumisse della aprimeira especia de rencor ao proximo, senão hũa passiensia e

30 serenidade de animo em os agravos como se os não reçebera, de sorte que de algũas religiosas era nomeada pella cordeira, bê a creditta avelo parecido¹¹⁶³ o caso que se segue, tinha hũa religiosa certa contia de dinheiro para cõprar hũ foro, pediulho aperlada

¹¹⁶³ Mancha de tinta.

emprestado prometeolhe opagaria o pai de soror maria do dotte de hũa tersseira filha que fes tãobẽ freira ẽ este convento entẽdeo a religiosa que o ditto foro o fasia elle por conta do dotte mas quãdo chegou otẽpo da profissão pagou o homẽ todo o dinheiro decõtado aperlada enão tratou do foro por que não se avia hubrigado a elle a religiosa
5 levou tã mal histo que sem ele ser culpado rõpeo em palavras e demasias tã grandes que aqualquer pessoa que não tivera a passiensia deste anjo causara grandes inquietassões ella levou tudo cõ tanto sufrimento que não selhe virão mais sinais de humana que chorar ẽtre sim algũas lagrimas quãdo a ouvia, não permitindo a suas amigas que sobre isso falacem nada nẽ dessẽ a entẽder seu sentimento esẽ ella respõder
10 hũa palavra.

Vendeo algũas cousas de seu uso para satisfaser aperda do tempo do ẽprestimo aque ella nẽ seu pai erão hubri[fl.116 v.]gados ẽ justiça mas por evitar ainquietassão do proximo e as que a ella selhe pudião seguir quis ficarçẽ sẽ oque para suas nessecidades lhe faria falta e histo sem querer osoubessẽ seus pais por que não recebessẽ mao exẽplo da
15 religiosa depois de passar histo teve hũ parẽte damesma hũs enfadamentos de inportansia que se tiverão por castigo de esta sẽrrasão, e offerecendosse falarssẽ na materia diante de esta çerva de Deos pouco antes de elle a levar afirmou que nũca ẽ essa materia tivera de que se acusar ẽ sua confissão nẽ de escandalo nẽ de vingansa e parecendo histo deficultoso aquẽ lho ouviu deu hũa reposta dina de seu espiritu e
20 prudensia, que considerara que a cada pessoa da Deos sua condissão eque se ella tivera a mesma fiserão pior, e tornou a afirmar que nũca do succedido tivera de que faser consiensia outras muitas ocasiões teve de merissimento em que deu mostrã de sua passiensia evertude, sem se dar nũca por achada de agravos nẽ respõder por si palavra como lhe succedeo ẽ hũa ocasião que aperlada a escandalisou cõ hũa sẽrrasão e
25 disendolhe hũa amiga que por que não respõdera tal ou tal palavra em sua descarga mostrando sua justiça que não erão palavras de que ella se offendeçe respõdeo soror maria se eu não sofrer quando me fiserẽ sẽrrasões pouco merecimento tirei e quãdo eu o mereça pouco fasso em me calar ficou a religiosa muito edificada desta reposta por que era ella ẽtão mui moderna ẽ a religião, sẽpre disculpava quẽ lhe fasia mal ainda que lhe
30 deveçe averlhe feito bem [fl. 117 r.] mermurar o proximo nũca alguẽ aviu se diante dela se fasia e erão pesoas de confiansa reprendias se de respeito cõ se calar as confundia.

Foitão amiga de guardar silencio que a tinham por de pouca pratica pello muito que calava otô da vos¹¹⁶⁴ não se lhe ouviu senão ã o resar do choro ou ler ã o rectorio porẽ em sendo materias de Deos ou de seus sanctos não avia quẽ mais falaçe nẽ melhor que ella e cõtanto a fecto que sendo mui dura ã lagrimas e as chorava com deficuldade em

5 tratando de Deos e sua sagrada paxão as não podia reter nẽ occultar e algũas veses parava por dessimular oinpito de devassão que se lhe conhessia ã osẽblante e a forssa que fasia, era devotissima da sanctissima trindade elhe resava aos domingos de mais do que pella semana mil veses os verços de *gloria patri e sicut erat*¹¹⁶⁵ depois mudou histo em o officio de sua festa de nove lissões era increivel omuito que resava fora da

10 hubrigassão do officio devino por que era todos os dias o rosario da virgẽ e as oras de nossa senhora devassão que não perdeo desde a idade que diçe e asordenava de sorte que as desia acabando as oras do ofissio devino ã o choro em elle mesmo por que asim desia as sentia menos fasia outra devação todos os dias aos nove choros dos anjos dequem era devotissima e dos sette arcanjos de que se dis por antonomasia que asistem

15 diante de Deos em acordando que fasia a nosso Senhor fasimento de graças e hũ oferissimento lhes resava [fl. 117 v.] sette veses *opater noster* cõ outras tantas orações para que oferecessẽ a santissima trindade por ella qualquer obra boa que ã aquelle dia fisesse hũ psalteiro de david todas as semanas repartidas as ferias pellos dias della e os psalmos penitensiais todos os dias¹¹⁶⁶ a fora histo e os de guarda acreçentava mil ave

20 marias ou dobrar o officio devino afora outras muitas devações ordinarias não perdendo ganhar todas as indulgencias da ordem eas mais que podia atudo histo podia acodir por que era de mui pouco sono e não perdia ora de noite nẽ de dia disendo que era perda a do tempo que se não podia cobrar easim se avia de trabalhar muito pello aproveitar levantousse sẽpre ã quanto ainfirmidade lhe deu lugar a missa da alva easim lhe ficava

25 lugar para tudo ouvia todas as missas não se vindo do choro senão depois da convẽtual que em as ouvir se lhe conhessia estranha devassão por que se dipois dela se fasia sinal aoutra ainda que ouvesse ouvido muitas veses e estivesse ocupadissima acodia a ella e aquẽ a nottava de singular desia que era serto que as oras que se gastava em ouvir missa não fasião falta antes permetia Deos acrecentalas depois e como aestia tanto ã o choro

30 tinha tẽpo para tudo e o que e de admirar que sette annos antes que Deos a levaçe teve febre continua cõ tão grande tosse que parecia nẽ respirassão lhe deixava e em elles

¹¹⁶⁴ Mancha de tinta.

¹¹⁶⁵ "Glória ao Pai e como era..."

¹¹⁶⁶ *ea coroa de Cristo e de nossa Senhora*] acrescimo quase impercetível, com tinta muito leve, sobreposto a *todos os dias*.

continuou o ditto sem deixar nũca estes exercissios em este estado e em tão mortal
fraquesa que não podião ãdireitarsse a achou hũa amiga muitas veses ãtrando[fl. 118 r.]
a desoras ã sua çela em crus e em os ultimos annos de sua vida ã ochoro ã mesma
postura e tão sobresaltada ficava de ser vista sendo ella em esta materia tão acautelada
5 que areligiosa por so lastimar della se não deu nũca por achada de a aver visto em esta
materia de ãcobrir suas vertudes foi notavel e asim não se sabe della mais o que acaso se
alcansava della ou que por algũ bõ fim ecausa forçosa dicece porque era pratica sua
diser que nenhũa cousa mais lhe agradava dos santos que o secreto por que avertude
avia de ter a condissão da terra que emcobre as pedras preciosas e lansa as espinhas para
10 fora, frequentava muito os sacramentos eao da devina eucaristia selhe conheçeo
particular devassão não faltando ã nenhũa comunhão que se fisesse afora as que mãda a
regra que essas erão infalveis enũca negou cousa que em hõrra do devino sacramento
lhe pediçem.

Foi grande charitativa e esmoler e asim dava muito mais em esmollas do que sua posse
15 alcansava eã tratar todas cõ grande charidade se via bẽ quanto amava ao proximo a
mesma husava cõ hũa religiosa de perluxa condissão e que pella ter se ãfadavão della
esperãdo seu desabrido termo cõ tanto amor como se fora irmã sua repreendendo aquẽ
asim o não fasia sendo que chegou acõfessar lhe era penosissimo soffrela cõ tanta
comunicassão mas por que avia so comunicava cõ muita particularidade e todas
20 avaliavão esta vertude pella maior das que ã ella se conhessão.

Guardou inteiramente o votto da pobresa por que do nessessario se privava mais do que
pudia, em fasendo hũ abito ou outra cousa de seu uso dava logo o outro por lhe não ficar
mais do que não podia escusar [fl. 118 v.] repreendendoa hũa amiga de se desfaser de
roupa vendosse tão doente respõdia Deos me ajudara pois sabe ofasso por não ter mais
25 de que lhe dar cõta, epor esta causa diçe hũa religiosa que aguarda do votto da pobresa
da soror maria a fiser a ter fe em aprovidensia devina como e resão por ver que em tão
larga enfermidade e cõ camaras lhe não faltou elle avendoçe ella desfeito de tudo, antes
desião cheirava asua cama a boninas elimpesa. em ocomer foi temperadissima e era para
ella mui aborrecivel ovicio da gula e desia que em nada se avia de guardar tanta
30 modestia como ã comer por que faselo ate mais não poder era de brutos que ella se não
lembrava de se satisfaser de modo que se quiseçe não pudeçe comer mais não so em
gesũs da igrija guardava grande abstinensia mas ã muitos voluntarios que fasia pello
descurço do anno que erão a quaresma dos anjos etodas as quartas sextas e sabados e

outros muitos a santos que não hubriga a igreja consoando tão pouco que muitas veses se julgava o fasia mais por satisfassão das presentes que por sustentarsse e asesta feira se veio a entender que não bebia posto que esta e outras muitas mortificassões occultava quanto podia e ensinou a hũa amiga sua que para ter merissimento quãdo bebesse
5 offereçesse osabor de aquella agua a doçura que o menino Jesus sentia ã o leite verginal de suã sactissima mãi.

[fl. 119 r.] Ëtodas as ocasiões tomava motivo para faser ofertas ao padre eterno de seu precioso filho governãdosse em ellas por hũ livro intitulado *motivos spirituais*¹¹⁶⁷ e de modo se sabia aver ã todas as cousas que de todas tirava merecimento do que dava a
10 milhor parte as almas do purgatorio como em suas orações.

Chegousse otempo de Deos lhe dar o premio de seus trabalhos e agravandosse muito omal deu alcance as forssas corporais e de todo cahiu em hũa cama a *dominga infra octava de corpus christi*¹¹⁶⁸, que foi comungar cõ acomunidade ao choro baxo e delle a trouxerão para a emfermaria, o que padeço em tres meses que dipois viveo de males e
15 apassiensia e increivel por que hũ gemido se lhe não ouviu nũca nẽ hũa queixa, as religiosas que lhe asestião lhe pedião se queixasse e desse hũ ai para oque não avia remedio antes entẽdião estava todo o dia cõ os olhos fechados por se não divertir de tratar cõ Deos que era so seu alivio e quasi todo resando, epara dessimular metia a mão econtas debaxo de hũ lenso ate que em os ultimos dias para deixar o officio devino lhe
20 pos a madre abbadessa obediensia asim por atosselhe não dar lugar como por que se ãfraquessia muito.

Ë a emfermidade frequentou muito os sacramentos da confissão ecomunhão eo fisera mais senão respeitara a torvassão que cõ isso daria afirmou aseu padre spiritual muitas veses que estava mui conforme cõ a vontade de Deos e se soube de sorte aparelhar [fl.
25 119 v.] que ate hũs papeis de verços que avia feito lhe causarão grande inquietassão enão descansou ate que não soube se avião queimado todos sendo que os mais delles e

¹¹⁶⁷ Tratar-se-á da obra do Padre Capucho Frei Rodrigo de Deus, *Motivos spirituaes nos quaes claramente se mostra quãto qualquer fiel christão pode contentar, honrar e louvar a Deos, e nossa Senhora [...]*, publicado em Lisboa, 1611, cujo objetivo, declarado pelo autor no *Prólogo*, se traduz na vontade de honrar e louvar a Deus por todas as *mercês* que tem recebido "quem desejar dar a Deos a tal honra, e gloria, e occuparse em tão alto e tão divino exercicio, lea com devaçam, e atençaem o presente tratado".

¹¹⁶⁸ Domingo após Pentecostes.

de mor considerassão erão ao devino mas era aquella alma tão pura que este liçito entretinimento avaliava por grave culpa e defecto de seu estado.

Fiserão assim sua mãi como amigas notaveis excessos por sua vida mas Deos que so adas almas respeita não foi servido conseder a corporal.

- 5 Foi hũ ermitão de boa vida a nossa senhora de guadalupe [por ella]¹¹⁶⁹ elevoulhe hũa mortalha e medida de seu corpo de cera para arder entregou tudo ao sanchristão que era mui velho ã antigo ã aquella casa oqual dipois de diser missa por ella chamou o ermitão e diçelhe histo que lhe quero diser não o diga a ninguẽ senão a mãi de este anjo, que nossa senhora a ha de levar ã hũ sabado para o domingo e prouvera a seu bento filho
- 10 que ã a mesma ora que ella acabar acabara eu ca por que logo ha de ir ao çeo que e santa (christo entendesse ãquanto o mũdo da este nome aquẽ virtuosamente vive sã a igreja lho aver dado)

- Quãdo o ermitão chegou a este lugar lhe diçe hũ capelão de esta dona padre joão ja a madre por quẽ levou amortalha e falecida elle respõdeo, primeiro osoube eu que vossa
- 15 merce eque sua mãi pergõtoulhe quẽ lho diçera e donde, porẽ não o quis diser senão aquẽ lhe mãdarão. tornãdo a sua morte o mal foi tão rijo que parecia impossivel poder hũ [fl. 120 r.] corpo humano soportar tantos tormentos, atosse era de sorte, que desia sentir arẽcarẽselhe os bofes ofogo tão grande que so ã quanto lhe fasião ar tinha algũ alivio mas ã parãdo lhe faltava a respiração e desia ella que so o do purgatorio fasia cõparação
- 20 cõ elle sobre histo lhe derão tres cesões ã o dia cõ que não tinha ora de alivio e cõ tão estremada passiensia como se não padecera nada. dia da exaltação da santa crus de setembro lhe derão hũas dores em todos os mẽbros que desia lhe acabavão a vida posto que passadas algũas oras pararão elhe repetirão ã o dia de quinta para a sesta seguinte de sorte que a hubrigarão agemer alto elogio ã o fazendo pediu perdão as presentes de
- 25 aquella inpaciensia que se ate ãtão a avião mandado dar hũ ai bẽ avia tomado a licença mas que soubessẽ erão aquellas as mais desmididas dores que se podião imaginar eque so o auxilio devino podia dar forssas a hũ corpo para poder cõ ellas, em esta sesta feira diçe a hũa religiosa de quẽ se fiava madre sabei que estas que eu padeço sã as dores da crus mas não o digais aninguẽ e em essa mesma noite em que dellas se viu mais aflitta

¹¹⁶⁹ Mancha de tinta.

chamou hũa religiosa epediulhe as offereçesse a Deos unidas cõ as que elle padeçeo lembrandoçe de aquelle verço a *planta pedis usque ad verticẽ non est in eo sanitas*¹¹⁷⁰.

Desapropiosse ã as mãos da perlada e [...] ¹¹⁷¹renũsiou ã suas mãos essa pobreza de que husava cõ muita humildade equerẽdo depois de o faser dar [fl. 120 v.] hũ registo a hũa
5 religiosa mãdou lhe pediçẽ licença a abbadessa por que ella não tinha ja nada que fosse seu comũgou ao sabado eganhou pella milenaria o jubileu da porsiancula¹¹⁷².

Tinha esta religiosa a vox tão rouca e fraca que para a ouvirẽ lhe punhão o ouvido ã aboca e jũtamente não bolia as mãos sã ajuda de fraquesa sendo histo assim ao mesmo sabado ao tempo que se da a trindade as levantou ao çeo ecõ hũa vox tão grande e clara
10 como ã omelhor de sua saude pronunsiou estas palavras benditto louvado e exalssado¹¹⁷³ sejais Senhor para sãpre os anjos e sanctos do çeo me ajudem a darvos graças e louvores e mais outras semelhantes palavras as quais ouvindo a amiga que lhe açestia imaginou ser milagre de Deos lhe dar vida chegou a pergũtarlho e ja cõ a fraquesa ordinaria lhe respõdeo a instansia que ella fes antes estou pior por estar mais
15 fraca e não posso gemer como hõtem. histo era quasi as sette oras quando derão nove pergũtou que oras erã disendolho deu hũ suspiro e diçe ó que oras tão cõpridas equietousse como não tinha desconçerto ã o pulssso imaginavãõ não estava ainda para tão dipressa enãõ a aviãõ ungado, e della se entẽdia onãõ pedia por não desanimar as amigas chegou hũa dellas aver se repousava e achou estava ã a ultima agonisando
20 comessou pedir a Deos não permetiçe faltaçe este sacramento aquẽ tão devota fora delles em vida e ovir atempo que a achaçe viva se tẽ por milagre pellos muitos que succederãõ o confeçor sã saber opara que se não avia descõposto senãõ se ãcostou sobre a cama não sabia dõde tinha o manual eo primeiro livro cõ que topou as escuras [fl. 121 r.] foi elle a porta da cela que era ma de abrir ã lhe pondo achave se abriu que elle tudo
25 notou por milagroso acabou esta benditta alma seu desterro como hũ anjo ficando muito

¹¹⁷⁰ (Jb 2, 7) Talvez Soror Baptista utilizasse uma Bíblia desconhecida, uma vez que o verso em questão não contempla *non est in eo sanitas*; a passagem bíblica seria *Egressus igitur Satan a facie Domini, percussit Job ulcere pessimo, a planta pedis usque ad verticem ejus, Biblia Sacra*, p. 507; "Satan retirou-se da presença do Senhor e atingiu Job com uma lepra maligna, desde a planta dos pés até ao alto da cabeça", *Bíblia Sagrada*, p. 797.

¹¹⁷¹ Ilegível.

¹¹⁷² Jubileu da *porciuncula*, refere-se à concessão de indulgência a quem visitava as casas de S. Francisco. Porciúncula, Igreja em Assis, local sagrado para os Franciscanos, onde S. Francisco de Assis encontrou a sua vocação e enveredou por uma vida de abnegação, de entrega ao próximo, despojada e penitente, à semelhança de Cristo. S. Francisco manifestou, em vida, o desejo de ser enterrado na Porciúncula, mas a sua vontade não foi cumprida.

¹¹⁷³ *Exalçado*, louvado.

- mais bẽ parecida que em vida sendo que o era muito o sēblante muito alegre e so rindoçe mui branca e tractavel o confeçor ã ella espirando lhe lansou hũa bensão e diçe vaite para Deos alma benditta que cõ a mesma pax e mansidão cõ que viveste acabaste e virando para as religiosas diçe senhoras sē faser agravo a nenhũa de vossas merces digo
- 5 como confeçor que acabou o melhor folego que avia ã este convento e que quasi todas as confissões lhe mãdava atrasar algũ peccado para ter materia de que a absolver não so este padre spiritual deu testimonho da vertude desta religiosa mas ã vida outros como foi o que se conta em a vida da madre soror paula que ã a morte da madre maria das chagas consolou o confeçor a abbadessa dessa perda disēdo lhe ficavão tres de igual
- 10 vertude ãtre¹¹⁷⁴ as quais nomeou esta madre do que aperlada se espantou por que posto que conhessia sua vertude era muito mais mossã que as duas religiosas cõ quẽ lhe davão lugar ã ella, outro padre spiritual acõselhandosse aperlada cõ ella aquẽ daria hũa çella que vagara por ser amilhor elle lhe apõtou esta religiosa disēdolhe não tinha outra de mores merecimentos nẽ vertude.
- 15 Desejava esta religiosa ã vida faleçer a oras que estãdo seu corpo presente se cantasse missa por ella e asim suçedeo porque levãdoa para o choro amadrugada do domingo aplicou a abbadessa amissa conventual desse dia por ella, notousse que ãtrando o seu corpo ã o coro parecia se vinha abaxo cõ atabales¹¹⁷⁵ [fl. 121 v.] e charamellas¹¹⁷⁶ que se tocavão ã o rossio ahũa festa de nossa senhora da saude.
- 20 Avia poucos dias que avia trasido hũ religioso para hũ altar de nossa igreja privilegio para se tirar alma todas o desestimarão por que senão estēde amais que as das religiosas so esta o festejou permitiu Deos que a primeira que gosou delle fosse ella cõ muitas missas. faleceo ã 19 de setēbro de 1638.

25 **a madre soror breatis de Jesus - cap. 48**

Em estes nossos tempos viveo esta religiosa a qual era natural desta vila posto se não criou ã ella seus pais erão nobelissimos e se chamavão antonio bottelho e gracia de goes. veio muito contra sua vontade areligião por que aprendia ã omũdo o amor de seu pai dequẽ era mui amada e de hũs irmãos meninos aque ficou por mãi porẽ tanto que se

¹¹⁷⁴ Rasurado.

¹¹⁷⁵ Espécie de tambores.

¹¹⁷⁶ Antigo instrumento de sopro, MORAIS, v. 3, p. 37.

viu em ella so de cūprir as hubrigassões de boa religiosa tratou cõ tanta deligencia que so esse cuidado parecia tinha em aprender a resar o officio devino gastou os seus primeiros annos cõ tanta diligencia e trabalho que so esse era dino de grande coroa por que era mui rude e por se aver criado ã abeira não tinha a pernūciassão tão limada como

5 o latim requiere a curiosidade era grande e asim não tinha [fl. 122 r.] outro exsercissio nẽ mor regalo que o de aprender cõ desejo insaciavel de prestar em oserviço do choro em as de mais hubrigassões de seu estado era pũtualissima em aguarda do cilensio podia dar exẽplo as mais antigas por que desde o dia que fes profissão não falou nũca em as oras de putadas para elle e as gastava ã o choro ou so ã asua çella sẽ por nenhũ

10 acõtissimento falar hũa palavra nẽ ã doensa por que ate na da morte tirandoselhe o sentido de ouvir pergũtava por açenos se aviãõ feito sinal para o cilensio ã lhe disendo que sim voltava para aparede e não falava palavra easim mesmo anoite.

Foi por extremo obediente etãõ inviolavelmente guardava oque os perladados lhe mãdavãõ que não discrepava hũ ponto de sua obediensia e para não faltar ã ella por descudo trasia

15 escritas ã olivro as que se punhãõ ha comunidade, e desialhe causava tão grande aflissãõ porẽ as abbadessas obediensias que antes quisera ou menos lhe custara mãdarẽna lansar de hũa veranda abaxo, que ficar cõ orisco de as quebrantar, pello que fes os officios que lhe derãõ ã os poucos annos que viveo cõ muita põtualidade e religiãõ em tudo della era mui solícita como se conhessia de suas acções e sobre modo escrupulosa não ficava

20 quãdo tinha saude das oras do choro esendo asim que aestia sẽpre ao officio devino por não ser mai lerda ã o resar porolivro o dobrava por contas equasi sẽpre em o mesmo coro depois das oras acabadas mas ã qualquer parte que o resava cõ grande perfissão sem falar hũa palavra. desejou cõ grande exçesso asaude [fl. 122 v.] e vida esegũdo desdesia¹¹⁷⁷ para cõprir as cousas de sua hubrigassãõ e servir a Deos não foi elle servido

25 darlha senãõ que tivesse opurgatorio nesta vida por que sẽpre foi mui ãferma mas ainda asim hia ao choro ter suas oras de oraçãõ e as do officio devino aoque as forças alcansavãõ ate que em os ultimos tres annos se não pode levantar de hũa cama em aqual lhe deu Deos muito que mereçer em extraordinarios males que padeçeo cõ grande passiensia, conhecendosse ã ella hũ grande desejo de viver quando chegou a ora de

30 partir de este mũdo mostrou grande cõformidade, aparelhousse confessandosse muitas veses erecebeo os sacramentos todos em mui perfecto juiso, e a fala lhe faltou so em o ultimo ponto de sua vida em o qual comesou a rirsse eabater as palmas açenãdo para o

¹¹⁷⁷ Rasurado.

alto da çella como que queria viçẽ o que ella via, etodas tiverão para sim era o seraphico doctor s.boaventura dequẽ era particular devotta e desia sêpre que elle a avia de ajudar ẽ a ora da morte. hũa das mores morteficassões que esta serva de Deos teve foi ẽ estes tres annos comer pella mão de hũa servidora aque tinha grandissimo asco mas cõ muita
5 passiensia atolerava tendo grandissimo fastio.

Foi esta religiosa de tão grande recolhimento que nũca hia as grades, nẽ cõ as religiosas conversava cõ demasia epergũtando lhe hũ dia se ella era tão observante em as cousas de sua hubrigassão por que não fora freira de boa vontade respõdeo que por se não hubrigar ao que não podia guardar que lhe parecia ẽ casa de seu pai se salvaria cõ
10 menos trabalho. faleçeo esta madre de 33 annos de idade anove de janeiro de 1638.

[fl. 123 r.] Foi tão grande opurgatorio que esta serva de Deos padeceo que dipois de elle a levar se chamou gente para verẽ aquelle corpo tão consumido que parecia não ter mais grosura que hũa folha de papel, em oquadril e espaduas tão grandes chagas que parecia hũ crusifixo e em fim tão lastimoso spectaculo que moveo alagrimas ecõpunção ate ẽ
15 os ossos das mãos e pes tinha chagas que soffreo cõ grande passiensia.

De ahi a annos se abriu sua sepultura, afirmão as que se acharão presentes que tinha a cabessa os miolos frescos esẽ corrupssão. tudo seja para gloria de Deos.

[fl. 123 v.] da madre soror breatis de são joão - cap. 49

20 Em estes ultimos annos floreceo em este convento a madre soror breatis de s. joão que foi natural da cidade de elvas. seu pai se chamava lopo de baião sua mãi isabel loba asim mesmo naturais da mesma çidade não menos conhecidos por suas vertudes que por seu nobre sangue prinsipal mente sua mãi que foi raro exẽplo dellas e como tão christã deu a sua filha tão sancta doctrina. quando veio a tomar o abitto que foi no anno
25 de 1585 vinha tão perfecta religiosa como outras de muitos annos delle, não se via em ella que emẽdar avendo muito que imitar, enão tendo mais que 18 annos de idade em acapacidade parecia muito antiga. fes o anno da aprovassão cõ tanta satisfassão de todas que em elle se pronosticou avertude cõ que viveo emorreio guardando ja em aquelle anno a regra tão perfectamente como sempre, veio sabẽdo ler ereger o officio devino
30 easim quãdo por serviço da comunidade ou outra causa faltava de choro o resava fora delle tão perfectamente como se ja peccara em o deixar.

A primeira licença que pediu amestra da ordẽ foi para ẽtangẽdo a missa dalva ir aella cuberta cõ omanto e desconhesida por não parecer mal não ir acõpanhada d ella aqual edeficada de seu espirito lha consedeo e asim cõ grande devaçãõ açestia a todas ate tangerẽ aprima que ẽtãõ vinha para cõ amestra ecõpanheiras tornara ella e este costume

5 guardou todo descurço [fl. 124 r.] de sua vida e muitos annos era ella aque tinha cuidado de tanger sedo¹¹⁷⁸ a primeira missa ouvia cõ tanta atensãõ que não resava vocalmente por não se divertir, senãõ cõ o spirito estava dando a Deos a gloria e hõrra que podia, ẽ as demais resava suas devações que erãõ muitas e histo toda avida. sendo novissa lhe

10 aconteçeo hũ caso milagroso que ella nos contava por merce do santissimo sacramento, estando hũ dia cortando hũa pederneira lhe cahiu hũa lasca ẽ hũ olho oqual não pode fechar mais nẽ abaxar e por essa causa não durmia de noite e passava excessivas dores e asim tinha os olhos sempre levantados em o choro oque sentia cõ grande estremo por não poder estar morteficada nẽ oulhar para olivro, como as novissas sãõ espelhos da comunidade hũa religiosa que não saberia seu desastre foi diser a mestra da ordẽ

15 mãdasse aquella novissa abaxasse os olhos que estava oulhãdo para o choro, sentiu histo cõ grande estremo tomando ẽ caso de hõrra presumirsse della tal, e vendo lhe não aproveitavãõ remedios humanos recorreo aos devinos pediu ao santissimo sacramento lhe acodice ẽ aquella tribulassãõ, entrando a hũa das oras para o choro fes a mesma petissãõ cõ grande instansia eabaxãdosse aporta delle abeijar o chãõ como e costume

20 sentiu cairlhe alasca ese viu sã de todo, cõ grande consolassãõ sua em pago desta merce foi toda sua vida tãõ morteficada que parecia imobil. outra merce lhe fes o sanctissimo sendo ja [fl. 124 v.] professa teve hũa esquinensia que lhe deixou hũa chaga em agarganta aqual lhe durou tres annos, desconsolassãõ para ella grandissima por que não podia seguir sua aspera vida posto que ẽ o coro ecomunidades nũca faltou, recorreo a

25 este piedoso Senhor sacramentado lhe tiraçe tãõ perluxo mal e pedindo o em hũa comunhãõ cõ mor eficacia ao tomar o lavatorio sentiu deçer para baxo oque quer que era efficou desde essa ora sam e desẽpedida da garganta, fes sua profissãõ cõ grande espirito que conservou cõ grandes sinais de vertude toda avida, amava a Deos cõ grande affecto deque lhe nassia servillo cõ muita perfecsãõ. tinha muita oraçãõ vocal ao que nos

30 viamos que se atinha mental seria quando estava ẽ seu recolhimento secreto que della não sabia nenhũa pessoa mais que o que não podia ocultar, e para avocal ser cõ mais atensãõ e espirito quãdo lho não inpedia officio da obediensia tomava muitas oras para

¹¹⁷⁸ *sedo*] corrigido.

estar em o choro, e ainda tendoo as furtava ao sono para não faltar em se dar a Deos. ã estes ultimos annos de ordinario estava ã elle orando quando lhe pergütavão para donde hia respõdia vou para casa de meu pai. o seguimento das comunidades foi raro e servir em elle cõ tanta deligencia e cuidado como se so em ella carregara essa hubrigassão.

5 Quanto tinha ou pudia aver gastava cõ a igreja ganhãdo para esse efeito cõ suas mãos o com que a ornava e succedeo sendo sanchristã mor ser o anno [fl. 125 r.] de tão grande fome que não queria ninguẽ trabalharlhe em o sepulcro senão por pão e ella cõ hũ amor de Deos ardentissimo dava a sua resão da comunidade sã lhe ficar para seu sustento nenhũ em que padeção nessessidades grandissimas porque o não achava por dinheiro
10 mas tudo para sua devassão era leve e suave.

Foi mui devotta de nossa madre santa clara e porque em a igreja não avia imagem sua acõprou ella de estofo fermosissima edeu outras muitas pessos, que sua felicidade estava ã adornar o tẽplo de Deos.

Não so cõ a igreja husava esta liberalidade porem cõ a comunidade gastava quãto tinha
15 cõ hũa çede grandissima de remedear as faltas que ã o convento via, a ella se deve o louvavel costume de as religiosas gastarẽ quanto tem e pussuem em os officios dando ã elles quãdo os tem a seu cargo tudo quanto se ha mister desde a bassoura ate a melhor pessa sã as madres abbadessas darẽ para as officinas nã valia de hũ alfenete cõ tanto despendio que sera deficil de crer aquẽ onão vir cõ o que se sustenta esta casa de oração
20 que anão ser asim fora impossivel pudersse viver em ella. este piedoso costume nos deixou esta insigne religiosa que desde que professou todos os officios que lhe ãcarregavão deixava reparados do nessessario de modo que ficavão as ofessinas mui outras do que as achava a este exẽplo a forão seguindo todas e tão ãpenhadas em irẽ aumentãdo tudo que se ve bẽ [fl. 125 v.] não terẽ as religiosas desta casa outros
25 entretinimentos e cuidado mais que acudirẽ asuas hubrigassões e cerviço de Deos, cõ o que ella se alegrava muito elhe dava muitas graças de gastarẽ cõ elle o que lhes dava.

Era zelosissima da religião sentindo qualquer faltasinha que viçe nella muito ese opodia remedear o fasia cõ grande cuidado.

Em o vestido etoucado husou sãpre hũa cõpustura religiosa sem ter nã em mossã nenhũa
30 curiosidade de sim, mais que de agradar a seu Deos succedeo que vindo hũa servidora a hũ recado de inportansia a oras que se queria ãcostar em seu leito viulhe vestir o abitto

de durmir, singir corda por hũa toalha tão cõprida e pouco crespa como sêpre trasia e por
sima atransadeira que trasemos em memoria da coroa de espinhos e logo oveo abalousse
de riso epergõtoulhe para quẽ se ẽ feita vossa merce respõdeo para meu devino esposo
que sei eu se esta noite me batera aporta enãõ querera acharme descõposta, deteveçe a
5 servidora hũ pouco eviu que tomava hũ livro para resar etornoulhe apergũtar que e isso
que agora resa dis sãõ hũas orações para aora da morte por que quẽ me dis amim nãõ
sera esta noite, a puresa de consiensiã cõ que viveria quẽ fasia estas considerações eas
trasia tanto em a memoria julgue quẽ sabe temer a Deos e sabelo ha ponderar melhor do
que eu escrever, muitas noites se nãõ despia esta religiosa senãõ que asim como andava
10 de dia passava anoite sobre [fl. 126 r.] hũa cortiça, prinsipalmente as sextas feiras
daquaresma que nẽ acabessa reclinava senãõ que em a pustura que avensia osono
otomava, acama era cõ cubertas sem outro algũ regalo.

A abstinensia foi notavel jejumava as quaresmas so cõ ervas ou legumes e as sextas
feiras cõ sinco folhas de oliveira o jejũ dos trespasso fasia todos os annos que e desde
15 quinta feira de endoensas ao jantar ate sabado amesma ora nãõ comer de pão e agua
fasia muitos pello descurço do anno.

As oras ẽ que o Senhor esta exposto pellas endoensas esteve muitos annos em
reverensia do devino sacramento de juelhos ou ẽpe e oseu orar de juelhos era tãõ
continuo que se admiravãõ todas de opoder aturar.

20 As dessiplinas erãõ continuas emui largas e muitas de sangue e disẽ que por todo o
corpo.

Muitos annos antes de Deos alear tomava todos os dias hũa de quinze golpes para ẽ o
cabo do anno faser contia¹¹⁷⁹ de tantos quantos derãõ achrismo, estes dava cõ hũa cadea
de ferro e em o fim dela hũa bofetada mui grande ẽ memoria da que lhe derãõ ẽ casa de
25 annas¹¹⁸⁰, histo fasia a desoras ẽ hũa casinha ẽ que durmia mesmo ẽ o durmitorio que
causava as religiosas que o ouviãõ, grande pavor e confusãõ. esta dessiplina tomou tres
dias antes de Deos alear que foi o ultimo que esteve em pe andando ja tãõ fraca
eacabada que sobre hũ bordãõ se nãõ podia ter. quando a amortallarãõ lhe acharãõ o
corpo cheio de rõchas enodoas negras das cadeias porque se viu a tomava por todo elle,

¹¹⁷⁹ Forma arcaica de *quantia*, BLUTEAU, t.1, p. 319.

¹¹⁸⁰ Anãs "abreviatura hebraica de Ananias, nome do sumo sacerdote judeu, sogro de Caifás, que interrogou Jesus depois de preso" (Jo 18, 12, 26), *Dicionário Cultural da Bíblia*, p. 38.

em mossã segũdo se entẽdeo della trasia muitas veses ciliçio agora se não sabia por que não comunicava tanto as religiosas, e era mui secreta ã suas cousas.

Era zelosissima do silencio e ella oguardava cõ suma perfeccão os que ã anossa ordẽ seguardão despascoa da resureccão ate anatividade da senhora não falava [fl.126 v.] de
5 todo em essa ora senão que apassava ã o choro ou ã sua çela so tãobem fasia amesma morteficassã pella quaresma em o dia de sexta feira e desde quinta feira de endoensas ate ao sabado que achavão a aleluia e em tudo que era penitensia e mortificassã foi mui absterã.

Em avertude da charidade do proximo se asignalou esta religiosa de sorte que foi
10 insigne ã ella foi infirmeira pela obediensia dous annos mas por gosto einclinassã perpetua. quãdo deu peste em este convento sendo muito mossã curou as feridas cõ tanta charidade e amor que nẽ temia a contagiã nẽ a cansava otrabalho o qual foi tão excessivo que a escusou aperlada de resar o officio devino por não ter tempo, ella as servia lavava e alimpava esẽ nenhũ temor lhes applicava as mesinhas lhes fasia de comer
15 por sua mão e as ajudava amorrer e amortalhava. succedeo hũ caso dino de ponderar omerito da charidade ecomo Deos apremeia mãdou esta religiosa depois de aplacar ofogo lavar o seu abitto por estar infestado epor desatento foi a casa de hũa irmã sua casada que tinha meninos ninguẽ se guardou delle ã sujo ea ninguẽ se pegou nada, depois de lavado hũa molher que não era de sua casa ovestiu por curiosidade e feriusse
20 logo, trouxerãono a madre soror brites a ella nẽ acousa chegou omao ar trasendo.

Ella era orefugio de todas as ãfermas atodas acodia cõ o mesmo amor e de tudo sabia curar cõ graça particular de seu propio natural sabia consertar mẽbros atodo tempo a toda a ora hia quãdo a chamavão sã se [fl. 127 r.] cansar nẽ molestar e asim era o santo amaro¹¹⁸¹ de todas, e o fasia cõ tanto gosto ebõ senblãte que ninguẽ se pejava della ate
25 fora do convento fes curas a meninos que ca lhe trasiã dẽtro e apessoas grandes a porta reglar que vinhão buscar remedio e ella cõ grande charidade lho dava nenhũa pessoa quis nada da sua çela que não achase cõ tanta vontade que parecia estava seu regalo ã faser bẽ. selhe vinha amão algũ regalo ou fructa não o comia equando hũas subrinhas que tinha pelejavão cõ ella que sendo velha e doente senão aproveitava do que tinha
30 respõdia guardoo para quẽ tiver maior nessessidade que eu.

¹¹⁸¹ Santo Amaro (também conhecido por S. Mauro) nasceu em Roma, foi discípulo de S. Bento. Introduziu a Ordem beneditina em França; o seu dia é celebrado a 15 de janeiro.

Eragrande esmoler ate asua ressão dava por amor de Deos epella inquietassão que dava asuas subrinhas que se cõpadessião della afasia as escondidas e asim seficava sê comer. quãdo lhe faltavão ocasiões de faser bẽ ao proximo remẽdava ecosia as velhas que onão podião faser.

- 5 Teve grande sofrimento ã os trabalhos eẽfermidades cõformãdosse ã tudo cõ avontade de Deos egrão sofredora de agravos e os relevava cõ grande sofrimento epassiencia sem ella os faser animguẽ por que era de excelente natural eainda que aescãdalisaçẽ nẽpor isso deixava deservir aquẽ ofasia cõ tão bom semblante como as amigas.

Cheia de virtudes eannos chegou aora de seu descanso faleçeo de hũa colirica ã tres
10 dias notousse que em nenhũ deixou de ouvir missa oprimeiro antes que se recolhesse acama osegundo comũgou o tirsseiro ã que morreo ãrou seu corpo pello coro a ora que ã vida costumava a ãtrar [ã elle]¹¹⁸² a ouvir amissa da alva e não quis Deos que nẽ em aquelle dia ella perdeçe olouvavel costume de ouvir todas as missas, morreo cõgrande serenidade ecomo hũ anjo cõ seu corpo tão lastimado de penitencias derramamos
15 ãfenitas lagrimas e de perdermos tal [fl. 127 v.] coluna da religiã acharãolhe desiplinas ecadeias tudo cheio de sangue eoutros instrumentos de penitencia. foi seu transito a 19 de junho de 1647 annos.

Cõta hũa molher muito vertuosa esua conhessida que falecendolhe hũa filha donsella de tanta vertude que era por ella conhessida amãdou amadre soror breatis chamar elhe diçe
20 estas palavras maria da fonseca (que asim se chamava) não vos madei chamar para vos consolar do falecimentode voça filha senãõ pera vos diser que não esta [...] ¹¹⁸³ em o fogo do purgatorio que so passou por elle. tinha a molher tanta fe ã sua vertude que tem para sim lho revelou Deos oqual seja louvado para sempre em seus servos amen.

25

¹¹⁸² Rasurado.

¹¹⁸³ Propositadamente apagado; do que nos é permitido perceber, parece repetição de *voça filha*, que a autora apagou.

**[fl. I r.] livro tersseiro emque se conta a vida erevelassões emilagres da veneravel
madre maria das chagas**

argumento

5 Avida da madre soror maria das chagas que em este convento da speransa floreceo em
nossos tempos e acabou louvavelmente sua carreira, escrevo não so pello que vi e
exprimētei, mas o que cõtão e jurarão em hũa inquirissão de suas vertudes todas as que
a conhecerão, particularmente as madres soror joanna baptista e isabel dos anjos que
atratarão familiarmente muitos annos, e do descurço de sua vida alcansarão muitas e
10 raras vertudes ã que se asignalou, estas madres para seu aproveitamento e consolassão
spiritual as escreverão e asim mesmo algũas grandes merces que de Deos recebeo as
quais tirarão della cõ muito trabalho e industria, não ãbas juntas mas ã diferentes tempos
sem saber hũa da outra valendosse para isso de seus confeçores lhe mãdaçem que para
gloria de Deos e bem de suas almas lhas comunicaçe, o que ella fes forssada da
15 obediensia, por que era esta benditta alma tão humilde e se alcansara que estas
religiosas cõ animo de outrem as saber lhas pergumtavão ou por outrofim. [fl. I v.] mais
que por se aproveitarẽ se des consolara cõ grande extremo e asim era nessessario grande
cautella para dela alcansarem qualquer de estas cousas, e em omodo cõ que as desia e o
grande medo cõ que as recitava sevia bẽ o efeito dalma verdade e puresa do coração
20 donde as tirava cõtantas lagrimas que as deixava edificadas ecõ hubrigassão de louvarẽ
a Deos em suas obras: e ella lha punha ao segredo debaxo de grandes vottos e
juramentos.

Estes apõtamentos destas duas religiosas (que ellas ja jurarão por verdadeiros) são os de
que fielmente ei tirado omais do que escrevo desta bẽditta alma para gloria de Deos e
25 hedificassão dos fieis.

[fl. II r.] torna a invocar a autora a Virgem nossa senhora para comessar a escrever a vida de esta madre e pede-lhe a ella perdão e favor

Lira

Pereçoso letargo

5 en cujo sueño sepultado avias
por descurço tan largo
la mas rara virtud de nuestros dias
cesse tu pesadilla
dexa ja pregonar tal maravilla

10

Pero mi tosca lengua
atrevida se opone alo devino
cierta sera mi mengua
pues considero el talento indigno

15

i es mucha confiansa
hablar de un fenix io de la speransa

O Virgen mas hermosa

que el alba bella al despuntar del dia

20

aqui madre piedosa
atu ajuda inplora mi osadia
faboreçe mi intento
que de serbicio passa a atribimientto

25

[fl.II v.] Temeridad parece
oponerçe a tal lux mi niebla obscura
mas tu piedad me ofreçe
confiansa mas çierta imas segura
que para su çerbiçio

30

la niebla aparte el sol que esse es su officio

Fabor Reina devina

que si para descrevir echos humanos

sienbló mi pluma indina

i se valio del valor de aquessas manos

5 aora que hasta el çielo

presumo de llegar guiad mi buelo

Ja bos illustre madre

que dela mortal carçel desazida

10 gosais del dulçe padre

la gloria que os conpro dando su vida

a quel cordero hermoso

de regalar al alma deseoso

15 [fl.III r.] Passastes el invierno

llego vuestro verano deseado

i burlando el infierno

hasta el inpirio cielo aveis bolado

do libre de themores

20 gosan del dulçe fin vuestros amores

No os deis por ofendida

de que tan rudo ingenio i vil gusano

los describa atrebida

25 guiad la tosca peña la i mi mano

que atanto sol reselo

ver qual icaro¹¹⁸⁴ mis alas por el suelo

30

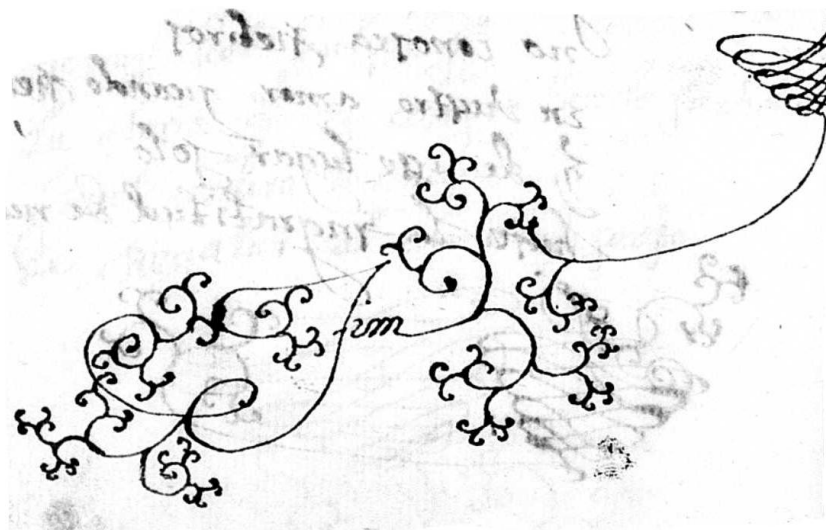
¹¹⁸⁴ Referência à figura mitológica de Ícaro, que ousou desafiar as recomendações de seu pai Dédalo para poder voar mais alto, perigando a própria vida. Este mito simboliza o castigo do homem pela sua ambição desmedida. Soror Antónia pede à Virgem que lhe *guie* a pena, para que o seu engenho não *voe* muito alto, receando a queda, tal como aconteceu a Ícaro.

Pues pretendo serviros
por vos misma, animad mi humilde zelo
no conosca retiros
en vuestro amor quando reinais nel çielo

5 que de esse lugar solo
huje la ingratitude de nuestro polo

[fl. III v.] Interçeded mi madre
conel rei soberano de la gloria
10 pues mi ignoransia sabe
el entendimiento alübre i la memoria
que en materias tan altas
el mas subtil juisio cae en faltas

15 Bien se que vuestra vida
en laminas de plata letras de oro
a escrevirçe conbida
o en las almas por maior decoro
pero mi ingenio pobre
20 por que otro enmiende en oro escribe encobre



25 (Fac-simile do fim da Invocação de Soror Antónia Baptista)

**[fl. 1 r.] nassimento e criassão da madre maria das chagas e sua vocassão a religião
- cap. primeiro**

Entre as flores cõ que Deos matisou este jardim da speransa quis fosse a prinsipal a
5 madre soror maria das chagas, mostrandosse entre ellas como a rosa, que em o bisarro
da ponpa, em o agradavel da vista, em o suave do cheiro, se avantajá atodas; em as
demais vemos, que se ã hũas agradãõ os matises, não a fragansia, seem outras ha esta,
faltalhe o artefício das folhas bem formadas, e se dellas se adorna algũa, não tem o
actrativo carmim que desta rainha das flores rouba tanto avista, quanto delecta a
10 suavidade que respira.

O mesmo se vera em esta benditta alma emque Deos sifrou as vertudes que por as
outras reparte, por que bastando parte dellas ha misericordia devina para se inclinar a
amallas, ã esta como a escolhida sua as ajuntou todas cõ tão liberal mão que a fes hũ
protento de nossos tempos, hum espelho de vertudes e hũ exsemplo de vida religiosa,
15 como se vera ã o descurço de sua vida, posto que recitada por tão tosca penna.

Naceo a madre soror maria das chagas anno de 1543 a 19 de novembro de pais mui
nobres elle se chamava rui dias de oliveira e sua mãi [fl.1 v.] margarida mexia natural
de câpo maior e elle da vila de extremos donde forão moradores, ambos tementes a Deos
e christianissimos como se ve pella doctrina que derão asuas filhas haqual depois de
20 Deos, se deve atribuir muita parte da vertude e boa inclinassão que em ella esta operder
ouganhar de hũ subjecto.

Chamavaçe esta madre ã omũdo isabel de oliveira teve dous irmãos homens e amadre
soror ines que cõ ella veio pera a religião e de igual vertude ambas.

Era esta religiosa de que escrevo amais velha e asim tratavãõ seus pais de casala em
25 oque ella nũca consentiu e engeitou muitos egrandes casamentos como era tão amiga de
disfarssar suas vertudes desia que por altiva e soberba os não aseitara, era mui loussã e
amiga de galas, emui briosa aspirava sempre agrandes cousas oque não lhe valeo pouco,
pois so de Deos se contentou e achou amerecia, mandoulhe seu pai dar conta de hũ
casamento por sua mãi a quẽ ella respondeo que não avia de casar senãõ cõ homẽ de
30 mor calidade que ella e que tiveçe acomenda de Cristo em os peitos, contava ella, que
respõdera seu pai muito agastado disei a voça filha que não seja tão douda o que ella

sabendoo dessimulou, e quãdo histo contava desia, o dittosa doudiçe que tanto bê me fes.

Vendo seus pais que não se inclinava aquelle estado tratarão de a faser religiosa e era ouque ella desejava porem ensestia que fosse da primeira regra de nossa madre santa
5 clara ã o convento da madre de Deos de Lisboa fiserãosse deligensias porem não
quiserão aseitar duas irmãs [fl. 2 r.] juntas, e ella não se atrevia adevedirçe da madre
soror ines, asim não teve efeito cõ grande desconsolassão sua, que desejava versse em
hũa religião muito apertada e em hũ convento mui observante, diçerão aseu pai o era
este muito easim se dete[r]minou¹¹⁸⁵ traselas a elle, sua irmã se conformou logo por que
10 ã avida spiritual caminhava por outro modo diferente, não lhe dava de lhe verẽ faser
penitensias nẽ de ser notada de abstéra, a madre maria das chagas fugia toda a
singularidade e louvor e desejava segundo eu entẽdo viver ã a perfecsão da primeira
regra por não ser notada de não faser vida comũ que como era tão humilde desejava a
reputaçẽ por grande pecadora enão por observante e abstinẽte, e asim cõ esta
15 inquietassão viveo muitos annos depois de professa.

Tornãdo aseus principios ja ã casa de seus pais comessou a darsse tão de veras a Deos,
que mereço estando ainda nella, faserlhe particulares merces e favores, o primeiro foi o
auxilio que lhe deu para furtar o corpo ao mũdo ã o melhor de seus annos e aspirando ha
vida religiosa que escolheo dar de mão aos enganosos regalos que elle lhe prometia, o
20 segũdo foi o que se segue e de que tomou motivo para onome que teve.

Estando hũ dia ã seu oratorio ã oração a arebatou Deos e alevou dẽtro de sim mesma e
viu hũ orto e cãpo verde donde estava christo crucificado ã hũa crus aquẽ ella vendo
diçe ja que vos pusestes nessa crus por mim evos chagastes nella eu ã a vida [fl. 2 v.]
que por vos escolho tomarei onome de essas chagas, durou este colloquio entre Deos e
25 ella bõ espasso a seu parecer por que repara ella ã que quãdo ãtrou emsi se achou ainda
de juelhos cõpriu sua promessa trocando o nome de isabel em maria quãdo tomou o
abitto cõ o apelido das chagas, desde o dia de esta visão por diante avorreço pai (que
mãi ja a não tinha) etudo do mundo, so desejava, agradar aseu devino esposo por todas
as vias fugindo de tudo que deste amor apodia apartar.

¹¹⁸⁵ Emenda do editor.

Não entêdeo por êtão que se significava mostrarselhe christo ã hũ câpo verde mas depois de mais perfecta conheço ser a esperansa pera donde aqueria e chamava, e quando em todo o descurço de sua vida via nocoro o crucifixo emrramado como as sarchristans o tem muitas veses, desia se lhe renovava esta lembransa.

5 Tomou o abitto anno de 1570 tendo 27 de idade, depois que se viu ã areligião asim se soube dar a Deos como quẽ tão claro conhessimento tinha de quãto inportava a sua salvassão pois de aquelles sinco caudellos rios¹¹⁸⁶ avia aprendido a mais alta doctrina e perfecsão de custumes que em a religião podião emsinarlhe, asim em ella continuou os que trasia que não avia que [fl. 3 r.] advertir a quẽ não teve a Deos por mestre e com os
10 bõs exsêplos que em ella achou se foi acrisolando seu spiritu de sorte que chegou a perfecsão que ao diante se dira¹¹⁸⁷. em o anno da aprovassão deu tão grande satisfassão de sim que bem pronosticarão todas avertude cõ que viveo e morreo, fes sua profissão cõ tanta devassão e espirito como a tal acto se deve quando se viu com novas hubrigassões asim tratou de satisfaser a ellas, que em cada votto ou passo da regra
15 parecia que so aquelle se avia subjectado sendo que em observar todos era pontualissima, o silensio era ordinario e continuo por que so cõ Deos falava e cõ as creaturas delle, eo que inportava a charidade do proximo ou o que era nessessario para governar a vida; mas palavra oussiosa nã alta nũca ninguẽ lha ouviu, em o seguimento docoro e comunidades tão continua que so em cama doente faltava dellas, o toucado e
20 vestido não so conforme a regra, mas cõ hũ desprezo de sim tão grande como quẽ so fasia cabedal de agradar aseu devino esposo. o abitto era, verão e inverno de pano grosseiro e quasi sempre remendado curto e estreito o capello hũ pedasso de pano de linho grosso, oveo hũa pequena de india tinta, estas erão as galas cõ que ã mossa agradou seu amante aquẽ so estas em hũa religiosa lhe contentão, seu termo de vida foi
25 este desde seus prinsipios que bẽ pronosticavão tão glorioso fim. [fl. 3 v.] não mereço nũca hũ pequena repreensão por que não selhe conheço nã em seus primeiros annos hũa ãperfecsão que aparecer das que a tratavão fosse culpa grave nã podia avella em alma aque Deos tanto se comunicou, regalandoa cõ tão grande enchête de favores, como em o descurço de este tratado se vera, advertindo que e amenor parte das que lhe fes. e
30 seguirei ã as contar o mesmo estillo cõ que estão escrittas pellas duas religiosas aquẽ

¹¹⁸⁶ Referência às cinco chagas de Cristo.

¹¹⁸⁷ Parece uma rasura propositada que deixa a dúvida entre as formas *dira* e *vira*.

ella as comunicou por não mudar as mesmas palavras cõ que ella as recitava, tão cheias de espirito que fora grande atrevimento querer trocalas.

**da penitensia e aspera vida de esta serva de Deos e da passiensia ã os trabalhos -
5 cap. 2º**

De esta vertude se sabe mui pouco posto que toda sua vida era hũa pura morteficassão, como se conhecia de suas acções etrato, mas tudo o que esta religiosa podia ocultava suas vertudes para anão terem emboa reputassão e era o em que mais deligencia punha, e assim forão tão secrettas que so de Deos as fiava e so as que onão pudião ser se sabião
10 que era tomar dessiplina todos os dias sem asseitoar nẽ dia de pascoa da resurecsão que ate em dia [fl. 4 r.] de tanta solẽnidade não perdoava a seu delicado corpo oqual chegou a estar tão consumido que quando se estendia em acama selhe desencaxavão os ossos de seus lugares como ella me contou por veses eque tornando a dar outro geito os encaxava, e desia que cõ excessivas dores que offerecia a Deos por penitensia pois não
15 podia faser outra por sua pouca saude e larga idade, porque ao tempo que histo me contou ja anão tinha para tomar dessiplina, nẽ faser outra penitensia, mais que a do negamento da propia vontade, subjectandoa a outrem fora de seus perlados por em nada seguir a sua como o fes em hũa vespera de nattal, que pediu a hũa das religiosas aque comunicou as merces que Deos lhe fes que por amor do menino Jesus lhe avia de faser
20 hũa cousa que lhe queria pedir respõdendolhe que podendo o faria, diçelhe que quando ella não conheçesse seus defectos e tiveçe algũ a repreendeçe e desse penitensia eque lhe não perdoaçe nada.

Outra ves pergütandolhe amesma religiosa se lhe avia Deos feito algũa merce mais que as que ate emtão lhe avia contado ella diçe que não eapertando muito cõ ella lhe não
25 tiraçe aquella consolassão pois lhe avia dado sua palavra de nenhũa pessoa saber nada della lhe respõdeo que hũa que avia recebido lhe contaria se lhe prometeçe faserlhe algũas morteficassões e despresos, equãdo se offereçesse ocasião em que viçe que o que ella fasia não era muito bem feito a repreendesse, deulle ella [fl. 4 v.] palavra de o faser assim e confessa que o fes muito contra sua vontade mas que o fes por não perder o
30 intereçe do que ella prometia contarlhe e esta palavra cūpriu tãobẽ que nos espantavamos da asperesa cõ que em tudo a repreendia parecendonos (porque não sabiamos a causa) demasia grande cõ pessoa tão perfecta e de tanta autoridade disendo

por muitas vezes que grandepnitensia fasia aquella madre ã sofrer tal termo, eelladis emseus papeis areprendia cõ mais asperesa do que convinha em muitas ocasiões por serẽ de pouca considerassão, mas que por lhe acrecentar mericimento elhe falar avontade lhe falava cõ tal asperesa e termo que muitas vezes se reprendia asim mesma

5 de como atratava edava materia de se escandalisar se não foraa que era mas que ella exçercitava nestes passos hũs actos de humildade tão grande como era porsse de juelhos diante della disendolhe perdoaçe suas ignoransias e descudos elhe desse apenitensia que mereçia, ao que ella cõ desabrimento respondia que a penitensia fosse ãmendarsse e destas morteficassões tirou esta ditosa alma tantos ganhos como pouco antes de Deos

10 a levar diçe amesma religiosa ha minha mãi (que asim lhe chamava porque aservia e estava cõ ella) quãto me tem aproveitado suas repreensões ao que lhe respõdeo quisera eu ja ver a vossa reverenda a proveitada de todo, ella lhe respõdeo cõ muita humildade tẽ muita resão, confessa a religiosa ã seus papeis de que vou tirando tudo, que sente não lhe aver pergũtado acausa porque lhe foi diser histo de proposito enão acaso mas que

15 estar cõ hũa acupassão grãde a [fl. 5 r.] devertiu, contavão as antigas que muitas vezes selansava ã terra aporta dochoro pera que todas passaçem por sima della e ainda em estes ultimos annos de sua vida o fes hũas vezes por hũa quaresma. hũ dia foi pedir a hũa religiosa passaçe por sima d ella ea pisaçe bẽ que omereçia dis a que histo deixou escrito que ella oviu cõ seus olhos. e que quasi forcosamente ahubrigou a que ofiseçe

20 eque cõ tanto fervor estava e corta(?) da contrissão de seu leve defecto que não reparou ã servista de tres ou quatro pessoas, sendo que era ã estas materias tão recatada que antes perderia a vida que ariscarsse aqualquer ventosinho de vãgloria porem não perdia ocasião de castigar sua culpa quando a cometia, a sua irmã soror ines a desia todos os dias e pedia penitensia elhe mãdava lhe pusesse ope na boca, em paga delhe aver feito

25 o mesmo como secõta em sua vida.

Poucos annos antes de Deos a levar vindo a abbadessa de matinas benseo o durmitorio, ella estava ã seu leito que não tinha ja despossissão para ir a ellas, ouviu o tom do resar não tinha o ouvir muito esperto pareceolhe era falar alto equebrantarçe o cilensio como era tão zelosa da regra não opode sofrer e cõ hũa sancta indinassão levantou a vox ediče

30 histo ecousa deste modo seguarda ocilensio a estas oras, a religiosa que lhe asestia chegou logo a fasella calar advertindoa que era benserçe o durmitorio ficou alcansadissima e diçe ocoitada de mĩ que me atrevi a repreender aperlada ejulgar mal de minhas irmãs que estão fasendo sua hubrigassão, quãdo eu peccadora de mim estou ã a

cama, ao dia seguinte ã amanhecendo foi buscar aperlada eachandoa em o meio [fl.5 v.] do durmitorio sepos de juelhos diante della ecõ grande submissãõ e lagrimas diçe sua culpa que era tãõ ma freira que se atrevera a repreender sua reverensia quebrantãdo oçilensio e a julgar mal de suas irmãs quando cõpriãõ a hubrigassãõ em que ella faltava a abbadessa por lhe acrecentar meressimento e faser avontade lhe deu grande repreensãõ chamãdolhe grave culpa e lhe deu de penitensia hũas ave marias que ella logo foi resar ao choro ecõ histo ficou quieta.

Sendo vigaria da casa ãfermou amestra da ordem deulhe a madre abbadessa as noviças para ter cargo d ellas em esta falta, tomoulhe ella culpas hũ dia ã ellas deu as freiras da escolla tãõ grande tentassãõ di riso que nenhũa pode diser sua culpa como e custume exsortouas ella aque a diseçẽ evenseçẽ aquella tentassãõ nãõ ouve remedio quãdo ella viu que nãõ obedeciãõ levouas diante de sim e deitou as pella porta fora disendo hide filhas avoça perlada que vos emmẽde que eu nãõ osou e nãõ posso, apenas tornou a fechar aporta quãdo cahiu sobre sim e vindo para as noviças lhe diçe filhas aquillo que eu fis nãõ o podia faser pois me entregarãõ aquellas ovelhinhas e escandalisei o proximo dandovos mao exsẽplo avos castigaim e pisaim e lansãdosse ã terra lhe pediu passaçem por sima della pisandolhe aboca que tal falara. as noviças se desfasiãõ ã lagrimas vendo aquelle expectaculo enãõ ouve hũa que a isso se atreveçe e cõpungidas de tanta humildade econtirssãõ por muitos dias derramarãõ lagrimas do que virãõ ecõ ellas o conta oje hũa que e viva.

[fl. 6 r.] Pediu hũ dia a hũa religiosa hũa pequena de estopa para fiar hũ tirante que cheia de charidade queria por ã hũa porta de serventia da comunidade para se abrir cõ menos trabalho, respõdeolhe ella que sim daria porẽ que aquella porta tinha ja tirante que outra madre lho avia posto, ella quasi enojada lhe respondeo por ma nãõ dar, dis isso, e foisse ver a porta, a chãdolho volveo como hũ raio, e pos se de juelhos diante da religiosa, ecõgrande humildade e cõfusãõ como mostrava em seu sã blante lhe pediu perdãõ do que lhe diçera sendo tãõ ma que julgava mal de seu proximo sendo ella pior que todos.

Emforcandoçe ã este lugar hũ delinquente a achou hũa religiosa ese erãõ¹¹⁸⁸ as escuras ã a sua çela chorando cõ grande inpito de lagrimas pergũtandolhe que tinha respõdeo, que chorava, ver que aquelle homẽ pagara logo por justiça omal que fisera, eque ella avendo

¹¹⁸⁸ erãõ] rasura na primeira letra.

tantos annos que offendia a Deos tanto, elle lhe esperava soffrendoa cõ tanta passiensia, eque não avia quẽ lhe tiraçe avida pois tão mal a empregava.

Contou a hũa das duas religiosas deque se fiava por grave culpa que tão cheia era de amor proprio, que fasendolhe hũa religiosa queixa quesendo hũa sobrinha sua purteira
5 lhe não dava hũa alfassa da orta do convento elle desia a não avia, eella que era escuta lha mãdara buscar ese foragabar a hũas servidoras e diçera que quẽ tinha gosto de faser as cousas as fasia, este peccado tão grande este mao feito chorou elamentou cõ a religiosa ditta como se fora hũ sacrilegio que ouvera cometido disendo, era grande prova de amor proprio gabarsse assim e culpar o proximo.

10 [fl. 6 v.] O sacramento da confissão frequentava muito ainda que tiveçe defectos de considerassãõ por que qualquer falta fasia em sua alma grande pejo e depois que comũgava spiritualmente como ao diante se dira se confessava mais amerude. oque foi gejũs da igreja eda regra era cõ grande pontualidade, depois de ser muito velha
15 não podia porque acontinua oraçãõ lhe consumiu as forssas alem d este exercissio agastarãõ muito, os trabalhos que em perlasias e offiços teve por a obediensia que quẽ sopor ella os fas cõ tanta perfecssãõ sem admitir descanso como ella, bastante penitensia e emquanto se dicerãõ matinas ameia noite que as alcansou muitos annos porque em seu primeiro trienio se mudarãõ aoutra ora, sêpre se ficou ã oraçãõ ã o choro ate aprima sê se tornar a encostar nẽ dar mais descanso aseu corpo senãõ o primeiro sono.

20 Sua cama ainda depois de muivelha era mais penitensia que descanso sem nenhũ lensol efeitãõ raramente, ediçe ella que quãdo a fasia era tormento grande emorteficassãõ notavel não pello trabalho que cõ a faser tinha senãõ pelo desejo grande de dormir em hũa cortiça parecendolhe tão aspera e desabrida cama muito regalo, por se aleviar ã esta penna que sentia, indo a fassella hũ sabado antes da primeira dominga do advento anno
25 de 1616 pos em seu coraçãõ epensamento que aquelle conserto era para hospedar avirgẽ nossa senhora quãdo hia para egipto e cõ esta considerassãõ fes acama varreo açela cõ grandissima alegria e logo Deos lhe pagou este [este]¹¹⁸⁹ cerviço, por que em se lansãdo em acama viu cõ os olhos interiores hũa lux divina quealhe [fl. 7 r.] durar mais que ã quanto se abre efecha hũa mao acabara avida, e ficou tão esperta que não podia tomar
30 sono mas mui cheia de aquella consolassãõ espiritual e depois de se ã comẽdar ao seu anjo da guarda repousou hũ espasso e acordando viu cõ os olhos da alma

¹¹⁸⁹ este] repetiçãõ.

clarissimamente sobre seu traviçeiro da cama para hũ lado d ella o senhor atado acoluna
oqual lhe deu hũ conhessimento grandissimo de suas imperfecções elhe mostrou
levandoa ao profundo do inferno (não que nelle viçe demonios) como aquelle lugar era
pouco pera satisfassão de seus pensamentos e cousas que lhe parecião venealidades¹¹⁹⁰,
5 mas por serẽ feitas contra a devina magestade, devia a justiça devina castigar cõ tão
grande rigor como aquelle, e deste dia por diante pode considerar ã o inferno que athe
emtão nũca ã elle podia cudar nẽ representar, duroulhe esta visãõ, aseu parecer, hũ
quarto de ora, mas abrandura do coração lhe ficou algũs dias que parecia como çera
selhe derretia. em cada hũa destas ocasiões ficava cõtaes efectos de humildade, e
10 despreso de tudo ocreado que em histo via serem aquellas merces de Deos, enãõ aver ã
ellas ãgano. histo contou ahũa das duas religiosas maravillhada de como Deos pagava bẽ
qualquer desejo de oservir.

Dis mais a mesma que histo deixou escrito que onãõ [por] por¹¹⁹¹ obra durmir em
acurtiça ã este tempo seria por a idade lhe não dar lugar que era ja mui larga e cheia de
15 enfermidades, e eu digo que em ella durmiria porẽ que não estava hubrigada por
oconfeçor acõtar vertudes senãõ as merces easim so essas desia incubrindo opropio
merecimento, e asua çela era mui pouco seguida por que todas sabião o familiar tratto
que tinha cõ Deos enãõ querião inquietalla a desoras, que não fora [fl. 7 v.] pequena
pena para ella conheçerelhe qualquer vertude que não queria em oexterior faser
20 diferenca das outras etanto era histo asim que diçe por muitas veses que desejava
infenito faser muitas cousas ã que se despresaçe mas que por não dar ocasião de diser
algũa em seu louvor eterẽna ãboa conta onãõ fasia por que como nosso senhor lhe tinha
dado conhessimento de qual era, via que não merecia diserçe della cousa boa, asim que
fassilmente puderia faser esta penitensia cõ acautella que em tudo husava, ede outras
25 muitas que senãõ souberãõ ou as antigas deixarãõ ã cilensio, por que fama era que em
mossa fisera muitas, que alma que atãõ alto grao de oraçãõ e uniãõ cõ Deos chegou não
pudia deixar de passar por a via purgativa.

Emvejava de cõtinuo aventura dos santos martires e a fortaleza cõque padeçerãõ tantos
trabalhos por seu Deos, e asim hũ dia de s. joseph lhe fes merce de lhe magnifestar
30 agloria da coroa do martirio que ella soube sentir mas não cõtar so lhe ficarãõ (pello que
viu) grandes desejos de ser morta espedassada pisada debaxo dos pes das creaturas e

¹¹⁹⁰ Mesmo que faltas leves.

¹¹⁹¹ *por*] repetição.

arastada de modo que toda ali se consumisse. duroulhe este desejo cõ grande excesso das seis oras damenhã athe omeio dia.

Em o comer foi temperadissima ãmossa passava socõ o da comunidade que era bastante abstinensia depois de velha edoente tinha sêpre quẽ lhe [fl. 8 r.] fiseçe charidade pella
5 devação que asua vertude tinhão, mas comia mui pouco e ainda do que lhe davão elle era nessessario tirava esmolla para os pobres queria selhe guisace mui desabrido e falto de tẽpero disendo lhe fasia dano, e se acaso lho achava deitava ã o comer agua, oque sem duvida era por se morteficar, posto que dava a resão que ei ditto por se não saber sua penitensia.

10 ã as infirmidades (que teve tantas etão penosas de urdinario, que desiamos era asua vida de milagre) selhe viu notavel sufrimento epassiensia, por que as tomava por penitensia de seus peccados como diçe a hũa religiosa estando hũa ves mui atormentada de dor de queixos que permitia Deos seus mesmos ossos lhe fiseçẽ guerra e se levantaçẽ cõtra ella servindolhe de penitensia pois não fasia outra, e asim nẽ hũ ai selhe ouvia senão hũa
15 serenidade de animo mui grande.

So ã hũa sesta feira de endoensas ja ã osultimos annos de sua vida avimos gritar fora de todo o costume cõ hũas dores tão excessivas que acodindolhe eu e outra religiosa as seis oras da menhã equerendo ella revolverse não achamos nũca via humana porque pudeçe ser que em qual quer parte de seu corpo que tocavamos se queixava lastimosamente
20 prinsipalmente de dores de costado disendo, este costado filhas este costado não pode corpo humano cõ estas dores bẽ entẽde mos erão as dores da paxão pella [fl. 8 v.] novidade de suas queixas que erão muitas para seu sufrimento; porẽ nũca me atrevi apergũtarlho porque me pareceo grande atrevimento, sendo que o desejei muito porẽ tinhamoslhe tão grande respeito que sêpre que o intintei me acovardava, so sei que me
25 fui para o choro evinha ameude vella esẽpre aachei cõ estas dores desde as seis damenhã ate o meio dia ou hũ ora emque ja estava quieta easim tenho por serto lhe fes Deos a merce que sempre imaginei de lhe dar asentir as dores de sua sanctissima paxão por que a religiosa que tinha cuidado della diçe aoutra que virãdoa esse dia ã a cama lhe rengirão os ossos ã o corpo como desẽcaxados hũs de outros.

30 E podesse ter por serto que se sua fraca cõpreissão e larga idade não dera alcance as forssas corporais lheviramos faser sêpre muitas penitensias segũdo os grandes desejos que tinha de padeçer muito por christo efaser penitensias não ficando ã ellas inferior aos

santos mais avantajados ã ellas pois em todas as virtudes resplandeço tanto e assim a fasia em sofrer as penalidades que Deos lhe dava cõ grandissima passiensia que ella confessou sêtillo muito ã seus prinsipios afalta da vista¹¹⁹² mas avendo ser vontade sua ate aperda de onã ver ã o devino sacramento sofria cõ muita consolassã por ter ã essa pena merissimento epenitensia.

[fl. 9 r.] como esta madre se asignalou ã avertude da humildade - capi. 3º

Entre todas as virtudes que ouve ã esta insigne religiosa ada humildade procurou sempre cõ mor cuidado como quẽ sabia bẽ que nella ha de ter seus firmes alicerçes a alma que de veras se entrega a Deos e deseja fasersse morada sua porque faltandolhe oconhessimento de suas miserias dara cõa machina das demais virtudes ã terra.

Quando o soberano mestre (estando ainda ã o mũdo) selhe mostrou ã hũa crus lhe ensinou desde aquella cathedra esta devina doctrina ã a humildade que exercitou desde opresepio ate subir a ella.

E assim ã esta vertude resplandeço esta benditta alma mais que em todas, procurando cõtã insaciavel çede que nũca lhe pareço era de veras humilde, e peloser suspirou toda avida. entẽdendo que oque esta vertude aniquilla osubjecto ã que assiste realssã as de mais, eo que ella desfas aperfecsoa oespírito sancto cõ soberanos dons como se viu ã asanctissima virgem que quãdo se confessou escrava se achou mãi do mesmo Deos.

E como elle escolheo esta alma para morada sua eselhe quis comonicar cõ tantos favores, acriou tã perfecta ã esta vertude que bẽ podemos chamarlhe por antonomasia a humilde, pois por excelensia se asignalou ã ella entre as almas de que sabemos o forão muito.

Histo quãto anosso parecer que os mercimentos dos justos [fl. 9 v.] so Deos os sabe e pode regular.

Para se conhecer parte de esta verdade ouvera de aver visto todo omũdo o exterior deste seraphim, em que logo se conhecia a humildade de seu coração de que davão sinais as mostras exteriores como reflexos da interior.

¹¹⁹² *afalta da vista*] passagem sobreposta no texto.

Era em seu tratto econverçassão chã sê carrancas ipocresia nê fengimentos, senão cõ hũa sinceridade tão acrativa ehũa submissão tão afavel que ahũ tempo confũdia e roubava as vontades de todas ã o senblante ã as acções ã andar ã falar finalmente em
5 interior de que Deos a dotou pareceria hiamos contra amesma verdade, oandar era sêpre inclinada, ofalar confessarçe por indina de qualquer bẽ emerecedora detodo mal, chamãdosse a grande peccadora, inutil, miseravel, e pior que todas, sê proveitopara nada, sega que so de dar trabalho servia, estes erão os epitectos de que se hõrrava.

Em os officios de humildade ella era sêpre a primeira que acodia easim mesmo quãdo
10 ao sabado se tangia acãpa para as religiosas acodirẽ a barrer como he custume ainda que fosse abbadessa ou vigaria, sê as ocupassões dos tais cargos lhe serem inpedimento, evinha ja da sua cela cõ oabitto emfraldado e deitado ao pescosso hũ cabrestinho de ourelo que lhe recolhia as mangas e cõ hũa alegria notavel se punha a barrer cõ as outras e se algũa por cortesia de sua idade e respeito atanta vertude lhe tomava a bassoura [fl.
15 10 r.] pedindolhe serecolhesse que ali estava muita gente respõdia, ora filha não me fassais perder omeritto da santa humildade se as outras barrẽ eu porque não o farei não sujo como todas.

Sendo ja mui velha etendo o officio de vigaria da casa adoecerão hũ verão todas as servidoras em o ella sabendo eque não avia quẽ serviçe ã a cosinha, pos logo seu
20 cabrestinho nas mãgas e foisse a ella aservir disendo aservidora que nella estava cõ hũa estranha alegria, ora filha aqui venho a ajudarvos que quereis que fassa e tão contente estava ãeste lugar como se fora o de mor autoridade e regallo, que so vella edeficou emoveo a devassão mas desta consolassão a privou amestra da ordẽ que a foi tirar do cerviço quasi cõ violensia levando ã seu lugar duas noviças do que ã osẽblante mostrou
25 grande pẽna posto que cõ sua costumada humildade obedeçeo.

Quãdo lhe pedião orações se inquietava de cudar que a tinhão por boa e respondia toda inflamada ecõ hũa humildade que confũdia, hagrãde peccadora a hũ sacco de miserias e vaidade pedem orações opeccadora demim que não passão do telhado e a sua fe vera Deos, e jûtamente desia tinha grande hubrigassão aquẽ lhas pedia por que a hubrigavão
30 a chegarçe a elle.

Quando tinha vista esaude ainda depois demui velha nũca ouvia missa se não de tras detodas ainda que fosse vigaria da casa selhe fasião lugar ou cortesia desconçolavaçe

muito, perguntandolhe [fl. 10 v.] hũa religiosa por que fasia histo respondeo que quãdo estava inferior atodas e has missas da alva de tras das leigas êtão estava em seu sentro porque tinha olugar que lhe convinha.

Esta mesma religiosa conta que lendolhe vidas de santos por ser sega como se ha ditto
5 ella derramava muitas lagrimas erepetia cõ muito sentimento desavêturada de mim triste de mim que me queria Deos faser sancta enũca o quis ser vida perdida tẽpo perdido sê ter comessado ate oje, estas palavras lhe ouvirão por diferentes veses muitas pessoas, porque este não ter comessado aservilo chorou todos os dias de sua vida equantas mais merces recebia em menos conta se tinha.

10 Escreveo hũa carta ao padre frei estevão da purificassão da ordem do carmo enão advertiu quẽ a escreveo ã deixar acopia della mas dis parecia mais epistola de s.paulo que carta de molher ã o termo das palavras, asubstansia della era pedirlhe que lhe alcansace de Deos a vertude da humildade que quarenta annos avia andava ã
15 de esta carta forão infinitas ea merce que diçe recebera por meio deste servo de Deos he a seguinte.

Ë este mes desde o dia octavo de todos os sanctos ã ocoro comêdo e andãdo e êtudo oque fasia se recolhia e opodia faser evia ã o cẽtro da alma hũa lux tão maravilhosa que sê ver fegura nẽ [fl. 11 r.] fegurar nada entẽdia ser Deos padre econhessia como asua
20 gloria enche oçeo eterra ali viu sua grandesa ecomo as creaturas ainda cõ suas obras boas, avista de aquella grandesa e fermusura ficavão sendo nada e erão muito menos que hũa gotta de agua lansada ã omar, alli não avia entrar pensamento de nenhũa cousa mais que estar a alma de todo absorta em aquelle amor de Deos e dos proximos que em
25 tão amava como asim mesma, por serẽ creaturas suas, ese ã aquelle tempo todas se levantarão contra ella, nenhũa alterassão lhe fisera por entẽder querião vingar aseu Deos das offensas que ella lhe fasia, e tudo lhe parecia pouco por muito que fosse demales para oque ella merecia pello aver offendido, alli se humilhava de modo que desejava metersse debaxo dos pes de todos e ainda asim não seria verdadeira humilde, nẽ como devia, porque de aquella lux lhe ficava hũ claro conhessimento de seu nada e da altesa e
30 grandesa de Deos, e quando histo contou foi cõ o fervor de lagrimas que costumava.

Reputavaçe por a maior dos peccadores e quando as creaturas lhe fasião algum bẽ logo se hia a Deos elhe desia cõ grande humildade econfusão Senhor louvado sejais que

quereis seja regalada de vossas servas quẽ merecia pellas offensas que vos fas que todas ellas as passassem¹¹⁹³ e vingaçẽ aingratidãõ que para vos tenho que se as merces e favores que amim me faseis as receberãõ outras [fl. 11 v.] forãõ sanctas, ha señor que querieis que eu o fosse enãõ vos quis ouvir nẽ oquis ser.

5 Dis areligiosa que estas cousas deixou escrittas que o espirito cõ que estas palavras desia que parecia feriãõ fogo eque movia a devassãõ elagrimas aquẽ lhas ouvia eque a ella lhe corriãõ por seu sereno e veneravel rosto como perolas sã faser movimẽto algũ eque so vella ã aquellas ocasiões faria christãõ hũ mouro.

10 Em otempo que não sabia ainda que cousa era recolhimento interior foi levada dentro de sim e parcialhe que se quiseçe buscar a christo crucificado onãõ podia a char senãõ nos vales pello tẽpo adiante entẽdeo que estes valles erãõ os da humildade donde correm (desia ella) todas as vertudes entre as quais se acha christo cõtou ha ditta religiosa que acordava algũas veses de noite cõ hũa humildade ã ooração tão profunda e hũ conhessimento tão claro de suas miserias que era de nottavel proveito.

15 Em otempo da quaresma selhe representou em ooração Cristo morto ã os braços de sua mãĩ a virgem nossa senhora e teve claro conhessimento como desde que tivera uso de resãõ, a te aquella ora tivera em seu coração o senhor sempre morto porque em o mũdo cõ as galas emermurações e outras vaidades e em a religiãõ não cũprindo suas hubrigassões tão perfectamente como devia. duroulhe esta representassãõ muitos dias
20 fazendo ã ella efectos [fl. 12 r.] de contrissãõ eos mais que lhe costumavãõ ficar.

Em o advento do anno de 1617 diçe que por tres dias selhe tirara avistados olhos interiores eque tivera tão claro conhessimento de sim mesma e de suas miserias e como tudo oque a creatura tinha de bem era de Deos e não seu que se este señor não permetira que paraçe aquillo ella desesperara ha vista de quãõ pobre se via de merissimentos e
25 afirmou que nũca tão grande conhessimento tivera de seu nada como desta ves eoteve por particular merce do ceo, e diçe que alcansara bem oque o propheta dis que nenhũ e justo diante de Deos.

Hũ dia de santo andre do anno de 1618 ã trou amadre maria das chagas ã açela da religiosa ditta avesitar hũ painel de Cristo ã osepulcro que em ella tinha e aque era
30 devotissima pondosse de juelhos diante delle lhe contou que da meia noite ate as sinco

¹¹⁹³ *as passassem*] sobreposto a uma rasura.

da menhã não pudera dormir elle fora feita hũa merce amaior que outras da mesma
qualidade que ate etão Deos lhe tinha feito e esta fora hũ conhessimento propio de seu
nada mui grande e que lhe fora mostrado seu amor propio, seu tempo perdido, sua
vaidade, e todos seus peccados cõ tanta claresa que fora constringida a diser aquellas
5 palavras que de continuo trasia em aboca lembrate de mim senhor por que vento
eaminha vida eabraçarsse rijamente cõ a crus de Cristo por cujos merecimentos so se
pudia salvar epareçialhe via a terra aberta enella asim aberta se [...] ¹¹⁹⁴ que afirmou as
não [fl. 12 v.] sabia contar (ou não quereria) so confessava que maior fora esta merce
por qual a deixara e por quanto a resignara em as mãos de Deos que outra que tiveçe por
10 modo mais levantado.

Em este tempo trasia grande conhessimento deseu nada e de quão enemiga fora de
Deos, de seu tẽpo perdido de suas palavras e pensamentos ociosos de suas
murmurações e de modo se avia ã osentimento de estas antigas faltas que entẽdia se lhe
escondia Deos e alhe durar muito esta desconsolassão cahira em desesperassão, mas
15 acodia logo seu devino esposo cõ tanto cuidado de seu bẽ que logo se lhe tornava
acomunicar cõ as consolassões devinas que a esforçavão ã os efeitos de themor que
estas cousas lhe deixavão e juntamente a fasião humilhar e crer que nẽ sepultura ã
sagrado senão ã hũ munturo.

Julgavaçe asim por pior que todos e desia não cõrespondia has muitas merces que Deos
20 lhe fasia como devia e asim ã sua openião todos erão vertuosos e bons so ella peccadora
e ingratta aos beneficios devinos.

Entrãdo hũ dia ã serto lugar preferiusse ãpassar a hũa religiosa muito mais mossã,
esendo que anessessidade a hubrigou anão lhe faser cortesia, considerando o que avia
feito, comessou a chorar tanto sua soberba que se acusou a hũa religiosa avaliandoa por
25 hũ grande crime, ecõ ainquietassão de esta culpa diçe se lhe escondera Deos dous dias ã
aoração, não o achando no recolhimento interior, e desia soberba de [fl. 13 r.] mim que
perdi omerito da humildade e a outra religiosa me ganhou por mão, tão humilde e
perfecta era esta benditta alma que tão leves descudos erão grandes a seu parecer.

Diçe por veses ahũa das duas religiosas que no interior via Cristo atado acoluna e selhe
30 representava que todos os sette peccados mortaes cõ que ella o avia offendido o estavão

¹¹⁹⁴ Fim de página enrolado e rasgado, faltando parte da frase (cerca de cinco palavras).

asoutando e quando histo selhe representava via que era dina de todas a avorreçerem e asim nada a escandalisava ainda que lhe tiraçem todas as creaturas as pedradas porque conheçia que ainda ella mereçia muito mais.

5 Contou que acordara hũa noite eque estando algũ espasso sem durmir lhe dera nosso senhor tão grande conhessimento de sim mesma, qual nũa tivera porque ainda que lhe tinha feito esta merce muitas veses lhe causara desta muito diferêtes¹¹⁹⁵ efeitos de muito maiores desejos de todas adespresarẽ e lhe darem de bofetadas, quelhe parecia seria enpossivel salvarsse se não fosse pella grande mesiricordia de Deos, e vira claramente que desde que nacera não fiserá nũa obra boa mas sempre fora contraria a Deos em
10 todas as cousas, desia¹¹⁹⁶ isto cõ muitas lagrimas e humildade como em todas as mais ocasiões fasia.

Tão natural era esta vertude nella que nẽ durmindo perdia ocasião de que pudeçe tirar actos de humildade excerssitandoa ate por sonhos como severa em o que se segue.

Sonhou hũa noite que via sahir do choro hũa [fl. 13 v.] crus de pao que trasia obraço
15 direito pera sima e o esquerdo arrastando pello chão teve conhessimento que ela era aque asim alevava e desejou asim durmindo que vicem todas as pessoas que lhe pedião orações aquillo pera verẽ quẽ éra esua miseria histo cõtou cõ grande copia de lagrimas emuito espirito e desia que quando lhe pedião orações offerecia a Deos a humildade de quẽ della as queria pellas mesmas que se lhe ãcomendavão para cõ i¹¹⁹⁷ isso o hubrigara
20 aouvilla.

Quãdo o demonio ãtre outras muitas tentassões lhe vinha cõ pensamentos vãos de faser milagres desia cõ grande eficacia a Deos histo não senhor milagres não humildade, humildade sim.

Deitou por duas veses hũa reliquia de santa taresa a duas ãfermas hũa de cesões ea outra
25 de febre mui rija e pontada, a das cesões se lhe tirarão logo, a da febre afirmou lhe abrandara logo ea pontada que tinha, eque ãlhe picando a dor acodia enão achava abolssinha da reliquia etornãdoa apor de novo, se lhe abrandava e adormessia, ecõ histo lhe succeder asim sefoi ahũa religiosa elhe diçe cõ hũ rosto humilde e confuso se estaria

¹¹⁹⁵ Rasurado.

¹¹⁹⁶ Este vocábulo aparece elevado, quase sobreposto.

¹¹⁹⁷ Deverá tratar-se de um lapso.

a sancta indinada contra ella e deria quẽ temete ati atrevida adeitar aminha reliquia e comessava nisto atemer etremer, como secometera hũ sacrilegio.

De ordinario trasia ẽ aboca aquelle verço do tirsseiro psalmo da ora da terssa que dis
*bonũ mihi quia humiliastime ect.*¹¹⁹⁸ desia que delle tirava grande motivo de se
5 humilhar e conhecer as misericordias de Deos a pertando muito cõ ella hũa das duas
religiosas [fl. 14 r.] que acomunicarão lhe diçesse se lhe avia feito Deos algua merce
depois que seu confeçor lhe avia prohibido comunicalas respõdeo (cõ aprudensia e
humildade que se [...] ¹¹⁹⁹) que aque ella tinha recebido muitas veses era darlhe Deos
aconheçer aque era eque como ella histo tinha não pedia nẽ queria mais por que era
10 omais seguro para ella.

Quãdo morre algũa religiosa ẽ este convento e custume oque fica da defũcta, porsse ẽ
monte ea madre abbadessa cõ as discretas repartilho pellas religiosas pobres amadre
maria das chagas o era mais que todas e quãdo como discreta se achava ẽ estes actos
nũca pedia nada para sim nẽ para outrem hũa das outras vendo ali dous abittos diçe deçẽ
15 hũ a esta madre que estava ja oseu mui gastado derão dos dous hũ novo avileira¹²⁰⁰ de
fora e amadre maria das chagas o outro mui velho e roto ajeitou o ella cõ muito boa
sõbra e humildade, evindo muito alegre cõ elle hũa subrinha que tinha e hũa amiga sua
lhe derão mui aspera repreensão disendolhe fisera mui pouca cõta de sim quãdo o
aceitara, ao que a humilde serva de Deos respõdeo cõ muita brandura, que lhe não
20 tiraçem omerecimento por que ella quãdo lho derão representara avestia cõ que herodes
escarneçera a Cristo, de tudo tirava fructo de levantar seu spiritu e de imitar este senhor
ẽ a humildade que elle tanto abraçou.

Desejava muito ver em a igreja de este convento pintado o grande baptista de quẽ era
devotissima disendo era falta de tal templo não ter este sancto.

25 [fl. 14 v.] Fes hũa religiosa afesta do patriarcha são bento e para se faser algũa pessa
queserviçe ẽ ella deu de esmolla dose mil reis, pediulhe amadre maria das chagas que
visto estar a igreja tão pouco ornada quiseçe segastaçe esta esmolla ẽ ella, ese fiseçe hũ
painel para o frontespicio, do baptismo de christo, que aseuver este passo era omaior da
vida de s. joão por se achar ẽ este misterio toda a sactissima trindade Deos tão

¹¹⁹⁸ (Sl 119, 71) *Bonum mihi quia humiliasti me ut discam justificationes tuas, Biblia Sacra*; "Foi bom para mim ter sido castigado, pois assim aprendi os teus decretos"; *Bíblia Sagrada*, p. 967.

¹¹⁹⁹ Ilegível.

¹²⁰⁰ "Veleira", "criada que nos conventos de freiras serve de porta fora", VIEIRA, t. 5, p. 892.

humilhado e s. joão tão levantado, resolveosse a religiosa ã dar o dinheiro para a igreja por lhe diserẽ opodia faser ã consiensiã porẽ queria se pintaçe o painel de s. bento ã omeio e aos lados s. joão enossa madre santa clara, indolhe histo anotiçiã foi abuscala e posta de juelhos cõ as mãos levantadas etoda açesa que parecia hũas brasas lhe diçe
5 pessolhe pellas chagas de Deos menão pinte s. joão a ilharga ponha quẽ quiser mas a elle não deixo estar que Deos dara graça aquẽ lhe de o lugar devido e foisse. não daria bẽ dose passos quando voltando cõ hũa submissã e humildade em seu rosto maravilhosa se lansou aos pes da religiosa elhe pediu perdoaçe por amor de Deos o escandalo que lhe dera cõ asoberba e imperio de aquella palavra não me pinte s. joão
10 aqui ha que nottar ahumildade epuresa de esta alma pois sendo sua tensã acudir pella hõrra do santo em o que tocava anão lhe darẽ o primeiro lugar como maior de todos por aquella palavra que parecia [fl. 15 r.] de mandar absolutamente a chorou amargamente por grande culpa esoberba, tão bẽ o que succedeo he para admirar por que areligiosa se mudou desorte em seu parecer que sã estar por outro pintou opainel do baptismo,
15 econfessa que cõ aforssa de suas palavras e da cõpunsã que lhe causou sua humildade foi constringida sãter ate ãtão vontade não so a faser a pintura mas a dar mais que os dose mil reis, trinta para se ornar o frontespicio, que conhecidas por nos as çircunstansias todas podemos diser foi milagre desuas palavras alcansado por sua humildade eorações que mudar hũa condissã de seu natural so a poderosa mão de
20 Deos o obra.

E esta foi acausa porque depois de Deos levar esta serva sua se fiserã os paineis da igreja da vida do devino precurçor por estar ja ã ofrontespicio o baptismo que sã duvida a inspirou Deos por ser asim sua devina vontade sefiseçe para serviço seu ehonrra de tal sancto.

25 Tão humilde era esta benditta alma que sãpre vevia cõ resseios de perder esta preciosa joia de sorte que nũca contou de sim nenhũa vertude por que mereçe estes favores como se podera notar em o descurço de sua vida senã que por cõprir a obediensia contava so os favores que recebia de que se podia dar a gloria a Deos ecalava seus exercissios por não ter louvor do que pretendia se deçe so a elle por serẽ merces suas
30 [fl. 15 v.] sem de sua parte preçeder meressimento.

E asim quando em as vidas dos sanctos lhe lião dos raptos e extassis que tinhão desia depois de louvar a Deos por aquellas maravilhas e livrar nellas aseus servos de vaidade,

se eu fora sancta ouvera de pedir a Deos me não fiseçe merces publicas por não me a riscar a algũa vãgloria e assim lhe pedia não obraçe por ella nenhũas maravilhas que se pudeçe atribuir aseu meressimento e faseremlhe por isso hõrra.

Hũ dia da conversão de s. paulo succedeo ficar jũto della hũa religiosa aquẽ pediu
5 (porque não tinha ja vista) resaçe emtom que ella ouviçe para pagar melhor cõ as
matinas e depois de acabadas lhe deu as graças mesmo em ocoro disendo, filha Deos
vos pague serdes causa das grandes merces que em as matinas desta festa de que desejo
ser devotta nosso senhor me fes porque depois que foi servido tirarme avista corporal
me tẽ feito tantas na spiritual que lhe dou muitas graças por me aver faltado e foi cousa
10 que me custou muito. estas palavras lhe diçe cõ o rosto tão inflamado e os olhos tão
acesos que parecião chamas de fogo. ao dia seguinte tomou a esta mesma religiosa ã o
choro elle diçe filha oque hõtem vos diçe em este lugar foi hũ desatino pessovos por
amor de Deos onã conteis a ninguẽ.

E assim ãtendemos que serem amor parte de suas [fl. 16 r.] visões a desoras e em partes
15 solitarias o alcans[ou]¹²⁰¹ de Deos por não ser vista em algũ raptio pello perigo que temia
de sua fraquesa vendosse estimada. equanto era o desejo da hõrra de Deos tanto
procurava o desprezo propio solicitandoo cõ a deligencia que hũ ambicioso de honrra
pode grangiala.

20 **do emcendido amor de Deos que teve esta illustre religiosa - cap. 4**

He o amor de Deos principio eperfecção de todas as vertudes que por si so emçerra os
efeitos e fructos dellas não mereçendo sem elle nenhũa nome de vertude, desta como
mais soberana se conhece claramente ser obra do spirito sancto, que ençẽdendo em hũa
alma o devino fogo, a deixa disposta aperfecção das demais, por que fugir aos vicios
25 refrear as mas inclinassões abraçar a vertude efectos são de verdadeiro amor de Deos,
que quẽ mais ama mais procura mereçer, sendo histo tão serto como a resão mostra, não
ha mor prova das muitas ã que esta excelente religiosa resplandeçeo por que como hũ
seraphim viveo abrasada em hũ vivo fogo de amor de Deos sendo como em elles

¹²⁰¹ Terminação apagada, acréscimo do editor.

¹²⁰²continuo ardentissimo e por penetrante unitivo. [fl. 16 v.] continuo pois se prinsipiou
ẽ aflor de seus annos ainda em casa de seus pais como se a ditto, em a qual comessou
por este soberano amante a avorreçer tudo oque omundo presa e estima, como esta alma
se soube dispor tãobem emseus prinsipios, cõ elle continuou todos os dias de sua vida
5 cõ tanto mais crecidos efeitos quanto seu devino esposo se lhe hia mais magnifestando.

Ate durmindo esta forvorosa amante obstentava finesas por que nẽ estando alheia dos
sentidos corporais as potensias da alma çessavão de faser representassões do que em
ella trasia inpresso como se vera destas.

Sonhou hũa noite via hũ coração de christal, dẽtro em elle hũ menino Jesus todo
10 rodeado de settas como çercado dellas ali lhe pediu cõ grande eficacia a ferice cõ a setta
de seu amor e da fome e cede de o ver e posto que de outros sonhos não fasia caso d
este ofes pellos efeitos que lhe deixou.

He custume d este convento ẽ dia de anno bõ a meia noite levar a sanchristã mor hũa
imagẽ do menino Jesus as religiosas pellas çelas que estão em seus leitos e cõ elle vão
15 as musicas cantando psalmos em seu louvor, e depois de cada hũa lhe faser oferta de sua
alma lha fas do que pode.

Em hũ d estes dias se recolheo amadre maria das chagas em seu leito cheia d esperansas
d este hospede e cõ este cuidado sonhou que ovia a sua cabiceira ẽcarne em braços da
senhora da speransa mas mais pequeno [fl. 17 r.] que o conque se vai pedindo aquella
20 noite, muito alegre e rindoçe para ella, e acordando lhe pareceo ovira cõ os olhos
corporais mas desta visão por ser cõ elles não fes caso, antes teve tudo por sonho,
cõtudo lhe deu graças por se adiantar avesitala evindo depois as religiosas cantãdo e
acõpanhãdo o menino estava tão embaraçada e fora de sim (que sendo cousa mui desa
custumada ẽ ella diser ẽpublico cousas semelhantes) dice em esta ocasião muitas
25 palavras entre as quais selhe ouvirão estas, meu senhor não vos vi eu ja, meu menino
não estivestes vos ja comigo e histo cõ o rosto mui inflamado ecõ grande spirito. de
muitos outros sonhos pudera aqui tratar senão bastarão estes dous para se entẽder era
seu amor tão continuo que ate durmindo seu coração velava eo amava easim os deixarei
para outro lugar passando agora a cousas mais inportantes.

¹²⁰² *dionisio areopagita*] à margem. S. Dionísio Aeropagita foi o primeiro bispo de Atenas convertido ao Cristianismo por S. Paulo, MACHADO, *Dic. Onom. e Etim.*, t. I, p. 157.

Andava sempre ã apresença de Deos de que se pode inferir não so ser seu amor continuo
senão apuresa d esta alma pois o trasia como testemunha de suas obras, e se Deos diçe a
abraham olhai¹²⁰³ que andeis diante de mim e sereis perfecto que se pode duvidar de
oser esta ditosa alma sendo certo que o confessou por veses as pessoas de quẽ se fiou
5 em esta materia por mandado de seu padre espiritual que como esta ditto forão duas
religiosas e afora essas a outra, que vendoa ã hũa casa de passagẽ ã pustura de quẽ
estava ã oração lhe perguntou como podia recolhersse ã aquella inquietassão e bolicio
ao que lhe respõdeo lhe não era isso [fl. 17 v.] ãpedimento por que sãpre em seu
pensamento andava ã apresença de Deos e asim em qualquer parte oachava ese podia
10 recolher, quasi alienada efora de sim deu esta reposta como seve pello que se seguiu,
que foi ir logo a buscallo epedirlhe com muitas lagrimas lhe guardaçe segredo,
repetindo cõgrande eficacia, filha não me fassais perder omeu bem, que tanto eotemor
de perder oque amamos, quanto o amor quelhe temos. desta devina presença tinha tirado
tantas ventagens que com zelo das almas pedia a algũas pessoas fisecem muito por
15 andar ã apresença de Deos e eu fui hũa d ellas que o emcomendou por veses
emcareçendome omuito que aproveitava a hũa alma este pensamento que era omais que
em este mũdo podia faser.

De tudo tirava mutivo para se inflamar ã o amor de Deos em tudo ocontemplava e
achava, tendo o officio de purteira da porta quãdo ãtrava o agamel cõ alenha
20 considerava que era christo, os madeiros que levava as costas, a pesada crus, e como se
realmente ofora o hia seguindo acõpanhãdo em aquelle trabalho com muita pena e dor
de ella lhe ser causa de tantas.

Quãdo ãtrava hũa jumentinha a dar leite a hũa ãferma hia de tras dela disẽdo ora são
joseph são joseph para egipto para egipto.

25 [fl.18 r.] Em nenhũa ora nẽ lugar perdia ocasião de levantar seu spirito ã tudo que via,
nas creaturas nas estrellas nos cãpos nas flores ã tudo o contemplava, comẽdo falãdo
andando, athe durmindo como se ha ditto atinha presente, e de tudo tirava fructo pera
mais oamar.

Contou desim que hũ dia se sahira de Deos para as creaturas a converssalas não que ella
30 falasse mas que applicara osentido em a portaria donde era escuta ao que falavão suas

¹²⁰³ *ãbula coram me, et esto perfectus - genesis 17*] inscrição à margem; (Gn 17, 1) "Anda na minha presença e sê perfeito", *Bíblia Sagrada*, p. 44.

- cõpanheiras cõ intento de dar aquelle alivio a humanidade eque tão saudosa se achara aquelle breve espasso sem seu Deos que cobrãdo¹²⁰⁴ sobre si cudara morrer da pena e dor que sua ausensia lhe causara, que como apresensa era tão continua eo amor tinha tão grandes raises qualquer mumento que lhe faltaçe arreliava por milhões de annos
- 5 pareçendolhe (como afirmou por veses) tudo fora delle tormento grande e diçe que aconverssasso das creaturas tinha por martirio e crus pesadissima porque as riquezas que em Deos via lhe fasião¹²⁰⁵ parecer tudo oque o mũdo estima e presa miserias e baxesas indinas de se perder tempo cõ ellas eque contrafaserçe a mostrar gosto do que onão tinha era amaior penitensia que em o mũdo podia faser.
- 10 Que era este amor ardentissimo alem de nos constar pellos efectos que ella disse lhe causava ovião todas [fl. 18 v.] as que ã seu tempo viverão por mostras exteriores por que andava ã dias tão abrasada que reverberavão ao rosto as chamas que sua alma abrasavão trasendoo tão inflamado que reparavão ã a mudansa do sãblante, o mesmo se lhe via quando falava de¹²⁰⁶ de Deos que era sua continua converçasso equãdo lhe lião
- 15 livros espirituais, muitas veses lhe succedia em omeio da converssasso levantar-se e deixala easim mesmo a lissão sã mais cortesia nã dar resão de sim que como absorta não sabia o que fasia nã tratava de mais que de occultar ausentandoçe as chamas do amor devinoque cõ as tais praticas cressião mais, em dias erão tão grandes que todos os levava em se mudar de hũ lugar a outro parecendo queo mũdo lhe era estreito e que em sim
- 20 mesma não cabia aque toda estava cõ Deos como ella contou lhe succedera hũ dia ã que lhe fes amerce seguinte. estando ã acama bem esperta¹²⁰⁷ e cõ o rosto cuberto cõtẽplando em Deos, foi levada dentro de sim e viu ã o interior oço cõ a fermusura que elle deve de ter. ao outro dia diçe andara como fora desim que não podia estar em nenhũ lugar nã cabia em todo este convento e muitas pessoas lhe notavão este desassoço
- 25 porque não sabião acausa como as que acomonicavão mais familiar mente.

Hũ dia entrou pella çella a hũa religiosa esã diser outra nenhũa palavra diçe agora memostrou [fl. 19 r.] agora me mostrou¹²⁰⁸ Deos tudo çeo tudo çeo, repetindo o muitas veses eneste çeo ficava arredonesa da terra como hũ palmo e foisse, a religiosa que histo viu ficou asõbrada e por a novidade efervor das palavras emtendeo vinha fora de

¹²⁰⁴ Rasura.

¹²⁰⁵ Repetiçãõ corrigida pela autora.

¹²⁰⁶ Repetiçãõ rasurada.

¹²⁰⁷ Rasura e mancha.

¹²⁰⁸ Repetido (nã se trata de reclamo).

sim e absorta toda em Deos que anão o estar não lhe diçera tal por nenhũ modo mas levava o rosto tão inflamado que bem viu em elle ofogo que abrasava aquella alma.

5 Outra ves pello tẽpo da quaresma viu dentro de sim hũa claridade como fogo que lhe ençendia a alma e ella ã aquelle instante diçe huas palavras que sã da oraçãõ que anda ã hũ livro intitulado *motivos spirituais* asquais disem asim, daime senhor voço amor puro e perfectõ daime voço amor inceparavel ensẽdei ã minha alma ofogo de voço devino amor, fasei que sẽpre nelle arça¹²⁰⁹ eque nũca se apague, todas estas cousas desia lhe erãõ motivo para se desfaser ã lagrimas e desejar de se hir a hũ deserto chorar seus peccados.

10 Outro dia se lhe representou christo crucificado em o interior recolhimento parcialhe que lhe tinha abraçado o coraçãõ e cõ qualquer destas cousas ficava tão abrasada em o amor devino que ainda as que della sabião pouco ãtendiãõ quãõ influida andava equãõ ardentissimo era.

15 Em dia de s. luis bispo do anno de 1624 avendo comũgado e adestido ã o quarto de orassãõ se recolheo a jantar asua çela por não ter [fl. 19 v.] ja forças para seguir as comunidades, depois que comeo resou hũ *pater noster* pellos bẽfeitores como fasia sempre e acabando o foi levada dẽtro em o coraçãõ cõ hũas saudades doceo tão grandes quais nũca as avia tido e no interior viu cousas tão fermosas que as não sabia contar ehavista de tanta fermusura diçe se pusera a chorar a perda de tantas almas, como outras
20 veses fasia por que tinha conhessimento da verdade e asim dava em o coraçãõ suspiros disendo que quer ir para o deserto e repetindo estas palavras muitas veses esteve gosando de aquella fermusura por espasso de meia ora segũdo lhe parecia, estas saudades de Deos causadas de ardentissimo amor padeçia muitas veses que sempre aquella bẽditta alma vevia cõ çede de gosar de seu amado, esẽpre dellas tirava
25 semelhantes regallos.

Ser este amor penetrante nos mostrãõ tantos efeitos de estar aquella alma ãbebecida ã elle de sorte que chegou aser unitivo, por que tão resignada estava ã avontade devina, que quasi era toda hũa, não dando ã nada sinais de ser humana, vivendo não vevia, por que so christo animava aquella vida, como mostrarei posto que cõ assas themor de não
30 saber açertar que para tratar desta devina uniãõ so tem licença os que mereçẽ alcansala e

¹²⁰⁹ Primeira pessoa do conjuntivo verbo *arder*.

sentir asuavidade e regalos que o devino esposo comunica as almas que cõ tão continuo e ardente amor obuscão como esta dequẽ tratto que so seu espirito era dino d escrever tão [fl. 20 r.] alta materia enão quẽ tão pouco sabe della asim doque contou me valerei para dar algũa lux do altissimo grao a que entêdemos chegou aquẽ melhor osaiba entêder
5 que eu, que cousas tão spirituais que so passãõ ãtre Deos e a alma so ella pode testemunhar, posto que esta religiosa contou tão pouco que foi omenos para o muito que occultou.

Sabido e que pella vontade amamos, e que se chama potencia Unitiva, porque fas ao amante hũ cõ o amado, o que obra quando o amor afas sahir desi e passar ao que ama,
10 cõque toma seu ser deixando opropio, pello que diçe devinamente santo agostinho "se terra amas, terra es, se çeo, çeo es, se Deos, Deos es"¹²¹⁰, porque o objecto aque o amor cativa avontade em esse a transforma, enão so a ella senão as de mais potencias aque leva tras si como cativas, pois se este santo lux da igreja e que tanta teve desta divina união afirma que o amor a fas, que duvida pode aver em amadre soror maria das chagas
15 a alcansar cõ hũ amor tão continuo e ardente não so como fica ditto que e hũ¹²¹¹ nada, mas como hũ intendimento mais levantado não podera nũca exsagerar sã grande lux do çeo que eu não mereço.

Tanto negou a propria vontade por seguir a divina que parecia sopor ella se governava não se lhe conhecêdo nũca em o exterior nã o primeiro movimento de se inclinar ha sua
20 e por veses diçe ahũa das duas religiosas de que se fiou que se Deos amandaçe ao inferno cõ gosto iria la e que em elle oavia de amar como o [fl. 20 v.] amava então por que bastava ser vontade de seu Deos.

Contou que em hũ dia de santo andre estando ã aprima, tivera hũ jubilo de alegria tão grande que andando ella cõ hũas fraquesas que se não podia ter ã pe, lhe dera forssas
25 para o estar aseista e a hũa ladainha e innos que em o choro se desião pella obediensia de juelhos, e que esta alegria sentia todas as veses que Deos lhe avia de dar algũ grande trabalho, que ella estava tão posta em suas mãos que não sentia em a vida cousa que lho deçe salvo hũa morte supita que como não fosse este mal todos os de mais chovecem sobre ella e que cõ tudo se Deos della isso ordenasse estava cõforme cõ sua vontade
30 histo diçe cõ tanto spirito e submissãõ que ficou a religiosa admirada cofũdida.

¹²¹⁰ Decálogo da oração em Santo Agostinho (Ep. lo, tr. 2, 14), *Confissões*.

¹²¹¹ e hũ] sobreposto ao texto.

Em nenhũa adversidade lhe viu pessoa algũa falta de animo senão que recebia cõ igual sêblante males e bês, e falecendo sua irmã amadre soror ines aquẽ amava muito por se não aver nũca apartado della, e muito mais por serẽ tão conformes ã a vertude e costumes, não so mostrou grande cõformidade cõ avontade devina senão hũ animo de
5 mais que humana e hũ espirito que admirou todas por que em as laudes de presente cõ que se enterra o corpo as religiosas cõ dor emagoa de perderẽ tal cõpanheira, paravão e deixavão o canto ã falta empedidas das lagrimas so amadre maria das chagas sustentava, cantãdo ã vox alta sem que perdeçe [fl. 21 r.] hũ so verço dos psalmos e o que mais pode admirar he que levou hũ pao da tũba ate a sepultura cõ hũa alegria e espirito
10 admiravel esendo ainda em este tempo mui moderna na religiã se conhessia ã ella ja esta conformidade cõ avontade devina não so ã estes trabalhos mas ã tudo que Deos obrava em ella, mostrava estar aquelle espirito tão unido cõ elle como se ja estivera desatado do mortal corpo não perdendo ã nenhũ o soçego e quietassão interior segũdo se conhessia pella exterior.

15 Por meio da oraçã continua e inflamada alcansou esta admiravel relegiosa o fructo de negar a propia vontade que e levantarçe mui livremente a Deos cõ suspiros insaciaveis cõ operações unitivas com penetrantes affectos pellos quais vevia mais em oço que em a terra não se lembrando della pera mais que para desejar ocasiões de mor meressimento para cõ Deos a cuja vontade vevia tão unida que ate as merces que lhe fes tão cheias de
20 regalos (diçe ella) não fasia nada pelos ter se lhas fasia as recebia cõ muita humildade tendoçe por indina dellas e asim todos os favores que reçebeo a tomarão bem descudada por que so lhe pedia vertudes cõ que agradase a sua devina magestade enão favores que aregalaçem.

Seu ordinario exercissio era oraçã mêtal [fl. 21 v.] aqual desiã as antigas que tinha
25 desde sua vocassão a religiã por que sêpre se entêdeo della a teve nella era tão continua que estava seu delicado corpo quasi consumido etão gastadas as forssas natturais que cõ qualquer febresinha lhe faltavão.

Diçe que por sim não resava mais em o dia que tres veses a oraçã do *pater noster* porem cõ tão alta cõtêplassão que diçe gastava em elles aseu parecer passante de ora, o
30 primeiro offerecia a Deos ao amor que o trouxe do çeo a terra, por [...] ¹²¹² lhe pedia o seu e sua salvassão, o segundo a oraçã do orto suor de sangue por este lhe pedia agraça da

¹²¹² Ilegível.

oração e a obediencia não de seus perlados mas que a toda a creatura tiveçe por superior por seu amor, o terceiro offerencia ao encravamento da cruz e por o descumjuntamento do corpo de Cristo por este pedia a nosso senhor apartasse della tudo o que lhe desprasia e descõtentava. tudo o mais que resava era pellas almas do fogo do purgatorio e pella
5 converssão dos infieis de que tinha hũa notavel çede como ao diante se dira, epellas
nessessidades da igreja mas tudo oque resava era recolhida no interior por que estava
tão feita a este modo de orar que como ella diçe lhe custava pouco recolherse por que
em nenhũ tẽpo nẽ lugar Deos se lhe negava esendo histo asim ainda lhe parecia não [fl.
22 r.] tinha oração por que pergũtandolhe hũa religiosa ẽ que pontos estava na oração
10 respõdeo ainda não comessei. esta mesma repostada deu por veses ahũa das duas que
acomunicavão e de que fiou o mais do que escrevo.

Entre as merces que Deos lhe fasia lhe mostrava ẽ o interior hũas luses com que seu
nattural não podia, por que sobrepujavão as forssas da humanidade de sorte que todas as
veses que recebia semelhantes favores parecia selhe acabava avida tanto da forssa de
15 amor como por serem sobre naturais a este miseravel corpo em que a alma vive presa.

Contou que em o anno de 1595 quando foi por reformadora ao convento de santa clara
de bargansa viu esta lux dentro de sim que fes ẽ ella taisefeitos que claramente
conheçeo ser Deos que se lhe magnifestava mas que esta merce que então e depois
muitas veses reçebeo nũca lhe duravão mais que ẽ quanto sepudia abrir e fechar hũa mão
20 que aser por maior espasso desia selhe acabara avida. hũa ves estando ja ẽ costada ẽ a
cama viu esta lux e por que se hia detendo mais do costumado pella fraquesa humana a
não poder sofrer queria ja grittar lhe acodiçẽ. ehũa religiosa entrando acaso em asua çela
se volveo mui espantada de como a vira que parecia estar fora de si e entẽdendo era
cousa de Deos se tornou sã lhe falar [fl. 22 v.] e destes favores de Deos ficava tão
25 humilde e encẽdida em seu amor que tudo davida lhe aborreçia e esquessia, estas luses
teve por muitas veses causandolhe os mesmos efeitos de amor e humildade as quais ao
prinsipio não emtendeo oque era mas depois lendo algũs livros foi alcansãdo algũas
cousas e para se afirmar mais eficaz segura opergũtou ahũ confeçor que estava em este
convento que era pregador e se chamava frei vasco de castello branco este religioso diçe
30 a alumiará muito e que depois de lhe diser o que era pellos efeitos que lhe causava e
outras cousas açerca de pergũtas que lhe fes elle confuso disse, como andamos ao reves
e descudados do que nos inporta que ella officara tanto desta repostada que sentira averlhe

ditto nada. este religioso ahi por diante, fes grande mudansa de vida e custumes e faleçeo ã breve tẽpo.¹²¹³

5 Ë maio dia do aparisio de são miguel estando ã pe na sua cela lhe mostrou Deos esta lux costumada e breve logo desse a oito dias que foi a primeira oitava do espirito sancto se
10 lhe representou Cristo nosso senhor ã omeio do coraçã de idade de trinta annos cõ veste roxa os pes descalsos, acabessa descuberta o cabelo nã pretto, o corpo cõprido e delicado e sem falar palavra falavã seus olhos a alma e ella o entẽdia mui bem, e ficou tão avanta[fl. 23 r.]jada em o amor de Deos e do proximo e cheia de humildade desta visão que ardia em desejos de padeçer muito por elle estas consolassões e ternuras lhe durarão mais d esta ves de onse dias e nestas não era cõbatida de pensamentos ese acaso ãtravão algũs nattuais desaparecião logo.

Logo ã seus prinsipios lhe aconteceo hũa ves ser levada sã saber como, no interior a hũas escuridades de que se queria tirar enão podia, em ellas cõ ser escuro, avia lume, que lhe mostrava, ser aquillo obra de Deos, mas como ainda não tinha experiencia d
15 estas cousas não as entẽdia, porẽ permitiu elle que logo viesse hũ religioso faser hũa pratica agrade da igreja e falando da oração dice como Deos levava as veses a alma a hũa escuridade em que avia lume de conhessimento ãtão ãtendeo que aquillo era o que avia visto.

Era grande imitadora dos sanctos e em sahindo a lux algũ livro delles fasia muito por
20 lhe vir a mão e buscava quẽ lho lesse quãdo ja não tinha vista, so afim de os imitar e aprender delles as vertudes cõ que mais se unirão cõ Deos eo agradarão, vindolhe amão hũ da beata soror joanna da crus e lendo em elle que agradavão muito a Deos as comunhões espirituais as comessou a faser desde aquelle dia que foi o da exsaltassão da santa crus do anno de 1616 [fl. 23 v.] ecõ o saçerdotte ã amissa comũgava
25 espiritualmente todos os dias, o aparelho era, hũa considerassão de sua baxesa tendosse por hũ nada cõ que se cõfundia de modo que mereçeo asim por ella como pello merito do sãcto exsercisio da comunhão spiritual levãtala Deos a mais alto grao asim ã a oração como ã as merces que lhe fasia comessou este favor ã bespera de nattal do mesmo anno na forma seguinte.

¹²¹³ *anno de 1616*] esta anotação aparece na margem direita da página, contrariamente ao habitual.

Contou que ã esse dia para que se recolhesse dentro ã o corassã tivera inspirassã o que
ate entã nã fasia porque tudo o que se lhe representava era no deserto interior e
fasendo achava nisso grande consolassã e muita ventagem, por que ali nã os
pensamentos nãturalis ainquietavã eparecialhe que o coraçã se alargava e dava lugar
5 para representar em elle todos os misterios da vida e paxã de Cristo o que fasendo os
via todos mui ao vivo diante dos olhos da alma, em particular o menino Jesus que lhe
parecia ovia sentadinho cõ os pes para diante como opintã em a adoraçã dos reis cõ os
cabelinhos e tudo parecia lhe estava vendo mui ao vivo e juntamente em todas aquellas
figuras hũ resplendor que lhe mostrava ser Deos o que em ellas selhe representava ha
10 vista de esta fermusura lhe parecia estar mui perto do çeo mas erã histo resplandores
que podia sofrer enã pello modo que atras digo das luses que¹²¹⁴ acabaria se duraçẽ,
eameu perecer erã as [fl. 24 r.] mesmas porẽ como estava ja ã mais alto grao de
perfecsã podia ãtã cõ ellas sua fraquesa e humildade que era por que as sentia epedia
a Deos lhas nã deçe por que de aqui em diante confessa serẽ as luses mui avantajadas
15 as ordinarias mas que podia cõ ellas e cõ as dittas que forã antes nã, o que sã duvida
era por aquella alma estar ja mais pura e unida mais a Deos e asim disposta a receber os
tais resplandores eluses, ã estas diçe ficava tã çerta ser o mesmo Deos pellos efectos
que lhe ficavã que ainda que quantos letrados o mũdo tem se juntaçem a diserlhe onã
era os nã creria, sendo que das outras merces que lhe fasia primeiro posto que por suas
20 as tinha fassilmente se mudara a qualquer parecer delles e dellas fasia pouco caso
entendendo ser asim melhor, mas quando viu a diferenca que avia em o que passava no
interior do coraçã temeo se seria emgano do demonio e desejou ter cõquẽ
ocomunicasse o que nã faria cõ seu padre spiritual por que nã conhesseria em elle
talento para a alumiar por que em seu tempo ouve aqui confeçores pouco letrados
25 (grande culpa em os perlados que amolheres simplex nã dão padres spirituais que
emcaminhẽ suas consiensias) mas como a esta alma so o spirito sancto a alumiou lhe
deu hũ raio de sua devina lux ã esta perplexidade lembrandosse que ã os cantares pede
Deos o coraçã a esposa e relatando as mesmas palavras cõ que o dis salamã
aquietousse, e teve por possivel tudo o que Deos obrou nella [fl. 24 v.] e em o coraçã
30 lhe magnifestava. mas como sahia deste paraiso logo choviã tantos pensamentos que
lhe parecião os demonios do ar e desia que era o homẽ tã contrario a Deos como david
desia feito sou contrario ati que de aquella quietassã se sahia abuscar este labarinto das

¹²¹⁴ Repetiçã cortada de "atras digo que".

vaidades do mudo deixando aquella suavidade, e de cansada delle tornava abuscar aseu Deos em o mais intimo do corassão aqui se humilhava a the as profundesas e quantas mais merces recebia de Deos mais resplandeçia avertude da humildade.

5 Por outra ves diçe que quando se recolhia dẽtro em ooração era como quẽ se recolhia de hũa gala para hũa camara e que dentro ẽ o interior delle não ẽtrava nenhũ genero de pensamento dos que fora a salteavão dandolhe muitas veses grande inquietassão por que quando assim se recolhia via em o interior cousas de tanta fermusura que ella não podia nẽ sabia diselo e assim tudo o que ate aqui tenho escrito e escrever que se lhe representou dentro ẽ ooração em ointerior delle passou depois das comunhões
10 spirituais que antes como esta ditto tudo se lhe representava ẽ o deserto interior que cõ este sancto exerscissio se acrisolou mais esta alma ese uniu cõ seu criador.

Acreditta os quilates deste penetrante amor oque Deos lhe tinha aella, e os grandes regalos que lhe fasia por que não so atiçava ẽ sua alma ofogo cõ que da [fl. 25 r.] calor para que mais oamaçe se não que cõ huma cõrrespondensia amorosa a enchia de favores
15 cõ que mais acativava e unia assim, fasendo de seu coração hũa delectavel morada sua, e ser acõrrespondensia da misericordia divina não so igual mas superior aseus merissimentos e hamiseria humana mostrarei em ocapitalo que se segue ẽ a enchẽte de visões devinas cõ que a regalou.

20 **das merces e visões que cõtou aver recebido de Deos - cap. 5º**

Suposto que as merces que Deos fes a esta religiosa sejam misericordias suas enão ẽ substansia vertudes della cõ tudo são claros indicios de sua pureza por que vemos as não fas tão de urdinario senão donde ha muita. e que não se comonica tão familiarmente se não as almas que muito oagradão, como mostra a experiensia dos santos que quanto
25 mais desinteressados do mudo e desazidos do amor propio mais os regala Deos comessandolhe ẽ estavida adar prendas da gloria, que em afutura ão degosar. bem se ve por esta verdade quão insignefoiẽvertudes esta religiosa de que escrevo, e quãto se avantajou ẽ ellas pois mereço tratala sua divina magestade tão familiarmente que como ella mesma diçe todas as veses que se recolhia tinha estes regalos spirituais [fl. 25 v.]
30 para os quais desia lhe faltava otempo.

He e de admirar os poucos annos que comunicou estas merces de Deos has duas religiosas e o muito que sesabe sendo que logo hũ padre spiritual lho prohibiu enão ouve remedio adiser mais nada, o que e grande dor por que em estes ultimos annos avião de ser as visões mais frequentes por o altissimo grao de oração e união cõ Deos
5 aque se entẽde tinha chegado quẽ por oras se avantejava ã ella como exersissio tão continuo. cõtou que pouco depois da guerra de africa lhe fisera Deos a merce seguinte, pello que seve ser ainda muito ã seus prinsipios.

Estando a dominga da quinquagessima nas matinas em que se tem hũas lissões em que Deos mãda a abraham se saia de sua terra, em acantora disendo estas palavras foi levada
10 dẽtro de sim e cõ ooração diçe anosso senhor (que o sentido estava ã o que se lia) ha senhor quẽ se deixara asim mesma por amor de vos emtrelandovos este coração, ã este ponto viu nelle christo crucificado que deixava cahir da crus o braço direito desapregando della a mão cousa que ella por então não ãtendeo oque significava mas ficou cõ aquella fegura tão inpressa que nũca mais lhe esquesseo, mui humilhada e
15 confusa e cõ grande desejo de saber o que segnificava aquelle soltar da mão, de ahi atres dias lhe cõpriu Deos seus desejos por que estando em aprima bem [fl. 26 r.] descudada ouviu dẽtro de sim hũa vox que lhe diçe que o desapregar amão direita fora para lhe tomar ooração quando lho offereçera etudo histo foi em mui breve espasso e diçe que cõ ser asim ficara tão cõfũdida econhessida de seu nada que não sabia que fiseçe e
20 desejava que todas a despresaçem e tratassem como ella conheçia de sim que omereçia.

Em hũ dia de todos os sanctos festa de que ella era particular devotta foi levada dentro de sim e viu ã o çeo hũa claridade tão grande e fes em ella tais efectos que se durara mais espasso morrera.

Hũa noite considerando em aquellas palavras que Deos diçe a sancta catherina de
25 sena¹²¹⁵ sabes filha quẽ eu sou e quẽ tu es e lendoas cõ muita eficacia no corassão donde as trasia escritas, achandoçe em esta ocasião cõ omesmo descudo que em as demais visões tinha de esperar as merces que recebia, se lhe representou nosso senhor (dice ella) que não dẽtro do coração como outras veses mas dentro de sim crucificado cõ o

¹²¹⁵ Santa Catarina de Sena, mística do séc. XIV de quem se tem registo de inúmeros arrebatamentos e outras experiências religiosas. Morre em pleno período da contenda religiosa que origina o Grande Cisma do Ocidente, que durante cerca de quarenta anos dividiu os cristãos ocidentais. Foi considerada Doutora da Igreja em 1970; os seus *Diálogos* ditados (nunca aprendeu a escrever) tornaram-se um clássico; *Dicionário de Santos*, ATTWATER, pp. 93-84.

lado aberto e em elle hũa claridade tão grãde que ficou admirada, pediulhe lhe deçe averdadeira sabiduria edesterraçe della toda a ignoransia.

Em hũa sesta feira antes da festa de nosso padre são Francisco do anno 1622 estando antes de se recolher resando hũa coroa por sarta tensão a qual resava todos os dias e
5 costumava offereçer ao padre eterno [fl. 26 v.] cõ ella seu filho, foi levada dentro de sim elhe parecia que ao çeo e viu hũa claridade mui grande e muito abaxo della ficavão os anjos e mais asima muito perto desta claridade estava nossa senhora e são joseph cõ o menino Jesus pella mão, e so o menino falava e lhe parecia estava rogando ao padre eterno pello que ella lhe pedia diçe que lhe parecia que o padre eterno estava em aquella
10 claridade mas que ella o não viu, esta visão lhe durou hũ ora segũdo lhe pareceo. de ahi a hũ anno em outra sesta feira depois da festa de nosso padre viu em espasso que se podem diser duas palavras da ave maria, nossa senhora o menino Jesus e são joseph.

Em o anno de 1621 ã hũa sesta feira pouco de pois da mesma festa diçe que estando resando vira ã o anterior a chaga do lado de nosso padre são Francisco tão
15 resplandeçente, que aquelle resplendor a cegava d esta visão ficou mui consolada ainda que foi mui breve.

Ase de advertir que quãdo diçer que estava resando epello escrever cõ as mesmas palavras que ella o diçe porẽ toda sua oração era mental, porque pergũtandolhe como orava respõdeo que recolhendoçe dẽtro de sim, por que asim o officio devino como
20 devações não resava de outro modo, nẽ lhe satisfasia pello custume que tinha de orar mẽtal mente, epella consolassão que ã isso achava. [fl. 27 r.] Estando ã asela resando aos anjos de que era devotissima viu junto de sim cõ os olhos interiores hũa claridade mui grande edentro ã ella hũa so asa de hũ anjo isto ã tão breve espasso como lhe aconteçia outras muitas veses que se asim não fora desia selhe acabara avida conforme
25 oque sentia, de ahi apoucos dias passou d esta vida a madre soror joanna do espirito sancto religiosa de admiraveis vertudes como em sua vida se avisto ã o dia que esta religiosa faleçeo diçe ha que comunicava estas merces de Deos toda inflamada em seu amor que no ponto que ella espirara sentira cõsigo o que se passara na gloria cõ aquella alma e as festas que lhe avia de faser o arcanjo são miguel de quẽ a defũcta era cõ
30 excesso devotta histo diçe toda abrasada do rosto que dava sinais desta verdade.

Contou que ã o anno de 1623 estando a primeira sesta feira da quaresma ã o choro abespera ao p̄to que se diçe a antiphona *tu autem cū oraveris intra in cubiculū tuum*¹²¹⁶ alevou nosso Senhor mais dentro que em o exterior que foi ã o coração e que ali selhe representou, crucificado correndo sangue das chagas e este senhor estava virado para
5 ella eque d este oulhala christo, ficara tão cõfundida conhecendo ser mereçedora do inferno, que se desfasia ã lagrimas e era constrangida a diser o psalmo *miserere mei Deus*¹²¹⁷ e que assim esteve algũ espasso (o que se entẽde por o rapto) diçe mais que em este intimo do coração não pudião entrar pensamentos de nenhũ modo mais que conhecerçe hũa pessoa assim mesma [fl. 27 v.] e versse assim ser cõtraria a Deos.

10 Indo hũ dia para o choro a ouvir missa ã saindo da çela sentiu dentro de si hũa visã de pax tão grande que não sabia ella diser como era, que lhe parecia devia ser como aque tem os bem avêturados no çeo eque histo desia por faser cõparassã, não por que se possa faser cõ a de la nenhũa mas que era como semelhansa, tãobẽ lhe durou este a rebatamento por muito espasso, de todas estas cousas lhe ficava grande humildade ecõ
15 todos estes efeitos não se sigurava, e desia que pudião ser illusões do demonio, histo contou ã a confissã ao confeçor, o qual lhe mãdou o não descubrisse a nenhũa pessoa e assim oteve em segredo ate que outro padre spiritual lhe mãdou comunicasse tudo a esta religiosa.

Em hũ dia de são lucas evangelista estando a missa convêtual em quãto se cantava o
20 credo, foi recolhida dẽtro de sim, elevada a hũ abismo profundissimo e debaxo delle via elhe parecia estava o çeo equeria ja ver os anjos mas não chegou avelos senã so aquella claridade tão maravilhosa que fes cudarẽ a que sem duvida nenhũa debaxo de aquella profundesa da terra estava o çeo. ficou d esta visã tão confusa como de todas que como não tinha mestre que a alumiasse achavaçe em ella mui ãbarasada por não ter cõ quẽ as
25 trataçe por que de puro humilde nẽ cõ os confeçores as comunicava mas como Deos so tinha por mestre foi ao diante alumuada ouvindo hũ dia a hũ letrado que o çeo estava debaxo da terra do que teve grande [fl. 28 r.] gosõ spiritual tendo que alux que vira era serta quãdo na fundura que vira lhe pareceo ser toda a terra em cõparaçã do çeo hũ so

¹²¹⁶ (Mt 6, 6) *Tu autem cū oraveris, intra in cubiculū tuum, et clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito, et Pater tuus, qui videt in abscondito, reddet tibi; Biblia Sacra*, p. 6; "Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te", *Bíblia Sagrada*, p. 1574.

¹²¹⁷ (Sl. 50, 3) Um dos salmos penitenciais, *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam; Biblia Sacra*, p. 590; "Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade"; *Bíblia Sagrada*, p. 890.

palmo, e estar o mesmo çeo debaxo della, alcansou ser esta visão de Deos pellos efectos que nella obrou elhe ficarão que erão desejos grãdes de oservir e amar e dar demão atudo omais fora d elle e de todos lhe ficava o mesmo por que se segurava serẽ boas.

5 Em o principio do advento selhe representou hũa ves ã sua alma o menino Jesus cõ a senhora de juelhos de hũa parte e s. joseph da outra prometeolhe de asim o contemplar todo elle pois asim lhe fisera merce de selhe magnifestar.

Hũ dia de nossa senhora da purificassã no anno de 1627 avendo ella comũgado estando a tarde recolhida em o interior do coração viu Deos homẽ cõ hũa veste roxa tão fermoso como elle e sem nada na cabessa nẽ nos pes, d esta vista ainda que muito breve
10 diçe lhe ficara o coração tão inflamado ã o amor de Deos edas creaturas que se esta vista lhe durara mais espasso lhe parecia morrera pella forssa de amor que lhe causara.

Logo anoite do seguinte dia estando ã a cama mas mui esperta se recolheo no interior eviu no coração o çeo e nelle hũ globo de tanta fermusura e claridade que não se atrevia ella a diser nẽ os intemdimientos alcansar como era aquella fermusura, d esta vista diçe
15 lhe ficarão os mesmos efectos da passada e de mais muito gran[fl. 28 v.]des desejos da converssã de inglaterra e salvassã de todas as almas emuito profunda humildade e desejo de todas a despresarem, emuito grande conhessimento de seu nada, esta merce lhe fasia nosso senhor de ordinario.

Estando hũa noite em o choro so esperando as matinas resou hũas ve[s]peras¹²¹⁸ ao
20 sanctissimo sacramento pello seus bem feitores correndoos todos pello pensamento (que asim fasia quando por elles resava) viu ã o recolhimento interior hũa hostia enomeio hũa claridade como ouro e dẽtro ã ella hũ cordeirinho alvissimo como aneve cõ hũa innocensia tão grande que claramẽte alcansava d ella apuresa d aquelle devino cordeiro esta vista lhe ficou tão inpressa na alma que sempre a trasia nella d histo deu cõta aseu
25 confeçor ao qual ate emtã nada avia descuberto por ser como hei ditto tão humilde e que não queria se soubessem as merces que Deos lhe fasia.

Estando outra ves ã oraçã acõpanhou avirgẽ nossa senhora ã o caminho de egipto levando a espasos o cabresto da burrinha e chegãdo la viu cahir aquelles tresentos e tantos idolos pediu logo ao menino Jesus derrubaçe e destruisse de sua alma todas as
30 cousas que ã ella lhe desprassiã e alumiassse suas ignoransias em seu serviço e como a

¹²¹⁸ Acréscimo do editor.

senhora se agasalhasse em hũa pobre casa, lhe pediu cõ muita instansia lhe deçe licença para tomar o menino ã quanto ella punha acasa ã ordem eaconsertava elhe parecia que a senhora depois de dar leite ao menino Jesus lho entregara nos braços onde ella o viu cõ omũdo na mão ehũa claridade tão grande, que nella claramente conhesseo ser o filho [fl. 5 29 r.] do eterno padre, ecõ tão grande consolassão ficou que lhe durou muitos dias, enão acabava de emcareçer cõ lagrimas de inflamada devassão qual ficava hũa alma em estas ocasiões, depois que a senhora lhe ãtregou o menino andou cõ muito contẽtamento brincãdo cõ elle nos braços acabado histo ãtrou ãsi.

Cõtou que vira hũ dia hũ altar de vermelho em seu coração cõ sua toalha mui bẽ posta e em sima delle o menino Jesus sentado despedinho de todo cõ os cabelinhos como ouro. 10

Outraves em o anno de 1618 se lhe representou em aclusura do coração (que diçe era mais que o deserto interior) hũa capella e em ella hũ altar enelle via que lhe mostravão a hostia consagrada em alto como quãdo o sacerdotte levanta a Deos na missa, mas não tinha quẽ a mostrava casula¹²¹⁹, senão hũa veste roxa como a de Cristo, e este lhe parecia era, e mais claramente via a hostia esua brancura do que avia cõ os olhos corporais quando tinha vista, ficavalhe grande humildade vendo ressebia tão grandes merces de Deos quẽ tão mal cõrespõdia cõ ellas. 15

Desejava vicẽ os infieis aquellas cousas para se converterẽ, mas temẽdo não fosse o demonio que a incitava a aquelle desejo, de serẽ vistas aquellas maravilhas nella, cõ algũ cheiro de vaidade, desia logo, *fiat voluntas tua*¹²²⁰, buscai senhor outros meios para os converterdes. 20

[fl. 29 v.] Custumava resar o officio devino cõtẽplando em apaxão repartindoa pellos dias da semana, contou que estando hũ domingo resando seista cõtẽplando como cristo nosso senhor apareçeo asua sanctissima mãi e a consolou depois de ressucitar, em o espasso que se podia diser hũa ave maria apressada viu dẽtro em o interior hũa cousa mui branca aqual brancura ella não avia visto outra cõ que a cõparar e em o meio della viu duas chagas mui resplandcentes emuito fermosas correndo sangue dellas mui fresco diçe aquẽ o contou que se ella soubera pintar bem se atrevera afasellas do modo 25

¹²¹⁹ Paramento de seda que o sacerdote coloca por cima da alva e da estola para celebrar a missa, MORAIS, v. 2, p. 1008.

¹²²⁰ Oraçãdo do Pai Nosso: "Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum. Adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra (...)" (Mt 6, 10b), *Biblia Sacra*, p. 6.

que as vira, tão viva lhe ficou amemoria dellas, edice mais que d esta merce que nosso senhor lhe fes lhe ficara grande consolassão e humildade como das mais.

Bẽ se pode conhecer elouvar amisericordia de Deos pois permetiu que esta serva sua sendo tão humilde que todo seu estudo punha ã occultar estes regalos os diçesse por sua
5 mesma boca forssada da obediensia para que sabendo nos as merces que fas aquẽ se dispoem a servilo nos animemos a faselo e imitar tantas vertudes.

de outros favores e revelassões que teve e de algũs sonhos a que se pode dar este nome - cap. 6

10 Afora as merçes dıttas cõ que Deos regalava sua serva lhe fasia outras detão subidos quilates e tão de urdinario que parece so cõ esta alma tinha os deleites¹²²¹ que elle dis sã cõ os filhos dos homẽs porque em nenhũ lugar outempo lhe faltavãõ como cõfesou, que andãdo, comẽdo, durmindo, sẽpre achava a Deos, enũca selhe negava, fasendolhe
15 tão continua assistensia que podia diser oque a esposa¹²²², não vedes ameu amado que esta detras da porta oulhãdo pellos resquicios da caçela e espreitando pellas frestas da genella. que não perdia ponto este celestial amãte em suas finesas, esperando entrar como sol de justiça a alumiar aquella alma cõ soberanos raios, ja cõ jubilos de alegria causados d esta devina assistensia, ja dandolhe ocasiões de mereçer e se confũdir ã onada de suas miserias, ja espertandoa do sono com amorosos ençentivos, ja fasendolhe em
20 elle representassões em que lhe deixava speransas de ser de seus escolhidos, como se vera ã o descurço d este capitalo.

Em o anno de 1624 poucos dias depois da festa de nosso padre s. Francisco, diçe que acordara de noite cõ hũ jubilo de alegria no coração, tão grande, que não sabia que fiseçe, nẽ donde se fosse, porque não cabia em todo este convento.

25 [fl. 30 v.] Por muitas veses diçe a hũa religiosa que sempre trasia hũa grande fermusura em ocorassão.

¹²²¹ *delicieme e [...] cõ filiis hominis, pro.8*] à margem.

¹²²² *en ipse stat post parietem nostrũ, cant. 2*] à margem.

E a outras que não sabia que cousa era tello triste easim o mostrava em seu sêblante por que nũca lhe falavão que não mostraçe hũ gasalhado que roubava as vontades e hũa sancta alegria que parecia redundava ao rosto a que estava ã a alma.

5 So em hũa ocasião desia que tinha tristesa e era quando sabia que Deos era pouco amado de suas creaturas e offensas que se lhe fasião eque histo erão faltas que lhe atrevessavão ooração. e aoutras pessoas que erão doentes de malêcolia ãcomêdava que asim sentiçẽ cõtẽplaçẽ a Deos no presepio enão ã apaxão por que logo se lhe tiraria toda que de todas presumia terẽ seu spirito.

10 Estando hũ dia ã o choro resando ao pe de hũ altar em que a esse tẽpo estava hũa imagẽ de nossa senhora da speransa que chamamos *a velha* por ser da fũdassão do convento sentiu hũa fragansia de cheiro tão suave que todos os mais do mũdo, odoriferos e de flores ficavão groçeiros enenhũ humano fasião cõ elle cõparaçãõ, pareceolhe veria do sanctissimo sacramento por que estava aberta a grade da igreja, chegando a ella lhe cheirou aterra, e asim e serto que respirou desta santa imagẽ cõ tanta suavidade que
15 alevou tras sim, posto que foi brevissima tevea por favor e merce do çeo e reconhecida dellas chorava cada dia a margamente perder tanto tempo, e lembrasse desta perda ã o fim da vida e com muitas lagrimas [fl. 31 r.] repetia suas costumadas palavras Deos me queria faser sancta e eu onão quis ser.

Estando ã oraçãõ diçe lhe viera aimaginassãõ hũseu subrinho e que segundo ocudado
20 que lhe dera temia se teria algũ mal foi pergũtar ahũa religiosa que tinha cudado della se sabia algũa cousa dele que lho diçesse por amor de Deos que de sua mão tomaria tudo oque fosse por que conforme estava cõ sua vontade ella lhe respõdeo não sabia nada que aquella imaginassãõ devia ser malêcolia que se não inquietasse, porẽ ella diçe que lansãdoçe em acama não pudera tomar sono cõ este cudado imaginãdo se seria elle
25 morto que ficariãõ seus subrinhos orfãos, estando cudando em o desẽparo de aquella casa.

Foi levada dentro de si interiormente e viu o nosso senhor jesu christo crucificado e nossa senhora ao pe da crus que se inclinava aconsolala em aquella aflissãõ em que a via ecõ esta consolassãõ se lhe tirou apena que ate ãtãõ avia tido.

30 ã hũ dia das onse mil virgens estando ã hũa capella (que ha ã o claustro do menino perdido) resãdo foi tão grande a consolassãõ interior que reçebeo qual não sabia

emcarez, e dice lhe pesara de tangerẽ as has besperas por ser forssado a cudir a ellas e
deixar o regalo que em aquella oraçõ Deos lhe comunicava passando hũa ves pella
madre abbadessa que etãõ o era se tãõ bẽ lhe diçe cõ grande alegria que nosso [fl. 31 v.]
senhor lhe fisera hũa grande merce ã dia de santo ildefonso epor que o pai da ditta
5 perlada tinha omesmo nome elhe era devotto lhe diçe histo, porẽ nũca lhe quis contar
nada nẽ declararsse mais posto que a inportanou muito levada desta curiosidade foi ter
cõ afreira aque ella cominicava estas cousas epediulhe osoubesse fes a religiosa infenita
instansia aque ella lho contaçe o que ella não queria por que posto estava hubrigada
pello confeçor desia que aquella merce estava determinada anũca o descobrir easim
10 repetia cõ muitas lagrimas ha quẽ nũca naçera pois lhe avia de acontecer tal desastre,
porẽ vẽdo que anãõ deixava contou o seguinte que anoite para o dia de sancto ildefonso
acordando do primeiro sono, estando bẽ descudada de receber nenhũa merse foi levada
ao çeo interior mente e o viu cõ a fermusura que elle tem aqual dice era tal que anãõ
sabia diser porem afirmou duas veses que se vira no ceo em espasso que se resaçe hũa
15 ave maria a seu parecer (que seria muito mas quẽ se vera la que lhe não pareça hũ breve
minuto) eque alcansara como so ã Deos avia verdade e asim conheço não aver feito
obra nenhũa boa teve muito grande dor das almas que se perdem isto cõ efecto de
lagrimas cõ muito grande dor de peccados asim seus como das pessoas que os aviãõ
cometido cõtra Deos e as chorava copiosa mente quando ocontava, dice mais como
20 depois de entrar em sim e passar a visãõ se sentara em acama pera chorar por ser tãõ
grande o inpito das lagrimas que lhe não cabiãõ pellos olhos histo sã ella faser nada de
sua parte eque lhe parecia erãõ causadas do que se lhe avia represen[fl. 32 r.]tado.

Em hũas matinas da festa de todos os sanctos quando se acabarãõ virou para hũa
religiosa que estava jũto della, e dicelhe em estas matinas, me mostrou Deos acorte do
25 çeo cõ todos os santos e justos delle os quais estavãõ em repartimentos a modo de
nichos e fesme elle merce de me dar conhessimento de todos histo diçe quasi alienada
do jubilo de alegria que lhe causou esta visãõ e a quẽ o ella diçe ficou tãõ admirada que
lhe não fes nenhũa pergũta sobre isto nẽ ella devia de saber o que diçera.

Foi devotissima d esta festa edo evangelho della que trata das oito bẽ aventuransas em
30 quanto se lia ã o rectorio tinha particular gosõ e consolassãõ de ouvilas jũtamente
quãdo dava mantimento a ocorpo dava tãõbẽ pasto a alma ali tinha altissimas
considerações e recebia grandissimas merçes do çeo. do que comia dava esmola

considerando a dava ao menino Jesus que pello refectorio hia pedindo e cõ esta consideração e outras semelhantes se desfasia em lagrimas.

5 Ë hũ advento do anno de 1616 acordando hũa madrugada viu o menino Jesus eos braços da madre soror catherina do espirito sancto (de quẽ se trata no 2 livro) nelles o adorou, e ficou cudando pello ver ã seus braços que o agradava mais que ella e todas as mais cõ sua mãssidão cõ que sufria algũas cousas que discontentãdolhe na religião, as não podia remedear etão bem cõ a rara obediensia que tinha tanto julgava amadre maria das chagas detudo bẽ que ate calarsse [fl. 32 v.] ã estas materias atribuhia avertude.

10 Indolhe levar amossa da ãfermaria hũa medecina hũ dia a cela a achou de sorte que não asentiu elhe ouviu diser ahi estais meu menino pois ahi vos viestes por, meu Deos, ahi estais, sentadinho meu menino aservidora se athemorisou de sorte que se sahiu da cela etãobẽ por não a inquietar etirar de aquele bẽ que estava gosando entẽdendo estava de todo absorta em Deos. aoutra servidora aconteçeo omesmo outro dia e ouviulhe estar disẽdo e bẽ ahi vos viestes por meu menino nas palhinhas ahi vos quero eu¹²²³ como que
15 estava ãtretendosse cõ elle como fasemos cõ qualquer menino tãobẽolveo logo cheia de themor.

Faleceo a hũa dona desta vila viçosa hũa filha menina aque muito amava, ã osentimento que mostrou em este golpe foi tão demasiada que se escandalisou a madre maria das chagas muito de não ser sua cõformidade cõ avontade devina quanta devia vindo a este
20 convento afoi vesitar por ver se admetia algũa consolassão e lhe diçe tiveçe muita que ella vira a menina vestida de branco muito linda e ataviada eque em as mãos trasia hũ cestinho de fructas e lhe dera dellas a dona se consolou muito cõ histo por que todos tinhão grande fe ã suas palavras evertude eficou mui cõforme.

Falecendo hamesma hũ filho ã que se acabou sua casa e decendẽssia ella e seu marido
25 estavão inpassientes e sã cõformidade e fasião excessos nottaveis falãdo so com amadre soror maria das chagas se trocarão de sorte que ãbos davão graças a Deos de lhe [fl. 33 r.] aver livado seu filho cõ grande admirassão de todos mas não se sabe oque cõ ella passavão. estes dous casos conta a madre maria da consepsão sua filha que oje vive ã este convento.

¹²²³ *esta ultima vive ainda*] à margem.

Viu hũ dia hũa religiosa defũcta que se chamava soror antonia de jesu cuja vida vai ã o
2º livro por ser exsẽplar e de grande vertude aqual lhe não falou nenhũa palavra so lhe
punha o dedo na boca e não a entẽdeo ficou cudando se seria diserlhe continuasse as
comunhões spirituais e como era tão humilde tornava a parecer lhe se seria ãcomẽdarlhe
5 guardaçe silensio sendo que sẽpre ofes perfektissima mente.

Viu outro dia sahir do choro hũ ãterramento e imaginou fora histo por elle que avia de
morrer por ir a crus para aparagẽ donde ella tinha a cella, faleçeo logo da mesma parte
hũa religiosa entẽdeo ser por ella oque avia visto.

Faleçeo hũ homẽ pobre seu conhecido, teve tensã de pellas indulgencias conçedidas
10 anossa ordem lhe tirar a alma e esqueçeo lhe ouviusse chamar por seu nome maria das
chagas conheçeo logo ser aquella alma que aespertava lẽbrandoçelhe resou ãtão pella
livrar de aquellas penas enão asentiu mais.

Antes de sua irmã amadre soror ines faleçer ficando ã o choro de pois de matinas ate
pella menhã como tinha de custume estãdo em oraçã avenseo hũ sono e se encostou a
15 hũ bãco que jũto de si tinha sonhou via aberta hũa sepultura de novo [fl. 33 v.] ã que
senão avia ãterrado outrẽ e tudo armado de damasco branco e sercada toda de tochas e
çirios açesos e pergũtando para quẽ era lhe dicerão que para hũa freira sentida de não
aver pergũtado para qual dava tres passos atras a sabelo e neles espertou de ahi atres
semanas estando sua irmã sam ebẽ faleçeo e foi sepultada ã o mesmo lugar esepultura
20 nova e cõ os mesmos lumes so oforro de damasco não viu cõ os olhos corporais. eposto
que histo seja sonho a grande vertude de ãbas ecũpirse tanto ao çerto são bastantes
sinais deser revelassão.

Posto que esta religiosa dava a estas cousas nome de sonhos e asim mesmo aos que se
seguẽ, não me pareçe serei notada de os escrever de quẽ os considerar bem, e conheçer
25 omereçem de revelassões, porque antigo custume e em Deos comunicar grandes
segredos aseus servos ã elles como apõtara muitos asim do testamento velho como da
lei¹²²⁴ da graça se fora meu intẽto abonar estes mas como não e outro mais que escrever
o que se soube dino de memoria, deixo aos spirituais o darẽlhe o sentido que elles
mereçẽ que eu por votto de pessoas que o são, e não menos doctos fis caso a sim do
30 ditto como dos que se seguẽ.

¹²²⁴ Rasurado.

Cõtou hũ dia cõ grande alegria que vira ã sonho hũa religiosa que avia falecido sobre Deos lhe aver dado em este mũdo tres ou quatro annos de purgatorio nesta vida estando todos ãtrevada cõ muitas molestias e discomodos a esta defũcta que se chamava soror Francisca da crus viu cõ tão fermosos olhos que ficou ella admirada e assim lhe pergũtou
5 soror Francisca que olhos sãõ esses [fl. 34 r.] ao que a defũcta respõdeo maria das chagas histo sãõ olhos que vem a Deos, desia que posto a tinha por sonho por que ella não merecia ver os bẽ avẽturados lhe causara grande consolassãõ spiritual.

Outras ves contou que sonhara hia por hũ caminho cõ grande temor de se ãcõtrar cõ
10 homẽs, eque sua irmã soror ines hia em sua cõpanhia a qual lhe não falava mas que hia colhẽdo uvas e dandolhas e andãdo derãõ e hũ pego de agua profundissimo ã aqual ã se vendo se lhe representarãõ seus peccados e via suas miserias tanto ao vivo que pera desesperar de sua salvassãõ lhe não faltava nada e logo viu Christo crucificado tão perto de si que lhe falava ao coração e lho deixou tão cheio de brandura que lhe durou algũs dias grande suavidade nelle e ao senhor diçe assim mesmo em sonhos senhor cõ essa
15 chave da crus me aveis de abrir o paraíso etres dias dipois trouxe sempre esta imagẽ viva ã amemoria e a fes de este sonho por lhe parecer era aviso que Deos lhe mãdava de seus peccados. que quãto hũa alma cõ mais fervor ama a Deos tanto emaior otemor das culpas cometidas contra elle e tanto maiores selhe representãõ quãto melhor conhece agradesa do offendido.

20 Outra ves sonhou via hũa escada mui alta que sobia da terra ao çeo e no fim ã o taboleiro della aparecia hũ ansiãõ mui veneravel, cõ roupas cõpridas que representava grande autoridade, diante delle estava hũa estante cõ hũ livro mui grande [fl. 34 v.] escrito cõ letras de ouro, o qual lhe desiãõ ser o livro da vida cõ themor subia os degraos e o ansiãõ põdo lhe os olhos graciosamente se sorria e agasalhava cõ elles,
25 pergũtoulhe ella senhor esta o meu nome ã esse livro elle assim risonho corria as folhas e ao tõ grande que ellas fiserãõ acordou antes de ouvir a repostã, mas ficou mui alegre de ver aboa graça cõ que foi agasalhada de aquelle ansiãõ que aseu parecer era o padre eterno, que aquillo ã que andava sua alma sempre absorta trasia a imaginassãõ tão presente como o que so aperssebia, e assim lhe causava estas representassões quando o
30 sono a deixava alheia dos sentidos corporais ou para falar ao çerto lhas fasia Deos para esforssar seus desejos. passemos aoutros de não menos considerassãõ.

Viu ã sonhos hũ templo de alabastro fermosissimo cõ muitas frestas hũas por sima
outras mais abaxo este templo tinha hũa porta ao poente e tinha hũ grande recebimento
desejosa ella de verçe em aquelle lugar andava e mais andava e parcialhe espasso de hũ
ora que gastava em aquelle caminho e estando ja tão perto que ouvia as voses que dẽtro
5 cãtavãõ e lhe parecãõ de anjos que desiãõ amen. a este tãõ acordou, nãõ cõ poucas
saudades do que avia ouvido e visto.

Sonhou por outra ves que via hũ templo como estas nossas igrejas e que d elle sahia hũ
caudeloso [fl. 35 r.] e grande rio mui pavoado de hũa e outra parte de arvoredõ e
parcialhe oçeõ estrellado eque em o silençõ da noite via hũa barca e davaselhe
10 conhessimento que emtrando ã ella iria ao paraiso terreal abarca se chegava pera onde
ella estava e entrãdo em ella e navegando cõ muita quietassãõ acordou dando d estes
conta aseu confeçor lhe diçe erãõ histo revelassões que hũ propheta vira hũ rio que dava
pello pescosso a hũs e a outros mais abaxo ate que dessia aos pes que segnificavãõ os
apostolos os primeiros logo os martires os segũdos, os outros; os mais que servem ã a
15 igreja de Deos cõforme os merecimentos mais ou menos de cada hum.

Ë as orações que fasia pellos proximos todos os dias particularisava sempre os que a
ajudavãõ ã o spiritual e offerecia por cada hũ delles a Deos hũ ramallete de orações.

Viu hua ves ã sonhos hũa imagẽ de nossa senhora da speransa (que a esse tẽpo estava ã
a igreja eagora ã o choro baxo) cõ a vasquinha¹²²⁵ toda fameada de aquelles ramalhetes
20 que a fasia parecer hũa alegre prima vera posto que por sonho fasia delle pouco caso
epor esse o contou ficou muito consolada.

E costumavasse ã esta casa a dar esmolla a cõfraria da igreja matris de esta vila notando
hũa religiosa que era de consideraçãõ eque¹²²⁶ fora melhor faserce a sua igreja tão pouco
ornada o intẽtou como mais larga mente se cõta ã o 14 capitalo do primeiro livro
25 valeosse [fl. 35 v.] das orações de esta madre dãdolhe cõta das cõtradições que padeçia
lhe pediu alcansasse de Deos passiensia para as levar a diante por que ella nãõ avia de
desestir de sua pretensãõ se elle se nãõ serviçe de a ella deixar eque asim mui deveras
trataçe este negosseõ cõ elle que lhe mostrace o que ã aquella materia lhe seria mais
açeito, andando ella ã este requerimento.

¹²²⁵ Saia de vestir por cima de toda a roupa, MORAIS, v. 11, p. 545.

¹²²⁶ eque *vẽdo*] aparece sobreposto ao texto.

Sonhou hũa noite via hũa religiosa de nosso abitto, e desia que este tirava (acestamenha de que era) acor sinsêta que era aque a ella agradava mais por ser acor do abitto fransiscano, otoucado mui onesto ecõ grande modestia ã tudo, pello que se via ser pessoa de muita autoridade esta lhe mostravadous meninos Jesus elhe desia que ao que se risse para ella deçe a esmolla ã isto vialhe ã os brassos hũ vestido de carmisim mui rica mente ecõ muito ouro e fermosissimo e que mostrava ser mui rico, mas tão grave em o sêblante que ella se não atrevia nẽ a levantarlhe os olhos e o outro mais pequenino cõ hũa camisinha mui pobre, mas que se ria para ella tão graciosa mente, que ate os olhinhos, as covasinhas que fasia nas faces as orelhinhas, os cabelinhos, tudo parecia selhe estava rindo ecõ este riso hubrigava alhe darẽ esmolla, entẽdeo ã o mesmo sonho que este pobresinho era a igreja da speransa e o grave e rico a da matris que se chama sancta maria logo pella menhã comessou acõtalo a todas principalmente has leigas que erão as mais rijas ã não deixar acõfraria de fora e logo se comessarão [fl. 36 r.] a mudar movidas da forssa de suas palavras e da que o sonho lhes causava asim ellas como as religiosas todas, ate amesma que agensiava a esmola para a mãdar amatis que era a por cujo temor lha davão desabriu mão de tudo, e por este sonho teve prinsipio o muito que esta esmolla tem rãdido pois esta a igreja tão perfecta e ornada que e hũ dos mais lindos tẽplos que ha ã este alentejo segũdo sua capacidade ese espera aperfeissoarsse mais pello fervor cõ que religiosas e servidoras ajudão cõ suas esmolas do que ella tinha grande consolassão ealegria ã sua alma.

Pergũtandolhe muitos annos depois por este sonho o tornava a relatar cõ as mesmas circũstansias e palavras sã trocar hũa so, atodas ãcomẽdava esta devação fasendo particular oraçãõ por todos os que em obra tão pia ajudavão.

Estes sonhos contou a muitas pessoas por que na verdade lhes podia dar este nome, que as mais merçes que recebia de Deos cõ amesma humildade cõ que se tinha por indina dellas fugia de se saberẽ como verdadeira imitadora de seu padre sãõ Francisco ã a captella cõ que desia *secretũ meũ mihi*.

da grande charidade que esta perfecta religiosa teve cõ o proximo - cap. 7

Ser efeito do amor devino o do proximo e tão serto que não pode hũ sã o outro ser perfecto, porque mal pode descudarsse a alma ã que Deos assiste, de sua imagẽ, do que

lhe custou tão caro, nẽ de seu ultimo presepto que nos amassemos hũs aos outros asim como elle nos amou, este guardou esta illustre religiosa de sorte que foi hũa insaciavel çede o zelo que se lhe conheço da salvassão das almas que parecia ardia seu coração ẽ esta charidade cõ que fasia taes extremos que lhe erão nottados por de magia grande, sendo para ella lansadas crueis ver a Deos offendido e aperda de tantas almas, de sorte que hũa relligiosa que a comunicou familiarmente e deixou escrito grãde parte do que d ella se sabe por sertto, afirma ẽ seus papeis que como testimunha de vista sabia que a sancta catherina de sena não avião de custar mais suas penitencias que a esta madre ser Deos offendido e as muitas almas que se perdẽ de infieis e christãos que erão para ella lansadas e settas quelhe atreuessavão ooração. e asim amor parte de sua oração era aeste fim que asalvassão de todas as almas tomava tanto por sua conta como se ẽ cada hũa dellas se perdera asua. pediu a Deos toda sua vida aconverssão da inglaterra¹²²⁷ e tanto adesvelavão estes [fl. 37 r.]¹²²⁸ desejos que de continuo andava pergũtando as religiosas se sabião d este reino algũas novas que lhe pudecẽ dar speransas ou se ouvirão diser que pregavão religiosos catholicos e se fasião algũ fructo esta era sua ordinaria pratica etão eficaz e continua que quãdo lhe não davão novas pedialhes a ajudaçẽ a pedilo a Deos e cõ hũ spirito que movia os corações e toda inflamada desia senhor pôde os olhos em hũ reino regado cõ sangue de tantos martires e elle abrande voça ira pôde os olhos nelle e apartaios de tantos peccados e cõ as mãos postas se ficava suspensa como trespassada da dor que esta considerassão lhe causava, e as que tinham com respõdensias fora do reino emcomẽdava lhe precauçẽ estas novas cõ hũa ansia notavel.

Por este rei aque o parlamento tirou avida fasia de continuo oração por sua converssão e quãdo sendo principe de gales veio a espanha acasar cõ ainfante foi grandissima a alegria que teve pareçendolhe que por aquelle meio teria entrada a cristãdade ẽ aquelle reino e tais extremos fasia ẽ o desejo de se efectuar que causava a todas admirassão. resousse por essa tensão hũa ledainha algũs dias em acomunidade, não pode essestir nella por enfermidade, em hũ delles, esentida disso, diçe oje ei de ir correr todos os altares e diante do sactissimo sacramento, ei de gritar cõ a vox da alma aque del rei do

¹²²⁷ Referência à perda da Igreja Católica em território inglês, após a discordância de henrique VIII com o Papa Clemente VII, por este não ter autorizado a anulação do seu casamento com Catarina de Aragão.

¹²²⁸ A partir de aqui e ao longo dos capítulos 8º, 9º e 10º uma enorme mancha, provocada pela ação da tinta ferrogálica, obsta de sobremaneira a leitura do texto, comprometendo, desta forma uma transcrição fidedigna (e capaz!) do mesmo. Tentámos, em todo o caso, apesar das difíceis circunstâncias, prosseguir com a transcrição até ao fim.

çeo, ate que me acuda eme mostre este prinsipe cõvertido, isto e outras cousas diçe cõ tantas lagrimas e fervor de espirito [fl. 37 v.] que edificou todas as presentes.

Quãdo o mesmo casou cõ a infante de fransa o festejou cõ grande goso e consolassão spiritual e por muitas veses lhe ouvimos diser esta senhora ade faser este rei catholico, os annos que depois viveo não cessava de precurar se lhe consêtião viver na pureza da fe [...] ¹²²⁹ selhe consêtião confeçor catholico e se o era toda agente se seu servião e tantas meudesas que parecia não tinha outro cuidado mais que a salvassão de estes reis, ecõ tão grande cõtinuassão precurava estas novas e falava ã esta materia, que asua cõverssão epresença não ser tão agradavel pudera ser molesta e causar fastio, mas bẽ viamos que a çede grande da salvassão das almas lhe não deixava esquecer este cuidado.

Os annos que el rei christianissimo de fransa não teve filhos, foi para ella hũ intoleravel desvello não cessando nũca de lhos pedir a Deos, eas religiosas que precuraçẽ se avia algũas esperansas de oster algũas se rião desta ansia, outras se edeficavão, quando e pergũtandolhe por que causa tomava disto tanta pena respõdia que estava a christandade de fransa ainda mui tenrra para lhe faltarẽ successores de hũ rei tão christão e que podia a rainha ter a essa cõta trabalhos, e pedia que soubessemos de nossos parêtes se acaso se soava que lhe desião por isso algũa molestia, eposto que êtão [fl. 38 r.] nos parecia disbarate esimplicidade santa depois contãdosse algũas cousas êtemdemos que Deos permitiu que ella as soubesse ã espirito, para lhe rogar por aquelles reis e reino, e eu êtendo que darlhe Deos successores se pode atribuir asuas orações que erão sem çessar, porẽ não lhos viu ã vida.

Em seus prinsipios lhe custou a converssão deste reino muitas lagrimas e orações por que desde elles teve este zelo da salvassão das almas.

Contou a hũa das duas religiosas que hũ dia de s. barnabe ¹²³⁰ fora o primeiro que lhe custara pouco recolhersse dêtro de sim eviu ã seu coração o menino Jesus de idade de sette annos tão fermoso que todas as cousas fermosas d este mũdo em cõparação do que em elle viu erão nada, ali lhe pediu cõ grande instansia aconverssão de fransa, em que se falava ã aquelle tẽpo elhe dava nottavel pena aperda de aquellas almas, e desejava que

¹²²⁹ Ilegível.

¹²³⁰ S. Barnabé, apóstolo (embora não sendo um dos doze), missionário associado à obra de S. Paulo. Celebra-se o seu dia a 11 de junho.

todas as creaturas pedicem misericordia por ellas para que Deos (desia ella) de muito inpurtunado as alumiaçe.

Esta mesma charidade tinha cõ todas as almas dos mais remotos reinos do mûdo que lhe chegavão a notiça, pello gentio das indias, e do japão, e parece que de todo mûdo sabia
5 o que passava e em que pontos estava a christãdade, e se sabia de algũ religioso ou
pessoa que lhe podia dar sobre isto algũa nova, logo a hia saber e precurar, sendo [fl.38
v.] mui cara de ir as grades para outra cousa que não fosse esta e quãdo para este effecto
hia desia que hia ouvir as novas que Deos por aquella pessoa lhe mādava, por este
respeito era devotissima dos padres da cõpanhia por que alem de ser gẽte mui spiritual
10 (desia ella): fasẽ grande fructo na converssão das almas¹²³¹, que era para ella omor
interes da vida.

Estando hũ dia recolhida dêtro de sim selhe representou aquella grande arvore de
daniel¹²³² asõbra da qual todos os animais se recolhião, e no tronco della lhe parecia
estava Christo senhor nosso crucificado e jũto a elle nossa senhora são joão e a
15 magdalena e a crus ficava como no meio de hũa pia, êtendia que Deos lhe mostrava
aquella visão para que lhe pediçe que em aquelle sangue que nella corria fossẽ
baptisados todos os infieis easim cõ muita eficacia lhe pediu os alumiasse esta
representassão lhe durou algũs dias.

Diçe muitas veses a hũa religiosa aque comunicou estas merces, que quãdo mais
20 recolhida estava cõ [cõ]¹²³³ Deos e mais so êtão amava e queria mais as creaturas (nelle)
elhe paressia que nosso senhor lhe mādava as tomasse muito ha sua conta para lhas
ẽcomẽdar cõ grande cuidado e charidade e desia de continuo era omor regallo que tinha.

Cõ batendo a hũa ves o demonio cõ muitos pensamentos cõ que vevia em cõtina
batalha, abrasandosse cõ a crus de [fl. 39 r.] de christo para que lhe valeçe, lhe parecia a
25 via feita toda de hũa pedra tão preciosa e branca, que o diamãte e christal ficava como
cortissa, cõ os tres pregos pregados em seus mesmos lugares, os quais erão pretos, eo
sangue que pella crus abaxo corria delles tão fresco como se em aquella ora Cristo o
derramara, a ope della em o chão viu a coroa de espinhos muito verde mas toda
ẽsangoentada cercava esta crus hũ resplandor tão grande que o sol ficava escuro, alli

¹²³¹ Referência ao papel dos missionários jesuítas na evangelização.

¹²³² Alusão bíblica ao sonho do rei Nabucodonosor que Daniel interpretou, (Dn 4, 7).

¹²³³ Repetição da autora.

pediu a Deos mostraçe aquella lux aos ereges para se converterê e histo cõ a mor instansia que pode.

Dipois disto viu em outra batalha dos pensamentos o senhor crucificado ã esta mesma crus vivo, correndo sangue pellos braços abaxo ã rios esem falar palavra so cõ os olhos que ãlla punha lhe falava cõ tal ternura que ooração della se desfasia em seu amor, e a vista d esta suavidade tudo da vida lhe causava fastio, e todos os tormentos do mûdo sofreria bem por imitar a este senhor em suas dores, afirmava que em estes passos lhe parecia estar sua alma ja na gloria, e tinha disto algũ escrupulo, desejava muito em este tempo, hũ lugar solitario, pera cõ mais quietassão gosar destes regalos do çeo, e posto que toda se influisse nelles, nã por isso os desejava, nã fasia nada pellos ter, so os recebia cõ muita humildade quando Deos lhos dava, conhecendosse por mais indina de todas as creaturas, ã estas ocasiões não podia resar nada, so fasia petissões a Deos em cuja presensa estava, a primeira por sua salvação [fl. 39 v.] a seguda¹²³⁴ pella vertude da humildade que nũca se fartava depois ãcomêdava a Deos aos proximos, aos reis e principes christãos, seus perlados, e a converssão dos infieis cõ grande eficacia, quando via christo em a crus sãpre della achava s. joão.

Estas duas ultimas visões teve pello tẽpo da quaresma, e desta brancura e resplandor viu sãpre a crus ã todas as que teve ate s. hieronimo posto que d este tẽpo so estas duas particularisou do dia do ditto sancto por diante avia de pao, eque das chagas das mãos e pes de Cristo nosso senhor sahião ramalhetes fermosissimos, de boninas de tão excelente belesa que as nossas erão esterco enão fasião cõparação, so em achaga do lado não via nada, em acabessa lhe parecia via tãobẽ de aquellas flores, e de todas as chagas sahião espadanas de sangue tais que em avista d ellas, toda se confũdia, ja ã este tempo aguerra dos pensamentos lhe não dava molestia que em se chegando a esta crus devina todos desapareção eo de monio como corrido a deixava como mais largamente ao diante se dira. em o descurço d este tẽpo por mais que contẽplava a Cristo em o presepio não o achava senão ã esta crus aonde achava aquelles bẽs e riquezas que não sabia nã podia cõ humanas palavras contar, nã declarar a esta devina crus tomava por medianeira pera aconverssão das almas pedindolhe que como estandarte do rei devino fosse arvorada em os reinos dos infieis e os trouxesse [fl. 40 r.] ao conhessimento da verdade.

¹²³⁴ Provável esquecimento do til em *segũda*.

Esta mesma charidade tinha cõ todos os proximos aque amava em Deos como asim mesma.

Denenhũ por peccador que fosse, se ãfadava porque sempre esperava ser bõ e alumialo Deos.

5 Avia ã este reino hũ soldado seu conhecido oqual teve hũ successo de mossidade ã que sua consiensiã estava muito ãbaraçada o exsẽplo era escandaloso eavida andava muito ariscada, tomou a madre maria das chagas este caso muito por sua conta para o ãcomendar a Deos movida do zelo de sua hõrra e da charidade do proximo. em oraçãõ por elle a achou hũ dia aservidora que lhe fasia charidade, mostrava ã seu sãblante
10 grande ansia e aflissãõ e cõ a forssa do espirito arebatada e alheia dos sentidos (pois anãõ viu nã sentiu) explicava palavras que ella entẽdeo mui bem, as quais erãõ como de quẽ perssuadia eaporfiava disendo ora senhor histo ha de ser asim, histo aveis de faser por mim, ora senhor este soldado, e logo calava a modo de quẽ esperava reposta, de ahi a hũ pequeno intervalo tornava cõ mor instansiã e aflissãõ a rogar disẽdo, ora senhor
15 histo ha de ser, aveilo de faser por mim, aservidora cheia de temor epella nãõ desconsolar se foi da casa sã ella dar fe de nada que tãõ absorta estava ã Deos. o caso teve hũ fim nãõ esperado e Deos remedeou tudo de modo que mais pareceo [fl. 40 v.] milagre que trassa humana porque nenhũa podia acabar oque suas orações alcanarãõ easim piamẽte se pode crer foi efecto dellas ever Deos a charidade de esta serva sua que
20 nãõ avia para ella mor regalo que ãcaminhalas ao bẽ do proximo.

Quando lhas pediãõ respõdia que se ria muito de aver quẽ quiseçe orações de hũa molher peccadora cheia de vaidade e ajõtava, servos somos sãõ proveito, porẽ cõ grande charidade tomava logo por sua conta a nessessidade que se lhe magnifestava por seu regalo como se fora propia sãõ aseissãõ de pessoas senãõ cõ igual vontade sãõ respeitar
25 trabalho nãõ discomodo que por essa causa tivesse.

Indo hũ dia de asperissimo frio por hũa verãda lhe pergõtou hũa religiosa que tinha cuidado d ella donde hia cõ tal tempo por lugar tãõ desabrido respõdeolhe toda inflamada vou donde me leva o amor do proximo, depois soube a ditta religiosa hia a hũa capella de nossa senhora da consepsãõ, faser oraçãõ por hũa pessoa que estava ã
30 grande nessessidade.

Em visitar as efermas era muio continua ecõ grande charidade se cõpadecia de seu mal cõsolãdoas cõ palavras epor todos os modos que podia e atoda a ora que dellas era chamada para lhe faser o sinal da crus ã suas efermidades ou lansar reliquias hia cõ grandissima deligencia não se negando nẽ que estiveçe emferma que oera sẽpre nẽ a desoras, por que [fl. 41 r.] todas tinhão tal fe ã ella como se fora hũ anjo do çeo enão se enganavão, por que sẽpre experimentavão a forssa de suas orações, has desconsoladas e aflittas consolava cõ suas suaves eamorosas palavras como se fora mãi sua.

As pessoas que sabia morrião confessados e contrittos não os sentia muito, mas se lhes faltavão os sacramentos eas mortes erão repentinas ou violentas tinha em sua alma hũa grandissima desconsolassão e era para ella hũ tormẽto intoleravel.

Cõpadeciasse grãdemente das penas das almas do fogo do purgatorio, e de continuo ganhava indulgencias por ellas das estações da nossa ordẽ bula da crusada ecõtas bentas que nenhũa perdia e emcomendava a todas fisecẽ o mesmo e esta devassão, cheia de charidade.

Desejava cõ grande extremo poder redusir todas as almas ao serviço de Deos e chorava cõ grande sêtimento tersse em o mũdo e ainda entre religiosos e pessoas dedicadas a Deos a perfeissão por cousa escusada eo diserçe que como não cahião em peccado mortal isso bastava para salvarçe que tinha lastima d esta segueira e dos muitos bems que perdião sem entẽdersse e que esta era a causa de aver tão poucos aproveitados em o serviço de Deos, pello que diçe por muitas veses a hũa das duas religiosas que comunicava que em Deos quando estava nelle amava as creaturas de modo que desejava abrir o coração emetelas donde [fl. 41 v.] vicẽ as riquezas que perdião quẽ não otinha.

Outras veses lhe diçe que ã tanto extremo, amava as creaturas que desejava e era constrangida apertalas eabraçalas muito cõsigo, mas que por não parecer doudiçe onão fasia, e dis a religiosa ã seus papeis que estes abraços lhe dava a ella muitas veses cõ a forssa e inpitu do spiritu.

Tanto ardia ã esta charidade que a outra escreveo que muitas veses lhe diçera estas palavras, que sempre trasia aquella çede tão grande da salvassão do proximo como da sua mesma, eque de continuo a pedia a Deos eque os amava de sorte que se não fora pello que poderião diser, andara sempre abraçando as religiosas pello grande amor que atodas tinha ã geral.

Hũa ves lhe contou vira dêtro ã seu coração nossa senhora cõ omenino Jesus nos braços, ecõ omenino esteve muito espasso pedindolhe muitas cousas, ã particular, a salvação de todas as almas, depois d isto se foi confessar ea seu padre spiritual contou omesmo pergütandolhe se podia aquillo ser do demonio e elle a segurou que não e o contou
5 amesma religiosa (que ja o sabia) por ella lhe aver pedido que tudo que della soubesse (podendo ser) lho comunicaçe para ella o escrever.

Era muito amiga de lhe darẽ novas do que passava pello mũdo e histo assim (segũdo della se entẽdia) de tirar proveito do que lhe desião ou para louvar a Deos do bem ou ter dor do que era offensa sua epidirlhe remedio como de continuo fasia ã particular [fl. 42
10 r.] pella converçã dos infieis por que sẽpre andava dando suspiros ao çeo.

Aos reis emonarchas de toda achristandade emcomẽdava sempre a Deos cõ grande zelo etodos os desta europa conhessia esabia os nomes como se cõtodos tratara ate muitos da assia nomeava e sabia¹²³⁵ os que erão christãos e os que gẽtios que nos admiravamos nẽ tanto podia ser sã devina lux sẽpre andava pedindo lhe soubessẽ dos forasteiros se erão
15 catholicos se zelosos da puresa da fe se governavão cõ justiça por que (desia ella) ã o exsẽplo delles periga a fe eavertude mais que em tudo, era afeissoadissima a real casa de bargansa pella vertude de seus monarchas etudo que lhes tocava cõ grande cuidado ãcomẽdava a Deos.

Ë todo discurço de sua vida não ouve quẽ della tiveçe hũa pequena queixa ou lhe ouviçe
20 hua palavra aspera nẽ desabrida nẽ ainda sendo perlada etão zelosa da religião como era, senão hũ tratto tão brando e charitativo que todas atrahia assim cõ todas falava, cõ todas tratava para as ganhar para Deos. cõ as meninas praticava historias do menino Jesus insinavalhe lhe deçe graças pellas tirar do mũdo de tão pouca idade mostrando terlhe inveja disso e fasialhe dessiplinas de ourelas para as ensinar a faser penitensia, cõ
25 as mossas historias de santos que serviçe de exsẽplos a sua idade, cõ as spirituais cousas mais levantadas, cõ todas se cõformava [fl. 42 v.] e a todas agradava sem ser pesada a nenhũa porque em asua converssassão tão agradavel e cheia de charidade que sãdo sẽpre de Deos epor cõtinaua pudera ãfastiar (aquẽ não tinha seu espirito) atodas levava tras sim que por não ser molesta ao proximo nada dava a entẽder lhe desagradava.

¹²³⁵ *sabia*] emendado pela autora, estando inicialmente *sabião*.

Hũa ves se achou ã hũa converssãssão donde se falarão algũas palavras ousiosas, era de respeito e não pode irsse della, dice sentira de modo acharsse ali que pediu a Deos ã seu coração lhe deçe passienssia para poder estar nella e no sãblante diçe estivera tão bem asõbrada, que ninguẽ poderia ãtender a inportunassão que as taes praticas lhe davão e por não ser pesada as creaturas de Deos as sofria.

Porque hũa dia sendo official se ãfadou da condissão de sua cõpanheira, e se foi da offecina disendo, se não podia sofrer tal fortaleza, logo se confũdiu e pediu perdão a Deos disendo que elle sendo o a sofria e ella a sua irmã eproxima não podia levar hũa cousa tão pequena.

10 Foi aguardessidissima has creaturas parecendolhe sempre recebia mais do que mereça eque todas a exçedião em avertude da charidade quãdo lhe fasião algũa desia quãdo mereci eu, a maior peccadora ser servida de anjos e regalada d elles cõfundindosse da caridade de quẽ para lhe faser bẽ se lãbrava d ella e desia quãdo lhe oferecião algũa cousa coitada de mim [fl. 43 r.] que so para destruir sirvo nesta casa mas Deos vera sua grande charidade.

Todos os livros de sanctos novos que sahirão alux em seu tempo permetia Deos lhe vieçẽ a mão porque como sua vertude era tão conhessida para a agradarẽ todos lhos mãdavão, e se sabia de algũ que não avia quẽ lho emprestaçe de suas esmolas sinhas que lhe fasião pessoas devotas e ainda do propio sustento queria tirar cõ que o cõprasse mas sãpre Deos lhe fasia merce de lhe virẽ a mão desia que ogosto de ver a Deos amado de suas creaturas lhe tirava o sono de noite enão se fartava de lhe dar graças por suas misericordias. em quanto lhos lião tinha o sãblante mui inflamado, os olhos pregados em o chão efeitoss dous rios que não parecião senão perolas por aquelle sereno rosto, sã alterassão nẽ movimento, senão cõ hũa serenidade que parecia hũa anjo do ceo, buscava logo as religiosas cõ ãtranhas de abrasada charidade elhe contava aquellas maravilhas para se aprovetarẽ imitandoas, eprinsipalmente oque tocava a infieis easua converssão para as incitar a pedilla a Deos ã este zelo era tão sobeja e andava tão influida nelle que a todas as que topava falava nesta matteria cousas que ao parecer forão disprepositos senão ãtenderão todas era imaginar que como ella trasião todas osentido em oque a ella lho robava tanto. e histo era não so cõ infieis mas por todas as almas que como presso do sangue de christo aquẽ tanto amava lhe do(?) ja o coração da perda d ellas.

[fl. 43 v.] Foi hũ dia a çela da irnam do daião¹²³⁶ do serenissimo senhor duque o senhor dõ theodosio o 2º do nome, e fora de seu custume comessou acontar muitas historias de ignoransias de curas e abades de entre douro e minho que diçe soubera quãdo fora reformar santa clara de bargansa, esta religiosa e as demais que se acharão em a
5 conversassão estavam admiradas de ver falar palavras de passatẽpo e oussiosidade a quẽ não sabia tratar mais que de Deos, rematou a pratica disendo, sabe para que lhe cõtei tudo histo para que me fassa charidade de asim o contar ao padre daião e diserlhe que advirta sua excelencia [...] ¹²³⁷ a quẽ fas cura de almas, que como podem hũ idiotta governar as alheias se as suas não sabẽ, eque lhe diga lhe pesso da parte de Deos elhe
10 ãcarrego muito a consiensia ponha em histo remedio ã as partes que pertensem aseu estado, que não provaria os tais benefiços senão em homẽs doctos e de boa vida, que tema a justiça divina, emtão toda influida ã charidade batia no juelho aceso o rosto como hũas brasas e desia, opeccadora de mim, as pobres ovelhinhas, que custarão o sangue de Christo Senhor nosso faltarlhe a doctrina christã e pastor que as apaçente que
15 a maior parte se perde por ignoransia bõ irẽsse ao inferno por serem governadas por taes perlados como hão de guardar a lei de Deos se lha não sabẽ ensinar o quẽ pudera tão bem avisar el rei que histo e hũa lastima que a trevesa os corações e bẽ se via o estava o seu de verdadeira charidade em as demais palavras que falou cõ que deixou edificadas as presẽtes [fl. 44 r.] e não aquietou ate não ter repostada do daião que sua excelencia
20 como tão christão provia ja esses benefiços cõ mais maduresa e vigilansia e deu por esta repostada muitas graças a Deos.

Foi esta charidade ezelo da salvassão das almas hũa continua fome e çede que atormentava esta religiosa sendo seus cõtinuos e ardentes desejos que Deos fosse glorificado, amado econhessido de todo o univerço, tanto amava o estranho como o
25 conhessido, tanto os que fasião bẽ como aos que onão devia por que de nimguẽ esperava nada posto que era aguardessidissima aos bẽfeitores mas não os precurava não atentava respeitos mais que o que devia a serẽ feitura de Deos e imagẽ sua.

Cõpadeciasse muito dos pobres e desconsolados quando de algũ sabia, dessa pobresa que tinha tirava de sim para dar por amor de Deos e dera toda se quẽ tinha cuidado d ella
30 lhe não fora amão mas cõ orações supria oque lhe faltava na posse não tendo mais regalo que acudir cõ ellas ao proximo.

¹²³⁶ Deão.

¹²³⁷ Ilegível.

Pareçe que esta vertude e a da humildade corrião parelhas ã esta benditta alma por que sempre julgou que todos lhe exçedião em vertudes e nũca se escãdalisou do proximo por lhe faltar pareçõelhe que se Deos lhe fiser a merces que a ella se soubera melhor aproveitar todos a seu parecer erão sanctos ella so peccadora e se o não erão esperava
5 que o fossẽ e asim todos amava igualmente a imitassã de aquele Senhor que tanto deu avida por bõs como por maos.

[fl. 44 v.] de sua prõpta obediensia não so a Deos eaos perlados mas a todas as creaturas por seu amor - cap. 8

10 Em esta vertude se apurã as duas prinsipais do amor de Deos a humildade por que quẽ por seu amigo ha de cõprir seus preseptos e se sabe amalõ hade subjectarsse asua vontade, equẽ cõ humilde coração quiser servillo, sera prõpto ã obedecer por elle, por que prova e de soberba grãde, não admetir ser mãdado, e querer ser obedecido. ao contrario, se conheceo em esta religiosa, ãtudo perfeita, hũa voluntaria obediensia, não
15 so as ordems de Deos, como deve todo christão, nẽ avontade dos perlados, como hubriga o estado religioso, mas a toda a creatura por seu amor, como ao diante se dira.

Dando o primeiro lugar aobediensia devina, aconformidade cõ avontade de Deos eos desejos de se cõprir ralla em tudo, erão exçessivos, avaliando por ventura grãde padeçer por elle algũ trabalho e asim tinha muita inveja aos santos martires elhe chamava
20 vêturosos que derramarão o sangue por seu Deos, e que ella hũa pequena molestia de enfermidade não podia passar cõ animo alegre e pareçe que por pagar a devina bõdade estes tão justos desejos lhe deu asentir agloria do martirio como fica ditto.

[fl. 45 r.] Perder avista corporal, posto que ao principio o sentiu por não ver o sanctissimo sacramento e pella falta da lissã venso ser vontade de Deos se cõformou
25 logo muito disendo que este meio tomara para que ella se lhe deçe de todo, e asim se submetia a sua vontade, que outra cousa não queria se não que ella se cõprisse cõ que mereçeo grandes ventagẽs ã a vista spiritual, pello que achava ganhara muito em a troca, elhe dava por ella muitas graças.

Em os trabalhos que naturalmente sentẽ os humanos de mortes de parêtes, foi ella raro
30 exsemplo de passiensia, como o foi, em a de sua irmã, não por que a não amasse muito mas pella obediensia avontade devina, mostrou ovalor que se ha ditto para ajudar

asepultala, e fazendo o cõ grande jubilo de alegria de ahi atres dias rõpeu ã lagrimas que quis Deos desẽganar has que avirão e ajulgarão por mais que humana que aquelle espirito vevia ainda em carne quando lhe virão efectos de oser. muitos annos depois lendolhe hũa religiosa o mesmo de s. bernardo quãdo faleçeo seu irmão gerardo, se
5 alegrou muito e diçe asim fui eu cõ a minha soror ines, como quẽ perdia emtãõ o escrupulo de aquellas poucas lagrimas que chorava como humana, vendo succedera o mesmo aquelle devino sancto, em a morte de hũa subrinha que teve ã este convento se apurou seu sofrimento em nessessidades e trabalhos que cõ ella padeceo, e mostrou ãtãõ hũa conformidade notavel, servindoa cõ grande charidade e mais humildade doque seus
10 annos requerião, [fl. 45 v.] exortandoa sẽpre aque ã as penas que passava tivece grãde passiensia e resignassãõ ã avõtade devina, amesma se viu nella quãdo d ãtre as mãos lhe sahiu agosar de Deos, como subrinha de tal thia, ã seu enterro proçeedo do mesmo modo que se ha ditto do de sua irmã, que sendo freira e ella subrinha, não ha mor prova de sua obediência a võtade devina.

15 Em suas ãfermidades ateve como se ha ditto sendo que erãõ continuas e insufriveis, sẽpre punha suas dores e molestias em as de Cristo para terẽ meritto, tendoas por merce sua, pois se cõpria ã ella sua devina vontade.

Em a pobresa que passou teve grandissima alegria sã nũca se lhe alterar o animo de se ver falta do mais nessessario, por culpa de hũ subrinho que lhe não queria pagar hũa
20 tensasinha que seu pai lhe deixara e agradava a Deos tanto esta passiensia que hũ dia que se viu mais aflita e perseguida delle, lhe parecia que via ã espirito a sanctissima trindade no ar, cõ thiara de papa o mũdo na mão cõ a crus em sima, conheçeo lhe queria magnifestar que quẽ a ella tinha, nada lhe podia faltar, e de ahi a diante lhe teve muito maior devassãõ e se deixou de todo a providensia devina, epor que depois pediu a hũ
25 homem lhe negossiasse aver del rei hũa tensasinha teve notavel escrupulo epedia disto perdãõ a Deos cõ tanto arepẽdimento como se fora hũ crime. porẽ ainda que cõfiada ã que Deos não lhe avia de faltar, procurava o nessessario [fl. 46 r.] por não ser molesta as religiosas cõ lhe pedir oque ellas averiãõ mister para sim.

Davalhe Deos grande jubilo de alegria antes de lhe vir algũ trabalho, ecõtava hũa
30 vesinha sua que era histo tão serto que lhe ouvia diser asua subrinha, ora filha algũ trabalho nos quer Deos dar, que ja tenho o coração muito alegre, e posto que asubrinha levava cõ pouca passiensia ouvirlhe estas palavras e por ellas se mostrace aspera, todas

entêdião que aquella ditosa alma se alegrava por Deos lhe dar que padecer ese cûprir ã ella sua vontade, desia que tão prõpta estava a obedeçela que se amãdaçem pregar aos infieis asim molher como era o cometera cõ grande animo esẽ duvida o fisera, não so por sua estremada obediensia e charidade do proximo, mas por que tinha hũ coração
5 mui animoso, natturalmente, porque atoda a ora da noite iria pella quadra das defûnctas cõ tanto valor como senão fora molher ã quẽ o themor he natural e sã elle estava ã os choros de noite so esẽ lux mas aqui obrava avertude.

Bem grande experiensia se fes do seu animo quãdo pella obediensia aseitou ir reformar santa clara de bargansa em que padeço estranhos trabalhos ecõtradições e cõ tanto
10 valor atropelou todos que não ouve temor nẽ deficuldade que a fisesse afroxar hũ nada do rigor que para tal caso era nessessario deixando o convento ã tanta observansia como se esperava do zelo que em ella avia do serviço de Deos esalvassão das almas [fl. 46 v.] porẽ este temperava a charidade de sorte (que desia ella) que todo seu cuidado era que as enfermas fossem regaladas e has sãs não faltaçe o neçessario por que a necessidade não
15 fosse causa de sentirẽ a reformassão, e asim deixou aquele convento hũ paraíso.

Aseitar este cargo lhe custou muito para o qual alegava a grande insufiensia que conheçia ter para elle, sentiu grãdemente deixar aquietassão de seu convento, os louvaveis costumes delle por ir reformar os alheios mas como verdadeira obediente não recusou padeçer os trabalhos que lhe pronosticavão, subjectandosse a obediensia de seus
20 perlados e a ogosto de sua altesa a serenissima senhora dona caterina aquẽ amava e respeitava como a cada hũ d elles não so por senhora e padruera successiva d este convento senão por suas raras vertudes tão conformes ao espiriro desta ilustre religiosa. em este convento ella esuas cõpanheiras não cõtãrão de aquellas madres mais que o que era para edificar disendo acharão muito de que ovir que tudo o que ãtre ellas avia erão
25 ninherias de que logo se reformarão por que todas erão hũas sanctas e em trodusiu ca algũas seremonias suas que lhe cõtentarão e has modernas nos desia erão de aquelle convento para o termos ã boa openião e ella o amava como mãi precurãdo sãpre pellas religiosas delle cõ ozelo que cõ todos os proximos tinha.

Foi electa tres veses ã abbadessa neste convento, a primeira não tinha de abito mais que
30 18 annos, e avendo muitas religiosas mais antigas a preferirão atodas, pello que se pode ver qual era ja ãtã sua vertude, tres annos depois [fl. 47 r.] de acabar este trienio foi ha reformassão e tornãdo della a tornarão a eleger segũda ves afligiusse notavelmente

vendo anão querião deixar cõ dignidades desejando ella obedecer atodas emetersse de baxo de seus pes e asim vêdo tinha de sua parte algũa resão cõ que se escusaçe sê êcarregar a consiensiã renũpsiou disendo não era elecsão valida nê ella a podia aceitar por que avia breve¹²³⁸ de roma o não fossẽ senão passados tres annos e ella vinha de
5 oser ã santa clara de bargansa cõ histo ficou por êtão livre etão contête quãto suas filhas desconsoladas, passados os tres annos tornarão a ellegela, foi esta tersseira ves hũa crus pesadissima que lhe puserão aos hõbros mas como não tinha resão para renũpsiar como a 2^a aseitou a para seguir a seu devino esposo que por obedecer se pos nella, mas cõ muitas lagrimas e desconsolassão por que ja a este tempo estava mui quebrantada de
10 trabalhos penitencias e gastada da continua oraçãõ mêtal mas sem replica obedeçeo e so de o faser ã esta materia se mostrou muitas veses arepêdida e desia chorãdo que deste tẽpo das perlasias devia de ter muitos peccados mortaes sem se entêder e poucos tẽpos antes de Deos a levar diçe a hũa religiosa que andava pedindo a Deos perdão de ser abbadessa e repetia cõ lagrimas o ignorante de mim, fieime em nũca o querer nê
15 precurar mas não sei se ofendo a Deos ã o aseitar aqui se humilhava ate as profundesas chamãdosse [fl. 47 v.] po sinsa e nada este sentimento e escrupulo lhe durou toda avida, sendo que ella fes seu officio de sorte que pudera ser exsêplo de perladas etanto sem aceitassão de pessoas que sendo ja em o ultimo trienio sua subrinha freira acastigou por hũa leve culpa cõtanto rigor que a repreendeo o confeçor publicamente disendo lhe não
20 podia castigar o perlado cõ tanta paxão e ha que avia sido cõplize nela ofes muito brandamente esem nenhũ escandalo.

Foi vigaria muitas veses da casa, sê se escusar posto que lhe fosse mui molesta por que como era tão zelosa da religiãõ lhe tirava a quietassão o cudado de a sustentar e porque sendoo lhe levarão hũa ves as chaves das çercas para hũ recado da abbadessa não
25 aquietou nê cõ ella as mandar pedir esendo histo a boca da noite lhe derão as duas depois da meia palpando as portas para ver se ficarão bẽ fechadas hũa amiga sua porque lhe sahiu esta condissão e pella ver ja muito velha, hũa ves que teve este officio pelejou demasiadamente cõ ella disendolhe que era amiga de ter officios por isso aseitara aquelle e outras muitas palavras de que pudera escandalisarçe ella soffreo todas cõ muita
30 passiensia, so disse a hũa religiosa dexeme fulana, dexeme fulana que vou bẽ e caminho bem quãdo não quero ter mais vontade que a de meus perlados, e em todas as ocasiões aseguia de sorte que não se subjectava a elles como subditta [fl. 48 r.] senão como

¹²³⁸ Rasurado.

escrava e desia que se hũa que avia em este convento lhe deçẽ por perlada lhe beijaria a mão e respeitaria como sua senhora e ainda assim se não tinha por verdadeira humilde nẽ obediente como devia.

De ordinario lhe davão officios ã quanto teve forssas para os servir sã se cansar nũca de
5 nenhũ por trabalhoso ou despresado que fosse.

Quãdo chegava o tẽpo de faserẽ officiais, punhace nas mãos de Deos fasendolhe sacrificio de sua vontade. nũca pediu nẽ escolheo cõpanheira por que ã tudo se deixava a despossisãõ devina e ao que seus perlados della ordenassẽ e quãdo parecia selhe fasia mor sãrrassãõ ãtãõ ficava mais cõtente e consolada sã se alterar nẽ inquietar por nada.

10 Em elles lhe fasia Deos grandissimos regalos e comunicava muitas consolassões espirituais, pagãdo çeto por hũa a quẽ pello servir se privava da consolassãõ do seu choro eçela, e [...] ¹²³⁹ ã as officinas como quando estava nelle, em aportaria da porta reglar fasia altissimas considerações algũas que se ão ja ditto ã o 4º cap. e afora essas insinava as cõpanheiras quãdo asvia via a flittas cõ o trabalho que levaçẽ diante dos olhos da
15 alma quando subir e deçer a escada as cansações a dor e trabalho cõ Cristo senhor nosso subia a de pilatos e mais juises e que logo lhe ficaria suave o trabalho tomado por a obediencia em esta e outras meditassões se acupava todas de grande merito que deixo por passar [fl. 48 v.] he recõpensa que tinha desses serviços.

Em este officio desia que oveo cõ que cubria orosto, que ella considerava o cõ que
20 cobrirãõ o de Cristo, lhe era ocasiãõ de mais consolassãõ e recolhimento, por que debaxo d elle punha as mãos ao çeo sã ser vista, e tinha sua oraçãõ mui devotta e cõ gosto sã ser vista de ninguẽ.

Pos em este tẽpo o menino Jesus por purteiro de seu coração de idade de 12 annos e quãdo de seus pensamentos se via cõbatida desialhe que lhe abrisse e recebendo a dẽtro
25 aliviãçe de aquelles bichos que a mordiãõ e logo metida em o interior do coração ficava gosando das fermusuras que dentro se lhe representavãõ equãdo ella por sua fraquesa se sahio de aquelle paraiso has vaidades eventos domũdo (entẽdeçe os pensamentos cõ que o enemigo a cõbatia) cahindo sobre sim voltava como o filho prodigo a pedir perdãõ e a esta volta lhe parecia que o menino Jesus cõ os braços abertos a recebia.

¹²³⁹ Ilegível.

Em este mesmo officio vendoçe mui atribulada cõ esta mesma guerra dos pensamentos pediu hũ dia a Deos lhe acodiçe e recolhêdoçe em o interior do coração se lhe representou seu devino purteiro mesmo de dois annos que cõ hũa lux admiravel e hũ resplendor celestial andava a rencamdo muita erva que alli nassia e esta lhe parecia erão
5 seus pensamentos, viu tão bem hũa arvore mui grande ã o meio de aquelle cãpo não entêdeo oque segnificava mas parcialhe seria a humilde obediensia, esta merce de Deos lhe enterneço o [fl. 49 r.] coração de modo que mais de hũ mes lhe durou a consolassão e suavidade do que vira cõ ella levou bẽ as molestias de aquelle officio enão sentiu otrabalho e labarinto de muito officiais que ã este anno andarão dêtro em o
10 convento abrindo hũ posso ã o claustro cõ que teve exçessivo trabalho por que nũca se apartava de dôde elles estavam cõ hũ zelo da religiãõ grandissimo.

Acabando este anno ficou o que se seguia por escultado torno sã a deixarẽ ter de quietassão hũ ora, nelle lhe fes Deos as merces costumadas que asim como ella por seu cerviço não tinha descanso corporal asim lhe dobrava as consolações spirituais, fasia
15 este officio cõ grande cuidado e posto que recolhida sempre cõ Deos não perdia o sentido do que se falava para cõprir cõ a obediensia e chamavaçe presa da mão de Deos ã aquella casa.

Diçe que estando hũ dia ã ella se recolheo dêtro de sim e pôdo amão diante do rosto com era costume seu por lhe não verẽ as lagrimas que lhe corrião, viu hũa claridade tão
20 excelente que se avantajava muito as ordinarias que via ã o interior de sua alma, eposto não era como aquellas cõ que seu nattural não podia, diçe que tão bẽ esta se durara mais que hũ instãte acabara. ficoulhe o coração d esta lux tão brando que como cera selhe derretia, e diçe mais, que se todas as creaturas se levantarão contra ella de nenhũa se escandalisara, tal era a charidade e menos preso de sim que cõ qualquer d estas cousas
25 lhe ficava.

De estes regalos tinha muitos enã cõ elles se descudava de dar satisfassão has hubrigassões da obediensia que para aumento da religiãõ ali apunha. [fl. 49 v.] e asim muitas veses deixava Deos por Deos como ella mesma desia por que cõ tanta pôtualidade se avia nelles em acudir asua hubrigassão que se estando em amissa tangiãõ
30 a cãpa para acudir ha porta tendo levantado a hostia não esperava ase levantar o calix sendo tão breve o espaço e sendolhe nottado deu esta repostã eque Deos queria a

deixacẽ por a obediencia que ẽ ella hubrigando toda a demais consolassão se avia de deixar eçessar.

O respeito que teve aseus padres spirituais e a obediencia foi notavel e se poderá julgar por contar de sim estas maravilhas que Deos nella obrava so por elles lho mãdarẽ, que
5 athe se não buscar este meio não ouve nenhũ remedio para se saber della nada, nẽ ainda amigas muito familiares, porem em elle lhe mãdando obedeçeo cõ tanta desconsolassão, que lhe custava muitas lagrimas, e dis hũa das duas religiosas que della escreverão que cõ ella lhe prometer diante de hũ crucifixo lhe guardaria segredo se não quietava, senão
10 que depois de aver cõtado algũa cousa ficava cõfusa e triste por aver ditto o que parecia dino de se lhe dar algũ valor, mas cõ tudo respõdia quando d ella era pergõtada, por sua hubediencia que a tinha a toda a creatura como a Deos, por que o representava nellas, e que em esta vertude dipois da humildade fisera seu fũdamento.

A outra religiosa dis, que para elle lhe comunicar hũa visãõ dia de santo ildefonso¹²⁴⁰ lhe lẽbrou estava hubrigada por seu confeçor afaselo, e emtãõ posto que cõ muitas
15 lagrimas e desconsolação obedeçeo logo como fica dito em o 6º capi.

[fl. 50 r.] So dous padres spirituais lhe puserão este precepto veio outro depois delles emãdoulhe não comunicaçe nada obedeçeo lhe de sorte que não ouve mais remedio por que os respeitava como a Deos e como a elle os reverensiava e não so aos padres spirituais, mas o todo o saçer dotte tinha tão grande reverensia que anenhũ avia de
20 nomear ẽ ausensia senão pello padre.

Alem de esta obediencia obrigatoria ha avia dado voluntaria a hũa religiosa que acurava etinha cuidado della aesta pediu como fica ditto em o cap. 2º que arepreendesse de suas faltas. era esta madre posto que de muita autoridade tanto mais moça que ella que quãdo veio a religiãõ ja a madre maria das chagas avia sido abbadessa todos os trienios
25 que o foi, que em boa resãõ era netta sua aesta se subjectou, cõ tão grande obediencia como se fora perlada sua, quãdo lhe dava algũa repreenssãõ se punha de juelhos elle pedia perdãõ cõ tanta submissãõ como hũa noviça, hũ dia foi acella de hũa religiosa natural da vila de borba pediulhe lhe fiseçe charidade de mãdar pedir a sua mãi dous

¹²⁴⁰ Santo Ildefonso nasceu em Toledo, cerca de 606 e aí faleceu em 667. Durante nove anos foi abade de um mosteiro e nomeado arcebispo da cidade de Toledo. Homem de grandes virtudes, como revela o seu sucessor, reconhecido pela sua faceta de músico e escritor, da qual se destaca o seu tratado sobre a Virgem Maria, o primeiro do género oriundo da Igreja espanhola. Cf. *Dicionário dos santos*, Donald ATTWATER, p. 213

alguidarinhos e dous fugareiros sinhos que lhe erã nessessarios, e deu por resão que não vinha sempre esta loussa a prassa eque se selhe quebraçe oque lhe servia que avião logo as religiosas de lhe acudir cõ aque para sim avião mister, que pellas não desacomodar nẽ ser pesada ao proximo opedia, veio logo tudo como ella pediu e cõ

5 ogosto que ã todas avia de a servir, ficou contêtissima, e esperou areligiosa aque avia dado a obediensia muito alegre mostrandolhe as pessas que lhe avião dado areligiosa que lhe não dissimu[fl. 50 v.]lava nenhũa pareçendolhe que não se deixar toda aprovidensia devina eter aquelle cuidado era imperfeissão e tentassão do demonio lho diçe assim earepreendeo muito não passaria espasso de hũ quarto de ora quãdo a madre

10 maria das chagas volveo carregada da loussa sã se poder ter cõ o bordão sinho debaxo do braço que so vella enterneçera o mais duro coração e cõ o rosto envolto em cor e cheio de confusão diçe estas palavras, tomẽ la todas as suas cousas o peccadora de mim que se inquietou minha mãi (que assim lhe chamava) so para histo sirvo, sirvãosse ellas de tudo que eu não o hei mister Deos lho pagara mas não quero nada o coitada de mim

15 que histo foi tentassão do demonio e foisse como hũ raio ecomo quẽ nẽ ver tal loussa queria tevea a religiosa mão pedindo lhe que para sua consolassão tomasse algũa cousa ao que ella tornava a diser não filha não farei tal que se inquietou minha mãi opeccadora de mim que so para histo sirvo Deos volo pague guardai vos tudo que o avereis mister que eu não nẽ soube o que pedi não quero nada ecõ histo se foi.

20 Outras muitas cousas semelhantes pudera contar que deixo por evitar perluxidade e todas de grande edificassão e exsẽplo como em tudo oera raro.

Não so a esta religiosa tinha obediensia mas atodas como se de cada hũa fora subditta, se amãdavão de hũ lugar para outro não desia palavra se achamavão para algũa cousa não recusava sãpre cõ hũa mesma alegria e humildade que cativava atodas, tinha hũa

25 religiosa hũa subrinha ãferma de continuo hia sempre chamala para auntar cõ oleos milagrosos ou para lhe faser o sinal da crus afligiasse ella muito cuidando a tinhão em boa conta e respõdia filha para que me [fl. 51 r.] chamais não estão la outras milhores que eu ha grande peccadora ouvea Deos, a religiosa quãdo lhe ouvia isto desia ora venha que amãdo eu aesta palavra não replicava se não tomava obordãosinho e

30 caminhava cõ toda a pressa, ja agora ã estes ultimos annos contava que ja lho não pedia senão que lhe desia madre venhame faser osinal da crus aminha doente que lho mãdo eu eque tal era a deligencia cõ que obedecia que se era de noite e estava ã cama apenas se

cobria por ir dipressa e ainda que esteve muito eferma não dava essa escusa senão quasi despida emuitas veses e costada nella hia por lhe obedecer.

Cõ todas era esta mesma obediencia que parece não tinha aquella bẽditta creatura mais vontade que a de seus proximos e que atodos reconhessia superioridade estimãdo a
5 vertude da obediencia como hũa joia inestimavel.

Sendo abbadessa deu hũa repreensão a hũa religiosa sua official aqual era mal sofrida deitoulhe as chaves da officina e o chão e o seu rosto cõ grande descortesia da que selhe fes a ella não fes a humilde serva de Deos caso senão vendo que aquellas chaves lhas avia dado a obediencia cõ grãde zelo della deu tres ou quatro passos apressados
10 ealsandoas as beijou e diçe para ella Jesus, madre as chaves da obediencia, e de seu desacato não tratou como quẽ o tinha por menor, a religiosa vendo esta humildade e espirito se confũdiu e cobrou sobre sim, que as palavras dos justos como e elles mora Deos, ferem fogo easim erã as de esta serva sua quãdo inportava asua hõrra delle.

15 **[fl. 51 v.] de algũas revelaçoens propheticas e cousas por que se entẽde teve espirito de prophesia e como e tẽdia os pensamentos - cap. 9**

Tinha esta religiosa tã grande comunicassã cõ Deos que não se pode duvidar e que elle lhe revelou muitas cousas futuras e comunicou espirito prophetico, mas era sua humildade tã grande que por se não saber o trato familiar que cõ elle tinha as guardava
20 e seu coração sã as comunicar cõ as demais merces que cõtou e essa seria a causa de se saberẽ se os casos que cõtarei pellos quais se conhessera a dotou Deos de prophessia, etã bẽ se ha de nottar que muitas cousas desia de que se pudera faser muito caso e se nottavã ser prophessias mas como senão escreviã muitas das que as sabiã falecerã sã deixar memoria eas que vivẽ como as deixarã a ella levou as o tẽpo que cõsume tudo
25 easim e serto so o que se segue pude saber.

Pello tẽpo do advento estando hũa noite e asua çela ja para se emcostar, foi levada dẽtro de sim eviu no interior de çer do çeo hũa claridade naprassa de extremos, sobre as casas de seu subrinho Luis de Britto ediçe cõsigo que algũ innocente hia de aquellas casas para o çeo mas não tomou sentido para o saber do dia e que fora por que não opunha muito e
30 estas cousas precurando novas as não pode saber ate dia de anno bõ que soube de hũa

peessoa que todos estavam bẽ mas que pelo advento lhe falecera hũa menina etendeo etão ser esta alux que avia visto.

Outra semelhante teve antes desta por que de dia viu cõ os olhos da alma hũ so irmão que tinha sahir [fl. 52 r.] das mesmas casas da prassa que erão de seu filho morto ã hũa
5 tũba cõ grande acõpanhamento e muita cera e como ella sabia não morava ali senão ã as suas eque andava ã despossissão que pretendia casar não fes caso disto. de ali a poucos dias soube que o ditto seu irmão alvaro de oliveira era falecido mesmo ã as casas de seu filho dedonde ella o vira sahir do dia se não lãbrou tã bẽ que sua grande humildade a hubrigava a não por sentido ã estas cousas.

10 Mui semelhante a estes foi oque cõta ã o 6º capitalo quando Deos levou sua irmã.

Ha ã este povo hũa molher que foi familiar de este convento aqual se chama maria da fonseca esta tinha grande devaçã cõ ella. casou etendo tres filhos emuitas nessessidades lhe pediu hũ dia açcomendaçe a Deos e lhe alcansaçe remedio para aquelles meninos, conta a molher lhe respõdeo estas palavras, maria da fonseca não vos
15 desconsolleis, cõ estes meninos nenhũ trabalho aveis de ter por que volos ha Deos de levar. hũa menina morrera primeiro que eu eaoutra eomenino depois de mim, e vos não vos aflijais que Deos vos ha de dar muitos bẽms e muito descanso, tudo succedeo por que aos meninos levou Deos para sim do mesmo modo que ella diçe eamã esta oje rica e descansada esẽpre devotissima d esta madre.

20 Mais conta que amenina que Deos levou primeiro vinha dẽtro a este convento tinha muita amisade cõ amadre maria das chagas elhe chamava thia, que foi hũ dia de ca muito infeitada de rosas do cãpo que a ditta madre lhe pos eque entrou pella porta disendolhe cõ muita festa mãi venho casada [fl. 52 v.] e que ella lhe respõdeo vens ora
25 ainda bẽ cõ quẽ casaste dis amenina minha thia maria das chagas me casou cõ hũ menino muito fermoso que tem na sua casa diçe amolher para seu marido deve de ser algũ menino Jesus que tẽ na sua casinha ao que a menina logo acodiu não e menino de pao senão hũ menino vivo ã carne que ella tinha no colo pergũtoume se queria eu dicelhe que sim casoume cõ elle mas minha thia diceme que avia de morrer eque ella me avia de mãdar a capela e palma que avia de levar quãdo fosse para o meu menino
30 calousse amolher. de ali a tres ou quatro meses deu hamenina hũa sezãosinha de pouca consideraçã, mãdoulhe amadre maria das chagas pergũtar (que a este tẽpo era purteira) como estava domingas (que asim se chamava) respõdeolhe amã que estava doẽtinha

por que tivera hũa cesão. passou o dia de folga bem mas sêpre disendo via o menino cõ
que estava casada. ao outro dia a teve mas de tão pouca consideração que não fasião
caso della comessou a diser lhe viessê a esperansa a pedir a sua thia a capella e palma
que lhe prometera, a mãi não fes caso disso por que não cudou que ella morria, estando
5 nisto êtrou hũa molher das que servê o convento cõ a capella e palma que lha mãdava a
madre maria das chagas, poslha a mãi na cabessa por graça e porque ella lho pediu e
logo lhe diçe mãi ve o meu menino cõ que estou casada, respõdeolhe [fl. 53 r.] que não,
dis pois ali esta cõ outros mas elle e mais fermoso esta vestido de branco echamame cõ
am[...]¹²⁴¹ e disendo histo êtendeo amãi que morria pello rosto que lhe viu e em breve
10 espasso se foi para oçeo.

Tres cousas maravilhosas ha aqui de notar d esta religiosa, a primeira que Deos
permetiu ovixe aquella innocente nos seus braços para que nos constaçe por boca de
outrem otratto familiar que tinha cõ ella porque posto que era menina tinha ja seis annos
esê maravilha ã esta idade se podia lembrar do que vira esê mêtir e ella era muito
15 espertinha e entêdida, a 2^a que diçe esta madre que ella avia de morrer logo e asim
sucçedeo e a menina ocõtou como o demais ã lho disendo, a tirsseira que sê se faser
asaber a esta religiosa que ella morria por que ninguê oentêdeo lhe mãdou a capella
e palma que lhe avia prometido ã amesma ora que ella avia de spirar sê outrê mais que
ella o saber.

20 Conta mais amesma que lhe veio pedir ã comêdaçe a Deos hũa amiga sua que estava de
parto e tão desconfiada que lhe avião ja dado o sacramento da santa unsão ao que esta
madre lhe respõdeo muito risonha ora minha fonseca ideme saber que foi oque nasseo, a
molher ficou admirada de ella lhe não dar outra nenhũa repostas e de disendolhe ella
estava a outro morrendo amandar saber oque não se esperava pello estado em que a
25 deixara mas tinha tanta fe em suas palavras que cheia de speransas se foi acasa da amiga
e achou que Deos a alumiara dandolhe hũ menino e que estava bẽ e alegre cõ tal
successo pediu as purteiras o dicessê a madre maria das chagas posto que entêdeo [fl. 53
v.] ella o soubera no instante ã que sucçedeo regulando o tempo ãque lho diçe.

Dis a ditta molher que todas as veses que lhe tomarê juramento d estas tres maravilhas o
30 dara.

¹²⁴¹ Palavra cortada, poderá ser *mãõ*.

Hũa religiosa esteve desconfiada dos medicos de hũ mal tão incuravel que nenhũ tinha speransas de sua vida, chorando por esta causa mui amargamẽte, hũa leiga que açervia, lhe diçe amadre maria das chagas se não desconsolaçe que de dentro sentia não avia a doente de morrer de aquella doensa, e a fe que se tinha em suas palavras era tão grande
5 que amossa seconsolou esperando o asim. oque succedeo contra o que os medicos entẽdião oque se pode piamente crer, faria Deos por suas orações pois lhe deu conhecimento do sucesso.

Conta hũa religiosa de muito credito que valendosse de suas orações em hũa emfermidade de hũa parenta sua aqual dona estava ja ungida ella lhe respondeo muito
10 alegre, que por lhe obedecer as faria, porẽ que a emferma não avia de morrer easim foi cõ admirassão de todos.

Hũa religiosa, estando cõ o animo mui aflito equasi a insitava o demonio a desesperar de Deos ã esta ocasião, passou por ella amadre maria das chagas ecomo se lhe vira o pensamento de que lhe não deu conta nẽ comu[ni]cou¹²⁴² a algũa pessoa, lhe diçe
15 ãcõtrandoa, filha que e histo temos grande Deos. a estas palavras cahiu a religiosa sobresim e desde aquella ora não sentiu mais molestia nẽ tristesa senão muita quietassão e creio lhe fora magnifesto seu pensamento.

[fl. 54 r.] Outra religiosa afirmou tãobẽ estava mui desconsolada cõ hũ pensamento que a afligia e desconsolava muito eque a madre maria das chagas afora buscar de preposito
20 e se pusera a falar cõ ella tudo a preposito do que a ella lhe dava pena cõ tão efficases palavras que a deixou conçolada e maravilhada de ella lhe adivinhar o pensamento que a ninguẽ avia comunicado.

Esta graça de entẽder pensamentos selhe conheço ã muitas ocasiões ã que respondia a elles como selhos ouveçẽ comunicado e este foi semelhante ao passado.

25 Era hũa religiosa cõbatida de hũa tentassão desejava pedirlhe remedio enão se atrevia em o tẽpo que padecia esta tentassão continuavalhe a madre maria das chagas muito a çella emais do urdinario areligiosa desia cõsigo sã duvida que esta madre sabe meu pensamento e por isso vẽ aqui tanto para eu ter algũ remedio enẽ cõ tudo tinha animo para lho pedir.

¹²⁴² Cremos que Soror Antõnia se terá esquecido da sílaba *ni* ao fazer a translineação, visto que a palavra se encontra, no original, separada, em fim de linha.

Hũ dia comessou apergũtarlhe (para ter êtrada ã oque queria) madre maria das chagas vossa reverenda tem ainda tentassões ao que ella cõ grande alegria e famialiridade¹²⁴³ respõdeo ai filha isso me pergũtais tantas como mosquittos. bõ o homẽ ã quanto vive não e tentado, e comessou a cõtarlhe exsẽplos de santas que tiverão amesma tentassão
5 que areligiosa sentia, falandolhe tanto ao pensamento como se lho ouvera comunicado ã ocabo rematou disendo quãdo me cõbatẽ amĩ pensamentos voume ao monte calvario e logo ali desapareçem todos, faseivos asim filha sã a religiosa lhe aver ditto que tinha tentassões [fl. 54 v.] nã mais que a pergũta que atras digo de que ficou crendo lhe era seu pensamento magnifesto econfuso aficou tẽ[...]¹²⁴⁴ em mais venerassão e estima.

10 Tinha a madre maria das chagas muito grande devaçã ao santo crucifixo de bousses e avia feito muitas deligensias por saber olugar donde esta teve occasiã serto homẽ pessoa conhecida hir a estas partes pediu lhe quiseçẽ mãdar por elle hũa pitissão para que lha apresentasse a este senhor ecomo era cega pediu a hũa religiosa lha escreveçe elevãdoa para que lha mãdacẽ diçe a outra que a lesse e viçe se estava bẽ, oque tratava
15 em ella era pedir a Deos o augmento de esta religiã ecousas semelhantes, estava presente outra que ã seu pensamento lhe parecia histo escusado ecõ elle estava disendo para que sã estas meneniçes Deos não esta ã toda a parte e ouve oque lhe pedimos e ve oque temos ã o pensamento ã este ponto amadre maria das chagas cõ sua costumada humildade etã grande submissã que parecia estarsse acusando de hũa grave culpa,
20 dice, Deos sãpre esta em nossos corações e antes de formarmos o pensamento ja nos ouve, mas histo sã hũas meneniçes de que elle se não offende por que o seu regalo e que o inportunemos por todas as vias. estas sã as formais palavras, de que a religiosa ficou tã salteada que mudou acor do rosto e diçe ã ella se ausentando que lhe avia repõdido ao seu pensamento eao que ella ã aquelle põto estava mermurando dẽtro de
25 sim sem explicar palavra.

Como esta religiosa era quasi cega a religiosa que tinha [fl. 55 r.] cudado d ella desialhe que não se levantaçe ã amissa do seu lugar que ã elle adoraçe a Deos no seu coraçã que pois não via, era escusado ir para agrade e inquietar as que viã e se tiravã dos seus lugares por lhe faserem cortesia e omesmo lhe desia nos sermões porque tã bẽ ouvia ja
30 mal, em hũa foi para agrade e a religiosa que lhe avia ditto histo mermurou cõsigo della e julgou que ella fora por ver se de mais perto podia devisar hũas quartinas novas que

¹²⁴³ *famialiridade*] caso de metátese.

¹²⁴⁴ Palavra incompleta devido a um buraco na folha, poderá tratar-se da forma *tẽdo*.

avia dado hũa religiosa ao retabolo da capella mor, depois ã asua cela cõ grande
dessimulassão lhe pergũtou vossa reverenda viu oje as quartinas que estão ã acapella,
respõdeolhe ao pensamento, não que eu não quis passar aver quartinas senão por ficar
mais perto de meu Deos, mas ja que cõ isso inquieto não o farei mais e assim o fes. dis a
5 religiosa ã seus papeis que não so notou apassiensia que ã tudo selhe conhecia mas
respõderlhe ao pensamento que ella fes muito por disfarssar.

A hũa molher natural d esta vila que se chamava magdalena salgada succedeo oque se
segue, cõ esta madre como duas filhas que tem vivas cõtão lho ouvirão recitar muitas
veses pelo mesmo papel ã que ellas memãdarão escrito o caso otreslado sem trocar
10 palavra.

Era esta molher casada cõ hũ pedro gajardo criado de sua altesa a serenissima senhora
dona catherina disẽ que aeste homẽ que era seu pai mãdou ella acataluna sobre hũ
negosseo de hũ subrinho da madre maria das chagas que la estava preso e por ser
colasso¹²⁴⁵ do serenissimo duque dõ joão primeiro do nome, o queria livrar, chegou este
15 homẽ la tres dias antes do ã que estava sentensiado se degolasse o preso [fl. 55 v.] oque
ja por algũas çircunstansias se teve ja por milagre este pedro gajardo se deteve ã
cataluna tẽpo esua molher estava desconsoladissima de não saber delle parecendolhe
seria morto ou cativo. em hũ dia que se viu mui aflitta foi pedir a sua altesa que se tinha
algũas novas lhas deçe, ella lhe diçe viesse falar cõ a madre maria das chagas e que ella
20 lhe deria o que passava e a consolaria. fello ella assim e a ditto madre lhe diçe senão
desconsolaçe que seu marido era vivo e seu subrinho estava livre eque dentro ã tantos
dias estarião ã este lugar e assim succedeo por que em o mesmo tempo que ella apõtou
ẽtrarão ãbos pello tirreiro do passo apresentãdo pedro gajardo opreso livre asua altesa
oque se atribuhia emtão as orações de esta serva de Deos e os muitos perigos de que elle
25 livrou assim em o livramento do preso como ã o caminho ao ditto pedro gajardo o qual
elle como milagre apregoava e sua molher a prophessia que vira cũprir tão certa easim
hũa cousa como outra foi ãtão mui aplaudida neste povo que se não falava ã outra
matteria. e por serto se pode ter que ja sua altesa sabia oque amadre maria das chagas
diçe amolher por que comunicava muito cõ ella mas cõ sua grãde prudensia a remeteo a
30 ella por se saber esta maravilha sã ella a descobrir.

¹²⁴⁵ Pessoa que teve a mesma ama de leite, cf. BLUTEAU, t 1, p. 285.

Hũa religiosa tinha ã omũdo hũa irmã donsela saindolhe hũ casamento aseu gosto pediu aesta madre lhe alcançaçe de Deos que sũdo para seu serviço se efeituaçe ao que ella respõdeo que o faria, mas que amenina avia deser freira. aoutros muitos que se tratarão e selhe ãcomẽdarão deu amesma reposta. depois disto 18 annos sũdo ella ja falecida
5 veio a dosela atomar o abito ã este convento depois de [varios]¹²⁴⁶ succesos cõ grãde amirasião¹²⁴⁷ por se não esperar.

[fl. 56 r.] dos cõbattes e tentassões do demonio que esta madre padeçeo ecomo Deos a tĩrava vençedora de todos - cap. 10

10 Em quanto hũa alma em este corpo mortal navega o mar deste mũdo, se ve tão sercada de inimigos que como as ondas delle acõbatẽ que como dis job batalha e avida do homẽ sobre aterra, sendo ã todos tão çerta em os justos e cõ tanta mais ventagem quãto o demonio se promete mor gloria da victoria.

E como da que pretendia alcanzar desta religiosa intereçava não so perda particular
15 senão a de muitas almas aquẽ seu exsẽplo econtinuas orações erão causa de aproveitamento, e de aplacar a justiça devina, a atormentava de modo que vevia ã hũa insufriavel bateria, e tão penosa que a Deos anão favorecer em ellas quanto ã o discurço d este capitalo se vera, desfalecera seu alento, perturbarace oanimo, efaltara sua constancia, porẽ como a amava tanto se bẽ pella provar adeixava apurar como ouro ã
20 criçol acodia logo cõ amor paternal em amor aflissão cõ tão avantejados regallos que as fasia fasseis a respeito do muito que por ellas merecia [...] ¹²⁴⁸ logo em seus prinsipios ainquietou o emmigo do genero humano exteriormente para que cõ aperturbassião que lhe causava ã avista corporal perdesse a consolassião da spiritual, o soçego na oraçã, o gosto a seus exercissios e as esperansas de continuar em o serviço de Deos cõ o fervor
25 cõ que comessara, [fl. 56 v.] muitos tempos trouxe sẽpre sobre a cabessa hũa mão negra como de ferro que a cobria toda passando tanto a diante do rosto que a andava vendo o que lhe era intoleravel de sofrer por ser este tormento continuo sũ lhe dar lugar arecolher o pensamento o cuidado de aquelle temor e em se ãcostando ã a cama a cobria esta mão e sõbra toda.

¹²⁴⁶ Impercetivel.

¹²⁴⁷ Talvez por lapso a autora tenha esquecido o *d*, *admiração*.

¹²⁴⁸ Ilegível.

Depois de este trabalho comessou outro que não era menor porque assim por a apartar de sua contemplação como pella tirar do descanso e sono que para conservar a vida lhe era necessario andava de noite por sima de seu corpo como cõ pes de galo ou galinha comessando a trepar desde os seus ate agarganta e parecendolhe aqueria afogar se valia
5 do santissimo lenho do vera crus e metendoo em aboca se livrava, e desapareçia o enemigo della enosso.

Outras veses lhe aparecia como cobra e indolhe dando varascadas se levantava ã collos como ella fas mas nũca lhe passava da sintura, so hũa ves que a sentiu sobre o traviceiro elhe pareceo cometia a fogala meteo o santo lenho ã aboca e desapareceo mas valiã
10 pouco seus cocos e ameassos da serpente infernal por que ella a fasia ir corrida ficandolhe a esta madre mais motivo de louvar aseu querido esposo que cõ sua devina morte nos deixou tão selutifero remedio e a elle as forças tão quebradas porẽ andava tão desconsolada que não so ella mas muitas religiosas spirituais e por essa causa suas amigas [fl. 57 r.] fiserão muitas penitencias por ella ecõtinuas orações ate que Deos foi
15 servido livrala de tantas e tão continuas molestias que tanto tẽpo soffreo e cõ tão grande passiensia. de estas persiguissões visiveis sabião as antigas, muitas de seus prinsipios, e hũa religiosa moderna que as avia ouvido contar elhe lẽbravãõ confusamente lhe pedia lhes diçesse so destas lhe quis dar noticia devia de ser por averẽ sido publicas ã aquelle tẽpo prinsipalmente a da mão de ferro que foi mui continua muito tẽpo e mui penosa
20 etãõ bẽ por que pode atribuir livrala Deos dellas aos merecimentos de suas cõpanheiras que cõ sua humildade sabia mil traças para desfaser ã os propios.

As religiosas aque ella contou amor parte do que se escreve, emcarecẽ muito ã seus papeis a grande bateria que de ordinario lhe dava ã tentassões mais spirituais eque passavãõ mais ã ointerior e que nelle lhe não deixava ter o recolhimento a que aspirava
25 cõ aquietassão que devia pella deverssidade de pensamentos cõ que a aflegia e andava em cõtinua batalha sã hũ ponto se descudar de lhes resestir cõ grandissimo valor, tormẽto grande para pessoa tão perfecta eque tanto agnelava a unirçe cõ seu criador.

Conta hũa dellas que por veses a perseguia representandolhe diante dos olhos corporais cousas que a distraissẽ em oração mostrandolhe dansas de damas fermosas emansebos
30 galantes eoutras vaidades semelhantes que lhe erãõ intoleraveis de sofrer por sua natural [fl. 57 v.] cõpustura.

Hũa ves se viu mui aflitta recorreo avirgẽ santissima e pediu lhe acodiçe e deçe remedio aquella tentassão e a comutaçe ã outra por que de todo, não queria ficar sem algũa pois onão merecia em o mesmo pōto ficou livre de todas e de pensamentos que aperturbaçẽ e se espantava da misericordia da rainha dos anjos ouvir logo hũa molher peccadora.

5 De continuo andava em interior guerra cõ a deversidade de representassões que lhe fasia em o intẽdimento, e pensamentos cõ que a embaraçava, este tormẽto passou muitos annos desde seus prinsípios, erão estes pensamentos do rei do papa e de outras cousas tocantes ao governo e poleçia mũdana como se estivera presente a ellas ou lhe tocarão.

Outras veses lhe trasia amemoria dittos graciosos que avia ouvido e cousas semelhantes
10 e lhe representava tanto ao vivo estas vaidades por lhe divertir o pensamento de Deos que por veses lhe aconteço ã o officio devino rirsse dellas, e cõ tanta inportunassão chovião sobre ella que lhe tiravão o socego e a affligião sobre modo, defendiaçe dellas cõ aquelle primeiro verço do psalmo 67¹²⁴⁹ *exurgat Deos dicipientur inimiçi ejus ect.*^a mas depois que lhe soube furtar avolta fugindo d elles para ope da crus os teve por
15 particular merce de Deos por que a fasiaõ [fl. 58 r.] buscalo cõ mais cuidado.

Hũ dia que se viu mais perseguida diçe cõsigo que quantos pensamentos destes tiveçe tantas ofertas avia de faser ao padre eterno de seu filho pellos infieis, logo supitamente fugirão todos entẽdeo então sentir o demonio furtarlhe ocorpo ever que cõ as mesmas pedras que elle tirava era ferido o que succedia as mais das veses por que esta insigne
20 religiosa velava tanto ã resestirlhe que nũca se descudava nẽ lhe dava ãtrada não perdendo elle pōto de lhe dar assaltos delles se ãparava ã o monte calvario indosse cõ aquellas inquietassões a buscar Christo na crus, de donde tornava cõ tantas consolassões que dava por bẽ ãpregado otrabalho da peleja pello fructo do galardão que reçeibia, como ãtre outras muitas veses lhe succedeo hũ dia em que se viu acoosadissima de
25 pensamentos fugindo delles para o recolhimento interior e pondosse aos pes de Christo crucificado acuja mão [...] ¹²⁵⁰ parecia estava avirgẽ nossa senhora cõ quẽ sefoi sentar disendolhe aqueria acõpanhar ã aqueles trabalhos para que ella nos da ora da morte a quiseçe ajudar e faser esta petissão vice cõ os olhos da alma hũa lux tal que a do sol era escura e de maneira a cegou que nẽ acrus via e desta vista ficou sua alma tão

¹²⁴⁹ (Sl. 67, 2) *Exurgat Deus, & dissipentur inimici ejus, & fugiant qui oderunt eum, à facie ejus, Biblia Sacra*, p. 441; "Levanta-se Deus: os seus inimigos dispersam-se e fogem diante dele os que o odeiam", *Bíblia Sagrada*, p. 905.

¹²⁵⁰ Ilegível.

- humilde e hubrigada a Deos que se ã aquella ora lhe fiserão as maiores a frontas etormentos por elle nada sentira, aliviu avirgẽ nossa senhora, são joão e a magdalena, todos os mais apóstolos, martires [fl. 58 v.] e virgês, de que aqueles câpos de seu coração e deserto interiores estavam cheios, ali viu nosso padre s. francisco ferido de
- 5 amor todo ensãguentado, e as sanctas de que era devotta conheço santa tharesa, santa leogarde, a beata soror joana da crus da nossa ordem e o anjo da mesma s. larvel auro. epedindo atodos socorro, e a Deos avertude da humildade lhe parecia se via ao pe da crus convertida ã hũ pouco de po e sinsa aqual cõ hũ nada de ventosinho se espalhava e emtão lhe deu Deos hũ grande conhessimento de suas miserias, mas cõ tudo diçe cõ o
- 10 propheta ainda que sou po esinsa falarei ameu Deos, e fasendoo comessarão a vir aquellas lagrimas ã silencio, do interior da alma sem as sentir e todas as veses que d estas batalhas se retirava a este sagrado achava semelhantes regalos spirituais para os quais desia lhe faltava o tempo por que em nenhũ se lhe fechava a porta nẽ Deos selhe negava.
- 15 Tinha particular devaçãõ ao anjo s. larvel auro que se dis em a vida da beata soror joanna da crus era o seu da guarda como fica ditto, a este se socorria ã seus trabalhos etentassões, e pedindolhe hũ dia lhe tiraçe seus pensamẽtos e o gosto delles e aprendesse ã ocalvario cõ acadeira de ouro da charidade cõ pedraria de outras vertudes lhe parecia se via presa cõ ella ao pe da crus e tudo por alli via cheio de muito sangue, e
- 20 vindo os pensamentos acõbatella lhe desia cõ muito animo idevos embora que ja estou presa anjo sancto levantai [fl. 59 r.] obraço que tremẽ os demonios delle e desbarataios e cõ esta vox logo fugiãõ todos histo contou cõ tal alegria que logo dava [dava]¹²⁵¹ a entẽder aque estava ã o coração, mas cõ tudo temerosa que não sabia se lhe duraria aquella consolassãõ muitos dias que como era tão humilde de nenhũ bẽ se achava dina.
- 25 Contou mais que por muitas veses acõbatera o demonio disendolhe que seguisse avida comũ que converçasse riçe e falace com todas, que asim como ellas se salvaria e que querendo cometer afaselo tão saudosa eso se achara sã seu Deos que logo se tornara a buscallo disendolhe que so elle queria, e por esta causa lhe custava tão pouco estar so que diçe hũ dia lhe custaria mui pouco guardar o silencio perpetuo dos padres cartuxos.
- 30 Outras veses atentava o demonio cõ pensamentos de faser milagres elogo se recorria a aquelle verço *exurgat Deos, ect.*^a que era sua defensão ã as tentassões mais perigosas.

¹²⁵¹ Repetiçãõ da autora.

Contou que acordou algũas noites cõ hũa humildade tão profunda ã ooração que entẽdia serẽ pensamẽtos¹²⁵² e inspirações de seu anjo da guarda equãdo o demonio a espertava que erã logo os pensamentos que tinha diferentes tudo cousas do mũdo e mil vaidades, que lhe cansavão afantasia e a apartavão de Deos.

5 Diçe que hũa noite estando ã ooração vira ã o interior o çeo enelle hũa claridade qual nũca avia visto, por muito grande espasso e que viu dous vultos [fl. 59 v.] negros que vinhão cõ hũa corridiçe que lhe tirava ver [aquela]¹²⁵³ fermusura, aqual tornou aver dẽtro ã a alma como a tinha visto.

10 A hũa religiosa diçe se via tão persseguida de tentações que como mosquitos a çercavão porem que em se indo ao mõte calvario desapareçião todos.

A outra que se via tão perseguida destes que lhe dava grandissima guerra mas que como nosso Senhor lhe fasia merce de a levar dẽtro de sim desapareçião todos.

15 Atempo sentia melhoria ã estes pensamentos mas logo tornava o enemigo a faserlhe guerra cõ tal fanha que parecia era o parar cobrar mais forssas sendolhe hũ [pera]¹²⁵⁴ tormento posto que desia ja lhe não queria dar este nome pois a fasião cõ mor cuidado buscar a seu Deos e achalo easim por ãtender quão proveitoso lhe era este trabalho ate cõ os naturais pelejava e ate ã elles se vencia asim mesma.

20 Lendo ã avida de francisco [...] ¹²⁵⁵ que da grande peña ao demonio traserçe obẽtinho do carmo pediu cõ grande instansia a hũa pessoa lho ouveçe e tinha grande cõsolassão de otraser egrãde defensão lhe devia de ser por que ã reconhessimento de esta boa obra fasia todos os dias ooração por esta pessoa.

25 Como esta alma erã[o] ¹²⁵⁶ tão pura que nẽ ãtender cousas cõtra acastidade sabia porque a conservou toda sua vida, não tinha o demonio entrada para por esta via atentar easim ã sonhos diçe ella lhe representava cousas que ella não sabia o que era aquilo mas por se livrar de escrupulos se acusava delles.

¹²⁵² *que entẽdia serẽ pensamentos*] repetição cortada da autora.

¹²⁵³ Palavra cortada pela lombada.

¹²⁵⁴ Palavra cortada.

¹²⁵⁵ Ilegível.

¹²⁵⁶ Lapsos da autora.

Estes são os cõbates de que a noticia mas o serto e que calou a mor parte delles por não aterẽ por santa ẽ o demonio aperseguir de outras.¹²⁵⁷

**[fl. 60 r.] de outras muitas vertudes que resplandeçerão ẽ esta veneravel madre e
5 dõs de que Deos a dotou e como guardava sua sãcta lei - cap. 11**

Guardou esta religiosa anosso parecer exactamente alei de Deos des velandoçe de modo em a cõprir que ou tra cousa não trasia diante dos olhos, sendo seu prinsipal intento ẽ suas obras que Deos fosse servido em todas as cousas e de todos amado, como suma de toda aperfeissão de sua sancta lei, governavace ẽ tudo pello evangelho e cõselhos delle
10 não so ẽ materias de inportansia mas ate ẽ cousas de pouca consideracão ẽtendiamos que ẽ emquanto lhe era possivel se ajustava a elle, poucos dias antes de falecer lhe offereço hũa religiosa hũa gota de vinho por que aviu mui ẽfraquessida, ao que ella respõdeo se for novo não por que dis Deos não lances vinho novo ẽ odre velho, em tudo se regia por elle eo trasia diante dos olhos como hũ espelho em que se via, e em suas
15 converçassões alegava muitos exsẽplos delle tão a preposito e ajustados hamatteria que bẽ sevia otrasia escrito nalma, evivo ẽ amemoria pareçẽdonos [fl. 60 v.] que sã preceder agraca devina não podia ter tão claro conhessimento desta devina doctrina e não so em os exsẽplos que delle apõtava senão ẽ como sua vida era ajustada aseus preceptos.

20 Foi de tão perfecta vida e costumes que appareçer das que mais familiarmente a tratarão não fes desde que ẽtrou ẽ a religião peccado venial grave, eao que ella dava nome de peccado, nos parecião hũas imperfecssões de pouca consideracão. seus confessores lhe não achavão muitas veses materia de absolvissão epor a pureza de consiensa que lhe conheçião dispensavão cõ ella ẽ comũgar antes de oito dias sendo nos prohibido por hũs
25 estatutos gerais.

Avendo comũgado em dia da dedicassão de são miguel o tornou a faser ẽ dia de nosso seraphico padre são Francisco que e de ahi a seis, indo a reconciliarsse diçe ha religiosa que tinha cuidado della que se não [não]¹²⁵⁸ temera o escandalo que podia causar verẽna

¹²⁵⁷ Termina a mancha no texto.

¹²⁵⁸ Repetição da autora.

receber a Deos sem se reconciliar lhe pareci[ci]a¹²⁵⁹ que do que se avia de acusar e fasia consiensa, nosso senhor por sua grande misericordia cõ agua benta lho perdoaria, pergũtandolhe oque era diçe, que acordando hũa noite se fora cõ opensamento a variedade das cousas do mũdo e otirara ã esse espaço de Deos. por que pode julgar o
5 felix estado¹²⁶⁰ aque esta alma chegou que ã 6 dias não teve outra cousa de que se acusaçe e nelles so hũa ves tirou o pensamento de Deos. [fl. 61 r.] a mim me diçe que por muitas veses se tornava a acusar de gastar otempo em menina cõ bonecas eaos dias de guarda ã coser nellas e disendolhe eu que era entretenimento detodas ã essa idade que não era peccado me respõdeo toda inflamada, o peccadora de mim que era ja hũa mossa
10 tamanha e pudera servir a Deos, que minha irmã soror ines que era maior mossa por que era bẽ inclinada estava resando e fasendo oratorios e eu sem me lẽbrar mais que das bonecas fasendo idolos delas, e histo desia cõ tanta pena como se fora hũ peccado mortal de que se estava acusando, se os ouvera cometido não se estimulara de faltas tão leves que em o fim de tão larga vida se lembrava dellas para as confeçar por peccados e
15 poucos tinha da mossidade quẽ estes atrasava e deles mostrava tanta pena.

Ë honestidade e puresa verginal foi hũ raro exsẽplo etão nattural lhe era esta vertude que nẽ entẽder cousas cõtra ella sabia nẽ conhessia agrades não foi nũca senão apessoas mui spirituais e forssada de rogos nẽ falou cõ homẽ algũ senão o que tocava a negosseos de seus officios brevemente ecõ hũa cõpustura exsẽplar.

20 Hũa palavra leviana se lhe não ouviu nũca mas que muito se nẽ ousiosa a falava.

Mermurar da vida do proximo nẽ julgala nenhũa pessoa a tratou que lho ouviçe, por que [fl. 61 v.] ate o zelo da religião elei de Cristo era cõ tal captela que so mostrava o desejo da hõrra de Deos sã padeçer a do proximo, suas praticas so a este fim se ordenavão sendo todas de tanta hedificassão que hũa vesita sua era lissão de hũ livro muito
25 spiritual que não causava fastio, por que era tão aprasivel que suspendia os sentidos e roubava os corações cõ a suavidade de palavras tão sanctas e cheias de espirito.

Dotou Deos a meu ver esta religiosa da intelligensia da sagrada escriptura prophetas e doctores por que lhe li muitos annos livros spirituais etendo eu mui poucos de idade pella grande continuassão no que ã çertos cõseptos ecõparações acodia ella logo o
30 propheta davit ã tal psalmo salamão ã tal livro tal doctor ã tal lugar, sendo que o livro os

¹²⁵⁹ parecia] emenda editor.

¹²⁶⁰ estado] repetido e cortado pela autora.

não çitava e eu cõ esta curiusidade oulhava amargẽ e via o mesmo e entre mim como
menina desia valha me Deos tudo esta molher tão idiotta sabe de memoria o que dipois
que tive mais capacidade a tentei cõ mais consideraçãõ, e conheci ser èpossivel senão
pella graça do espirito santo que tanto a alumiou. explicava hũ verço do psalteiro de
5 davit ou passo dos cantares emais livros de salamão como qualquer letrado, dandolhe
hũs sentidos tão spirituais como quem era dotada da graça devina e folgava de falar cõ
letrados spirituais para ver se lhos davão melhores aos verços que mais acomodados
achava a seu spirito, os quais lhe ficavão tão è amemoria como se estudara mas que
muito se a prendeo è [fl. 62 r.] tão soberana escolla e era a retentiva dõ de Deos hũ
10 verço do primeiro psalmo da terssa que dis *averte oculos meos ne videant vanitatem*
*ect.*¹²⁶¹ lhe deu Deos a entender magnifestandolhe averdadeira moralidade delle por
que diçe a hũa das duas religiosas a que comunicava, athe agora tive que este verço
falava cõ os olhos corporais mas ja sei que o propheta falou dos da alma e sua modestia
era tão grande que ainda o que realmente passava ètre Deos e ella cõtava cõ deficuldade
15 e grande captella, quanto mais diser oque não passara, easimse algũ letrado lho declarara
so por sua humildade e não se presumir della bẽ, ouvera de diser joão me diçe histo
como outras veses, mas esta palavra tão absoluta, ja sei, mostra bem que de aquella
fonte devina de que manão todas as ciencias, aprendeo o verdadeiro sentido do
propheta.

20 Outros muitos relatava cõ tão clara e espiritual expossisãõ que bẽ se deixava ver ser o
dõ que digo certo e dis esta religiosa que este verço que ei ditto entẽde que è hũa das
batalhas que teve cõ seus pensamentos o entẽdeo elhe fes Deos esta merce por que erão
cruéis esẽpre sahia dellas cõfavores.

Para tudo o do mũdo parecia simplex e de toscõ estilo è falando de Deos não o avia
25 mais subido.

Foi devotissima das santas imagẽs venerandoas cõ mui grande affecto è sabendo de
algũa milagrosa das que ha pella christandade não descansava a te não ter certa noticia
dellas prinsipalmente [fl. 62 v.] das de Cristo nosso salvador ecõ tal ternura falava em
ellas que parecia selhe derretia o coração de amor prinsipalmente o sacto crucifixo de
30 burgos, hũ dia indo me ver me apartei è acasa è que estava a falar cõ ella mais apartado

¹²⁶¹ (Sl 118, 37) *Averte oculos meos ne videant vanitate; in via tua vivifica me, Biblia Sacra*; "Desvia os meus olhos dos deuses vãos; faz-me viver nos teus caminhos", *Bíblia Sagrada*, p. 966.

por que imaginei queria ouvir lissão porẽ ella se pos afalar comigo ẽ esta sacta imagẽtão inflamada que parecia chamas de fogo disendolhe eu se sera muito lastimoso esse christo e como estara colocado esse senhor me respõdeo estas palavras, quãdo eu o vi estava deste modo edeste e foi discorrẽdo por as particularidades delle que por onã
5 escrever ẽtão menãdo lembra mais que diser, lhe corria o sãgue ate asangria e dahi parecia cahir no chãdo e que estava ẽ convento de religiosos de santo agostinho os quais estavam a esse tẽpo resando o officio devino ẽ suas cadeiras ecõ tal cõpustura e serenidade que parecião anjos do çeo eu fiquei tão salteada que hũa palavra não lhe falei mais nẽ ella outra senãdo que ẽ dãdo esta relassão se levãtou e foi pella porta fora a meu
10 parecer pello exterior que lhe vi arebatada evẽdo as presẽtes como repẽtinamente se foi e qual eu fiquei me pergũtarão acausa que cõtandolha cõ as çircũstansias que ja me esqueçẽ nos fes derramar muitas lagrimas histo jurei ja quãdo se veio tirar informassão.

Afora esta ves o diçe a outra pessoa mui devotta da ordẽ de santo agostinho dãdolhe cõ muita alegria novas deaver visto os seus frades quando vira o santo cruçifixo epergũ[fl.
15 63 r.]tãdolhe ella mui asõbrada e comooviu madre foi la, cobrou sobre sim e diçe ai filha mereço o eu sonheio, esta me diçe o jurara ja tãobẽ, e ofara todas as veses que lho pedirẽ.

A pobresa desta serva de Deos foi extrema e levada cõ grande alegria e volũtaria quando seus parẽtes a vinhãdo vesitar hũ pucaro de agua ou hũ doçe para elle teve nũca
20 que lhe dar e da comunidade lhe hia o que se não fes nũca a outra por que nenhũa selhe igualava ẽ pobresa por que o tempo que as que apadeçẽ gastão em ganhar por suas mãos ocupava ella cõ Deos, easim não tinha mais que a providensia devina, vivendo a mor parte de sua vida de esmolos asim das mesmas religiosas como de seculares devottos que sendo tão ẽferma se Deos lhe não acodira por este meio pereçera aquella
25 humanidade, porẽ ella cõ tanta pobresa não esperava nada de nĩguẽ nẽ pedia eamava tanto quẽ lhe fasia caridade como aquẽ anãdo devia posto que as orações pello bẽfeitores erãdo cõtínuas, selhe davãdo hũ abitto velho não se desõrrava de o vestir e quasi sẽpre o trasia de esmolos.

Quãdo não tinha quẽ tiveçe cuidado d ella buscava o nessessario para sustentar a vida por
30 não ser molesta cõ pedir e lhe averẽ de acudir se ella se descudaçe de sim mas cõ tanta moderaçãdo que senãdo destrahia.

Temia muito amorte pella cõta que avia de dar a Deos depois que lhe faltou asaude fasia pella ter por dous [fl. 63 v.] fins o primeiro por servir a Deos e pellas esperansas cõ que vevia de ofaser melhor ajudandoa elle.

5 Osegũdo por não ser molesta ao convento nẽ cansar o proximo. folgava muito de ver sinais do çeo ecometas esendo emferma e velha se levãtava avelos e desia que se o themor do castigo cõ que Deos ameaça não fora sẽpre os estivera vendo. levantavace de noite a cõtẽplar nas estrellas prinsipalmente na da alva que a alegrava muito e sendo cega me diçe amim devisava amais pequena.

10 Ëcõtrandome cõella ãhũa grade succedeo que cõtou ella ha dona que estava vesitando opouco que via pois não devisava mais que os vultos eque conhessia as religiosas pella vos dice eu a histo (cõ intento de seter por maravilha como eu atinha por essa) sendo a madre maria das chagas tão çega como dis ve amais pequinina estrella do ceo econtalas ha se quiser fesselhe a ella orosto como hũas brasas ecõ hũa santa indinassão causada da grande humildade e virãdo para mim dice, isso não he maravilha nẽ tem que contar que 15 vistas ha que vem ao alto enão ao baxo ecõ a verdade sem hir cõtra ella disfarssou terẽno por milagre por que serto he que os olhos dos justo¹²⁶² vẽ ao alto enão ao baxo, eu fiquei tão cheia de temor e cõfusa que tomara não ter falado.

Mereçeo esta religiosa dõ de lagrimas o qual lhe conheçemos por serẽ tão copiosas ecõ tanta facilidade que ã comessando a lissão parecião seus olhos dous rios cõ tanta 20 serenidade que mais parecião perolas que pello rosto abaxo viamos as mesmas selhe vião ãfalando praticas espirituais, e na oraçãõ continuas como ã muitas partes deste tratado severa.

[fl. 64¹²⁶³ r.] do dittoso tranzito d esta serva de Deos - cap. 12

25 Amorte dos justos he principio de vida fim de trabalhos e desterro, epor esta causa tão apetedida delles quãto temida dos peccadores, eposto que o foi desta religiosa por a ultima conta que seu conhessimento propio lhe representava mui regurosa, cõ tudo cõ os favores de seu soberano esposo e esperansas de sua devina vista lhe pareçeo mui grave

¹²⁶² justos] emenda do editor; ausência de concordância em número.

¹²⁶³ Deveria tratar-se do fólio 63, no entanto, mantendo a fidelidade ao original grafamos *fl. 64*. Trata-se de um erro de numeração e não de uma omissão, uma vez que na página precedente o reclamo introduz o título do capítulo seguinte.

quando chegou a ora, aqual soube, comopia mente se pode crer pello que ao diante se dira. poucos dias antes de Deos a levar pediu a religiosa que tinha cuidado della lhe escreveçe hũ papel que ella nottaria para que ã ella acabãdo ofosse aperlada ler ã vox alta aquadra das defũctas ella lhe diçe que era disbarate que se deixaçe disso, era tão obediente como humilde e assim se calou depois teve a religiosa curiosidade epergũtoulhe que avia de diser opapel, diçe que por sua consolassão queria pedir perdão as que no semiterio descansavãdo do mao exẽplo que cõ sua ma vida lhes dera equapor amor de Deos lhe deçe licença para se ãterrar, cõ ellas e estar em sua cõpanhia ate o dia do juiso, que não ouve acto de humildade que esta benditta alma não exserçitaçe.

10 Dia da invensão da santa crus a 3 de maio foi comũgar, passando pello semiterio lansou abensão as defũctas como costumava, tornou-se para açela, e depois de jantar foi vesitala hũa religiosa pergũtandolhe como estava respõdeolhe que bẽ pois avia comũgado aquelle dia [fl. 64 v.] disendo ha senhor que fostes servido entrar ã esta alma tão miseravel grande amor grande amor e repetindo estas palavras muitas veses se inflamou de sorte cõ hũ rosto tão ãvolto ã cor que parecia ã suas acções e espirito estar absorta e desejou ella chamar quẽ aviçe por que parecia bebida do amor devino, abrasada d este fogo devia de andar todo aquelle dia segũdo se soube por que a servidora que lhe fasia charidade a achou quasi despida cõ a genella aberta cousa nova nella que sãpre seguardava do ar porque desia lhe fasia dano, e pergũtandolhe porque estava assim diçelhe que não sabia que fiseçe que se centia arder de dentro que por mais agua que bebia não podia apagar aquelle fogo costumãdo ella abeber pouco, pediu hamesma servidora que ao outro dia que era domingo lhe levaçe hũa quarta de agua para lavar os pes que não sabia se a ungirião cõ tanta pressa que não ouvesse tempo para isso ela lha levou quando lho diçe e lavandoos ficou muito consolada. ã este mesmo

20 domingo escreveo hũa carta a hũa pessoa spiritual cõ quẽ se comunicava em espirito em que lhe desia era constringida alhe pedir alcansaçe de Deos asua salvação e que em suas orações lhe pedia se lembrãçe de seus bemfeitores edas nessessidades deste convento por que ella estava ja tão fraca que onão podia faser cõ aperfeissão que desejava. asegũda feira atarde lhe derão huas camaras de pouco cuidado por não serẽ cõtinuos

30 easim as teve ate acabar, ha terssa pela menhã ãcõtrou a madre abbadessa e tomãdolhe a bensão como fasia todas as [fl. 65 r.] veses que a ãcõtrava, renunsiou ã suas mãos o uso de algũas cousinhas de que se servia, sabendo a religiosa que tinha cuidado della lhe foi pergũtar por que se andava aparelhãdo tanto para morrer que ella lhe não via mal de

novo, mais que o que passava de urdinario, que erão tantos achaques que todas desião
vevia ella por milagre, respõdeolhe que dia da crus quando comũgara, passando pello
semiterio ao lansar abensão as defũctas lhe pareçera se via ali ãterrada, etivera hũ
grande jubilo de alegria porque via a Deos e por isso tratava de sua morte, aquarta senão
5 levantou da cama ate o sabado pella menhã que mãdou chamar a madre abbadessa e
tornou a faser amesma renũpssia sendo que não tinha nada deseju e tanto por isto como
por não imaginarẽ que ella morria se rião muitas deste cuidado cõ que estava, diçe
muitas outras cousas a madre abbadessa a este preposito todas de muita edificassão e
exsẽplo e a volta disto muitos verços do psalteiro de davit que senão puserão em
10 memoria entre elles diçe, aquelles seraphins que estão diante de Deos que cõ duas asas
cobrẽ os pes, cõ as outras duas o rosto, porque não podem ver aquella devina
magestade, e cõ as outras duas estão voando, e ficou suspensa, não se entẽdeo nẽ
pergũtou por que isto desia entẽdeosse seria algũa representassão que se lhe fiseçe ã o
espírito, efalando ecõ muito bõ pulsso esteve ate o meio dia ã que lhe conhecerão tal
15 diferenca que logo a levarão para a ãfermaria, disendolho hũa religiosa que ahi se achou
cõ ella levantou as mãos ao çeo e cõ grande alegria diçe *fiat voluntas tua*¹²⁶⁴ e o verço
[fl. 65 v.] *dirupisti domine vinculamea ec.*¹²⁶⁵ e servos somos sã proveito e outras
palavras, antes disto avia ditto amesma pergũtandolhe como estava que muito alegre por
estar de caminho para apatria e que dava muitas graças a nosso senhor por que em
20 aquelle dia avia ja resado o officio devino e cũprido suas hubrigações de ãcomendar a
Deos seus proximos ect.^a que so lhe faltava resar a ledainha dos sanctos que por estar
mui fraca anão resara pediulhe a ajudaçe etantos mais sanctos meteo nella que a freira
ficou admirada asim de sua memoria como do espirito cõ que a resou, a oras de bespera
avirão tão fraca que areligiosa que tinha cuidado della lhe pergũtou sequeria confeçarsse,
25 dice que sim, e o fes muito ã seu perfectio juiso mas tão ãfraquessida que logo lhe derão
os sacramentos todos ainda a muito bõ tẽpo, e ella os recebeo cõ grande devação mas cõ
tanta pressa como ella representou quando lavou os pes acabada a unsão pergũtarão lhe
se estava muito cõforme cõ avõtade de Deos respõdeo que muito e comessou cõ grande
espírito¹²⁶⁶ a resar a oraçãõ que costumava e comessa o alto e soberano senhor ate opõto

¹²⁶⁴ Verso da oraçãõ do Pai Nosso (Mt 6, 10); *Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra...*; *Biblia Sacra*, p. 6; "Faça-se a tua vontade, como no Céu, assim também na terra...", *Biblia Sagrada*, p. 1575.

¹²⁶⁵ (Sl 115, 16) *O domine, quia ego servus tuus; ego servus tuus, et filius ancillae tuae. Dirupisti vincula mea, tibi sacrificabo hostiam laudis, et nomen Domini invocabo*; *Biblia Sacra*; "Senhor, sou teu servo, filho da tua serva; quebraste as minhas cadeias. Hei-de oferecer-te sacrificios de louvor, invocando Senhor, o teu nome."; *Biblia Sagrada*, p. 962.

¹²⁶⁶ *de motivos spirituais*] à margem.

livraime de escrupulos desnecessarios e por que estava mui fraca anão deixarão acabar e pergütandolhe se tinha o coração tão alegre como o trasia sempre respõdeo que sim disendo aquelle verço do psalmo 24 *oculi mei sēper ad dominum*¹²⁶⁷. aqui lhe forão todas pedir se lêbrasse dellas e de seus bēfeitores atodas respõdia cõ tal inteiresa e juiso
5 que se admiravão.

Em esta noite do sabado estando duas servidoras debruçadas sobre o bocal de hũ posso do claustro falando, sobreveio hũa tão grande claridade que hũa que esta viva em este convento afirma viu cõ ella hũs cacos que ã o fũdo delle estavam e amais pequena pedra que tinha [fl. 66 r.] eque levãtando o rosto asõbradas da admiravel claridade avirão ã o
10 çeo mui grande eque como raio corria por elle dando mais lux que a do mesmo sol e segũdo a informassão que da de donde vinha era da paragem da emfermaria.

Toda anoite passou posto que cõ ansias da morte cõ as potencias da alma tão perfectas como ate aquella ora avia tido ecomo pedia a Deos las conservaçe, vendo e ouvindo muito melhor que ã saude que estes dous sentidos tinha quasi perdidos ao menos over e
15 ãtão se lhe não conheçia falta, pergütandolhe a espasos se via e ouvia respõdia que mui bem hamadrugada lhe pergütou a ditta religiosa se selēbrava de Deos tornou a respõder o verço ja ditto *oculi mei sēper ad dominum*, e asim continuou cõ estas cousas ate o domingo onse do dia em que deu o espirito aseu criador religiosas afirmarão e eu sou hũa dellas que ã os olhos que tinha pregados em hũ crucifixo quando estava acabando
20 lhe não virão meninas senão duas estrellas sinhas do mesmo resplandor dellas que parecia as fixava como nos as meninas em o mesmo christo. faleçeo a 11 de maio do anno de 1631.

Foi tão grande a desconsolassão destas filhas quando nos vimos orfans della, e ausentes de hũa unica consolassão, que derão por muito espasso os olhos sinais da dor que
25 trespassava os corações que tão de veras a amavão, sem aver hũa que consolaçe a outra por ser a perda geral, parendonos se acabara o refugio de todas as tribulações, aguia emestra no spiritual, hũa coluna da religiã, e hũa perpetua [fl. 66 v.] oradora não so nossa mas de todo o univerço.

¹²⁶⁷ (Sl. 24, 15) *Oculi mei semper ad Dominum, quoniam ipse evellet de laqueo pedes meo; Biblia Sacra, "Os meus olhos estão sempre postos no Senhor, porque Ele tira os meus pés da armadilha", Bíblia Sagrada, p. 862.*

Se bem nos consolava deseu amor de mãi esperar mos tella propicia ã agloria donde mediante amisericordia devina aconsideravamos, afalta de sua presença nos não deixava animar cõ tão bem fũdada confiãsa que quando a dor e grande não da lugar ao descurço.

5

de como se dilatou dar sepultura aseu corpo ate o dia seguinte e do que ã este acto succedeo - cap. 13

Depois que da primeira pena cobrou o corassão algũ alento e asuspensão della nos não teve roubado os sentidos, quisemos tomarlhe abensão por ultimo alivio, e
10 descobrindolhe para isso o rosto o qual a morte (igual ã os humanos nos efeitos) tinha palido cõ sua sõbra, lho achamos mais alvo que a mesma neve, cõ tanta fermusura que parecia outro mui diferente sã em elle sever nã os defeitos da idade que em vida selhe vião ã o quebrado do carão arugado da velhiçe as mãos pareçiã de alabastro e em tudo tão aprasivel que cõfessavão muitos que fasendoçe violensia ao chegar abeijarlhe amão
15 pello themor que a morte causa, tanto que vião sua fermusura senão pudião apartar della; ã avẽdo se dobrarão as lagrimas posto que diferentes ã a causa por que as que primeiro erão de magoa e tristesa agora forão de devassão e [fl. 67 r.] e consolassão, da certesa que a fermusura de seu rosto nos dava da que posuhia tão ditosa alma, pedirão todas a hũa vox a madre abbadessa e a o padre confeçor lhes não roubaçẽ aquelle
20 thisouro tão dipressa, e lho deixaçẽ aquelle dia e noite, para se consolarẽ cõ ella estando cõtẽplando aquella maravilha de Deos, elles lho consederão, levarão o corpo para o choro alto a hũ ora do dia ate o outro ã que o sepultarão as mesmas oras e todas esteve acõpanhado de toda a cumunidade aquella que mais perto estava delle se tinha por mais vëturosa beijandolhe as mãos, todas aporfia, as quais se tratavão abrião efechavão como
25 de pessoa viva em todo descurço d estas oras, sã nũca selhe achar diferença, Deosse ordẽ que as oras estiveçẽ das freiras duas espertas resando por ella ã vegilia e que acabada a ora deçẽ recado a outras duas que as seguiçem.

Hũa religiosa que muito a amava não tirava nũca os olhos della, cõtẽplando agravidade de seu aspecto agalhardia e graça do ar de seu corpo que como ã vida andava
30 de ilharga e inclinada por disfarçar aque naturalmente tinha e humilharsse asim parece que aquelle mesmo Deos por quẽ ella despresava tudo da vida quis na morte mostrar quanto se pagou de seu despreso propio. estando pois esta religiosa cõ estes

pensamentos permitiu elle selhe êtolhaçe lhe via diferença ã a cor do rosto pareçendolhe mais denegrada tomavalhe as mãos parecião lhe menos trataveis ecõ estas duvidas de seu milagroso corpo onão [fl. 67 v.] estar tanto, se via mui aflita, cõ este cuidado diçe hacõpanheira que cõ ella resava e ficava mais mistica ao rosto lhe puseçe hũ dedo nelle
5 para ver se fasia cova fes amadre maria de jesus que oje vive esta experiensia ã abarba e a outra diçe não ahi que esta sem carne na fassa o ha faser e ãbas virão fasia cova não se contentou cõ histo a duvidosa e ficou tão desabrida como de antes sã tirar nũca os olhos do lugar donde se avia posto o dedo ao pũto que rũpeo a alva viu amadre que asima nomeio primeiro que todas que selhe fiserão duas nodoas como ã corpo vivo ã abarba
10 que foi cõ menos força pardo ã a façe¹²⁶⁸ azul em hũ corpo morto de trese oras ou mais.

Hũa religiosa conta que ã aquella noite lhe fasião themor algũas que via encostadas pello coro parecendo corpos mortos e que para se valer tomava as mãos aesta madre e se chegava a ella eque operdia todo.

Em ella acabando correo pello povo hũa vox morreo a sancta da speransa. ha segũda
15 feira ã comessando o officio de presente para lhe darẽ sepultura foi tão grande o concurço de gẽte o motim por tomar lugares as voses de mostrẽnos a sancta que erão intoleraveis de ouvir soando mais que a musica, quãdo os padres entrarão a enterralla ja trasião todos as mãgas cheias de contas e fittas para tocar ã o corpo tal era a openiã que della se tinha e de sua grande vertude.

20 Por satisfaser a pia devaçã do povo e quietar o estrondo que fasião forão de openiã a madre abbadessa e o padre cõfeçor [fl. 68 r.] a petissã de muita gẽte nobre e devotta se mostraçe esta preciosa joia e satisfiseçe o desejo de tantas almas, para que asim aplacacẽ as voses e asim se levãtou o pano da grade ãquanto se cantou amissa e esteve patente e se cõ histo cessou o clamor de mostrẽna comessou o de pedir pedassos de seu
25 abitto, rosas de que estava cuberta que para isto mãdarão muitas pessoas açafates dellas para lhas tornarẽ tocadas davã para o mesmo contas e fitas. foi o concurço de sorte que por pulpito grades do cruseiro poiais estava gente subida tanto pella ver como por se livrar do apertã, que por hũ homẽ temer algũ perigo se opos a afastar os que tinhã visto por senã afogarẽ, everẽ os que de novo vinhã, e na grande forssa que ã histo fes
30 desmãchou hũa mão.

¹²⁶⁸ *todo povo a viu*] à margem.

Estavão duas religiosas cortando pedassos domãto para se dar agête e foi tal o fervor cõ que se pedião que quasi onão levou ha sepultura nẽ ellas bastavão a acodir asua devaçãõ, a qual foi tão grande que a não termos o repairo das grades creio nos roubarão este thisouro, rosas e flores tudo se lhes deu e tão cuberto estava o corpo de fitas ecõtas
5 que mal se lhe devisava o vestido, e histo sê deste convento se avisar a nenhũa pessoa nẽ se chamar valendonos ainda muito estar sua magestade ã aquelles dias ã asua tapada epor essa resãõ o lugar cõ menos gête pelo menos a mais poderosa. [fl. 68 v.] causou grande admiração a fermusura deseu rosto desião lhe vião hũ resplendor como de vidro nẽ lhe davão mais de idade que 40 annos tendo ella 88.

10 Depositarão seu corpo ã ocapitalo ã hũa sepultura nova de abobada cõ hũa cãpa de pedra marmor não sê misterio feita para outrẽ e guardada por Deos para ella sê nenhũa pessoa o entender senão depois de a ocupar que ãtãõ conhecemos o ordenou elle asim para hõrrar sua humilde serva.

Depois de a meterẽ ã o caxão fomos de duas ã duas a beijarlhe amão e despedirnos della
15 ate as çervidoras cõ tantas lagrimas de saudades que parecia a cada hũa lhe levava cõsigo ocoraçãõ que em vida soube roubar tanto.

Ouve religiosas que afirmarão que ao metella ã o caxão lhe virão faser hũa reverensia cõ acabessa a imagem de nossa senhora que esta ã o altar.

A madre soror leonor da apresentassãõ que ãtãõ era abbadessa fes este enterro cõ toda a
20 solemnidade possivel, epor consolar suas subditas ã essa menhã antes delle amãdou retratar e agrande brãcura de seu rosto diçe o pintor não se atrevia a imitar ã o demais se parece cõ ella depois de morta, so ouve inadvertensia de lhe cobrirẽ a parte ã que tinha a nodoa cõ a palma, por elle ha Deos obrado algũas maravilhas como ao diante se dira.

Nottarão curiosos que ã o dia de seu ãterro não trabalhou ninguẽ em este povo
25 pergũtandoçe pellas ruas e officiais delle, seria por acudirẽ todos avella. [fl. 69 r.] foi amadre maria das chagas de mui bõ parecer ã mossã e ainda ã esta idade tinha hũs olhos tão fermosos e alegres que atrahião aquẽ os via, era mui brãca, o rosto bẽ perposicionado mais redondo que cõprido e não pequeno, onaris hũ tanto grãde oque seria neste tẽpo por estar magrissima a boca delgada e não grande os dentes meiudos ecõ tanta graça no
30 riso que parecia alegrava cõ elle, a fronte fermosa e lisa posto que cõ o toucado a cobria quasi toda, a sõbraçelha não mui pavoadã mas bẽ feita, quasi sempre andava ãvolta ã

cor que a fasia mais graciosa principalmente quando falava de Deos, ou lhe lião livros
spirituais, tinha tão grave aspecto que sendo tão afavel temia quẽ lhe punha os olhos, e
ninguẽ aviu sã saber suas vertudes que anão tivece por de sancta vida, por que a
felosomia e mostras exteriores davão indícios da pureza de sua alma a estatura era mais
5 grande que mediana ã mossã desião tinha muito ar no corpo e por esse respeito andava
de ilharga e toda inclinada por se desprezar e em tudo foi hũ milagre de Deos.

[fl. 69 v.] das maravilhas que Deos obrou por sua serva ã vida - cap. 14

Com diser que esta religiosa era unico refugio do nossos trabalhos, e aflissões me
10 parece ficava satisfasendo hubrigassão de dar noticia do muito que podia cõ Deos
vivẽdo ainda em este mũdo, mas por não parecer ingratta a tantos beneficios direi ã
particular algũs dos muitos que della reçoberão todas as que de suas orações se valião
para que doce o efeito dellas se de a Deos o louvor que selhe deve.¹²⁶⁹

1. Sendo vigaria da casa etendo por este respeito as chaves do sileiro vendo ã elle mui
15 pouco trigo, teve grande desconsolação e desejava muito fiseçe santo antonio milagre
deo acrescentar e para este fim pediu a hũa religiosa lhe mãdaçe vir de lisboa hũa imagẽ
sua, vindo teve escrupulo parecendolhe era tentar a Deos pedir milagres e pediu lhe ã o
recolhimento interior perdão de esta culpa, estando ã esta oração entrou pello choro hũ
menino de tres annos e se foi sentar muito junto a ella cousa não costumada, vendo o
20 amadre maria das chagas lhe pergũtou se avia santo antonio de faser algũ milagre em
esta casa o menino lhe respõdeo que sim segundou ella eque milagre ha deser dis elle,
de pão, sobre esta palavra do innocente continuou sua petissão chamou amadre soror
catherina do espirito santo e outra religiosa de quẽ se fiava cõ tanto resguardo que não
fossem vistas fechou aporta do cileiro epõdoçe de juelhos cõ o santo em as mãos lhe fes
25 em vox alta hua pratica cõ [fl. 70 r.] tanto spirito elagrimas que as duas religiosas de a
verem derramarão muitas esendo que hũa dellas, antes se riu de aquella simplicidade
sancta ficou tão confusa e timida como seao mesmo santo ouvira aquellas palavras que
forão pedirlhe alcançaçe do menino Jesus fisesse hũ çeo de nossas almas para morar
nellas e dipois disso pusesse os olhos ã a pobresa de aquella casa, não falarão mais as
30 duas ã histo, posto que sãpre esperarão fiseçe santo antonio algũ milagre, hũa dellas

¹²⁶⁹ Soror Antónia passa a enumerar as 10 *maravilhas* que ocorreram graças à ação da Madre Maria das Chagas em vida.

pergütou ã o cabo do anno a abbadessa diante de tres religiosas que se ahi acharão se lhe custara muito aquelle anno a falta de trigo, sem se declarar mais, respõdeolhe estas formais palavras, trabalho nunhũ tive, viao ir faltando e não sei de donde mi vinha sendo assim que em os dous annos tive muito aperto mas em este ultimo seja Deos
5 louvado nenhũ grande ã pequeno, equando depois de Deos levar esta ditosa alma ouviu ler histo em os papeis da madre soror joanna baptista que foi hua das que acestiu a oração levãtou a vox ã comunidade e diçe que assim lhe succedera avendo annos que passara que como maravilha anão perdeo da memoria.

2. Hũa dona de esta vila grande devotta da madre maria das chagas teve ã sua casa
10 hũgrande desgosto lembrousse della e sãdo sobre serto negosseo que se avia de executar logo o suspendeo até chegar a este convento e vindo lhe mãdou dar conta delle epedirlhe alcançaçe de Deos remedio ao que ella cõ sua costumada humildade respõdeo que se ria muito de aver quẽ fisece fũdamento ã orações de hũa molher peccadora cheia de vaidade, porem como era tão charitativa como humilde se foi logo
15 ao choro e posta diante de hũ crucifixo fes sua oração tão eficaz [fl. 70 v.] e devotta ã o espaço que adona foi por o caminho (que tardaria meia ora) que não viu frustada aconfiansa que em sua interssessão levou, porque logo escreveo a religiosa aque viera falar, dandolhe as graças dobẽ que obrarão as orações de esta serva de Deos porque ella achara o caso tão outro do que o deixara e sua casa tão trocada e quieta que bẽ se
20 deixava ver serẽ efeitos de sua vertude e obra da mão de Deos e todas as veses que se falava ã o negosseo o nomeava esta dona por milagre e por tal o jurou ja.

3. Outra dona tinha dous filhos e estavam ella e seu marido muito discordes em o amor delles, por que ella amava o mais velho e elle o mais mosso pretendẽdo cada hũ faser casa em oseu mimoso e sobre isto tinhão mil desgostos recorreo ella amadre maria das
25 chagas pedindolhe alcançaçe de Deos remedio delles, aqual cõ grande charidade fasia continua oração por este trabalho, ouviu a Deos de sorte que o mesmo filho que era causa das discordias ã breve ouve tal mudansa que foi aquietassão da casa eafirmava a dona fora milagre este trocar das vontades alcançado por suas orações e assim verẽno muito bẽ casado como ella tãobẽ pediu a esta madre lho alcansace.

30 4. Outra molher de muita vertude e verdade se ãcomẽdava em as orações da madre maria das chagas e afirmava sentia ã toda a ocasião os efeitos dellas.

5. Avia ã este povo dous homẽs os quais se aruinarão porque hũ faltou ã tirar o chapeo ao outro, e representou o demonio esta descortesia tão grande ao agravado ajũtandolhe muitas circunstantias para faser o caso tão feio, que premetia tirarlhe avida por isto e o intentou o outro que não era [fl. 71 r.] dos mais sofridos estava tão apaxonado que vindo
5 falar hũ dia pella menhã a hũas filhas que tẽ em este convento o derão ellas por perdido por onão poderẽ reduzir anenhũ meio de pax, hũa dellas se veio ter cõ amadre maria das chagas banhada ã lagrimas elhe contou o caso, pedindolhe alcansaçe de Deos remedio, ao que ella lhe diçe filha não vos desconsolleis que Deos acudira, ecõ estas palavras se foi mais animada, histo passou as onse do dia a hũ ora mãdou chamar seu pai para ver ã
10 que estado estava e lhe dar outra bateria cõ suas lagrimas, e avião as orações desta benditta alma obrado de sorte que oque avia duas oras se fora como hũ leão protestando vingansas e odios tornou como hũ cordeiro, e tal que suas filhas onão conheçerão, disendo não queria ter pendensia nenhũa cõ aquelle fidalgo, que era seu amigo, e que tudo fora iluzão pois elle lhe não fizera agravo nẽ determinava faserlhe nenhũ.
15 corriãosse ã aquelle dia touros ã este lugar e as filhas fiadas ã que o outro estava nelles estavão seguras de se ãcõtrarẽ o que succedeo ao cõtrario por que estando ã estas palavras que ei ditto emtrou elle pella portaria a falar a hũas irmãs que aqui tem e disse veio delles sã saber o para que, em ãtrando que vio oque ca estava diçe se alterara de sorte que diçera cõsigo ora o diabo quer que me eu perca¹²⁷⁰ cõ este homem, mas cõtra
20 oque Deos quer não tem elle forssas, foi tanto ao cõtrario que o pai das religiosas se chegou a elle cõ a brandura que esta madre cõ suas orações avia alcansado e cõ muita cortesia lhe deu suas satisfações deque ficarão mais amigos que de antes que vistas as condições de ãbos não pudera histo ser sã grande auxilio do çeo e evidente milagre. [fl. 71 v.] a madre clara da asũpssão que foi aque pediu as orações jurou por este em hũa
25 informassão que retirou das vertudes desta madre por ordẽ de sua magestade emais se averigou que avinda do que deixou os touros foi ordem do çeo e não acaso por que elle não soube determinar que tensão tivera em vir.

6. Hũa dona de grande respeito e calidade lhe ãcomẽdou serto negosseo de inportansia e logo alcansou em amateria o despacho que desejava e de que não tinha speransas e
30 escreveo ahũa amiga lhe deçe as gracias por lho alcansar de Deos ja se jurou.

¹²⁷⁰ Borrão de tinta.

7. Hũa servidora que se chama monica de santo agostinho era mui ãferma dos olhos tendoos de hũa ves quasi perdidos foi ha madre maria das chagas elhe pediu lhos quiseçe lavar com agua de nossa senhora das brotas. ella se escusou cõ grande humildade disendo era peccadora epor ella lhe não faria Deos merce apertou a ãferma
5 cõ ella eobedeçeo como costumava atoda apessoa, lavoulhos e fسلhe o sinal da crus e logo se achou bem, dis¹²⁷¹ que nove annos depois lhe não tornou aquelle mal aque era tão sujeita que delles adoecia muitas veses e posto que depois destes annos lhe tornou não cõ a rigesa de antes e por milagre o jurou ja e dis o fara quantas veses lho pedirẽ.

8. Hũa religiosa que ja e falecida deu hũa queda que a hubrigou atres sangrias tendo
10 grandes dores ã aparte magoada e lansãdolhe hũa vima crecerão muito mais vendoa hũa amiga sua tão aflita cõ grande fe chamou amadre maria das chagas para auntar cõ hũ oleo santo fasẽdoo cõ grãde caridade e amor de Deos se achou logo bẽ e amesma ãferma pediu sẽdo viva se fiseçe memoria disto e ja se jurou [fl. 72 r.] amesma religiosa que histo eoutras cousas deixou escrito dis que tendo ellas dous inchaçosinhos que a untou
15 esta madre cõ o oleo do santissimo sacramento e que logo se achou bẽ delles.

Dis mais amesma que sendo mestra da ordem tres ou quatro cousas que as suas noviças perderão resando ellas a santo antonio apareçerão logo como testemunharão tres dellas que erão vivas e oje o são duas e disem o mesmo elhe chamavão as dittas noviças o seu santo antonio e que se quisera pergũtar por casos como os atras dittos achara muitos
20 mas que so osque sabia de pessoas que comunicava escreve.

9. Aoutra religiosa que escreveo tãobẽ della afirma que como ã comẽdava asuas orações algũ negosseio se descudava delle como seo tivera alcansado, por que muitos deles aque não esperava efeito otiverão tão bõ que via claramente fora alcansado por ella.

10. Hũa religiosa tinha hũa subrinha muito ãferma todas as veses que a via atormẽtada
25 de algũ mal achamava para lhe deitar reliquias ou lhe faser osinal da crus e afirmava que ou logo ficava bẽ ou lhe sentia evidente melhoria. de todas erão suas orações unico refugio e consolassão.

¹²⁷¹ *afirma*] aparece rasurado pela autora.

das maravilhas que Deos ha obrado por sua interssessão depois da morte - cap. 15¹²⁷²

1. Tanto que amadre maria das chagas acabou duas religiosas que estavam muito mal e aēfermaria pedirão as leuaçẽ e braços a beijar o venerável corpo e pedirlhe remedio [fl. 5 72 v.] por que ela faleceo e hũa casa juto da efermaria eque serve dessa, destas hũa que tinha cesões malignas era aquelle dia eja tinha finais cõ muitos vomitos em este estado alevarão e fezlhe Deos merce de nẽ aquella passar adiante e a não ter nẽ outra antes saroa ebreve, a outra estava tísica e era de pouca idade e assim se eeganava tanto cõsigo que estava posto que muito no fim descudadissima de morrer de que se desconsolavão 10 todas muito pella verẽ tão fora de se aparelhar para o ultimo e perigoso caminho que cõ tanta brevidade selhe esperava, tinha hũa thia que cõ o amor se cegava de sorte que estava mais cheia de speransas de sua vida que de resseios de morte tão certa, e assim não avia falarlhe em nada nẽ se atrevia o mesmo medico, cõ desejos de ter saude se fes levar ebraços como a outra etal que cudamos acabaçe e o caminho, quãdo chegou asua 15 cama vinha ja disendo que queria tratar de sua alma por que ella sabia mui bem que morria que era aqui outra cõta que se aquelle dia não fora tão acupado cõ a morte de aquella religiosa se ouvera de confessar mas que ao outro seria logo. histo passou ao domingo, a segũda mãdou chamar hũas religiosas cõ quẽ avia tido hũa paxao e cõ grandes sinais de contrissão se recõsiliou cõ ellas, a terssa se confessou cõ a mesma e cõ 20 tal espirito que o fes geralmente cõ tantas lagrimas e arepẽdimento que hubrigou ao confeçor a derramar muitas e hedeficado diçe as religiosas que lhe não parecera cõfissão de molher se não de hũ são paulo e faleçeo como hũ anjo 8 dias depois da madre maria das chagas. que a hũa alcance [fl. 73 r.] a vida corporal eha outra a spiritual.

3. Ficou athia que avia criado sẽ consolassão e cõ ador de a ver morrer de 22 annos cõ 25 grandissimo escandalo da madre soror maria das chagas, por que era tal a fe que e ella tinhamos, e em sua intercessão tão grande confiãsa que nos parecia que e a tendo no çeo tinhamos o remedio de nossos trabalhos çerto easim ella tinha tanto maior escandalo quanto mais esperara nella e indo todas vesitar sua sepultura e emcomẽdarsse a ella so esta religiosa onão podia acabar cõsigo.

¹²⁷² Soror Antónia enumera as 21 *maravilhas* ocorridas por ação da Madre Maria das Chagas após a morte.

de ahi a tēpos estando hũa religiosa chorãdo hũa amiga sua diçe que bẽ pudiera esta
serva de Deos alcanzarlhe vida para ella respõdeolhe ella que estava presēte que ella não
fora sancta nẽ aque desião senão a mor peccadora do mũdo por que se fora a que
cudavamos dera Deos por ella vida a sua subrinha has que estavão presentes se ãcherão
5 de paxão prinsipalmente hũa que se levãtou disendo dava aquella madre as culpas que
nacião so de sua pouca fe ao que ella respõdeo pouca fe nẽ a de israel foi maior da que
eu tive nella mas não e santa e de ahi ãdurissida se foi ao choro baxo e dandolhe nelle
sono se lansou a durmir e sentindo gēte levantou acabessa para ver se estava bẽ cõposta
10 cõ capella de rosas e palma na mão a qual temos ã ochoro alto jũto acadeira da vigaria e
a quelle tēpo estava ã a ãfermaria e diçe ãtresim quẽ trouxe agora ali o retrato desta
madre, eaquietouse [fl. 73 v.] sã lhe lãbrar mais. ãtrarão as matinas que por aver aquelle
dia falecido hũa religiosa e estarẽ todas desveladas se diçerão atarde ja que querião
comessalas lembroulhe oque avia visto ediçe para hũa religiosa que estava jũto della
15 não sabeis ã este põto fesse sinal para o *pater noster* ecalousse sã lhe tornar alãbrar indo
para amesa da çea tornou adiser para amesa não sabeis levãtou neste põto aperlada o
*de profundis*¹²⁷³ etornousse a calar em se acabãdo amesa virou para ella etornou adiser
não sabeis ao que areligiosa rindo lhe diçe acaba ja que e isso que eo de saber, dis ella
que vi oje maria das chagas dise aoutra como a viu respondeolhe asim como esta
20 noretrato e eu não sei para que ella me apareçeo, estando ã este ponto que parece lho
esperava Deos entrou hũa religiosa 4. disendo madres não sabẽ que fes oje anossa madre
hũ milagre, que estava hũa molher de parto avia tres dias eja morrẽdo ã lhe põdo asua
mãtilha lansou acriança e esta bẽ ã ouvindo esta¹²⁷⁴ nova lhe abriu Deos os olhos da
alma e cahiu nella tal themor que comessou atremer que não podia valersse erõpẽdo em
25 lagrimas diçe ja sei por que anossa madre me apareçeo pellas blasfemias que cõ tão ma
consensia oje diçe della merecedora era eu de muitos castigos e ella so cõ seme mostrar
me quis reprender echeia de pavor econtrissão se foi de ali confessar ena primeira hora
que as religiosas se jũntarão no choro se pos de juelhos epediou perdãdo do escandalo que
avia dado, omesmo foi faser asua sepultura e em particular as que estavão presentes
30 quando falou [fl. 74 r.] o ditto, protestando onão daria nũca senão suagrande vertude, e
histo cõ grande copia de lagrimas oque foi de grande admiração por ella ser algũ tanto

¹²⁷³ (Sl 129, 1) Salmo penitencial, *De profundis clamavit ad te, Domine; Domine, exaudi vocem meam, Biblia Sacra*, p. 661; "Do fundo do abismo clamo a ti, Senhor! Senhor, ouve a minha prece!", *Bíblia Sagrada*, p. 977.

¹²⁷⁴ Rasura da autora.

aspera e pouco dobradiça, e o ditto jurou amesma religiosa quãdo se tirou informassão de suas maravilhas por ordem de sua magestade para se tratar de sua beatificassão.

5. Hũa molher deste povo que se chama anna martins tinha hũa menina que ãtrava ca dentro echamava avo amadre maria das chagas, o dia que lhe derão sepultura não podendo a mãi vir vella mãdou esta menina que lhe levaçe algũa prenda da madre dequẽ
5 era muito devotta e ella lhe levou hũa rosa que lhe derão e dicelhe, mãi vi minha avo e ella chamoume pergõtoulhe como achamara, dis, cõ amão e diceme cecilia queres vir comigo, e eu respõdi sim avo, sim quero ir cõ ella, eja venho cõ frio de cesão, e asim atrasia ese foi deaquella doensa para oçeo, pello que se ve falou verdade oque não era
10 muito porque já se hia aseis annos.

6. Avia ã este convento hũa religiosa mossã grande devotta de esta madre, eque cõ muito amor lhe remẽdava asua roupinha pello que ella lhe chamava aminha bemfeitora ecomo a essa lhe pagou.

Esta religiosa se sentia culpada ã hũ defeito que agravava muito sua consiẽsia e dilatava omais eficar remedio que e o sacramento da confissão [fl. 74 v.] andãdo ã este estado lhe parecia hũa noite sevia deitada em hũ müturo muito asqueroso e escuro e ã tudo intoleravel de sofrer eque estando asim cõ grande pena sua vinha amadre maria das chagas do modo que esta ã oretrato cõ capella de rosas epalma ese abraçava cõ ella cõ tantas lagrimas que parcialhe não cabião pellos olhos easim chorãdo lhe repetia muitas
20 veses filha rogovos que não queirais offender a Deos a religiosa ãtresi mesmo ã osonho desia que aquellas lagrimas da madre erão por qual sua consiẽsia andava porẽ de asõbrada dellas lhe não falava palavra nẽ esta lhe diçe outra, pella menhã logo contou a hũa amiga cõ grande pẽna etristesa o que aquella noite avia passado posto que por sonho lho contou, a amiga lhe diçe se ãmẽdaçe de tal culpa que por essa causa fora oque
25 lhe contava eẽtãdo lhe diçe que asim o ãtendia. Eposto que aẽmẽda não foi quanta devia, a memoria de aquellas lagrimas lhe serviu de algũ freio por veses pouco depois adoeçeo e appareçer dos medicos levemente hũa noite comessou apedir confissão cõ grande instancia disendo que se logo lha não davão avia de perder o juiso emorrer sẽ ella não se lhe acodiou cõ a deligencia que deviãdo por não terẽ seu mal por muito perigoso easim
30 quando veio o confeçor ja não ficou contente de sua confissão, nẽ permitiu Deos pudeçe comũgar, hũa amiga lhe foi buscar o retratto da madre maria das chagas elhe pedia a sua vida cõ mil cla[fl. 75 r.]mores mas omal seagravou tanto que serrou logo em hũ frenesi

ocasionado de escrupulos que achegarão a perder as speransas de sua salvassão sem amoestassões apoderem redusir a confiar ã amisericordia devina e por muitas circũstansias se teve por serto sermais ãgano do enemigo que forssa do mal easim quanto ao tocante asua consiensiã se viu em o mais miseravel estado aque hũa alma
5 pode chegar e em hũ mũturo como aella selhe avia representado.

Sua amiga se foi a sepultura de esta madre ecõ lagrimas lhe desia, minha madre ja vos não pesso vida, morra esta religiosa como christã emorra, não lhe faltou ã esta ocasiã o zelo da salvaçã das almas que em vida tanto ardeo nella como se vera em ofim d este caso.

10 A religiosa emferma ãtroy ã hũ paracismo que lhe durou sette oras ou mais e sahiu delle dando hũ ai fora de toda a forssa humana asim ã o tom como em o espasso que durou, que era intoleravel de ouvir, eo feneço disendo, inferno não cudei que tal eras.

Ficou em seu perfeito juiso pediu cõfissã fella mui larga reço o santissimo sacramento da eucharistia cõ grande devassã eficou cõ aconsiensiã muito quieta ate
15 que acabou que foi de ahi aoito dias sã tratar mais que do tocante a Deos elouvar sua misericordia e em aparelhar a alma. ser histo merce que ele lhe fes por intercessã desta madre não ha duvida posto que não se sabe ã que forma nã oque viu ã oparacismo [fl. 75 v.] por negligensia da amiga que a curava ha qual ella dice que como estivecã sos lhe pergũtaçe pella merce que a madre maria das chagas lhe fiserã para lha contar dis ella
20 andava tão aflitta que lhe não lembrava quando a via so para lho pergũtar, parece não foi Deos servido o soubessemos, so conta que quando a emferma estava mais aflitta de desconfiansas lhe diçe ella lembrava oque sonhastes cõ anossa madre e ella cõ grande desconsolassã lhe respõdeo, ai equantas veses me ha lãbrado.

O transito foi como alcansado de tão boa pidreira por que se virã em ella as maravilhas
25 que temos de muitos santos resou o officio da agonia cõ as religiosas em tã claro e alto e entre as [...] ¹²⁷⁵ não perdeo hũ verço do choro ã que comessou e ja imaginãvã tinha acabado quãdo ã os beissos lhe ãtenderã o nome de jesu e outras muitas maravilhas porã meu intento e so escrever as da madre maria das chagas posto que por suas temos as que em esta morte se virã e toda a pessoa que teve notiça d este caso dis foi amaior
30 que Deos obrou por ella.

¹²⁷⁵ Impercetível. Soror Antõnia rasurou a palavra *boquejadelas* para a substituir por outra que não se consegue decifrar.

Easim mesmo se jurou ã a ditta informassãõ.

7. Moversse o animo de sua magestade el rei do joãõ o 4º a mãdar tirar esta informassãõ de suas vertudes para abeatificarẽ alem de sua pia devaçãõ, foi pello caso seguinte ãõ anno [...] ¹²⁷⁶ avia sua magestade mandado vir de italia hũs papeis que aviãõ custado
5 grande copia de dinheiro em maior deficuldade em se acharẽ estes se perderãõ sã aver
nenhũa noticia delles vindolhe esta nova teve grande pena pello alvoroço [fl. 76 r.] cõ
que os esperava e como este christianissimo monarcha sãpre ãtudo recorreõ a Deos e
seus sanctos ofes ã esta ocasiãõ, e disendo ahũ fidalgo de sua casa que nãõ sabia aqual
tomasse por medianeiro ã este negosseõ por que ja avia mãdado diser missas efeitoito
10 esmollas e nada bastava, lembroulhe elle a madre maria das chagas que por aver pouco
passara desta vida selembriaria cõ mais afeito delle pois nella fora seu natural senhor
aque fora tãõ afeiçoada pareceolhe a elle bẽ efes votto se Deos lhe trasia noticia algũã
de os papeis nãõ serẽ perdidos tratar de sua beatificassãõ este votto fes ã hũã sesta feira
da quaresma dia ãque avia vindo ocorreio de madrid dessa aquise quando tornou lhe
15 mãdou diser omesmo que o avia desãganado de serẽ perdidos que os papeis sãõ elle saber
como nãõ por onde aviãõ pareçido.

E ã passando apascoa mãdou sua magestade recado ao provincial desta provinsia dos
algarves mãdaçe tirar informassãõ da vida evertudes desta religiosa vierãõ logo dous
religiosos eacharãõ sertal que aseu descudo e negligensia dos mesmos provinsiais nãõ
20 ser tãõ grande ja estivera beatificada por que a grandesa de sua magestade nolo prometia
a sim se nãõ o nãõ sepultar o que digo mas nãõ perdẽ os que oje vivẽ as speransas deo
vermos ã nossos dias. ofidalgo que atras digo que era salvador de britto pereira iurou
esta maravilha na informassãõ.

8. [fl. 76 v.] Estando ã este convento ãferma a madre soror maria anna de santo antonio
25 ao tẽpo que se abriu asepultura desta madre para se ãterrar amadre soror catherina do
espirito santo a abbadessa que ãtãõ era lhe levou hũã prenda sua por que o mal que a
aflegia era grande equasi estava descõfiada dos medicos tomoua cõ grande fe elogõ se
lhe conheçoõ notavel melhoria esarou ã breve e dis ojurara por milagre.

9. Amadre maria do salvador mesmo deste convento tinha hũã thia nelle muito ã o cabo,
30 ã hũ dia aacharãõ sãõ dar accordo de sim sãõ pulssos e ja fria vindo o medico deixou ordem

¹²⁷⁶ Data omissa.

fisessê muito para ella comer para estar capax de remedios não ouve para isso nenhũ foi sua subrinha ao retrato da nossa madre ecõ muitas lagrimas lhe pediu remedio epuserãolhe asua mãtilha e comeo logo vindo o medico para amãdar ungrir a achou cõ pulssos enotavel melhoria e comessou aabrandar o mal ecobrar saude.

5 10. A madre soror ines de Jesus mesmo deste convento ãgoliu hũa espinha grande de peixe e atinha tão atormêtada que não podia indireitar a cabessa nẽ levãtar abarba de peito etotalmente se sentia afogar fiserãolhe infinitos remedios sem nenhũ aproveitar levarãolhe amãtilha d esta madre elogo obedeço a espinha passando para baxo cõ este so remedio.

10 11. Amadre soror luisa da consepssão religiosa moderna ã este convento teve hũas cesões grandes ecõtinuas por muito tempo esta religiosa naceo depois de ella ser [fl. 77 r.] faleçida enũca aviu tendosse pois ãcomẽdado a muitos sanctos sãe lhe valerẽ, estando ella bẽ descudada de pedir o favor desta madre, sonhou hũa noite que emtrando ã ochoro avia sentada nelle esegũdo ella dis ã o mesmo seu lugar de ã viva a mesma cor de vestido que era mui brãca e a mesma estatura do corpo, so do rosto dis se não lembra chegãdoçe a ella mesmo ã sonhos (como asque a tratamos ã vida costumavamos a faser) 15 lhe diçe minha madre maria das chagas não me resara vossa reverenda hũ *pater noster* eave maria anosso senhor me tire estas cesões ella respõdeo, sim filha resarei pala[v]ras¹²⁷⁷ mesmo suas ao outro dia ã acordando ocõtou logo e tendo o sonho por bõ 20 pronostico se ãcomẽdou a ella, esse dia lhe faltou a cesão enão teve outra. dis o jurara assim como o escrevo.

13¹²⁷⁸. Hũa dona que se chama ines de sousa tavares natural da vila de borba, padecia hũs accidentes mui perigosos e continuos mãdarãolhe hũa prenda d esta madre desde esse dia não tornou ater outro. dis assim o jurara.

25 14. Hũ cunhado da mesma chamado rui de morais de sande estando cõ hũa cesão deque estava apertadissimo por que avia dias que as tinha emui perigosas lansarãolhe a mesma prenda esta parou não passando adiante a rigesa enão teve outra algũa. tão bẽ se jurara.

15. Dona maria an[n]a¹²⁷⁹ de abreu cortereal dona de esta vila teve hũ movitto¹²⁸⁰ de que ficou cõ mui grandes e perigosas dores ã ovẽtre que não obedecião a nenhũ [fl. 77

¹²⁷⁷ Emenda do editor; tratar-se-á de um lapso da autora.

¹²⁷⁸ Soror Antónia salta um número, em vez do ponto 12 a autora coloca 13 e continua a enumeração sem ser feita a correção.

v.] remedio pos¹²⁸¹ sobre elle amãtilha d esta madre e logo se achou bẽ de todo. dis ojurara.

16. Diogo machado nattural desta vila viçosa esteve descõfiado da vida de hũas camaras cõ hũ fastio mortal que o acabava levãdolhe amesma mãtilha comeo logo e cessarão as camaras milagrosamente esarou ã breve este se jurou ja.

17. Ines de siqueira nattural de esta vila esteve de hũas camaras sã nenhũ alento e desconfiada dos medicos por serẽ muito continuas eofastio tão grande que nada levava foilhe a mesma mãtilha logo comeo e cobrou perfeita saude. ja se jurou.

18. Hũ homẽ que se chamava pedro lamego tinha hũa criada de sua casa sã esperansas de vida por que desião os medicos estava thisica confirmada edo mesmo mal lhe avião ja falecido 4 irmas era este homẽ grande devotto da madre maria das chagas easim aconselhou se ãcomendaçe a ella asim ofes a ãferma e elle a ajudou feslhe Deos merce de logo cobrar saude aqual se teve por tão milagrosa que de lixboa donde elle vevia omãdou cõtar a hũa filha que tem ã este convento e falecido eareligiosa dis ojurara.

19. Hũ capitão da infãtaria que se chama rodrigo franco morador ã esta vila teve hũa enfermidade occulta cõ tanto risco da vida que medicos e surgiões asentarão de lhe dar oultimo remedio cõ cortar omẽbro leso eantes de executar aviolenta experiensia lhe mãdarão receber todos os sacramentos efaser testamento depois do qual [fl. 78 r.] fiserão vesita acharão não obedecer omal anenhũ medicamento pello que de todo desconfiados asentarão de que atarde de aquelle dia se execuçaç pellos surgiões oque fica ditto ã que so estava a esperansa da vida, foilhe deste convento amãtilha milagrosa desta madre ã aqual o ãfermo se ãvolveo cõ grande fe e devação desua ajuda efavor easim mesmo sua molher cõ muitas lagrimas.

Indo essa tarde os mesmos cõ aditta determinassãocomessando acõformar o ãfermo antes de faser vista disẽdo que pois omal não obedecia a nada não avia outro remedio elle respõdeo que em aquella mãtilha tinha aesperansa certa de elle obedecer ao que omedico respõdeo que tudo a veneravel madre pudia, e fasero experiensia da vista acharão o mal de melhor condissã e dilatarão o tormẽto athe o dia seguinte pella menhã em que o acharão sã de todo sã de novo se lhe aplicar outro remedio mais que os que

¹²⁷⁹ anna] lapso da autora.

¹²⁸⁰ *Móvito*, o mesmo que parto prematuro, MORAIS, v. 7, p. 56.

¹²⁸¹ Mancha de tinta.

selhe avião feito e diogo peres ferreira medico de grande nome e experiencia deu atal
saude por milagrosa e fora de toda a regra da medecina e assim mesmo osurgiões. o
ditto capitão o cõtou d este mesmo modo diante de mim oqual ficou são evalête sê
nenhũ ressabio da infermidade antes mais grosso erosado que de antes e assim o jurou
5 diante de muitas testemunhas aver passado na verdade e dis o fara a toda a ora que lho
mandarẽ eme pediu fisece memoria de esta maravi[fl.78 v.]lha que por essa foi
aplaudida de todo este povo.

20. Manuel alvares morador ã esta vila chegou aultima da vida de febre maligna
choravão amargamente sua molher e filhos não so seu desẽparo senão onão aver dado
10 contas de muita fazenda que trasia do serenissimo infante o senhor dõ duarte veio
o medico que o curava aeste convento hũa menhã ecõpadeçidas do desẽparo delles lhe
pegũtarão por elle respõdeo estava acabãdo e que ja lhe ficavão resando o credo, hũa
religiosa inspirada por Deos lhe mãdou a mesma mãtilha ao põto que lha puserão abriu
os olhos e comessou a pergũtar donde estava e que avia passado por elle e indo vesitalo o
15 doctor diogo peres ferreira a hũ ora do dia achou comẽdo e vivo o que o que deixara
quasi morto, ecõ sinais certos de hũa saude milagrosa e em breve se levantou cõ ella
perfeita.

As molheres que Deos ha livrado por seus mercimentos ã operigo do parto são sem
numero ã lhe põdo esta mãtilha. que como era tão zelosa das almas parece que intercede
20 por ellas não peressão sã a agua do sãcto baptismo.

21. Amadre soror joanna da trindade tinha cataratas ã os olhos porẽ de hũ via algũa
cousa e do outro nada pedia a esta madre lhe deçe vista ã o que a avia perdido sã tratar do
outro tirandoas lhe fes a mesma petissã sã tratar mais que ã¹²⁸² so estãdo hũa noite a seu
pareçer acordada diçelhe ãtrara a madre maria das chagas pella porta e acõsolara e
25 puseraamãõ sobre o olho que lhe ãcomẽdava, desse ficou vẽdo e o outro perdeo de todo
cõgrãde dor sua de não rogar por ãbos.

¹²⁸² ã] o artigo indefinido é grafado sem *h*.

[fl. 79 r.] da tresladação dos ossos de esta religiosa e de todas as demais ao deste convento ao semiterio novo - cap. 16

Em 14 de abril do anno de 1652 se fes em este convento de nossa senhora da speransa a tresladassão dos ossos da veneravel madre maria das chagas emais religiosas falecidas ã
5 elle a hũ semiterio novo que amadre soror phelipa evangelista fes asua custa movêdo a esta obra, apiedade cristã de os não ver cõ tanta deçensia colocados como era justo e oje estão avidas primeiro as licensas nessessarias, se fes hũa varãda do claustro, que serve de semiterio dos corpos hũa casa debaxo do chão de abobada e quadrada para olugar mais mistico as sepulturas, por que este pareceo mais prinsipal e decente, fes
10 dentro ã ella hũ altar vão ecõ dous repartimentos o que fica aparte do evangelho para colocar amadre maria das chagas e o da epistola para amadre soror catherina do espirito santo que por averẽ sido de admiraves vertudes as depositarão em o capitalo separadas das demais defũctas. este altar esta pintado portão excelente official que de mui perto emgana avista parecendo de mui linda seda hũ frontal, fas retabolo aeste altar hũa crus
15 grande cõ hũa senhora da piedade devotissima e tão perfecta pintura que pudera autorisar o [fl. 79 v.] frontespicio da mais bẽ acabada igreja, acasa ãsi o esta tanto etão linda que regalo pudera ser devivos oque hedeposito de mortos, cerrasse esta bobada cõ hũa pedra marmor cõ suas argollas de ferro para se abrir quãdo nelle se poem os ossos ja gastados, e a roda d esta pedra quãto dis acasa debaxo se divide cõ asulejos, em a
20 cabiceira do semiterio que e a parede daverãda esta hũ marmor quadrado e que elle estas palavras de esequiel, *Vaticinare de ossibus istis*¹²⁸³, em sima delle esta pintada hũa crus sobre hũa caveira e ao pe della hũa targetta cõ este quarteto

otu que me estas mirando

mira que enmiendes la vida

25 por que sera tu partida

quando no sepas elquando

Sabado trese de abril foi amor parte de esta comunidade ao antecoro baxo donde esta hũ altar vão que servia de carneira dos ossos, eos tirarão delle e alimpandoos em hũas

¹²⁸³ (Ez 37,4) *Vaticinare de ossibus istis, et dices eis: Ossa arida, audite verbum Domini; Biblia Sacra*, p. 1116; "Profetiza sobre estes ossos e diz-lhes: Ossos ressequidos, ouvi a palavra do Senhor"; *Bíblia Sagrada*, p. 1401.

toalhas os forão levando cõ sirios acesos e resando o psalmo de *miserere mei Deus* ao semiterio novo, donde os colocarão todos, ã que se gastou grande parte do dia.

Ao domingo 14 do mesmo acabada aora do silencio deceo amadre abbadessa cõ toda a comunidade ao capitalo e as religiosas por sua devação emor decensia abrirão
5 asepultura das duas madres ja dittas e tirarão os caxões ãque estavam ã o da madre soror catherina do espirito santo se achou acorda e veo pequeno dacabessa [fl. 80 r.] tão inteira hũa eoutra cousa como ã aora ãque se avião posto estando o caxão meado de cal puserão os ossos ã hũa tũba que ahi estava preparada cõ almofadas de damasco negro dentro epor sima da ditta tũba hũ pano de veludo negro cõ crus de brocado franjado de
10 ouro, não se sentia nenhũ mao cheiro ã ainda deterra ehumidade ainda que ã asepultura sevia muita ealgũa agua tomãdo amadre soror phelipa acabessa da madre soror maria das chagas nas mãos e beijandoa reparou ãque na parte ã que pos aboca lhe ficou hũa nodoa como verdesinha como quãdo fica ã hũa pessoa viva de hũa pãcada que aja dado advertiu atodas oviçẽ etomaçẽ sentido para verẽ oque aquillo vinha aser. ao outro dia
15 aometella ã osemiterio todas as que em isso atentamos lha tornamos aver da mesma cor etamanho que selhe fes. estava cõ estes dous corpos acabessa da madre soror joanna do espirito santo que pella maravilha que ã ella se achou como e sua vida se conta a meterão ã o caxão da madre maria das chagas ãvolta ã hũ tafeta equerẽdo agora por estar ja desbotado mudala a outro, achousse que parecia tinha cor de carne edepessoa
20 mui brãca eque mais parecia cabessa calva que caveira, e tão parecida aquãdo era viva que fassilmente as que a tratamos aconhecemos ãtre muitas eemtudo diferente das que o dia atras aviamos visto. meterão esta preciosa joia ãamesma tũba cõ os dous corpos [fl. 80 v.] ecomeçousse hũa prossissão desde o capitalo ao choro baxo dobrandoçe os sinos levavão todas cirios de cera fina nas mãos equatro discretas do convento ã hõbros
25 a tũba e cantandoçe hũ respõsso chegãdo a o choro apuserão sobre hũa essa de 4 degraos por elles settenta cirios de cera fina ã castiçais de pratta e muitos ramalhetes e flores que fasião tão alegre vista ãtre as luses que mais parecia de festa que excequias de mortos. o choro estava todo alcatifado e a essa forrada de seda verde a este ponto se comessou hũa vegilia de 24 oras e as religiosas derão prinsipio ahũ solene officio de
30 defũctos ã que se gastou oque restava do dia.

Acabado elle ficou amor parte da comunidade acõpanhãdo as suas madres de noite que como tres anjos as amão todas tomasse de noite hũa larga dessiplina eacabado ella se comessou a sentir ã o choro tão grande fragansia de cheiro que consolava ecõfortava

sem se atinar qual d este mûdo fosse por que nem odorifero nẽ de flores selhe igualava ẽ a suavidade e em o choro nũca esteve cassoula nẽ pivetes nẽ este cheiro era sẽpre se nã a espessos como que algũ ar o trasia e respirava e estando os milagrosos osos cubertos cõ opano que era grande e de dobrada çeda não deixava de respirar esta suavidade [fl. 81 r.] portodo choro que e grande, esta suavidade selhe sentiu sempre ate os meterẽ em oaltar do semiterio e fes della experiensia o doctor diogo peres ferreira que ẽtrando ẽ oconvento por causa de seu officio os beijou ese admirou de sua suavidade.

Levouisse hũ osso da veneravel madre maria das chagas a dous fidalgos para os beijar e verẽ a fragansia que delles sahia e diçerão que era cousa mui consideravel epor tal temos esta maravilha. este mesmo cheiro se sentiu muitos dias ẽ o capitalo em quanto asepultura esteve aberta e nelle as tavoas dos caxões e partes sinhas dos abitos que muito recolherão pessoas devottas e o que ficou se extinguiu ẽ ofogo.

Ao dia seguinte as oito da manhã se dicerão laudes cõ missa cantadas cõ amesma solenidade, ouve sermão que fes opadre joão carvalho o mais eminẽte em seu offiço que ẽtão se achou neste lugar. nelle tratou de 22 religiosas de exsẽplares vertudes que em este convento florecerão dando o primeiro lugar deste ameno jardimha reverenda madre maria das chagas, gloria delle, e prodigio destes tempos.

Em esta tresladação fes Deos por ella a[l]gũs¹²⁸⁴ milagres afora os dittos e ẽ a igreja se advertirão ao padre para que os pregaçe mas não tratou de nenhũ. o sermão foi excelente cõ grande aplauso dos ouvintes devottos.

Acabada amissa levamos estes corpos ao semite[fl. 81 v.]rio ẽ prossissão cõ amesma ordẽ cõ que se trouererão¹²⁸⁵ do capitalo ebeijando os todas de duas ẽ duas ate as cervidoras cõ grande copia de lagrimas¹²⁸⁶ de devação esaudades, nos admiramos de novo de tão suave cheiro que não avia quẽ deles se pudeçe apartar colocarãosse ẽ oaltar feito para elles donde todos os dias vamos vesitalos, posto os não vemos e ẽramamos por fora cõ rosas e flores para consolassão de tantas saudades.

A madre que fes o semiterio pagou o custo de tudo o que se obrou.

¹²⁸⁴ Acréscimo do editor.

¹²⁸⁵ *trouxerão*, lapso da autora.

¹²⁸⁶ *de lagrimas*] acréscimo da autora fora da sequência frásica.

milagres que Deos obrou por sua serva depois de esta tresladassão - cap. 17

22. Indo o padre para opulpito faser osermão lhe pediu hũa molher que não sabemos
quẽ fosse, que se em elle tratava das maravilhas da madre soror maria das chagas
5 diçesse que o dia atras tivera tão grande dor degarganta e febre que lhe mãdara o medico
se sangraçe em aquella manhã oque ella sentira muito por senão aver de achar ã aquelle
auto eque pedindo amadre maria das chagas lhe acodiçe por que não perdeçe o bẽ de
ouvir suas maravilhas evertudes pela menhã se achara de tudo tãosam que estava ali ao
23. que o padre respõdeo que a aver de tratar de milagres dicera o mesmo desim que tão
10 bẽ da propia dor se vira ã semelhante risco [fl. 82 r.] e que temendo não poder faser
osermão se emcomẽdara a ella e estava tão bem que o fasia.

24. Amadre soror seraphina de Jesus estava do mesmo mal tão apertada que avia tres
dias não comia etinha rigissima febre não se sangrava por se achar em esta tresladassão
tomou acabessa da madre maria das chagas ecõ grande fe apos em agarganta
15 aconselhavãolhe se recolhesse enão fosse ao choro que estava mui quente, não quis
deixar de ir cõ grande devaçãõ vindo depois do officio acabado a hubrigou afraquesa
aprovar se podia ingulir eachousse de improviso sã nenhũ ãpedimento ecomeo tudo
muito bem achãdosse asim da dor como da febre sam de todo.

25. Amadre soror clara da asũpssãõ religiosa deste convento deulhe hũa dor de cabessa
20 cõ tanta violensia que lhe pareceo que totalmente endoudeçia pos nella hũa prenda que
tinha de esta madre elogo se achou bem e otem por milagre.

26. Amadre antonia maria paptista¹²⁸⁷ religiosa ã o convento de santa crus de esta vila
tinha hũa rouquissẽ ã opeito avia tres annos pãdo sobre ella hũa prenda da mesma
madre se achou logo bẽ sendo não avia obedecido a nenhũ outro remedio e dis lhe não
25 tornou por aquelle modo mais.

27. Amadre soror clara do nasimento em o mesmo convento padecia hũa dor de cabessa
que atinha mui atormẽtada applicou amesma prenda elogo se achou bem [fl. 82 v.] ãbas
pedirãõ se fiseçe memoria de estas duas maravilhas.

¹²⁸⁷ paptista] baptista, lapso da autora.

28. Messia da silveira dona de esta vila tinha hũs vomitos todos os dias causados de dor de estomago que apuserão em grande aperto dandolhe hũa partesinha das que ficarão ã o capitalo queera de esta madre a estimou como reliquia porẽ hũ filho seu menino ameteo em hũa vasilha que servia de vinagre oque não sabẽdo ella lho deitou e della ãhũa
5 persolana para comer. depois vẽdo estivera ã elle aquella partesinha do caxão da ditta madre lhe diçe ja que succedeo acaso seja de veras tiraime minha madre este mal cousa maravilhosa que lhe não tornou mais sendo continuo emui antigo ella tẽ pormilagre por tal pediu se escreveçe e dis o jurara.

29. O padre manonel da nobrega abade de mixiedo devotissimo d esta religiosa teve hũ
10 prioris mui rijo deque o sangrarão duas veses avẽdolhe dado asegũda sangria pediu hũa gaveta dehũ escritorio para tirar hũa pequena de pedra basar que queria tomar, a primeira cousa que em ella topou foi hũ coletesinho velho da madre maria das chagas que tem por prenda sua ãgrande estima applicouo a dor aqual se lhe tirou logo ese sentiu della e da febre tãobẽ que não levou outra sangria, por muitas çircũstansias otẽ por
15 milagre seu e o [fl. 83 r.] escreveo asim aeste convento, por se sentir ã aquella ora mui apertado do mal epor delle não escapar¹²⁸⁸ ã aquelle pois nenhũa pessoa senão por maravilha epor logo se achar bẽ de todo.

**[fl. 84 r.] treslado do parecer do padre frei lourenço de portel¹²⁸⁹ sobre esta
20 rellação da vida da madre maria das chagas tirada do mesmo original**

Por mandado do nosso padre ministro frei luis dos anjos¹²⁹⁰ vi eli toda esta relação einformassão da vida da madre soror maria das chagas, religiosa de fũcta no convento da speransa de Vila Viçosa e oque ã sũma della alcansei e oseguinte

primeiro que esta religiosa foi de muito sancta vida e tal que podemos chamarlhe sancta
25 não como canonisada mas sancta no modo quechamamos santos amuitos que tiverão

¹²⁸⁸ *escapar delle*]rasurado pela autora.

¹²⁸⁹ Fundador do Convento de Santo António do Torrão, segundo Barbosa Machado, foi Guardiãno no Convento de Setúbal em 1596 e confessor das religiosas do Convento da Madre de Deus, eleito Provincial em 1601. Faleceu com 100 anos de idade, no Convento de Santa Maria de Xabregas, cabeça da Província dos Algarves, a 31 de Agosto de 1644, in *Bibliotheca Lusitana, História, Critica e Chronológica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX, pp. 36, 37.

¹²⁹⁰ Provincial da Província dos Algarves por duas vezes (1610-1613; 1623-1626).

vidaparticular de sanctidade porque consta da relassão quefoi muito humilde: e por extremo charitativa cõ osproximos desejando sua salvassão, que são duas grandes vertudes para faser hũ homẽ santo enestas 2 vertudes de humildade e zelo da salvação do proximo e amor do proximo ha muitas egrandes provas e exemplos nesta relassão, em tanto que em certo momento ate depois de morte quis ser humilde, pois por papel queira pedir licença has freiras ãterradas na crapta, para ella depois de morta se ãterrãr cõ ellas de quese tinha por indina como se dis no cabo da relassão.

O 2º consta que foi muito pobre no vestido e cama eque teve muita oração e que foi muito honesta e cõposta em seus costumes.

10 [fl. 84 v.] O 4º¹²⁹¹ que foi penitente cõ abundancia em tomar muitas dessiplinas e mui observante nos jejuns.

O 5º que muitas veses chorava por causas pias muitas lagrimas.

O 6º ter tanta singelesa e pureza da alma pella vida inculpavel que tinha que os confeçores algũas veses não achavão materia de absolvisão.

15 E consta do direito canonico que abaxo citarei que para canonisar hũ santo o primeiro e prinsipal que se requiere e se teve vida sancta e costumes santos que abaxo specificarei e da vida sancta se fas mais caso para a canonisassão que de milagres.

Agora refiro algũs milagres conteudos nesta relassão

20 O primeiro e mais claro he que sã estar publicada sua morte ao povo, veio o povo, ao mosteiro cõ aclamassão pedindo lhe mostrassem a sancta defũcta elhe tocassẽ cõtas nella e dessẽ as flores cõ que estava ornado o corpo como reliquias e que histo se aja de ter por milagre. consta do que se conta na vida de santo antonio de padua oqual morrẽdo dentro do [...] ¹²⁹² enã ousando os frades divulgar sua morte ao povo logo por
25 inspiração devina os meninos andarão pellas ruas aclamando: morto he antonio: morto he antonio e apos isso acorreo grande concurço de homens e molheres aver [fl. 85 r.] o corpo morto do santo o que tudo aconteçeo na morte de esta santa religiosa confirma mais este milagre o diserçe na relação cõ quanta particularidade esta religiosa conheçeo

¹²⁹¹ O terceiro argumento não é referido ou terá havido lapso na enumeração.

¹²⁹² Palavra cortada pela lombada, poder-se-á pressupor que se trata da palavra *mosteiro*.

e se preparou para amorte, e outro si o diserçe que depois de morta ficou seu rosto mais fermoso do que era em vivo e suas mãos tão brandas que se deixavão menear como vivas. as quais duas cousas do rosto e mãos se aponta como cousa milagrosa na vida de algũs sanctos ã diverssas historias.

5 O 2º milagre foi creçer o trigo no sileiro avendosse metido nelle menos do que o convento avia mister como confessou a abbadessa e esta santa religiosa procurou cõ santo antonio a feitura do tal milagre ao mosteiro que nesta relação se conta como se vera nella.

10 O 3º de spiritũ de propheçia em muitas cousas a primeira ã saber que era morta amenina innocente em casa de seu irmão, o 2º dever de ante mão amorte do irmão e histo sã ninguẽ lho ter ditto, o 3º em diser de ante mão que duas ãfermas que estavam ã claro perigo de morte não avião de morrer, o 4º vesitar a duas freiras que estavam tristes e atribuladas sã diserẽ nada a ella e ella as consolou ãtendẽdo acausa de sua tristesa e outras cousas que ajudão a isto.

15 O 4º cõfessarẽ algũs seculares que lhe pedião os ãcomendaçe a Deos e elles depois cõfessavão que sentião remedio em seus trabalhos atribuindoo has orações della.

[fl. 85 v.] Afora isto¹²⁹³ muitas e varias visões erevelassões espirituais e alegrias interiores de que esta muito nesta relação cõ o rosto inflamado ect.^a das quais visões posto que não¹²⁹⁴ a ja mais prova que contallos, ella he todavia pio cuidar que serião
20 verdadeiras asim porque concorda cõ ellas avida sancta da pessoa, como por se diser que ella as comunicava cõ os confeçores eque temia não fossem illusões do demonio e deste modo se contão em chronicas alguas visões erevelassões que algũs santos disi propios contarão e cremos piamente que assi as teriã, sã aver disso mais prova que o contarẽ elles isso de¹²⁹⁵ si mesmos tendo elles vida sancta. isto he o que em substança
25 se contem nesta relação.

Advertensias

¹²⁹³ Dobra na folha.

¹²⁹⁴ Mesma dobra.

¹²⁹⁵ Mancha de tinta.

Eposto que cõ isto cumpri cõ a hubrigassão que me foi posta de resumir esta relassão para mais claresa do que pode acontecer ao futuro, pois não sabemos o que Deos fara ao diante de milagres para hõrra de Deos, e della, notto as cousas seguintes:

5 a primeira que podem as religiosas eas outras pessoas faser orações e petissões ã secreto a esta santa religiosa pedindo lhes alcanse merções de Deos, mas não podẽ faser essa oração ã publica comunidade, asim o dis aglosa do capitalo unico *de reliquiis ex venerate sanctorũ in [...]*¹²⁹⁶ *verbo, sedis aptice.*

[fl. 86 r.] A 2ª cousa notto da mesma glosa e he que quãdo a igreja ha de canonisar, ou beatificar hũ santo, as cousas que primeiro manda inquirir e examinar são as seguintes

10 a primeira se teve vida sancta exẽplar, evertuosa, a 2ª se padeção trabalhos, se teve sanctos ecastos costumes, e actos algũs heroicos e boa fama, e openião de sanctidade, a 3ª particularmente, se teve simplicidade, e humildade, a 4ª se padeção persequissões na vida, a 5ª sefes milagres na vida, e depois de morte e estas cousas sobredittas ha de inquirir primeiro, e examinar o bispo ou arçebispo de aquela diecesse, porque para se
15 pregarẽ ou admitirẽ em publico novos milagre hão de ser examinados pello ditto bispo, conforme ao concilio tridentino sess. 25 no decreto *de veneratione et reliquiis sanctorũ*¹²⁹⁷

E quando oconvento quisesse autenticar estes milagres e vida desta santa para gloria de Deos consolassão e hõrra do convento e edificassão das almas¹²⁹⁸ fara pettissão ao
20 arcebispo de evora.

Este parecer deu este padre por mãdado do perlado ã omesmo anno que Deos foi servido levar esta serva sua que foi o de 1631. sobre arelassão das duas religiosas, que mais constava do que esta madre lhes comunicava forssada da obediensia do que de
25 outras [fl. 86 v.] pessoas soubessẽ porque não foi seu dessenho mais que deixarẽ memoria das merces deDeos ocultas a que tinhamos pouca notiçia por sua grande cautella e humildade e asim de vertudes publicas emilagres que era oque todas sabiamos

¹²⁹⁶ Ilegível.

¹²⁹⁷ Referência à sessão XXV do Concílio de Trento, 3 Dec. 1563, *Decretum de invocatione, veneratione et reliquiis Sanctorum, et sacris imaginibus*; "Acerca da invocação, veneração e relíquias dos santos e imagens sacras"; in Heinrich DENZINGER, *Enchiridion Symbolorum*, edizione bilingue a cura de Peter Hunermann, Edizioni Dehoniane Bologna, 1996, p. 742, 743.

¹²⁹⁸ Rasura.

tratarão pouco que e oque ã esta vida vai de mais do que ellas escreverão oque eu fis cõ amor deligencia everdade que pude não me fiando ã nenhũa materia de meu parecer nã de hũ so senão de muitos gastando perto de dous annos em me informar de pessoas de talento e fidedignas cõ grande maduresa econsiderassã, e de tudo oque Deos por esta
5 serva sua ha obrado lhe dou infenitas graças, e das faltas lhe pesso humilmente perdã submetendo tudo ditto ã este humilde livro a correcssã da santa igreja romana e de qualquer que melhor oentãder dando por não ditta qualquer palavra que, como molher ignorante e idiotta não seja aprovada dos senhores inquisidores acuja ãmenda sobmeto tudo o ditto.

Tavoadas destes tres livros

primeiro livro

cap. 1. dos primeiros prinsipios deste convento ã a rua da cadeia. - fol. 1

cap. 2. da real ascendensia da senhora dona isabel de alencaste dignissima duquesa da real casa de bargansa e como por milagre foi padrueira. - fol. 4

cap. 3. dos legados que a serenissima senhora dona isabel deixou aeste convento eos ãcargos cõ que lhe ficarão. - fol. 6

cap. 4. das capellas que este convento gosou e apouca justiça cõ que o defraudarão dellas. - fol. 8

cap. 5. como a senhora duquesa mãdou vir reformadora de santa clara de elvas e professarão a regra de santa clara. - fol. 12

cap. 6. de como amadre soror catherina da madre de Deos primeira reformadora escolheo para viver a observansia e se subjectou a ella. - fol. 13

cap. 7. de como amadre catherina de madre de Deos reformou os costumes deste convento etratou de se mudar ao de santo antonio. - fol. 11

cap. 8. de como as religiosas destes dous conventos se tresladarão a este ã que oje e a speransa e breve consedido. - fol. 12

cap. 9. da tresladassão da speransa da rua da cadeia para este posto donde oje esta. - fol. 2

cap. 10. de como a senhora duquesa trouxe a 2^a reformadora do convento das chagas desta vila. - fol. 26

cap. 11. das perladas que ha avido em este santo convento da speransa de vila viçosa ecousas notaveis de seus tempos. - fol. 28

cap. 12. da primeira elecsão que se fes e das mais perladas que lhe hão succedido. - fol. 32

cap. 13. ãque se continua amesma materia. - fol. 37

cap. 14. da devação que ha ã este convento ao devinissimo sacramento, sua cõfraria e outras que se ão instituido. - fol. 44

cap. 15. das religiosas mais notaveis que tẽ este convento e das capellas que para aumento dadevassão se hão levantado. - fol. 53

segũdo livro

cap. 1. da madre soror catherina da madre de Deos primeira reformadora. - fol. 1

cap. 2. damadre maria da crus segũda reformadora. - fol. 3

cap. 3. amadre catherina das chagas. - fol. 6

cap. 4. da madre soror anna de Jesus. - fol. 7

cap. 5. amadre soror paula de hierusalem. - fol.7

cap. 6. amadre soror maria da expectação. - fol. 8

cap. 7. amadre soror eufrazia de Cristo. - fol. 9

cap. 8. amadre soror maria da cõsepssão. - fol. 10

cap. 9. a madre soror maria da trindade. - fol. 11

cap. 10. a madre soror ines de jesu. - fol.12

cap. 11. a madre soror antonia de jesu. - fol. 20

cap. 12. a madre soror joanna do espirito sancto. - fol. 26

cap. 13. a madre soror cataherina de jesu - fol. 38

cap. 14. da madre soror phelipa da consepssão. - fol. 41

cap. 15. da madre paula de são hieronimo. - fol. 47

cap. 16. a madre soror isabel da vesitassão. - fol. 55

cap. 17. breve recopilassão da vida emorte de soror catherina do salvador. - fol. 57

cap. 18. seu nacimiento ecriação. - fol. 58

- cap. 19. proçedimento desta menina de onse ate quinse annos. - fol. 58
- cap. 20. do mais ã que se exercitava. - fol. 59
- cap. 21. trata seu pai de a mãdar para o musteiro. - fol.60
- cap. 22. entra no musteiro da speransa. - fol. 61
- cap. 23. adoece a serva de Deos. - fol. 62
- cap. 24. fas profissão e do que nella passa. - fol. 63
- cap. 25. do seu proçedimento depois que fes profissão. - fol. 64
- cap. 26. trata de se faser outra ves noviça. - fol. 66
- cap. 27. comessa soror catherina a ser noviça. - fol. 67
- cap. 28. vive ã todo este tẽpo cõ grande recolhimento. - fol. 69
- cap. 29. vive cõ hũa consiensiamui pura. - fol.70
- cap. 30. trata de se aparelhar para morrer cõ hũa confissão geral. - fol.71
- [fl. IV r.] cap. 31. cae na doensa de que morreo. - fol.73
- cap. 32. desenganaçe que morre e aparelhaçe mais de veras - fol. 74¹²⁹⁹
- cap. 33. morre a serva de Deos. - fol. 76
- cap. 34. sepultão o corpo d esta serva de Deos. - fol. 79
- cap. 35. de sua charidade para cõ Deos. - fol. 81
- cap. 36. da charidade para os proximos. - fol. 82
- cap. 37. continuasse a mesma materia. - fol. 84
- cap. 38. da sua passiensia. - fol. 85
- cap. 39. da sua oraçãõ. - fol. 86
- cap. 40. oraçãõ desta serva de Deos. - fol. 87

¹²⁹⁹ Emenda da autora.

cap. 41. de seus exercicios e devasões ordinarias de se ãcomẽdar a Deos. - fol. 81

cap. 42. de sua pobresa e castidade. - fol. 90

cap. 43. de sua obediensia. - fol. 101

cap. 44. de sua penitensia. - fol. 102

cap. 45. testemunhas e provas da vertude de esta serva de Deos. - fol. 103

cap. 46. da madre soror catherina do espirito santo. - fol. 108

cap. 47. da madre soror maria da circũcissão. - fol. 111

cap. 48. da madre soror brites de Jesus. - fol. 121

[fl. IV v.] cap. 49. da madre soror brites de s. joão. - fol. 123

livro tersseiro

cap. 1. nassimento ecriassão da madre maria das chagas e sua vocassão a religiãõ. - fol.1

cap. 2. da penitensia easpera vida de esta serva de Deos e da passiensia em os trabalhos.
- fol. 3

cap. 3. como esta madre se asignalou ã a vertude da humildade. - fol. 9

cap. 4. do emcendido amor de Deos que teve esta ilustre religiosa. - fol. 14

cap. 5. das merces evisões que cõtou aver recebido de Deos. - fol. 25

cap. 6. de outros favores erevelações que teve e de algũs sonhos a que se pode dar este nome. - fol.30

cap. 7. da grande charidade que esta perfecta religiosa teve cõ o proximo. - fol. 36

cap. 8. de sua prõta obediensia não so a Deos e aos perlados mas a toda a creatura por seu amor. - fol. 44

cap. 9. de algũas revelassões propheticas ecousas por que se entẽde tinha espirito de prophessia e como ãtendia os pensamentos. - fol. 51

[fl. V r.] cap.10. dos cõbattes e tentações do demonio que esta madre padeço e como Deos a tirava vensedora de todos. - fol. 56

cap. 11. de outras muitas vertudes que resplandeçerão em esta veneravel madre dons de que Deos a dottou e como guardava sua sancta lei. - fol. 60

cap. 12. do dittoso transito d esta serva de Deos. - fol. 64

cap. 13. de como se dilatou dar sepultura aseu corpo athe o dia seguinte e do que em este acto succedeo. - fol. 66

cap. 14. das maravilhas que Deos obrou por sua serva ã vida. - fol. 69

cap. 15. das maravilhas que Deos ha obrado por sua interssessão depois damorte. - fol. 72

cap. 16. da tresladassão dos ossos de esta religiosa e de todos os demais ao semiterio novo. - fol. 79

cap. 17. milagres que Deos obrou por sua serva depois de esta tresladassão. - fol. 81

cap. 18. treslado do parecer do padre frei lourenço de portel sobre esta relação da vida da madre maria das chagas. - fol. 89

Fim

[fl. VI r.] rende a capella da estafainha gomes oito moios de trigo e sincoenta e oito mil reis em dinheiro ã cada hũ anno.¹³⁰⁰

¹³⁰⁰ Esta inscrição redigida por Soror Antónia parece algo marginal, totalmente independente do corpo do texto, colocada após a conclusão do mesmo anunciada pelo "Fim" inscrito pela autora. Sugere um apontamento, em jeito de lembrete.

Bibliografia

Fontes manuscritas

Academia das Ciências de Lisboa (ACL)

Breve recopilação da vida e morte de Soror Catherina do Salvador religiosa do Mosteiro da Esperança de Vila Viçosa, ms. 517.

Catalogo Historico dos escritores da Congregação da Terceira Ordem de São Francisco de Portugal, por Frei Vicente Salgado, religioso da mesma Congregação e Professor Regio de Latinidade no Convento de S. Francisco de Silves, Anno 1780, ms. 801.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Armário Jesuítico, Livro 11, fl. 205 (Carta de Frei Lourenço de Portel a Nuno da Cunha).

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, cx. 1914.

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, cx. 1915.

Memorial da Santa Provincia dos Algarves da Ordem Serafica, tomo I, Memorial Primeiro, por Fr. Rodrigo de S. Thiago, no anno de 1615, 1616, Sta Maria de Jesus de Xabregas, OFM, Província dos Algarves, Província, Livro 22.

Ministério do Reino - Mç. 967 - cx-1081.

Ministério do Reino - Mç. 968.

OFM, Província dos Algarves, Província:

Livro 15 - Registo dos Conventos e Religiosas que tem esta Provincia, S. Francisco de Xabregas, 1747, Religiosas do Mosteiro de Vila Viçosa, fls. 87-96.

Livro 16 - Registo de religiosas posterior a 1741.

Livro 17 - Index das moradias dos religiosos desta Provincia (32 mosteiros masculinos).

Livro 18 - Memoria das Religiozas Defunctas desta Sancta Provincia, anno 1688.

Livro 89 - Mapas de religiosos; inquirições de *genere*.

Livro 93 - Mapas das freiras e frades e Ordem; Papeis diversos.

Livro 98 - Entradas.

Maço 106 - Administração dos conventos femininos; caderno n.º 3 - Convento da Esperança de Vila Viçosa.

Processos da extinção das casas religiosas femininas em Portugal, A.N.T.T., (PT/TT/MF-DGFP/E/002; ID L559/3).

Relação dos Confessores que tem licença para confesar neste mosteiro, Mç. 968, cx. 1082, ANTT.

Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora, processo n.º2648; maço 283.

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

BAPTISTA, Soror Antónia, *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria/composto por Soror Antónia Baptista, indigna Religioza do ditto Convento dedicado a mag.de el Rei Dom João o 4º nosso Senhor e Padroeiro do mesmo Convento*, BN, cod.1234; microfilme: F.R.477, 1657.

BRAVO, António Rosado, *Memorias para a história ecclesiastica do Arbisado d' Evora*, por António Rosado Bravo. Originaes dos sec. XVII e XVIII - Compreendem noticias desde os primeiros seculos da Egreja. Colligidas para trabalhos da Academia R. da Historia Portugueza, BN, cod. 146.

Caixa 12 - Cartório das Ordens Religiosas e Militares - Coleções em Organização.

Caixa 13 - Cartório das Ordens Religiosas e Militares - Coleções em Organização.

Chronica do antigo, real e palatino Mosteiro de S. Martinho de Tibães, BN, COD 11416.

Espelho limpo para compor a ele as ultimas acçoens da sua vida huma religiosa do convento do Santissimo Sacramento do Lourical, (Fr. António Martins da Soledad?), BN, cod. 11576.

MENDONÇA, Romão Pedro de, *Chronica da Fidelissima Raynha D. Maria I*, BN, cod. 11687.

SACRAMENTO, Maria do, *Noticia da fundação do convento da madre de Deos das religiosas descalças de Lisboa, da primeira regra de nossa Madre Santa Clara. E de algumas cousas, que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muitas Madres Santas que ouve nelle, escritas por hua freira do mesmo convento; e dirigida a todas as demais delle, no anno de 1639*, Lisboa, BN, Ms. FR.1136; Res. 964 v.

S. JOÃO, Madre Soror Leonor de, *Tratado da antiga e curiosa fundação do convento de Iesv de Setubal o primeiro que ouve e se fundou neste reyno de Portugal*, BN, cod. – 7686, <http://purl.pt/24975>, 1630.

Tratado da antiga e curiosa fundação do convento de Iesv de Setubal o primeiro que ouve e se fundou neste reyno de Portugal, BN, 1784.

SOUZA, D. António Caetano de, *Agiologio lusitano dos sanctos e varões illustres do Reyno de Portugal e suas conquistas consagrado à Soberana e sempre immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa Universal Padroeira do Reyno de Portugal*, de D. António Caetano de Souza, Clerigo Regular. Anno de 1705 Lx.^a, BN, cod. 40.

Biblioteca Pública de Évora (BPE)

Inventário dos Fundos Monástico-Conventuais da Biblioteca Pública de Évora, João Luís Inglês Fontes; Joaquim Bastos Serra; Maria Filomena Andrade, CIDEHUS, cota 930.25 FON/INV, 1971.

Fundo do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa:

Livro n.º 39, *Inventário do Convento da Esperança de Vila Viçosa - Repartição de Fazenda*, anno de 1866 a 1867; *Autos d'Inventário dos Bens do Supprimido Convento de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa, em que é Inventariante a Fazenda Nacional*.

Maço 40 - *Inventário do Convento da Esperança de Vila Viçosa - Repartição de Fazenda* anno de 1866 a 1867; *Autos d'Inventário dos Bens do Supprimido Convento de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa, em que é Inventariante a Fazenda Nacional*.

Livros 41 a 49 - *Documentos do Cartório do Suprimido Convento da Esperança de Vila Viçosa*.

Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP)

Chronica dos monges descalços de S. Paulo, primeiro eremita, Vida do Padre Baltazar da Encarnação, fundador dos monges descalços de S. Paulo, primeiro eremita, M- FA-73, séc. XVIII, BPMP.

Directório de religiosas, modo fácil para bem observar a ley de Deos e as obrigações do seu estado, BPMP, Ms. 1232.

JESUS, Frei Félix de, *Primeira parte da chronica da Congregação de Santo Agostinho das Indias orientaes, séc. XVII, BPMP, nº. 821.*

Madre Coluna, *Poesias, BPMP, Ms. 1453.*

Modo com que lançam o hábito às religiosas da Conceição, BPMP, Ms. 4.

OLIVEIRA, Frei Pedro de, *Jardim de flores, prozas e poesias de vários e insignes autores, BPMP, Ms. M-FA-21, 1630.*

S. JOSÉ, Frei Jorge de, *O solitário contemplativo e guia espiritual, BPMP, Ms. 905.*

S. THEOTÓNIO, P.e Frei Joseph de, *Exercício quotidiano sobre os principais pontos da santa oração, BPMP, Ms. 405.*

Fontes impressas

ANJOS, Frei Luís dos, *Jardim de Portugal em que se da noticia de algũas sanctas, & outras mulheres illustres em virtude, as quais nascerão ou viverão ou estão sepultadas neste reino & suas cõquistas*, impresso em Coimbra em casa de Nicolao Carvalho, 1626, BN-H.G.3795 P.

AZEVEDO, Diogo Manuel Aires de, *Portugal Illustrado pelo sexo feminino, noticia histórica de muytas heroínas Portuguesas que florecerão em Virtude, Letras e Armas*, Lisboa, 1734; BN, cota Res. 4628P; BPMP, cota F-1-15.

BELEM, P.e Frei Jerónimo de, *Chronica seraphica da santa provincia dos Algarves da Regular Observância do nosso seráfico P.e S. Francisco(...)*, pelo padre Frei Jeronymo de Belem, Lisboa, na Oficina de Ignacio Rodrigues, anno de MDCCL, BPMP.

BRITO, Frei Bernardo de, *Monarchia Lusitana*, composta por Frey Bernardo de Brito, chronista geral & religioso da ordem de S. Bernardo, professo no real Mosteiro de Alcobaça, Parte Primeira, dirigida ao catholico rei D. Filipe II do nome rei de Espanha Emperador do Novo Mundo, Impressa no insigne mosteiro de Alcobaça por mandado do Rmo. Padre Geral Frey Francisco de S. Clara com licença e privilegio Real, anno de 1597, BPMP, Res. XVI-B-0025.

CARNEIRO, Pe. Antonio, *Exercicios espirituaes do grande mestre de espirito, & Maravilhosos Patriarcha S. Ignacio, redusidos a Huma so semana, & accommodados ao Estado, & vida religiosa*, pello Padre Antonio Carneiro da Companhia de Jesus, Mestre de Noviços no Collegio de Coimbra (...), Coimbra: com as licenças necessarias. No Collegio das Artes da Companhia de Jesus, Anno de 1710, BN, 23222.

CHAGAS, Frei Antonio das, *Viva Iesus, cartas espirituaes do venerável padre frei Antonio das Chagas, com suas notas observadas por hum seu amigo e dedicadas ao serenissimo rei D. Pedro II, nosso Senho, Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, Anno de 1684*, BN, R- 10632-V-2.

CENÁCULO, Manuel do, *Memórias Históricas e Appendix segundo, À disposição quarta da colleção das disposições do Superior Provincial para a observância e estudos da congregação da ordem terceira de S. Francisco*, Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1795, BPE, cota 2641 S.

CENÁCULO, Manuel do, *Cuidados literários do Prelado de Beja em graça do seu bispado*, Lisboa, Simão Taddeo Ferreira, 1791, BPE - cota 208 L.

CÉU, Madre Soror Maria do, *Enganos do Bosque, desenganos do Rio*, Lisboa, 1741, BPMP, cota: K-5-133.

_____ *Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros*, Lisboa, 1738.

Constituições geraes pera todas as freiras e religiosas sogeitas à obediência da Ordem de N. P. S. Francisco, nesta Familia Cismontana. De novo recopiladas das antigas e acrescentadas com acordo, consentimento e approvação do Capitulo Geral, celebrado em Roma a 11 de Junho de 1639, Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, Anno 1693. Frey João Merinero; BN. 8078 H.G.

CONCEIÇÃO, Frei Apollinario da, *Claustro Franciscano erecto no dominio da coroa Portugueza e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas (...)* Religioso Leigo Capucho da Provincia da Conceição em o Estado do Brasil, Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, MDCCXL, BN. H.G.2576 P.

DESENGANO, Frei Amador do, *Espelho critico no qual claramente se vem alguns defeitos das mulheres*, fabricado na loja da verdade pelo irmão [...] Lisboa, António Vicente da Silva, 1761

ESPERANÇA, Manoel da, *História seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*, tomo I, Lisboa, 1656; purl.pt/20706; BPMP: G-9-24 (1).

DEUS, Frei Rodrigo de, O.F.M, *Motivos spirituaes nos quaes claramente se mostra quão qualquer fiel christão pode contentar, honrar e louvar a Deos, e nossa Senhora [...] composto pelo Padre Capucho da Provincia da Arrabida, natural de britiande, junto a Lamego*, Lisboa, 1611- http://bdigital.sib.uc.pt/bduc/Biblioteca_Digital_UCFL.

FIGUEIREDO, Pedro José de, *Retratos e elogios dos varões e donas que ilustraram a nação portuguesa em virtudes, letras, armas, e artes assim nacionaes como estranhos, tanto antigos como modernos*, Tomo I, Lisboa, MDCCCVII, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, BN: Res. 318.

FONSECA, P.e Francisco da, *Évora Gloriosa, Epílogo dos Quatro tomos da Évora Ilustrada*, que Conduz o R.P.M. Manoel Fialho da Companhia de Jesus, Roma, Anno de MDCCXXVIII.

GAMA, Leonarda Gil da, *Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento, em três histórias exemplares, para melhor conhecer-se o pouco que duram as vaidades do mundo*, 2 tomos, BPMP, cota: L-10-119, 1736.

GODINHO, Frei Christovam, *Poderes de amor em geral e obras de conversação particular*, (pseud. Pe. António Pereyra da Fonseca, cota: Res. XVII-A-172, BPMP, 1647.

Livro da fundação ampliação & sitio do convento de N. Sra da Piedade da Esperança de Lisboa, o qual mandou escrever a Abbadessa Soror Francisca dos Anjos, no anno de 1620. Sendo ministro Provincial dos frades menores da observantia o muito Reverendo Padre Frey Hieronimo da madre de Deus. BN F. 955.

LUNA, Mariana de, *Ramalhete de flores: a felicidade deste reyno de Portugal em sua milagrosa Restauração por sua Magestade D. João IV de nome e XVIII em número dos verdadeiros Reys Portuguezes*, Lisboa, 1642, BPMP.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana, História, Critica e Chronológica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, todos os tomos, Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX, BPMP.

MENEZES, Dom Luiz de, Conde da Ericeira, *História de Portugal Restaurado*, offerecida ao serenissimo principe Dom Pedro Nosso Senhor, Tomos I e II, Lisboa, na officina de António Pedrozo Galvão, anno MDCCX, BPMP, Y'-5-1.

MONTEIRO, Manuel, *Historia da Fundação do Real Convento do Louriçal de religiosas Capuchas, Escravas do Santissimo Sacramento, e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira instituidora, e de algumas Religiosas, que fallecerão no mesmo Convento com opinião de virtude. Escrita, e offerecida a ELREY Nosso Senhor D. João V. pelo Padre Manoel Monteiro da Congregação do Oratorio (...)*, Lisboa: na Officina de Francisco da Silva. Anno de MDCCL, BN- H.G.5105 P.

MOYA, Juan Perez de, *Varia historia de sanctas e illustres mugeres en todo genero de virtudes*, en Madrid por Francisco Sanchez, año de 1583, acosta de Francisco Lopez, mercader de libros en corte; BN, Res. 1467 P.

PERYM, Damião de Froes, *Theatro heroico, abecedário histórico e catalogo das mulheres illustres em armas, letras, acçoens heróicas e artes liberaes*, Lisboa Occidental, na Officina da Musica de Theotónio Antunes Lima, 1º tomo 1736, BN- H.G.11899 V, 2º tomo, BN- H.G. 11900 V, 1740.

Relacion de como se ha Fvndado en Alcantara de Portugal ivnto a Lisboa, el muy deuoto Monasterio de N. S. de la Quietacion, por la Catholica Magestad del Rey N. S. D. Phelippe II de gloriosa memoria para las monjas peregrinas de S. Clara de la primeira Regla, venidas de la Pouincia de Alemania Baxa, despues de los hereges las auer perseguido, y desterrado de tierras en tierras por quatro vezes. Compuesta por la Madre Sor Cathalina del Spiritu Sancto Monja del mismo Mosnasterio. En Lisboa, por Pedro Craesbeeck Impressor del Rey. Año 1627. BN. Res. 2845.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha, *Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborensis*, Lisboa, Imprensa Nacional, BN, 1850.

Sermam que pregou o M. R. Padre Mestre Francisco de Mendoça da Companhia de Jesu, Na solemne procissam que ordenou a Universidade de Evora pelo sacrilego roubo do Santissimo Sacramento na Cidade do Porto em 9 de Mayo de 1614, Evora, na Officina de Francisco Simões, com todas as licenças necessarias. Anno de 1614. BPMP, Res. XVII-A-143(22) (6).

SILVA, Frey Bernardino, *Defensam da Monarchia Lusitana*, por Frey Bernardino da Silva, Bacharel formado em sancta Theologia, Lente della, & Philosophia, Religioso professo do Real Mosteiro de Alcobaça, Congregação de Cister, offerecido ao duque D. Theodosio, segundo deste nome, Duque de Bragança (...), em Coimbra, na Officina de Nicolao Carvalho, anno MDCXX, BPMP, Res. XVII-A-289.

SOLEDADE, Frei Fernando da, *História seráfica chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*, tomos I, II, III e IV, na Officina de Manoel e Joseph Lopes Ferreyra, MDCCIX, BN: purl.pt/20706; BPMP.

Bibliografia geral

AA.VV.- *Arquivo Histórico Portuguez*, Vol. I, Lisboa, 1903.

AA.VV. - *Bibliografia Geral Portuguesa*, Vol. I, Séc. XV, Imprensa Nacional de Lisboa, MCMXLI.

AA.VV. - *Casa Perfeitíssima, 500 Anos da Fundação do Mosteiro da Madre de Deus*, Museu Nacional do Azulejo, 2009-2010.

AA.VV - *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su Legado (1214-2014)*. *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2012.

AA.VV. - *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos*, *Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto, 2005.

AA.VV.- *Lusitânia Sacra, Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, "Sentimento, Religião e Política na Época Moderna", 2ª série, t.11, Universidade Católica Portuguesa, 1999.

AA.VV.- *Lusitânia Sacra, Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª série, t. 15, Universidade Católica Portuguesa, 2004.

AA.VV. - *Os Franciscanos em Portugal e no Mundo Português; os 800 Anos da Ordem Franciscana (1209-2009)*. *Actas, 20 e 30 de abril de 2009*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI.

AA.VV. - *O Franciscanismo em Portugal*, *Actas Fundação Oriente*, 1996.

AA.VV. - *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Instituto de Estudos Ibéricos, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

AA.VV. - *Quando os Frades Faziam História, de Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001.

AA.VV. - "A Rainha restauradora - D. Luísa de Gusmão", *Rainhas de Portugal*, Sob Orientação de Ana Maria S. A. Rodrigues, Manuela Santos Silva, Isabel dos Guimarães Sá, Lisboa, Círculo de Leitores.

AA. VV. - *Uma Antologia Improvável: a Escrita das Mulheres, sécs XVI a XVIII*, Coord. Vanda Anastácio, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2013.

AA.VV. - *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ABREU, Maria Zina Gonçalves de, *O Sagrado Feminino, da Pré-História à Idade Média*, Lisboa, Edições Colibri, 2007.

AGOSTINHO, Santo, *Confissões*, Coord. Tradução e Revisão de Lúcio Craveiro da Silva, S. J. e Elias Couto, Livraria Apostolado da Imprensa, 2010.

_____ *Confissões de um Pecador*, Trad. Jorge Pinheiro e Susana Almeida, Coisas de Ler, Lda., 2007.

ALMEIDA, Fortunato, *História da Igreja em Portugal*, Nova Ed. Preparada e Dirigida por Damião Peres, Portucalense Editora, Porto, 1967.

_____ *História de Portugal*, Bertrand Editora, Vols. 2 e 3, Lisboa, 2004.

BOUZA ALVAREZ, Fernando, *Corre Manuscrito: Una Historia Cultural del Siglo de Oro*, Marcial Pons Historia, 2001.

ALVES, Frei Herculano (OFMCap), *História da Bíblia em Portugal, A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, Fátima, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, 2007.

AMELANG, James S., NASH, Mary, *Historia y Género: Las Mujeres en la Europa Moderna y Contemporánea*, Ediciones Alfons el Magnànim, 1990.

ANASTÁCIO, Vanda, "Mulheres e Bibliografia material: O Ramalhete de Flores de D. Mariana de Luna", eHumanista, Vol. 22, 2012.

_____ "Heróicas Virtudes e Escritos que a Publiquem". *D. Quixote nos Papéis da Restauração*. *Revue der Iberischen Halbinseln* 28, 2007.

ANDRADE, Maria Filomena, "Fundadoras e Patronas dos Mosteiros Mendicantes Femininos em Portugal nos Séculos XIII e XIV: Práticas e Modelos", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (s. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

A Ordem de Santa Clara em Portugal, Edição Franciscana, Braga, 1976.

ARAÚJO, António de Sousa, O.F.M., "A Crise da Ordem Franciscana em Portugal com o Absolutismo (séc. XVIII) e a Sua Supressão com o Liberalismo (1834), Confirmada pela República (1910)", in *Os Franciscanos em Portugal e no Mundo Português; os 800 anos da Ordem Franciscana (1209-2009)*; *Actas*, 20 e 30 de Abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, "De Noviças a Freiras: as Religiosas do Convento Franciscano de Vale de Pereiras (1730-1830), in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su Legado (1214-2014)*, *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2012.

ARIÈS, Philippe, DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada - Do Renascimento ao Séc. das Luzes*, Vol. 3, Edições Afrontamento, 1990.

ASENSIO, Eugenio, *Estudios Portugueses*, Paris, 1974.

AUGUSTO, Sara, *A Alegoria na Ficção Romanesca do Maneirismo e do Barroco*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

_____ *A Esperança Engañada, de Manuel Fernandes Raia (1624)*, in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, "Humaniores Litterae", n.º 1, 2004.

AVELINO, Carla Maria Pinto, *Portugal Ilustrado pelo Sexo Feminino de Diogo Manuel Aires de Azevedo (Lisboa 1734)*, *Estudo Preliminar, Notas e Estabelecimento do Texto*, Tese de Mestrado, FLUP, Porto, 2008.

AZEVEDO, Carlos Moreira, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, 2000, Vol. 1.

_____ *História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, 2000, Vol. 2.

BARANDA, Nieves, *Cortejo a lo Prohibido, Lectoras e Escritoras en la España Moderna*, 2005.

_____ "Escritoras Sin Fronteras entre Portugal y España en el Siglo de Oro", *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, FLUP, n.º 2, Porto, 2005.

_____ "Mujer, Escritura y Fama: la Hespaña Libertada (1618) de Doña Bernarda Ferreira de Lacerda", *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0, 2003.

BARBEITO CARNEIRO, Maria Isabel, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro, Espacios Profanos y Espacios Conventuales*, Madrid, Ediciones del Orto, 2006.

_____ "Mujeres Peninsulares entre Portugal y España", *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0, 2003.

_____ *Mujeres del Madrid Barroco, Voces Testimoniales*, Dirección General de la Mujer, Madrid, 1992.

BARBOSA, David Sampaio, "Stimulus Pastorum: Proposta de Renovação", *Lusitânia Sacra, Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica Portuguesa, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª Série, T. 15, 2004, pp.15-40.

BARREIRA, P.e José do Nascimento, *Origem e História do Convento do Desagravo, o «conventinho» de Lisboa*, Braga, Tipografia Franciscana, 1965.

BARROS, Theresa Leitão de, *Escritoras de Portugal: Génio Feminino Revelado na Literatura Portuguesa*; Vols. I e II, Lisboa, 1924.

_____ *No Jardim do Passado... Evocações Históricas*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães, s/d.

BEAUVALET-BONTOURIE, Scarlett, *Les Femmes à L'Époque Moderne (XVI-XVIII Siècle)*, 2004.

BELCHIOR P., Maria de Lurdes, *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Frei António das Chagas)*, Centro de Estudo Filológicos, Lisboa, 1950.

BELLINI, Lígia, "Cultura Escrita, Oralidade e Género em Conventos Portugueses (Sécs. XVII e XVIII)", Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 2010.

_____ "Vida Monástica e Práticas da Escrita Entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", *Campus Social*, Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 3/4, 2006/2007.

BERARDINELLI, Cleonice, *Estudos de Literatura Portuguesa*, Temas Portugueses, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

Breviário Bracarense de 1494, Reprodução em Fac-Símile do Exemplar da Biblioteca Nacional com Introdução de Pedro Romano Rocha, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Biblia Sacra, Juxta Vulgatam Clementinam, Typis Societatis S. Joannis Evang., Desclée et Socii Edit. Pont., Romae-Tornaci-Parisiis.

Bíblia Sagrada, Lisboa, Fátima, Difusora Bíblica Franciscanos Capuchinhos, 5ª ed. Revista e Corrigida sob Direção de Herculano Alves (OFMCap), 2014.

BLANCHARD, Pierre, *A Santidade e o Nosso Tempo*, Editorial Aster, Lisboa, 1960.

BOUZA, Fernando, *Corre Manuscrito, Una Historia Cultural del Siglo de Oro*, Marcial Pons Historia, 2001.

BRAGA, Maria Ondina, *Mulheres Escritoras*, 1980.

CABRAL, Maria Luísa, Org., *As Bibliotecas Portuguesas na Transição para a Modernidade 1800-1850*, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 2014.

CAEIRO, Maria Margarida, "Rostos Femininos da Ordem Franciscana: a Ordem de Santa Clara e Outras Vivências Clarianas - Contributo para o Estudo da sua Presença em Portugal", in *Os Franciscanos em Portugal e no Mundo Português; Os 800 Anos da Ordem Franciscana (1209-2009)*; Actas, 20 e 30 de Abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI.

_____*Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006.

CAETANO, Marcello, "Recepção e Execução dos Decretos do Concílio de Trento em Portugal", Sep. da *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, Vol. XIX 1965.

CARDOSO, Jorge, *Agiológico Lusitano dos Santos e Varões Ilustres do Reino de Portugal e Suas Conquistas*, ed. Fac-Símile Faculdade de Letras Universidade do Porto, com Estudo, Organização e Índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, 2002.

CARR, Anne, *A Mulher na Igreja*, Temas e Debates, 1997.

CARVALHO, José Adriano de Freitas, *Lectura Espiritual en la Península Ibérica (Siglos XVI y XVII)*. "Programas, Recomendaciones, Lectores, Tiempos y Lugares", SEMYR-CIUHE, Salamanca, 2007.

_____*Poesia e Hagiografia*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

_____"Quando os Frades Faziam História. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos", Direc. de José Adriano de Freitas Carvalho, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001.

_____"Da Memória dos Livros às Bibliotecas da Memória", Vol. I: *Inventário da Livraria de Santo António de Caminha*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, Porto, 1998.

_____"Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura Entre Franciscanos e Clarissas em Portugal no Século XVII", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 4, 7-56, Porto, 1997.

_____"Nobres Letras... Fermosos Volumes...", *Inventários de Bibliotecas dos Franciscanos Observantes em Portugal no Séc. XV. Os Traços de União das Reformas Peninsulares*, *Via Spiritus I, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Porto, 1995.

_____ "As Primeiras Vidas de Santa Clara: dos Testemunhos à Biografia", *Separata de Verdad y Vida*, T. LII, n.ºs. 205-206, Madrid, 1994.

_____ *Corte na Aldeia, Introdução, Notas e Fixação do Texto* de José Adriano de Carvalho, Editorial Presença, Lisboa, 1991.

_____ "Os Estudos Bibliográficos Sobre a Literatura e a História da Espiritualidade em Portugal", in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a Sua Época, Actas*, Vol. V, Porto, 1989.

_____ *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal, 1501-1700*, Instituto da Cultura Portuguesa, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1988.

_____ *Floreto de S. Francisco*, Reprod. Fac-Similada do Incunábulo n.º 175 da BN, com Nota de Apresentação de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, 1988.

_____ "Para a História da Espiritualidade em Portugal: os *Motivos Espirituais* de Fr. Rodrigo de Deus e a Sua Repercussão em Espanha", *Itinerarium*, 14, 49-102, 1986.

_____ "O Portuense Fr. Pedro Calvo, O. P. e a Polémica Sobre as Ordens Religiosas nos Começos do Séc. XVII", *Separata da Revista de História*, Vol. III, Centro de História da Universidade do Porto, 1982.

_____ *Gertrudes de Helfta e Espanha, Contribuição para o Estudo da História da Espiritualidade Peninsular nos Sécs. XVI e XVII*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

CARVALHO, Joaquim Ramos de, "Confessar e Devassar: a Igreja e a Vida Privada na Época Moderna", in *História da Vida Privada em Portugal - A Idade Moderna*, José Mattoso, Coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011.

CASTILHO GÓMEZ, António, "El Taller del Predicador. Lectura y Escritura en el Sermón Barroco", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 11, 2004.

_____ "Escrito en Prisión. Las Escrituras Carcelarias en los Siglos XVI y XVII", in *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0, 2003.

_____ "Escribir Desde El Convento: (...) de las Monjas del Siglo de Oro", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 16, Porto.

_____ "El Taller del Predicador. Lectura y Escritura en el Sermón Barroco", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 11, Porto, 2004.

_____ "Leer en Comunidad. Libro y Espiritualidad en la España del Barroco", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-

Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 7, Porto, 2000.

_____ *Escribir y Ler en el Siglo de Cervantes*, Colecion LEA, Editorial Gedisa, 1999.

CÁTEDRA, Pedro M., "*Bibliotecas y Libros de Mujeres en el Siglo XVI*", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0, 2003.

CHARTIER, Roger, *Culture Écrite et Sociétés*, Paris, Albin Michel, 1996.

_____ "Lectures, Lecteurs, et Litteratures Populaires en Europe à la Renaissance", in *Escribir y Leer en Occidente*, València, 1995.

_____ *Libros, Lecturas y Lectores en la Edad Moderna*, Madrid, Alianza Editorial, 1993.

CHEVALIER, Maxime, "El Publico de las Novelas de Caballerías", dans *Lectura y Lectores en la España de los Siglos XVI y XVII*, Madrid, Editiones Turner, 1976.

CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da, *Espiritualidade e Religiosidade no Portugal Moderno. O Agiologia de Jorge Cardoso*, Porto, 1996.

CONDE, Antónia Fialho, *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri, 2009.

_____ "Espaço Literário Feminino. A Obra de Maria Mesquita Pimentel, " Dep. de História da Universidade de Évora, CIDEHUS-UE. in *VII Congresso Internacional da APEC - Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças contemporâneas, Línguas e Literatura. Idade Média, Renascimento, Recepção*, Vol. 2, Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos - APEC/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

CORDEIRO, Luciana, *Soror Mariana, A Freira Portuguesa*, 1888.

COSTA, Américo, *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular: Hidrográfico, Histórico, Orográfico, Biográfico, Arqueológico, Heráldico, Etimológico*, Porto, Livraria Civilização, 1929-1949.

COSTA, Avelino de Jesus da, *Arquivos Eclesiásticos Portugueses: Origens e Evolução*, Lisboa, Sociedade Industrial e Gráfica Teles da Silva, 1980.

COSTA, Dalila L. Pereira da, *Místicos Portugueses do Séc. XVI*, Porto, Lello e Irmão - Editores, 1986.

COSTA, D. António da, *A Mulher em Portugal*, Obra Posthuma Publicada em Benefício de uma Creança, Lisboa, 1892.

CUNHA, Mafalda Ferin, *Padre António Vieira*, Coord. Carlos Reis, Edições 70, Centro de Literatura Portuguesa, 2012.

_____ *Persuasão e Deleite na Nova Floresta do Padre Manuel Bernardes*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

_____ *Reforma e Contra-Reforma*, Quimera Editores, Lda., 2002.

CURTO, Diogo Ramada, "A Restauração de 1640: Nomes e Pessoas", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0, 2003.

DAVIS, Nathalie Zemon, *Nas Margens: Três Mulheres do Séc. XVII*, Trad. Hildegard Feist, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

DELUMEAU, Jean, *Naissance et Affirmation de la Réforme*, Paris, Presses Universitaires de France, 1973.

DENZINGER, Heinrich, *Enchiridion Symbolorum*, Edizione Bilingue a Cura di Peter Hunermann, Bologna, Edizioni Dehoniane Bologna, 1996.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho, "Glossário Monástico-Beneditino", in *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos*, *Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto, 2005.

DIAS, José Sebastião da Silva, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Sécs. XVI-XVIII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960, Tomo I.

_____ *O Primeiro Rol de Livros Proibidos*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1963.

_____ *Portugal e a Cultura Europeia (Sécs. XVI-XVIII)*, Coimbra, MCMLIII.

DIAZ, Jose Simon, *Jesuitas de los Siglos XVI y XVII, Escritos Localizados*, Universidad Pontificia de Salamanca, Madrid, 1975.

DUBY, Georges, PERROT, Michelle, *Histoire des Femmes en Occident, XVI e XVIII Siècles*, sous la Direction de Natalie Zemon Davis et Arlette Farge, Plon, 1991.

ELTON, G. R., *A Europa Durante a Reforma 1517-1559*, Trad. Ana Hatherly, Editorial Presença/Martins Fontes, 1982.

ESPANCA, Túlio, *Mosteiros de Vila Viçosa*, no 7º Centenário da Fundação de Vila Viçosa, Évora, 1970.

EVANGELISTI, Silvia, *Nuns, a History of Convent Life 1450-1700*, Oxford, University Press, 2007.

FARDILHA, Luis Sá, "Uma Introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001.

FARIA, Francisco Leite de, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994.

FEBVRE, Lucien, *Martinho Lutero, Um Destino*, Lisboa, Texto Editores, 2010.

FEBVRE, Lucien, MARTIN, Henri-Jean, *O Aparecimento do Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FERNANDES, A. Teixeira, *A Religião na Sociedade Secularizada*, Coleção Habitat, Porto, Livraria Civilização-Editora, 1972.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, *Agiológio Lusitano*, Estudo e Índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Faculdade de Letras da Univers. do Porto, Porto, MMII.

_____ "A Biblioteca Perdida de Jorge Cardoso (1669) e a Biblioteca do Agiológio Lusitano. Livros de Gosto e de Uso", in *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 4, 1997.

_____ "Da Reforma da Igreja à Reforma dos Cristãos: Reformas, Pastoral e Espiritualidade", in *História Religiosa de Portugal*, Vol. 2, Direc. Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, 2000.

_____ *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*, Porto, Instituto, de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras do Porto, 1995.

_____ "Ignorância e Confissão nas Primeiras Décadas do Séc. XVII em Portugal", *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

_____ *Jardim de Portugal*, Frei Luís dos Anjos, Porto, Edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Campo das Letras - Editores SA, 1999.

_____ "Recordar os Santos Vivos; Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Séc. XVII Português", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1, 1994.

_____ "Viúvas Ideais, Viúvas Reais: Modelos Comportamentais e Solidão Feminina", *Faces de Eva*, I-2, 1999.

_____ "Do Manual de Confessores ao Guia de Penitentes: Orientações e Caminhos da Confissão no Portugal Pós-Trento", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2, 1995.

FERREIRA, João Palma, *Temas de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1983.

_____ *Novelistas e Contistas Portugueses do Séc. XVII e XVIII*, Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1981.

FERREIRA, Maria do Céu de Sousa, "*Desde el Parnaso os escrevo*": *Cartas de Uma Monja Escritora*, Tese de Mestrado, FLUP, 2012.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha, *Antologia Literária Comentada*, Época Clássica, Séc. XVI - I e II Partes, 2º Vol., Editora Ulisseia, 1983.

FRENK, Margit, *Entre la Voz y el Silencio* (la Lectura en el Tiempo de Cervantes), Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1997.

_____ "Lectores y Oidores. La Difusión Oral de la Literatura en el Siglo de Oro" in *Actas del Séptimo Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, Publicadas por Giuseppe Bellini, Rome, Bulzoni, Vol. I, 1982.

Fundação da Casa de Bragança, *Alguns Apontamentos Sobre o Castelo e o Paço Ducal de Vila Viçosa*, Lisboa, 1972.

GAJANO, Sofia Boesh, PACE, Enzo, *Donne tra Saperi e Poteri Nella Storia delle Religioni*. Brescia: Morcelliana, 2007.

GARI, Blanca, *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

GRAÑA CID, María del Mar, "Reinas, Infantas y Damas de Corte en el Origen de las Monjas Mendicantes Castellanas (c. 1222-1316). Matronazgo Espiritual y Movimiento Religioso Femenino", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

_____ *Religiosas y Ciudades, La Espiritualidad Femenina en la Construcción Sociopolítica Urbana Bajomedieval* (Córdoba, siglos XIII-XVI), Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos, Córdoba, 2010.

GRAS CASANOVAS, Mercè, "Patronage Feminí i Fundació de Convents. El Convent de la Immaculada Concepció de Carmelitas Descalces de Barcelona (1589)", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

Guia Geral de Fundos do Arquivo Distrital de Évora, Coord. Isabel Cid, Pedro Pereira, Arquivo Distrital de Évora, Évora, 2014.

HATHERLY, Ana, *A Preciosa de Soror Maria do Céu, Edição Atualizada do Códice 3773 da Biblioteca Nacional Precedida dum Estudo Histórico*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1990.

HERMIDA, Jacobo Sanz, "Libros y Lecturas en el Convento de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca (Siglos XVI-XVII)", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da

Espiritualidade da Universidade do Porto, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 4, 1997.

HERNANDÉZ, Santiago Martínez, "Memoria y Escritura Privada en la Cultura Nobiliario-Cortesana del Siglo de Oro: los Papeles del Marqués de Velada", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nº 1, Porto, 2004.

HESPANHA, António Manuel, "Os Modelos Normativos. Os Paradigmas Literários", in *História da Vida Privada em Portugal - A Idade Moderna*, José Mattoso, Coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011.

_____ *As Vésperas do Leviathan: Instituições e Poder Político: Portugal Séc. XVII*, Coimbra, Livraria Almedina, 1994.

História e Antologia da Literatura Portuguesa séc. XVII, nº 32, Fundação Calouste Gulbenkian, "Literatura de Conventos, Autoria Feminina", Agosto 2005.

INFANTES, Víctor, "La Santidad Tipográfica en la España del Siglo de Oro", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 2, Porto, 2005.

_____ "En el Siglo de Oro. Estudios y Textos de Literatura Aurea", *Potomac, Scripta Humanistica*, 1992.

JORGE, Virgolino Ferreira, "As Igrejas Medievais dos Franciscanos em Portugal Síntese de Caracterização Tipomorfológica", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y Su Legado (1214-2014)*", *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2009.

JORNET-BENITO, Núria, "Sança de Mallorca, Reina de Nàpols: la Fundació Monàstica en un Projecte de Consciència Genealògica i Espiritualitat Franciscana", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

KESSEL, Elisja Schulte Van, "Vierges et Mères entre Ciel et Terre", *Histoire des Femmes en Occident (XVI- XVIII siècles)*, sous la Direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991.

KRISTEVA, Júlia, CLÉMENT, Catherine, *O Feminino e o Sagrado*, Trad. Rachel Gutiérrez, Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

LALANDA, Maria Margarida, "Clarissas (Ordem de Santa Clara)", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direc. Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, Vol. 1, 2000.

LEMCASTRE, Alice de, *O Belo Sexo*, Lisboa, Serões e Sístas, 1896.

LISBOA, João Luís, MIRANDA, Tiago dos Reis, “A Cultura Escrita nos Espaços Privados”, in *História da Vida Privada em Portugal - A Idade Moderna*, José Mattoso, Coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Círculo de Leitores e Tems e Debates, 2011.

LOBO, Francisco Rodrigues, *Côrte na Aldeia e Noites de Inverno*, Vols. I e II, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1890.

LOPES, Maria Antónia, *Mulheres, Espaço e Sociabilidade, a Transformação dos Papéis Femininos em Portugal à Luz das Fontes Literárias*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

LORA, José Luís Sanchez, *Mujeres, Conventos y Formas de la Religiosidad Barroca*, Madrid, FUE, 1998.

LOUPÈS, Philippe, "Bordeaux, Métropole des Dévotions Tridentines", *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos*, *Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna, Porto, Universidade do Porto, 2005.

LUCAS, Maria Clara de Almeida, *Narrativa Hagiográfica, da Semiótica do Discurso à Semiótica da Interpretação*, Dissertação de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1988.

_____ *Hagiografia Medieval Portuguesa*, Ministério da Educação, 1984.

MACEDO, António de Sousa, *Flores de España, Excelencias de Portugal em que Brevemente se Trata lo Mejor de sus Historias, y de Todas del Mundo desde su Principio Hasta Nuestros Tiempos, y se Descubren Muchas Cosas Nuevas de Provecho y Curiosidad*, Coimbra, António Simões Ferreyra, 1737.

MAESTRE MAESTRE, José María, "Los Franciscanos en la Literatura Latina del Renacimiento Español", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su Legado (1214-2014)*, *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2009.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de, *O Sexo dos Textos e Outras Leituras*, Lisboa, Caminho, 1995.

MAIO, Romeo de, *Mujer y Renacimiento*, Madrid, 1987.

MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, 2 Vols., Porto, 1989.

MARTINS, José Saraiva, *Como se Faz um Santo*, Entrevista de Saverio Gaeta, Aletheia Editores, 2006.

MARAVALL, José Antonio, *La Cultura del Barroco. Análisis de una Estructura Histórica*, Barcelona, Editorial Ariel, 1990.

MARQUILHAS, Rita, *A Faculdade das Letras, Leitura e Escrita em Portugal no Séc. XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000.

MARTINS, J. V. de Pina, *Cultura Portuguesa*, Lisboa, 1974.

MARTINS, Maria João, *Mulheres Portuguesas: Divas, Santas e Demónios*, Vol. I, Vega/Mutilus, 1994.

MATTOS, Ricardo Pinto de, *Manual Bibliographico Portuguez de Livros Raros, Clássicos e Curiosos*, Revisto e Prefaciado por Camillo Castello Branco, Porto, Livraria Portuense-Editora, 1878.

MATTOSO, José, *História da Vida Privada em Portugal - A Idade Moderna*, Coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011.

MELO, D. Francisco Manuel de, *Carta de Guia de Casados*, Edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Campo das Letras.

MENDES, Margarida Vieira, *O Cuidar e Sospirar (1483)*, Fixação do Texto, Introdução e Notas, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1997.

_____ *Rimas Várias, Soror Violante do Céu*; Introdução, Notas e Fixação do Texto, Lisboa, Presença, 1994.

_____ *Sermões do Padre António Vieira, Apresentação Crítica, Seleção, Notas e Sugestões para Análise Literária*, Editorial Comunicação, 1992.

MENDES, Paula Almeida, “*Porque Aqui se Vem Retratos os Passos por Onde se Caminha para o Ceo*”: a Escrita e a Edição de “*Vidas*” de Santos e de “*Vidas*” Devotas em Portugal (Sécs. XVI-XVIII), Tese de Doutoramento em Literatura Portuguesa, FLUP, 2 Vols., Porto, 2012.

MONSIEUR HERMANT, *Histoire des Conciles, Contenant en Abregé ce qui s'est Passé de Plus Considérable dans L'Eglise, Depuis sa Naissance Jusqu'à Présent*, Cinquième Édition, France, 1755.

MONTEIRO, António de Castro Xavier, *A Venerável Madre Custódia Maria do Sacramento, Separata de Cenáculo*, Revista dos Alunos do Seminário Conciliar, Braga, 1949.

MONTEIRO, Patrícia Alexandra Rodrigues, *A Pintura Mural no Norte Alentejo (Séculos XVI a XVIII): Núcleos Temáticos da Serra de S. Mamede*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras de Lisboa, 2013.

MOREIRA, Maria Micaela Dias Pereira Ramon, *A Novela Alegórica em Português dos Sécs. XVII e XVIII, o Belo ao Serviço do Bem*, Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura, Ramo de Literatura Portuguesa, Universidade do Minho, 2006.

DÍAZ MORENO, Félix, "A Tres Leguas de Distancia: Fundaciones Franciscanas y Capuchinhas en la Edad Moderna, *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y Su Legado (1214-2014)*, *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2012.

MORUJÃO, Isabel, "Metidas nesta Arca de Noé": O Diálogo como Estratégia na Historiografia Monástica Feminina da Idade Moderna, in *Letras en la Celda*, Madrid, Iberoamericana-Vervuert, 2014.

_____ "O Monte do Parnaso Fui Deixando" *Cristianismo e Cultura Clássica na Épica Conventual Feminina em Portugal*, UNED, REI, I, 2013.

_____ "Um Epistolário Português de Clarissa: Contributo para a Reconstituição de um Património Esquecido", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su Legado (1214-2014)*", *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2012.

_____ "Sinais de Fogo. Entre a Voz e o Silêncio: Literatura e Espiritualidade nos Mosteiros Femininos", in *Mulher, Espírito e Norma, São Cristóvão de Lafões*, 2009, pp. 51-66.

_____ "Morrer ao Pé da Letra: Relatos de Morte na Clausura Feminina Portuguesa", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 15, 2008.

_____ *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (Sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005.

_____ "Entre o Profano e o Religioso. Processos de Divinização na Poesia de Soror Violante do Céu", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, "Humaniores Litterae", Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nº1, Porto, 2004.

_____ "Entre Duas Memórias: María de San José (Salazar) O.C.D, Fundadora do Primeiro Carmelo Descalço Feminino em Portugal", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, "Humaniores Litterae", n.º 0, 2003.

_____ "No deserto espiritual: entre a cruz e a grade", in *Revista Portuguesa de Psicanálise*, n.º 24, dez. de 2003.

_____ "Livros e Leituras na Clausura Feminina de Setecentos", in *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas* (in Honorem a José Adriano de Carvalho), Porto; XIX, 2002.

_____ *Cartas Espirituais de Frei António das Chagas, Edição, Apresentação e Notas*, Porto, Campo das Letras, 2000.

_____ "Literatura Devota em Portugal no Tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 5, Porto, 1998.

_____ "Poesia e Santidade: Alguns Contributos para uma Percepção do Conceito de Santidade, a partir de Duas Biografias Devotas de Religiosas do Século XVIII Português", in *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3, Porto, 1996.

_____ "As Lágrimas do Menino Jesus: Entre a Doutrina e a Poesia", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2, Porto, 1995.

_____ "Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos Sécs. XVII e XVIII (Impressos)", Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 1995.

_____ "Entre o Convento e a Corte: Algumas Reflexões em Torno da Obra Poética de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, *Rev. Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas, anexo V - Espiritualidade e Corte em Portugal, Sécs. XVI-XVIII*, Porto, 1993.

NASCIMENTO, Aires do, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, Ed. Crítica de Textos Latinos, Tradução Estudo Introdutório e Notas de Comentário, Lisboa, Ed. Colibri, 1998.

NASCIMENTO, Zacarias, *Os Mitos Gregos, Vozes do Nosso Inconsciente*, Plátano Editora, 2004.

NEVEU, Bruno, *Erudition et Réligion au XVII et XVIII Siècles*, Paris, Editions Albin Michel, 1994.

OLIVEIRA, P.e Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, Ed. Revista e Atualizada, Publicações Europa-América, 1994.

OLIVEIRA, António de, *Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino (1580-1640)*, Lisboa, Difel, 1990.

PACHECO, Moreno Laborda, "A magoa de ver hir esquecendo...". *Escrita Conventual Feminina no Portugal do Séc. XVII*, Tese de Doutoramento Apresentada à Universidade Federal da Bahia, Departamento de História Social, Salvador, 2013.

_____ "Quando as Freiras Faziam História: Crônicas Conventuais, Autoria Feminina e Poder em Portugal no Séc. XVII", ANPUH, XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, Brasil, 2009.

PAIVA, José Pedro, "Os Bispos e a Inquisição Portuguesa (1536-1613)", *Lusitânia Sacra, Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", Universidade Católica Portuguesa, 2ª Série, t.15, 2004, pp. 43-76.

PALOMO, Frederico, *A Contra-Reforma em Portugal, 1540-1700*, Livros Horizonte, 2006.

_____ "Estudio de la Historia Religiosa de la Época Moderna", *Lusitânia Sacra, Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, Universidade Católica Portuguesa, "Poder, Sociedade e Religião na Época Moderna", 2ª Série, t. 15, 2004.

PESTANA, Manuel Inácio, *Arquivos Históricos Municipais de Vila Viçosa: Catálogo, Inventário, Roteiro, Índice, Vila Viçosa*, Ed. da Câmara Municipal, 1990.

_____ *O Arquivo Histórico da Casa de Bragança, História Sumária de um Notável Acervo Documental*, Lisboa, MCMCXCVI.

PINTO, Frei Heitor, *Imagem da Vida Cristã*, com Prefácio e Notas pelo P.e M. Alves Correia, Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1957.

PIRES, Maria Lucília, Carvalho, José Adriano de, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, "Maneirismo e Barroco", Vol. III, Lisboa, Editorial Verbo.

POLÓNIA, Amélia, "Espaços de Intervenção Religiosa do Cardeal Infante D. Henrique: Actuação Pastoral, Reforma Monástica e Inquisição", *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos, Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto, 2005.

POUTRIN, Isabelle, *Le Voile et la Plume. Autobiographie et Sainteté Féminine dans L'Espagne Moderne*, Madrid, 1995.

PUCHESSE, M. Bagueault de, *Histoire du Concile de Trente, Paris*, Librairie de Victor Palmé, Éditeur, 1870.

RAIMUNDO, Ricardo A. Varela, "Leitura num Convento Franciscano. A Biblioteca do Seminário de Santo António do Varatojo no Século XVIII", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su Legado (1214-2014), Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2012.

RECTOR, Monica, *Mulher Objecto e Sujeito da Literatura Portuguesa*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 1999.

REMA, P.e Henrique Pinto, "800 anos da Ordem dos Frades Menores (1209-2009), a Observância Franciscana em Portugal", in *Os Franciscanos em Portugal e no Mundo Português; os 800 Anos da Ordem Franciscana (1209-2009)*; Actas, 20 e 30 de Abril de 2009, Lisboa, Academia Portuguesa da História, MMXI.

REMÉDIOS, Mendes dos, *Escritoras D'Outros Tempos*, Coimbra, França Amado Editor, 1914.

_____ *História da Literatura Portuguesa*, Atlântida Livraria Editora, Coimbra, 1930.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda, *Vestígios da Educação Feminina no Séc. XVIII em Portugal*, Arte e Ciência, S. Paulo, 2002.

RIGHETTI, Mario, *Historia de la Liturgia*, Edición Española Preparada por Cornelio Urtasun Irisarri, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLV.

RICOEUR, Paul, *Temps et Récit*, Paris, Éditions du Seuil, 1985, t.III.

RODRIGUES, Ana Maria S. A., "Espiritualidade e Patrocínio Religioso na Coroa Portuguesa no Século XV: Reis, Rainhas e Infantes", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

RODRIGUES, Manuel Augusto, "Liturgia e Simbolismo da Dedicção dos Espaços Sagrados", *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos*, *Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto, 2005.

_____ "Sagrada Escritura e Espiritualidade nas Universidades de Coimbra e Salamanca no Séc. XVI", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, n.º 0, 2003.

RODRIGUES, Maria Manuela, "Notícias Breves para a História dos Leitores e da Leitura na Cidade do Porto" (1657-1746), in *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 4, 233-242, 1997.

ROMO, Alonso, JAVIER, Eduardo, "Biografias Portuguesas do Séc. XVII: Ensaio de um *Corpus* Comentado e Anotado", *Estudos Portugueses, Revista de Filologia Portuguesa*, nº 5, 2005.

RUAS, João (Coord.), *Tesouros da Biblioteca Pública de Évora*, Bicentenário 1805-2005, Lisboa, Medialivros, 2005, BPE.

SÁ, Isabel dos Guimarães, "Os Espaços de Reclusão e a Vida nas Margens", in *História da Vida Privada em Portugal - A Idade Moderna*, José Mattoso, Coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011.

_____ *Portas Adentro: Comer, Vestir a Habitar na Península Ibérica (ss. XVI-XIX)*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

SALMAN, Jean Michel, *Naples et ses Saints à L'Age Baroque (1540-1750)*, Paris, 1994.

SÁNCHEZ LORA, José L., *Mujeres, Conventos y Formas de la Espiritualidad Barroca*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1988.

SANTOS, Aida, "Da Voz à Perspetiva Feminina na Ficção Sentimental em Português", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, "Humaniores Litterae", n.º 1, 2004.

SANTOS, P.e Cândido Augusto Dias dos, *O Censual da Mitra do Porto, Subsídios para o Estudo da Diocese nas Vésperas do Concílio de Trento*, Porto, Publicações da Câmara Municipal do Porto, 1973.

SANTOS, Zulmira C., "Immagini del Velo Religioso nella Letteratura Spirituale dell'Età Moderna in Portogallo", in *Il Velo in Area Mediterranea Fra Storia e Simbolo - Tarde Medioevo-Prima Età Moderna*, a Cura di Maria Giuseppina Muzzarelli, Maria Grazia Nico Ottaviani, Gabriella Zarri, il Mulino, 2014.

_____ (Coord.) "Fontes para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna", CITCEM, FLUP, Porto, 2013.

_____ "Letras e Gestos: Programas de Educação Feminina em Portugal nos Séculos XVIII-XIX"; Colaboração de Helena Queirós, *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 19, 2012.

_____ "A Produção Historiográfica Portuguesa Sobre a História Religiosa na Época Moderna: Questões e Perspectivas", in *Lusitânia Sacra, da História Eclesiástica à História Religiosa*, 2ª série, Tomo XX1, 2009.

_____ "Oração e Devoção em Modelos de Comportamento Femininos do Séc. XVIII em Portugal: das Memórias da Condessa de Atouguia ao Elogio de D. Ana Xavier", *Estrato da Recherche di Storia Sociale e Religiosa*, XXXVII, nº 74, 2008.

_____ "Cartas, Elogios e Silêncios: Temas da Amizade Ilustrada de Gregorio Mayans Y Siscar (1699-1781) e Frei Manuel do Cenáculo", in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0, 2003.

_____ "Percurso e Formas de Leitura Feminina na Segunda Metade do Séc. XVIII", *Revista da Faculdade de Letras de Línguas e Literaturas*, Porto, 2002.

_____ "Ler para Discutir. Livros e Leituras na Harmonia da Razão e da Religião (1793) de Teodoro de Almeida", in *Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 4, 1997.

SANZ HERMIDA, Jacobo, "Un Viaje Conflictivo: Relaciones de Sucesos para la Jornada del Rey N. S. Don Felipe III deste Nombre, al Reyno de Portugal (1619)", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0, 2003.

_____ "Libros y Lecturas en el Convento de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca (Siglos XVI-XVIII)", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, 4, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997.

SARAIVA, Cardeal, *Obras Completas do Cardeal Saraiva* (D. Francisco de S. Luiz) Patriarcha de Lisboa, Precedida de uma Introdução pelo Marquez de Rezende, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1872.

SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal*, de 1245-1640, Vol. 2, Ed. de Selecções de Reader's Digest, Publicações Alfa, 1983.

SERAFIM, João Carlos Gonçalves, *A Aurora de Quinta Monarquia (1604-1605)*, Introdução e Edição, Porto, CITCEM, Edições Afrontamento, 2011.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Dicionário da História de Portugal*, 4, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985.

_____ *História de Portugal*, Vol. III, "O Século de Ouro (1495-1580)"; Vol. IV, "Governo dos Reis Espanhóis" (1580-1640); 2ª Ed., Editorial Verbo, 1980.

SILLERAS-FERNÁNDEZ, Núria, "Exceso Femenino, Control Masculino: Isabel la Católica y la Literatura Didáctica", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

SILVA, Agostinho da, *Vida de S. Francisco de Assis*, Lisboa, Ulmeiro, 1993.

SILVA, Francisco Ribeiro da, *D. João IV, O Restaurador, Dinastia de Bragança 1640-1656*, Academia Portuguesa de História, 2009.

SILVA, Luiz Augusto Rebello da, *História de Portugal nos Sécs. XVII e XVIII*, Tomos III e IV, Lisboa, Imprensa Nacional, MDCCCLXII.

SILVA, Maria Regina, Tavares da, *Heroínas da Expansão e Descobrimientos*, Cadernos Condição Feminina, nº 31, Lisboa, 1989.

_____ *A Mulher, Bibliografia Portuguesa Anotada (1518-1998)*, Pref. Maria de Lurdes Pintassilgo, Lisboa, Ed. Cosmos, 1999.

SILVA, Ricardo, "Fundações Conventuais Femininas Franciscanas no Arcebispado de Braga", in *El Franciscanismo en la Península Ibérica, El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su Legado (1214-2014)*, *Actas III Congreso Internacional, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos*, Ed. Manuel Peláez Del Rosal, Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2012.

SILVA, Vitor Manuel Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª Ed., Coimbra, Livraria Almedina, 1992.

SONNET, Martine, "Une Fille à Éduquer", in *Histoire des Femmes en Occident (XVI-XVIII Siècles)*, sous la Direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon, 1991.

SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, todos Tomos, Coimbra, Atlântida - Livraria Editora, Lda., MMCXLVI.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento*, Guia Histórico, Livros Horizonte, 2005.

SOUSA, Ivo Carneiro de, *História de Portugal Moderno, Economia e Sociedade*, Universidade Aberta, 1996.

_____ "A Rainha D. Leonor e a Experiência Espiritual das Clarissas Coletinas do Mosteiro da Madre de Deus de Lisboa (1509-1525)" in *Via Spiritus*, I, 1994.

_____ *A Rainha da Misericórdia na História da Espiritualidade em Portugal na Época do Renascimento*, Tese de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Letras do Porto, Porto, MCMXCII.

TAVARES, Pedro Vilas Boas, "Caminhos e Invenções de Santidade Feminina em Portugal nos Séculos XVII e XVIII (Alguns Dados, Problemas e Sugestões)", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Porto, 3, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996.

_____ "Portugal e a Condenação de Miguel de Molinos: Impacto e Primeiras Reacções", in *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994.

TEIXEIRA, José, *O Paço Ducal de Vila Viçosa, sua Arquitectura e suas Coleções*, Fundação da Casa de Bragança, 1983.

TEIXEIRA, Vitor Gomes, *O Movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517), História, Património e Cultura de uma Experiência de Reforma Religiosa*, Porto, Centro de Estudos Franciscanos, Editorial Franciscana, 2010.

TEYSSIER, Paul, *Histoire de la Langue Portugaise*, Paris, Presses Universitaires de France, in "Que sais-je?", 1980.

TURA, Alberto, *Parliamo di Donne: Nella Vita e Nella Storia*, Bologna, Ponte Nuovo Editrice, 1988.

URBANO, Carlota Miranda, "Heroísmo, Santidade e Martírio no Tempo das Reformas", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, "Humaniores Litterae", n.º 1, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis, "Investigações Bibliographicas, Biographicas e Histórico-Litterarias", in *Cancioneiro da Ajuda*, Reimpressão de Halle (1904), Acrescentada de um Prefácio de Ivo Castro e do Glossário das Cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

VAUCHEZ, André, *Francisco de Assis, entre História e Memória*, Instituto Piaget, 2009.

_____ *La Sainteté en Occident aux Derniers Siècles du Moyen Age*, École Française de Rome Palais Farnèse, 1988.

_____ *La Spiritualità dell'Occidente Medioevale*, Milão, Vita e Pensiero, 1993.

WEBSTER, Jill R., "La Importancia de las Aristócratas y la Burguesía Adinerada en la Fundación y Desarrollo de los Monasterios de la Orden de Santa Clara: Valencia, Játiva y Gandía", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella, 2013.

ZARDIN, Danilo, *Donna e Religiosa di Rara Eccellenza*, Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.

ZARRI, Gabriella, MUZZARELLI, Maria Giuseppina, OTTAVIANI, Maria Grazia Nico, *Il Velo in Area Mediterranea Fra Storia e Simbolo, Tardo Medioevo - Prima Età Moderna*, Bologna, Società Editrice il Mulino, 2014.

ZARRI, Gabriella, "Il Velo delle Monache: Repertori di Costume degli Ordini Religiosi (Secoli XV-XVIII)", in *Il Velo in Area Mediterranea fra Storia e Simbolo - Tarde Medioevo-Prima Età Moderna*, a Cura di Maria Giuseppina MUZZARELLI, Maria Grazia Nico OTTAVIANI, Gabriella ZARRI, il Mulino, 2014.

_____ "Novizie ed Educande nei Monasteri Italiani Post-Tridentini", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, 18, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2011.

_____ *Recinti, Donne, Clausura e Matrimonio nella Prima Età Moderna*, Il Mulino, 2000.

_____ *Le Sante Vive, Cultura e Religiosità Femminile nella Prima Età Moderna*, Torino, 1990.

Transcrição do texto

AA.VV. *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986.

AVALLE, D'Arco Silvio, *Principi di Critica Testuale*, Padova, Editrice Antenore, 1972.

BERARDINELLI, Cleonice, CASTRO, Ivo, *Defesa da Edição Crítica de Fernando Pessoa*, Lisboa, 1993.

BLAMIRES, Harry - *A History of Literary Criticism*, Macmillan History of Literature, London, General Editor: A. Norman Jeffares, 1991.

_____ *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, Vol. I, Dialectologia e História da Língua, Tomo I, 1974.

BLECUA, Alberto - *Manual de Crítica Textual*, Madrid, Editorial Castalia, 1983.

BOLÉO, Paiva, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, Ed. da Revista de Portugal, 1946.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, “Problemas de Transcrição dos Textos Gramaticais do Séc. XVI”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 199-208.

CARMO, Jeovania Silva do, *Edição Semidiplomática de um Documento Notarial do Séc. XVIII*, www.uefs.br/filologiabaiana/11.pdf.

CASTRO, Aníbal Pinto de, “Uma Edição Crítica da Menina e Moça de Bernardim Ribeiro: Problemas e Soluções”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 163-178.

CASTRO, Ivo de, “Para o Texto de *O Guardador de Rebanhos*”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986.

CASTRO, Ivo Castro, RAMOS, Maria Ana, “Estratégia e Tática da Transcrição”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 99-122.

CONTAT, Michel - *Problèmes de L'Édition Critique*, “Cahiers de Textologie”, Paris, Minard, 1988.

COSTA, P.e Avelino de Jesus da - *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 2ª edição, Braga, 1982.

COSTA, Renata Ferreira, *Abreviaturas: Simplificação ou Complexidade da Escrita?*, www.historica.arquivoestado.sp.gov.br.

CUNHA, Rosalina Branca da Silva, “O Estudo da Paleografia e os Métodos de Transcrição em Portugal”, in *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra 1963, Actas*, Vol. V, Coimbra, 1968.

FLEXOR, Maria Helena Ochi, *Abreviaturas: Manuscritos do Séc. XVI ao XIX*, 2ª Ed., São Paulo, UNESP, Arquivo do Estado, 1991.

HAMESSE, Jacqueline, *Les Problèmes Posés par L'Édition Critique des Textes Anciens et Médiévaux*, Louvain-la-Neuve, Université Catholique de Louvain, Publications de l'Institut D'Études Médiévaux, 1992.

LANCIANI, Giulia, “Textos Portugueses dos Sécs. XVI a XVIII. Problemas Ecdóticos”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 279-285.

LAUFER, Roger, *Introduction à la Textologie. Vérification, Établissement, Édition des Textes*, Paris, Larousse, 1972.

LEÃO, Duarte Nunes de, *Descrição do Reino de Portugal* (1ª Ed. 1610), Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História, 2002.

_____, *Ortographia e Origem da Lingoa Portuguesa, (1576), Introdução, Notas e Leitura*, Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, 1983.

MARTINS, José V. de Pina, “Para uma Tentativa de Edição Crítica das Poesias de Sá de Miranda”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 147-161.

NETO, Serafim da Silva, *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 5ª Ed., Presença/Pró-Leitura, Instituto Nacional do Livro, 1988.

OSÓRIO, Jorge Alves, “O Texto da Tradução do *Cato Maior* por Damião de Góis: Alguns Problemas de Crítica Textual”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 185-198.

OSTOS, Pilar, PARDO, Maria Luisa, RODRIGUEZ Elena E., *Vocabulario de Codicología*, Madrid, Arco/Libros, S.L., 1997.

PASQUALI, Giorgio, *Storia della Tradizione e Critica del Testo*, 2º Ed., Florença, 1974.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel - *La Edición de Textos, Teoria de la Literatura y Literatura Comparada*, Madrid, Editorial Sintesis, 1997.

RÉVAH, I.-S., *Études Portugaises*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1975.

RICOEUR, Paul, *Temps et Récit*, Paris, Éditions du Seuil, 1985, T. III.

RODRIGUES, Graça Almeida, “Percursos, Problemas e Propostas para a Edição Crítica de uma Sátira de Frei Lucas de Santa Catarina”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 287-299.

PICCHIO, Luciana Stegagno, *La Méthode Philologique*, Pref. R. Jakobson, Paris, 1982.

TAVANI, Giuseppe, "Filologia e Crítica Textual na Edição das Cantigas Medievais", in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, p. 29-39.

TEYSSIER, Paul, *Histoire de la Langue Portugaise*, Presses Universitaires de France, in “Que sais-je?”, Paris, 1980.

_____ “Normes pour une Édition Critique des Oeuvres de Gil Vicente”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, 1981 Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 123-130.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de, *Cancioneiro da Ajuda, Edição Crítica e Comentada*, Vol. I, Halle A. S. Max Niemeyer, 1904.

Lições de Filologia Portuguesa, Prelecções Feitas ao Curso de 1911/1912, Lisboa, Dinalivro, 1912.

VASCONCELOS, J. Leite de, *Estudos de Filologia Portuguesa*, Selec. e Organiz. de Serafim da Silva Neto, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1961.

VERDELHO, Evelina - *O Fidalgo Aprendiz*, D. Francisco Manuel de Melo, Edição Crítica, Introdução e Índice de Formas, Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor, 2007.

Bibliografia instrumental

ANDRADE, António Alberto Banha de, *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Lisboa, Editorial Resistência.

ATTWATER, Donald, *Dicionário de Santos*, Trad. Jorge Pinheiro, 2ª Ed., Mem-Martins, Publicações Europa-América, 2002.

AA. VV - *Biblos Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Editorial Verbo, 2005.

AA. VV - *Dicionário Cultural da Bíblia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1996.

AA.VV - *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique, Doctrine et Histoire*, Beauchesne, Paris, 1970.

AA.VV - *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. IV, Editorial Enciclopédia, Lisboa, Rio de Janeiro.

AA.VV - *Mitologia, Mitos e Lendas de todo o Mundo*, Global Book Publishing Pty Ltd, Austrália, 2003.

BLUTEAU, D. Rafael, *Diccionario de Lingua Portuguesa*, Reformado e Accrescentado por Antonio de Moraes Silva, 2 Tomos, Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, anno MDCCLXXXIX.

CUNHA, Antônio Geraldo da, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 2ª Ed., Editora Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 9ª Ed., 1992.

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses; Coord. Eugénio Lisboa, Ilídio Rocha; Organização Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Ed. Mem-Martins. Publicações Europa-América, cop. 1990-1997.

Dicionário Bíblico, Porto, Editorial Perpétuo Socorro, Difusora Bíblica, 1989, p. 185.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian, Verbo, 2001.

FERREIRA, António Gomes, *Dicionário de Latim/Português*, Porto, Dicionários Editora.

FIGUEIREDO, Cândido de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 25ª Ed., Bertrand Editora, 1996.

GERHARDS, Agnès, *Dictionnaire Historique des Ordres Religieux*, Préf. de Jacques Le Goff, Fayard, 1998.

HOUAISS, António, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 4 Tomos, Lisboa, Temas e Debates, 2003.

LEMAÎTRE, Nicole, QUINSON, Marie Thérèse, SOT, Véronique, *Dicionário Cultural do Cristianismo*, Trad. de José David Antunes, Publicações Dom Quixote, 1999.

MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª Ed., Livros Horizonte, 1977.

_____ *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Editorial Confluência.

MARIANA, Manuel Sánchez, *Introducción al Libro Manuscrito*, Madrid, Arco/Libros, S.L., 1995.

MOISÉS, Massaud, *Dicionário de Termos Literários*, Ed. Revista e Ampliada, São Paulo, Cultrix, 2004.

MOREIRA, Zenóbia Collares, *Dicionário da Língua Portuguesa Arcaica*, Natal, Editora da UFRN, Editora Universitária, 2005.

PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme, *Portugal, Dicionário Histórico, Biográfico, Bibliográfico, Heraldico, Chorográfico, Numismático e Artístico*, Lisboa, Vol. II, João Romano Torres - Editor, 1906.

Quién es Quién en la Biblia, Dicionario Biográfico Ilustrado, Readers Digest, 1994.

SERRÃO, Joel, *Dicionário da História de Portugal*, Porto, Figueirinhas, 1985.

SILVA, António de Moraes, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10ª ed., Editorial Confluência, 1945.

_____ *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, Horizonte Confluência, 1994.

SILVA, Inocêncio Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Portuguez: Estudos Applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.

TAVARES, Jorge Campos, *Dicionário de Santos*, Porto, Lello e Irmãos Editores, 1990.

VIEIRA, Dr. Frei Domingos, *Thesouro da Língua Portugueza*, Porto, Todos os tomos, 1871.

VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram*, Edição Crítica por Mário Fiúza, Tomos I e II, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1865.